



Nº de ordem 3 / D /2009

TESE DE DOUTORAMENTO

Apresentada à Universidade da Madeira
para obtenção do grau de Doutor

Cristina Maria Nascimento Guerra Santos Pinheiro

Orbae matres: a dor da mãe pela perda de um filho na Literatura Latina

Orientação:

Professora Doutora Maria Cristina Sousa Pimentel

Júri:

Professor Doutor José Manuel Castanheira da Costa, Reitor da Universidade da Madeira

Professor Doutor Arnaldo Espírito Santo, Universidade de Lisboa

Professora Doutora Maria Cristina Sousa Pimentel, Universidade de Lisboa

Professor Doutor Carlos Ascenso André, Universidade de Coimbra

Prof.^a Doutora Cláudia Teixeira, Universidade de Évora

Prof. Doutor Sílvio Fernandes, Universidade da Madeira

Prof. Doutor Telmo Corujo dos Reis, Universidade da Madeira

À Mariana e ao Joaquim
A meus pais e a meu irmão

e

a meu tio
In memoriam

Nota prévia

A primeira pessoa a quem devo uma palavra muito especial de reconhecimento é a Professora Doutora Cristina Pimentel, a quem endereço o meu mais sincero tributo de agradecimento e admiração. A forma como orientou este trabalho, como tinha feito já com outros, devia ser modelo para todas as orientações. Um bem-haja pelo encorajamento constante, pela confiança e pelo apoio incondicional. Se esta tese tem algum valor, deve-se aos seus ensinamentos persistentes e pacientes.

Ao Departamento de Psicologia e Estudos Humanísticos da Universidade da Madeira agradeço a boa vontade com que acolheu a realização desta dissertação e as condições que criou para a sua realização. O apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia mostrou que o projecto tinha algum interesse para o tão apregoado desenvolvimento da Ciência em Portugal.

Ao meu tio, a quem dedico esta homenagem póstuma, passados que são dezasseis anos após a sua morte, expresso aqui a minha gratidão eterna pela motivação inesgotável e pela confiança que depositou em mim, desafiando-me sempre a ir mais longe. Endereço um agradecimento pelos ensinamentos e pelo apoio de sempre a minha avó, minhas tias e ao João Manuel e a todas as pessoas que com um abraço ou uma palavra me incentivaram ao longo destes anos: a Ana e o Luís, a Estefânia, as minhas três afilhadas, os meus sogros e as minhas duas avós “adoptivas”, o João e a Alcina.

Aos meus pais e ao meu irmão, devo um obrigado pelo amparo que se perde na minha memória e por estarem sempre presentes, de forma incondicional e abnegada.

À Mariana, que, mais do que ninguém, sentiu a ansiedade deste doutoramento, deixo um obrigado pelo sorriso de incentivo e por aquele abraço especial e terno que nas horas difíceis aquietava e alivia.

Ao Joaquim, companheiro nesta e noutras jornadas, agradeço a estabilidade necessária para levar a bom porto esta tese.

Não posso também deixar de recordar aqui o filho que, quando não era mais que uma pequena semente, perdi e que me ensinou o que é ser uma *orba mater*, e todas as mães, as que eu conheço e todas as outras, que experimentaram aquela que deve ser a mais profunda e inconsolável das dores.

Funchal, Maio de 2009.

Índice

Introdução	9
Notas	17
Parte I	
A mulher e o seu corpo: a construção da maternidade nos textos sobre medicina.....	21
Enquadramento social, moral e jurídico: o que se espera de uma mãe?.....	113
A morte em Roma.....	185
Parte II	
A tradição literária e a teorização retórica sobre o lamento.....	249
A expressão do luto parental na <i>Eneida</i>	265
As <i>matres orbae</i> nas <i>Metamorfoses</i>	327
A maternidade trágica de Andrómaca, Hécuba e Medeia.....	447
Conclusão	531
Bibliografia	535

Introdução

*Πού πέταξε τ' αγόρι μου; πού πήγε;
("Para onde voou o meu menino? Para onde foi?")
(Gianis Ritsos)*

é quando cada mãe é uma noite com todo o peso do mundo
já nem sequer dona das entranhas
e não sabe o que sejam consolação, perdão,
nem prece, nem esperança, o seu regaço
torna-se um soluço sem música, como quem vomita o próprio ser.

stabat mater dolorosa.

(Vasco Graça Moura, "*stabat mater*" in *Laocoonte*)

O projecto desta dissertação nasceu na sequência da união entre as áreas da Psicologia e a de Estudos Clássicos numa estrutura nova e sem precedentes a que se deu o nome de Departamento de Psicologia e Estudos Humanísticos. A descoberta da afinidade de interesses, que se revelou uma surpresa, reforçou uma escolha que remonta já ao nosso trabalho de síntese, apresentado em provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Já então nos debruçávamos sobre a caracterização de Dido na literatura latina, analisando a condição da mulher em Roma e a sua representação literária, a par da expressão livre das emoções a ela associadas. A investigação que aqui se apresenta tem igualmente na sua génese um interesse pessoal, que se tem vindo a desenvolver com o tempo, pela fragilidade da vida e pelas dificuldades inerentes à maternidade, sejam de ordem biológica, social ou cultural. Nesta reflexão, que aqui encontra não mais que um ponto de passagem num percurso que será certamente longo, assumiu especial relevo a confirmação de uma verdade que normalmente omitimos ou esquecemos: a frequência com que acontece a morte de um filho, seja devido a um aborto espontâneo, a um parto difícil ou

realizado em condições insuficientes, a deficiências incompatíveis com a vida ou a fragilidades relacionadas com a saúde da mãe. Num mundo que confia cegamente na ciência e no avanço da medicina, é fácil não tomar conhecimento desta realidade e, quando ela se impõe, então finalmente percebemos que não é apenas uma realidade longínqua característica de países subdesenvolvidos. A medicina continua sem dar resposta a uma série de situações que, ainda hoje e em áreas que dispõem dos melhores cuidados de saúde, criam mães “órfãs”. É esta a tradução literal do sintagma que escolhemos como título para esta dissertação: *orbae matres*, mães órfãs, mães sem filhos. O adjetivo *orbis* significa “órfão”, mas, ao contrário da palavra portuguesa, designa não apenas os filhos que perdem os pais, mas também os pais que perdem os filhos, implicando, assim, uma reciprocidade que “órfão” não tem em língua portuguesa. *Orbis* designa também aquele que perdeu a vista e, por esta razão, a glosa de Paulo-Festo explica assim o significado de *orba*:

*Orba est quae patrem aut filios quasi lumen amisit. (195.9)*¹

O incremento que os estudos sobre história social romana trouxeram à área de Estudos Clássicos alterou a forma como agora se entende a vida em Roma, em especial no que diz respeito às instituições sociais e à vivência dos afectos dentro da comunidade². Afastada está há algum tempo a ideia de que o casamento romano era uma união ditada por interesses patrimoniais, em que os parceiros se sentiam aprisionados e se ignoravam mutuamente. Igualmente ultrapassada parece estar a tese de que todas as mulheres eram seres sem instrução, medíocres e indefesas, negligenciadas e socialmente insignificantes. Não quer isto dizer que a sociedade romana tenha sido pioneira no reconhecimento do que agora designaríamos como direitos das mulheres, nem

¹ In E.-M. s. u. *orbis*.

² Foram obras pioneiras neste incremento, entre outras: RAWSON (1986), (1991), DIXON (1988), (1992), KERTZER & SALLER (1991), TREGGIARI (1991), RAWSON & WEAVER (1997).

que, em algum momento, se tivesse assistido ao que erradamente se tem identificado como a emancipação da mulher romana. Assistimos, sim, especialmente a partir do Principado de Augusto, que, por essa razão, constitui um limite temporal para a nossa investigação, a uma maior visibilidade de questões relacionadas com a vivência feminina, como o matrimónio ou a maternidade. O final da República foi um tempo de convulsões militares, sociais e políticas, e a ascensão de Octaviano ao poder determina o início de um período que se pautou por conceitos e pressupostos diferentes, nunca assumindo, porém, uma ruptura manifesta com o passado. Em nome da tradição e da restituição do *mos maiorum*, o *Princeps* instaurou um novo regime político e social, recuperando muitos dos heróis do passado de Roma e inscrevendo-se na linha hereditária que, desde os primórdios mitológicos da *Vrbs*, consolidou o *imperium*. Nesta restauração de costumes que Augusto pretendia, a existência feminina recebeu atenção singular e as mulheres da casa imperial assumiram uma importância determinante na criação da imagem pública dos imperadores que lhe sucederam.

O espaço temporal em que esta investigação se centra é, assim, um tempo de mudança e transição, e não apenas a nível político. Algumas das instituições fundamentais da vida em sociedade – como, por exemplo, o casamento – sofrem desde finais da República alterações consideráveis que causam consequências indeléveis na estrutura social. Quando, em 68 d. C., Nero se suicida, estas transformações estão ainda em curso, mas o impulso inicial é anterior. O facto de esta análise terminar com um autor que atinge o seu auge no tempo de Nero não implica que não haja tratamentos posteriores da *orbitas* materna. Pelo contrário, este tema e a figura da *mater orba* continuam a exercer um fascínio assinalável sobre autores como Estácio ou, mais tarde, Claudiano. Nestes, porém, é notória a influência dos autores que constituem o *corpus* desta tese.

Política, arte, religião, literatura e legislação unem-se num propósito conjunto de definição de papéis sociais e, por este motivo, esta pesquisa deve muito ao já mencionado desenvolvimento dos estudos sobre a história social romana. Na primeira parte, que se divide em três capítulos, procuramos uma contextualização da maternidade e da morte. As expectativas sociais que recaem sobre a mulher determinam o modo como esta se vê a si própria. Os processos biológicos que definem a natureza feminina são analisados por uma sociedade que não dissocia a mulher da sua função reprodutiva. É esta função que permite que a comunidade determine um papel preferencial para a mulher e que se sobrepõe a todas as funções que esta possa desejar: o lugar de mãe. Por este motivo, quando a mãe deixa de o ser, transforma-se num ser que provoca misericórdia, é certo, mas também ansiedade e perturbação.

Procuramos, no primeiro capítulo, uma definição dos estados físicos que os autores de textos relacionados com a medicina definiam como próprios da mulher. O modo como se entendia a concepção e a gravidez, o parto e o aborto ou a exposição contribui para a determinação do que se compreendia como natureza feminina. No segundo capítulo, uma perspectiva das condições sociais e jurídicas associadas à existência da mulher permitir-nos-á aferir das circunstâncias em que esta gerava um novo ser e que relação a sociedade determinava para ambos. A ideia de que as mães sentem mais a morte dos filhos do que os pais está presente de forma explícita em alguns textos e a atribuição de funções e sentimentos diferentes nos processos relacionados com a morte e o luto demonstra igualmente uma divisão de papéis sociais que condiciona a expressão da dor. No terceiro capítulo, abordamos duas questões que nos permitirão contextualizar a morte de um filho: pela apresentação de alguns resultados da demografia histórica, da história da medicina e da arqueologia, aferimos, primeiro, da frequência e das causas da morte e, por último, da forma como os Romanos tratavam os seus mortos e faziam o luto.

Na segunda parte, começamos por apresentar uma sinopse sobre a teorização retórica do lamento nos autores clássicos. Os tópicos e os métodos que preconizam para este tipo de discurso condicionam a forma que assume na literatura, especialmente em autores formados nas escolas de retórica que vemos na sua acção plena em Séneca *Maior*. As *suasoriae* e as *controuersiae* ganham novamente vida na obra dos autores analisados e, por este motivo, julgamos fundamental uma exposição, ainda que breve, sobre quais as perspectivas que os retores propunham para a expressão da dor parental.

Nos três capítulos que concluem a segunda parte, analisamos a expressão da dor e do luto na literatura latina, em particular em três autores que se situam nas coordenadas temporais atrás definidas. Vergílio, Ovídio e Séneca, os autores que constituem o *corpus* desta dissertação, oferecem-nos três perspectivas sobre a morte e o luto, sobre a maternidade e as relações interpessoais. Viveram em momentos diferentes e, por esta razão, as suas obras assumem certamente atitudes divergentes perante a vida, a morte ou o destino, mas nestas diferenças encontraremos a configuração de uma tradição literária antiga que, por intermédio das suas obras, se transmite à literatura ocidental. Por esta mesma razão, seleccionámos as obras destes autores que maior protagonismo assumiram na consolidação das matrizes culturais europeias. Desta escolha resultou um *corpus* formado por quatro obras que têm em comum géneros literários definidos como géneros maiores: a epopeia e a tragédia. No caso de Ovídio, a miscigenação genológica levou-nos a incluir, em algumas situações e sempre como termo de comparação para o tratamento de um determinado episódio nas *Metamorfoses*, uns poucos excertos dos *Fastos*.

Vergílio, o mais antigo, é o poeta da Urbe que emerge depois das guerras civis. Deixando todavia de lado a controversa questão da proximidade ideológica entre Vergílio e o *Princeps*, o certo é que a *Eneida* é uma obra que nasce em circunstâncias muito especiais, que a condicionam e modelam. Não quer isto dizer que seja uma obra do regime. Pelo contrário, o realismo com que

apresenta as consequências da guerra e do imperialismo romano turva a imagem de um príncipe apolíneo que, numa primeira leitura, a épica vergiliana parece mostrar. A expressão do luto assume uma importância assinalável na representação de Eneias e do seu destino. As muitas perdas sofridas, a dor das escolhas e a frustração dos afectos contribuem de forma evidente para o desfecho que, durante séculos, agitou a crítica vergiliana.

Nas *Metamorfoses*, Ovídio demonstra um interesse especial pela descrição da dor. A mãe que assiste à morte do filho multiplica-se em imagens matizadas pela responsabilidade, pela culpa, pelo desespero ou pelo luto. O grande número de *matres orbae* que, no poema ovidiano, são descritas em agonia e que, incapazes de suportar o pesar provocado pela morte ou pelo desaparecimento dos filhos, perdem a sua natureza humana, testemunha a importância do tema.

Temos na tragédia de Séneca a representação de uma existência obscurecida pela subjugação do indivíduo às paixões, da noção de que o homem é apenas um elemento num mundo governado pela providência, mas um elemento que escolhe e faz o seu destino, que pensa, que sente e que sofre o resultado das suas opções. Nas *Troades* e na *Medea*, Séneca serve-se de uma tradição mitológica longa para pôr em cena o combate que se trava no interior do ser humano, para representar a mãe em conflito consigo própria e com os seus sentimentos. As *matres* destas tragédias debatem-se com a sua maternidade e com as consequências desta. Andrómaca reconhece estas consequências quando afirma: *hic meos animos domat / morique prohibet* (Tro. 419-420). A existência de Astíanax condiciona as escolhas e a acção da mãe. O mesmo acontece a Hécuba: a morte dos seus filhos altera a natureza materna. Quanto a Medeia, tem de renunciar à maternidade, eliminando-lhe os vestígios, para conseguir a vingança contra Jasão.

Esta análise permitir-nos-á saber que atitudes são típicas ou esperadas da mãe que assiste à morte do filho e verificar que tipo de laços afectivos uma sociedade patriarcal impõe à relação entre a mãe e os seus filhos. Nos textos que

são epígrafe desta introdução, ecoam palavras que se repetem dezenas de vezes nos textos analisados. A pergunta do poema *Epitaphios* de Gianis Ritsos resume todas as dúvidas, as incompreensões e as interrogações – e são, como veremos, muitas – que as mães exprimem perante a morte dos seus filhos. No texto de Vasco Graça Moura, são as palavras “noite”, “entranhas”, “consolação”, “perdão”, “prece”, “esperança” ou “regação” que se multiplicam em muitas das situações estudadas: a escuridão do luto e da dor, da morte; as entranhas que geraram e que agora sentem, como que trespassadas por uma espada, a dor da separação e da ausência; a consolação e o perdão impossíveis; a prece que não foi atendida; a esperança frustrada do futuro; o regaço que acalentou, que amparou e que, na morte, como um esquife, abraça o cadáver do filho. Por fim, o “*stabat mater*” que, como no poema que lhe deu origem³, apresenta a mãe como uma estátua ao lado do filho defunto. Sem movimento, sem respiração, sem mais emoções que não aquela dor imutável e avassaladora que a separa do mundo dos vivos, a mãe *orba* transita para uma nova existência. Como Níobe ou Hécuba, Octávia ou Maria, a mãe que perde o seu filho perde-se também, transforma-se.

³ O poema *Stabat mater dolorosa*, sobre a dor de Maria durante a crucifixão, datável provavelmente do século XIV, de autoria duvidosa e que tem como primeiros versos: *Stabat Mater dolorosa / iuxta crucem lacrimosa / dum pendebat Filius*.

Notas

As citações das obras analisadas na Segunda Parte – *Eneida* de Vergílio, *Metamorfoses* de Ovidio, *Troianas* e *Medeia* de Séneca – seguem, respectivamente, MYNORS (1972), TARRANT (2004) e ZWIERLEIN (1986).

As edições dos restantes textos utilizados estão identificadas no Ponto 1. da Bibliografia. Para todos os textos cuja edição não esteja aí devidamente indicada, seguimos a edição do Packard Humanities Institute, no caso dos textos latinos, e a do Thesaurus Linguae Graecae para os textos gregos.

Em todas as edições, substituímos *-v* por *-u*.

Utilizamos para os títulos das obras latinas as abreviaturas do *Oxford Latin Dictionary* e para as obras gregas, as do *Greek-English Lexicon*, com a excepção das seguintes:

Aur. *Med.* = Marco Aurélio, *Meditationes* = Τὰ εἰς ἑαυτόν.

Cens. *Nat.* = Censorino, *De die natali*

Gal. *Sem.* = Galeno, *De semine*.

Plat. = Platão

Plut. *Quaest. Rom.* = Plutarco, *Moralia* [*Quaestiones Romanae*].

Sen. *Matr.* = Séneca, *De matrimonio*.

Sor. *Gyn.* = Sorano, *Gynaikeia*.

Var. *Vita PR.* = Varrão, *De uita Populi Romani*.

Parte I

I. A mulher e o seu corpo: a construção da maternidade nos textos sobre medicina

Introdução: fontes e objetivos.

A abordagem da medicina romana no tempo em estudo deve ter como ponto de partida a inegável influência da medicina grega⁴. Apesar de autores como Catão e Plínio afirmarem a sua desconfiança em relação aos médicos gregos, considerados os responsáveis pela decadência dos costumes antigos⁵, no século I d. C. cerca de noventa por cento dos médicos que exerciam em Roma seriam, segundo NUTTON (2004: 165), pessoas de classes sem cidadania, originárias maioritariamente do oriente grego. Esta realidade opõe-se claramente à perspectiva tradicional dos Romanos, que defendiam que era competência do *paterfamilias* ter conhecimentos suficientes de medicina para que pudesse gerir a saúde da sua *familia* e lidar com as patologias desta, pelo menos com as mais comuns⁶.

⁴ Sobre a convivência da medicina romana com os *medici* e a influência grega, cf. NUTTON (1993) e (2004: cap. 11, esp. 164), em que o autor afirma que a moda de contratar médicos de origem grega e a atribuição da cidadania romana a estes por César, a par de outros benefícios como a isenção de *conscriptio*, condicionaram a essência da medicina em Roma: «They fixed an enduring image of medicine as something Greek, or, if not purely Greek, something un-Roman, the province of immigrants, foreigners, slaves and ex-slaves.» Sobre o estatuto social dos médicos, cf. PLEKET (1992).

⁵ Cato, *ap.* Plin. *Nat.* 29.14ss.

⁶ As obras de Celso e Catão partilham esta perspectiva. Cf., sobre a medicina na obra de Catão, BOSCHERINI (1993).

Na literatura que aborda matérias relativas à prática da medicina em Roma podem, assim, identificar-se duas perspectivas: uma que remete para práticas ancestrais e de origem popular, que podemos reconhecer principalmente em autores como Catão, Plínio ou Columela; e outra abordagem, de índole mais científica, que se insere na tradição hipocrática e helenística, e que é mais notória em Celso e em Sorano de Éfeso. Deste modo, quando chegamos ao império, a medicina em Roma constitui-se sempre por oposição ou por aliança com práticas e teorias antigas, relacionadas com o entendimento da condição humana, da saúde, da doença e da cura⁷.

Ao contrário do que acontece com o *Corpus Hippocraticum*, que inclui vários tratados que aprofundam temáticas relacionadas com a saúde das mulheres⁸, não existe em Roma, antes de Sorano, que praticou medicina em Roma nos principados de Trajano e Adriano, uma obra que se dedique em exclusivo ou maioritariamente aos *gynaikeia*, palavra que constitui o título de dois tratados hipocráticos e da obra de Sorano e que pode designar os órgãos sexuais femininos, as doenças específicas das mulheres ou os tratamentos para essas doenças⁹. Por este motivo, as informações disponíveis acerca da fisiologia feminina e o seu entendimento no período em análise têm como origem textos de naturezas diversas que, por uma razão ou outra, evocam situações em que se

⁷ Afirma HOPKINS (1965a: 130): «The writings of the earlier Greek doctors should not be seen as single contributions, fixed to the time of their composition. They were repeatedly read, learned, revised, translated; more than that they were part and parcel of day-to-day medical practice.»

⁸ Os tratados de temática ginecológica do *Corpus Hippocraticum* são: *De affectibus mulierum* (=Mul.; trata-se dos *Gynaikeia* hipocráticos), *De natura muliberi* (=Nat. Mul.), *De semine* (=Genit.), *De natura pueri* (Nat. Puer.), *De septimestri partu* (=Septim.), *De octimestri partu* (=Oct.), *De uirginum morbis* (=Virg.), *De foetus exsectione* (=Foet. Exsect.), *De superfetatione* (=Superf.), *De sterilitate* (=Ster.; aparece na tradição manuscrita como o terceiro livro dos *gynaikeia*). Às informações veiculadas nestes tratados podem juntar-se outras em tratados de natureza geral. Sobre os problemas de autoria do *Corpus Hippocraticum*, cf. NUTTON (2004: 60ss.). Sobre a datação dos tratados ginecológicos, cf. DEAN-JONES (1994: 10-13).

⁹ Sobre as várias acepções de *gynaikeia*, cf. KING (1998: 23).

torna pertinente dirigir o discurso, com maior ou menor ênfase, para a condição feminina. Os autores destes textos, nem sempre com formação médica, como acontece com Plínio e provavelmente com Celso, recorrem a outras fontes que nos permitem o acesso a informações sobre práticas reais ou conceitos sociais relacionados com a biologia feminina.

A obra de Celso é primordial para o estudo da medicina na época abrangida por este trabalho, já que o autor, sobre quem pouco se sabe, terá vivido durante o principado de Tibério¹⁰. Os oito livros do *De medicina* são apenas uma parte das *Artes*, em que o autor pretendia reunir todos os conteúdos que considerava úteis para a instrução de um aristocrata romano: conhecimentos sobre agricultura, retórica, medicina e arte militar. Tratar-se-ia, portanto, de uma obra de carácter geral, à imagem da *História Natural* de Plínio¹¹.

A reconstrução dos cuidados maternos e perinatais disponíveis para as mulheres romanas baseia-se também em Plínio-o-Velho e Sorano, dois autores posteriores que, utilizados em conjunto, se completam pela diferente abordagem que fazem desta matéria. As suas obras são as fontes mais prolíficas para a reconstituição do significado atribuído ao corpo feminino e dos cuidados de saúde a que as mulheres teriam acesso¹². Se Plínio é, provavelmente, o caso mais notório da actividade compilatória que referimos atrás, complementada com frequência pela afirmação das suas opiniões e da sua própria experiência sobre um determinado assunto, é também a fonte mais completa sobre a

¹⁰ Sobre os problemas de datação da vida e da obra de Celso, cf. SERBAT (2003:VII ss.).

¹¹ Quintiliano nota esta polivalência de Celso: *cum etiam Cornelius Celsus, mediocri uir ingenio, non solum de his omnibus conscripserit artibus, sed amplius rei militaris et rusticae et medicinae praecepta reliquerit, dignus uel ipso proposito ut eum scisse omnia illa credamus. (Inst. 11.12.24)*. Mantém-se o debate sobre se Celso seria efectivamente um praticante de medicina ou apenas um compilador e um leigo interessado na matéria. Cf. SCARBOROUGH (1993: 30-31).

¹² Afirma FRENCH (1987: 69): «Together Pliny and Soranus probably cover the full range of the different kinds of maternity care found in the Greco-Roman world.»

medicina popular e tradicional romana¹³. Já os métodos e conceitos expostos por Sorano nos seus *Gynaikeia* e traduzidos, parafraseados ou adaptados por autores posteriores, constituíram um fundamento importante da medicina ocidental, pelo menos até ao século XVI¹⁴, e o seu papel na medicina antiga, nomeadamente na ginecologia, cuja especificidade e pertinência é o primeiro a estabelecer, garante-lhe um lugar na análise de questões relacionadas com a saúde feminina na Antiguidade¹⁵. A obra de Sorano marca um momento importante na evolução da sociedade romana, em que a medicina e a ciência grega são postas ao serviço dos interesses de um Estado apostado em garantir que a classe aristocrática cumpre as suas obrigações, tanto a nível público como privado¹⁶. É por esta razão que incluímos Sorano neste estudo, por entendermos que ficaria incompleto sem as informações e o ponto de vista por ele veiculados.

Nem em Celso nem em Plínio, ao contrário do que acontece na obra de Sorano, a mulher constitui o objecto principal do interesse dos autores. Ao

¹³ Sobre os métodos compilatórios e científicos que subjazem à obra de Plínio, cf. LLOYD (1983: 135-149).

¹⁴ Cf. TEMKIN (1991: xxv; xlv-xlv). Além dos *Gynaikeia*, cujos livros I e II são os que melhor se conservaram da obra de Sorano, atribuem-se ainda ao autor *De morbis acutis et chronicis*, conhecido apenas pela versão latina de Célio Aureliano, dois pequenos tratados (*De signis fracturarum* e *De fasciis*) e uma *Vita Hippocratis*. Os *Gynaikeia* foram traduzidos e adaptados por Célio Aureliano e por Mústion (ou Múscion), autor desconhecido. Ambos afirmam traduzir a obra de Sorano para latim com a finalidade de a tornar acessível às *obstetrices*. HANSON & GREEN (1994: 972-981).

¹⁵ Cf. HOPKINS (1965a: 131): «Soranus (...) advanced in his *Gynaecia* both technique and theory to a level surpassed only in the last hundred years.» NUTTON (2004: 196): «Without Soranus, then, one should be almost totally ignorant about ancient childbirth and obstetrics, compelled to create a narrative from scattered finds of instruments, such as vaginal specula, and passing comments on abortion, child-rearing and the dangers of letting a male doctor anywhere near the female members of the household.»

¹⁶ Seguimos aqui ROUSSELLE (1980: 1180), que defende que a obra de Sorano é o resultado da promoção da natalidade iniciada pelas leis de Augusto e da necessidade imperiosa de a elite cumprir as prescrições daquelas.

invés, as questões relacionadas com a condição feminina aparecem de forma episódica e pouco consistente, mais ou menos dispersas na trama textual, o que faz com que a sua análise, no esforço intelectual que implica, possa conferir a estes excertos e às ideias que apresentam uma unidade que não têm quando inseridos na estrutura a que pertencem.

É objectivo primordial deste capítulo contextualizar a maternidade, tanto no âmbito das teorias biológicas que mais influenciaram a época em análise, como em relação às práticas médicas a que as mulheres que nela viveram tinham acesso. Compreender a forma como a sociedade encarava o corpo da mulher e os processos reprodutivos que dele são específicos permitir-nos-á um melhor entendimento da construção mental e social da maternidade e da relação da mãe com os seus filhos. A concepção e a gravidez, o parto e o aborto espontâneo, a contracepção e o aborto voluntário são também temas em que nos deteremos para uma reconstrução das vivências associadas à maternidade. Ainda que algumas destas questões, pela sua etiologia social, pudessem ter sido tratadas no capítulo seguinte, optámos por concentrar neste capítulo as temáticas inerentes ao aspecto mais físico da maternidade, em que a relação entre a mulher e o seu corpo assume o protagonismo.

Os cuidados de saúde disponíveis

A indagação sobre a natureza do corpo da mulher, que se manteve durante séculos, surpreende-nos pela sua base quase exclusivamente teórica e porque demonstra uma falta de interesse consistente pela fisiologia e pela anatomia femininas. Mesmo os autores hipocráticos, os primeiros a darem atenção, de forma sistemática, às patologias femininas, demonstram um desconhecimento notório nesta matéria. ROUSSELLE (1980: 1091-1092) defende que as informações destes sobre o corpo da mulher, as suas patologias e

respectivos tratamentos, provinham de um conhecimento oral partilhado pelas mulheres, de que os redactores dos tratados hipocráticos se apoderaram.

Não devemos esquecer, porém, que, num sistema médico que não praticava a dissecação, o conhecimento do interior do corpo humano era necessariamente limitado e construía-se com base em analogias com o que se conhecia. MANULI (1980) defende que, por esta razão, os tratados ginecológicos do *Corpus* não são mais do que a projecção de fantasias masculinas sobre o corpo das mulheres. Parece, porém, de notar que nos tratados as mulheres aparecem como intervenientes, e mesmo como aliadas do ou dos autores¹⁷. A gravidez e o parto eram, por excelência, um assunto de mulheres e este domínio feminino é reconhecido e respeitado pelos autores do *Corpus Hippocraticum*, que reconhecem as limitações do seu conhecimento¹⁸. Em alguns passos, é evidente a participação do médico no exame físico da paciente¹⁹, enquanto em outros se pede à própria mulher ou a uma parteira que examine o corpo, descrevendo posteriormente ao médico o resultado desse exame²⁰. De qualquer modo,

¹⁷ Cf. HANSON (1990: 310) que divide em dois tipos as mulheres que aparecem nos tratados ginecológicos: as jovens sem conhecimento e sem experiência para quem o médico actua como uma espécie de tutor e as mulheres com experiência de vida, que conhecem o funcionamento do corpo feminino, e que o transmitem aos autores dos tratados.

¹⁸ Cf., a título de exemplo: *Χρή δὲ οὐκ ἀπιστέειν τῇσι γυναιξὶ περὶ τῶν τόκων· λέγουσι γὰρ πάντα καὶ αἰεὶ λέγουσι καὶ αἰεὶ ἐρέουσιν· οὐ γὰρ ἂν πεισθείησαν οὐτ' ἔργῳ οὐτε λόγῳ, ἀλλ' ὅτι γινῶναι τὸ ἐν τοῖσι σώμασιν αὐτέων γινόμενον.* (Sept. 4); *Ἐρέω δὲ καὶ ἄλλην διάγνωσιν ὀλίγον ἐπὶ τούτῳ ὕστερον, ἐμφανέα παντὶ τῷ βουλομένῳ εἰδέναι τοῦτου πέρι, καὶ ἱστορίον παντὶ τῷ ἐμῷ λόγῳ, ὅτι ἐστὶν ἀληθὴς, ὥς εἰπεῖν ἄνθρωπον περὶ τοιούτου πράγματος.* (Nat. Puer. 13). Em *Carn.* 19.1ss., o autor identifica as prostitutas e os seus abortos frequentes como fonte do seu conhecimento sobre a formação e o aspecto do embrião. Vd. também KING (1995: 141-142).

¹⁹ Por exemplo: *Mul.* 1.60, 2.120, 2.163; *Nat. Mul.* 8; 37; 42, etc. Cf. a este propósito DEAN-JONES (1994: 35-36) e (1995).

²⁰ *Ταῦτα δὲ πάντα δῆλα γίνεται, εἰ οὕτως ἔχει, ψηλαφώσῃ γυναικὶ* (Ster. 213); *Τὴν δὲ ἰητρεύουσιν τὰ στόματα μαλθακῶς ἐξανοίγειν, καὶ ἡρέμα τοῦτο δρᾶν, ὁμφαλὸν δὲ ξυμφέλλεσθαι τῷ ἐμβρύῳ.* (*Mul.* 1.68). Sobre a intervenção da mulher ou de pessoas próximas

espera-se a participação da paciente na terapêutica e, por esta razão, as noções fisiológicas expostas pelos tratados não podem ter sido estranhas a esta cumplicidade²¹.

Factores de ordem moral e social, todavia, condicionariam a relação entre o médico (homem) e a paciente, especialmente quando os sintomas relevantes eram de ordem ginecológica. A falta de colaboração e à-vontade entre ambos é reconhecida já no *Corpus Hippocraticum*²², mas não apenas nos tratados ginecológicos, e não só quando a situação o permite. A conduta moral do médico é apresentada como um preceito irrevogável na afirmação de princípios que constitui o juramento de Hipócrates, em que se afirma que o médico entrará em casa do doente para o tratar e não para abusar do corpo das mulheres ou dos homens, livres ou não²³. Esta desconfiança continua a ser um tema de

dela no seu exame físico, cf. GOUREVITCH (1996: 2093). VON STADEN (1992: 15) relaciona a relutância de os médicos hipocráticos tocarem nas suas pacientes com a associação da impureza às mulheres que parece ser uma das características das terapêuticas por ele indicadas, quer se trate da prescrição de medicamentos com ingredientes repugnantes, quer se trate da prescrição de banhos ou de outros processos relacionados com a higiene feminina. DEMAND (1992: 285-287) considera que no século V a. C., os médicos hipocráticos retiraram do domínio exclusivo da mulher as questões médicas relacionadas com a gravidez e o parto: «(...) childbirth was medicalized, and male doctors came to exercise a degree of control over female reproductivity as they created a Hippocratic gynecology.»

²¹ É o que defende DEAN JONES (1994: 37): «(...) the gynaecological treatises had to be consistent with female beliefs. The models of the female body in the Hippocratic Corpus are the product and the common property of society, women as well as men.»

²² καὶ γὰρ αἰδέονται φράζειν, κῆν εἰδῶσι, καὶ σφιν δοκέουσιν αἰσχρὸν εἶναι ὑπὸ ἀπειρίας καὶ ἀνεπιστημοσύνης. *Mul.* 1.62. Cf. também a fábula de Higino sobre Agnódice de Atenas, que se disfarçou de homem para poder ser médica e que foi salva pelas mulheres, que alegaram perante os maridos: *Vos coniuges non estis sed hostes, quia quae salutem nobis inuenit eam damnatis.* (*Fab.* 274.10-13). Sobre esta fábula e a sua utilização em debates médicos sobre a legitimidade das mulheres como profissionais de saúde, cf. KING (1998: 181ss.).

²³ Ἐξ οἰκίας δὲ ὁκόσας ἂν ἐσίω, ἐσελεύσομαι ἐπ' ὠφελείῃ καμνόντων, ἐκτὸς ἐὼν πάσης ἀδικίης ἐκουσίης καὶ φθορίης, τῆς τε ἄλλης καὶ ἀφροδισίων ἔργων ἐπὶ τε γυναικείων σωμαμάτων καὶ ἀνδράων, ἐλευθέρων τε καὶ δούλων. (*Iusi.* 19-20) Em *Medic.* 1.18-19, realça-se o facto de a

reflexão na obra de Galeno²⁴ e, obviamente, manteve-se durante muitos séculos. O pudor feminino é um preconceito cultural. Plínio afirma que as mulheres o mantêm mesmo na morte, uma vez que, quando os seus cadáveres aparecem na água, flutuam virados para baixo, ao contrário do corpo dos homens, de modo a esconder os *pudenda* (Nat. 7.77²⁵).

Não devemos esquecer que, se uma mulher fosse saudável, provavelmente só teria necessidade de recorrer a um profissional de saúde no momento do parto e, provavelmente em muitos casos, só se este se adivinhasse ou se tornasse difícil. Eram as parteiras quem acompanhava estes acontecimentos. Na literatura latina, estas têm uma reputação duvidosa, ora sendo apresentadas como mulheres ignorantes que não tinham ideia do que faziam, ora como pessoas sem escrúpulos morais²⁶.

A existência de médicas que, na opinião de JACKSON (1988: 86), se dedicariam maioritariamente à ginecologia, não dispensaria, porém, devido ao seu número, que devemos assumir reduzido, o recurso mais frequente a uma parteira, tanto entre as classes mais favorecidas, como entre a população com menos recursos financeiros²⁷. Nas inscrições funerárias, aparecem com alguma frequência tanto a designação *obstetrix* como *medica* ou os seus sinónimos

convivência com o paciente permitir ao médico o acesso constante a mulheres e jovens: *καὶ γὰρ αὐτοὺς ὑποχειρίους ποιέουσι τοῖς ἰητροῖς, καὶ πᾶσαν ὥρην ἐντυγχάνουσι γυναιξίν, παρθένους, καὶ τοῖς ἀξίοις πλείστον κτήμασιν· ἐγκρατέως οὖν δεῖ πρὸς ἅπαντα ἔχειν ταῦτα.*

²⁴ 11.200K (episódio relatado por Galeno, mas que terá acontecido no tempo de Erasístrato); 14.641K (caso da mulher de Boeto que, por vergonha, chamou as parteiras e não o médico).

²⁵ *uirorum cadauera supina fluitare, feminarum prona, uelut pudori defunctarum parcente natura.*

²⁶ Ter. An. 228-233, Juv. 2.137-142, citados por GOUREVITCH (1996: 2088) como fonte para a má fama das parteiras.

²⁷ Cf. FLEMMING (2000: 39): «This [i. e. a consciência da inferioridade das parteiras em relação aos *medici*] should not obscure, however, the importance of this strand of medical provision, by and for women, in the Roman world, among both the masses and the elite.»

gregos²⁸, mas não é fácil perceber a diferença entre ambas, se é que esta existia. FLEMMING (2000: 36) defende que esta distinção pode ter como base não apenas, ou não especialmente, uma disparidade nas actividades desempenhadas por *medicae* e parteiras, uma vez que tanto umas como as outras exerceriam as suas competências num âmbito não limitado à ginecologia, como a entendemos hoje²⁹. Pelo contrário, pode tratar-se de uma distinção em termos de prestígio social, explorada pelas *medicae* com o objectivo de reclamarem uma posição mais próxima dos *medici*.

O facto de a maioria dos epitáfios de parteiras conservados no *Corpus Inscriptionum Latinarum* provirem de *columbaria* das grandes famílias ou mesmo da casa imperial e de quase todos indicarem uma origem servil parece mostrar que aquelas dispunham de parteiras para uso familiar. Este padrão coincide com o que se verifica em relação aos médicos. Em Roma, no século I d. C., mais de setenta e cinco por cento dos médicos eram escravos ou ex-escravos, a maioria com origem grega³⁰.

²⁸ Cf. FLEMMING (2000: 383 ss.), para uma recolha de inscrições que referem a designação *medica* ou *iatrix*. Sobre as inscrições que identificam parteiras, cf. GOUREVITCH (1984: 222ss.). Sobre as designações profissionais das pessoas que se dedicavam às doenças femininas, cf. GOUREVITCH (1996: 2086-2087).

²⁹ NUTTON (2004: 198) exprime a mesma opinião, afirmando que a impossibilidade de distinguir a *obstetrix* da *medica* se deve certamente ao facto de nem todas as *obstetrices* se terem dedicado exclusivamente à gravidez e ao parto e de nem todas as *medicae* terem tratado apenas mulheres e crianças pequenas. Um outro obstáculo a esta diferenciação é a designação *iatromea*, que, de acordo com FLEMMING (2000: 36, n. 4), aparece em Roma nos séculos II e III d. C., e que funde os termos gregos *iatros* (médico) e *maia* (parteira).

³⁰ De acordo com NUTTON (2004: 165), menos de cinco por cento dos médicos que aparecem referidos nas inscrições do Ocidente teriam nomes não gregos, o que parece indicar uma origem social humilde. Alguns destes médicos, porém, e especialmente os que conviveram com pessoas de algum prestígio e poder social, alcançaram certos privilégios e mesmo alguma notoriedade. Entre estes podemos citar, por exemplo, António Musa, liberto de Marco António e médico de Augusto, que o curou duma doença grave em 23 a. C. (Suet. *Aug.* 59; 81) e Gaio Estertínio Xenofonte, médico da corte de Cláudio, que, apesar de, segundo Tácito (*Ann.* 12.61;

FRENCH (1987: 73) sugere que muitas parteiras viriam também do Oriente, onde a profissão tinha mais prestígio social, e que provavelmente estas teriam um maior nível de instrução para o desempenho da profissão, mas que poucas famílias teriam meios financeiros ou achariam necessário recorrer aos serviços de uma parteira com esta formação. As desigualdades sociais determinariam também o acesso a melhores cuidados de saúde, tanto para a mãe como para o filho recém-nascido, já que o poder económico condicionaria o tipo de parteira a que se podia recorrer³¹. Sorano exorta as parteiras a que dirige a sua obra a que não sejam ambiciosas (*Gyn.* 1.2) e, no *Soldado Fanfarrão* (697) de Plauto, uma das personagens insinua que os serviços da parteira foram dispendiosos.

A experiência das *obstetrices* variaria certamente e existiriam desde simples “entendidas” (as *sagae*, por exemplo) a mulheres com conhecimentos científicos fundamentados. Há que ter também em consideração que, com frequência, mulheres com experiência, da família ou não, desempenhavam funções relacionadas com a saúde feminina, partilhando receitas e conselhos. Devemos também supor que assistir a um parto podia não ser uma actividade profissional a tempo inteiro e que mulheres com alguma experiência mas sem nenhum tipo de formação se dedicariam a ajudar quando necessário. É o que NUTTON (2004: 197) designa «midwife-barmaid» e que afirma poder ter-se tratado da norma social das parteiras em muitas comunidades do mundo antigo.

O facto de Sorano, todavia, dirigir a sua obra às parteiras implica que esperava que elas, ou pelo menos algumas de entre elas, a lessem. Na descrição que faz da parteira ideal (*Gyn.* 1.3-4), entre as qualidades que lhe são exigidas, a

12.67), ter sido cúmplice da morte do imperador, alcançou grande prestígio e riqueza. Cf. JACKSON (1988: 56-57)

³¹ FRENCH (1987: 73, 78-79).

primeira que refere é que a parteira seja instruída³². Tal como aconteceria com os médicos e com outras profissões³³, podemos provavelmente supor que muitas parteiras se iniciavam no ofício como aprendizes de uma parteira com provas dadas. Nem todas, porém, teriam acesso a uma formação consistente e seriam mais do que mulheres com conhecimentos baseados na experiência.

De acordo com BLIQUEZ (1992), é possível identificar em Pompeios pelo menos três sítios arqueológicos que, a ter em consideração o tipo de instrumentos aí encontrados, parecem ter sido centros mais ou menos especializados em ginecologia e obstetrícia. Os *specula* vaginais aí encontrados contam-se entre os instrumentos que mais interesse têm suscitado e demonstram uma evolução tecnológica notável³⁴. O custo do seu fabrico, porém, parece indicar que não seriam instrumentos ao alcance de qualquer um³⁵.

Na medicina de índole popular, de que Plínio é a nossa principal fonte, abundam as receitas e indicações relacionadas com a ginecologia. O recurso a amuletos parece ter sido frequente, não se limitando às classes sociais menos instruídas. A arqueologia tem revelado a existência de objectos associados ao ciclo reprodutivo feminino que podem ter sido utilizados para propiciar

³² Já as versões latinas de Célio Aureliano e de Mústion justificam-se pela necessidade de dar a conhecer a obra de Sorano a parteiras sem conhecimento de língua grega. Plínio menciona com respeito as *obstetrices* Sotira e Salpe e alguns remédios por elas propostos. Cf. PLANT (2004: 115-117; 122) para uma sinopse das informações disponíveis sobre estas mulheres, mas, sobre problemas de autoria relacionados com ambas, cf. FLEMMING (2000: 40-41).

³³ JACKSON (1988: 58).

³⁴ Cf. em KUNZL (1996: 2626-2629) a imagem de dois *specula*, um de Mainz e outro de Pompeios. Em LONGFIELD-JONES (1986) e em NUTTON (2004: 200), a imagem de outro *speculum*, encontrado no Líbano. Também existe um no Museo Arqueologico de Madrid. HANSON (1994: 169-170), pelo contrário, nota o facto de estes instrumentos aparecerem em conjunto com outros vestígios que parecem apontar para uma actividade não especializada.

³⁵ LONGFIELD-JONES (1986: 86 e n. 34).

processos como a concepção, a gravidez ou o parto³⁶. Plínio descreve cerca de cinquenta, com as mais variadas origens e com finalidades diversas. Para acelerar o trabalho de parto, por exemplo, recomenda, entre outros, que se coloque uma pena de abutre sob os pés da parturiente (*Nat.* 30.130)³⁷. Apesar de afirmar a inutilidade e a ineficácia dos amuletos, Sorano é todavia de opinião de que não se devem proibir, uma vez que têm, pelo menos, um efeito psicológico sobre a paciente (*Gyn.* 3.12).

Esta preocupação com o bem-estar psicológico da paciente, que FRENCH (1987: 71) detecta em Plínio e em Sorano, leva a autora a afirmar que o momento do parto em Roma seria bem diferente das nossas modernas “linhas de produção” hospitalares. É indispensável, contudo, alguma cautela neste tipo de comparações que expendem juízos de valor sobre realidades que, apesar de tudo, conhecemos mal. Para que a comparação tivesse pertinência, seria necessário saber quais os sentimentos de uma mulher romana no momento do parto e a confiança que teria nos cuidados de saúde de que dispunha. Mas para quem, como nós, vive num mundo preocupado com microrganismos e obcecado por situações assépticas, que se recomendam como ideais, não parece que a utilização de penas de abutre ou de minhocas criadas em mosto trouxesse a tranquilidade que Sorano entendia essencial no parto. O facto de este momento acontecer em casa e de permitir que a mulher tivesse o apoio de familiares pode ter dado alguma segurança, que, obviamente, se limitava ao plano afectivo e emocional. Mas a ausência de opções (ao contrário do que acontece hoje) torna irrelevante e infrutífera a comparação com os nossos dias.

³⁶ GAILLARD-SEUX (1998), DASEN (2004b).

³⁷ Cf. lista em GAILLARD-SEUX (1998: 72, n. 7). Citamos apenas mais dois exemplos: o *elaterium*, usado como amuleto, favorece a concepção e acelera o parto (*Nat.* 20.6); a pata direita da hiena, colocada em cima da parturiente, alivia o parto, mas a esquerda teria um efeito letal (*Nat.* 28.103).

Note-se que o debate sobre a necessidade de a mulher ter cuidados médicos específicos é antigo e continua por resolver no tempo de Sorano, que em *Gyn.* 3.1-2 resume os termos e elenca os protagonistas da contenda. Mesmo dentro do *Corpus Hippocraticum* é possível distinguir as duas posições: tanto a defesa de que os conhecimentos médicos gerais podem ser aplicados às condições específicas da mulher, como a concepção, o aborto ou o parto³⁸, quanto a afirmação – mais frequente e mais sustentada – de que a mulher é diferente do homem, pelo menos o suficiente para merecer uma perspectiva médica específica. Tratar uma mulher como se esta fosse um homem é um erro médico (*Aff.* 1.62). Para Sorano, como veremos adiante, só as condições particulares da mulher exigem uma abordagem terapêutica diferente.

A natureza física da mulher

A indagação sobre a natureza do corpo feminino, que se afigura, desde o início, como um corpo diferente do do homem, remonta aos primórdios da literatura greco-romana. Na mitologia grega, a mulher é uma criação posterior ao homem, um artefacto produzido pelos deuses para punir Prometeu e a humanidade, até então a salvo das doenças e dos males. Pandora é, assim, segundo Hesíodo, a primeira da raça das mulheres e estabelece para estas um paradigma pouco positivo³⁹. A oposição entre um interior nocivo e um exterior atraente determinam a desconfiança em relação à mulher, patente, não apenas no texto hesiódico, mas também em grande parte da literatura grega e latina

³⁸ Por exemplo, em *Oct.* 13: *Τῇσι δὲ γυναιξὶν αἱ συλλήψεις τῶν ἐμβρύων καὶ οἱ τραῦσμοί τε καὶ οἱ τόκοι κρίνονται ἐν οἷσὶ περ αἷ τε νοῦσοι καὶ αἱ ὑγίαια καὶ οἱ θάνατοι τοῖσι σύμπασιν ἀνθρώποισιν.*

³⁹ *Op.* 60-105; *Th.* 571-612. ZEITLIN (1996a).

que chegou até nós⁴⁰. Esta “alteridade” é uma característica omnipresente no discurso dos autores gregos e romanos sobre a mulher⁴¹. O facto de o corpo feminino ter características específicas levou aqueles a utilizá-las como justificação para a posição da mulher na sociedade. Deste modo, a construção cultural do feminino e a caracterização biológica da mulher caminham a par e condicionam as teorias mais antigas sobre a natureza da humanidade⁴².

Já no *Corpus Hippocraticum* a mulher é apresentada como um ser biologicamente diferente do homem. Ainda que o *Corpus* não seja um todo unânime nas doutrinas expressas, é discernível, no que diz respeito à mulher, um paradigma dominante⁴³. A deficiência dos conhecimentos de anatomia e de fisiologia femininas condicionam a ginecologia hipocrática que, por esta razão, se centra mais nas patologias do corpo da mulher, em especial do seu sistema reprodutor, para as quais apresenta causas que, com frequência, nos parecem – a nós, que vivemos num mundo posterior à decifração do ADN e às grandes descobertas no campo da manipulação genética – ingénuas.

O corpo da mulher tem propriedades e características distintas, o que determina uma abordagem médica, se não especializada, pelo menos diferenciada⁴⁴. A principal característica que distingue a mulher é a textura esponjosa e porosa do seu corpo, que faz com que absorva e retenha mais

⁴⁰ Cf., a este propósito, ARTHUR (1984).

⁴¹ Cf. HALLETT (1989). É relevante a simplicidade com que Sorano resume a posição de alguns autores sobre a natureza do corpo humano: φύσει τε τὸ θῆλυ τοῦ ἄρρενος διαφέρει μέχρι τοῦ καὶ <Ἀριστοτέλην> καὶ <Ζήνωνα τὸν Ἐπικοῦρειον> εἰπεῖν ἄτελές μὲν εἶναι τὸ θῆλυ, τέλειον δὲ εἶναι τὸ ἄρρεν (Gyn. 3.3.2).

⁴² Sobre a construção cultural dos sexos na sociedade grega e a sua influência na filosofia e na medicina, apostadas em fundamentar com provas originárias da biologia a diferenciação social entre os sexos, cf. DEAN-JONES (1991), (1994) e (1994a).

⁴³ Cf. DEAN-JONES (1994a: 184).

⁴⁴ Sobre o debate acerca da necessidade de a mulher ter cuidados médicos específicos, cf. *infra*.

líquidos e a torna um ser húmido⁴⁵. O homem, pelo contrário, tem uma constituição mais firme e compacta, também porque, como é mais activo que a mulher, despende mais líquidos do que esta. Utiliza toda a matéria oriunda da alimentação para construir um corpo mais forte. A vida sedentária da mulher, ao invés, leva à acumulação de líquidos. A distinção entre os dois sexos faz-se, assim, através das antíteses firme vs. mole, compacto vs. poroso, frio vs. quente. O excesso de sangue explica a necessidade de repor o equilíbrio: é por esta razão que, em períodos mais ou menos regulares, a mulher liberta os *menses*⁴⁶. Quanto mais jovem esta for, mais húmida será e mais sangue existirá no seu corpo⁴⁷. O sangue menstrual tem origem no nutrimento que não é utilizado e que é direccionado para o útero. Trata-se, assim, de um excedente. A função primordial do útero, além de sustentar o feto numa gravidez, é acumular o sangue e depois expeli-lo⁴⁸, contribuindo, assim, para o equilíbrio necessário a um estado saudável. Quando o útero não desempenha convenientemente as suas funções, a saúde da mulher corre riscos sérios⁴⁹. Estes processos e as suas anomalias constituem o fundamento de grande parte das teorias e das terapias hipocráticas propostas para as disfunções do corpo feminino.

⁴⁵ Cf., por exemplo: καὶ τῇσι γυναιξί, φλέγματος ἐπικαταρρύνεντος ἀπὸ τοῦ ἐγκεφάλου, διὰ τὴν ὑγρότητα τῆς φύσεως. (*Aer.* 10.30); φημὶ τὴν γυναικᾶ ἀραιοσαρκοτέραν καὶ ἀπαλωτέραν εἶναι ἢ τὸν ἄνδρα (*Mul.* 1.25); τούτου αἰσθάνεται τῆς γυναικὸς τὸ σῶμα, ὑγρότερον γάρ ἐστιν ἢ τὸ τοῦ ἀνδρός (*Nat. Puer.* 15); Τῇσι μὲν γυναιξὶν ἀραιή τε ἡ φύσις κατὰ τῶν ἀδένων, ὥσπερ τὸ ἄλλο σῶμα. (*Gland.* 16).

⁴⁶ Note-se que o equilíbrio dos fluidos corporais (normalmente quatro: sangue, bílis negra, bílis amarela e fleuma) está na base da explicação das doenças na medicina hipocrática.

⁴⁷ αἱ μὲν γὰρ νέαι ὑγρότεραι καὶ πολὺν αἶμα ὥς ἐπὶ τὸ πονεῖν· αἱ δὲ πρεσβύτεραι ξηρότεραι καὶ ὀλίγαιμοι· αἱ δὲ μέσαι μέσον τι ἀμφοῖν ἔχουσιν, ἰσενύουσιν. (*Mul.* 2.111).

⁴⁸ Cf. a mesma ideia ainda em Sorano: πρῶτον ἔργον ὑστέρας ἢ καθαρίσας (*Gyn.* 3.6).

⁴⁹ Cf. a afirmação de KING (2005: 156): «Health is balance, but women's bodies are always in flux between excess and evacuation, and this process is always at risk of interruption because of the frailty of the main organ responsible for maintaining the balance, the womb, which can tilt, close, gape open or retreat up the body.»

A importância concedida à gravidez, que se justifica como uma necessidade física, tem também subjacentes razões culturais relacionadas com o papel social da mulher como geradora de filhos para a família e para a comunidade. Manter a mulher saudável é garantir a estabilidade social e, por esta razão, o crescimento normal do corpo feminino e o equilíbrio dos processos associados à gravidez (menstruação, funcionamento do útero, etc.) tornam-se primordiais para a sua integração na sociedade. É por esta razão que podemos identificar nestes textos uma preocupação constante pela definição da norma, ao ponto de se estabelecer, por exemplo, a quantidade e a duração regulares dos *menses* (*Mul.* 1.6). As anomalias físicas definem-se em contraste com esta norma e o mesmo se pode dizer da progressão social. A norma implica que a jovem esteja fisicamente preparada para o casamento e para gerar filhos. As anomalias definem-se pela recusa do matrimónio e da actividade sexual.

É por esta razão que, nos tratados ginecológicos, são as jovens solteiras e as mulheres que ficaram viúvas demasiado cedo as categorias mais problemáticas e mais sujeitas a patologias. No *De uirginum morbis*, as jovens que, apesar de estarem preparadas para o casamento, permanecem no celibato, correm o risco de sofrer patologias múltiplas relacionadas com o fluxo anormal de sangue. Na puberdade, as *parthenoi* produzem mais sangue do que o que podem despender. Uma primeira relação sexual permitiria uma saída mais fácil deste⁵⁰, mas, como a evacuação dos *menses* é problemática, o sangue desloca-se dentro do corpo e acumula-se junto de órgãos vitais, como o coração e o diafragma, dando origem a sintomas relacionados com a inteligência: delírios e visões que a fazem desejar a morte, não uma morte qualquer, mas uma morte por afogamento ou por estrangulamento. A única cura para estas patologias é o

⁵⁰ Sobre o *De uirginum morbis*, cf. KING (1993^r) e (1998: 75-79). Sobre a menstruação na puberdade, cf. *Virg.* 1.10ss. e DEAN-JONES (1994: 47-50).

casamento⁵¹. O autor deste tratado termina com a afirmação de que entre as mulheres casadas são as estéreis quem mais sofre deste mal. O bem-estar físico da mulher está, assim, intrinsecamente relacionado com o sistema reprodutivo e o bom funcionamento deste, o qual, por sua vez, depende de uma vida sexual activa.

O útero é apresentado como a causa de todos as moléstias femininas: αἱ ὑστέραι πάντων τῶν νοσημάτων αἰτιαί εἰσιν, afirma o autor do *De locis in homine* (47). Comparado a um vaso – τὸ ἄγγος (Hp. Ep. 6.5.11), τὸ ἀρυστήρ (Hp. Genit. 9) –, o útero mantém na nomenclatura das suas partes essa associação: πυθμὴν, στόμα, τράχηλος, etc.⁵². No âmbito da ginecologia hipocrática, a tese que mais estranheza tem causado é a do útero “volante” ou “errante”. Para os autores dos tratados hipocráticos, o útero não é um órgão fixo e, por esta razão, em determinadas condições de natureza patológica, por exemplo quando está seco e, por esta razão, mais leve, vagueia pelo corpo, em busca de humidade⁵³. Para permanecer estável e de boa saúde, este órgão tem necessidade de se manter húmido, o que acontece graças a uma vida sexual regular. É por esta razão que, nestes textos, o sexo é apresentado como uma terapia e as mulheres sexualmente activas são mais saudáveis do que as jovens viúvas ou as virgens de idade avançada⁵⁴. O sexo mantém o útero aberto e

⁵¹ Κελεύω δ' ἔγωγε τὰς παρθένους, ὁκόταν τὸ τοιοῦτον πάσχωσιν, ὥς τάχιστα ξυνοικῆσαι ἀνδράσιν· ἣν γὰρ κυήσωσιν, ὑγιέες γίνονται· εἰ δὲ μὴ, ἢ ἀντίκα ἅμα τῇ ἡβῇ ἢ ὀλίγον ὕστερον ἀλώσεται, εἴπερ μὴ ἑτέρη νούσῃ (Virg. 1.41-44).

⁵² Sobre as designações do útero e das suas partes, cf. GOUREVITCH (1996: 2093-2094). Sobre as designações metafóricas que os autores utilizam para descrever o útero, cf. KING (1998: 34ss.).

⁵³ Cf., a título de exemplo, a descrição do movimento do útero para junto do fígado e os sintomas resultantes em *Mul.* 1.7.

⁵⁴ Ἐχει δὲ καὶ τόδε οὕτω τῇσι γυναιξίν· ἣν μὲν μίσγονται ἀνδράσι, μᾶλλον ὑγιαίνουσιν· ἣν δὲ μὴ, ἥς-σον· ἅμα μὲν γὰρ αἱ μήτραι ἰκμαλέαι γίνονται ἐν τῇ μίξει καὶ οὐ ξηραὶ, ξηραὶ δὲ ἐοῦσαι μᾶλλον τοῦ καιροῦ συστρέφονται ἰσχυρῶς, συστρεφόμεναι δὲ ἰσχυρῶς πόνον τῷ σώματι παρέχουσιν· ἅμα δὲ ἡ μίξις τὸ αἷμα θερμαίνουσα καὶ ὑγραίνουσα ποιέει ὁδὸν ῥηϊτέστην τοῖσι

aquece o sangue de modo a que este flua com mais facilidade. Também a gravidez é um sinal de saúde. O facto de uma mulher ser capaz de conceber mostra que o seu útero está na posição correcta⁵⁵. Uma mulher fértil equivale, assim, a uma mulher saudável e expressões do tipo “fica curada, mas estéril” parecem demonstrar que uma mulher que recupera de uma doença, tendo perdido a capacidade de conceber, fica aquém do estado ideal⁵⁶.

Estas deslocações do útero para junto de outros órgãos ou de outras partes do corpo – do fígado, do coração, do diafragma, para a zona das ancas ou das costas e mesmo para junto da cabeça ou das pernas⁵⁷ – explicam muitas patologias femininas que são normalmente tratadas com técnicas de aromoterapia, para atrair pelo odor o útero para a sua posição correcta, o que parece demonstrar que os hipocráticos lhe conferiam a faculdade do olfacto⁵⁸.

καταμηνίους (Genit. 4.20-25). Sobre o sexo como terapia na ginecologia hipocrática, cf. DEAN-JONES (1992: 77 e *passim*), que nota que, no caso dos homens, é a abstinência sexual mais do que a actividade sexual, que é recomendada como terapia.

⁵⁵ Mul. 1.60, 2.133, 2.170.

⁵⁶ ἐπιμελεδαινομένη δὲ ὑγιαίνει καὶ προεληλυθίης τῆς νόσου, καὶ οὐ μάλα ἀποθνήσκει, φορὸς δὲ οὐ δύναται εἶναι ὥδε ἔχουσα. (Mul. 1.9); Ταῦτα ποιέουσα, ὑγιῆς γίνεται· ἐνὲ δὲ οὐκ ἔτι. (Mul. 1.65).

⁵⁷ Mul. 1.7 (fígado e *hypochondria*); Mul. 2.127, Nat. Mul. 3 (fígado); Mul. 2.125 (*hypochondria*); Mul. 2.124 (coração); Mul. 2.201 (diafragma); Mul. 2.133, Nat. Mul. 8, 47 (ancas); Mul. 2.129, Nat. Mul. 30 (costas); Mul. 2.123, Nat. Mul. 48 (cabeça), Nat. Mul. 49 (pernas e pés).

⁵⁸ A teoria do útero volante tem a sua expressão mais extrema em Platão, que o compara a um animal, dotado de vontade independente, que se desloca através do corpo em busca de satisfação, seja sexual seja de satisfação pela gravidez (Ti. 91b-d): αἱ δ' ἐν ταῖς γυναιξὶν αὐτῶν μητραὶ τε καὶ ὑστέραι λεγόμεναι διὰ τὰ αὐτὰ ταῦτα, ζῶον ἐπιθυμητικὸν ἐνὸν τῆς παιδοποιίας, ὅταν ἄκαρπον παρὰ τὴν ὥραν χρόνον πολὺν γίγνηται, χαλεπῶς ἀγανακτοῦν φέρει, καὶ πλανώμενον πάντη κατὰ τὸ σῶμα, 91.c.5 τὰς τοῦ πνεύματος διεξόδους ἀποφράττον, ἀναπνεῖν οὐκ ἔων εἰς ἀπορίας τὰς ἐσχάτας ἐμβάλλει καὶ νόσους παντοδαπὰς ἄλλας παρέχει (...). Nos primeiros séculos da era cristã, I ou II d. C., Areteu de Capadócia (SA. 2.11) atribuí-a ainda a histeria aos movimentos do útero que considerava como um animal dentro de outro animal: καὶ τὸ ξύμπαν ἐν τῇ ἀνθρώπῳ ἐστὶ ἡ ὑστέρα, ὁκοῖόν τι ζῶον ἐν ζῶῳ. (SA. 2.11.2). Sobre a concepção do útero como um ser vivo, cf. KING (1998: 222-225). Acerca da

Se o útero estiver acima da sua posição normal, devem aplicar-se nos órgãos genitais fumigações com substâncias de aroma agradável, para o atrair para baixo e nas narinas substâncias repulsivas para o afastar da parte de cima do corpo. Os sintomas resultantes das deslocações do útero são normalmente condicionados pelo órgão para onde se movimenta: quando se desloca para a cabeça pode provocar sufoco, dor nas veias do nariz e na parte inferior dos olhos, etc.; se se desloca para os pés ou para as pernas, a paciente sofrerá espasmos nos dedos dos pés e dor nos músculos das pernas. A esta patologia os autores posteriores dão o nome de *hysterike pnix*⁵⁹.

A natureza porosa do corpo feminino explica também que esta tenha os seios maiores do que o homem. Em cada seio, órgão que contém a maior parte da inteligência humana, existe uma veia larga: *Φλὲψ ἔχει παχείη ἐν ἑκατέρῳ τιτθῶ· ταῦτα μέγιστον ἔχει μόριον συνέσιος*, afirma o autor das *Epidemiae* (2.6.19). O sangue acumulado nesta veia pode interferir com a razão e tornar-se, deste modo, uma causa e um sintoma de loucura⁶⁰. DEAN-JONES (1994: 57) comenta assim esta associação: «Women would always be more susceptible to having more blood in their breasts than men, so this would give a scientific basis to the belief that women were always closer to the irrational than men.»

HANSON (1991: 82) encontra justificação para a volatilidade do útero na comparação com a anatomia masculina: como o homem não tem útero e o seu corpo é o paradigma da humanidade, na mulher este órgão não tem um lugar

atribuição, no texto platónico, de apetite sexual independente aos órgãos sexuais femininos e masculinos, cf. DEAN-JONES (1992: 76).

⁵⁹ A associação da sensação de *pnix* aos movimentos do útero está na origem da palavra “histeria”, de *hyster* (útero). Sobre a inexactidão desta designação e da atribuição aos tratados hipocráticos da primeira descrição da doença a que na actualidade damos esta designação, cf. KING (1998: 205-246).

⁶⁰ *Τῶ μέλλοντι μαινεσθαι τόδε προσημαίνει τὸ σημεῖον αἷμα συλλέγεται αὐτῶ ἐπὶ τοὺς τιτθούς. (Epid. 2.6.32); Γυναιξὶν ὀκόσησιν ἐς τοὺς τιτθούς αἷμα συστρέφεται, μανίην σημαίνει. (Aph. 5.40).*

próprio. DEAN-JONES (1991: 122), pelo contrário, considera esta explicação insuficiente devido à tenacidade com que a tese se mantém, mesmo depois de Herófilo ter descoberto os tendões que sustentam o útero, e considera que ela providencia uma justificação conveniente para a sexualidade descontrolada que os Gregos atribuíam à mulher⁶¹. Ao atribuir ao útero movimentos causados pela abstinência de relações sexuais, os autores hipocráticos fazem deste órgão a fonte e a justificação da sexualidade feminina. Note-se, porém, que o apetite sexual das mulheres é apresentado no *Corpus Hippocraticum* como um fenómeno meramente fisiológico, separado de qualquer motivação psicológica ou emocional. Sendo, como MANULI (1980) nota, alguns dos órgãos para junto dos quais o útero mais se movimentaria sedes de *psyche*, isto é de força de vida (principalmente o cérebro, o coração e o fígado), estas deslocações perturbariam o controlo da mulher sobre a *psyche*. É o que defende DEAN-JONES (1992: 79): que este sistema justifica que a mulher não tem o poder de controlar o seu corpo – e nem seria bom para a sua saúde que o fizesse – e que, por esta razão, tem a necessidade de que o homem o faça por ela⁶². KING (1998), pelo contrário, considera que as deslocações do útero descritas pelos autores hipocráticos são apenas um sistema mecânico para explicar algumas patologias e que não têm implicações necessariamente morais.

A actividade sexual é apresentada como uma terapia benéfica para a mulher, é verdade, mas também, e talvez principalmente, útil para a preservação da estabilidade comunitária. Afirmam HANSON (1990: 319): «the woman of childbearing age has no choice but to employ her sexual apparatus to

⁶¹ Afirmam a autora: «The wandering womb, while providing a convenient explanation for various illnesses in a woman's body, simultaneously deprived a woman of independent control over her own sexuality.»

⁶² Sobre a concepção da mulher como um ser mais instável que o homem e a necessidade do controlo masculino, cf., por exemplo, CARSON (1990: 138). Sobre o estereótipo da mulher como ser com mais apetite sexual e falta de autocontrolo do que o homem, cf. DOVER (2002 [1973]: 25).

its fullest, because her body requires sexual activity to function efficiently and painlessly.»

O desenvolvimento de que os estudos da anatomia humana beneficiaram na época helenística permitiu alguns progressos no conhecimento do corpo feminino. Herófilo, autor de uma obra com o título *Μαιωτικός* (“relativo aos partos”)⁶³, terá identificado os ovários e as trompas de Falópio, ainda que não tenha compreendido a função destes órgãos na reprodução, já que considerava que o que chamava ductos espermáticos femininos (*σπερματικοὶ πόροι*), ou seja, as trompas de Falópio ou *tubae uterinae*, saíam dos ovários em direcção à bexiga⁶⁴. Estas descobertas são referidas, por exemplo, por Galeno, que reproduz o texto de Herófilo em que este descreve os ovários, que designa como *δίδυμοι* (“gémeos”)⁶⁵. A análise dos fragmentos da obra de Herófilo mostra uma percepção constante da anatomia feminina em analogia com a masculina, que se toma como referência. Esta relação condiciona a própria designação dos órgãos e será continuada por autores posteriores, como, por exemplo, Galeno, que descreverá a mulher como um homem invertido⁶⁶.

⁶³ É Sorano quem cita *Ἡρόφιλος ἐν τῷ Μαιωτικῷ* (*Gyn.* 3.3).

⁶⁴ Sobre o estudo da anatomia em Alexandria e as práticas da dissecação e da vivissecação de seres humanos, cf. LITTMAN (1996), KING (2001: 26-31), VALLANCE (2004) e NUTTON (2004: 128-139, esp. 131-132). Sobre a descoberta dos ovários e das trompas de Falópio por Herófilo, cf. VON STADEN (1989: frg 61).

⁶⁵ Cf. HERRERO INGELMO (2002), sobre a utilização deste termo para designar os ovários. *Ἐπιπεφύκασι δὲ τῇ μήτρᾳ καὶ δίδυμοι ἐκ τῶν πλαγίων, ἐξ ἑκατέρου μέρους, ἐπ’ ὀλίγον διαφέροντες τῶν τοῦ ἄρρενος. (...) ὁ δὲ σπερματικὸς πόρος ἐφ’ ἑκατέρου οὐ λίαν μὲν φαίνεται, προσφυῆς δὲ ἐστὶ τῇ μήτρᾳ ἐκ τοῦ ἐκτὸς μέρους.* (*Gal. Sem.* 2.1; 4.596-597K). Em *De usu partium* (14.11), Galeno afirma que foi Herófilo quem utilizou pela primeira vez a palavra *δίδυμοι* para distinguir os ovários dos *ὄρχεις* masculinos.

⁶⁶ Cf. VON STADEN (1989: 167-168). Galeno afirma: *ἐν γὰρ οὐδὲν ἔστιν εὐρεῖν μόριον ἐν τοῖς ἀνδράσι περιττεῦον ἀλλ’ ἢ τὴν θέσιν μόνην ἐξηλλαγμένην· ἃ γὰρ ἔνδον ταῖς γυναιξί, ταῦτ’ ἔξω τοῖς ἀνδράσιν.* (*UP.* 4.160K).

De acordo com Sorano (*Gyn.* 3.3), Herófilo entendia que o útero era feito da mesma matéria, era regulado pelas mesmas forças e que as suas patologias tinham as mesmas causas que as dos outros órgãos. Importante terá sido também a identificação dos ligamentos do útero, que poderiam ter sido entendidos como um impedimento para as deslocações propostas pelos autores hipocráticos⁶⁷. VON STADEN (1989: 296-299) defende que a obra de Herófilo foi determinante na desmistificação da anatomia do sistema reprodutor feminino, especialmente na afirmação de que este obedecia aos mesmos princípios fisiológicos que o resto do corpo, fosse este masculino ou feminino. Esta tese de que o corpo da mulher não diferia do do homem foi um dos principais contributos deixados por Herófilo aos seus seguidores, ainda que tenha tomado como norma o corpo do homem e tenha descrito o da mulher em analogia com este⁶⁸.

Outra tese hipocrática de persistência notável foi a utilização dos opostos na caracterização dos sexos. O debate sobre a natureza fria ou quente da mulher manteve-se durante toda a Antiguidade. No *Corpus Hippocraticum*, apesar de não haver unanimidade e de a temperatura não ser determinante na explicação das doenças femininas, a mulher é, em geral, um ser quente, devido especialmente ao excesso de sangue⁶⁹. De facto, o autor dos *Gynaikeia* hipocráticos afirma que, uma vez que acumula mais sangue do que o homem – sangue que é também, por si só, mais quente que o do homem –, a mulher é um ser mais quente:

θερμότερον γὰρ τὸ αἷμα ἔχει ἡ γυνή, καὶ διὰ τοῦτο θερμότερη ἐστὶ τοῦ ἀνδρός. (*Mul.* 1.1.40)

⁶⁷ Cf. VON STADEN (1989: frg. 61 e 114, pp. 183-186 e 219-220; 233).

⁶⁸ Cf. HANSON & GREEN (1994: 1025).

⁶⁹ Em *Ster.* 216, um teste prescrito para determinar o sexo da criança ainda no ventre da mãe parece implicar o oposto, isto é, que a mulher é mais fria do que o homem. Em *Vict.* 1.34, afirma-se que a mulher é mais fria do que o homem.

Aristóteles, que deve ter sido contemporâneo de alguns autores dos tratados do *Corpus Hippocraticum*, dedica também alguma atenção a esta matéria, especialmente no âmbito do seu interesse pela história natural⁷⁰. Nos seus tratados biológicos, desenvolve algumas teorias sobre o corpo feminino, não numa perspectiva médica, mas principalmente na comparação do ser humano com outros animais. Aristóteles considerava que homem e mulher eram, no geral, semelhantes e que diferiam principalmente no calor produzido pelos seus corpos. Para o Estagirita, a diferença entre homem e mulher decorre da oposição entre macho e fêmea, comum a todos os animais. A mulher é o primeiro nível abaixo do homem numa escala que começa com o nascimento de um rapaz e acaba no de um monstro (GA 767b7). Em quase todas as espécies, o macho é mais perfeito do que a fêmea e mais forte e quente do que esta. O calor permite aos seres transformar o nutrimento em sangue e este nos constituintes do corpo (carne, cabelo, etc.). Assim, quanto mais calor estiver à disposição de um ser, tanto mais aperfeiçoará o seu corpo, tornando-o mais forte. É o calor que lhe permite produzir fluido seminal e de, através dele, transmitir à fêmea a forma de um novo ser. A mulher é um ser imperfeito porque não tem calor suficiente para transformar o sangue em semente geradora⁷¹. Só consegue transformar o sangue normal em fluxo menstrual, que, para Aristóteles, não passa de uma semente tosca e imperfeita, o estado intermédio de um processo que só no homem se realiza por completo⁷².

⁷⁰ Sobre a mulher em Aristóteles, cf. DEAN-JONES (1994) e (1994a: 190-194).

⁷¹ Cf. GA 737a28: τὸ γὰρ θῆλυ ὥσπερ ἄρρεν ἐστὶ πεπηρωμένον. καὶ τὰ καταμήνια σπέρμα, οὐ καθαρὸν δέ· ἐν γὰρ οὐκ ἔχει μόνον τὴν τῆς ψυχῆς ἀρχήν. Cf. COOPER (1988:16). Em *Quaestiones Coniuviales* 3.4, Plutarco reproduz um debate sobre esta matéria, em que se aduzem argumentos para as duas posições, sendo que Floro, o defensor da tese de que a mulher é um ser frio, utiliza argumentos de índole aristotélica, como o facto de a mulher não conseguir transformar o sangue menstrual em semente devido à falta de calor que lhe é intrínseca.

⁷² Sobre o desenvolvimento destas ideias na concepção de um novo ser, cf. *infra* p. 60ss..

Ao contrário do que pensavam os Hipocráticos, para Aristóteles os *menses* não são sinónimo de saúde e bem-estar. Pelo contrário, em algumas situações, podem enfraquecer sobremaneira o corpo⁷³. Aristóteles parece considerar o útero um órgão fixo, apesar de associar a falta de ar à subida do útero⁷⁴. Refira-se que o útero humano era um órgão mal conhecido e que muitas das teorias sobre ele elaboradas dependiam da observação do útero de animais, o que, obviamente, originou muitas concepções erradas, como a do próprio Aristóteles, que teve seguimento em autores posteriores, de que estava dividido em duas câmaras (GA 716b32-33), como acontece com alguns mamíferos⁷⁵.

As diferenças entre machos e fêmeas são profundas e ultrapassam o nível meramente fisiológico. Sendo as fêmeas sempre fisicamente mais débeis do que os machos, são-no também e de forma categórica no plano mental e emocional: a fêmea é menos valente mas mais manhosa, mais ciumenta, mais mentirosa e mais pronta para enganar⁷⁶. Na *Política*, Aristóteles dá informações complementares sobre a inferioridade feminina. O homem está, por natureza, mais apto para mandar do que a mulher e, como o escravo está subordinado ao homem livre, assim a esposa deve estar subordinada ao seu marido, porque não

⁷³ HA 581b26-582a5; 582b5-9.

⁷⁴ Em GA 720a11ss. afirma que os canais espermáticos masculinos são fixos como o útero: Ἐπεὶ οὖν δεῖ καὶ τοὺς τῶν ἀρρένων πόρους τοὺς σπερματικούς ἐρηρεῖσθαι καὶ μὴ πλανᾶσθαι καὶ τοῖς θήλεσι τὰς ὑστέρας (...) Um pouco antes, porém, tinha afirmado que quando o útero sobe, causa sufoco: καὶ κεναὶ δ' οὖσαι αἱ ὑστέραι ἄνω προσιστάμεναι πνίγουσιν (GA 719a21).

⁷⁵ O autor do *De natura pueri* (31) refere que o útero tem muitas cavidades, o que explica os nascimentos múltiplos, tanto nos animais como no ser humano: ἔχουσιν αἱ μήτραι κόλπους συχνοὺς καὶ γαμψοὺς, τοὺς μὲν τηλοτέρῳ, τοὺς δὲ πλησιαιτέρῳ τοῦ αἰδοίου· καὶ τὰ πολυλόγονα τῶν ζώων πλείους ἔχει κόλπους τῶν ὀλίγα κνεόντων

⁷⁶ HA 608a33-609b15.

tem capacidade de deliberação, ou melhor, tem-na, mas não tem autoridade para a impor (*Pol.* 1259b1; 1260a10⁷⁷).

Nos autores latinos, nomeadamente em Celso e em Plínio, a mulher continua a ser descrita como essencialmente diferente do homem. A concepção, tanto hipocrática, como aristotélica, da mulher como um ser imperfeito ou de algum modo inferior ao homem mantém-se. Celso, cuja obra constitui a fonte mais antiga em língua latina sobre a natureza do corpo feminino do ponto de vista da medicina, apresenta a mulher como uma categoria desviante da norma que é o corpo masculino. O facto de tomar como eixo normativo para a sua medicina o corpo do homem, não um homem qualquer mas um *sanus homo*, *qui et bene ualet et suae spontis est*, que tenha a possibilidade de viajar, de manter actividades recreativas e de viver, ora no campo, ora na cidade (1.1.1), tem como resultado a marginalização de outros grupos que não preenchem estes requisitos⁷⁸. A mulher é frequentemente citada a par dos *imbecilli*, dos fracos. Na sua vulnerabilidade a determinados tipos de doença, é relacionada com as crianças, com os *senes* e até com os *castrati*⁷⁹. Nos oito livros do *De Medicina*, as palavras *femina* e *mulier* não aparecem, em conjunto, mais do que cinco dezenas de vezes⁸⁰. Segundo VON STADEN (1991: 272), o desenvolvimento de ideias sobre estados e patologias associados à mulher não é mais do que um «reluctant yet necessary afterthought». O discurso de Celso estrutura-se normalmente

⁷⁷ τό τε γὰρ ἄρρεν φύσει τοῦ θήλεος ἡγεμονικώτερον; ἄλλον γὰρ τρόπον τὸ ἐλεύθερον τοῦ δούλου ἄρχει καὶ τὸ ἄρρεν τοῦ θήλεος καὶ ἀνὴρ παιδός.; ὁ μὲν γὰρ δοῦλος ὅλως οὐκ ἔχει τὸ βουλευτικόν, τὸ δὲ θῆλυ ἔχει μὲν, ἀλλ' ἄκυρον.

⁷⁸ Note-se que esta oposição se verifica logo no livro 1, em que *sanus homo*, que inicia o texto (1.1.1), se opõe a *at imbecillis* (2.1.1).

⁷⁹ Cf. 2.8.30, 2.14.9, 4.31.1. VON STADEN (1991: 277) define como consequência destas analogias «the consistent impact of aligning women, as a group, both in good health and in illness, with the marginal, dependent, or vulnerable male members of society.»

⁸⁰ A palavra *femina* cerca de quinze vezes, *mulier* cerca de trinta e o adjetivo *muliebris* onze vezes.

tomando como ponto de partida o que é específico do homem e só depois se detém em alguma reflexão sobre as particularidades femininas⁸¹.

Apesar de o autor afirmar que, a par da constituição e da idade de cada um, a diferença de sexo deve ser um dos critérios a ter em conta no indivíduo (1.3.1; 3.6.5), não aborda a questão de forma sistemática. A representação do corpo feminino é, pois, difusa, o que não significa que não seja consistente. Celso recupera a tradição grega sobre a natureza do corpo da mulher. Esta tem um corpo mais macio e menos estruturado que o do homem e é mais vulnerável às condições climáticas do que ele⁸².

Mais fraco e mais instável, o corpo feminino sofre principalmente com os desequilíbrios causados pelo fluxo anormal dos *menstrua*⁸³. Como acontece no *Corpus Hippocraticum*, também em Celso a mulher é um ser com mais sangue do que o homem⁸⁴ e, por esta razão, parece estar sempre sujeita a um estado de saúde precário. É a regulação do sangue menstrual que permite à mulher ficar ou manter-se saudável⁸⁵. A manipulação do movimento e da quantidade desta substância pode fazer-se recorrendo a práticas que induzem a menstruação ou fazendo uma sangria nas virilhas da paciente, ou seja, o mais perto possível do

⁸¹ Cf. por exemplo, a descrição da litotomia (7.26.4).

⁸² *Si hiemps sicca septentrionales uentos habuit, uer autem austros et pluuias exhibet, fere subeunt lippitudines, tormina, febres, maximeque in mollioribus corporibus, ideoque praecipue in muliebribus.* (2.1.13). A mulher é, porém, mais resistente que o homem a um Outono seco.

⁸³ Sobre a designação do fluxo menstrual em latim, com recurso a expressões relacionadas com a sua regularidade, como *menses* ou *menstrua*, ou com o verbo *purgare* ou ainda a expressões mais gerais como *profluuium*, cf. GOUREVITCH (1984: 94-95).

⁸⁴ Quando descreve a remoção de cálculos na vesícula, toma como ponto de partida o corpo do homem, e posteriormente, ao descrever a diferença da intervenção na mulher, acrescenta: *neque terreri conuenit, si plus ex muliebri corpore sanguinis profluit.* (7.26.4)

⁸⁵ Cf. p. ex., 2.7.7, 2.8.7, 2.8.25, 2.8.41, 4.11.2, 4.11.5, 4.27.1d (fr1), 4.31.1 (amenorreia), 4.27.1d (hipermenorreia), 5.21.1b (pessário *ad sanguinem... euocandum*), 2.8.16 (*Mulier sanguinem uomens profusus menstruis liberatur.*), 6.6.38 (patologia ocular que *in feminam bene respondentibus menstruis non cadit.*), 4.27.1d (*maligna purgatio*), etc.

útero, ou debaixo dos seios⁸⁶. Uma hemorragia nasal, por exemplo, pode ser sintoma de disfunção menstrual, mas pode também aliviá-la, e uma mulher que vomite sangue pode ser curada pela menstruação⁸⁷. O mesmo pensamento subjaz ao caso que Celso refere das mulheres doentes com *tabes* a que posteriormente adveio a amenorreia: no caso de aparecer uma *uomica*, *quo cruentior, eo melior est* (2.8.7).

Curiosa é a associação da acumulação de sangue nos seios com o *furor*, ideia que remonta aos tratados hipocráticos: *Suffusae quoque sanguine mulieris mammae furorem uenturum esse testantur*. (2.7.27.1)⁸⁸. Celso limita-se, porém, a indicar a acumulação de sangue nos seios como um sintoma preocupante e quando, no livro 3, se dedica à *insania*, não faz qualquer distinção de sexo.

Celso não apresenta indícios de partilhar da teoria do útero volante, defendida pelos hipocráticos. Ainda que associe ao útero ou a outros órgãos femininos ataques que vitimam algumas mulheres, em nenhuma destas ocasiões insinua que o útero tenha a capacidade de se mover⁸⁹. Em 4.1.11,

⁸⁶ Cf. 2.10.1-5, sobre se a sangria é uma terapia benéfica para todos, onde refere que uma mulher grávida pode ser sujeita a este tratamento, desde que apresente uma complexão e um estado físicos convenientes; 4.11.5 (*si id mulieri, cui menstrua non feruntur, euenit, eandem cucurbitulam incisis inguinibus eius admouere.*); 4.27.1a (sangria como terapia para doença do útero, semelhante à epilepsia, que afecta algumas mulheres: *Vbi incidit, si satis uirium est, sanguis missus adiuvat; si parum est, cucurbitulae tamen defigendae sunt in inguinibus.*); 4.27.1d (*At si purgatio nimia mulieri nocet, remedio sunt cucurbitulae cute incisa inguinibus uel etiam sub mammis admotae.*).

⁸⁷ 2.8.16: *Mulier sanguinem uomens profusus menstruis liberatur. Quae menstruis non purgatur, si sanguinem ex naribus fudit, omni periculo uacat.*; 4.27.1d (fr1): *Si sanguis, qui infra erumpere debuit, per nares erumpit, incisis inguinibus admouendae cucurbitulae sunt*. Cf. as mesmas ideias em Aph. 5.32 e 33: *Γυναικὶ αἷμα ἐμεοῦση, τῶν καταμηνίων ῥαγέντων, λύσις;* *Γυναικὶ, τῶν καταμηνίων ἐκλειπόντων, αἷμα ἐκ τῶν ῥινῶν ῥύηναι, ἀγαθόν.*

⁸⁸ *Γυναιξὶν ὀκόσησιν ἐς τοὺς τιτθοὺς αἷμα συστρέφεται, μανίην σημαίνει*. Aph. 5.40.

⁸⁹ 4.27.1a (*Ex uulua quoque feminis uehemens malum nascitur proximeque a[b] stomacho uel adficitur haec uel corpus adficit. Interdum etiam sic exanimat, ut tamquam comitiali morbo prosternat.*); 5.21.6 (*Si concidere uitio locorum mulier solet...*); 5.25.3a (*siue spiritus difficultas siue intestinorum tormenta*

afirma que, na mulher, a bexiga é sustida pelo útero, o que parece indicar que este tem uma posição fixa. Celso menciona o tamanho do útero, mais pequeno nas virgens do que nas mulheres sexualmente activas mas não grávidas, e descreve a sua posição no corpo, afirmando que os *latera uuluae* estão ligados aos *ilia*⁹⁰. A forma verbal utilizada, *innectit* (4.1.13), indica uma situação de conexão significativa e não apenas de proximidade ou de contiguidade (*OLD*, s. u). O os *coxarum* protege o útero, a bexiga e os intestinos e o os *pubis* é mais recurvado para fora nas mulheres *ne partum prohibeat* (8.1.23).

Ainda que pareça demonstrar um maior conhecimento anatómico do aparelho reprodutor feminino do que o que se revela nos autores dos tratados hipocráticos, mostrando-se, assim, mais próximo dos autores alexandrinos, Celso não refere nenhuma das descobertas de Herófilo. Apesar disso, a acurácia da sua descrição da posição e da forma do útero provam, de acordo com VON STADEN (1991: 276-277), que o conhecimento de Celso é mais completo do que o dos autores hipocráticos ou do que o de Aristóteles.

A descrição da remoção de um feto morto *in utero* constitui um dos textos mais conhecidos de Celso e a descrição metódica e precisa que faz da cirurgia demonstram, por um lado, o nível dos conhecimentos do autor, e, por outro, a frequência provável deste tipo de intervenção, cuja descrição inicia com a afirmação:

siue inflammatio uuluae est, (...) siue uitio locorum aliqua prolabitur et ommutescit...). Cf. a opinião contrária de GOUREVITCH (1984: 114), que cita 4.27 como prova de que «[à] l'époque de l'Empire romain, (...) les tenants des migrations de l'utérus sont encore formels.» Note-se, porém, que Celso nunca refere a origem específica deste tipo de patologias, diz apenas que são causados pelo útero.

⁹⁰ *Volua autem in uirginibus quidem admodum exigua est; in mulieribus uero, nisi ubi grauidae sunt, non multo maior, quam ut manu comprehendatur. Ea, recta tenuataque ceruice, quem canalem uocant, contra mediam aluum orsa, inde paulum ad dexteriolem coxam conuertitur; deinde super rectum intestinum progressa, iliis feminae latera sua innectit. Ipsa autem ilia inter coxas et pubem imo uentre posita sunt.* (4.1.12-13).

Ante omnia uuluae natura mirabilis cum in multis aliis tum in hac <re> quoque facile cognoscitur (7.29.1).

Consta já do *Corpus Hippocraticum* um tratado *De exsectione foetus*, mas a descrição de Celso ultrapassa em muito a concisão desta obra.

Para designar o útero, Celso utiliza de forma consistente a palavra *uulua*, que Plínio afirma ser designação específica do útero dos animais e, neste aspecto, distinta de *uterus*, a designação apropriada para o útero humano (*Nat.* 11. 209)⁹¹, que Celso utiliza também, mas com menos frequência. Quando, no livro 6, se debruça sobre os órgãos sexuais, e depois de deplorar a inexistência, na língua latina, de um vocabulário científico para designar os *pudenda*, que não seja constituído apenas por *foediora uerba* (6.18.1), é pelas doenças dos órgãos masculinos que começa (6.18.2-6). Só depois de se deter ainda sobre as patologias anais (6.18.7-9) avança para o sistema reprodutor feminino, de que explora apenas o *prolapsus uteri* (6.18.10) e uma úlcera semelhante a um fungo que pode surgir também no útero (6.18.11). Esta escassez de informações parece atestar uma falta de interesse pelas patologias femininas, o que vai ao encontro da valorização do masculino como norma para a humanidade.

As condições associadas à capacidade reprodutiva constituem o principal ponto de interesse de Celso no que diz respeito à mulher. As patologias uterinas e dos órgãos reprodutores, o perigo de aborto espontâneo ou a incapacidade de conceber, as complicações da gravidez e do puerpério e a retenção no útero da placenta ou de um feto morto formam os fundamentos da “ginecologia” celsiana⁹². A gravidez parece ser uma forma de manter a mulher

⁹¹ Ainda que ele próprio não se mantenha fiel a esta distinção. Cf. ADAMS (1982: 102): «Celsus thus restricts *uterus* to certain idiomatic and special senses, and brings *uulua* into service as the regular anatomical term.»

⁹² 2.1.14, 2.7.16, 2.8.30; 2.8.41; 2.10.2 (risco de aborto ou de nascimento de nados-mortos ou de *imbecilli*), 2.6.8 (mulher grávida vítima de doença grave normalmente não sobrevive); 2.8.13 (mulher grávida vítima de disenteria); 2.7.8, 2.8.35, 3.6.4 (complicações no puerpério); 2.8.16, 5.25.14 (parto difícil); 5.25.13 (retenção da placenta); 5.21.5, 5.25.13 (feto morto *in utero*) e 7.29

saudável e, por esta razão, uma mulher grávida pode ser comparada a um *firmus puer* ou a um *robustus senex*, mas, ainda assim, não é equivalente a um *uir* de boa saúde⁹³.

Nem em Celso, nem em Plínio, a mulher e as suas especificidades físicas são, como dissemos, o objecto primordial de estudo, mas na *História Natural*, o facto de as informações sobre a mulher serem apenas um vector no meio de tantos outros, cria a impressão de que ela é mais um elemento no mundo, o que demonstra a grandeza do universo, que é, no fundo, o assunto principal da enciclopédia pliniana⁹⁴. A identidade de Plínio condiciona, de facto, a sua obra. Não é um profissional de saúde, nem tem a intenção de apresentar um sistema fisiológico coerente. O seu objectivo é transmitir conhecimentos úteis aos Romanos⁹⁵, e, no âmbito da medicina, recorre sistematicamente a fontes gregas, ainda que, como dissemos, se afirme contra a medicina grega e considere como modelo António Castor, que, já de idade muito avançada (segundo o próprio Plínio, com cem anos) deambulava ainda pelo seu herbário onde cultivava plantas medicinais⁹⁶. NUTTON (2004: 166) considera que esta transmissão de conhecimentos gregos aos Romanos tem como finalidade primordial a

(embriotomia); 6.18.10 (prolapso do útero); 2.7.10 (*ulcus in uulua*); 4.27.1a (doença no útero que causa crises semelhantes à epilepsia); 4.27.1c (*durities [uuluae]*); 5.21.2 (medicamento *ad uuluum molliendam*) ; 4.27.1d (*si [uulua] parum pura est*); 4.27.1d (*si uero uulua exulcerata est*); 4.27.1d, 5.25.5 (*uulua dolens*); 5.21.4, 5.25.3a, 5.25.4b (*inflammationes uuluae*); 5.26.3a, 5.26.13, 5.28.12b (*cum uulua percussa est*).

⁹³ *At firmus puer et robustus senex et grauida mulier ualens tuto curatur.* (2.10.3).

⁹⁴ Cf. FLEMMING (2000: 148).

⁹⁵ Afirma RICHLIN (1997: 200): «The medical writers write as outsiders, or from above, as professionals; Pliny writes from inside.»

⁹⁶ *Nat.* 25.9-10; 26.51, etc.

moralização da medicina grega que, deste modo, passa a beneficiar da superioridade ética romana⁹⁷.

A representação do corpo feminino faz-se, como em Celso, de forma a salientar a sua intervenção na procriação, mas Plínio vai mais longe. Dedicar o livro 7 à exploração de algumas particularidades da reprodução humana. Desde o início, Plínio acentua a fragilidade do recém-nascido: o Homem é o único ser que a natureza não dotou de uma protecção e que colocou *nudum in nuda humo* (Nat. 7.1.2)⁹⁸. O recém-nascido frágil e indefeso é, assim, uma imagem a que Plínio recorre para demonstrar a precariedade da existência humana. Sem recursos inatos, ao contrário dos outros animais que nascem, uns com aptidão para correr com velocidade, outros para voar ou nadar, ao Homem só é dada a capacidade para chorar: *breuiterque non aliud naturae sponte quam flere!* (Nat. 7.4).

A explanação genésica de Plínio começa com as anormalidades – os povos com características peculiares (Nat. 7.9-32), os nascimentos múltiplos (Nat. 7.33) e os hermafroditas (Nat. 7.34-36) –, e vai acentuando sempre a especificidade da raça humana em relação aos animais, que analisa também no livro 11. Deste modo, a mulher não desempenha, nesta descrição, um papel particularmente importante, antes se assume como mais um elemento característico da instabilidade e da diversidade da natureza humana.

No livro 11, Plínio descreve, um a um, os órgãos que constituem o Homem e os animais. Sobre o útero diz:

Feminis eadem omnia praeterque uesticae iunctus utriculus, unde dictus uterus. quod alio nomine locos appellant, hoc in reliquis animalibus uoluam. haec uiperarum et intra se parientibus duplex, oua generantium adnexa praecordiis, et in muliere geminos sinus ab utraque parte laterum habet, funebris quotiens uersa spiritum inclusit. (Nat. 11.209)

⁹⁷ Afirma NUTTON (2004: 166): «(...) by taking this information out of the exclusive hands of Greek practitioners he is removing its dangers by allowing it to be used by Romans whose moral viewpoint will ensure its proper and effective use. Roman possession of Greek knowledge thus produces a better type of medicine.»

⁹⁸ Este é um tópico literário explorado também por Lucrecio (5.222-227).

O útero humano, enumerado a par do dos outros animais, perde o protagonismo. É apenas mais um órgão entre os múltiplos que constituem tanto o ser humano como o animal. A fisiologia é acompanhada de uma explicação etimológica que relaciona a palavra *uterus* com *utriculus* (pequeno odre⁹⁹) e da indicação de que outra designação para o mesmo órgão é o pouco específico *loci*. Quanto à palavra *uulua*, Plínio afirma tratar-se da designação apropriada para o útero dos animais e não para o da mulher. Em várias ocasiões, porém, o autor refere-se claramente ao útero humano com a palavra *uulua* e não com *uterus*, o que, aliás, vai ao encontro da utilização da palavra por Celso¹⁰⁰.

Plínio afirma ainda que o útero, dividido em dois *gemi sinus*, dá origem a uma patologia fatal quando roda sobre si próprio e impede a respiração¹⁰¹. Parece manter, assim, a associação hipocrática da *strangulatio* feminina ao útero¹⁰², sem, no entanto, desenvolver de forma congruente um qualquer sistema de análise anatómica do corpo feminino, já que, logo de seguida, divaga sobre o valor gastronómico da *uulua* de alguns animais.

As referências à *strangulatio* ou ao *strangulatus uuluae*, que associa com frequência mais que casual a anomalias respiratórias (*Nat.* 7.127.8; 28.71.1), parecem remontar à teoria hipocrática do útero volante. Esta patologia, ainda que não tenha em Plínio uma explicação etiológica de relevo, aparece, todavia, muitas vezes relacionada com apresentações anormais da matriz, como a

⁹⁹ *Vtriculus* pode ser o diminutivo de *uter* (odre) ou de *uterus*, e, neste caso, significa, de acordo com o OLD. (*s. u.*), um pequeno saco dentro do corpo e é nesta acepção que cita o passo de Plínio.

¹⁰⁰ Cf., por exemplo, *Nat.* 23.152.3; 28.50.4; 29.32.3, etc.

¹⁰¹ *in muliere geminos sinus ab utraque parte laterum habet, funebris quotiens uersa spiritum inclusit.* (*Nat.* 11.209.5). A ideia é obviamente de génese aristotélica, cf. *supra*.

¹⁰² *strangulationes uuluae potum in uino aperit tribus drachmis in tribus cyathis uini.* (*Nat.* 20.162); *item contra uoluarum strangulationes addito nitro* (*Nat.* 21.149); *uoluarum strangulationes olfactu discutit cum uino et castoreo.* (*Nat.* 35.182).

conuersio uuluae, e é tratada também com recurso a aromas que são dados a cheirar à paciente¹⁰³. Não se trata, todavia, de uma relação sistemática, como a que é apresentada nos tratados ginecológicos do *Corpus Hippocraticum*, nem se referem as deslocções do útero para junto de outros órgãos. As substâncias aromáticas com que a paciente é tratada parecem ter como função acordá-la de um estado de inconsciência e não a de atrair ou repelir o útero. Em *Nat.* 32.130.4, quando descreve as propriedades medicinais dos animais marinhos, Plínio refere a gordura da foca, instilada no nariz das *intermortuae uoluae uitio*. Ainda que não especifique a natureza desta patologia, a utilização do adjetivo *intermortuus* para designar o que será provavelmente o seu sintoma mais evidente parece relacioná-la com estados de inconsciência também referidos relativamente à *hysterike pnix* dos hipocráticos.

A *strangulatio uuluae* é uma patologia que se apresenta de forma lacónica, sem justificações de maior e, às vezes, parece confundir-se com a *conuersio*, uma vez que ambas as condições têm como sintoma ou como um dos sintomas a falta de ar¹⁰⁴. Em *Nat.* 7.175.8, quando divaga sobre as mortes aparentes, Plínio afirma:

*feminarum sexus huic malo uidetur maxime opportunus conuersione uoluae, quae si corrigatur, spiritus restituitur.*¹⁰⁵

Note-se que, no entanto, todos os exemplos concretos que Plínio expõe são de homens que, dados como mortos, regressam à vida, e não de mulheres, o que parece demonstrar que o que Plínio descreve é algo que não pôde comprovar e

¹⁰³ *Nat.* 20.197.7: *datur olfactandum ex aceto in strangulatu uuluae*; *Nat.* 20.238.1: *comitali morbo aut uuluarum conuersione suffocatas excitat odore aceto mixto*; *Nat.* 24.21.8: *odore comitalibus subuenit et uulua strangulante*; *Nat.* 35.182.2: *uoluarum strangulationes olfactu discutit cum uino et castoreo*.

¹⁰⁴ Cf. *Nat.* 11.209.5: *funeris quotiens uersa spiritum inclusit*; *Nat.* 20.238.1: *uuluarum conuersione suffocatas*.

¹⁰⁵ *h<u>c pertinet nobile illud apud Graecos uolumen Heraclidis septem diebus feminae exanimis ad uitam reuocatae*. O livro a que Plínio se refere é o *Περὶ τῆς ἄπνοου* de Heraclides do Ponto, identificado por Diógenes Laércio (*prooem.* 12).

que se limita a compilar de fontes escritas. Para a solução destas patologias, Plínio propõe a *correctio uuluae*¹⁰⁶. De acordo com GOUREVITCH (1998), a pervivência das referências à doença em textos da época imperial está marcada pela incerteza e pela falta de uniformidade, tanto a nível dos sintomas como, especialmente, a nível da forma como se designa a doença, ora associada ao movimento do útero, ora em textos em que se afirma a sua imobilidade. Plínio é também exemplo destas hesitações, uma vez que, apesar de referir de forma clara esta patologia, não deixa claro que ela seja causada pela deslocação do útero.

As patologias do corpo da mulher surgem principalmente nos livros que o enciclopedista dedica à farmacopeia. No livro 26, em que aborda as propriedades das plantas medicinais, organizando-as por tipos de doença, dedica a última parte às *muliebres morbi* (Nat. 26.151-163). Nestes parágrafos, de forma muito abreviada, Plínio vai expondo para que maleitas determinada planta é útil, dando apenas algumas informações, muito vagas, sobre o seu modo de aplicação e a quantidade necessária. Utiliza o mesmo processo no livro 28, quando apresenta as utilizações medicinais de produtos oriundos dos animais (Nat. 28.246-256). Indica substâncias para provocar os *menses* ou para parar a hipermenorreia, para expulsar a placenta ou um feto morto, para curar patologias do útero, etc¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Nat. 20.30; 20.157; 24.28; 26.152; 26.157; 28.251 (*uuluas corrigere*); 20.136 (*uuluas aperit corrigitque conuersas*); 20.154; 24.22 (*uuluas conuersas corrigit*).

¹⁰⁷ *Emenagogos* (*menses ciere, pellere* ou *euocare*; *mulierum purgationes adiuuat*): Nat. 26.151, 26.153 (duas referências), 26.154 (duas referências), 26.156 (duas referências), 26.157 (duas referências), 26.158 (duas referências), 26.159, 26.160, 28.246, 28.250; contra a hipermenorreia: 26.151 (*menses nimios sistere*), 26.155 (*profluuia inhibere*) 26.157, 26.160 (*nimia profluuia sistere*), Nat. 28.251 (*profluuia sanguinis sedare*), 28.253 (*profluuium minuere*), 28.255 (*profluuium quamuis inmensum sistere*); contra a dismenorreia: 26.155 (*mensum difficultas*), 28.256 (*in profluuiio sanguinis*); para expulsar a placenta (*secundas morantes*; *secundas pellere, trahere* ou *ciere*): Nat. 26.152, 26.154, 26.156, 26.157, 26.158, 26.159, 26.160, 28.248, 28.256; para expulsar um feto morto ou em posição

Temos em Plínio também uma outra forma de encarar o corpo da mulher: como origem de substâncias medicinais. As informações sobre a sua utilização são numerosas. A saliva¹⁰⁸, o sangue menstrual, o leite materno, o cabelo, etc., são matéria-prima de tratamentos e de medicamentos e, por esta razão, o seu poder é reconhecido e respeitado, mas também temido. As palavras de Plínio sobre o sangue menstrual e as suas propriedades mostram esta mistura de respeito e de medo. As duas secções da sua obra que dedica a este assunto enumeram a natureza nefasta dos *menses* (Nat. 7.64; 28.77ss.), que distinguem as mulheres dos outros animais¹⁰⁹.

A escolha vocabular mostra bem a atitude de Plínio em relação a este processo, que caracteriza como *monstrificum* (Nat. 7.64; 28.77), *tale uirus* (Nat. 7.65), *hoc tale tamtumque... malum* (Nat. 7.66, 28.82) ou *haec uiolentia* (Nat. 28.79). Nos dois textos são facilmente discerníveis conotações semânticas marcadamente religiosas. Quando, no livro 28, começa a descrever a utilização medicinal das substâncias provenientes do corpo da mulher, escreve:

transversal (*abortus* ou *partus emortuos* ou *enectos extrahere* ou *eiicere* ou *emortuos uel transuersos ciere*): Nat. 26.152, 26.153, 26.154, 26.153, 26.156, 26.157, 26.159, 26.160, 28.248, 28.252; remédios que curam o útero: 26.151 (*contra omnia uoluarum uitia*); 26.156 (*uoluam sanat*), 26.159 (*ad eadem omnia prodest*), 28.246 (*uolua laborantes*), 28.246 (*uoluae prodest*), 28.248 (*uoluas adiuvat*), 28.253 (*in totum uoluae prodest*), 28.254 (*ad uoluas*), 28.255, 28.256 (*suffiri uoluam utilissimum/utile putant*); para purgar o útero: 26.152, 26.156, 26.158, 26.159; para pôr o útero na posição certa (*uoluas corrigit*): 26.152, 26.157, 28.251; contra as dores do útero: 26.153, 26.155, 26.157, 28.247; (*in strangulatu* ou *strangulationibus succurrit; suffocationes laxat*): 26. 153, 26.155, 26.156, 26.158, 26.160; no puerpério: 26. 151 (*quae a partu fiunt*); no cuidado dos seios: 26.152, 26.163; contra o prolapso do útero: 26.154, 28.252, 28.253; leucorreia: 26.156 (*menses albi*); *exulceratio uoluae*: 26.157, 28.250, 28.254; para as *inflationes uoluarum*: 26.158, 28.249; para as *epiphorae uteri*: 26.161; contra as *durities uoluae*: 28.247, 28.250., 28.252, 28.253, 28.255.

¹⁰⁸ Pérsio parece referir-se ao costume de humedecer a fronte do recém-nascido com saliva como forma de protecção: *ecce auia aut metuens diuum matertera cunis / exemit puerum frontemque atque uda labella / infami digito et lustralibus ante saliuus / expiat, urentis oculos inhibere perita*. (Pers. 2.31-34).

¹⁰⁹ *Solum autem animal menstruale mulier est*. (Nat. 7.68).

Quae ex mulierum corporibus traduntur, ad portentorum miracula accedunt, ut sileamus diuis<a> membratim scelera abortus, mensum piacula quaeque alia non obstetrices modo, uerum etiam ipsae meretrices prodidere. (Nat. 28.70.1)

E termina a enumeração com a afirmação:

Haec sunt quae retulisse fas sit, ac pleraque ex <i>is non nisi honore dicto, reliqua intestabilia, infanda (...) (Nat. 28.87.1)

Plínio manifesta a sua hesitação relativamente à exposição da matéria, deixando claro que a selecciona com base em escrúpulos de ordem moral e que se sente pouco à vontade com algumas utilizações destas substâncias, nomeadamente na prática do aborto. Trata-se, assim, de um assunto delicado, que exige o escrutínio atento do autor, e que parece demonstrar que Plínio omite muitas informações que não considera apropriadas.

Os *menses* podem ser benéficos. A simples presença de uma mulher menstruada afasta tempestades e tornados (Nat. 28.77) e o sangue menstrual cura doenças como a epilepsia, a raiva ou as febres (Nat. 28.82-86), além de ser também benéfico no combate a pragas agrícolas como larvas, vermes e insectos (Nat. 28.78¹¹⁰).

Mas são as propriedades nocivas que Plínio mais realça: manter relações sexuais com uma mulher menstruada, durante um eclipse do sol ou da lua, pode ser fatal para o homem (Nat. 28.77-78¹¹¹); se a mulher se sentar sob uma árvore, os frutos caem no solo (Nat. 7.64) e, se tocar num cortiço de abelhas, este morre e elas nunca mais regressam (Nat. 7.64, 28.79); os cães que provarem sangue menstrual, contraem raiva e infectam as pessoas a quem atacam com um veneno insanável (Nat. 7.64); as éguas abortam só por serem tocadas por uma mulher menstruada ou apenas se a virem ao longe, no caso de ser a

¹¹⁰ Cf. também Nat. 17.266-267: *priuatum autem contra urucas ambiri arbores singulas a muliere incitati mensis, nudis pedibus, recincta.*

¹¹¹ *si in defectus lunae solisue congruat <u>is illa, inremediabilem fieri, non segnius et in silente luna, coitusque tum maribus exitiales esse atque pestiferos.*

primeira menstruação ou a primeira depois da perda da virgindade (*Nat.* 28.79); o fluxo azeda o mosto, abrasa os rebentos (*Nat.* 7.64), obscurece o brilho dos espelhos (*Nat.* 7.64, 28.82), embota e enferruja o ferro e o bronze (*Nat.* 7.64). E, como o próprio Plínio afirma, *ne ipsis quidem feminis malo suo inter se immunibus*, pois provoca o aborto se aplicado numa mulher grávida ou se esta, caminhando, passar por cima dele (*Nat.* 28.80¹¹²).

O leite materno tem, no entanto, conotações mais benignas. Indicado como ingrediente de receitas várias em Celso (5.21.1b; 6.6.8b; 6.14.4; 6.7.1e), tem também em Plínio utilizações sempre benéficas. Em *Nat.* 28.123, chega mesmo a afirmar que se trata de um dos remédios mais úteis¹¹³. Também os cabelos (*Nat.* 28.70-71) e a saliva (*Nat.* 28.76¹¹⁴) têm utilizações medicinais e mesmo a *fascia mulieris alligato capite* alivia as dores de cabeça (*Nat.* 28.76).

Muitas destas indicações têm conotações agrícolas e parecem derivar de um nível de medicina popular, com uma finalidade estritamente pragmática, e que demonstra uma ambivalência notória em relação ao corpo feminino, que ora se apresenta como repositório de matérias benéficas, ora como uma entidade poderosa, mas nociva e aterradora¹¹⁵. A atitude de Plínio relativamente ao assunto que aborda é, como vimos, sempre de desconfiança e cautela. Sendo bem mais explícito do que Celso, Plínio não se limita a afirmar a sua relutância na exposição das utilizações medicinais do corpo da mulher, insinuando que, por pudor e por escrúpulos morais, diz bem menos do que o que sabe, mas

¹¹² *ne ipsis quidem feminis malo suo inter se immunibus: abortus facit inlitu aut si omnino praegnas supergradiatur.*

¹¹³ *utilissimum cuique maternum [lac].*

¹¹⁴ Cf., a propósito da utilização medicinal da saliva da mulher, a informação de Suetónio, que afirma que o pai de Vitélio bebia a saliva misturada com mel de uma liberta por quem se apaixonara como remédio para a garganta (*Vit.* 2.4): *uir innocens et industrius, sed amore libertinae perinfamis, cuius etiam salivis melle commixtis, ne clam quidem aut raro sed cotidie ac palam, arterias et fauces pro remedio fouebat.*

¹¹⁵ RICHLIN (1997: 205).

substancia uma construção da mulher como um ser diferente, cujo corpo pode ser benévolo, mas que pode ser também veículo de acontecimentos aterradores. Esta atitude está completamente ausente da obra de Sorano. Por se tratar de uma obra sobre ginecologia, os *Gynaikeia* são muito mais objectivos e profícuos sobre as particularidades do corpo feminino do que a obra de Plínio ou a de Celso. O seu carácter pragmático e os seus propósitos assumidamente pedagógicos condicionam a forma como se apresenta a natureza feminina e as suas patologias. A descrição do tamanho, forma, posição e constituição do útero ultrapassa em pormenor e acurácia todas as que referimos anteriormente. Sorano beneficia das descobertas de Herófilo, de cuja obra, aliás, constitui uma das principais testemunhas. Por este motivo, de entre os autores que analisámos, Sorano é o único que identifica e descreve os ovários, que diz estarem ligados ao exterior do útero, um de cada lado, e que, à semelhança de Herófilo, designa como *δίδυμοι* (“gémeos”) (*Gyn.* 1.11). Sorano afirma tê-los ele próprio observado numa cirurgia a uma paciente com uma hérnia intestinal. Ainda assim, e também como o seu antecessor, considera que os ovários estão ligados à bexiga e não compreendeu o seu papel na concepção¹¹⁶.

Herdeiro de um longo processo de evolução da ginecologia, Sorano tem consciência do passado e as informações que veicula de autores anteriores, posicionando-se contra ou a favor delas, mostram a sua formação singular, tanto a nível prático como, especialmente, teórico. Não se limita a reproduzir debates, mas aduz argumentos da sua autoria, fazendo a sua própria síntese das opiniões dos seus antecessores. É o que acontece, por exemplo, quando aborda a questão polémica de a mulher ter ou não condições diferentes do homem. Afastando-se por completo do antigo debate sobre se a mulher é mais quente ou mais fria, mais húmida ou mais seca que o homem, Sorano constrói a

¹¹⁶ Cf. *infra*, pp. 60ss.

discussão sobre argumentos em parte originários da escola metódica¹¹⁷, de que era seguidor, em parte sobre a sua própria reflexão. A sua ligação com o Método, que, no seguimento de Herófilo, professava que o corpo da mulher estava sujeito aos mesmos princípios que o do homem, não o impediu de, todavia, definir que é porque tem condições que lhe são particulares e que são naturais – como a gravidez, o parto ou o aleitamento – e é em relação a estas, que a mulher precisa de cuidados distintos do homem, mas apenas nestas condições. Em todas as outras que não são naturais, homem e mulher são semelhantes: sofrem por constrição ou fluxo, têm doenças agudas ou crónicas e estão sujeitos às mesmas patologias¹¹⁸.

Ao contrário dos autores que analisámos e que, sistematicamente, associam a saúde da mulher à sua capacidade reprodutiva, Sorano entende que uma não depende da outra. Assim, os *menses*, indicadores regulares de que a mulher está de boa saúde e, conseqüentemente, preparada para conceber, são, para Sorano, prejudiciais à saúde de todas as mulheres, uma vez que mulheres de aspecto masculino e mulheres estéreis são, com frequência, mais robustas. Citando a opinião de autores diversos, que aceita ou refuta, Sorano vai construindo o seu discurso de modo a chegar à conclusão de que a menstruação é um processo que tem apenas como finalidade permitir a gravidez e não está relacionada com o bem-estar físico da mulher. Por esta razão, a saúde das jovens não depende de serem menstruadas ou não (*Gyn.* 1.29). Quando atingem

¹¹⁷ Os seguidores desta escola afirmavam, pelo menos desde Témisson de Laodiceia, seguir um sistema terapêutico único, um *methodos*, para atingir a cura dos pacientes, considerando mais importantes as características comuns a várias doenças, que lhes permitiam identificar três categorias (*status laxus*, *status strictus* e *status mixus*), do que as causas desconhecidas daquelas. Cf. TEMKIN (1991^r: xxxii), NUTTON (2004: 187-201).

¹¹⁸ <ἡμεῖς> μέντοι κατὰ φύσιν ἴδια πάθη λέγομεν γυναικῶν (οἷον τὸ συλλαμβάνειν καὶ ἀποτίκτειν καὶ γαλακτοουργεῖν, εἰ ταῦτα βούλεται τις τὰ ἔργα πάθη προσαγορεύειν) (...) ὅσον δὲ ἐπὶ τοῖς κατὰ μέρος καὶ εἰδικὴν ἔχουσι τὴν παραλλαγὴν, ἰδίους κέχρηται πάθεσι, τοῦτ' ἔστιν συμπτωμάτων χαρακτηῖσι διαφόροις. (*Gyn.* 3.5).

a puberdade, ganham apenas a capacidade de gerar filhos e não ficam, necessariamente, mais saudáveis. Também no que diz respeito à *hysterike pnix*, Sorano mostra a objectividade do seu raciocínio, demarcando-se da associação entre esta patologia e as supostas deslocações do útero e do seu tratamento com substâncias de odor repugnante (*Gyn.* 3.26-29). Chega mesmo a negar que o útero tenha, como um animal, a capacidade de olfacto¹¹⁹ e desenvolve o seu pensamento, refutando, uma a uma, as terapêuticas propostas pelos seus predecessores.

Do mesmo modo, em oposição ao valor terapêutico da actividade sexual proposto, por exemplo, no *Corpus Hippocraticum*, Sorano defende a abstenção sexual, que acha benéfica para ambos os sexos (*Gyn.* 1.30). PINAULT (1992) analisa a defesa da abstinência de Sorano e conclui que não passa de um excursus teórico na estrutura da obra, já que, logo depois, aborda tópicos como a concepção, a gravidez, etc. É certo que os processos relacionados com a maternidade têm em Sorano um lugar preponderante. Não deixa, todavia, de ser relevante e, aliás, consistente com a sua opinião sobre os processos que permitem à mulher tornar-se mãe. Para Sorano, a maternidade é apenas uma imposição da natureza que tem como finalidade a propagação da espécie e que está longe de ser um estado de saúde e bem-estar.

Concepção: o papel da mãe

Apesar da identificação dos ovários e das trompas de Falópio por Herófilo, num período curto em que a anatomia helenística alcançou algum

¹¹⁹ οὐ γὰρ ὡς θηρίον ἐκ φωλεῶν ἢ μήτρα προέρπει, τερπομένη μὲν τοῖς εὐώδεσι, φεύγουσα δὲ <τὰ> δυσώδη. (*Gyn.* 3.29).

desenvolvimento, o sistema reprodutivo era mal compreendido¹²⁰ e questões como a intervenção da mãe na gênese do filho ou a hereditariedade mantiveram-se polêmicas durante séculos¹²¹.

A especulação sobre o processo de concepção, que se situa muitas vezes no âmbito da filosofia e acompanha formulações de ordem cosmogónica, remonta, de acordo com BLAYNEY (1986), ao início do século VI a. C. e ao pensamento pré-socrático sobre o papel da mãe e do pai na concepção, sobre a determinação do sexo da criança e a transmissão de características hereditárias. Estes assuntos continuaram a ser desenvolvidos por autores posteriores, como Aristóteles, que constituiu durante muito tempo a autoridade mais influente sobre esta matéria, Lucrecio ou Varrão, que nos interessam particularmente por nos oferecerem uma perspectiva romana sobre o tema, ou Galeno, que omitiremos por ultrapassar as barreiras cronológicas da nossa pesquisa¹²².

Os tratados do *Corpus Hippocraticum* que mais pormenorizadamente tratam deste assunto, dos quais se destacam o *De semine* e o *De natura pueri*, são claros na exposição da teoria da contribuição similar de homem e mulher. Tanto a mãe como o pai têm funções geradoras e a concepção resulta da mistura das

¹²⁰ Cf. *supra* n. 64, p. 41.

¹²¹ Censorino, já no século III d. C., resume do seguinte modo as opiniões sobre o assunto: *Illud quoque ambiguum facit inter auctores opinionem, utrumne ex patris tantum modo semine partus nascatur, ut Diogenes et Hippon stoicique scripserunt, an etiam ex matris, quod Anaxagorae et Alcmaeoni nec non Parmenidi Empedoclique et Epicuro visum est.* (Cens. Nat. 5).

¹²² Galeno põe em paralelo o sistema reprodutor feminino com o masculino: os órgãos de ambos são idênticos, mas são exteriores no homem e interiores na mulher. Apesar, porém, de postular que a concepção resulta da contribuição de ambos os pais, defende que a semente feminina é menos perfeita que a masculina, uma vez que é mais fria e mais frágil e tem uma função primordialmente nutritiva. Neste aspecto, Galeno aproxima-se de Aristóteles. Cf. *UP* 14.11; *Sem.* 1.7, 2.2, BLAYNEY (1986: 233-236) e ACCATTINO (1994: 1857-1862).

duas sementes¹²³. O livro X da *História dos Animais*, tradicionalmente atribuído a Aristóteles mas de autoria duvidosa, defende também a existência de um esperma feminino, emitido durante o acto sexual e com capacidade geradora¹²⁴. O autor do *De semine* defende a contribuição de ambos os progenitores para a geração do embrião, mas em quantidades diferentes, o que determina as suas semelhanças físicas, isto é, a criança demonstrará mais afinidades com o progenitor de que recebeu maior quantidade de semente. O autor desenvolve também a teoria da pangénese, segundo a qual a semente é segregada por todas as partes do corpo, teoria que se atribui ao pensamento dos pré-socráticos, nomeadamente a Demócrito¹²⁵.

A tese de Aristóteles foi importante na configuração das teorias antigas sobre a concepção, especialmente porque se distancia das ideias hipocráticas. É a semente paterna que detém o princípio activo e providencia forma e movimento. A mãe faculta, com o sangue menstrual, já que não tem semente geradora, a matéria indiferenciada do corpo¹²⁶. Já o *Corpus Hippocraticum* atribui

¹²³ Cf., a título de exemplo: ἡ γονὴ ἀπ' ἀμφοτέρων (*Genit.* 5.1), μίσγεται ὁμοῦ τό τε ἀπὸ τοῦ ἀνδρὸς ἐλθὼν καὶ τὸ ἀπὸ τῆς γυναικός· (*Genit.* 5.5), ἡ γονὴ μείνη ἀπ' ἀμφοῖν (*Nat. Puer.* 12.1).

¹²⁴ Ὡστε φανερόν ὅτι παρ' ἀμφοῖν γίνεται πρόεσις τοῦ σπέρματος, εἰ μέλλει γόνιμον ἔσεσθαι. (HA 637b30)

¹²⁵ Τὴν δὲ γονὴν φημι ἀποκρίνεσθαι ἀπὸ παντὸς τοῦ σώματος, καὶ ἀπὸ τῶν στερεῶν καὶ ἀπὸ τῶν μαλθακῶν, καὶ ἀπὸ τοῦ ὑγροῦ παντὸς τοῦ ἐν τῷ σώματι. (*Genit.* 3.1); Μεθίει δὲ καὶ ἡ γυνὴ ἀπὸ τοῦ σώματος (*Genit.* 4.1); cf. Dem. Frg. 124 (*apud* Ps. Galen. *defin. med.* 439 [XIX 449 K.]): ἐκκρίνεται τὸ σπέρμα ὥσπερ Πλάτων φησὶ καὶ Διοκλῆς ἀπὸ ἐγκεφάλου καὶ νωτιαίου· Πραξαγόρας δὲ καὶ Δ. ἔτι τε Ἱπποκράτης ἐξ ὅλου τοῦ σώματος (...).

¹²⁶ Aristóteles refere-se ao facto de alguns autores considerarem que a mulher produz secreções espermáticas apenas com o fim de os refutar (GA 727b33-35): Ὁ δ' οἶονταί τινες σπέρμα συμβάλλεσθαι ἐν τῇ συνουσίᾳ τὸ θῆλυ διὰ τὸ γίγνεσθαι παραπλησίαν τε χαρὰν ἐνίοτε αὐταῖς τῇ τῶν ἀρρένων καὶ ἅμα ὑγρὰν ἀπόκρισιν, οὐκ ἔστιν ἡ ὑγρασία αὕτη σπερματικὴ ἀλλὰ τοῦ τόπου ἴδιος ἐκάσταις. Cf. ainda: ὅτι μὲν οὖν τὸ θῆλυ εἰς τὴν γένεσιν γονὴν μὲν οὐ συμβάλλεται, συμβάλλεται δέ τι καὶ τοῦτ' ἔστιν ἡ τῶν καταμηνίων σύστασις (GA 729a20). εἰς

uma função genésica aos *menses*, que alimentam o embrião e lhe conferem a substância de que se forma¹²⁷. Para Aristóteles, porém, a mulher é um ser imperfeito, porque, ao contrário do homem, lhe falta a capacidade de transformar o sangue menstrual em semente geradora:

τὸ γὰρ θῆλυ ὥσπερ ἄρρεν ἐστὶ πεπηρωμένον καὶ τὰ καταμήνια σπέρμα, οὐ καθαρὸν δέ· ἐν γὰρ οὐκ ἔχει μόνον τὴν τῆς ψυχῆς ἀρχήν. (GA 737a25).

A mulher é, assim, um homem estéril, uma vez que, devido ao seu temperamento frio, é incapaz de gerar sémen¹²⁸ e se limita a fornecer a matéria tosca e indiferenciada a que o elemento masculino dará vida.

Lucrécio, como Epicuro¹²⁹ e o autor do *De natura pueri*, defende a teoria da *pangeneses* e a participação de pai e mãe na concepção da criança: as sementes feminina e masculina contribuem para a formação do novo ser porque são constituídas por pequenas partículas de todas as partes do corpo dos progenitores. De acordo com Lucrécio, se prevalece a semente masculina, a criança gerada mostrará mais semelhanças com o pai, em caso contrário com a mãe. Pode acontecer que nenhuma prevaleça sobre a outra, o que terá como consequência que a criança apresentará semelhanças com ambos os pais¹³⁰.

τὴν τοῦ ἄρρενος γονὴν τὸ θῆλυ ἂν συμβάλλοιτο οὐ γονὴν ἀλλ' ὕλην. ὅπερ καὶ φαίνεται συμβαῖνον· κατὰ γὰρ τὴν πρώτην ὕλην ἐστὶν ἡ τῶν καταμηνίων φύσις. (GA 729a30).

¹²⁷ Ὅτι δὲ ἡ γονὴ ἐν ὕμένι ἐστὶ(...) καὶ αὖξεται ὑπὸ τῆς μητρὸς τοῦ αἵματος κατιόντος ἐπὶ τὰς μήτρας· (...) (Nat. Puer. 14.1); Ἡ δὲ γυνὴ ὀκόταν ἐν γαστρὶ ἔχη, ὑπὸ τῶν καταμηνίων μὴ χωρέοντων διὰ τόδε οὐ πονέεται ὅτι τὸ αἶμα οὐ ταρασσεται, βύζην ἀπὸν κατὰ μῆνα ἔκαστον· ἀλλὰ χωρέει ἡσυχῇ κατ' ὀλίγον ἄνευ πόνου καθ' ἡμέρην ἐς τὰς μήτρας· καὶ τὸ ἔνδον ἐν τῇσι μήτρησιν ἐνεὸν αὖξεται. (Nat. Puer. 15.1ss.).

¹²⁸ Para Aristóteles, o fluxo menstrual é uma espécie de sémen imperfeito, um nível intermédio entre o sangue normal e o sémen gerador do homem. Cf. GA 727b18, 728a, 729a.20-33 e COOPER (1988: 16) e BESTOR (1991: 152).

¹²⁹ Cf. *supra* a informação de Censorino, n. 121.

¹³⁰ *Et commiscendo quom semine forte uirilem / femina uim uicit subita ui corripuitque, / tum similes matrum materno semine fiunt, / ut patribus patrio. sed quos utriusque figurae / esse uides, iuxtim*

Sucede por vezes que as crianças são semelhantes aos avós ou a antepassados mais antigos, porque as características ancestrais são transmitidas em grupos de átomos dentro das sementes materna e paterna, reaparecendo, assim, por vezes, num ou noutro descendente¹³¹.

Já Varrão parece ter adoptado uma perspectiva mais próxima de Aristóteles, quando, nas suas considerações cosmogónicas do *De lingua latina*, identifica o Céu e a Terra, *mas et femina* (L. 5.58), como as divindades primordiais. O primeiro, associado ao calor e ao fogo, é o que gera a alma e, por esta razão, é mais importante do que a terra, relacionada com o frio e a humidade. Todas as coisas são geradas a partir desta amálgama¹³², mas, a dar crédito à citação que Santo Agostinho faz do texto de Varrão no *De ciuitate Dei*, é o princípio masculino que tem funções geradoras, enquanto o feminino está mais associado à retenção e à nutrição da semente:

Non, inquit, sed una eademque terra habet geminam uim, et masculinam, quod semina producat, et femininam, quod recipiat atque nutriat. (7.23)

Plínio, como Varrão, mostra-se mais próximo da perspectiva aristotélica do que da medicina hipocrática. As mulheres com amenorreia não podem conceber, afirma, e justifica:

miscentes uulta parentum, / corpore de patrio et materno sanguine crescunt, / semina cum Veneris stimulis excita per artus / obuia confligit conspirans mutuus ardor, / et neque utrum superauit eorum nec superatumst. (Lucr. 4.1209-1217)

¹³¹ De acordo com BLAYNEY (1986: 233), só Aristóteles (GA 767a36-368b5) tinha estabelecido antes esta associação entre antepassados e descendentes, mas a perspectiva de Lucrecio é «deceptively simple, and decidedly modern in outlook». Lucrecio vai ao ponto de aconselhar a posição que, na relação sexual, permitirá reter com mais segurança o fruto da concepção: *nam more ferarum / quadrupedumque magis ritu plerumque putantur / concipere uxores, quia sic loca sumere possunt / pectoribus positis sublati semina lumbis. / nec molles opus sunt motus uxoribus hilum. / nam mulier prohibet se concipere atque repugnat, / clunibus ipsa uiri Venerem si laeta retractat / atque exossato ciet omni pectore fluctus.* (4.1264-1271).

¹³² *Quibus iuncti Caelum et Terra omnia ex se genuerunt, quod per hos natura "frigori miscet calorem atque humori aritudinem".* (L. 5.60)

quando haec est generando homini materia, germine e maribus coaguli modo hoc in sese glomerante, quod deinde tempore ipso animatur corporaturque.
(Nat. 7.66)

A semente masculina continua a ter o papel activo, o papel de, como um coalho, aglomerar a matéria, isto é, o sangue menstrual que é o único contributo materno e que tem também a função de nutrir o feto¹³³. Por esta razão, quando o fluxo se mantém durante a gravidez, a criança nasce débil, morta ou *saniosa* (Nat. 7.67). Esta é também uma ideia que aparece em Aristóteles, o que mostra a dependência de Plínio em relação ao Estagirita na sua formulação da génese de um novo ser. O mesmo acontece no tocante ao momento mais favorável para a concepção, que Plínio afirma ser no fim ou no início dos *menses*¹³⁴.

Também no que diz respeito à transmissão de características hereditárias Plínio se mantém próximo de Aristóteles. Um indivíduo pode ser parecido com os pais ou com outros membros mais ou menos distantes da família. Pode herdar, por exemplo, uma característica de um avô que nenhum dos pais herdou. Plínio repete o caso, apresentado de forma semelhante na *História dos Animais*, de uma mulher da Sicília que, da relação com um Etíope, deu à luz uma filha de raça branca, que, por sua vez, anos mais tarde, gerou um filho de raça negra, que Plínio, ao contrário de Aristóteles, identifica pelo nome de Niceu¹³⁵.

No que diz respeito às parecenças da criança, Plínio introduz uma nota curiosa, uma vez que, além das semelhanças normais, admite que um indivíduo pode ser idêntico a uma pessoa com a qual não tem qualquer tipo de relação familiar. Plínio explica estas parecenças anómalas recorrendo ao carácter prodigioso da mente humana. Algo que se ouve, que se vê, ou que se recorda no momento da concepção pode condicionar o aspecto físico do filho concebido

¹³³ HA 582b; GA 774a28.

¹³⁴ *incipiente autem hoc statu aut desinente conceptus facillimi traduntur* (Nat. 7.67)

¹³⁵ Arist. HA 586a2-5; Plin. Nat. 7.50.

(*Nat.* 7.10.52). Esta espécie de influência visual tem uma tradição longa, que parece remontar, pelo menos, aos Pré-Socráticos, nomeadamente a Empédocles¹³⁶. Sorano afirma que a mulher que observa com atenção um símio poderá dar à luz um ser com aspecto de símio (*Gyn.* 1.39). Foi por essa razão que um tirano de Chipre, que era pouco dotado de beleza, obrigou a esposa a observar estátuas de homens belos durante a relação e, deste modo, conseguiu gerar uma prole de filhos bem proporcionados. Aconselha também os parceiros a manterem-se sóbrios se têm a intenção de gerar uma criança, porque a embriaguez, por provocar delírios e por trazer imagens falsas à mente, faz com que se gerem crianças disformes, e não apenas a nível físico, mas também no plano moral, já que uma mãe mentalmente desequilibrada dá à luz seres igualmente desequilibrados (*Gyn.* 1.39).

Ainda que Sorano afirme, logo no início do primeiro livro, que faria parte da sua obra um capítulo *περὶ σπέρματος καὶ ζωογονίας* (*Gyn.* 1.2.2), propósito que pouco depois rejeita porque considera *ἄχρηστον ὄντα πρὸς τὸ τέλος* (*Gyn.* 1.2.3), é possível discernir algumas das suas ideias sobre esta matéria. Ele próprio refere ter escrito uma obra com o título *Περὶ σπέρματος* (*Gyn.* 1.12), que se perdeu¹³⁷, onde abordava a questão da não contribuição da semente feminina para a concepção, uma vez que é expelida pela bexiga¹³⁸. Sorano aceita, assim, a teoria de Herófilo. Defende, porém, que esta só ocorre no seguimento de uma relação sexual em que ambos os parceiros têm apetite e prazer. Mesmo numa violação a que se seguiu uma gravidez, esta só aconteceu,

¹³⁶ Esta é a opinião de TEMKIN (1983: 37, n. 70 e 71). LLOYD (1983: 174-175) apresenta este passo como exemplo da atitude de Sorano para com algumas crenças populares que ora rejeita de forma explícita, ora apresenta sem emitir uma opinião sobre elas.

¹³⁷ Sorano menciona ainda uma obra a que dá o título de *Περὶ ζωογονίας* (*Gyn.* 1.14; 1.45), mas, de acordo com HANSON & GREEN (1994: 1031-1032), trata-se de uma única obra.

¹³⁸ *ἐνθεν δὲ δοκεῖ τὸ τοῦ θήλεος σπέρμα πρὸς ζωογονίαν μὴ συλλαμβάνεσθαι τῷ εἰς τὸ ἐκτὸς ἐκχεῖσθαι, περὶ οὗ διελάβομεν <ἐν τῷ Περὶ σπέρματος λόγῳ>.* (*Gyn.* 1.12).

de acordo com Sorano, porque, mesmo inconscientemente, a vítima sentiu prazer (*Gyn.* 1.37).

A questão das parecenças físicas aparece recorrentemente na literatura associada a considerações morais sobre a conduta das mulheres. Para uma matrona, ter filhos semelhantes ao pai era prova de virtude e motivo de louvor¹³⁹. Dar à luz um filho com traços reconhecidamente paternos assegurava a legitimidade da origem deste e afastava as dúvidas que pudessem existir sobre a conduta das esposas.

A gravidez e o parto

Todos os textos mencionados têm em comum, como vimos, um interesse notório pela gravidez e pelas capacidades reprodutivas da mulher. Manter o seu corpo são significa, para a maioria dos autores analisados, preservar ou restaurar a regularidade dos *menses* e a saúde do útero e, deste modo, propiciar a gravidez. Incrementa-se, assim, a função social da mulher, tornando-a mais apta para os processos biológicos que lhe são próprios. Esta concentração na gravidez é consentânea com a importância concedida na sociedade romana à mulher como garante da continuidade comunitária, a que não será também alheia a recorrência de imagens que evocam a fertilidade e a abundância, como vemos, por exemplo, nos relevos da *Ara Pacis*. A crescente importância das mulheres da família imperial, apresentadas de modo a publicitar a sua fecundidade, é um outro aspecto desta concessão de um papel social de relevo à mulher, neste caso, o de garantir a estabilidade política.

¹³⁹ Cf., por exemplo, Cat. 61.214-218: *sit suo similis patri / Manlio, ut facie omnibus / noscitur ab insciis / et pudicitiam suae / matris indicet ore.*; Hor. Carm. 4.5.23: *laudantur simili prole puerperae*; Sen. Con. 1.1.9.9: *Quam multi patres optant similem filium!*.

Algumas mulheres tornaram-se ícones devido aos filhos que tiveram e Augusto e os seus sucessores souberam aproveitar a imagem destas para promover a família imperial. Augusto terá mandado restaurar uma estátua de Cornélia, mãe dos Gracos¹⁴⁰, que Plínio refere, a par de Agripina Maior, como um exemplo de notável fecundidade (*Nat.* 7.57). O número dos filhos de Cornélia e Tibério Graco – doze, que sobreviveram ao pai, mas foram todos, à excepção de uma filha, Semprónia, sepultados pela mãe –, tem causado alguma estranheza. Todos terão nascido entre 163 e 152 a. C.. PARKIN (1992: 181, n. 16) afirma que não há razão para não admitir que alguns tenham nascido de partos múltiplos¹⁴¹. É importante também que, de acordo com Aulo Gélio, Augusto tenha também mandado erigir uma estátua a uma escrava que deu à luz quintuplos¹⁴². Ao contrário do nascimento de quatro gémeos, que Plínio caracteriza como presságio da fome que se seguiu (*Nat.* 7. 33¹⁴³), para o *Princeps* os partos múltiplos eram certamente um acontecimento a registar como símbolo da fecundidade de que o Estado dependia. É neste sentido, isto é, no entendimento do nascimento de gémeos como demonstração da fecundidade de que depende a estabilidade da família e da comunidade, que devemos

¹⁴⁰ Com a inscrição *mater Gracchorum*. (CIL 6.31610). Cf. sobre a estátua de Cornélia, Plin. *Nat.* 34.31.

¹⁴¹ DIXON (2007: 7) considera a possibilidade de este número ser incorrecto e admite que os autores antigos podem ter contabilizado as gravidezes de Cornélia e não os filhos que, efectivamente, nasceram.

¹⁴² *Sed et diuo Augusto imperante, qui temporum eius historiam scripserunt, ancillam Caesaris Augusti in agro Laurente peperisse quinque pueros dicunt eosque pauculos dies uixisse; matrem quoque eorum non multo, postquam peperit, mortuam, monumentumque ei factum iussu Augusti in uia Laurentina, inque eo scriptum esse numerum puerperii eius, de quo diximus.* (Gel.10.2.2).

¹⁴³ *proxime supremis Diui Augusti Fausta quaedam e plebe Ostiae duos mares, totidem feminas enixa famem, quae consecuta est, portendit haud dubie.*

entender a atitude de Tibério perante o nascimento dos gémeos de Druso e Livila¹⁴⁴.

É de assinalar esta valorização da mulher como ser reprodutor, essencial ao bem-estar de todos. Mesmo chegando ao cúmulo de se poder emprestar, como a anedota associada à vida de Catão de Útica que, a ser verdadeira, demonstra bem como a capacidade geradora da mulher é valiosa. Hortênsio, amigo de Catão de Útica, teria pedido a este que lhe desse em casamento a filha, Pórcia, casada então com Calpúrnio Bíbulo, para que, por intermédio dos filhos que esta geraria, se estabelecesse uma relação de parentesco entre os dois. Catão recusou o pedido, mas Hortênsio terá então solicitado que lhe cedesse a esposa, Márcia, com quem Catão já tinha filhos. Catão divorciou-se então de Márcia, por considerar que o argumento que Hortênsio apresentava era válido. Depois da morte deste, Márcia terá voltado a unir-se a Catão, trazendo consigo – facto realçado por César (Plut. *Cat. Min.* 52.6) – com a herança que o defunto marido lhe legou¹⁴⁵.

A mulher e o seu corpo fecundo são, assim, uma mais-valia para a sociedade, o que faz com que a sexualidade feminina seja sempre um assunto que suscita grande inquietação. Sorano reproduz um debate sobre se a gravidez é benéfica ou nociva para a saúde das mulheres (*Gyn.* 1.42). Para alguns, porque é uma condição natural, tem certamente vantagens, até porque muitas mulheres com patologias menstruais, por exemplo, ficam curadas depois da gravidez. Sorano mostra-se bem mais comedido, uma vez que considera que a única vantagem da gravidez é que gera seres humanos, o que não equivale a um

¹⁴⁴ RAWSON (2003: 97) considera que este sentimento deve ter sido comum aos restantes cidadãos: «Ordinary families, too, would hold similar hopes at a more modest level. For them, multiple births provided two or more prospective heirs to continue the family name, to care for aged parents, and eventually to bury them and see to their commemoration and continued memory.»

¹⁴⁵ Sen. *Matr.* frg. 45 ; Luc. *BC.* 2.326ss.; Plut. *Cat. Min.* 25; 52. Cf. CORBIER (1991: 127) e PIMENTEL (2004: 256, n. 11).

benefício para a saúde física da mulher que os dá à luz¹⁴⁶. Para este autor, os incómodos da gravidez são muitos e não devem ser negligenciados: além da regulação alimentar, que implica o equilíbrio sempre periclitante do que a mãe deve comer para manter dois seres saudáveis, as gestações sucessivas podem provocar atrofia, atonia e envelhecimento prematuro. Como a terra exaurida pelas sementeiras, assim é o corpo de uma mulher que gerou muitos filhos¹⁴⁷. Sorano, no seguimento dos hipocráticos, utiliza também metáforas de origem agrícola para descrever o processo de gestação (*Gyn.* 1.35, 1.36), mas aqui inverte o objectivo da sua utilização, já que normalmente a mulher é comparada a um campo fértil e não a um campo exaurido pelas colheitas numerosas¹⁴⁸. Sorano manipula, obviamente, a tradição para se adaptar às suas ideias. Já em *Gyn.* 1.30 afirmara que a gravidez e o parto esgotam a vitalidade do corpo da mulher: αἱ γὰρ συλλήψεις καὶ ἀποτέξεις δαπανῶσι τὰ σώματα τῶν θηλειῶν. Note-se, porém, que a finalidade da obra de Sorano não é permitir à mulher evitar a gravidez. Pelo contrário, é garantir que todo o processo reprodutivo, da concepção ao cuidado do recém-nascido, se desenrola com sucesso¹⁴⁹.

A prescrição de métodos para determinar a fecundidade de uma mulher aparece já nos tratados ginecológicos do *Corpus Hippocraticum*. Recorrendo a

¹⁴⁶ ἀμέλει καὶ τὸ καθαίρεσθαι καὶ συλλαμβάνειν ὠφέλιμον μὲν ἐστὶν εἰς γένεσιν ἀνθρώπων, οὐ μὴν ὑγιεινὸν ταῖς κυοφορούσαις. (*Gyn.* 1.42).

¹⁴⁷ ὅτι δὲ τὴν ἀτροφίαν καὶ τὴν ἀτονίαν καὶ τὸ προωρότερον γῆρας αἱ κῆσεις ἀποτελοῦσι, πρόδηλον μὲν καὶ τῶν ἐναργῶν, ἔτι δὲ καὶ ἐκ τῆς πρὸς τὴν γῆν ὁμοιότητος, ἥτις ἐπὶ τοσοῦτον ἐξαναλοῦται πρὸς τὰς ἐπαλλήλους καρπογονίας, ὥστε μὴ δύνασθαι τοὺς καρποὺς κατ' ἔτος ἀναφέρειν.

¹⁴⁸ Sobre a comparação da mulher à terra fértil nos autores hipocráticos, cf. HANSON (1992: 36-41).

¹⁴⁹ É por esta razão que ROUSSELLE (1980 : 1108) afirma: «Soranos confirme l'efficacité des lois d'Auguste.» (...) e «Soranos présente donc l'état des besoins gynécologiques d'une société précise: celle de la ville de Rome, et d'une classe aristocratique menacée par la loi.» A autora considera também que a obra de Sorano é um manual de fertilização escrito para os maridos (ROUSSELLE (1993: 1108)).

uma substância, que se aplica, por exemplo, nos olhos, a mulher será fecunda se essa mesma substância aparecer na saliva¹⁵⁰. Sorano nega a utilidade destes métodos (*Gyn.* 1.35), mas dá grande importância a uma espécie de exame pré-matrimonial que consistiria em determinar se a futura noiva estava apta ou não para ter filhos – o que, como o autor afirma, é o principal propósito do casamento para as mulheres (*Gyn.* 1.34). Mais importante do que informações sobre a família ou os recursos da noiva, o seu aspecto saudável, isto é, não masculinizado e não demasiado robusto, indicará a sua capacidade reprodutiva, a par do conhecimento do funcionamento biológico da jovem, nomeadamente se faz bem a digestão, se o seu útero tem uma constituição equilibrada, se os seus *menses* são regulares e, também importante, se tem um espírito equilibrado e, de preferência, propenso à alegria (*Gyn.* 1.34).

Sorano considera três momentos diferentes na gravidez, momentos que requerem cuidados específicos: primeiro, a preservação da semente, depois o alívio dos sintomas da gravidez e, por último, o aperfeiçoamento do embrião e o parto. A primeira fase, que nos autores latinos está associada à área lexical de *retentio* ou *contentio*, pode ser crítica. Plínio afirma que, mesmo durante a relação sexual, um espirro pode provocar um aborto, impedindo, assim, a semente de se instalar no útero (*Nat.* 7.41). As receitas para favorecer a concepção são numerosas e, como acontece nestes textos, incluem desde a aplicação tópica de determinadas substâncias ao uso de amuletos. Também as águas de determinados locais podem promover a concepção ou proteger o feto e impedir o aborto (*Nat.* 31.10¹⁵¹).

A protecção da mulher grávida recolhe grande atenção em Plínio, que documenta uma série de indicações que esta deve ter em conta para levar a

¹⁵⁰ Arist. *GA* 747a; Plin. *Nat.* 7.67.

¹⁵¹ Ou, pelo contrário, provocar a esterilidade: *Thespiarum fons conceptus mulieribus repraesentat, item in Arcadia flumen Elatum, custodit autem Linus fons in eadem Arcadia abortusque fieri non patitur. E diuerso in Pyrr<h>a flumen, quod Aphrodisium uocatur, steriles facit.*

gravidez a bom termo. As substâncias que se usam como amuletos, como as sementes do pepino selvagem que não tenham tocado a terra para favorecer a concepção (*Nat.* 20.6¹⁵²), ou que se ingerem, como uma bebida com cinza de porco-espinho que mantém o feto no útero ou o leite de cadela que o faz desenvolver (*Nat.* 30.123¹⁵³), são inúmeras. A rémora, por exemplo, apesar de poder ser usada como filtro amoroso, o que para Plínio não é uma utilização positiva, tem a vantagem de, quando usada ao pescoço, ajudar a manter o feto no útero (*Nat.* 9.79¹⁵⁴).

Plínio afirma que são sintomas da gravidez no décimo dia: dores de cabeça e vertigens e visão obscurecida, bem como enjoos e o arredondamento do ventre¹⁵⁵. A mulher que espera um rapaz tem sempre um ar mais saudável, durante a gravidez, do que a que espera uma rapariga e, do mesmo modo, o parto de um rapaz é sempre mais fácil do que o de uma rapariga¹⁵⁶. Note-se que a prevalência do masculino é sistemática na perspectiva destes autores. Tanto os autores do Corpo Hipocrático como Aristóteles e Plínio partilham a ideia de que o feto do sexo masculino é mais benéfico para a saúde da mãe e associam-

¹⁵² *Putant conceptus adiuuari adalligato semine, si terram non adtigerit.* Outras substâncias que se usam presas ao corpo para ajudar a concepção ou preservar o feto: *tradunt ceruas, cum senserint se grauidas, lapillum deuorare, quem in excrementis repertum aut in uulua – nam et ibi inuenitur – custodire partus adalligatum.* (*Nat.* 28.246); *ossicula in corde et in uulua [ceruae] perquam utilia grauidis parturientibusque.* (*Nat.* 28.247); *Lapis aëtites in aquilae repertus nido custodit partus contra omn<e>s abortuum insidias.* (*Nat.* 30.130); *aëtitae grauidis adalligati mulieribus (...) continent partus* (*Nat.* 36.151); *Paean<i>tides, quas quidam g<a>eanidas uocant, praegnantas fieri et parere dicuntur* (...) (*Nat.* 37.180).

¹⁵³ *partus conceptos hystricum cinis potus continet, maturat caninum lacte potum.*

¹⁵⁴ *Quae crimina una laude pensat fluxus grauidarum utero sistens partusque continens ad puerperium.*

¹⁵⁵ *A conceptu decimo die dolores capitis, oculorum uertigines tenebraeque, fastidium in cibis, redundatio stomachi indices sunt hominis inchoati.* (*Nat.* 7.41).

¹⁵⁶ Mais uma vez, Plínio aproxima-se da obra de Aristóteles, em que se afirma a mesma prevalência do feto masculino, de que tanto a gravidez como o parto são menos penosos para a mãe (*HA* 583b3-7; 584a12-14; 586b32-35).

no ao lado direito do corpo desta, ao contrário da rapariga, gerada no lado esquerdo, que, por se mover menos no útero, faz com que a mãe tenha uma gravidez mais penosa¹⁵⁷. Segundo Plínio, o feto do sexo masculino move-se ao quadragésimo dia, enquanto o do sexo feminino não demonstra qualquer tipo de movimento antes dos noventa dias de gestação (*Nat.* 7. 41). Sorano, porém, como é típico do seu espírito crítico e pragmático, apesar de atribuir estas ideias ao próprio Hipócrates, nega que tenham consistência¹⁵⁸. Plínio transmite algumas receitas que têm como finalidade a concepção de rapazes – *mares concipi putant* (*Nat.* 28.248) ou *marem parituras promittunt* (*Nat.* 28.254) –, o que pode indiciar uma preferência corrente de ter filhos do sexo masculino¹⁵⁹. Conta que Lúvia, desejando ter um filho homem, recorreu a um *puellare augurium* (*Nat.* 10.254), que consistia em manter um ovo quente no regaço até ao fim da gravidez.

Quanto à duração da gravidez, Plínio afirma que é variável e que pode durar de entre sete ou oito até aos onze meses, não omitindo a informação, recorrente nos textos antigos¹⁶⁰, de que a criança nascida aos oito meses de gravidez corre sérios riscos de vida, pelo menos até ao quadragésimo dia após o nascimento (*Nat.* 7.38). Em *Nat.* 11.181, afirma que o primeiro órgão que se forma no embrião é o coração, depois o cérebro e, por último, os olhos, sendo que, à medida que a morte se aproxima, estes mesmos órgãos morrem por ordem inversa, isto é, primeiro os olhos, depois o cérebro e, no fim, o coração.

¹⁵⁷ Sobre esta questão, vide NÉRAUDAU (1994: 67) e KAPPARIS (2004: 45-46). Plínio afirma que o leite de uma mulher que deu à luz um rapaz é o mais benéfico, mas se se tratar de dois gémeos do sexo masculino, o efeito é ainda melhor (*Nat.* 28.123).

¹⁵⁸ Esta ideia aparece, de facto, em alguns tratados do Corpo Hipocrático: *Aph.* 5.42; *Ster.* 216, *Superf.* 31.

¹⁵⁹ Cf. também: *gallinaceorum testes <si> subinde a conceptu edat mulier, mares in utero fieri dicuntur.* (*Nat.* 30.123).

¹⁶⁰ O *Corpus Hippocraticum* inclui um tratado sobre o assunto, o *De octimestri partu*, que parece ser dos mais antigos mas que levanta problemas vários de transmissão textual.

A consciência da gestação como uma condição de especial fragilidade parece ser o denominador comum dos textos analisados. É incerto, porém, o que se valoriza mais nos textos: se a vida da mãe ou a vida do feto. Acompanha sempre a gravidez o perigo de aborto espontâneo, como se a distância entre ambos não fosse maior do que a que pode ser percorrida pelo cheiro de uma lucerna apagada (Plin. *Nat.* 7.43).

Já o *Corpus Hippocraticum* atribui a ocorrência de abortos espontâneos a actividades físicas violentas (transporte de cargas pesadas, espancamento, saltos), a uma alimentação deficiente (seja por excesso ou por escassez, ou por uso exagerado de substâncias nocivas, como o vinho), ou ainda a traumas psicológicos, como o medo excessivo de algo (*Mul.* 1.25)¹⁶¹. Nos autores romanos, esta consciência dos perigos recorrentes que ameaçam a gravidez é constante. Ainda que de forma difusa, a *mulier grauida* aparece na obra de Celso como uma categoria particularmente susceptível a determinadas patologias e circunstâncias. As condições climatéricas podem ser particularmente sérias se o parto se aproximar (2.1.14). As disfunções do aparelho digestivo podem provocar a perda do feto (2.7.16) ou da mãe e do filho (2.8.30), apesar de tanto um como o outro poderem sobreviver a uma disenteria (2.8.13¹⁶²). Quando aborda a questão da utilidade da sangria e se esta se deve fazer também na mulher grávida, Celso afirma que, no passado, se evitava por medo de que ela

¹⁶¹ Note-se que, apesar de referida nos tratados hipocráticos (*Nat. Mul.* 41; *Prorrh.* 2.26), a condição a que hoje damos o nome de gravidez psicológica, não é mencionada pelos autores da época romana que, pelo contrário, dão particular atenção à formação de *molae* que Plínio descreve como: *ea est caro informis, inanima, ferri ictum et aciem respuens. mouetur sistitque et menses, ut partus, alias letalis, alias una senescens, aliquando aluo citatior<e> excidens.* (*Nat.* 7.63). Referida também por Sorano, *Gyn.* 3.36-37.

¹⁶² *Mulier grauidae sine modo fusa aluus excutere partum potest.* (2.7.16); *Mulier quoque grauida eiusmodi casu rapi potest; atque, etiamsi ipsa conualuit, tamen partum perdit.* (2.8.30); *Ac ne tormina quidem periculosa sunt, si sanguis et strigmenta descendunt, dum febris ceteraeque accessiones huius morbi absint, adeo ut etiam grauida mulier non solum reseruari possit, sed etiam partum reseruare.* (2.8.13).

pudesse abortar, mas que a sangria é segura numa *grauida mulier ualens*, desde que o médico avalie se, após o tratamento, a mulher disporá ainda de forças para se sustentar a ela e ao feto (2.10.2-5¹⁶³). Uma doença grave ser-lhe-á, porém, fatal (2.6.8¹⁶⁴).

Plínio afirma que um aborto no quarto ou no oitavo mês é mortal (*Nat.* 7.40)¹⁶⁵. São muito frequentes na *História Natural* as indicações de substâncias ou situações que uma mulher grávida deve evitar para não abortar. Um mero espirro durante o coito pode provocar um aborto (*Nat.* 7.42.8)¹⁶⁶. Passar por cima de um castor ou das secreções do seu corpo, de uma víbora ou de uma anfisbena provoca a perda da criança e, se a grávida passar por cima de um ovo de corvo, corre o risco de abortar pela boca¹⁶⁷. O elatério, por exemplo, é uma substância benigna porque provoca os *menses*, mas é também nociva porque *abortum facit*. Esta expressão ou outras equivalentes são frequentes na obra de

¹⁶³ *persuaserantque sibi mulierem grauidam, quae ita curata esset, abortum esse facturam. (...) At firmus puer et robustus senex et grauida mulier ualens tuto curatur. (...) mulierique praegnati, post curationem quoque, uiribus opus est, non tantum ad se, sed etiam ad partum sustinendum.* (2.10.1; 2.10.3).

¹⁶⁴ *Mulier quoque grauida acuto morbo facile consumitur* (2.6.8).

¹⁶⁵ Esta é, mais uma vez, uma informação veiculada por Aristóteles (*HA* 584b15-18).

¹⁶⁶ Este poder expulsivo do espirro é confirmado por Celso que afirma que um parto difícil pode ser facilitado por um espirro: *Quae locis laborat aut difficulter partum edit, sternumento leuatur.* (2.8.16). A mesma ideia aparece já no *Corpus Hippocraticum* (*Aph.* 5.35).

¹⁶⁷ (...) *si castoreum fibrumue supergrediatur grauida, abortum facere dicitur.* (*Nat.* 32.133). Note-se que passar por cima de uma anfisbena pode ser inócuo, desde que a grávida traga consigo uma caixa com uma anfisbena viva: *Viperam mulier praegnans si transcenderit, abortum faciet, item aphisbaenam, mortuam dumtaxat, nam uiuam habentes in pyxide inpune transeunt* (*Nat.* 30.128); *si ederint coruinum ouum, per os partum reddere* (*Nat.* 10.32); *ouum corui cauendum grauidis constat, quoniam transgressis abortum per os faciat.* (*Nat.* 30.130). Plínio associa esta crença à ideia de que os corvos copulam e põem ovos pela boca e acrescenta a informação de que já Aristóteles a considerava falsa: *ore eos parere aut coire uulgus arbitratur ideoque grauidas, si ederint coruinum ouum, per os partum reddere atque in totum difficulter parere, si tecto inferantur. Aristoteles negat.* (*Nat.* 10.32).

Plínio e normalmente têm um tom admonitório, como acontece com indicações introduzidas por construções como *praecauendum est* (Nat. 20.143) ou *non edendum grauidis* (Nat. 20.248)¹⁶⁸.

Celso e Sorano, no seguimento de Hipócrates, indicam como sintoma de aborto espontâneo os seios que de repente se comprimem¹⁶⁹. Sorano desenvolve este tema mais do que Celso e refere, entre outros, dor no baixo-ventre e nas ancas, transpiração excessiva, calafrios, etc., mas afirma que estes sintomas são característicos mais de um aborto provocado por medicamentos do que de um espontâneo. É necessário ter em atenção que nem sempre se designava por aborto a expulsão do embrião nos primeiros dias depois da concepção. Tanto os autores dos tratados ginecológicos hipocráticos, como Aristóteles, designam como *ἐκρύσεις* ou *ἐκροία* a expulsão de um embrião informe e inanimado, com dias ou semanas¹⁷⁰. Sorano apresenta de forma clara a distinção entre três tipos

¹⁶⁸ *Sunt et in uino prodigia. dicitur (...) in A<c>h<a>ia maxime circa C<e>r<y>niam abigi partum uino atque etiam si uuam edant grauidae, cum differentia in gustatu non sit. (Nat. 14.115); Purgat eas elaterium, sed grauidis abortum facit. (Nat. 20.9); praecauendum est grauidis abstineant hoc cibo, necari enim partus inuenio. (Nat. 20.143); non edendum grauidis nisi mortuo conceptu, quippe etiam inpositum eicit. (Nat. 20.248); cortex radicis cauendus grauidis. (Nat. 23.153); radicis natura est excafactoria, sed praegnantibus non bibenda. (Nat. 25.71); neutra danda mulieribus, quoniam grauidis abortum, ceteris sterilitatem facit. (Nat. 27.80); ungulae asininae (...) nec aliter adhibetur, quoniam uiuentem partum necat. (Nat. 28.251); cinis irenaceorum cum oleo perunctorum custodit partus contra abortus. (Nat. 30.124); ouum corui cauendum grauidis constat, quoniam transgressis abortum per os faciat. (Nat. 30.130).*

¹⁶⁹ *Mulier grauidae si subito mammae emacuerunt, abortus periculum est. (2.8.41), que é tradução de Aph. 5.37: Γυναικὶ ἐν γαστρὶ ἐχούσῃ, ἣν οἱ μασθοὶ ἐξαίφνης ἰσχνοὶ γένωνται, ἐκτιτρώσκει. Sor. Gyn. 1.59: καθὼς φησιν <Ιπποκράτης>, παράλογος μαστῶν ἰσχνωσις. Os seios podem ser também uma forma de aferir da saúde do feto: Eidem si lac ex mammis profluit, inbecillum est quod intus gerit: durae mammae sanum illud esse testantur. (2.7.17).*

¹⁷⁰ *Ekrysis e ekroia têm o significado de “fluxo” (L.-S.-J. s. u.) e, portanto, um sentido mais geral do que ektrosmos que significa “aborto” ou “parto de um feto antes do termo”. αἱ γὰρ καλούμεναι ἐκρύσεις ἐν ταύταις γίνονται ταῖς ἡμέραις. (HA 583a25); Καλοῦνται δ’ ἐκρύσεις μὲν αἱ μέχρι τῶν ἑπτὰ ἡμερῶν διαφθοραί, ἐκτρωσμοὶ δ’ αἱ μέχρι τῶν τετταράκοντα· καὶ πλεῖστα διαφθείρεται τῶν κυημάτων ἐν ταύταις ταῖς ἡμέραις. (HA 583b11). Cf. a tradução de SILVA*

de interrupção da gravidez, designando como ἔκρῳια a expulsão do sémen entre um a três dias após a relação sexual, como ἔκτρωσις a morte do embrião no segundo ou no terceiro mês da gravidez e como ὠμοτοκία o nascimento prematuro de um feto de saúde frágil¹⁷¹. Descreve ainda as várias etapas que decorrem até à expulsão do feto: primeiro a perda de um fluxo aquoso incolor, que se torna progressivamente ensanguentado como a água com que se lavou um pedaço de carne, depois sangue e, por fim, coágulos de sangue ou pedaços do corpo do feto, mais ou menos formados, consoante o momento da gestação em que o aborto acontece (*Gyn.* 1.59).

A literatura preservou algumas informações sobre mulheres romanas, normalmente associadas às famílias ilustres, que perderam os seus filhos devido a circunstâncias várias. Júlia, filha de César, é um exemplo particularmente notório, uma vez que abortou na sua primeira gravidez quando Pompeio, depois de ter ficado com a túnica manchada de sangue num tumulto, enviou os escravos a casa para lhe trazerem outra. Ao ver o sangue nas vestes do marido, Júlia, julgando-o morto, ficou muito perturbada e abortou (*Plut. Pomp.* 53). Na segunda gravidez, mãe e filha sucumbiram pouco depois do parto. Também Popeia Sabina, apesar do amor que Nero supostamente lhe votava, morreu quando, estando grávida, este a pontapeou na sequência de um desentendimento entre ambos¹⁷², e Calpúrnia, a jovem esposa de Plínio-o-Moço,

(2008: 211) que mantém esta diferença, traduzindo ἐκρύσεις por “desmancho” e ἐκτρωσμοὶ por “parto falso”. Cf. também GA 758b6: διὸ καὶ καλοῦσι τὰς τότε γιγνομένας τῶν κυημάτων φθορὰς ἐκρύσεις. Sobre esta distinção e a sua importância na aceitação da prática do aborto voluntário, cf. KAPPARIS (2004: 46-47).

¹⁷¹ ἔκρῳια μὲν οὖν ἐστὶν ἀποπτυσμὸς τοῦ σπέρματος μετὰ τὴν συνουσίαν μετὰ πρώτην ἢ δευτέραν <ἢ τρίτην> ἡμέραν, ἔκτρωσις δὲ ἢ μετὰ δεύτερον ἢ τρίτον μῆνα φθορὰ τοῦ ἐμβρύου, ὠμοτοκία δὲ ἢ συνέγγυς τῆς τελειώσεως πρὸ ὥρας ἀπότεξις· τὰ δὲ μὴ φθαρέντα ἔμβρυα ἄτροφα καὶ ἀσθενέστατα γίνεται. (*Gyn.* 3.47.2).

¹⁷² *Post finem ludicri Poppaea mortem obiit, fortuita mariti iracundia, a quo grauida ictu calcis adflcta est.* (Tac. *Ann.* 16.6); *Poppaeam duodecimo die post diuortium Octaviae in matrimonium acceptam dilexit*

terá abortado, a dar crédito às informações do marido, por não saber que estava grávida e não ter, por essa razão, tomado as medidas necessárias para proteger a gravidez (*Ep.* 8.10; 8.11¹⁷³).

O parto requeria muitas vezes a presença de outras pessoas, além da parturiente e da parteira, que podiam ser das relações daquela. Sorano aconselha a parteira a ter consigo três assistentes e são frequentes na literatura referências à presença de mulheres da família¹⁷⁴. Se as circunstâncias do parto fossem particularmente delicadas, como, por exemplo, o parto de uma mulher viúva ou divorciada, poderiam estar presentes outras pessoas, provavelmente indicadas pela família do marido¹⁷⁵.

O nascimento de uma criança é sempre um acontecimento que acarreta riscos tanto para a mãe como para o filho. O nível de assepsia em que se desenvolve pode determinar a sobrevivência ou a morte de ambos. O número de mulheres e crianças falecidas no parto ou no seu seguimento deve ter sido considerável. Hemorragias, infecções e outras patologias foram provavelmente a causa de muitas mortes, algumas devido à falta de cuidados de saúde adequados. São inúmeras as referências a mulheres romanas falecidas no parto ou no seu seguimento e a taxa de mortalidade materna seria significativa¹⁷⁶.

unice; et tamen ipsam quoque ictu calcis occidit, quod se ex aurigatione sero reuersum grauida et aegra conuiciis incesserat. (Suet. Nero 35).

¹⁷³ Veja-se, por exemplo, a forma como, no início da primeira carta sobre o assunto, relata o que aconteceu à esposa: *Quo magis cupis ex nobis pronepotes uidere, hoc tristior audies neptem tuam abortum fecisse, dum se praegnantem esse puellariter nescit, ac per hoc quaedam custodienda praegnantibus omittit, facit omittenda.* (*Ep.* 8.10.1).

¹⁷⁴ Cf. GOUREVITCH (1984: 217ss.), FRENCH (1987: 71-73), RAWSON (2003: 101).

¹⁷⁵ Cf. *supra* as prescrições relativas às viúvas grávidas do edicto *de inspiciendo uentre custodiendoque partu* que, segundo EVANS GRUBBS (2002: 264), remonta ao final da República.

¹⁷⁶ FRENCH (1986: 69) avança uma estimativa de cinco parturientes mortas em cada vinte mil, mas RAWSON (2003: 103) considera este cálculo muito baixo. Em 2005, a taxa mundial média de mortalidade materna era de quatrocentas mulheres em cada cem mil nascimentos, com países subdesenvolvidos como a Serra Leoa ou o Afeganistão a apresentarem taxas de,

Túlia, filha de Cícero, faleceu um mês depois de dar à luz um filho, que também não sobreviveu. Emília, esposa de Pompeio, com quem fora obrigada a casar quando estava grávida do seu casamento anterior (Plut. *Pomp.* 9), morreu depois do parto. Também Júlia, filha de César e também ela esposa de Pompeio, algum tempo depois de abortar do seu primeiro filho, morreu no parto e a criança alguns dias depois (Plut. *Pomp.* 9). Também Júnio Claudila, esposa de Calígula, faleceu no seguimento do parto (Suet. *Cal.* 12). As duas irmãs Helvídias, referidas por Plínio-o-Moço, morreram *utroque a partu*, depois de cada uma delas ter dado à luz uma filha (*Ep.* 4.21).

O parto seria certamente um momento de grande ansiedade para as pessoas envolvidas e, se tivermos em consideração que muitas raparigas, provavelmente mais as que pertenciam à elite do que as das classes menos favorecidas, eram muito jovens na sua primeira gravidez¹⁷⁷, entendemos o cuidado que Sorano dedica ao estado psicológico da jovem parturiente. O autor elenca as causas que contribuem para um parto difícil e inclui entre estas o estado psicológico da mãe, trate-se de um estado de tristeza, de alegria ou de cólera ou também por ignorância. As mulheres sem experiência não colaboram, seja porque não sabem o que fazer, seja por negarem a ideia de que estão grávidas (*Gyn.* 4.2).

Num parto sem complicações, a parteira seria a única terapeuta presente, mas, caso se complicasse, devemos supor que, pelo menos em alguns casos e,

respectivamente, duas mil e cem e mil e oitocentas mortes em cada cem mil nascimentos. Em 2005, cerca de quinhentas e trinta e seis mil mulheres morreram no mundo devido a complicações na gravidez e no parto e noventa e nove por cento destas mortes aconteceram nos países subdesenvolvidos. Cf. estas e outras estimativas em *Maternal Mortality in 2005* (www.who.int/reproductive-health/publications/maternal_mortality_2005/mme_2005.pdf, em 20 Abril de 2009).

¹⁷⁷ Recordemos o exemplo de Minícia Marcela, falecida antes dos catorze anos, mas com o casamento já marcado. Sobre a idade das jovens romanas no casamento, cf. HOPKINS (1965) e SHAW (1987).

com mais probabilidade, em contextos urbanos, um médico podia acorrer¹⁷⁸. Sorano (*Gyn.* 2.2) enumera uma lista de coisas que indica como necessárias para realizar um parto. Além de água quente, azeite, faixas de lã, inclui também a cadeira obstétrica¹⁷⁹ e um leito duro e um macio, servindo o primeiro para o trabalho de parto propriamente dito e o segundo para a recuperação da paciente. Sorano atribui constantemente uma importância notória à tranquilidade da paciente e recomenda à parteira que considere sempre o bem-estar psicológico da parturiente, observando-lhe o rosto, mesmo no momento em que, já sentada na cadeira obstétrica, se prepara para dar à luz a criança. A parteira deve falar sempre com a mulher, explicando-lhe o que está a acontecer e dando-lhe instruções sobre como respirar correctamente, isto é, de forma a contribuir para a expulsão do feto. É para manter a paciente tranquila que Sorano admite a utilização de amuletos, que de outro modo considera completamente inúteis (*Gyn.* 3.42), mas a frequência de indicações de substâncias ou objectos utilizados com esta finalidade em Plínio indica certamente que eram muito comuns.

A retenção da placenta é um dos riscos mais temidos, se tivermos em atenção as inúmeras referências nos textos analisados. Celso, Plínio e Sorano mencionam esta patologia ou indicam medicamentos que ajudam a expulsar a placenta¹⁸⁰, e é frequente, especialmente em Plínio, a referência a substâncias que aceleram ou facilitam o trabalho de parto¹⁸¹. A maioria era utilizada presa

¹⁷⁸ GOUREVITCH (1987: 191) e (1996: 2117).

¹⁷⁹ A cadeira obstétrica seria, segundo GOUREVITCH (1996: 2116), propriedade da parteira e não da parturiente.

¹⁸⁰ Celso: 5.25.13; 7.29.9 (extracção da placenta depois de uma embriotomia); Plínio: *Nat.* 20.51, 20.115, 20.139, 26.152, 26.154, 26.156, 26.157, 26.158, 26.159, 26.160, 28.248, 28.256. Sorano: *Gyn.* 4.14-16.

¹⁸¹ Celso: *Ex partu laboranti erysimum ex uino tepido ieiunae dari debet.* (5.25.14); Plínio: *dant et sucum [maluarum] bibendum parturientibus ieiunis in uino decoctae hemina.* (*Nat.* 20.227); *radix uerbenacae*

ou junto do corpo da parturiente, como amuleto, e o efeito seria certamente nulo, senão prejudicial, ou, a darmos crédito a Sorano, apenas psicológico¹⁸². Plínio regista um grande número de práticas mais fundamentadas na superstição do que na medicina. Uma das mais relevantes implica a participação do pai da criança, que deve soltar o seu cinto, cingir com ele a cintura da parturiente e depois desapertá-lo:

Partus accelerat et mas, ex quo quaeque conceperit, si cinctu suo soluto feminam cinxerit, dein soluerit adiecta precatione, et cinxisse eundem et soluturum, atque abierit. (Nat. 28.42).

Note-se que, depois de o homem ter desempenhado a sua função, deve sair do local onde, devemos supor, se desenrolará o parto. No mesmo livro, um pouco mais à frente, Plínio adverte:

Adsidere grauidis uel, cum remedia alicui adhibeantur, digitis pectinatim inter se inplexis ueneficium est, idque conpertum tradunt Alcmena Herculem pariente; peius, si circa unum amboue genua; item poplites alternis genibus inponi. (Nat. 28.59).

pota ex aqua ad omnia in partu aut ex partu mala praestantissima est. (Nat. 26.160); partus accelerat scordotis pota drachma suci in aquae mulsae cyathis IIII. (Nat. 26.161).

¹⁸² Os exemplos referidos na *História Natural* são numerosos: *in iuuencarum secundo uentre pilae rotunditate nigricans tophus, nullo pondere, singulare, ut putant, remedium aegre parientibus, si tellurem non attigerit. (Nat. 11.203); Putant [elaterium] (...), si terram non attigerit, partus uero, si in arietis lana alligatum inscientis lumbis fuerit, ita ut protinus ab enixu rapiatur extra domum. (Nat. 20.6); Cribro in liminite abiecto herbae intus extantes decerptae adalligataeque grauidis partus adcelerant. (Nat. 24.171); folia [anagyros] collectionibus inponuntur difficulterque parientibus adalligantur ita, ut a partu statim auferantur. (Nat. 27.30); ferunt difficiles partus statim solui, cum quis tectum, in quo sit grauida, transmiserit lapide uel missili ex <i>is, qui III animalia singulis ictibus interfecerint, hominem, aprum, ursum. probabilius id facit hasta uelitaris euulsa corpori hominis, si terram non attigerit. (Nat. 28.33-34); quin et eiectus lapillus calculoso alligatusque supra pubem (...) celeritatem partus facere. (Nat. 28.42); anguium senectus adalligata lumbis faciliores partus facit, protinus a puerperio remouenda; baculum, quo angui rana excussa sit, parturientes adiuuat (Nat. 30.129); penna uulturina subiecta pedibus adiuuat parturientes (Nat. 30.130), etc.. Sobre o uso medicinal do camaleão, Plínio diz que omitirá as utilizações nocivas que dele são feitas, mas que refere apenas as que demonstram a sua inutilidade: *a lingua adalligata ajudaria contra os pericula puerperii e, se o animal estivesse em casa da parturiente, salutare esse mas, se fosse trazido para dentro de casa no momento do parto, seria perniciosissimum (Nat. 28.114).**

Esta prática, que se baseia na associação dos actos de prender, reter ou cruzar e de soltar ou abrir, verifica-se, efectivamente, na descrição do parto de Alcmena nas *Metamorfoses* (*Met.* 9.292ss.). Lucina, que acordara com Juno dificultar o nascimento de Hércules, sentou-se em cima do altar de pernas cruzadas e de dedos entrelaçados, e só a intervenção de Galântide, que enganou a deusa anunciando-lhe que o parto já tinha acontecido, fazendo-a saltar de surpresa e abandonando, assim, a posição que mantivera, permitiu que Hércules nascesse¹⁸³. Sorano racionaliza tanto a prática de desapertar as vestes da grávida como a de soltar os cabelos da parturiente, justificando-as como formas para permitir a respiração e o relaxamento (*Gyn.* 2.6).

Haveria também situações em que o parto podia tornar-se complicado, quer devido à posição do feto, quer a anomalias fisiológicas da mãe ou do filho. As complicações do puerpério devem ter sido relativamente frequentes e são apresentadas, com mais ou menos pormenores, em todas as obras analisadas. Celso reconhece que, nesta fase, alguns sintomas podem ser preocupantes, como dores em geral ou dores de cabeça e febre (2.7.8; 2.8.35; 3.6.4).

Sorano considera três tipos de partos difíceis: os que se devem à saúde física – e que são numerosos – ou psicológica da mãe (*Gyn.* 4.2; 4.4; 4.5¹⁸⁴); os que são originados pelo feto, seja pela sua posição, pelo seu tamanho ou pelo seu estado (se estiver morto ou se for frágil ou monstruoso dificultará o parto), ou se se tratar do nascimento de gémeos (*Gyn.* 4.3); as condições externas

¹⁸³ A acumulação de palavras e expressões com os significados de “prender” e “soltar” coincide, de facto, com as prescrições de Plínio: *utque meos audit gemitus, subsedit in illa / ante fores ara, dextroque a poplite laeuum / pressa genu et digitis inter se pectine iunctis / sustinuit partus.* (*Met.* 9.297-300); *diuam residentem uidit in ara / brachchiaque in genibus digitis conexa tenentem* (*Met.* 9.310-311); *exsiluit, iunctasque manus pauefacta remisit / diua potens uteri: uinclis leuor ipsa remissis.* (*Met.* 9.314-315).

¹⁸⁴ A obesidade é uma das causas referidas por Sorano entre as que estão relacionadas com o estado físico da mãe.

podem pôr também em risco o decorrer normal da situação, por exemplo, um Inverno rigoroso ou um Verão demasiado quente ou mesmo a inexperiência da parteira ou do médico que orienta o parto (*Gyn.* 4.5).

A cirurgia cesariana, apesar da associação ao nome *Caesar*, não era praticada na Antiguidade, uma vez que não é mencionada pelas principais fontes da medicina antiga. Plínio, porém, explica desta maneira o nome de César: *primusque Caesarum a caeso matris utero dictus* (*Nat.* 7.47). César não terá, contudo, nascido com recurso a este tipo de intervenção, uma vez que a mãe viveu até ele ser um adulto, o que dificilmente teria acontecido se tivesse sido sujeita a uma cesariana¹⁸⁵.

As referências frequentes à morte do feto dentro do ventre materno podem indicar que esta seria um acontecimento habitual. Sorano (*Gyn.* 4.9-13) e Celso (7.29) descrevem com algum pormenor um outro tipo de cirurgia com a finalidade de extrair um feto morto ou sem possibilidades de ser extraído com vida¹⁸⁶. Nesta última situação, matava-se o feto *in utero* e, se necessário, dilacerava-se para salvar a vida da mãe. Ambos os autores citados descrevem as acções a desenvolver e os utensílios a utilizar, normalmente quando o feto se apresentava numa posição anormal e não era possível retirá-lo do ventre materno em segurança ou quando estava já morto *in utero*. Neste caso, a situação podia tornar-se crítica se o feto estivesse morto há já algum tempo e, portanto, entumecido. A dificuldade da operação devia-se principalmente ao facto de ser difícil puxar o feto para o exterior do útero: era com esta finalidade que se usavam ganchos, aquecidos e untados com azeite, que deviam ser

¹⁸⁵ Cf. NUTTON (2004: 321, n. 27). A mãe de César vivia ainda com o filho e a nora, Pompeia, quando se deu o escândalo da *Bona Dea*. Cf. Plut. *Caes.* 9-10.

¹⁸⁶ Já nos tratados hipocráticos se descreve a extracção de um feto morto ou mal posicionado (por exemplo: *Mul.* 1.68-70 e *Superf.* 1, em que se afirma que se deve cobrir a cabeça da parturiente, de modo a que esta não se assuste com as manobras do médico).

inseridos numa parte mole do corpo da criança¹⁸⁷. Se, porém, a extracção da criança inteira não fosse fácil, devia desmembrar-se o corpo desta de modo a retirá-lo por partes. A descrição das diferentes possibilidades com as quais o médico podia deparar demonstra uma perícia e um conhecimento notáveis e prova que, certamente, muitas intervenções deste tipo se realizaram.

Nem Celso nem Sorano, porém, deixam de assegurar que se trata de uma cirurgia de riscos elevados para a parturiente e que deve ser feita com muito cuidado para não pôr em risco a vida da mãe. De qualquer modo, só deveria fazer-se se fosse possível salvá-la e depois de a avisar dos perigos decorrentes da intervenção: febres, inflamações ou mesmo gangrena (*Gyn.* 4.9). Se não houvesse esperança de que a mãe pudesse sobreviver, subentende-se, não valeria a pena intervir.

Na cultura latina, a morte de uma mulher, nestas circunstâncias, reveste-se, de acordo com GOUREVITCH (1987: 192), de uma beleza notória e é considerada como uma perda natural. Plínio afirma que é de bom augúrio para um filho que a mãe tenha sucumbido no parto¹⁸⁸, acontecimento que não deve ter sido raro. Estas dificuldades muito devem ter contribuído para que muitas mulheres tivessem receio da gravidez e a quisessem evitar, e o incentivo social da maternidade entraria certamente em conflito com a compreensão da gravidez e do parto como condições que expunham tanto a mulher como a criança a uma série de riscos que não seriam, certamente, desconhecidos para a maioria das mulheres.

A negação da maternidade: contracepção e aborto voluntário

¹⁸⁷ Sorano refere os olhos, a nuca, o palato, a clavícula ou debaixo das costelas (*Gyn.* 4.10).

¹⁸⁸ *Auspiciatus enecta parente gignuntur* (*Nat.* 7.47).

A contracepção – ou a tentativa de a realizar – parece ter sido, de facto, uma preocupação constante e antiga¹⁸⁹ e, mesmo considerando com as reservas necessárias as observações moralistas de Juvenal¹⁹⁰, citado sempre que se fala de aborto e contracepção em Roma, parece ter havido uma competência relativa nesta matéria. HOPKINS (1965a: 127) refere que há, pelo menos, «a high level of motivation to limit family size»¹⁹¹, e já os autores antigos insinuem o interesse pela restrição do número de filhos¹⁹².

RIDDLE (1991), (1992), (1997) defende que os Gregos e os Romanos tinham um conhecimento antigo e fundamentado nesta matéria¹⁹³. Ao avaliar os métodos disponíveis na Antiguidade para limitar o número de nascimentos, defende que, ao contrário do que alguns críticos modernos alegam, o recurso a métodos contraceptivos e abortivos seria frequente e feito de forma consciente e voluntária, e que muitos desses métodos seriam, na verdade, eficazes. Partindo da análise das substâncias mais referidas para este fim nos autores das

¹⁸⁹ Já o *Corpus Hippocraticum* (*Nat. Mul.* 98; *Nat. Puer.* 13) e Aristóteles (*HA* 583a) prescrevem meios para evitar a concepção.

¹⁹⁰ A célebre *Sátira* 6 de Juvenal atribui às mulheres da elite o uso sistemático de abortivos para esconder o resultado de relações adúlteras: *hae tamen et partus subeunt discrimen et omnis / nutricis tolerant fortuna urgente labores, / sed iacet aurato uix ulla puerpera lecto. / tantum artes huius, tantum medicamina possunt, / quae steriles facit atque homines in uentre necandos / conducit. gaude, infelix, atque ipse bibendum / porrige quidquid erit; nam si distendere uellet / et uexare uterum pueris salientibus, esses / Aethiopis fortasse pater (...)*. (6.592-600).

¹⁹¹ LAURENCE (2005: 88-89) nota, no seguimento dos trabalhos de S. Bisel sobre os esqueletos humanos de Herculano, que o número médio de filhos de um grupo que consistia em trinta e sete mulheres era de pouco mais de um filho e meio por cada uma, o que é muito pouco numa população sem meios eficazes para controlar a natalidade. Sobre a fiabilidade destes números, conseguidos através do estudo das marcas deixadas pelo parto nos ossos púbicos, cf. RIDDLE (1991: 30) e SNODGRASS & GALLOWAY (2003).

¹⁹² Por exemplo, Plin. *Nat.* 14.5: *postquam coepere orbitas in auctoritate summa et potentia esse, captatio in quaestu fertilissimo ac sola gaudia in possidendo, pessum iere uitae pretia omnesque a maximo bono liberales dictae artes in contrarium cecidere ac seruitute sola profici coeptum.*

¹⁹³ Sobre a contracepção nos tratados hipocráticos, cf. KING (1998: 132-156).

ginecologias e das farmacopeias antigas, o autor apoia-se em estudos científicos actuais para defender que algumas dessas substâncias têm efectivamente propriedades contraceptivas ou abortivas.

FRIER (1994), pelo contrário, considera que nenhuma sociedade antiga praticou limitação dos nascimentos e que a tese de Riddle não tem fundamentos sólidos. FRIER (1994: 329-330) refuta o argumento em que Riddle baseia o seu raciocínio: a queda da taxa de natalidade no início do período imperial. Apesar da política augustana de promoção da natalidade, não há, todavia, evidência de que se tenha verificado efectivamente um declínio demográfico ou que este, no caso de ter existido, se tenha devido à utilização de métodos contraceptivos ou abortivos¹⁹⁴. Por outro lado, mesmo que, como Riddle sustenta, algumas das substâncias referidas nos compêndios de medicina ou de farmacopeia da Antiguidade sejam eficazes, a abrangência da sua divulgação é incerta. O público deste tipo de obras era certamente um público de elite, composto principalmente por homens, mas se os autores destas obras se apropriaram de uma tradição oral, partilhada especialmente por mulheres e enriquecida com base nas experiências de gerações sucessivas, é de admitir que algumas mulheres tivessem acesso a métodos mais ou menos eficazes para limitar o número de filhos. FRIER (1994: 333), porém, considera que, embora algumas classes sociais pudessem ter interesse em limitar o número de filhos, este não

¹⁹⁴ Afirma FRIER (1994: 330): «(...) there is no particular demographic reason to associate population decline with family limitation rather than, for instance, with higher mortality, delayed marriage, increased celibacy, or some other combination of causes.»

era certamente um objectivo da população em geral¹⁹⁵. De facto, parece ter-se limitado às classes mais elevadas da população¹⁹⁶.

A reacção à obra de Riddle tem sido, de facto, ambivalente, e se é notável a conclusão a que chega de que muitas das substâncias conhecidas na Antiguidade pelas suas propriedades contraceptivas as possuem de facto, o certo é que não podemos concluir que o uso que delas era feito era rigoroso ou, de qualquer modo, frequente ao ponto de influenciar o crescimento demográfico¹⁹⁷. É extremamente relevante, no entanto, que se conhecessem estas substâncias e a possibilidade de as usar como métodos contraceptivos e, no âmbito deste estudo, este conhecimento, fosse ele mais ou menos abrangente, mais ou menos exacto, é importante pela demonstração de que ter filhos podia não ser o desejo de todos os casais – tratasse-se de relações legítimas ou não – ou, pelo menos, de que estes teriam à sua disposição meios para interromper uma gravidez inconveniente ou indesejada. O uso de produtos farmacológicos para impedir a concepção ou para provocar o aborto coexistia com a utilização de métodos menos “científicos”, como amuletos de origens e composições

¹⁹⁵ FRIER (1994: 333) conclui: «(...) ordinary Roman couples did not successfully limit their families through contraception and abortion. If in fact these couples had access to reliable means of effecting family limitation, then either they altogether failed to consider limitation, or they considered and rejected it because they did not want smaller families.»

¹⁹⁶ PARKIN (1992: 133), CALDWELL (2004: 12).

¹⁹⁷ KAPPARIS (2004: 15-16) resume bem esta questão: «Riddle certainly succeeded in making a credible case for the capabilities of ancient pharmacology. However, how far these capabilities could go remains questionable.» A falta de testes em humanos é um dos factores que para o autor condicionam a tese de Riddle. Os argumentos aduzidos contra este são, na sua maioria, de autores que trabalham na área da demografia histórica. Veja-se, por exemplo, a crítica de SCHEIDEL (2001: 39), que afirma: «Riddle (...) treats his audience to an indigestible cocktail of errors and fantasies that turns the demographic sections of his work into an embarrassing travesty of scholarship.» Cf. a opinião de PARKIN (1992: 127), sobre a relevância demográfica da prática da contracepção em Roma: «The main factor against the demographic significance of contraception in the ancient world was not its unacceptability but its ineffectiveness, combined perhaps with a general lack of male interest.»

várias. A frequência da sua utilização é corroborada pela censura que Sorano faz das mulheres que utilizam amuletos pelas suas propriedades contraceptivas, que reconhece inexistentes (*Gyn.* 1.63)¹⁹⁸.

A afirmação do Juramento hipocrático “não darei a uma mulher um pessário abortivo” entra em contradição flagrante com o facto de o *Corpus Hippocraticum* referir em muitos tratados, em diversos contextos e de forma muito clara, a prática da interrupção voluntária da gravidez¹⁹⁹. O autor do *De natura pueri* relata como, quando abordado pela dona de uma bailarina que não queria que esta perdesse o seu valor estético, lhe recomendou que saltasse de forma a bater com os calcanhares nas nádegas²⁰⁰. As receitas que nos tratados ginecológicos hipocráticos são indicadas “para expulsar o *embryon*” (*Mul.* 1.78; *Nat. Mul.* 32) são numerosas e de aplicações e ingredientes variados²⁰¹.

¹⁹⁸ O prolongamento da amamentação pode ter sido também uma forma de evitar a gravidez, mas o recurso a amas-de-leite obsta a que este tivesse tido uma utilização generalizada. Cf. TREGGIARI (1991: 407). SUDER (1991), porém, considera que, apesar de referida por alguns autores, nomeadamente por Aristóteles e Sto. Agostinho, não há indícios desta prática na literatura médica da época.

¹⁹⁹ A referência mais antiga a esta prescrição parece ser a de Escribónio Largo, que a entende erroneamente como uma proibição absoluta do aborto e realça a *humanitas* do pai da medicina: *Hippocrates, conditor nostrae professionis, initia disciplinae ab iureiurando tradidit, in quo sanctum est, ut ne praegnantem quidem medicamentum, quo conceptum excutitur, aut detur aut demonstretur a quoquam medico, longe praeformans animos discentium ad humanitatem. qui enim nefas existimauerint spem dubiam hominis laedere, quanto scelestius perfecto iam nocere iudicabunt? magni ergo aestimavit nomen decusque medicinae conseruare pio sanctoque animo quemque secundum ipsius propositum se gerentem: scientia enim sanandi, non nocendi est medicina.* (Larg. *Praef.* 5). Sobre este texto, cf. KAPPARIS (2004: 66).

²⁰⁰ Este salto é conhecido pela designação de salto lacedemónio, porque é referido por Lâmpito, uma personagem com esta origem que aparece na *Lisístrata* de Aristófanes (82).

²⁰¹ Estas receitas são normalmente prescritas como emenagogos ou como abortivos ou para expulsar o feto: Προσθετόν δυνάμενον χορίον εξαγαγεῖν, καὶ ἐπιμήνια κατασπάσαι καὶ ἔμβρυον ἀπόπληκτον· (*Mul.* 1.78.50); Χορίον ἐξάγει, καὶ ἐπιμήνια κατασπᾶ, καὶ ἔμβρυον ἡμίεργον ἔλκει· (*Mul.* 1.78.104); Ἔτερα ποτὰ καὶ προσθετὰ, δυνάμενα χόριον ἐξάγειν καὶ ἐπιμήνια κατασπάσαι· (*Nat. Mul.* 32.1); Τοῦτο καὶ ἐπιμήνια κατασπᾶ καὶ χόριον ἐξελάσει.

Apesar de contracepção e aborto se confundirem com frequência²⁰², principalmente porque era impossível detectar uma gravidez com dias ou semanas, Sorano distingue com precisão um contraceptivo, que designa como *atokion*, de um abortivo, a que dá o nome de *phthorion*, e, de entre os abortivos, distingue as substâncias das manobras violentas que têm como finalidade expulsar o embrião e que designa como *ekbolia* (*Gyn.* 1.60). Entre estas manobras, Sorano descreve o salto prescrito pelo autor do *De natura pueri*, o chamado salto lacedemónio, e reproduz o que alguns autores opinam sobre a aparente incongruência entre este episódio, em que o médico ensina uma bailarina a abortar, e o juramento. Assim, Hipócrates seria contra o uso de drogas, ou seja de *phthoria*, e não de manobras, de *ekbolia*. Sorano reproduz a polémica sobre a prática do aborto e os argumentos aduzidos pelas partes discordantes. Alguns médicos, assegura Sorano, afirmam-se contra o aborto alegando que a função da medicina é defender e não destruir o que foi gerado pela natureza²⁰³. Outros, ao lado dos quais o autor se coloca, têm uma posição mais moderada, já que admitem a prática do aborto terapêutico, mas manifestam-se contra o aborto motivado por razões fúteis, sejam estas de ordem

(*Nat. Mul.* 32.25); τοῦτο καὶ τὸ ἔμβρυον ἐξελαύνει (*Nat. Mul.* 32.25); Ἐμβρυον ἐκβάλλει (*Nat. Mul.* 32.35); Τοῦτο καὶ ἔμβρυον ἐξελαύνει.; Ἐκβόλιον· (*Nat. Mul.* 32.49), Ἐκβόλιον ἐμβρύον καὶ ὑστέρων· (*Nat. Mul.* 95.1), etc.

²⁰² Cf. GOUREVITCH (1996: 2104), que afirma que esta confusão se verifica principalmente em contextos moralistas. Mas, numa época em que se conhecia mal o processo da concepção e do desenvolvimento do embrião, seria impossível utilizar correctamente os termos “contraceptivo” e “abortivo”, no sentido em que os entendemos hoje, isto é, tendo o primeiro a finalidade de impedir a ovulação, a fertilização ou a implantação do óvulo e o segundo o objectivo de expulsar um ovo fertilizado e implantado no útero. Sobre esta distinção e a sua inexistência na medicina grega, cf. KING (1998: 134).

²⁰³ <οἱ μὲν> γὰρ ἐκβάλλουσιν τὰ φθόρια τὴν <Ἱπποκράτους> προσκαλούμενοι μαρτυρίαν λέγοντος· “οὐ δώσω δὲ οὐδενὶ φθόριον”, καὶ ὅτι τῆς ἱατρικῆς ἐστὶν ἴδιον τὸ τηρεῖν καὶ σῶζειν τὰ γεννώμενα ὑπὸ τῆς φύσεως. (*Gyn.* 1.60.2).

moral ou estética (*Gyn.* 1.60.3). Só quando a gravidez é inviável o aborto se justifica.

É vital nesta polémica a distinção entre a expulsão de um feto nas primeiras semanas de vida e o aborto de um feto já com características humanas. A questão, na base da polémica interminável sobre a legitimidade do aborto voluntário, baseia-se na definição do momento em que o feto passa a ser considerado um ser humano. De acordo com KAPPARIS (2004: 44ss.), para a maioria dos autores da Antiguidade, isto aconteceria não na concepção nem no parto, mas num momento do desenvolvimento fetal, determinado de forma divergente, quer pela existência de movimento, quer pelo nível de formação do feto. As observações de fetos abortados relatadas nos tratados hipocráticos teriam permitido a verificação de que em momentos diferentes o feto tem níveis de semelhança com um ser humano variáveis. Outro momento fundamental na atribuição de características humanas ao feto seria o momento em que se consideraria que este tem alma e, nesta perspectiva, conceitos empíricos como movimento e formação associam-se a noções morais e filosóficas mais complexas como a animação e a percepção sensorial²⁰⁴. A existência de movimento, que se verifica, segundo Aristóteles (*HA* 583b), depois dos quarenta dias de gestação nos rapazes e dos noventa nas raparigas, é uma forma de verificar que o feto é um ser humano. Antes de o embrião se mover ou de ter vida, o aborto é lícito ou, pelo menos, aceitável²⁰⁵. Recorde-se o que se disse antes sobre a utilização dos termos *ἐκρυσις* ou *ἐκροια* (fluxo) para designar a expulsão de um embrião com dias ou semanas. Nos primeiros tempos da gravidez, parece ter havido uma aceitação mais ou menos

²⁰⁴ Para os Estóicos, por exemplo, o feto só recebia uma alma no momento do parto, logo, antes de nascer, não podia ser considerado um ser humano.

²⁰⁵ Na *Política* (1335b19-26), Aristóteles, defendendo a limitação dos nascimentos, afirma que se estes ultrapassarem o limite desejado deve praticar-se o aborto antes que os fetos adquiram sensibilidade e vida: *πρὶν αἰσθησὶν ἐγγενέσθαι καὶ ζωὴν ἐμποιεῖσθαι δεῖ τὴν ἄμβλωσιν*.

abrangente da perda do feto, que ainda não se considerava um ser humano. Na falta de meios de diagnóstico que permitissem verificar o nível de formação ou a existência de movimento ou alma no embrião, esta confirmação dependia da percepção da mãe, que seria sempre subjectiva²⁰⁶. Também a falta de exactidão na determinação da data da concepção tornaria muito fluidos os limites propostos, o que levaria a que o aborto de uma gravidez que estivesse ainda no início ou que não tivesse sido notada não levantasse muitas suspeitas em relação à intervenção da mulher.

Uma vez que se considerava perigoso o uso de abortivos, que podiam pôr em perigo a vida da grávida, Sorano defende que é melhor recorrer a métodos anticoncepcionais (*Gyn.* 1.60; 1.61) e recomenda formas diversas de impedir a concepção, sejam técnicas a adoptar durante a relação sexual²⁰⁷, a escolha de dias menos propícios²⁰⁸ ou receitas com ingredientes e de aplicações diversos, muitos deles já indicados nos tratados hipocráticos²⁰⁹. Depois de referir de forma genérica algumas substâncias a aplicar como unguentos ou em

²⁰⁶ Cf. KAPPARIS (2004: 50).

²⁰⁷ Lucrécio, ao contrário, indica a posição (*more ferarum quadrupedumque magis ritu plerumque putantur / concipere uxores*; 4.1264-1266) e a atitude (*nec molles opus sunt motus uxoribus hylum*; 4.1268) que a mulher deve adoptar numa relação sexual para promover a concepção. Note-se, porém, que estas recomendações se destinam às *uxores*, que devem agir de forma diferente das prostitutas (*idque sua causa consuerunt scorta moueri, / ne complerentur crebro grauidaeque iacerent, / et simul ipsa uiris Venus ut concinnior esset; / coniugibus quod nil nostris opus esse uidetur*; 4.1274-1277).

²⁰⁸ Sorano (*Gyn.* 1.36) indica como dias menos propícios à concepção os que se seguem ao período menstrual, o que está em contradição com as descobertas da medicina moderna. Note-se, porém, que o princípio desta prescrição é, com as devidas diferenças, semelhante ao que subjaz à tabela de Ogino-Knaus.

²⁰⁹ SALMON (1999: 38) afirma que os *Gynaikieia* de Sorano são «le texte le plus exhaustive sur la conception dans l'antiquité romaine.»

pessários, Sorano descreve com pormenor algumas receitas mas, no fim, assevera que estas tanto evitam a concepção como a destroem²¹⁰.

Ainda que deixe bem clara a sua posição pró-natalidade, afirma, porém, logo a seguir ao elenco dos métodos anticoncepcionais: “se, porém, a concepção ocorreu, deve fazer-se durante trinta dias, o oposto do que disse antes” (*Gyn.* 1.64), isto é, o contrário do que prescreveu para proteger a gravidez: fazer movimentos violentos, carregar cargas pesadas, tomar diuréticos, emenagogos ou purgativos, massajar-se com vigor, especialmente na zona junto do abdómen, tomar banhos demorados ou recorrer a sangrias abundantes de modo a provocar a expulsão do feto (*Gyn.* 1.63-65).

Plínio manifesta-se contra estas práticas²¹¹ e descreve de forma consistente, como vimos, o que se deve evitar para proteger a gestação. Em *Nat.* 29.85.6, declara a sua posição em prol da concepção, pedindo perdão por ter mencionado um método contraceptivo, que, aliás, pouca eficácia devia ter, uma vez que se tratava da utilização de dois vermes, que se encontravam na cabeça de uma aranha que os Gregos designavam como falange, e que as mulheres utilizavam presos ao corpo com um pedaço de pele de cervo para evitar a gravidez durante um ano²¹²:

quam solam ex omni atocio dixisse fas sit, quoniam aliquarum fecunditas plena liberis tali uenia indiget.

A razão que apresenta, porém, mostra como os filhos em demasia são também uma preocupação da sociedade romana e podem justificar o desejo de limitar a

²¹⁰ ταῦτα δὲ οὐ μόνον κωλυτικὰ συλλήψεως ὑπάρχει, ἀλλὰ καὶ φθαρτικὰ τῆς ἤδη συνεστῶσης. (*Gyn.* 1.63).

²¹¹ Por exemplo: *ego nec abortiua dico ac ne amatoria quidem* (*Nat.* 25.25).

²¹² *Tertium genus [araneorum] est eodem phalangi nomine araneus lanuginosus, grandissimo capite, quo dissecto inueniri intus dicuntur uermiculi duo adalligatique mulieribus pelle ceruina ante solis ortum praestare, ne concipiant, ut Caecilius in commentariis reliquit. uis ea annua est.* (*Nat.* 29.85)

família, mesmo para um autor que se afirma contra as medidas preventivas da concepção.

Plínio não aprova o aborto provocado, que diz ter sido uma invenção criminosa das mulheres (*Nat.* 10.172), mas, da superstição e do recurso a amuletos à ingestão ou aplicação tópica de determinadas substâncias, passando por acções aparentemente inócuas que podem pôr em perigo a gravidez, relata toda uma série de actos que a grávida deve evitar porque *abortum faciunt*. A perspectiva pliniana é, repita-se, a protecção da gestação e não a da contracepção²¹³, mas, ainda assim, demonstra conhecimento na matéria e refere fontes, que desacredita ou não²¹⁴, que abordam o assunto. Quando, por exemplo, escreve:

sic et elleborum seritur in Thaso aut cucumis silvester aut scammonia, quod uinum p<h>thorium uocatur, quoniam abortus facit.(*Nat.* 14.110)

não é claro que o faça da perspectiva de quem quer recomendar o uso destas plantas para interromper a gravidez, apesar de, obviamente, a informação permitir que se recorra a estas plantas para o fazer²¹⁵. A divulgação do que se deve evitar para proteger o feto permite, efectivamente, que este conhecimento

²¹³ Cf. FLEMMING (1998: 166-169), que apresenta a comparação entre a atitude de Plínio, que recusa a prescrição do aborto, e a de Dioscórides, que apresenta receitas para este efeito de forma moralmente neutra.

²¹⁴ Desacredita, por exemplo, as informações de Laís e Elefântide: *quae Laís et Elephantis inter se contraria prodidere de abortiu<o> carbone e radice brassicae uel myrti uel tamaricis in eo sanguine extincto, itemque asinas tot annis non concipere, quot grana hordei contacta ederint, quaeque alia nuncupauere monstifica aut inter ipsa pugnancia, cum haec fecunditatem fieri isdem modis, quibus sterilitatem illa, praenuntiaret, melius est non credere.* (*Nat.* 28.81).

²¹⁵ *Olympias Thebana [maluas] abortiuas esse cum adipe anseris.* (*Nat.* 20.226); *non edendum grauidis nisi mortuo conceptu, quippe etiam inpositum eicit.* (*Nat.* 20.248); *feminis quidem abortus facere* (*Nat.* 21.116); *abortum fieri puto.* (*Nat.* 21.147); *Chamaepitys Latine abiga uocatur propter abortus* (*Nat.* 24.29); *semen dracunculi feruens mordaxque tradendo tantumque et uirus, ut olfactum grauidis abortum inferret* (*Nat.* 24.143); *suum tamen uenenum ei est, traduntque, si praegnans radicem eam transgrediatur, abortum fieri.* (*Nat.* 25.115); etc. *praegnans, si edit eam [i. e. onosma] aut supergradiatur, abortum facere dicitur.* (*Nat.* 27.110).

seja utilizado para conseguir o efeito oposto. As referências frequentes ao risco de aborto, todavia, associadas à ideia da fragilidade da vida humana que Plínio desenvolve em momentos diversos, expõem a perspectiva pliniana que, de acordo com FLEMMING (1998: 169), vai ao encontro da atitude romana de desconfiança em relação ao aborto porque e quando praticado pelas mulheres sem o consentimento do pai da criança. Plínio dá, assim, voz à censura moralista da interrupção da gravidez.

Os métodos abortivos parecem dividir-se principalmente em duas categorias: os químicos e os instrumentais. Veja-se, por exemplo, na peroração de Ovídio contra o aborto:

*uestra quid effoditis subiectis uiscera telis,
et nondum natis dira uenena datis? (Am. 2.14.27-28).*

Sorano adverte, porém, para o perigo da utilização dos últimos, especialmente de objectos afiados que podem ferir o útero (*Gyn.* 1.65). Na epístola ovidiana de Cànace a Macareu, a jovem, grávida do irmão, refere as *herbae* e os *medicamina* que a *nutrix* lhe trouxe para provocar o aborto de um *nimium uiuax infans* (*Ep.* 11.43.)²¹⁶.

Alguns autores referem, com tom e em contextos marcadamente moralizantes, o suposto costume de as matronas romanas manterem relações com eunucos, as quais eram, obviamente, relações seguras em que não se gerariam filhos²¹⁷. Era, assim, uma forma de devassidão moral, uma vez que se buscava neste tipo de relação o prazer sem riscos nem consequências.

Nero, para contrariar a estima que a esposa detinha junto do povo, mesmo depois de a ter repudiado devido à sua alegada esterilidade e de a ter exilado, acusou-a de ter abortado para esconder o adultério com um escravo

²¹⁶ Suetónio refere que Nero compôs uma *Canace Parturiens*, pelo que o assunto da gravidez incestuosa, com a consequente tentativa frustrada de aborto, as peripécias do parto e a exposição do filho indesejado devia gozar de alguma popularidade na época (Suet. *Nero* 21.3).

²¹⁷ Mart. 6.67; Juv. 6.366-368.

(Tac. *Ann.* 14.62). Saliente-se, aliás, que as referências ao aborto aparecem com frequência relacionadas com motivações moralmente questionáveis, como no caso de uma gravidez resultante de uma relação ilegítima, ou com razões fúteis como a vaidade e a recusa de deformar o corpo. Quando se dirige de forma elogiosa à mãe, Séneca opõe a virtude desta à recusa da gravidez das mulheres do seu tempo:

numquam te fecunditatis tuae, quasi exprobraret aetatem, puduit, numquam more aliarum, quibus omnis commendatio ex forma petitur, tumescentem uterum abscondisti quasi indecens onus, nec intra uiscera tua conceptas spes liberorum elisisti. (Dial. 12.16.3)

A generalização é provavelmente um artifício retórico ou, como diz DIXON (1988: 23), «little more than malicious fantasy», mas a frequência com que se atribui à mulher a iniciativa de abortar para manter a sua beleza²¹⁸ é compensada pelo silêncio quase absoluto sobre outro tipo de motivações, nomeadamente de origem económica ou social.

Ainda que alguns autores refiram medidas legais contra o aborto, associadas a legisladores do passado, a condenação jurídica não parece ter existido antes do século II d. C.. Plutarco (*Rom.* 22.3) diz que Rómulo decretou que o marido que surpeendesse a esposa em adultério, que se apoderasse das chaves ou que envenenasse os filhos – expressão que se tem entendido como referência ao aborto –, podia repudiá-la. Esta tradição aparece já referida na obra de Dionísio de Halicarnasso (*Ant. Rom.* 2.35), que atribui a Rómulo o

²¹⁸ O mesmo tema em Ov. *Am.* 2.14.7-8, *Nux.* 23-24, Gel. 12.1.8 e em Juv. 6.592ss. Nos *Fastos* 1.619-626, Ovídio afirma que, em protesto contra o facto de ter sido retirado às mulheres o privilégio de serem transportadas em liteira, estas abortavam para punir os maridos: *nam prius Ausonias matres carpenta uehebant / (haec quoque ab Euandri dicta parente reor); / mox honor eripitur, matronaque destinat omnis / ingratos nulla prole nouare uiros, / neue daret partus, ictu temeraria caeco / uisceribus crescens excutiebat onus. / corripuisse patres ausas immitia nuptas, / ius tamen exemptum restituisse ferunt.*

direito de o marido repudiar a esposa se esta fosse *φθορὰ σώματος*. Não é certo, porém, se esta expressão se refere à prática do aborto ou ao adultério²¹⁹.

O facto de uma mulher abortar relacionava-se frequentemente com uma conduta sexual ilícita e condenava-se socialmente porque a futura mãe tomava uma decisão que não lhe cabia e que era prerrogativa exclusiva do *paterfamilias*²²⁰. Podemos, todavia, supor, apesar da ausência de referências a uma situação deste tipo, que bastaria o assentimento paterno para que o aborto fosse reconhecido como aceitável. Seria também interessante saber se a mãe que se via obrigada a abortar por decisão do marido disporia de mecanismos para se lhe opor. De qualquer modo, o escrutínio social seria certamente evitado a todo o custo e a prática efectiva manter-se-ia um assunto do foro privado, que permanecia na intimidade da família ou só da mulher, quando esta decidia terminar a gravidez sem o consentimento do pai da criança. Este carácter clandestino determinou provavelmente a percepção do aborto como algo negativo que nos é legada, por exemplo, por um autor como Plínio.

A criança *in utero* é referida nos textos jurídicos especialmente em contextos associados às relações familiares e aos direitos de sucessão, ou seja, relacionados com a sua posição dentro da família e a relação jurídica com os pais. Apesar disso, afirma-se que o feto é uma parte das entranhas da mãe e que só depois de nascer pode ser considerado uma pessoa²²¹, o que justifica que só muito tarde se tenha penalizado o aborto e, ainda assim, sempre com a noção subentendida de um crime que a mulher praticou contra o marido e não contra

²¹⁹ No opúsculo *An animal sit id quod in utero est*, atribuído a Galeno, mas provavelmente não da sua autoria, afirma-se que Sólon e Licurgo proibiam o aborto.

²²⁰ DIXON (1988: 62): «The implication is that a wife procuring an abortion in secret would be seen as usurping the husband's right over his legitimate offspring or covering up adultery.»

²²¹ *partus enim antequam edatur, mulieris portio est uel uiscerum*. (Dig. 25.4.1).

o filho²²². A protecção dos direitos de um filho póstumo é assegurada, uma vez que a morte do pai não implica a perda da relação jurídica entre o filho e a família paterna²²³. Ainda que algumas referências demonstrem que juridicamente se considera um ser humano²²⁴, a lei protege-o contra uma morte violenta e prematura apenas porque (e quando) esta lesa os interesses do pai e os do Estado²²⁵. Beneficia de alguma protecção e são-lhe garantidos alguns direitos, que se mantêm até ao seu nascimento. Refira-se que uma lei identificada como lei régia proibia que se sepultasse uma mulher grávida antes de se lhe retirar o feto do ventre²²⁶. Ulpiano afirma que uma criança nascida por intermédio de uma cirurgia era um herdeiro válido²²⁷. Isto não quer dizer que se reconhecesse a qualquer criança o direito à vida, apenas que se lhe garantia o direito a um lugar na sua família, se esta assim o entendesse.

KAPPARIS (2002: 176ss.) defende que só no século III se proibiu efectivamente o aborto, não existindo, até àquela altura, nenhum tipo de restrição à sua prática e que esta não foi nunca assimilada ao homicídio. Podemos falar, no entanto, como vimos, de uma tendência para censurar as mulheres que abortavam, tendência que surge a partir dos últimos tempos da

²²² Cf., por exemplo: *Si mulierem uisceribus suis uim intulisse, quo partum abigeret, constiterit, eam in exilium praeses provinciae exiget.* (Dig. 48.8.8); *sed et si qua uisceribus suis post diuortium, quod praegnas fuit, uim intulerit, ne iam inimico marito filium procrearet, ut temporali exilio coerceatur.* (Dig. 48.19.39). De acordo com NÉRAUDAU (1994: 188), estas medidas, a par da punição daquele que fornecesse a uma mulher uma poção abortiva (Dig. 47.11.4), datam do séc. II d. C..

²²³ Cf., por exemplo, Dig. 28. 2.4; Gaius Inst. 2.133.

²²⁴ Cf. Paul. Dig. 1.5.7: *Qui in utero est, perinde ac si in rebus humanis esset custoditur*; Iulian. Dig. 1.5.26: *Qui in utero sunt in toto paene iure ciuili intelleguntur in rerum natura esse.*

²²⁵ HIRT (2004: 282).

²²⁶ *Negat lex regia mulierem, quae praegnas mortua sit, humari, antequam partus ei excidatur: qui contra fecerit, spem animantis cum grauida peremisse uidetur.* (Dig. 11.8.2); RAWSON (2003: 99) entende que esta lei protegia não apenas um herdeiro potencial, mas também o direito da criança à vida.

²²⁷ *Quod dicitur filium natum rumpere testamentum, natum accipe et si exsecto uentre editus sit: nam et hic rumpit testamentum, scilicet si nascatur in potestate.* (Dig. 28.2.12pr.)

República e do início do Império e que acompanha a sensibilização da população para a necessidade de ter filhos²²⁸. HIRT (2004: 282-283), todavia, defende que o aborto foi sempre considerado um crime no direito romano, desde que se provasse em tribunal que a mulher tinha abortado intencionalmente. Tanto esta como a pessoa que lhe tivesse fornecido uma poção abortiva deviam ser punidas. A autora nota, porém, que a criminalização do aborto não tinha fundamentos morais ou éticos, como os que caracterizam o debate moderno sobre a legalização do aborto, mas visava somente a preservação do direito do pai sobre os seus descendentes e do Estado sobre os seus cidadãos.

Quando a maternidade não era possível: a infertilidade

A infertilidade assume uma importância preponderante já na tradição grega. Tanto o *Corpus Hippocraticum* como o *Aristotellicum* incluem um tratado sobre o assunto²²⁹, mas, lamentavelmente, a secção da obra de Sorano que trataria deste assunto perdeu-se. A importância da geração de filhos no casamento determinaria certamente que se percebesse a esterilidade como uma anomalia e havia cultos religiosos que se supunha que promoviam a fertilidade, como, por exemplo, as Lupercais. É incerto o que pensariam os casais inférteis sobre a situação, mas as informações sobre alguns divórcios parecem indicar que, de algum modo, se atribuía a responsabilidade à esposa. Os divórcios de

²²⁸ Afirma KAPPARIS (2004: 194): «The criminalization of induced abortion was primarily due to demographic policies intended to address the insecurity of the ruling Roman classes. It was a product of the fear that the traditional Roman family and the values that it represented were in danger from the multitude of alien cultures that surrounded them (...).»

²²⁹ O livro 10 da *História dos Animais* levanta, porém, questões várias relativamente ao seu lugar dentro da obra e mesmo em relação à sua autoria. Cf. SILVA (2008: 60ss.)

Carvílio Ruga e o de Sula e Clélia foram justificados pela incapacidade de gerar filhos²³⁰. Também Calígula alegou a esterilidade de Lólia Paulina para se divorciar dela²³¹. O epitáfio de Túria, todavia, mostra o exemplo oposto, isto é a recusa do marido em repudiar a esposa por esta não lhe ter gerado filhos, ainda que tenha sido ela própria a aconselhar ao marido que a repudiasse e casasse novamente²³².

Plínio, no livro 7, reconhece, porém, que nem sempre a deficiência é da mulher e que pode haver casais incompatíveis, como foi o caso de Augusto e Lúvia, em que ambos tiveram filhos de casamentos anteriores, mas foram incapazes de gerar um filho de ambos²³³, ou pessoas que só conseguem gerar crianças de um sexo, ou que são estéreis em determinado período das suas vidas, ou ainda mulheres que não conseguem levar uma gravidez a termo (*Nat.* 7.57-58). E às vezes acontece que estas últimas, quando ajudadas pela medicina, conseguem gerar, mas dão à luz raparigas. Esta afirmação de Plínio vai ao encontro da valorização dos rapazes que referimos acima e parece indiciar que o nascimento de uma rapariga não é o que se deseja numa gravidez ou que, de algum modo, fica aquém do desfecho perfeito que seria o nascimento de um rapaz²³⁴.

²³⁰ Cf. Gel. 4.3.2; Plut. *Sull.* 35.2 e TREGGIARI (1991: 325, 462). O tema deve, de facto, ter despertado grande interesse, já que alguns exercícios retóricos abordam a questão da legitimidade do divórcio de uma mulher incapaz de gerar filhos: Sen. *Con.* 2.5, Quint. *Decl.* 251.

²³¹ Cf. Díon Cássio 59.23 : τότε δὲ ἐκβαλὼν τὴν Παυλίαν, προφάσει μὲν ὡς μὴ τίκτουσαν (...).

²³² *ILS* 8393.31.

²³³ Lúvia terá chegado a engravidar, mas pouco depois terá perdido a criança (Suet. *Aug.* 63.1).

²³⁴ Cf. GOUREVITCH (1984: 144), que faz remontar esta ideia a Aristóteles e afirma: «les Anciens admettent que la fille est une espèce de monstre, un garçon imparfait et inachevé (...) : par conséquent, la procréation des filles n'est pas qu'une forme de stérilité.»

Também Lucrécio refere as incompatibilidades entre os casais que são capazes de gerar com outros parceiros (4.1248-1256²³⁵) e chega a atribuir a deficiências na semente masculina a responsabilidade por a mulher não conceber (4.1240-1247²³⁶). Plínio, pelo contrário, mostra-se sempre um pouco reticente na aceitação de que a esterilidade pode ser da parte do homem, apesar de indicar substâncias que podem ter este efeito²³⁷ e, pela promoção que faz da gravidez, deixa claro que esta é um dos objectivos primordiais do matrimónio e que é responsabilidade da mulher proteger o feto.

Exposição e infanticídio

Além do aborto, a exposição e o infanticídio parecem ter sido meios utilizados pelos Romanos para limitar o número de filhos, mas que, ao contrário da prática do aborto, podiam ter também como finalidade a eliminação de filhos considerados frágeis ou “que não valeria a pena criar”. A

²³⁵ *atque alias alii complent magis ex aliisque / succipiunt aliae pondus magis inque grauescunt. / et multae steriles Hymenaeis ante fuerunt / pluribus et nactae post sunt tamen unde puellos / suscipere et partu possent ditescere dulci. / et quibus ante domi fecundae saepe nequissent / uxoris parere, inuentast illis quoque compar / natura, ut possent gnatis munire senectam.*

²³⁶ *nam steriles nimium crasso sunt semine partim, / et liquido praeter iustum tenuique uicissim. / tenue locis quia non potis est adfigere adhaesum, / liquitur extemplo et reuocatum cedit abortu. / crassius hinc porro quoniam concretius aequo / mittitur, aut non tam prolixo prouolat ictu / aut penetrare locos aequae nequit aut penetratum / aegre admiscetur muliebri semine semen.*

²³⁷ (...) *eos, qui [apium] ederint, sterilescere, mares feminasue* (Nat. 20.114); *ideoque eos, qui biberint eam [nymphaeam] XII diebus, coitu genituraque priuari.* (Nat. 25.75); *Clymenus a rege herba appellata (...) sterilitatem pota etiam uiris fieri.* (Nat. 25.70).

expressão, que figura na obra de Sorano (*Gyn.* 2.9²³⁸), mostra que determinadas situações podiam condicionar a aceitação do recém-nascido pela família.

A importância demográfica da exposição e do infanticídio tem, no entanto, dividido a crítica²³⁹. Se ENGELS (1980) considera que uma taxa muito elevada de crianças abandonadas é improvável para as sociedades antigas, já HARRIS (1981) sustenta que não há razão para duvidar de que ambos foram práticas comuns, tanto na Grécia como em Roma. PATTERSON (1985) defende que não são os números que importam nesta questão, mas o impacto psicológico que a prática teve na sociedade.

Como só muito tarde a lei passou a considerar o infanticídio um crime, poderemos supor que este foi sempre uma alternativa, especialmente quando o aborto não podia realizar-se, como hoje acontece, por se terem verificado anormalidades no feto, e se davam à luz crianças com deficiências que, obviamente, só depois do parto podiam ser identificadas como tal. Exposição e infanticídio tinham, assim, objectivos eugénicos que o aborto não tinha nem podia ter. POMEROY (1983: 207) afirma: «infanticide is simply late abortion.» A autora refere o facto, especialmente relevante no contexto das sociedades antigas, de que o infanticídio era mais seguro para a saúde da mãe do que o aborto voluntário nos últimos meses da gravidez e, por esta razão, era também uma forma de planeamento familiar.

Ao contrário da contracepção e do aborto, requeria a participação do pai, já que era ao *paterfamilias*, no âmbito da sua *patria potestas*, que cabia a decisão de criar ou não o filho recém-nascido. O pai podia, juntamente com a mãe ou

²³⁸ τίνα τῶν γεννηθέντων πρὸς ἀνατροφὴν ἐστὶν ἐπιτήδεια; Pouco depois, afirma que cabe à parteira, depois de verificar e anunciar o sexo da criança, determinar se é útil criá-lo: κατανοεῖτω δὲ καί, πότερον πρὸς ἀνατροφὴν ἐστὶν ἐπιτήδειον ἢ οὐδαμῶς (*Gyn.* 2.10).

²³⁹ Refira-se que os trabalhos citados neste parágrafo se dedicam quase exclusivamente à prática da exposição na sociedade grega. Sobre a exposição em Roma, destacam-se os trabalhos de NÉRAUDAU (1996: 190-202), SALMON (1999: 78-88), CORBIER (2001).

não, decidir expor o filho, mas esta decisão tinha de ser tomada antes de este ser reconhecido, o que supostamente acontecia no momento em que o pai tomava o filho nos seus braços, levantando-o do chão (*tollere liberos*), onde teria sido colocado para estar em contacto com a terra²⁴⁰. Este ritual, todavia, tem levantado algumas dúvidas, não apenas sobre a sua eficácia jurídica²⁴¹, mas ultimamente também sobre a sua própria existência. SHAW (2001), dando seguimento a uma ideia defendida por KÖVES-ZULAUF (1990), sustenta que a cerimónia nunca existiu efectivamente e que é uma criação tardia que foi sendo tomada como certa por gerações sucessivas de classicistas. Depois de analisar as fontes do suposto ritual, o autor conclui que a expressão *tollere* ou *suscipere liberos* não se refere a uma cerimónia ou a um ritual particular, mas tem somente o significado de “criar” os filhos, sem especificidades jurídicas. Quanto à ligação religiosa da criança com a terra, SHAW (2001: 43) alerta para o facto de, devido à forma como os partos aconteciam, isto é, estando a mãe sentada e não deitada, o recém-nascido se encontrar muito próximo do chão.

De qualquer modo, no momento do parto ou pouco depois, a família tinha de decidir se aceitava ou não o recém-nascido. A cerimónia do *dies lustricus* marcaria a entrada oficial da criança na família e na sociedade²⁴². Terá existido, desde Augusto, a prática de declarar oficialmente o nascimento de um filho, fosse este homem ou mulher, fazendo junto de uma entidade pública (em Roma, junto do *praefectus aerarii Saturni*) o registo do nome, da data de nascimento e da filiação da criança. Assim, de acordo com CORBIER (2001: 57), é a atribuição de um nome que assinala a existência oficial do recém-nascido, o que implica que, antes do *dies lustricus*, que acontecia aos oito dias de vida para

²⁴⁰ DIXON (1988: 238).

²⁴¹ Cf. COLOGNESI (1990), que conclui que a cerimónia tinha apenas um valor social e não jurídico, uma vez que não era necessária para criar a *patria potestas*.

²⁴² CORBIER (2001: 55-57).

a rapariga e aos nove para os rapazes, as crianças não tinham existência legal. É por esta razão que, de acordo com a autora, em *Quaestiones Romanae* (102), Plutarco afirma que antes de perder o cordão umbilical, isto é, antes da primeira semana de vida, o recém-nascido é mais uma planta do que um ser vivo e é precisamente neste período, em que a criança não tem ainda o estatuto de membro da família e da comunidade, que pode ser exposta, por decisão do pai. Afirma CORBIER (2001: 71): «The rejection of the child by exposure takes place before it is regarded as having attained full human status and integration in the family. We cannot overemphasize this intermediate phase, so foreign to our own conceptions.»²⁴³ Deste modo, a exposição de um recém-nascido que não foi ainda legalmente aceite pela família é comparável a um aborto. Nenhuma das práticas é moralmente condenável. Isto não equivale a dizer que os Romanos aceitavam que os pais tirassem a vida aos seus filhos, apenas que não havia sanções sociais para quem abandonasse um filho nos primeiros dias de vida.

A exposição era uma prática que permitia que os pais rejeitassem um recém-nascido que não desejavam, fosse por razões sociais, como a pobreza ou o número excessivo de filhos²⁴⁴, por se tratar de um filho ilegítimo ou por motivos relacionados com a saúde ou o sexo da criança²⁴⁵. Não há muitas

²⁴³ PATTERSON (1985: 105) defende a mesma ideia quanto à prática da exposição na Grécia: «(...) it is important to realize that in ancient Greek language and society 'exposure' was a limited and specific act affecting not a recognized member of the household or *oikos* but rather a newborn *brephe* who had as yet no place within the family unit.»

²⁴⁴ Cf. a informação de Plínio-o-Moço: *Locupletes ad tollendos liberos ingentia praemia et pares poenae cohortantur, pauperibus educandi una ratio est bonus princeps. Hic fiducia sui procreatos nisi larga manu fouet auget amplectitur, occasum imperii occasum rei publicae accelerat, frustra proceres plebe neglecta ut desectum corpore caput nutaturumque instabili pondere tuetur.* (Pan. 25-26).

²⁴⁵ Algumas informações parecem indicar que a exposição de um filho podia fazer-se também como uma forma de protesto político. Suetónio (*Cal.* 5) afirma que, em 19 d. C., depois da morte de Germânico, *lapidata sunt templa, subuersae deum arae, Lares a quibusdam familiares in publicum abiecti, partus coniugum expositi*. Dión Cássio (61.16.2) menciona o caso de um recém-

informações sobre como, na prática, se abandonaria um filho indesejado. Muito menos sabemos acerca dos sentimentos da mãe que, devemos assumir, se veria numa de duas situações: ou obrigada a abandonar o filho por vontade do marido ou fazendo-o de mútuo acordo com este. Suetónio refere dois casos de crianças da casa imperial abandonadas devido a questões relacionadas com a legitimidade do seu nascimento: Augusto proibiu que se criasse a filha de Júlia Menor, supostamente nascida de adultério (*Aug.* 65.4²⁴⁶), e Cláudio abandonou a filha da esposa, Urgulanila, também acusada de adultério com um escravo (*Cl.* 27.1²⁴⁷). Refere ainda os casos de Marco António Gnifo e de Gaio Mecenás Melisso, dois *grammatici* célebres, que foram abandonados pelos pais (*Gram.* 7.21²⁴⁸).

A questão levantada há muito de que as raparigas teriam mais probabilidades de serem expostas do que os rapazes mantém-se polémica e dificilmente encontrará uma resposta cabal²⁴⁹. Dois textos de natureza muito diversa que ditam a exposição futura do recém-nascido se este for uma rapariga têm, porém, um contexto marcadamente não-romano que torna difícil tirar conclusões válidas para a sociedade romana. O primeiro, uma carta conservada num papiro de Oxirrínco (4.744) e datada de 2 a. C., contém as instruções de Hiláron, que saiu de Alexandria, à esposa que aí permaneceu, recomendando-lhe que não crie a criança que vai nascer em breve se esta for do sexo feminino. O mesmo acontece na história de Ífis nas *Metamorfoses* de Ovídio (*Met.* 9.666ss.).

nascido que, no seguimento da morte de Agripina Menor, foi deixado no fórum com a justificação de que era exposto para não matar a própria mãe.

²⁴⁶ *ex nepte Iulia post damnationem editum infantem adgnosci aliquē uetuit.*

²⁴⁷ A exposição da filha de Urgulanila causou muita polémica, uma vez que a criança não era recém-nascida, mas tinha já começado a ser criada como filha legítima. *Claudiam ex liberto suo Botere conceptam, quamuis ante quintum mensem diuortii natam aliquē coeptam, exponi tamen ad matris ianuam et nudam iussit abici.*

²⁴⁸ Suetónio afirma que Melisso foi exposto *ob discordiam parentum* (Suet. *Gram.* 21.1).

²⁴⁹ ENGELS (1980), GOLDEN (1981).

Depois de o marido lhe ter ordenado que abandonasse o filho que estava para nascer no caso de este ser mulher, e justificando este acto com razões económicas, a mãe, Teletusa, esconde o verdadeiro sexo da criança e cria-a como se esta fosse um rapaz. Note-se, porém, que se percebe no texto uma tentativa de legitimar o pedido do pai, não só apresentando-o como uma pessoa de poucos recursos mas de grande honra, como também mostrando a dor do pai como não inferior à da mãe²⁵⁰. Ovídio apresenta a situação de forma a afirmar o amor paterno e a salientar como tomar uma decisão deste tipo podia ser um acto penoso e de grande sofrimento.

Ainda que exposição e infanticídio não fossem necessariamente sinónimos, uma vez que, em princípio, as crianças seriam deixadas em locais em que esta prática era habitual, possibilitando assim que fossem recolhidas por outrem²⁵¹, muitas devem ter acabado por sucumbir. A referência às crianças abandonadas às feras e às aves de rapina pode ser um tópico literário, explorado com propósitos diversos, mas tem certamente uma base real. Na *Heróide* 11, que Cànace dirige ao irmão Macareu, de quem concebeu um filho que está prestes a ser exposto pelo pai de ambos, a jovem repete esta preocupação. Não é apenas o abandono do filho que a inquieta, mas também, e talvez principalmente, o facto de o pequeno, recém-nascido, não ter hipóteses de sobreviver nos locais inóspitos e habitados pelas feras em que o avô o abandonará²⁵².

²⁵⁰ Refira-se também o voto que Ligdo exprime de que o parto seja fácil: *Ligdum, / ingenua de plebe uirum, nec census in illo / nobilitate sua maior, sed uita fidesque / inculpata fuit.* (Met. 6.670-673); *'quae uoueam, duo sunt: minimo ut releuere dolore, / utque marem parias. onerosior altera sors est, / et uires fortuna negat. quod abominor, ergo / edita forte tuo fuerit si femina partu, – / inuitus mando; pietas, ignosce! – necetur.'* / dixerat, et lacrimis uultum lauere profusis, / tam qui mandabat, quam cui mandata dabantur. (Met. 9.675-681).

²⁵¹ BOSWELL (1984) explora esta diferença.

²⁵² *Iamque dari paruum canibusque auibusque nepotem / iusserat, in solis destituique locis.* (Ep. 11.83-84); *cum mea me coram siluas inimicus in altis uiscera montanis ferret edenda lupis?* (Ep. 11.89-90).

Na descrição dos costumes dos Germanos, Tácito elogia o facto de estes não limitarem o número dos seus filhos e de considerarem o infanticídio um crime (*Ger.* 19²⁵³). Como Tácito apresenta os Germanos como oposto dos Romanos, esta afirmação pode indicar que em Roma o infanticídio, ao contrário do que acontecia na Germânia, era uma prática aceite, ainda que o autor pareça repudiá-la.

Apesar de, à imagem do que aconteceu em épocas posteriores, podermos supor que haveria lugares que seriam identificados com esta prática, não sabemos a sua localização²⁵⁴. O *Digesto* menciona *is qui publicis locis misericordiae causa exponit* (*Dig.* 25.3.4) e Juvenal refere-se às crianças recolhidas *ad spurcos... lacus* pelas matronas romanas apostadas em enganar os maridos com filhos que não geraram²⁵⁵.

Haveria, assim, locais onde as crianças abandonadas pelos pais podiam ser recolhidas e, como CORBIER (2001: 68) defende, esta seria uma fonte de escravos, pois muitas crianças seriam efectivamente salvas e criadas com esta finalidade²⁵⁶. Na *Controvérsia* 10.4, Séneca-o-Velho apresenta uma situação que não seria de todo alheia à realidade: um homem recolhia as crianças expostas para fazer delas mendigos, mas, para que tivessem mais sucesso nesta actividade, mutilava-os. Os argumentos aduzidos pelos retores, que Séneca reproduz, baseiam-se principalmente na justiça de se maltratarem estes seres,

²⁵³ *numerum liberorum finire aut quemquam ex agnatis necare flagitium habetur.*

²⁵⁴ A informação veiculada em Paulo-Festo de que a Coluna Lactária no *Forum Olitorium* em Roma era um sítio onde *infantes lacte alendos deferebant*, interpretada como indicação de que seria um local de exposição (NÉRAUDAU (1996: 197)), parece significar, porém, que seria um local de contratação de *nutrices*. Apesar de CALDWELL (2004: 3, 8) referir que era comum que as crianças fossem expostas nas proximidades dos mercados, não há qualquer indicação de que isto tenha acontecido em Roma.

²⁵⁵ *transeo suppositos et gaudia uotaque saepe / ad spurcos decepta lacus, saepe inde petitos / pontifices, salios Scaurorum nomina falso / corpore laturos.* (Juv. 6.602-605).

²⁵⁶ STRAUS (1988: 853-854), HARRIS (1999: 73-74).

que, rejeitados pelos próprios pais, nem sequer fariam parte do Estado²⁵⁷. Ainda assim, a misericórdia em relação às crianças é um tema defendido e mesmo a dor infligida aos pais que as abandonaram, vendo-as a mendigar na rua e pensando que uma delas podia ser o filho que abandonaram. Assim, a controvérsia estabelece que os filhos expostos não fazem parte da comunidade, mas não deixa de considerar como certa a dor que representa para os pais exporem um filho²⁵⁸.

Apesar do reconhecimento posterior que faz parte do enredo da comédia, e da informação de Suetónio sobre Gaio Mecenas Melisso, que, reconhecido pela mãe, preferiu manter o seu estatuto de liberto, poucos seriam, porém, os filhos que, abandonados e criados como escravos, voltariam à sua família de origem e recuperariam o seu estatuto de nascença²⁵⁹.

ENGELS (1984: 386, n. 1) afirma que as crianças falecidas no seguimento da exposição seriam, na sua maioria, as nascidas com anomalias, que provavelmente, e de qualquer modo, não sobreviveriam aos primeiros anos de vida. O autor defende que esta seria a principal causa de exposição e que é duvidoso se os pais abandonariam crianças saudáveis, pelo menos de forma demograficamente relevante. Dionísio de Halicarnasso (*Ant. Rom.* 2.15) transmite a informação de que Rómulo tinha autorizado os pais a exporem uma

²⁵⁷ A acusação que se faria ao mutilador era a de *laesa Respublica* (*Con.* 10.4.pr.1) e o argumento mais importante em seu favor era a de que as crianças expostas eram escravos e, como tal, não tinham direitos cívicos porque não pertenciam ao Estado. Cf., por exemplo: *expositi in nullo numero sunt, serui sunt. (...) rei publicae quidem laesae non potest agi eorum nomine, qui extra rem publicam sunt.* (*Con.* 10.4.13).

²⁵⁸ Por exemplo: *Blandus dixit: Porrigit aliqua mendico rogata stipem, utique si peperit <et> exposuit. O quam misera cogitatio porrigentis est: 'hic fortasse meus est'! (...) Arellius Fuscus dixit: alit rogata filium mater, misera si scit suum esse, misera si nescit.* (*Con.* 10.4.20).

²⁵⁹ CORBIER (2001: 70). Díon de Prusa (15.8), que escreveu em grego em finais do século I d. C., afirma que muitas escravas tiravam a vida aos seus filhos recém-nascidos, para não juntar à escravatura o peso da maternidade. Cf. SALMON (1999: 78-79).

criança frágil ou monstruosa, mas não antes de esta ter sido examinada por cinco testemunhas do sexo masculino²⁶⁰. Já a Lei das XII Tábuas, citada por Cícero (*Leg.* 3.8.19), prescrevia que se tirasse a vida logo à nascença a um *insignis ad deformitatem puer*, mas a legislação posterior tende a ter em consideração o grau de deformidade²⁶¹. Tanto DASEN (1997), (1999), como ALLÉLY (2003), (2004) defendem uma evolução no tratamento e na aceitação dos *prodigia*, seres nascidos com anomalias consideradas contrárias à natureza humana. De uma lista elaborada a partir de autores como Lívio e Júlio Obsequente – que escreveu um *De prodigiis* recorrendo à obra daquele –, Plutarco ou Valério Máximo, a última autora conclui que eram considerados *prodigia* os hermafroditas, as pessoas disformes ou com má-formações (com membros a mais ou a menos) – esta era a anomalia mais tolerada, dependendo do nível de gravidade²⁶² –, as crianças precoces (os exemplos citados limitam-se a recém-nascidos que falam ou já com dentes) e os nascimentos múltiplos. Acresce a esta lista a categoria pouco numerosa dos monstros, meio-homens, meio-animais, em que se inclui, por exemplo, uma criança nascida com cabeça de elefante referida por Lívio²⁶³.

²⁶⁰ Sobre a credibilidade desta informação, cf. GARLAND (1995: 16-17). Cf., porém, NERAUDAU (1996: 190): «Quelle que soit l'authenticité de cette loi, cette clause reflète la réalité des mœurs.»

²⁶¹ Cf. Paul. *Dig.* 1.5.14: Paulus 4 sent. *Non sunt liberi, qui contra formam humani generis conuerso more procreantur: ueluti si mulier monstrosum aliquid aut prodigiosum enixa sit. partus autem, qui membrorum humanorum officia ampliavit, aliquatenus uidetur effectus et ideo inter liberos connumerabitur.*

²⁶² O nascimento de crianças siamesas, por exemplo, era considerado um prodígio dos mais graves, uma vez que se considerava ter implicações políticas sérias. Cf. Cic. *Diu.* 1.53: *si puella nata biceps esset, seditionem in populo fore, corruptelam et adulterium domi.*

²⁶³ Podemos incluir nesta categoria os centauros que Plínio-o-Velho refere. Afirma ter ele próprio visto um, trazido do Egipto para o imperador Cláudio, conservado em mel, e o outro, nascido na Tessália terá sido referido pelo mesmo imperador numa das suas obras: *Claudius Caesar scribit hippocentaurum in Thessalia natum eodem die interisse, et nos principatu eius adlatum illi ex Aegyptu in melle uidimus.* (*Nat.* 7.35)

Durante a República, estes seres eram temidos e considerados um aviso divino para a comunidade e, por esta razão, deviam ser rapidamente eliminados. A morte destes era, assim, uma necessidade religiosa e não um imperativo de ordem eugénica²⁶⁴. Acresce o facto de, de acordo com GARLAND (1995: 2), a aceitação da deficiência ser condicionada pelo conceito de uma divindade que mostra o seu favor através da beleza e da perfeição. A deformidade era, assim, um sinal da repugnância divina²⁶⁵. No Principado, todavia, o gosto pelo bizarro, que é uma influência alexandrina, terá feito com que estes seres, pelo menos os que apresentavam anomalias de menor gravidade, fossem tolerados ou que não suscitassem tanta inquietude. Plínio (*Nat.* 7.34) nota esta mudança quando afirma, relativamente aos hermafroditas, que antes eram considerados *prodigia* e no seu tempo serviam como *deliciae*²⁶⁶. Os imperadores e alguns membros da casa imperial passaram a demonstrar um interesse significativo por seres deformados. Segundo Plínio (*Nat.* 7.75), a própria Livia possuía uma anã, de nome Andrómeda, que era sua liberta, e Júlia Menor um anão chamado Cónopas²⁶⁷. Nos jardins de Salústio, diz Plínio,

²⁶⁴ Cf. DASEN (1997: 60).

²⁶⁵ Séneca Maior reproduz a opinião do retor Júnio Galião, que terá notado como as crianças expostas e mutiladas eram um grupo mal recebido em determinadas datas: *Occurrunt nuptiis dira omina, sacris publicis tristia auspicia; feriatis maxime ac sollemnibus et in hilaritates dicatis diebus semianimes isti greges oberrant.* (*Con.* 10.4.8).

²⁶⁶ *Gignuntur et utriusque sexus quos hermaphroditos uocamus, olim androgynos uocatos et in prodigiis habitos, nunc uero in deliciis.* Plínio nota com surpresa que no Egipto se tenha criado uma criança nascida com dois olhos a mais, na nuca: *placuit in Aegypto nutrire portentum, binis et in auersa capitis parte oculis hominem, sed iis non cernentem.* (*Nat.* 11.272).

²⁶⁷ Também Domiciano possuía um anão, que vestia de púrpura e com quem conversava animadamente nos espectáculos e, nota Suetónio, muitas vezes sobre assuntos sérios: *ac per omne gladiatorum spectaculum ante pedes ei stabat puerulus coccinatus paruo portentosoque capite, cum quo plurimum fabulabatur, nonnumquam serio. auditus est certe, dum ex eo quaerit, ecquid sciret, cur sibi uisum esset ordinatione proxima Aegypto praeficere Mettium Rufum.* (*Suet. Dom.* 4.2).

conservavam-se *miraculi gratia* os corpos de um casal de gigantes²⁶⁸. Esta curiosidade pelo anormal parece, assim, ter transformado estes seres em objectos de admiração. GARLAND (1995: 46) considera que este interesse pelas monstruosidades humanas é paralelo ao gosto pelos animais exóticos que é também uma característica desta época²⁶⁹.

Séneca, porém, que, se tivermos em atenção o desagrado que afirma sentir pela *fatua* Harpaste que lhe foi deixada em testamento pela primeira mulher (*Ep.* 50.2), não parece ter partilhado desta tendência, diz com grande naturalidade:

Non est illa ira, sed misera curatio. Rabidos effligimus canes et truce[m] atque inmansuetum bouem occidimus et morbidis pecoribus, ne gregem pollutant, ferrum demittimus; portentosos fetus extinguimus, liberos quoque, si debiles monstrosique editi sunt, mergimus; nec ira sed ratio est a sanis inutilia secernere. (Dial. 3.15.2)

A justificação que avança demonstra que na base da morte destas crianças está a razão e não a cólera ou o ressentimento. Matar fetos monstruosos ou débeis, tal como eliminar um cão raivoso ou um boi demasiado selvagem, tem apenas como base preservar o que é normal e saudável.

GOUREVITCH (1998) defende que, apesar da regulamentação da legislação moral de Augusto e da problemática sobre a contabilização de crianças nascidas com anomalias para obtenção do *ius trium liberorum*²⁷⁰, o nascimento destas

²⁶⁸ Ele próprio diz ter visto não há muito tempo, em casa de um *eques* romano, uma criança que, com apenas três anos, media mais de três cúbitos, isto é, cerca de um metro e meio (*Nat.* 7.76).

²⁶⁹ Quintiliano afirma que alguns Romanos gastavam mais na compra de escravos disformes do que de escravos saudáveis (*Inst.* 2.5.11). Plutarco censura este gosto dos Romanos e afirma que existe em Roma um mercado de monstros (*Mor.* 520c).

²⁷⁰ Cf. *Dig.* 50.16.135: *Vlpianus 4 ad l. iul. et pap.: Quaeret aliquis si portentosum uel monstrosum uel debilem mulier ediderit uel qualem uisu uel uagitu nouum, non humanae figurae, sed alterius, magis animalis quam hominis, partum, an, quia enixa est, prodesse ei debeat? et magis est, ut haec quoque parentibus prosint: nec enim est quod eis imputetur, quae qualiter potuerunt, statutis obtemperauerunt, neque id quod fataliter accessit, matri damnum iniungere debet.*

crianças terá sido sempre um assunto do foro privado, que a maioria das famílias preferiria manter em sigilo, ou pelo menos, longe da ingerência do Estado. Basta pensar no exemplo de Cláudio e na forma como era tratado pela família que, mesmo no dia da assunção da toga viril, o fez transportar ao Capitólio numa liteira, a meio da noite e *sine solemni officio*²⁷¹. A própria mãe, Antónia Menor, chamava-lhe recorrentemente *portentum (...) hominis (...), nec absolutum a natura, sed tantum incohatum*²⁷².

As informações que temos sobre esta matéria parecem indicar que viver com a deficiência ou com algum tipo de anomalia física ou mental deve ter acarretado sanções sociais difíceis de gerir, quer para a pessoa em causa quer para as famílias. Como reagiria a mãe ao nascimento de um filho não saudável? O que aconteceria depois do abalo inicial? A decisão de abandonar a criança? De a fazer perecer? E quem tomava essa decisão? E como se avaliava o nível de anormalidade da criança? Sorano (*Gyn.* 2.9) aconselha a parteira a examinar o recém-nascido e a procurar sinais de fragilidade ou deformidade e seria provavelmente esta quem faria a primeira recomendação quanto à sorte da criança, mas não adianta mais.

Conclusão

A compreensão dos processos biológicos associados à reprodução serve sempre o propósito da integração social da mulher. É no seu papel de mãe potencial que a mulher surge nestes textos, pois é nesta sua particularidade que ela difere do homem e se torna, assim, fonte de controvérsia e de escrutínio.

²⁷¹ Cf. Suet. *Cl.* 2.2.

²⁷² Cf. Suet. *Cl.* 3.2. Toda a família o desprezava: a avó paterna, Lúvia, raramente lhe dirigia a palavra e comunicava com ele por escrito ou através de intermediários. Augusto receava o seu comportamento em público.

Apesar dos incentivos sociais da maternidade, os autores estudados reconhecem as dificuldades que algumas mulheres podem enfrentar para realizar este desiderato. A fisiologia da mulher, construída com base na sua capacidade reprodutiva, está sujeita a patologias diversas que podem impedir ou dificultar a concepção e a gestação. A fragilidade da mulher e das suas condições é uma constante dos textos analisados, cujo objectivo é recuperar a normalidade que permitirá a gravidez e o parto.

O facto de os Romanos do tempo em análise disporem de meios – mais ou menos eficazes – para limitar o número de filhos, quer recorrendo a métodos contraceptivos, quer à interrupção da gravidez, ou ainda à exposição e ao infanticídio, não condiciona, parece-nos, a resposta dos pais à morte dos filhos efectivamente desejados e criados²⁷³ e é provável que a importância que, nos textos, é concedida à limitação do número de filhos seja o resultado de uma ansiedade social causada pela ameaça de a mulher poder aniquilar os filhos concebidos ou de anular a possibilidade de os conceber.

²⁷³ GOLDEN (1988: 158), DIXON (1988: 23, 26).

II. Enquadramento jurídico, social e moral da maternidade

Introdução

O presente capítulo tem como objectivo uma contextualização do papel social da mulher, especialmente na sua função de mãe, entre o Principado de Augusto e o de Nero, ou seja, desde os finais da década de 30 a. C. até 68 d. C., e fundamenta-se no desenvolvimento recente da história social romana. Esta delimitação temporal tem por base as alterações políticas e sociais e, principalmente, as novas ideias morais que se percebem após a ascensão de Augusto ao poder. Assistiu-se, nesta época, a um retomar de questões tradicionais, como a defesa do casamento e o debate sobre a conduta sexual das mulheres, mas com justificações e em contextos diferentes.

O eclodir das hostilidades entre António e Octaviano, com a visibilidade que então se concedeu à problemática relação entre amor, casamento e dever político, entre sentimentos e necessidades privadas e obrigações públicas, deixa entrever alguns dos valores morais que, anos mais tarde, Augusto tentará fomentar²⁷⁴. A par de um debate sobre a sexualidade e sua integração tanto na vida pública como na privada, o *Princeps* explora caminhos novos que faz remontar ao passado. As *leges Iuliae* foram um factor determinante na concepção do papel social da mulher, não apenas no que respeita à forma como se entendia o seu lugar e importância na sociedade, como também à sua conduta e aos padrões morais pelos quais a devia orientar. Alicerçando-se na

²⁷⁴ TREGGIARI (2005: 131) afirma: «I shall argue that the representation and reality of women' role were rooted in Roman tradition, but that the time of Augustus was one of marked development.» Sobre a propaganda no conflito entre Octaviano e António, cf. ZANKER (1990).

tradição e no *mos maiorum*, numa época em que a sociedade e, especialmente, as classes sociais mais elevadas questionam algumas das imposições sociais e morais, a lei pretende restabelecer os costumes do passado, mas inova e introduz alterações significativas em áreas da vida privada até então reservadas à jurisdição do *paterfamilias*.

Segundo DIXON (1991: 111), podemos identificar desde finais da República, tanto nas fontes literárias como nas inscrições, a emergência de um ideal do matrimónio e da família como instituições que implicam partilha e companheirismo. A promoção deste ideal nas classes mais elevadas tem os seus exemplos mais importantes e influentes na casa imperial, começando no casamento de Livia e Augusto²⁷⁵, e é visível no debate que se desenrolou em 22 d. C. no Senado e que Tácito reproduz (*Ann.* 3.33-34.), sobre se as esposas deviam acompanhar os maridos nos cargos oficiais fora da metrópole. O senador Aulo Cecina Severo propôs que se proibissem as esposas de acompanhar os maridos nos cargos desempenhados nas províncias, uma vez que a presença daquelas incitava à luxúria em momentos de paz e ao medo em situações de guerra. Cecina Severo censura o facto de, por vezes, as próprias mulheres desempenharem acções de comando fora do seu alcance, como dar ordens aos oficiais ou assistir aos treinos das legiões, de modo a que *nunc uinclis exolutis domos, fora, iam et exercitus regerent* (*Ann.* 3.33.20). Marco Valério Messala Messalino refutou estas alegações, defendendo que a companhia das esposas seria uma forma de as manter longe das tentações da urbe e Druso terminou citando o exemplo do próprio Augusto, que viajara com frequência acompanhado por Livia. A proposta de Cecina Severo foi recusada.

Estas transformações resultam de uma alteração de mentalidade, que não será alheia à mudança de regime político e a outros fenómenos que, apesar de

²⁷⁵ Cf. Suet. *Aug.* 62.2: *ac statim Liuiam Drusillam matrimonio Tiberi Neronis et quidem praegnantem abduxit dilexitque et probauit unice ac perseueranter*; 99.1: *repente in osculis Liuiiae et in hac uoce defecit: Liuia, nostri coniugii memor uiue, ac uale!*

não terem as mesmas repercussões, demonstram a amplitude das alterações morais e sociais do tempo, como a substituição progressiva dos casamentos *in manu*²⁷⁶, em que a esposa transitava da autoridade do pai para a do marido, pelos chamados casamentos “livres”, em que aquela permanecia sob a *potestas* do pai, substituição que parece ter sido quase completa já em finais da República, ou a visibilidade que é concedida, logo desde os primeiros anos do Principado, às mulheres da casa imperial.

Analisaremos neste capítulo o enquadramento jurídico da maternidade, com o objectivo de contextualizar o papel da mulher enquanto mãe e de responder a duas questões: qual o lugar da mãe na família e que tipo de relação entre mãe e filhos é estabelecida na lei. Uma vez que o período em análise é, como afirmámos, um período de transformações morais e sociais importantes, abordaremos, depois do estudo da configuração jurídica da maternidade, a afirmação literária da necessidade de regeneração moral, tão importante nos autores do tempo de Augusto, que servirá de contextualização às leis Júlias sobre o casamento e o adultério, leis que modificaram de forma profunda o papel social da mulher, e à análise das informações disponíveis sobre a vida de Júlia, uma das mulheres da casa imperial imortalizadas pelos seus costumes ditos devassos.

Enquadramento jurídico e práticas sociais

Para uma definição da relação entre a mãe e os seus filhos é imperiosa uma análise das expectativas sociais, culturais e morais dessa relação, e os textos jurídicos permitem-nos uma melhor compreensão da configuração legal

²⁷⁶ Sobre as expressões utilizadas para designar este tipo de matrimónio, entre elas *conuentio* / *conuenire in manum mariti* ou *in manu mariti esse*, cf. TREGGIARI (1991: 17).

da maternidade. O lugar da mãe na família e as obrigações e direitos que lhe eram inerentes estavam condicionados por factores sociais e económicos e sofreram desenvolvimentos diversos relacionados com a evolução da sociedade romana. Porque não se trata obviamente de uma realidade fixa e alheia às circunstâncias envolventes, a maternidade deve ser entendida como um processo em constante mudança e diálogo com a estrutura social. Uma mãe que tenha vivido em Roma no século I a. C. não tem as mesmas condicionantes que uma mãe do século I d. C., da mesma forma que uma mulher de uma classe social privilegiada não vive a maternidade como outra que pertença às classes mais baixas da população. Por esta razão, é necessário sublinhar que não é objectivo deste capítulo encontrar uma definição unívoca e definitiva da maternidade no contexto indicado, antes perceber o que a sociedade esperava da mulher no seu papel de mãe, no âmbito geográfico e cronológico em análise.

A escassez e a natureza das fontes obrigam ao recurso a textos que ultrapassam as limitações temporais estabelecidas, cuja utilização se justifica pelo facto de muitas das leis do tempo em estudo terem sido preservadas em recolhas jurídicas posteriores. Os *Institutionum commentarii* de Gaio, datados do século II d. C. (c. 160 d. C.), são um instrumento valioso para a reconstrução da concepção jurídica da família romana, complementado pelas informações reunidas no *Digesto* de Justiniano, uma compilação já do século VI da era cristã, que reúne fragmentos de obras de juristas anteriores e constitui, por esta razão, a fonte mais importante do direito romano. Como, porém, os compiladores do *Digesto* só recolheram o que era ainda juridicamente válido no seu tempo, omitem informações sobre instituições caídas em desuso que a obra de Gaio preserva²⁷⁷.

²⁷⁷ Acerca das vantagens do texto de Gaio sobre o *Digesto*, cf. NICHOLAS (1996^r: 34-36). Sobre as fontes do direito romano e as suas fragilidades, cf. NICHOLAS (1996^r: 34-45) e JOHNSTON (1999: 24-29).

Ao contrário do que aconteceu no passado, a crítica mais recente postula que a família de tipo nuclear era a unidade mais comum na sociedade romana²⁷⁸. Ainda assim, e apesar do desenvolvimento dos estudos sobre a família romana, a problemática sobre a sua estrutura mantém-se. A imagem da família como um grupo extenso e multi-geracional de pessoas, todas sujeitas à autoridade de um patriarca que a gere como um tirano, imagem que se desenvolveu principalmente a partir do estudo das instituições jurídicas romanas²⁷⁹, tem vindo a ser rejeitada e substituída, especialmente no seguimento de SALLER & SHAW (1984), pela prevalência na sociedade romana das relações familiares mais próximas, ou seja, de uma estrutura de tipo nuclear, composta pela unidade conjugal e pelos filhos desta. Torna-se necessário, porém, ter alguma cautela com esta tese. Antes de mais porque as fontes em que os autores se baseiam são, na sua maioria, literárias e epigráficas e são condicionadas não apenas pela hierarquização da sociedade romana mas também por factores relacionados com os objectivos e a génese dessas fontes.

O problema reside também na própria definição de “família nuclear”, que está longe de ser consensual, não só nos estudos sobre as sociedades antigas, mas também em áreas mais recentes como a psicologia e a sociologia, enredadas de forma idêntica na problemática da definição e da estrutura da família²⁸⁰. Tomemos como base de reflexão a definição de “família nuclear” que é apresentada por SEQUEIRA (1996: 346). Família nuclear é o:

²⁷⁸ Cf. RAWSON (1986a: 7-15), (1996a: 2), DIXON (1988: 13-35), complementados com as reservas expressas por BRADLEY (1991b) e (1996), que analisa a estrutura e os casamentos sucessivos de alguns indivíduos da elite política republicana e defende que as alterações da configuração familiar são tão frequentes que classificar a família romana como de tipo “nuclear” pode não ser completamente exacto.

²⁷⁹ Cf. CROOK (1967: 114), DIXON (1992: 3), GARNSEY & SALLER (1987: 126ss.).

²⁸⁰ Cf. ALARCÃO (1996: 37): «Existem, hoje, muitas definições de família mas talvez o mais importante seja vê-la como um todo, como uma emergência dos seus elementos, o que a torna uma e única.»

«Conjunto dos elementos que, vivendo sob o mesmo tecto, estão unidos por laços biológicos e afectivos e que realizam actividades em comum, tais como refeições, férias, ocupação de tempos livres, etc.»

É pertinente para a nossa análise que a coabitação dos elementos de uma família seja um dos critérios que primeiro se estabelecem como condicionantes e que parece estar em consonância com a prática romana, documentada pelo menos entre as classes mais elevadas da sociedade, de os filhos adultos terem a sua própria casa no momento do casamento, ou mesmo antes, ainda que continuassem a estar sujeitos à autoridade do *paterfamilias*²⁸¹. Quanto às relações entre as pessoas, podem ser de natureza biológica (mãe-filho, pai-filho) ou afectiva (supostamente, pelo menos: marido-esposa), o que inclui também outras relações que se estabelecem por adopção, casamento ou por casamentos sucessivos. É neste sentido que, parece-nos, devemos entender a expressão “família nuclear” quando utilizada relativamente à estrutura familiar dos Romanos, pelo menos dos Romanos das classes mais altas da sociedade.

O elemento mais estranho e que carece de alguma clarificação é a relação desta estrutura com o pessoal doméstico, cujo envolvimento com a vida familiar ia do mais afastado (escravos e ex-escravos que viviam e trabalhavam nas propriedades de um *dominus*) ao mais íntimo (amas-de-leite, pedagogos e outros servidores domésticos que habitavam na mesma casa). As palavras *familia* e *domus* incluíam tanto a família nuclear como os escravos e ex-escravos a ela associados. Para o grupo que incluía o casal e os filhos, os Romanos utilizavam de preferência a expressão *uxor liberique* ou *coniunx liberique*²⁸². Palavras como *familia* e *domus* tinham, assim, um significado que não corresponde ao de “família” e “lar”, ainda que ambos estejam ainda hoje longe

²⁸¹ GARNSEY & SALLER (1996: 140); BRADLEY (1991: 164). Sula e Marco, filho de Cícero, são dois exemplos deste costume, que, segundo DIXON (1988: 169), coexistia com a noção de que, idealmente, os filhos viveriam sob o mesmo tecto que os pais.

²⁸² Cf. exemplos e análise em SALLER (1994: 83).

de ter uma definição sociológica fixa e se assumam, cada vez mais, como conceitos elásticos e polissémicos²⁸³, dependentes não apenas do contexto sociocultural em que se inserem, mas também das circunstâncias psíquicas e afectivas, económicas e políticas em que vive cada um dos seus membros.

Ulpiano, citado no *Digesto*, discorre sobre o conceito de *familia* e distingue entre a utilização da palavra para designar *res* e para designar *personae*²⁸⁴. Na primeira acepção, que o próprio jurista identifica como arcaica uma vez que a associa à lei das XII Tábuas, a palavra tem um significado material e designa o património da família. Na segunda acepção, a palavra abrange conotações algo diferentes. Identifica o grupo das pessoas sujeitas à *potestas* de um mesmo *paterfamilias*²⁸⁵. Pode referir-se também ao grupo dos que descendem de um mesmo antepassado, confundindo-se, assim, com *gens*²⁸⁶. Por *familia* os Romanos designavam também o grupo dos *agnati*, ou seja, dos familiares pelo lado do pai²⁸⁷. Este seria, de acordo com SALLER (1984), o sentido

²⁸³ Sobre a definição de *familia* e *domus* e o conceito romano de “família”, cf. SALLER (1984), (1994: 71ss.), RAWSON (1986a), DIXON (1988: 13-21), CORBIER (1991: 129), e OLIVEIRA (2006: 49-66).

²⁸⁴ Cf. Dig. 50.16.195.1: “*familiae*” *appellatio qualiter accipiat, uideamus. et quidem uarie accepta est: nam et in res et in personas deducitur. in res, ut puta in lege duodecim tabularum his uerbis “adgnatus proximus familiam habeto”. ad personas autem refertur familiae significatio ita, cum de patrono et liberto loquitur lex: “ex ea familia”, inquit, “in eam familiam”: et hic de singularibus personis legem loqui constat.*

²⁸⁵ Dig. 50.16.195.2 (...) *iure proprio familiam dicimus plures personas, quae sunt sub unius potestate aut natura aut iure subiectae, ut puta patrem familias, matrem familias, filium familias, filiam familias quique deinceps uicem eorum sequuntur, ut puta nepotes et neptes et deinceps.*

²⁸⁶ Dig. 50.16.195.4: *Item appellatur familia plurium personarum, quae ab eiusdem ultimi genitoris sanguine proficiscuntur (sicuti dicimus familiam iuliam), quasi a fonte quodam memoriae.*

²⁸⁷ *communi iure familiam dicimus omnium adgnatorum (...) (Dig. 50.16.195.2); Sunt autem agnati per uirilis sexus personas cognatione iuncti, quasi a patre cognati, ueluti frater eodem patre natus, fratris filius neposue ex eo, item patruus et patruj filius et nepos ex eo. at hi, qui per feminini sexus personas cognatione coniunguntur, non sunt agnati, sed alias naturali iure cognati. itaque inter auunculum et sororis filium non agnatio est, sed cognatio. item amitae, materterae filius non est mihi agnatus, sed*

mais comum da palavra – *communi iure*, escreve Ulpiano –, que se oporia ao seu conceito jurídico, que incluía todos os dependentes do *paterfamilias*: a esposa, se casada *in manu*, os filhos e as filhas (biológicos ou adotivos), os escravos.

A palavra *domus* tem um significado mais inclusivo. Além da casa propriamente dita, abrange todos os que vivem sob o mesmo tecto, incluindo a unidade conjugal, constituída por um matrimónio *cum* ou *sine manu*, os filhos, e, caso existam, os escravos e ex-escravos. *Domus* pode também designar os *agnati* e *cognati*, isto é, tanto a família paterna como a materna, e ainda relações estabelecidas por matrimónio. SALLER (1984) defende ainda que a sociedade romana evoluiu de uma situação em que a família paterna era preponderante para um contexto em que todas as relações familiares, naturais ou por afinidade, servem o propósito de sustentar o estatuto social de um indivíduo. Por este motivo, enquanto na República o sistema dos *tria nomina* tem como objectivo identificar o indivíduo em relação à família do pai (se se tratar de um filho legítimo, já que os ilegítimos herdavam o nome da mãe), no Império incluem-se nomes associados tanto à família do pai como à da mãe. Evoluiu-se, assim, de um sistema em que prevalecia a *agnatio* para outro em que tanto *agnatio* como *cognatio* eram valorizadas. CROOK (1986: 63) considera que esta mudança não se processou de forma gradativa mas que existiu em simultâneo: a *agnatio* valorizada mais em termos jurídicos, nomeadamente no âmbito da sucessão, a *cognatio* em todos os outros aspectos da vida quotidiana²⁸⁸.

A família romana formava-se pelo casamento, que era uma relação monogâmica, uma vez que em cada família apenas uma mulher podia ser a

cognatus, et inuicem scilicet ego illi eodem iure coniungor, quia qui nascuntur, patris, non matris familiam secuntur. (Gaius *Inst.* 1.156)

²⁸⁸ Escreve CROOK (1986: 63): «In the certainly very important sphere of *potestas* and automatic succession and *cura of furiosi* and *prodigi* agnation prevails, but in the rest of Roman life the tie of people with their mothers and their maternal kin seems to be taken into account just as much as agnation.»

*materfamilias*²⁸⁹. Casar e ter filhos legítimos eram considerados deveres cívicos, essenciais ao bem-estar político e social. Com a expressão *liberorum quaerendorum gratia*, que parece ter sido parte de uma fórmula legal ou ritual que o cidadão pronunciava perante o censor²⁹⁰, um homem declarava a sua intenção de constituir família e desempenhar o seu papel cívico. Por este motivo, consta que alguns dos divórcios de que há memória aconteceram devido à esterilidade da relação, condição que, obviamente, se atribuía à esposa²⁹¹. Assim, a esposa era um elemento essencial à perpetuação da família e era integrada na família do marido com a finalidade primordial de gerar filhos.

Os noivados podiam acontecer muito cedo, mas não antes que as pessoas que se comprometiam tivessem total capacidade de entender o que se preparava para eles, o que, de acordo com Modestino, citado no *Digesto*, acontecia por volta dos sete anos²⁹². Era necessário, pelo menos em teoria, o consentimento de ambos, se bem que seja difícil avaliar de que modo duas crianças se poderiam opor à vontade dos pais. Quanto à rapariga, só podia ser libertada da escolha feita pelo pai no caso de o noivo escolhido por este ser

²⁸⁹ RAWSON (1986a: 14).

²⁹⁰ É esta a opinião de RAWSON (1986a: 9 e 45, n. 9) e BRADLEY (1991b: 127), com base em informações de Aulo Gélio (4.3.2) e Suetónio (*Iul.* 52.3).

²⁹¹ É o caso de Carvílio Ruga, referido, por exemplo, por Aulo Gélio (4.3.2): *Atque is Caruilius traditur uxorem, quam dimisit, egregie dilexisse carissimamque morum eius gratia habuisse, set iurisiurandi religionem animo atque amori praeuertisse, quod iurare a censoribus coactus erat uxorem se liberum quaerendum gratia habiturum*; cf. também 17.21.44. Cf. TREGGIARI (1991: 325). Também Sula se divorciou de Clélia alegando a esterilidade desta, apesar de a pressa com que casou com Metela ter levantado algumas suspeitas quanto à causa verdadeira do repúdio (Plut. *Sulla* 35.2).

²⁹² Dig. 23.1.14. Modestinus 4 diff. *In sponsalibus contrahendis aetas contrahentium definita non est ut in matrimoniis. Quapropter et a primordio aetatis sponsalia effici possunt, si modo id fieri ab utraque persona intellegatur, id est, si non sint minores quam septem annis.*

indignus moribus ou *turpis*²⁹³. De que forma uma menina com sete anos ou poucos mais poderia fazer isso é uma pergunta a que dificilmente se poderá dar resposta. Apesar de ser necessário o consentimento da *filiafamilias*, não é fácil perceber como é que esta podia não o conceder²⁹⁴. Note-se, todavia, que, de acordo com TREGGIARI (1996: 32), cerca de cinquenta em cada cem raparigas seriam órfãs de pai aos quinze anos.

A idade das raparigas por ocasião do primeiro casamento foi objecto de um certo debate e é um factor determinante para a consideração da maternidade. Alguns autores, nomeadamente HOPKINS (1965), defendem que as jovens romanas casavam muito jovens, com cerca de quinze anos. Outros, no seguimento de SHAW (1987), postulam que a generalidade, e não as que pertenciam às elites políticas e financeiras, casaria pouco antes ou pouco depois dos vinte anos. A lei estipulava como idade mínima para casar os doze anos para a rapariga e os catorze para os rapazes²⁹⁵. Os *sponsalia*, como vimos, podiam ocorrer algum tempo antes.

²⁹³ Dig. 23.1.12.1. *Vlpianus l.S. de sponsal. Tunc autem solum dissentiendi a patre licentia filiae conceditur, si indignum moribus uel turpem sponsum ei pater eligat.* Cf. CORBETT (1969: 55ss.): «(...) as the girl played the more passive part in the proceedings, and would ordinarily be less resistant to authority, the possibility of successful compulsion must have been considerably greater.»

²⁹⁴ Cf. Dig. 23.1.12pr. *Vlpianus l.S. de sponsal. Sed quae patris uoluntati non repugnat, consentire intellegitur.*

²⁹⁵ CORBETT (1969: 51); Ulp., *Reg. 5.2; Inst. 1.10.pr.: Iustas autem nuptias inter se ciues Romani contrahunt, qui secundum praecepta legum coeunt, masculi quidem puberes, feminae autem uiripotentes (...); Dig. 36.2.30: Labeo 3 post. a iau. epit. Quod pupillae legatum est "quandoque nupserit", si ea minor quam uiripotens nupserit, non ante ei legatum debetur, quam uiripotens esse coeperit, quia non potest uideri nupta, quae uirum pati non potest.* O adjetivo *uiripotens*, que denota o estado núbil da rapariga (cf. OLD. s. u.), parece remeter para os doze anos. É o que parecem indicar Festo e Ulpiano: *Pubes tet qui pubemt generare potest. Is incipit esse a quattuordecim annis: femina a duodecim uiri potens, siue patiens, ut quidam putant.* (250.40); *Vlpianus 2 de adult. Si minor duodecim annis in domum deducta adulterium commiserit, mox apud eum aetatem excesserit coeperitque esse*

O pai da noiva tinha a obrigação de ceder ao futuro genro um dote, que poderia ser em bens materiais ou em dinheiro, e que se entendia que tinha como finalidade ajudar a sustentar a esposa e demonstrar que a união que se estabelecia era um matrimónio e não uma relação de *concubinatus*²⁹⁶. É incerto se a prática se estendia a todas as classes sociais, mas parece ter-se verificado uma tendência para que a família da noiva se esforçasse por pagar uma quantia ou por ceder alguns bens, por mais humildes que estes fossem²⁹⁷.

Até ao último século da República, eram comuns os casamentos *in manu*, em que a esposa deixava de pertencer à sua família de origem e era integrada na família do marido, sob cuja custódia permanecia até à morte deste. As formas de matrimónio em que havia *conuentio in manum mariti* ou *uiri* – *confarreatio*, *coemptio* e *usus* – tinham características distintas²⁹⁸. A *confarreatio*

uxor, non poterit iure uiri accusari ex eo adulterio, quod ante aetatem nupta commisit, sed uel quasi sponsa poterit accusari ex rescripto diui seueri, quod supra relatum est. (Dig. 48.5.14.8).

²⁹⁶ Cf. CORBETT (1969^r: 147-210) e TREGGIARI (1991: 323-364). Os objectivos do dote não são, ainda assim, muito claros. Cf. SALLER (1984a: 199): «(...) it is clear that the law tried to ensure that the dowry would be available to provide for the expenses of the household (in particular, offspring of the marriage) and to provide another dowry for the re-marriage of a widow or divorcée; in addition to the extent that the *dos* was not needed for these purposes, there was a feeling that it should revert to the wife's *paterfamilias*.» Apesar de se considerar o dote uma prática antiga, as primeiras referências na literatura aparecem no teatro de Plauto e nos discursos de Catão, citados por Aulo Gélio (10.23; 17.6). Cf. SALLER (1984a: 200-201), para uma reconstituição dos valores financeiros do dote na aristocracia.

²⁹⁷ De acordo com TREGGIARI (1991: 323), que se baseia em informações de papiros egípcios e de juristas, mesmo mulheres de meios sociais humildes esforçavam-se por reunir um dote. Em *Dig. 23.3.39pr.*, Ulpiano refere-se ao pagamento de um *quasi dotem* por uma escrava ao seu parceiro, pessoas que nem sequer podiam contrair matrimónio. No caso de o dote ser atribuído pelo pai, designava-se *dos profecticia* e devia ser devolvido a este na morte da esposa. Mas também a noiva e outras pessoas que não o *paterfamilias* podiam contribuir. Designava-se, neste caso, *dos aduenticia*, e se a esposa falecesse, ficava na posse do marido, a não ser que se tivesse estipulado de outra maneira. SALLER (1984a: 197).

²⁹⁸ A expressão é de Gaio: *in manum autem feminae tantum conueniunt. Olim itaque tribus modis in manum conueniebant: usu, farreo, coemptione. (Gaius Inst. 1.109-110).*

parece ter sido reservada aos patrícios²⁹⁹ e era o tipo de casamento exigido a pessoas que desempenhavam determinados cargos públicos de importância reconhecida, como o *rex sacrorum*, o *flamen Dialis*, o *flamen Martialis* e o *flamen Quirinalis*, que tinham de ser também filhos de pais casados por *confarreatio*³⁰⁰. Este parece ter sido o tipo de casamento mais formal, uma vez que exigia a presença de sacerdotes³⁰¹ e de dez testemunhas e a realização de certos rituais, como o sacrifício a Júpiter *Farreus*, no qual se usava um pão de espelta, o *farreus panis*, que deu origem à designação de *confarreatio* (Gaius *Inst.* 1.112)³⁰². A *coemptio* implicava uma compra fictícia da noiva. O futuro marido comprava a futura esposa ao *paterfamilias* ou ao tutor desta³⁰³. As formalidades deste tipo de casamento incluíam, de acordo com as informações de Gaio, a presença de cinco testemunhas e de um *libripens*³⁰⁴, que pesava a moeda de bronze ou prata que o

²⁹⁹ DIXON (1992: 73), TREGGIARI (1991: 22). CORBETT (1969^r: 75-76) chama a atenção para a ausência de fontes seguras que sustentem que a plebe não recorria a este tipo de cerimónia, mas afirma que a dificuldade e a pompa e circunstância envolvidas no ritual teriam sido determinantes para o carácter elitista da *confarreatio*.

³⁰⁰ CORBETT (1969^r: 69, 71-78).

³⁰¹ De acordo com Sêrvio (G. 1.31), presidiam à cerimónia o *pontifex maximus* e o *flamen Dialis*.

³⁰² No início do Império, a raridade deste tipo de casamento causou as dificuldades referidas por Tácito (*Ann.* 4.16) em encontrar três candidatos que preenchessem os requisitos para ocupar o cargo de *flamen Dialis*, uma vez que, de acordo com a opinião de Tibério que Tácito reproduz, esta forma de casamento tinha caído em desuso: *neque adesse, ut olim, eam copiam, omissa confarreandi adsuetudine aut inter paucos retenta (pluresque eius rei causas adferebat, potissimam penes incuriam uirorum feminarumque; accedere ipsius caerimoniae difficultates quae consulto uitarentur) et quoniam exiret e iure patrio qui id flamonium apisceretur quaeque in manum flaminis conueniret*. Por esta altura, ter-se-ão introduzido algumas alterações na lei, de modo a adaptar os requisitos para este tipo de cargos, por exemplo, a *flaminica* ficava sujeita à *manus* do marido apenas nos assuntos religiosos. RAWSON (1986: 20) considera que a *confarreatio* deve ter sido tradição em algumas famílias que, geração após geração, ocupavam os cargos que a exigiam.

³⁰³ A *coemptio* não tinha de se realizar, necessariamente, no início da relação, mas podia fazer-se num outro momento qualquer.

³⁰⁴ Gaius, *Inst.* 1. 113-114. CORBETT (1969^r: 78-85), TREGGIARI (1991: 25-28).

pretendente pagava simbolicamente pela noiva. O casamento *in usu* implicava apenas a coabitação dos nubentes, durante mais do que um ano. Findo este tempo, a esposa passava a estar *in manu mariti*, a não ser que tivesse recorrido à *usurpatio trinoctium*, referida já na lei das XII Tábuas, ou seja, desde que se ausentasse de casa do marido durante três noites – que não podiam ser as últimas noites desse período anual –, permanecendo, assim, sob a *potestas* do pai ou *sui iuris*³⁰⁵.

Depois de ter sido integrada *in manu mariti*, a rapariga passava pela *capitis deminutio minima*, isto é, mantinha a sua liberdade e a cidadania, mas alterava-se o seu estatuto anterior (Gaius *Inst.* 1.162). Quer fosse *filiafamilias* ou *sui iuris*, deixava de sê-lo e passava a fazer parte da família do marido, para efeitos legais e religiosos. Os seus bens transitavam para a posse do novo *paterfamilias*, uma vez que ela passava a ocupar, em relação ao marido, a posição de uma filha (*filiae loco*)³⁰⁶. À morte deste, a esposa *in manu* era um dos *sui heredes*, um dos seus herdeiros directos. Neste tipo de casamento, a noiva passava a ser, assim, um dos dependentes do marido, ao mesmo nível dos filhos.

Apesar de documentada a continuação da existência destas formas de casamento, ter-se-á generalizado, em finais da República³⁰⁷, o casamento *sine*

³⁰⁵ CORBETT (1969^r: 85-90), TREGGIARI (1991: 17-21). Cf. Gaius *Inst.* 1.111: *Vsu in manum conueniebat, quae anno continuo nupta perseuerabat; <quia> enim uelut annua possessione usu capiebatur, in familiam uiri transibat filiaeque locum optinebat. itaque lege duodecim tabularum cautum est, ut si qua nollet eo modo in manum mariti conuenire, ea quotannis trinoctio abesset atque eo modo cuiusque anni <usum> interromperet.*

³⁰⁶ Cic. *Top.* 23; Gaius *Inst.* 1.115b.

³⁰⁷ TREGGIARI (1991: 21, 30-31) considera que os casamentos *in manu* terão caído em desuso entre 200 e 100 a. C., sendo pouco frequentes no tempo de Cícero, apesar de referidos tanto pela legislação de Augusto como na *lex Flauia Irnitana*. DIXON (1992: 73-74) afirma: «(...) by the middle of the first century B. C. there seems to have been a general preference for the form of marriage in which the woman retained her natal status and separate property.» GRUBBS (2002:

manu, comumente designado “casamento livre” ³⁰⁸, em que a mulher se mantinha na dependência do seu pai e, portanto, na sua família de origem, ou *sui iuris*, após a morte do *paterfamilias*. Neste caso, os bens da esposa mantinham-se na sua posse (ou na do seu *paterfamilias*), mesmo bens que pudesse adquirir (por exemplo, por meio de uma herança) durante o casamento³⁰⁹. Assim, a mulher mantinha-se como um elemento alheio à *familia* (no sentido agnático) dos filhos: a relação jurídica que mantinha com estes era uma relação de *cognatio* e não de *agnatio*.

Neste tipo de uniões, o termo utilizado para designar a unidade constituída pelo marido, a esposa e os filhos é, segundo SALLER (1984: 339), *domus*, de preferência a *familia*, e designa todos os que vivem na mesma casa e não apenas a unidade conjugal e os filhos. *Domus* tem um significado mais abrangente e, excluídos os membros com funções servis, pode designar todos os familiares (agnatos e cognatos) vivos. Por esta razão, os netos nascidos de uma filha seriam membros da *domus* do pai desta, mas não da sua *familia*, enquanto os filhos de um filho eram membros da *domus* e da *familia* do avô paterno.

Num casamento *sine manu*, os filhos não tinham direitos sobre o património da mãe ou da família desta. O mesmo acontecia com a mãe, que não podia reclamar a propriedade dos filhos, no caso de estes morrerem sem deixar um testamento. Os filhos faziam parte da família do pai e parentes como o tio paterno ou os filhos deste estavam mais próximos deles do que a própria mãe. Mãe e filhos não tinham, assim, ligação jurídica que justificasse o direito aos bens uns dos outros. Justiniano, em *Inst.* 3.3.pr., faz remontar esta restrição à Lei das XII Tábuas e justifica-a pela proeminência que a lei romana atribuía ao pai:

21), apoiando-se em LOOPER-FRIEDMAN (1987), afirma que as formas de *conuentio in manum* teriam desaparecido pelo tempo de Augusto.

³⁰⁸ Sobre os equívocos que esta designação pode originar e a sua conotação com considerações de ordem moral alheias à sociedade romana, cf. RAWSON (1974: 280).

³⁰⁹ TREGGIARI (1991: 32ss.).

Lex XII tabularum ita stricto iure utebatur et praeponebat masculorum progeniem, et eos qui per feminini sexus necessitudinem sibi iunguntur adeo expellebat, ut ne quidem inter matrem et filium filiamue ultro citroque hereditatis capiendae ius daret (...).

Segundo DIXON (1988: 41ss.), todavia, a força das convenções sociais terá levado a que, desde cedo, se criasse a expectativa de que os filhos não fossem completamente negligenciados pela mãe, em termos patrimoniais, o que só podia acontecer se ela os incluísse no seu testamento³¹⁰. Assim, apesar de a lei não impor a uma mulher com filhos a obrigação de lhes legar o seu património ou parte dele, o reconhecimento dos laços afectivos que se supunha que uniam mãe e filhos e a ideia de que estes deviam ser herdeiros naturais da mãe, independentemente de esta ter casado *cum* ou *sine manu*, fomentaram a alteração das práticas sucessórias³¹¹.

Para que uma mulher redigisse e validasse um testamento, era imprescindível a autorização do seu tutor³¹². A *tutela mulierum* era exigida a todas as mulheres que não estivessem sob a autoridade de um *paterfamilias*, o que incluía, além das mulheres cujo pai (ou avô) tivesse falecido, as que não tivessem casado *in manu mariti*³¹³.

³¹⁰ Cf. também DIXON (1985: 170): «The general expectation that a mother should regard her children as her proper beneficiaries is likewise established, whatever her legal relation to them by the rules of *agnatio*.»

³¹¹ Cf. ARJAVA (1996: 94ss.), GARDNER (1998: 228-233). CORBIER (1985: 520) sustenta que as expectativas sociais limitavam de forma assinalável a aparente liberdade testamentária dos Romanos.

³¹² Gaius *Inst.* 1.118: *si mulier, quae in tutela est, faciat testamentum, tutore auctore facere debeat: alioquin inutiliter iure ciuili testabitur.*

³¹³ CROOK (1986: 62), DIXON (1984) = (2001, cap. 6), GRUBBS (2002: 23ss.). Como acontecia com os filhos, também para a esposa *in manu* o marido podia nomear um tutor em testamento: *Vxori, quae in manu est, proinde ac filiae, item nurui, quae in filii manu est, proinde ac nepti tutor dari potest.* (Gaius *Inst.* 1.148).

A lei prescrevia que todos os menores, isto é, rapazes menores de catorze anos e raparigas menores de doze, sem *paterfamilias*, tivessem um *tutor impuberum*, que o pai nomeava em testamento ou que seria, na ausência desta indicação, o familiar do sexo masculino mais próximo, pela linha agnática. Quando atingissem a maioridade, os rapazes tornar-se-iam independentes, mas as raparigas permaneciam sob custódia, neste caso, não já sob a *tutela impuberum*, mas sob a *tutela mulierum*, que só um casamento *in manu* dissolvia³¹⁴. Este tutor era também, em princípio, o familiar, do lado do pai, mais próximo da mulher, como, por exemplo, um tio paterno. A este tipo de tutor dava-se o nome de *tutor legitimus*. Podia também ser o próprio pai, no caso de ter emancipado a filha, ou o antigo dono, se a mulher fosse uma sua liberta³¹⁵. No caso de a mulher falecer sem deixar um testamento, o *tutor legitimus* era um dos herdeiros, o que podia justificar que se opusesse a que a mulher sob tutela redigisse um testamento³¹⁶.

As funções do tutor relacionavam-se, principalmente, com actos legais ou comerciais em que a mulher sob tutela fosse uma parte interessada. Era necessário o seu consentimento para fazer um testamento ou para a manumissão de escravos, mas não para contrair um matrimónio que não envolvesse a constituição de um dote, como um casamento *sine manu*³¹⁷.

³¹⁴ Cf. Gaius *Inst.* 1.144: *Permissum est itaque parentibus liberis, quos in potestate sua habent, testamento tutores dare: Masculini quidem sexus inpuberibus, feminini uero inpuberibus puberibusque, uel cum nuptae sint. Veteres enim uoluerunt feminas, etiamsi perfectae aetatis sint, propter animi leuitatem in tutela esse.* Para atribuição semelhante da *tutela mulierum* à *animi leuitas* feminina, cf. Ulp. *Tit.* 11.1 (*infirmitas sexus*). Só as Vestais estavam isentas da *tutela mulierum*; Gaius *Inst.* 1.145.

³¹⁵ DIXON (1984), GARDNER (1986: 14-22).

³¹⁶ CROOK (1986: 63).

³¹⁷ A autorização do *tutor mulierum* era necessária em actos que envolvessem a transmissão de *res Mancipi*, isto é, de bens que tinham de ser vendidos ou adquiridos por uma forma de transacção chamada *mancipatio* que requeria a presença de cinco testemunhas e que se efectuava *per aes et libram*: alguns animais, propriedades urbanas e rurais, escravos. Esta cerimónia foi adaptada

Os *tutores legitimi* foram, todavia, sendo substituídos por outro tipo de tutores, os *tutores extranei*, que não tinham de ser familiares da pessoa em tutela e que, não sendo herdeiros desta, lhe permitiriam, em princípio, mais liberdade para dispor dos seus bens, por exemplo, deixando-os aos filhos como herança ou como legado. Augusto restringiu a *tutela mulierum*, isentando dela as mulheres com *ius trium liberorum*³¹⁸ e Cláudio aboliu a tutela agnática.

No caso de a mãe falecer sem ter redigido um testamento, e de ter casado *sine manu*, os filhos não eram considerados herdeiros. O mesmo acontecia na situação inversa. Cláudio parece ter sido o primeiro a apiedar-se da situação de uma mãe privada dos bens dos filhos e, mais tarde, *senatusconsulta* como o *Tertullianum*, no principado de Adriano, e o *Orfitianum*, em 178 d. C., regulamentaram o direito, ainda que limitado, dos filhos ao património da mãe falecida sem testamento e vice-versa³¹⁹. CROOK (1986: 79) defende, porém, que a capacidade de, em testamento, a mãe legar parte dos seus bens aos filhos mostra que a *agnatio* foi substituída pela *cognatio* muito cedo, mantendo-se a primeira apenas nas regras de sucessão não testamentária³²⁰. Os *senatusconsulta* referidos são, assim, o reconhecimento da proximidade da relação da mãe com os filhos em termos sucessórios, mesmo que já desde finais da República o

desde cedo a outros propósitos, como por exemplo, na *coemptio*, para emancipar ou para adoptar um filho. Cf. JOHNSTON (1999: 54), GRUBBS (2002: XIX-XX), FRIER & MCGINN (2004: 485).

³¹⁸ Vd. *infra*, p. 159.

³¹⁹ O *senatusconsultum Tertullianum* dava a uma mulher livre ou a uma liberta com o *ius trium liberorum* o direito de ser herdeira dos filhos. O *senatusconsultum Orfitianum* concedia aos filhos, legítimos ou ilegítimos, o direito de serem os primeiros herdeiros da mãe falecida sem testamento. CROOK (1986: 67-68), GARDNER (1998: 228-9).

³²⁰ Escreve CROOK (1986: 79): «In my view agnation gave way to cognation as a testamentary principle (and this represents the real substratum of Roman family sentiment) quite early, and the trend just got stronger and stronger.»

edicto do pretor tenha inserido na ordem hereditária a categoria dos *unde cognati*, depois dos *sui heredes* e dos *legitimi* (os familiares por *agnatio*)³²¹.

Ainda que, todavia, a mãe legasse o seu património ou parte dele aos seus filhos, se estes fossem menores, teria de confiar na boa vontade do *paterfamilias* destes ou do tutor, no caso de o pai ter falecido, uma vez que, como *impuberes*, não tinham a capacidade de deter propriedade e tudo o que possuíassem era, na verdade, propriedade do *paterfamilias* ou dependia da *tutela impuberum*³²². Podia, no entanto, contornar as prescrições da lei, estabelecendo como condição que os filhos fossem emancipados pelo pai, que, assim, perdia os direitos à propriedade daqueles³²³.

Durante quase todo o período abrangido por este estudo, a lei estabelece, portanto, uma relação limitada entre a mãe e os seus filhos. O casamento, se *in manu*, traz a mulher para a família do marido. Se, porém, a mulher se mantém na sua família de origem – como parece ter sido a prática mais frequente no âmbito cronológico em análise – não tem, por lei, nenhuma relação jurídica com os seus filhos, uma vez que uns e outros pertencem a redes agnáticas e sucessórias diversas³²⁴. FRIER & MCGINN (2004: 4) notam o carácter precário da posição da esposa num casamento *sine manu* e observam: «(...) the wife's presence is legally so tenuous that she seems at times only to be tolerated as an unavoidable prerequisite for the bearing and raising of children.»

³²¹ SALLER (1991: 33).

³²² SALLER (1991: 37) alerta para o facto de os padrões de mortalidade e o estudo da demografia implicarem que muitos dos jovens romanos perderiam o pai muito cedo e receberiam, assim, a herança paterna antes de atingirem a puberdade: «Only a minority of Romans inherited as full adults; consequently guardianship of children must have been a far more important social issue than commonly realized.»

³²³ Cf. *Dig. 5.3.58.1 pr. Scaeuola libro tertio digestorum. Filius a patre emancipatus secundum condicionem testamenti matris adiit hereditatem, quam pater, antequam filium emanciparet, possedit fructusque ex ea possedit (...).*

³²⁴ Cf. SALLER (1984: 338-339), RAWSON (1986b: 19-29) e DIXON (1988: 45).

Os filhos são membros da família do pai e estão sujeitos à autoridade do *paterfamilias*, que pode ser o próprio pai ou o avô paterno, no caso de este estar vivo. À morte do *paterfamilias*, os seus filhos tornam-se independentes, isto é, *sui iuris*. A lei não prevê, em situação alguma, que a mãe possa assumir a autoridade sobre os seus filhos ou tornar-se tutora destes. Não existe, no direito romano, nada a que possamos chamar *matria potestas* e que se compare ao poder do pai sobre os filhos, o que não implica que as mães fossem completamente desprovidas de meios para afirmar a sua autoridade³²⁵. SALLER (1999: 196) conclui, após analisar a definição e a utilização da palavra, tanto em contextos jurídicos como não-jurídicos, que raramente *paterfamilias* tem o significado de “pai”. Pelo contrário, a palavra parece indicar mais a figura do gestor competente do património familiar, que preserva e faz crescer o que herdou dos antepassados, de modo a transmiti-lo aos seus descendentes.

Cícero (*Top.* 14) considera que apenas as esposas *in manu mariti* podem ser designadas *matresfamilias* devendo as outras ser classificadas apenas como *uxores*³²⁶, mas Ulpiano define *materfamilias* como uma mulher de bons costumes, *quae non inhoneste uixit*, independentemente de ser casada ou viúva, de nascimento livre ou liberta, porque *neque nuptiae, neque natales faciunt matrem familias, sed boni mores* (*Dig.* 10.16.46.1). TREGGIARI (1991: 34-35) sustenta que o título não envolve uma distinção legal, mas antes conotações de dignidade e

³²⁵ DIXON (1988: 61). Só c. 100 d. C. se prevê a possibilidade de uma mãe solicitar ao imperador a permissão para agir como tutora dos filhos, permissão que se generalizou no Baixo Império, mas apenas se a mãe se comprometesse a não voltar a casar. DIXON (1988: 65), SALLER (1991: 42).

³²⁶ *Genus enim est uxor; eius duae formae: una matrumfamilias, eae sunt, quae in manum conuenerunt; altera earum, quae tantum modo uxores habentur.* Aulo Gélio, ridicularizando a diferença que Élio Melisso estabelece entre *matrona* (*quae semel peperit*) e *materfamilias* (*quae saepius*), defende que *materfamilias* e *matrona* são termos de significado idêntico, e que *matrona* é designação da mulher casada, com ou sem filhos (*Gel.* 18.6.4)

honra, com as quais aparece já nos comediógrafos³²⁷. SALLER (1999: 195-196) defende que, como acontece relativamente ao termo *paterfamilias*, também *materfamilias* pode indicar o papel da mulher na economia familiar, mas que, nos autores clássicos, a palavra está mais associada à castidade observada num casamento legítimo e que, por essa razão, se opõe a palavras como *paelex*, *meretrix*, *concubina* ou *ancilla*. Nem *paterfamilias* nem *materfamilias* se definem pela paternidade ou pela maternidade, mas antes pela conduta – económica ou sexual – responsável para com a família³²⁸. *Matrona* e *materfamilias* são, assim, os termos que designam a mulher casada de acordo com a lei³²⁹.

Só os cidadãos, com direito de *conubium*, podiam contrair matrimónios válidos, *iustae nuptiae*, e, em consequência, gerar filhos legítimos, que herdavam a condição do pai e se tornam, assim, cidadãos de pleno direito³³⁰. A união é *iniusta* quando um dos parceiros não é um cidadão romano³³¹ ou quando, ainda que o seja, pertence a uma classe a que não é permitido contrair um casamento legal³³². Os parceiros têm em mente uma relação conjugal, de *affectio maritalis*, mas não têm capacidade jurídica para efectivar uma relação completamente

³²⁷ A autora cita como exemplos: Pl. *St.* 98; *Mer.* 405; *Ter. Ad.* 747; TREGGIARI (1991: 34, n. 143).

³²⁸ Conclui SALLER (1999: 195-196): «the good *paterfamilias* was a responsible estate owner, with or without children and wife, and the good *materfamilias* was a chaste, sexually respectable woman, married or widowed, with or without children.»

³²⁹ TREGGIARI (1991: 7).

³³⁰ *Conubium est uxoris ducendae facultas. Conubium habent ciues Romani cum ciuibus Romanis: cum Latinis autem et cum peregrinis ita, si concessum sit. Cum seruis nullum est conubium.* (Ulp. *Tit.* 5.3-5); *<Iustas autem nuptias contraxisse liberosque iis procreatos in potestate habere ciues Romani ita intelleguntur,> si ciues Romanas uxores duxerint uel etiam Latinas peregrinasue, cum quibus conubium habeant: cum enim conubium id efficiat, ut liberi patris condicionem sequantur, euenit, ut non <solum> ciues Romani fiant, sed et in potestate patris sint.* (Gaius *Inst.* 1. 56). TREGGIARI (1991: 43-49).

³³¹ Sobre os casamentos entre Romanos e *peregrini* ou pessoas sem *ius conubii*, cf. Gaius *Inst.* 1.76ss. e TREGGIARI (1991: 44ss.). Sobre o estatuto dos filhos de casamentos mistos, cf. WEAVER (1986).

³³² Cf. *infra*, p. 157, as classes sociais impedidas de o fazer pela legislação de Augusto.

válida aos olhos da lei. Contraíam, ainda assim, uniões que, apesar de não consideradas legais, tinham algumas características semelhantes ao matrimónio, como o dote, o divórcio, etc.³³³. O *matrimonium iniustum* difere do *concubinatus* precisamente porque neste um dos parceiros não tem a intenção de estabelecer uma relação matrimonial.

Há ainda que ter em conta as famílias de escravos. Impedidos de casar por não terem *ius conubii*, estes viviam numa união de facto a que se dava o nome de *contubernium*³³⁴. Os filhos nascidos destas uniões eram filhos ilegítimos, uma vez que os pais não tinham direito de *conubium* e não podiam contrair *iustae nuptiae*. A sua condição dependia, assim, principalmente, do estatuto da mãe à nascença dos filhos. Se ambos os pais eram escravos, os filhos eram escravos também. Se a mãe fosse liberta e o pai escravo, os filhos seriam livres e cidadãos de pleno direito. No entanto, se a mãe fosse escrava à data do nascimento do filho e o pai fosse liberto ou de nascimento livre, o filho seria, ainda assim, de condição servil³³⁵. Esta relação mantinha-se, muitas vezes, depois de um dos parceiros obter a liberdade, ou depois de ambos se tornarem pessoas livres. Nesta altura, apesar de a relação poder designar-se *matrimonium* e não ainda *contubernium*, muitos epitáfios mantêm a designação de

³³³ Cícero, por exemplo, fala de uma união deste tipo a propósito de uma notícia de divórcio e afirma: *Si mulier, cum fuisset nupta cum eo quicum conubium non esset, nuntium remisit; quoniam qui nati sunt patrem non sequuntur, pro liberis manere nihil oportet.* (Top. 20). Cícero refere-se, obviamente, ao dote da esposa, que o marido deve devolver dado que os filhos, uma vez que são ilegítimos, pertencem à família da mãe. Cf. CORBETT (1969^r: 102ss.), TREGGIARI (1991: 49). A legislação de Augusto sobre o adultério também se aplicava a este tipo de uniões. Os epitáfios que atestam estas relações fazem uso de um grupo de fórmulas e vocábulos semelhantes aos que são utilizados por pessoas casadas *in iustis nuptiis*, como *uxor*, *maritus*, *coniunx*, *piissimus*, *sanctissimus*, *bene merens*, o que, de acordo com RAWSON (1974: 304), demonstra a vontade de escravos e libertos, as principais classes que viviam em uniões de facto, em assimilar os valores e ideais do casamento romano.

³³⁴ CORBETT (1969^r: 30), RAWSON (1974), DIXON (1988: 16-19),

³³⁵ Sobre os casamentos entre escravos e pessoas livres ou libertas, cf. WEAVER (1986).

contubernalis para o parceiro falecido³³⁶. Segundo RAWSON (1966), acontecia com frequência que os filhos de um casal de escravos libertos em alturas diferentes tivessem condições diversas. Um filho nascido enquanto a mãe era escrava seria escravo, enquanto o irmão, nascido depois de a mãe ter sido *manumissa*, seria livre. Temos de referir, todavia, que os filhos nascidos *in seruitute* eram pertença do *dominus*, e não da mãe, e este podia vendê-los, uma vez que eram propriedade sua. Isto terá dado origem, certamente, a que muitas mães se vissem separadas dos filhos desde muito cedo, até porque, segundo BRADLEY (1978), muitas escravas seriam vendidas pelo seu potencial reprodutivo³³⁷.

A análise que tem sido feita dos epitáfios das classes mais humildes da população romana demonstra, porém, que, ao contrário do que estava estipulado na lei, estas famílias tinham um sentido de consanguinidade – notável, se tivermos em conta as circunstâncias – que as levava a registar o momento da morte dos seus elementos e as relações entre eles estabelecidas. É de realçar, especialmente, a tendência crescente de pais nascidos em condição servil mas libertos assinalarem a morte de um filho de nascimento livre, como se este representasse a esperança de um futuro melhor³³⁸. A obtenção de direitos civis até então impossíveis de atingir, como o próprio direito de contrair matrimónio, de ter o poder sobre os filhos e de ter a possibilidade de lhes transmitir a cidadania levou a que muitos libertos valorizassem sobremaneira a

³³⁶ Cf. WEAVER (1986: 146).

³³⁷ Cf., a título de exemplo, o epitáfio de *Antestia Glycera*, falecida com três anos de idade e já separada da mãe. Os nomes demonstram, de facto, que o pai, a mãe e a criança pertenciam a três *familiae* distintas: *D. M. Antestiae Glycerae u. a. III m. VIII d. XX Alius Potitus pat. et Munatia Paulina filiae dulcissimae*. (CIL 6.11924); cf., sobre famílias de escravos e libertos cujos epitáfios mostram a separação dos seus membros e outros exemplos de crianças separadas muito cedo dos pais, RAWSON (1966: 78-81), (1986b) e BRADLEY (1987: 47ss.).

³³⁸ Cf. RAWSON (2003: 350): «Within the western Mediterranean, it was in large urban areas and amongst large slave populations that young children received the highest percentage of epitaphs.»

família. É o que afirma GEORGE (2005a: 41): «The very real threat of family break-up and the psychological state of uncertainty in which such familial bonds developed in servitude must have made the attainment of a family after manumission a profound pleasure beyond the comprehension of most freeborn Romans.» Os valores e a estrutura familiar são, assim, um instrumento de integração e esbatem barreiras culturais e sociais que se tornam, deste modo, mais flexíveis.

A representação de grupos familiares na escultura funerária funciona, assim, como uma forma de publicitação de características que se consideram preponderantes na comunidade ou, no mínimo, socialmente determinantes³³⁹. Família e cidadania implicam-se mutuamente e a questão da origem e da natalidade condicionam a percepção social do indivíduo. Numa comunidade que se rege por padrões morais rígidos que se associam aos antepassados, a valorização dos laços familiares e a sua utilização em processos sociais como uma mais-valia condicionam de forma indelével a génese e o desenvolvimento da estrutura familiar que é, também em Roma, uma entidade dinâmica. A facilidade do divórcio e a morte prematura dos cônjuges facilitavam a inserção de novos membros, de modo a que, num determinado momento, pudessem viver debaixo do mesmo tecto, além do casal, os filhos de casamentos anteriores de ambos³⁴⁰. A família pode não incluir, assim, apenas pessoas do mesmo sangue, mas apresenta-se como uma estrutura suficientemente elástica e aberta para incorporar elementos que não têm laços familiares entre si.

³³⁹ Para uma análise destes grupos, cf. GEORGE (2005).

³⁴⁰ Cf. BRADLEY (1991) e (1996), sobre os casamentos sucessivos de alguns membros da elite republicana e as consequências para a estrutura da unidade familiar, particularmente no que diz respeito às relações entre filhos de casamentos diferentes, separados muitas vezes entre si por vários anos, relações que o autor define como: «a very diffuse set of personal relationships, with attachments spreading over from one narrow circle to another as the children's circumstances changed. [Bradley refere-se especificamente aos filhos de Sula].»

Em caso de divórcio, os filhos permanecem, em princípio, com o pai, uma vez que, como vimos, pertencem à família deste e não à da mãe³⁴¹. O marido podia reter, como ajuda financeira para criar os filhos (*retentio propter liberos*), uma parte do dote da esposa³⁴², no caso de o divórcio ter acontecido por culpa ou por vontade dela³⁴³.

A frequência e o tipo de contacto com a mãe, não estipulados pela lei, devem ter sido determinados pelas práticas sociais e são difíceis de reconstruir. Escribónia divorciou-se de Octaviano no dia em que a filha nasceu, mas, mais de três décadas depois, acompanhou-a no exílio, o que parece demonstrar a continuidade da convivência entre ambas³⁴⁴. No caso particular de um filho pequeno, pode ter-se verificado a prática de o deixar com a mãe, pelo menos durante algum tempo e especialmente no caso de o pai não ter casado ainda novamente. TREGGIARI (1991: 468) afirma a possibilidade de, em determinadas circunstâncias e durante algum tempo, as crianças viverem com a mãe.

Quando uma mulher divorciada alegava estar grávida do antigo marido, a situação podia tornar-se desagradável e complexa. O *Senatusconsultum Plancianum*, de data incerta, mas provavelmente já do século II d. C., regulamentava estas situações, prescrevendo que a esposa desse conhecimento ao marido, num prazo de trinta dias após o divórcio, da sua situação. O marido devia comunicar à esposa se assumia a paternidade da criança ou não e, no caso

³⁴¹ *Gaius 16 ad ed. prouinc. Feminarum liberos in familia earum non esse palam est, quia qui nascuntur, patris familiam sequuntur.* (Dig. 50.16.196.1). RAWSON (1986a: 35ss.), TREGGIARI (1991: 466ss.),

³⁴² Um sexto do dote por cada filho, até três filhos. Cf. Ulp. *Tit.* 6.9; 6.10; 6.12; CORBETT (1969r: 182-201); SALLER (1984a). Se o marido alegasse como causa para o divórcio o comportamento imoral da esposa, podia também reter até um sexto do dote (*retentio propter mores*).

³⁴³ As famílias podiam ter estabelecido, na altura do casamento, *pacta dotalia* em que se definiam condições para a devolução do dote, no caso de dissolução do matrimónio, ou, na ausência de um entendimento prévio e perante a recusa de devolução por parte do marido, podiam recorrer à *actio rei uxoriae*.

³⁴⁴ Vd. *infra*, p. 167ss.

de a assumir, enviar *custodes* que examinassem a esposa e acompanhassem a gravidez e o nascimento³⁴⁵. Estas determinações basearam-se, de acordo com EVANS GRUBBS (2002: 310, n. 25), nas prescrições relativas às viúvas grávidas do edicto *de inspiciendo uentre custodiendoque partu*, que, segundo a autora (264) deve remontar, pelo menos, aos finais da República. Quando o marido falecia deixando a mulher grávida, esta devia sujeitar-se à custódia dos familiares daquele, para garantir que não introduzia na família um filho ilegítimo. Tinha de ser fisicamente examinada e, no momento do parto, tinha de dar à luz sob fortes medidas de segurança, por exemplo, em casa de uma *honestissima femina*, numa divisão com uma única entrada, guardada por pessoas enviadas pela família do pai, que seriam os interessados na herança deste. O local em que decorria o parto devia ser iluminado por, pelo menos, três focos de luz, para evitar que alguém introduzisse na divisão um falso filho ou que se substituísse um recém-nascido morto por um vivo³⁴⁶.

O *tempus lugendi* não era apenas uma forma de mostrar respeito pelo falecido, mas também uma estratégia para impedir a *turbatio* ou a *commixtio sanguinis*³⁴⁷ e a apropriação indevida da herança do suposto pai. Já a Lei das XII

³⁴⁵ *Vlpianus 34 ad ed. Senatus consultum, quod factum est de liberis agnoscendis, duas species complectitur, unam eorum qui agnoscunt, aliam earum quae falsum partum subiciunt. (Dig. 25.3.1pr.); Vlpianus 34 ad ed. Denuntiare autem hoc tantum esse mulierem ex eo praegnantem. non ergo hoc denuntiat, ut mittat custodes maritus: sufficit enim mulieri hoc notum facere, quod sit praegnas. mariti est iam aut mittere custodes aut ei denuntiare, quod non sit ex se praegnas: hoc autem uel ipsi marito uel alii nomine eius facere permittitur. (Dig. 25.3.1.3).*

³⁴⁶ *Vlpianus 24 ad ed. De inspiciendo uentre custodiendoque partu sic praetor ait: "si mulier mortuo marito praegnatem se esse dicet, his ad quos ea res pertinebit procuratorie eorum bis in mense denuntiandum curet, ut mittant, si uelint, quae uentrem inspicient. mittantur autem mulieres liberae dumtaxat quinque haeque simul omnes inspiciant, dum ne qua earum dum inspicit inuita muliere uentrem tangat. mulier in domu honestissimae feminae pariat, quam ego constituam. (...) "tria lumina ne minus ibi sint", scilicet quia tenebrae ad subiciendum aptiores sunt. (Dig. 25.4.1.10).*

³⁴⁷ Cf. LIZZI (1995: 55-56), sobre a prescrição de um período de um ano para o luto por um marido falecido e a ausência de regulamentação do luto do marido pela esposa. Nos *Fastos*, Ovídio

Tábuas regulamentava, segundo Ulpiano, que o filho de uma viúva que nascesse nos dez meses posteriores à morte do marido devia ser reconhecido como herdeiro do pai³⁴⁸. O cuidado da lei em garantir que um filho póstumo tivesse acesso ao que lhe era devido é evidente nas regulamentações relacionadas com a preservação da sua parte da herança até ao nascimento.

O edicto *de inspiciendo uentre custodiendoque partu* previa que o pai pudesse ter determinado quem criaria a criança e que, na falta desta indicação, fosse o pretor a tomar tal decisão³⁴⁹. Ainda assim, parece ter acontecido que, após a morte do pai, os filhos fossem criados pela mãe viúva, mesmo se ela voltasse a casar³⁵⁰.

A frequência da morte precoce de homens e mulheres e a recorrência dos divórcios tornariam certamente comum a convivência com uma madrasta. A madrasta, boa ou (com mais frequência) má, é uma figura que deixa entrever as

associa os dez meses do antigo ano romano à duração de uma gravidez e do luto das viúvas: *Tempora digereret cum conditor Urbis, in anno / constituit menses quinque bis esse suo. / scilicet arma magis quam sidera, Romule, noras, / curaque finitimos uincere maior erat. / est tamen et ratio, Caesar, quae mouerit illum, / erroremque suum quo tueatur habet. / quod satis est, utero matris dum prodeat infans, / hoc anno statuit temporis esse satis; / per totidem menses a funere coniugis uxor / sustinet in uidua tristia signa domo.* (Fast. 1.27-36).

³⁴⁸ Ulpianus 14 ad sab. *Vtique et ex lege duodecim tabularum ad legitimam hereditatem is qui in utero fuit admittitur, si fuerit editus.* (Dig. 38.16.3.9); Ulpianus 14 ad sab. *Post decem menses mortis natus non admittetur ad legitimam hereditatem.* (Dig. 38.16.3.11).

³⁴⁹ Poderia ser a mãe a tomar esta decisão? O texto é ambíguo, uma vez que utiliza a palavra *parens*. Ulpianus 24 ad ed. (...) *apud eum educatur, apud quem parens iusserit. si autem nihil parens iusserit aut is, apud quem uoluerit educari, curam non recipiet: apud quem educetur, causa cognita constituam.* (Dig. 25.4.1.10).

³⁵⁰ Tal parece ter sido, por exemplo, o caso de Calígula, criado pela mãe depois da morte do pai e, depois de esta ter sido exilada, primeiro pela bisavó, Lúvia, e, após o falecimento desta, pela avó Antónia (Suet. Cal. 10). Quando Agripina foi exilada, Nero foi criado por uma tia paterna depois da morte do pai quando ele tinha apenas três anos. No ano seguinte, depois de Agripina ter regressado e ter voltado a casar, Nero viveu sempre com a mãe e os maridos desta, tendo herdado do primeiro padrasto uma grande fortuna e do segundo, Cláudio, o principado. RAWSON (1986: 55, n. 115).

tensões existentes no núcleo familiar. A madrasta e os meios-irmãos que poderia gerar apresentam-se como rivais na atenção e no património paternos e são, por este motivo, apresentados como elementos nefastos. A *nouerca* que manipula o marido e hostiliza em diferentes graus os enteados é uma figura frequente nos textos literários. Tácito refere de forma rotineira os *nouercalia odia* de Lúvia para com os descendentes de Júlia e Juvenal afirma *nemo repugnet, / nemo uetet, iam iam priuignum occidere fas est.* (6.627-628)³⁵¹. O facto de que, dos epítáfios recolhidos pelo volume sexto do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, apenas um mencione explicitamente a *nouerca* (CIL 6.10123) parece indicar o pouco apreço por ela nutrido, mesmo no momento da morte, em que se esperaria que a força das convenções sociais condicionasse a expressão dos sentimentos³⁵². A madrasta de boa índole não é, ainda assim, uma excepção. Octávia terá sido o exemplo máximo da *nouerca* benévola e desinteressada, ela que, mesmo repudiada por Marco António, acolheu os filhos deste com Cleópatra. Hélvia, a mãe de Séneca, parece ter tido uma relação harmoniosa com a sua madrasta, ainda que, nas palavras laudatórias do filho, esta relação se tenha devido ao *obsequium* e à *pietas* de Hélvia³⁵³. Ainda assim, Séneca conclui com a nota: *nulli tamen non magno constitit etiam bona nouerca* (*Dial.* 12.2.4.4-5), o que, de certo modo, explica a predominância da madrasta como uma figura desagradável e hostil.

³⁵¹ Cf. *Ann.* 1.3.13 (*nouercae Liuiæ dolus*; Tácito insinua a responsabilidade de Lúvia na morte de Gaio César); 1.6.12 (*propius uero Tiberium ac Liuiam, illum metu, hanc nouercalibus odiis, suspecti et inuisi iuuenis* [i. e. de Agripa Póstumo] *caedem festinauisse*); 1.10.24 (*Liuiæ grauis in rem publicam mater, grauis domui Caesarum nouerca*); etc..

³⁵² DIXON (1988: 159). Marco Aurélio refere que a madrasta se cumprimenta por respeito, a mãe por afecto (*Med.* 6.12): *Εἰ μητρὶάν τε ἄμα εἶχες καὶ μητέρα, ἐκείνην τ' ἂν ἐθεράπευες καὶ ὁμῶς ἢ ἐπάνοδός σοι πρὸς τὴν μητέρα συνεχῆς ἐγίνετο.*

³⁵³ *Creuisti sub nouerca, quam tu quidem omni obsequio et pietate, quanta uel in filia conspici potest, matrem fieri coegisti.* (*Dial.* 12.2.4.4-5).

DIXON (1988) defende que o conceito de mãe como aquela que cuida das necessidades físicas dos filhos, que com eles desenvolve laços de ternura e os mima, que é o suporte básico, tanto a nível psicológico como afectivo, da criança, imagem tão divulgada pela publicidade e pela psicologia actual, era estranha para os Romanos. A mãe não era a única influência formativa da criança³⁵⁴. A contratação de *nutrices*, de amas-de-leite, que, além de dispensarem os cuidados de saúde e de higiene básicos, amamentavam as crianças, parece ter sido uma prática corrente, ainda que censurada por alguns autores em contextos marcadamente moralistas. Tácito, por exemplo, no *Dialogus de oratoribus*, reproduz a opinião do orador Vipstano Messala que recorda com nostalgia os tempos passados em que a oratória florescia porque os filhos eram criados pela mãe³⁵⁵ e não por amas e escravos de origem e formação moral duvidosas:

nam pridem suus cuique filius, ex casta parente natus, non in cellula emptae nutricis, sed gremio ac sinu matris educabatur, cuius praecipua laus erat tueri domum et inseruire liberis (...) At nunc natus infans delegatur Graeculae alicui ancillae, cui adiungitur unus aut alter ex omnibus seruis, plerumque uilissimus nec cuiquam serio ministerio adcommodatus. (Tac. *Dial.* 28.4.1; 29.1.1)

A censura de Messala implica que o recurso a amas-de-leite era generalizado, pelo menos entre as classes mais altas da população, com capacidade financeira para dispor de uma escrava ou ex-escrava para amamentar as crianças da *familia*, fossem escravas ou livres, ou para contratar uma *nutrix*.

BRADLEY (1986: 220) defende que a ama pode ter funcionado como uma salvaguarda emocional, para impedir que, num tempo de mortalidade infantil

³⁵⁴ A expressão é de DIXON (1988: 134): «She was not the exclusive formative influence which Sociology and Psychology, developed within a few highly urbanised, wealthy modern countries, assume her to be.»

³⁵⁵ Messala atribui a decadência da arte oratória à *desidia iuuentutis et neglegentia parentum et inscientia praecipientium et obliuione moris antiqui*. (Tac. *Dial.* 28.2)

muito elevada, os pais criassem laços sentimentais com crianças cuja sobrevivência era incerta. A generalização desta tese, porém, como qualquer generalização que se refira às práticas sociais da Antiguidade, deve ser objecto de algumas reservas e condicionantes. O problema reside, parece-nos, em definir até que ponto a ama substitui a mãe, e o facto de alguns epitáfios mostrarem uma relação de respeito e afecto entre a ama e o *alumnus*, mesmo quando este é já um adulto, não implica, necessariamente, a ausência física ou psicológica da mãe. A relação com a *nutrix* podia ser duradoura, uma vez que, com frequência, esta não se afastava do *alumnus*, e mantinha-se como *assa nutrix* mesmo quando este deixava de ser amamentado³⁵⁶.

O recurso a uma ama pode ter sido motivado pela morte da mãe no parto ou no seu seguimento, mas pode também ter por base a mentalidade de uma aristocracia que dispunha de mão-de-obra para a realização de tarefas que não considerava da sua responsabilidade. Ainda assim, o recurso à *nutrix* não impede a presença e a supervisão da mãe. O grau de substituição da mãe é obviamente difícil de determinar e, se o fosse, provavelmente a variação seria notável. De qualquer modo, o que se esperava da *nutrix* não coincidia com o que se esperava da mãe e, por esta razão, como DIXON (1988), consideramos que a ama não a substitui. A *nutrix* era uma assalariada ou uma escrava ou ex-escrava, de que alguém dispunha para exercer uma função definida, e a diferença de estatuto social não deve ter sido esquecida, mesmo nas relações mais cordiais³⁵⁷.

Apesar da prática comum de contratar *nutrices*, cuja função era, além de alimentar a criança, prestar-lhe os cuidados físicos necessários para a sua sobrevivência e ensinar-lhe as regras básicas de socialização, a relação entre a

³⁵⁶ Cf. DIXON (1988: 126ss.). Plínio, por exemplo, parece ter mantido uma relação afectiva com a sua antiga *nutrix*, a quem ofereceu um *agellum* (*Ep.* 6.3).

³⁵⁷ Tanto BRADLEY (1986) e (1991c), como JOSHEL (1986), enfatizam precisamente o elemento coercivo e socialmente desigual desta relação.

mãe e o filho assumia-se como íntima, não apenas a nível psicológico, mas também no plano físico, como expressões como *in gremio* ou *in sinu matris* demonstram.

GARDNER (1999: 36) afirma que, mesmo perante a lei, e apesar do poder da *patria potestas*, a relação com a mãe tinha precedência, como mostram as regulamentações sobre os filhos ilegítimos. Afirma a autora: «The closest relationship was that between mother and child, and the absence of *potestas* probably made it easier for legal interpretation eventually to recognize illegitimate children as having a duty of *pietas* towards their mothers, but not, however, towards their fathers.» Paulo, no *Dig.* 2.4.5, reconhece esta precedência quando estipula que não se deve citar em justiça a mãe:

Quia semper [mater] certa est, etiam si uolgo conceperit: pater uero is est quem nuptiae demonstrant.

A maternidade define-se, assim, segundo Paulo, não apenas pela concepção mas também pela gestação, porque a mãe *certa est*. A paternidade, pelo contrário, não se define por uma relação de dependência física que se apresenta como irrefutável, o que pode explicar a valorização das semelhanças entre os filhos e o pai, como forma de provar a paternidade.

Podemos, provavelmente, falar de mães substitutas relativamente a familiares que, na morte ou na ausência de uma mulher, assumem a função de lhe criar os filhos, como uma tia ou uma avó³⁵⁸. Mas, ainda assim, as expectativas e a configuração sociais seriam diferentes. Mesmo que a relação seja cordial e afectuosa, a tia, a madrastra ou a avó são substitutas e desempenham funções que não se baseiam numa relação biológica. Assim, ainda que muitas crianças pudessem ter uma figura materna que não necessariamente a sua mãe biológica, por ausência ou morte desta, e apesar de,

³⁵⁸ Por exemplo, Domícia Lépidia, tia de Nero com quem este viveu quando Agripina estava no exílio, ou a *auia* dos filhos de Quintiliano, que os terá criado, depois da morte da mãe (*auiae educanti*; *Inst.* 6.1 pr. 8.3).

pelas mesmas razões, muitas mulheres poderem ter exercido funções, que hoje em dia associamos à mãe, junto de crianças que não seriam seus filhos, a maternidade mantém-se como uma função social definida por factores psicológicos e morais, associados à educação da criança – ainda que não atribuídos de forma exclusiva à mãe –, mas determinada especialmente por uma dependência física.

Porque, como prescreve Paulo, a concepção e a gestação são processos controlados quase exclusivamente pela mãe, e uma vez que a paternidade é uma atribuição social, baseada numa relação matrimonial em que a esposa ocupa um lugar cada vez menos estável, surge toda uma série de questões associadas à sexualidade feminina, centrais no direito romano, mas que recebem atenção especial no tempo do primeiro *Principes*.

A legislação moral promulgada por Augusto

A chamada legislação moral de Augusto foi factor determinante na concepção do papel social da mulher, no que respeita não apenas à forma como se entendia o lugar e a importância desta na sociedade, como também à sua conduta e aos padrões morais pelos quais a devia orientar. Invocando a tradição, a lei pretende restabelecer os costumes do passado, mas inova e introduz alterações significativas em áreas da vida privada até então reservadas à jurisdição do *paterfamilias*.

O que normalmente se designa legislação moral de Augusto é um conjunto de leis promulgadas durante o principado deste e que inclui a *lex Iulia de maritandis ordinibus* e a *lex Iulia de adulteriis coercendis*, ambas de 18 ou 17 a.C., e a *lex Papia Poppaea* de 9 d. C.. São conhecidas apenas de forma fragmentária, principalmente por meio de comentários de juristas posteriores. No que diz respeito às leis sobre o casamento, é difícil distingui-las, já que são

frequentemente identificadas de forma pouco clara como *lex Iulia et Papia*. Por este motivo, a nossa análise incidirá sobre ambas de forma indistinta, excepto nos casos em que as informações dos juristas nos permitem especificar as prescrições de uma e de outra. A importância destas leis é um facto assumido, não só por serem consideradas como tal por Augusto e por algumas personalidades do seu tempo, mas também porque se mantiveram em vigor durante cerca de três séculos, sem alterações significativas.

As leis devem ser entendidas no seu contexto e parecem dar resposta a uma das principais preocupações, não só do momento em que foram promulgadas, mas também dos últimos tempos da República: a associação entre decadência moral e instabilidade política³⁵⁹. É o próprio Augusto quem, nas *Res Gestae*, caracteriza estas leis como “leis novas” e afirma que tinham como objectivo reavivar os costumes do passado³⁶⁰:

Legibus novis me auctore latis multa exempla maiorum exolescentia iam ex nostro saeculo reduxi (Aug. *Anc.* 2.12)

³⁵⁹ Cícero, em *Marc.* 23, exorta César a tomar medidas para remediar os males da guerra civil e afirma: *constituenda iudicia, reuocanda fides, comprimendae libidines, propaganda suboles: omnia, quae dilapsa iam diffluxerunt, seueris legibus uincienda sunt*. É também importante a nota de Salústio, que, depois de descrever a rectidão em que viviam os antepassados, associa a degeneração moral à expansão do império: *Igitur primo imperi, deinde pecuniae cupido creuit: ea quasi materies omnium malorum fuere. Namque auaritia fidem, probitatem ceterasque artis bonas subuertit; pro his superbiam, crudelitatem, deos neglegere, omnia uenalia habere edocuit.(...) post, ubi contagio quasi pestilentia inuasit, ciuitas inmutata, imperium ex iustissimo atque optumo crudele intolerandumque factum*. (Sal. *Cat.* 9ss.). EDWARDS (1993: 36) afirma: «These laws (...) were a response to the associations Roman moralists of the late republic regularly made between adultery, unwillingness to marry, childlessness and the political disarray which preceded the civil wars.»

³⁶⁰ O texto apresenta uma das premissas mais marcantes do tempo: a conexão entre tradição e inovação. EDER (1990: 82) afirma, a propósito deste passo: «It is the link with the past, above all, that is expressed here, not merely a restoration and further development. In spite of their partially novel character, the new laws and his own *exempla* are set in the long series of republican efforts to shore up collapsing *mores*.»

A preocupação pelo desaparecimento dos *exempla maiorum* e a atribuição dos males do presente a uma degradação de ordem moral é antiga e é com a intenção de demonstrar isso mesmo que Augusto lê perante o Senado o discurso de Metelo Macedónico, censor em 131 a. C., sobre o dever de contrair matrimónio de forma a garantir o bem-estar da pátria:

Si sine uxore possemus, Quirites, omnes ea molestia careremus; set quoniam ita natura tradidit, ut nec cum illis satis commode, nec sine illis uno modo uiui possit, saluti perpetuae potius quam breui uoluptati consulendum est. (Gel. 1.6.2)

O discurso, a que Suetónio (Aug. 89.2) atribui o título de *De prole augenda* e Aulo Gélio o de *De ducendis uxoribus*, desenvolve uma das ideias que Augusto tentou implementar através da legislação moral: que casar e ter filhos é um dever cívico de que nenhum cidadão responsável e consciente se deve eximir³⁶¹. O facto de o discurso do censor ser apropriado para a ocasião é realçado pelo compilador da obra de Tito Lívio (*Per.* 59), que diz que foi *uelut in haec tempora scriptam*. Assim, Augusto pretende provar que as suas intenções não são inusitadas e que, pelo contrário, se inscrevem num processo já antigo de tentativas, até então infrutíferas, de regeneração moral³⁶². De acordo com EDER

³⁶¹ O discurso, que se baseia nas antíteses *cum illis... sine illis; saluti perpetuae... breui uoluptati*, é comentado por Aulo Gélio, que reproduz as opiniões que suscitou: uns eram contra o facto de o censor ter referido os aspectos negativos do matrimónio (*non oportuisse de molestia incommodisque perpetuis rei uxoriae confiteri*), mas Tito Castrício não subscrevia esta opinião, porque o censor não devia falar como um retor e, sendo Metelo um homem digno e ilustre, não podia esconder o que era do conhecimento de todos (*'Sed enim Metellum,' inquit 'sanctum uirum, illa grauitate et fide praeditum cum tanta honorum atque uitae dignitate apud populum Romanum loquentem, nihil decuit aliud dicere, quam quod uerum esse sibi atque omnibus uidebatur, praesertim cum super ea re diceret, quae cotidiana intellegentia et communi peruolgatoque uitae usu comprehenderetur.*).

³⁶² O próprio Suetónio reconhece esta intenção de Augusto: *Etiam libros totos et senatui recitauit et populo notos per edictum saepe fecit, ut orationes Q. Metelli "de prole augenda" et Rutili "de modo aedificiorum", quo magis persuaderet utramque rem non a se primo animaduersam, sed antiquis iam tunc curae fuisse.* (Suet. Aug. 89).

(1990: 86), as estátuas dos *summi uiri* no Foro de Augusto e a longa fila de *imagines* de figuras da República que acompanharam o seu funeral tinham o mesmo objectivo: mostrar Augusto como alguém que vinha na sequência e que dava continuidade à tradição.

A associação da degeneração moral ao declínio do casamento e à relutância dos cidadãos em terem filhos, que estaria na base da instabilidade política, encontra ecos em muitos dos autores da época. Horácio, por exemplo, censura o adultério e considera-o uma das causas da falta de rectidão dos tempos. A imoralidade sexual terá sido a fonte de onde alastrou o declínio moral que atinge a pátria (Hor. *Carm.* 3.6.17-20; 25ss.). No *Epodo* 16.9, Horácio caracteriza a época em que vive de forma pessimista como *impia... deuoti sanguinis aetas* e, em *Carm.* 3.6.17, como *fecunda culpae saecula*³⁶³. A este estado de coisas só a expiação dos crimes do passado³⁶⁴ e a repressão da licenciosidade porão fim:

*O quisquis uolet impias
caedis et rabiem tollere ciuicam,
si quaeret Pater Urbium
suscribi statuis, indomitam audeat
refrenare licentiam* (Hor. *Carm.* 3.24.25-29)

É notável nestes versos a relação entre imoralidade sexual e guerra civil. Em último caso, a provável ruína de Roma acontecerá principalmente pela falta de filhos (*uitio parentum / rara iuuentus*; Hor. *Carm.* 1.2.23-24). Esta mesma ideia surge no *Carmen Saeculare* de 17 a. C., cantado por um coro de rapazes e raparigas, sob a forma de uma prece a Diana para que favoreça os *patrum... decreta* e faça aumentar o número de crianças:

diua, producas subolem patrumque

³⁶³ Pessimismo que se lê nos versos finais da ode: *aetas parentum, peior auis, tulit / nos nequiores, mox daturos / progeniem uitiosorem*. (Hor. *Carm.* 3.6.46-48).

³⁶⁴ *Delicta maiorum inmeritis lues, / Romane, donec templa refeceris*; *Carm.* 3.6.1-2; Cf. também Verg. G. 1.501-502: *satis iam pridem sanguine nostro / Laomedontae luimus periuria Troiae*.

*prosperes decreta super iugandis
feminis prolisque nouae feraci
lege marita* (Hor. *Saec.* 17-20).

São recorrentes nos autores augustanos tópicos como o lamento pelo furor da guerra civil e suas consequências (Tib. 1.1; 1.10; Hor. *Carm.* 1.35.33-40), a exaltação da simplicidade austera do passado em oposição à luxúria, à ambição e à licença do presente (Tib. 1.3.35ss.; 2.3.35ss.; Prop. 3.13.3-4, 25-26; 60; Hor. *Carm.* 3.6.21-32; Ov. *Am.* 3.9.35-60)³⁶⁵, ou a crítica da lascívia e do declínio do casamento associada à decadência moral do momento (Prop. 2.6.21-22³⁶⁶; Hor. *Carm.* 3.6.17-20)³⁶⁷.

Nas *Geórgicas* (2.458-540), Vergílio caracteriza a vida do agricultor como uma vida de prosperidade austera e de rectidão moral. Longe da cidade e, em consequência, imune à ambição e à lascívia, o agricultor subsiste com o trabalho que desenvolve durante todo o ano (*anni labor*; 2.514), mas vive numa paz e tranquilidade em tudo semelhantes às da Idade de Ouro. Beijam-no os filhos, pendurados ao seu pescoço, e a sua casa mantém-se casta³⁶⁸:

*Interea dulces pendent circum oscula nati,
casta pudicitiam seruat domus.* (Verg. *G.* 2.523-524).

O mesmo tópico surge no *Epodo* 2.39-48 de Horácio. Na descrição do seu ideal de vida rústica, Álfio, o *faenerator*, inclui uma *pudica mulier*, semelhante às

³⁶⁵ Cf., porém, as palavras de Jano em Ov. *Fast.* 1.193-194: *uix ego Saturno quemquam regnante uidebam / cuius non animo dulcia lucra forent.*

³⁶⁶ Citamos os exemplos de Propércio, ainda que seja necessário reconhecer que, ao contrário dos restantes autores, a principal preocupação de que faz eco é o facto de o declínio moral afectar Cíntia. Escreve LITTLE (1982: 298) acerca deste assunto: «Propertius does not care about the decline of Rome. He does not care how immorality and luxury affect the state. They affect Cynthia, and himself, and their relationship, and that is all that matters to Propertius.»

³⁶⁷ Como alternativa a este tópico, aparece nos poetas elegíacos a crítica da ambição da amada que se deixa seduzir pelas riquezas do rival do poeta, normalmente caracterizado como um homem rico ou como um soldado que enriqueceu na guerra: Tib. 2.3.49ss.; 2.4; Ov. *Am.* 3.8, etc..

³⁶⁸ Repare-se na redundância do verso 524.

Sabinas ou às mulheres da Apúlia, queimadas pelo sol, que se ocupe da casa e dos *dulcis natos* (39-40)³⁶⁹. As Sabinas simbolizam, aqui, a vida dura, mas virtuosa, do passado³⁷⁰. Horácio afirma que não foi a juventude indolente e viciosa do seu tempo, nascida de pais sem moral, que conquistou o império e derrotou inimigos como Pirro, Antíoco ou Aníbal, mas:

(...) *rusticorum mascula militum*
proles, Sabellis docta ligonibus
uersare glaebas et seuerae
matris ad arbitrium recisos
portare fustis (Hor. Carm. 3.6.37-41)

Realce-se a importância da mãe, caracterizada como uma mulher severa que orienta o trabalho dos filhos, eles que constituirão a *mascula proles* que garantirá a conquista e a segurança do império³⁷¹, o *genus acre uirum* que Vergílio também enaltece e no qual inclui o próprio Augusto (Verg. G. 2.167ss.)³⁷².

Também Tibulo aspira a uma vida longe da cidade, o que implica afastar Délia, a amada, da corrupção moral e dos pretendentes que são rivais do poeta.

³⁶⁹ Para uma descrição idílica da vida em família como uma das realidades agradáveis da vida a que a morte porá um fim, cf. Lucr. 3.895ss.: *Iam iam non domus accipiet te laeta neque uxor / optima, nec dulces occurrent oscula nati / praeripere et tacita pectus dulcedine tangent. / non poteris factis florentibus esse tuisque / praesidium. misero misere' aiunt 'omnia ademit / una dies infesta tibi tot praemia uitae'*.

³⁷⁰ Cf., para uma visão negativa das Sabinas, Ov. Am. 1.8.39 (*immundae*), 2.4.15 (*rigidas*) e 3.8.61 (*tetricas*). No mundo sofisticado de Ovídio, as Sabinas simbolizam um apego antiquado e rústico às virtudes do passado: *Simplicitas rudis ante fuit: nunc aurea Roma est* (Ov. Ars 3.113).

³⁷¹ Plínio, em Nat. 36.111, descreve o modo de vida e, em particular, os palácios construídos por Calígula e por Nero, e comenta com sarcasmo: *nimirum sic habitauerant illi, qui hoc imperium fecere tantum, ad deuincendas gentes triumphosque referendos ab aratro aut foco exeuntes, quorum agri quoque minorem modum optinuerunt quam sellaria istorum!*

³⁷² O excerto em questão é o célebre louvor da Itália.

Em 1.5, Tibulo descreve o ideal de vida campestre que planeava para ambos³⁷³, enquanto Délia estivera doente, ela que agora, curada, se entregou a outro: Délia, que seria *frugum... custos* (21), tomaria conta de tudo, da seara ao pisar das uvas e à contagem do gado, de modo a que Tibulo não fosse nada na sua própria casa:

*Illa regat cunctos, illi sint omnia curae
at iuuat in tota me nihil esse domo.* (Tib. 1.5.29-30)³⁷⁴

Não devemos, no entanto, concluir desta análise que os poetas do tempo eram apoiantes incondicionais da política augustana. Pelo contrário³⁷⁵. Os elegíacos adoptaram uma postura em relação ao amor e ao casamento que não coincide com os propósitos da legislação moral³⁷⁶. A mulher cantada pelos elegíacos estava longe de ser o tipo de mulher que Augusto pretendia que fosse a mãe dos futuros cidadãos da *Vrbs*. Isto não impede, no entanto, que tanto Cíntia como Délia sejam associadas a este ideal de esposa devota e fiel. Parece-nos significativo que ideais importantes para Augusto, como a necessidade de reabilitação moral ou a crítica dos costumes dissolutos do presente, sejam abordados por poetas como Tibulo ou Propércio que, ao contrário de Horácio,

³⁷³ Tópico semelhante em Tib. 1.2.73-76: *Ipse boues mea si tecum modo Delia possim / iungere et in solito pascere monte pecus, / et te, dum liceat, teneris retinere lacertis, / mollis et inculta sit mihi somnus humo.*

³⁷⁴ Repare-se na presença de todos os adjectivos que em Latim transmitem a ideia de totalidade: *cunctos* (29), *omnia* (29) e *tota* (30).

³⁷⁵ Para uma análise da importância da aceitação ou rejeição da política de Augusto pelos poetas do tempo, cf. WALLACE-HADRILL (1985), que conclui (184): «'Propaganda' and 'dissent' are perhaps too complex and distracting terms to be usefully applied to the Augustan poets. But, if I am right, their attitudes to love had considerable political repercussions. The benefit and the danger of the poets to Augustus was not that they could support or oppose any particular measure of his, but that they could (intentionally or not) articulate acceptance or rejection of the social order he was struggling to restore and of his own role in doing so.»

³⁷⁶ Não devemos também esquecer que Tibulo, como Vergílio, morreu em 19 a. C., ou seja, pelo menos um ano antes da promulgação das *leges Iuliae* sobre o casamento e o adultério.

não dão voz ao regime político de Augusto (ainda que Propércio pareça ter-se “redimido” no livro 4 das *Elegias*).

Outro texto emblemático da época é o célebre prefácio da obra de Tito Lívio, em que o autor se congratula por a composição da sua obra e a reflexão sobre os factos do passado lhe permitirem viver afastado dos males do seu tempo (*ut me a conspectu malorum quae nostra tot per annos uidit aetas... auertam*; Liv. praef. 5), que Lívio caracteriza como uma época que há muito vive em contacto com a adversidade e em que não é possível suportar nem os vícios nem a cura destes³⁷⁷:

donec ad haec tempora quibus nec uitia nostra nec remedia pati possumus peruentum est. (Liv. praef. 9)

A grandeza de Roma, conquistada pelos heróis virtuosos do passado, justifica-se pela sua superioridade moral e pelo facto de os Romanos terem sucumbido tarde a vícios como a *auaritia*, a *luxuria* e a *cupiditas* e de terem honrado durante muito tempo a *paupertas* e a *parsimonia* (Liv. praef. 11). Só recentemente (*nuper*) é que os Romanos se deixaram dominar pelas riquezas e pelas *abundantes uoluptates*, que desencadearam a ambição e um desejo nefasto de tudo deitar a perder (*desiderium... pereundi perdendique omnia*; Liv. praef. 12).

A expressão da esperança num tempo melhor, associado a Augusto, com características da Idade de Ouro, é outro dos temas recorrentes da altura³⁷⁸. Mas não será um tempo de felicidade e abundância espontâneas e lazer, como em

³⁷⁷ Realce-se o facto de Lívio considerar que se assistiu na história romana a uma degeneração moral: *ad illa mihi pro se quisque acriter intendat animum, quae uita, qui mores fuerint, per quos uiros quibusque artibus domi militiaeque et partum et auctum imperium sit; labente deinde paulatim disciplina uelut desidentes primo mores sequatur animo, deinde ut magis magisque lapsi sint, tum ire coeperint praecipites, donec ad haec tempora quibus nec uitia nostra nec remedia pati possumus peruentum est.* Liv. praef. 9. Cf. referência a Salústio, *supra*, n. 359. Esta referência à intolerância aos *remedia* tem sido entendida como referência às supostas tentativas goradas de implementar leis sobre o casamento logo nos primeiros anos do principado.

³⁷⁸ Cf., a propósito deste assunto, GALINSKY (1996: 90ss.).

Hesíodo. Implicará, pelo contrário, o esforço e o empenho de todos para conseguir um estado de rectidão moral e de estabilidade interna e externa. Será necessário que se expiem os crimes do passado e que se recupere a dignidade e o modo de vida dos *maiores*. Depois, quando Augusto implementar medidas no sentido de restaurar a moral de outrora e de acabar com a guerra, assistir-se-á ao regresso da justiça divina e da paz:

*Aspera tum positis mitescent saecula bellis;
cana Fides, et Vesta, Remo cum fratre Quirinus,
iura dabunt; dirae ferro et compagibus artis
claudentur Belli portae; Furor impius intus,
saeua sedens super arma, et centum uinctus aenis
post tergum nodis, fremet horridus ore cruento.* (Verg. A. 1.291-296)

O texto citado, um excerto da profecia de Júpiter no livro 1 da *Eneida*, associa a Augusto, a quem Vergílio se refere de forma ambígua como *Caesar... Iulius* (A. 1.286-288)³⁷⁹, o advento de uma nova era que substituirá os *aspera... saecula*. Também Anquises, no livro 6, afirma que será Augusto quem trará de novo os *aurea saecula*³⁸⁰ de Saturno:

*Hic uir, hic est, tibi quem promitti saepius audis,
Augustus Caesar, Diui genus, aurea condet
saecula qui rursus Latio regnata per arua
Saturno quondam, super et Garamantas et Indos
proferet imperium.* (Verg. A. 6.791-795)

Surge associada à Idade de Ouro a ideia da expansão do império, que só poderá ser feita pela conquista. A paz a que se refere a profecia de Júpiter está

³⁷⁹ Esta referência tem sido objecto de alguma polémica, uma vez que alguns autores, entre os quais DOBBIN (1995), defendem que Júpiter se refere a Júlio César e não ao seu filho adoptivo. A maioria da crítica sustenta, no entanto, que o texto se refere a Augusto. Mesmo DOBBIN (1995: 6) afirma: «(...) I argue that, although the Caesar may not be Augustus, the passage is still about the Augustan age.»

³⁸⁰ Alguns autores, como AUSTIN (1986: ad 792ss.) e GALINSKY (1996), vêem na expressão *aurea condet saecula* uma alusão à legislação moral que Augusto terá tentado implementar c. 28 a. C..

ausente da descrição de Augusto feita por Anquises³⁸¹. Pelo contrário, é o receio dos povos que serão submetidos que se descreve nos versos seguintes (*horrent; turbant*; A. 6.798-800) e Anquises compara Augusto a Hércules e a Baco, afirmando que nenhum deles *tantum telluris obiuit* (A. 6.801ss.)³⁸². O espírito conquistador de Augusto, que o pai de Eneias realça, deve ser entendido como uma forma de atingir a paz, que só será uma realidade depois da derrota e da submissão dos inimigos, não apenas estrangeiros³⁸³. O domínio romano é apresentado, não só como inevitável, mas como determinado pelos deuses (Verg. A. 1.279). O mesmo acontece com Augusto. Os deuses determinaram que chegaria ao poder para dominar o mundo conhecido³⁸⁴ e trazer a paz e a rectidão aos Romanos.

Neste contexto, o esforço de Augusto para “corrigir” o comportamento amoral dos Romanos é acolhido como remédio para todos os males e a única forma de restaurar a simplicidade do passado. No *Carmen* 4.5, Horácio exorta Augusto a regressar das províncias do Ocidente, onde permaneceu entre 16 e 13

³⁸¹ WILLIAMS (1990: 202) considera que a parada dos heróis no livro 6 tem um efeito mais imediato e real do que a profecia de Júpiter no livro 1 ou a *ecphrasis* do escudo no livro 8, uma vez que, nos Infernos, Eneias vê os heróis e ouve as explicações de Anquises sobre o futuro de Roma, enquanto no escudo vê apenas uma representação que ele admira mas que não entende (Verg. A. 8.729-731; esp. 730: *ignarus*).

³⁸² Depois de descrever Augusto, Anquises pergunta a Eneias: *aut dubitamus adhuc uirtute extendere uires, / aut metus Ausonia prohibet consistere terra?* (Verg. A. 6.806-807). Os feitos de Augusto são utilizados como forma de estimular Eneias a prosseguir a sua missão.

³⁸³ Na informação das *Res Gestae* sobre as três vezes em que as portas do templo de Jano estiveram fechadas, Augusto afirma que os *maiores* estabeleceram este costume para as ocasiões em que o império estivesse em paz, não numa paz inócua, mas numa *parta uictoriis pax* (Aug. *Anc.* 2.44).

³⁸⁴ Veja-se, a este propósito, a ênfase no carácter universal da descrição do triunfo de Augusto em A. 8.722-728; *incedunt uictae longo ordine gentes, / quam uariae linguis, habitu tam uestis et armis. / Hic Nomadum genus et discinctos Mulciber Afros, / hic Lelegas Carasque sagittiferosque Gelonos / finxerat; Euphrates ibat iam mollior undis, / extremique hominum Morini, Rhenusque bicornis, / indomitique Dahae, et pontem indignatus Araxes.*

a. C., incitando-o com a confirmação de que os males de outrora foram erradicados:

*Nullis polluitur casta domus stupris,
mos et lex maculosum edomuit nefas,
laudantur simili prole puerperae,
culpam poena premit comes.* (Hor. *Carm.* 4.5.21-24)

O mesmo tópico aparece naquele que é o último poema dos *Carmina* e que, transforma, sugestivamente, a *aurea aetas* de Vergílio na *tua, Caesar, aetas*, associando, assim, pela primeira vez, o período histórico e político à pessoa do *Princeps*. No *Carmen* 4.15.9-11, entre os feitos de Augusto, Horácio inclui o fim da *licentia*: (...) *ordinem / rectum euaganti frena licentiae / iniecit emouitque culpas* (...). Isto significa que, para Horácio, os objectivos do *Princeps* foram atingidos e que este correspondeu à esperança nele depositada³⁸⁵. O restabelecimento da moral e dos bons costumes, que Augusto pretendia levar a cabo com a promulgação das leis sobre o casamento e o adultério, estaria, assim, pelo menos para Horácio, conseguido à data da publicação do último livro dos *Carmina*, em 12 a. C..

Díon Cássio (56.1-5) atribui a Augusto dois discursos que este terá proferido no Foro em 9 d. C., depois de ter separado os *equites* casados, com e sem filhos, dos solteiros, e em resposta ao descontentamento expresso por esta ordem em relação às leis sobre o casamento (56.1.2). O discurso que dirigiu aos casados é um discurso de louvor e agradecimento, já que é graças a eles, de longe menos numerosos do que os solteiros, que a pátria sobrevive³⁸⁶. A história

³⁸⁵ Para a relação do *carmen* 4.15 com a *Eneida*, especificamente no que diz respeito ao esclarecimento do que na epopeia é ambíguo ou projectado no futuro, cf. BREED (2004: 246): «in a very un-Virgilian way Horace's phrase *tua, Caesar, aetas* ascribes credit for the successes of the age individually to Augustus the man.» O autor considera que este poema projecta uma «sanitized version» da *Eneida*.

³⁸⁶ ἔγωγε καὶ κατ' αὐτὸ τοῦτο μᾶλλον ὑμᾶς ἐπαινῶ καὶ πολλὴν χάριν ὑμῖν ἔχω, ὅτι καὶ ἐπέισθητε καὶ τὴν πατρίδα συμπληθύνετε. (56.2.1).

de Roma foi também condicionada pelo tamanho da sua população, uma vez que, depois de os Romanos terem casado e terem tido filhos, ultrapassaram os outros povos não apenas devido à sua coragem (*εὐανδρία*), mas também devido ao número de cidadãos (*πολυανθρωπία*) (56.2.2). A imagem da vida como uma corrida de passagem do archote mostra bem até que ponto Augusto estava empenhado em denegrir o celibato e em incentivar o casamento e a geração de filhos, que terá apresentado como uma forma de garantir a imortalidade (56.2.3³⁸⁷). O casamento e a procriação foram um meio que os deuses concederam ao homem para que se tornasse eterno. E continua elogiando a vida em família, a felicidade que reside em partilhar a vida com uma *γυνή σώφρων οἰκουρὸς οἰκονόμος παιδοτρόφος*, que cuide do marido na saúde e na adversidade, na juventude e na velhice (53.3.3), a sorte de ter filhos que sejam uma réplica dos pais e de lhes transmitir os bens que os antepassados deixaram. Augusto termina o discurso aos casados oferecendo-lhes presentes e prometendo outros e mais regalias (56.3.3-4).

Os solteiros, pelo contrário, são censurados de forma severa por não sacrificarem a sua liberdade para bem da *Respublica* e por, pelo facto de não gerarem filhos (pelo menos legítimos), causarem a ruína da pátria e condenarem ao esquecimento o nome herdado dos antepassados. Augusto começa por dizer que não sabe como se dirigir a eles, uma vez que não pode tratá-los nem por “homens”, já que não cumprem as obrigações que, enquanto homens, lhes cabem, nem por “cidadãos”, porque põem em perigo a cidade, nem por Romanos, pois, pela sua conduta, causarão a ruína desse nome (56.4.1)³⁸⁸. Augusto acusa os solteiros de serem culpados pela destruição de

³⁸⁷ ὧν χρή μεμνημένους τὸ θνητὸν τῆς φύσεως ἡμῶν αἰδίῳ διαδοχῇ γενῶν ὥσπερ τινῶν λαμπαδίων παραμυθεῖσθαι, ἵν' ἐν ᾧ μόνῳ τῆς θείας εὐδαιμονίας ἡττώμεθα, τοῦτ' ἐξ ἀλλήλων ἀθάνατον καθιστάμεθα.

³⁸⁸ ἄνδρας; ἀλλ' οὐδὲν ἀνδρῶν ἔργον παρέχεσθε. πολίτας; ἀλλ' ὅσον ἐφ' ὑμῖν, ἡ πόλις ἀπόλλυται. Ρωμαίους; ἀλλ' ἐπιχειρεῖτε τὸ ὄνομα τοῦτο καταλῦσαι.

Roma (56.4.4)³⁸⁹, de, por isso, serem culpados de assassínio, de sacrilégio, de destruírem o nome dos seus antepassados e o próprio Estado (56.5.1-3). Não casar é atentar contra o *mos maiorum* e contra a história e os heróis do passado, incluindo os que fizeram a guerra para conseguirem esposas (56.5.6). Mesmo depois dos incentivos das leis já promulgadas, os solteiros mantêm o seu comportamento destrutivo e criminoso, como se não fizessem parte da comunidade (56.6.6). Se, no discurso aos casados, Augusto elogiou os prazeres da vida em família, no discurso aos solteiros, afirma não poder deixar de reconhecer (sem os enumerar...) os aspectos menos agradáveis do casamento e da procriação (56.8.2). No fim do discurso, no entanto, dirige-se aos solteiros como *ἄνδρες πολῖται*, ao contrário do que tinha feito no início, por considerar que os convenceu a assumir as suas obrigações de cidadãos, de homens e de pais (56.9.1) e apela à estima que têm por ele, de modo a sublinhar a importância do título de “pai” que lhe foi concedido.

A legislação moral é, assim, apresentada como uma medida necessária para restaurar a virtude do passado. O casamento e a procriação são considerados como um dever cívico e não casar nem ter filhos são considerados crimes contra a pátria e a sua história. YAVETZ (1990: 31) afirma: «Augustus' innovations were accepted because his attachment to traditional behavior and values was public knowledge and because he refrained from offending old sensibilities.» Assim, o facto de se apresentar como alguém que tinha como objectivo curar a nação das suas enfermidades, fazendo-a regressar ao estado salutar de outrora, legitimou o seu lugar no poder.

³⁸⁹ οἵτινες οὐτε τῆς τῶν θεῶν προνοίας οὐτε τῆς τῶν προπατόρων ἐπιμελείας ἐνθυμηθέντες ἐπιθυμεῖτε πᾶν μὲν τὸ γένος ἡμῶν ἀφανίσαι καὶ θνητὸν ὄντως ποιῆσαι, πᾶν δὲ τὸ Ῥωμαίων ἔθνος φθεῖραι καὶ παῦσαι.

Como dissemos, Augusto fez promulgar leis sobre o casamento em, pelo menos, duas ocasiões³⁹⁰: em 18 ou 17 a. C., a *lex Iulia de maritandis ordinibus* e, em 9 d. C., a *lex Papia Poppaea* que, supostamente, reformularia em alguns aspectos a anterior³⁹¹. A referência mais antiga à primeira aparece no *Senatus consultum de ludis saecularibus* (CIL 6.32323), que revogava uma das proibições da lei, a de os solteiros assistirem aos espetáculos: *sine fraude sua spectare liceat ieiis qui lege de maritandis ordinibus tenentur*.

As leis obrigavam a casar e a ter filhos todos os indivíduos que, sendo do sexo masculino, tivessem entre vinte e cinco e sessenta anos, e, sendo do sexo feminino, entre vinte e cinquenta (Ulp. *Tit.* 16.1)³⁹². Definem, no entanto, quem pode casar com quem, uma vez que, apesar do que os pretensos propósitos

³⁹⁰ A *Elegia* 2.7 de Propércio, datável de c. 27 a. C., associada a outros textos como, por exemplo, o prefácio de Lívio, composto c. 23 a. C., levou alguns autores a supor que, já por esta altura, Augusto teria tentado implementar medidas no sentido de tornar obrigatório o casamento, pelo menos medidas que abrangeriam relações como a de Propércio e Cíntia. O texto de Propércio refere uma lei que foi revogada e o contentamento que isso provocou em Cíntia: *Gauisa est certe sublatam Cynthia legem, / qua quondam edicta flemus uterque diu, / ni nos diuideret*. (Prop. 2.7.1-3). Entre os autores que defendem que existiram tentativas de implementar leis antes de 18 a. C., incluem-se: WILLIAMS (1962) e (1990: 267), FRANK (1976: 43-44), LITTLE (1982: 288), DES BOUVRIE (1984), GALINSKY (1981: 127) e (1996: 97), BAUMAN (1992: 107-108), MOLES (1993: 151), etc.. MCGINN (1998: 71) exprime alguma cautela relativamente a este assunto e considera que, se alguma vez foi aprovada alguma lei sobre o casamento anterior à *lex Iulia* de 18 ou 17, não se manteve em vigor durante muito tempo. Opõe-se à existência desta lei BADIAN (1985), que considera que o texto de Propércio se referirá a um imposto cobrado nos primeiros séculos da República, o *aes uxorium*, que os Triúnviro teriam restabelecido para angariar fundos, até que, em 28 a. C., Octaviano o revogou, juntamente com outras medidas tomadas durante o triunvirato.

³⁹¹ DELLA CORTE (1980: 540) considera que a *lex Papia Poppaea* era mais severa que a *lex Iulia*, mas o entendimento geral é que esta teria sido complementada e reformulada por aquela: ASTOLFI (1986: XI), MCGINN (1998: 70-71).

³⁹² Perante a lei, os *sponsati* eram considerados como casados, o que deu origem a fraudes e abusos, como o noivado com raparigas muito jovens, que teve de ser regulamentado (Suet. *Aug.* 34.2; Díon Cássio 54.16.7).

demográficos parecem implicar, o objectivo da lei não seria incentivar de forma indiscriminada os indivíduos a casar e a ter filhos, porque estabelece limitações ao casamento entre pessoas de classes diferentes. Os cidadãos livres são proibidos de casar com escravas, prostitutas, alcoviteiras, actrizes e mulheres condenadas por adultério (Ulp. *Tit.* 13.2; 16.2)³⁹³. Os membros da ordem senatorial, isto é, senadores e seus descendentes até ao terceiro grau, além de estarem sujeitos às restrições que abrangiam os outros *ingenui*, e ao contrário destes, também não podem casar com libertas (Ulp. *Tit.* 13.1; 16.2; Paul. *Dig.* 23.2.44 pr.)³⁹⁴. Isto parece demonstrar que, apesar de qualquer cidadão livre não pertencente à ordem senatorial poder casar com escravos libertos, a lei tinha como objectivo manter a ordem senatorial isolada. EDWARDS (1993: 42) considera que a lei estabelece uma divisão entre aqueles que são encorajados a casar e a ter filhos, e que são penalizados se o não fizerem, e aqueles que devem casar com os membros da sua própria classe. MCGINN (1998: 84) defende, pelo contrário, que as restrições da lei, não sendo abrangentes e aplicando-se apenas a determinadas classes sociais normalmente discriminadas e vítimas de segregação social, não teriam alterado em muito o que era já a prática corrente.

³⁹³ 13.2: *Ceteri autem ingenui prohibentur ducere lenam, et a lenone lenaue manumissam, et in adulterio deprehensam, et iudicio publico damnatam, et quae artem ludicram fecerit: adicit Mauricianus et a senatu damnatam.* 16.2: (...) *id est, si contra legem Iuliam Papiamque Poppaeam contraxerint matrimonium, uerbi gratia si famosam quis uxorem duxerit, aut libertinam senator.*

³⁹⁴ Ulp. *Tit.* 13.1: *Lege Iulia prohibentur uxores ducere senatores quidem liberique eorum libertinas et quae ipsae quarumque pater materue artem ludicram fecerit, item corpore quaestum facientem;* 16.2, cf. nota anterior; Paul. *Dig.* 23.2.44pr.: *Paulus 1 ad l. iul. et pap. Lege iulia ita cauetur: " qui senator est quiue filius neposue ex filio proneposue ex filio nato cuius eorum est erit, ne quis eorum sponsam uxoremue sciens dolo malo habeto libertinam aut eam, quae ipsa cuiusue pater materue artem ludicram facit fecerit. neue senatoris filia neptisue ex filio proneptisue ex nepote filio nato nata libertino eiue qui ipse cuiusue pater materue artem ludicram facit fecerit, sponsa nuptaue sciens dolo malo esto neue quis eorum dolo malo sciens sponsam uxoremue eam habeto".* MCGINN (1998: 72) comenta deste modo as restrições ao casamento entre classes: «The prohibitions are an illustration of the Roman tendency to merge categories of the social (freedpersons) and moral (prostitutes).»

Em caso de viuvez ou divórcio, a lei estipulava que deviam casar de novo, os homens imediatamente, as mulheres um ano depois da morte do marido, seis meses depois de um divórcio, prazos que foram alargados pela *Lex Papia* para dois anos e dezoito meses, respectivamente³⁹⁵.

Para os indivíduos que não obedecessem à lei, esta previa sanções que podiam incluir desde a proibição de assistir aos espectáculos públicos³⁹⁶ às restrições nas heranças a receber. Estas últimas eram, aliás, as mais significativas. Pessoas solteiras ou casadas em violação da lei não podiam receber heranças deixadas por testamento de pessoas que não fossem seus familiares até ao sexto grau³⁹⁷. Pessoas casadas mas sem filhos não podiam receber mais do que um décimo da herança do parceiro, com direito a mais uma décima parte por cada filho que tivesse sido fruto de casamentos anteriores. Pelo contrário, se tivessem sido concebidos filhos no casamento, mesmo que não tivessem sobrevivido, os pais teriam capacidade total em relação à propriedade um do outro³⁹⁸.

³⁹⁵ Cf. Ulp. Tit. 14.1: *Feminis lex Iulia a morte uiri anni tribuit uacationem, a diuortio sex mensum, lex autem Papia a morte uiri biennii, a repudio anni et sex mensum.*

³⁹⁶ Proibição que se deduz da permissão concedida pelo SC *de ludis saecularibus* (CIL 6.32323) e de Díon Cássio 54.30.5. Ambos os textos referem ocasiões em que a proibição é anulada: os Jogos Seculares de 17 a. C. e as celebrações do aniversário de Augusto em 12 a. C.. No entanto, segundo McGINN (1998: 76), a informação transmitida por Suetónio, *Aug.* 44.2 (Augusto teria concedido lugares especiais aos plebeus casados: *Maritis e plebe proprios ordines assignauit...*) e por Marcial 5.41.8 (*Sedere in equitum liceat an tibi scamnis / uidebo, Didyme: non licet maritorum.*) pode significar que a proibição de os solteiros assistirem aos espectáculos foi retirada ou, pelo menos, mitigada de alguma forma.

³⁹⁷ Cf. ASTOLFI (1986: 69-72). *Caelibes quoque, qui lege Iulia hereditates legataque capere uetantur, item orbi, id est qui liberos non habent.* (Gaius Inst. 2.111); *aut propter caelibatum ex lege Iulia summotus fuerit ab hereditate;* (Gaius Inst. 2.144); *Caelibes quoque, qui per legem Iuliam hereditates legataque capere prohibentur, olim fideicommissa uidebantur capere posse.* (Gaius Inst. 2.286).

³⁹⁸ Seria suficiente que um filho tivesse sobrevivido até à puberdade ou que dois vivessem até aos três anos ou que três sobrevivessem até ao *nominum dies* (Ulp. Tit. 16.1a).

A recompensa mais importante que a lei define é o *ius trium liberorum*, concedido, pelo menos no início³⁹⁹, a homens e mulheres com três filhos ou mais. Os indivíduos de nascimento livre necessitavam apenas de três filhos para conseguir o *ius trium liberorum*, os libertos de quatro. As mulheres ficavam, nestas circunstâncias, isentas da *tutela mulierum* e homens e mulheres garantiam o direito sobre a sucessão dos libertos e sobre a herança do cônjuge.

No acesso a algumas magistraturas tinham prioridade os indivíduos casados e com filhos (Díon Cássio 53.13.2; Gel. 2.15.4ss.⁴⁰⁰) e a idade mínima estabelecida para cada um dos cargos políticos podia ser diminuída em um ano por cada filho (Just. *Dig.* 4.4.2).

A novidade da lei sobre o adultério reside no próprio facto de existir, uma vez que, até então, este era considerado matéria do foro privado e familiar e era o conselho de família, convocado pelo *paterfamilias*, que decidia os casos de conduta imprópria das mulheres⁴⁰¹. A *lex Iulia* transforma o adultério num crime público, a julgar num tribunal criado para o efeito, a *quaestio perpetua de adulteriis*, o que demonstra que uma das principais finalidades da lei era submeter os adúlteros ao escrutínio público⁴⁰².

³⁹⁹ O *ius trium liberorum* foi concedido, desde cedo, como forma de distinção a indivíduos que não tinham três filhos, como foi o caso de Lúcia em 9 a. C., depois da morte de Druso, Marcial ou Plínio-o-Moço (*nuper ab optimo principe trium liberorum ius impetraui*; *Ep.* 2.13.8; cf. *Ep.* 10.2.94, em que Plínio pede a Trajano o *ius trium liberorum* para Suetónio, e a resposta de Trajano na epístola seguinte).

⁴⁰⁰ Escreve Aulo Gélio: *Sicuti kapite VII. legis Iuliae priori ex consulibus fasces sumendi potestas fit, non qui pluris annos natus est, sed qui pluris liberos quam collega aut in sua potestate habet aut bello amisit*. Quanto ao texto de Díon Cássio, é uma referência inserida de forma incorrecta no ano 27.

⁴⁰¹ Sobre as informações acerca da punição do adultério antes da *lex Iulia*, cf. RIZZELLI (1996: 356, n. 4), DIXON (1992: 78). Os conselhos de família parecem ter continuado a exercer estas funções, em situações especiais, mesmo durante o Principado. Cf. Suet. *Tib.* 35; Tac. *Ann.* 2.50.

⁴⁰² COHEN (1991: 124) considera que a lei sobre o adultério constituiu «a massive and deliberate appropriation by the state of a new regulatory sphere: marriage, divorce, and sexuality»,

A *lex Iulia de adulteriis coercendis* tinha como objectivo punir o adultério e o *stuprum*⁴⁰³. Apesar de os dois termos se confundirem, entende-se normalmente por adultério a relação entre uma mulher casada e um homem, qualquer que seja o seu estatuto social e o seu estado civil. O que define um crime de adultério é o estatuto da mulher, não o do homem, ou seja, um homem casado pode manter uma relação extraconjugal com uma mulher, desde que esta não esteja casada com outro e não faça parte do tipo de mulher punível pela lei. Por *stuprum* entende-se uma relação ilegítima com uma mulher solteira ou viúva ou com um rapaz (Papian. *Dig.* 48.5.6.1; Modest. *Dig.* 48.5.35.1⁴⁰⁴).

Nem todas as mulheres são penalizadas pois a lei define categorias de pessoas isentas da sua aplicação. De facto, a criação de dois grupos diferentes de mulheres é uma das consequências mais importantes da lei. Assim, designam-se como *feminae probrosae* as mulheres não sujeitas à aplicação da lei sobre o adultério e com quem se podem manter relações impunemente: prostitutas, *lenae*, atrizes e mulheres condenadas por adultério⁴⁰⁵. As outras, penalizadas em caso de prevaricação, são definidas de modo pouco claro em contraste com as anteriores⁴⁰⁶. Com estas mulheres é crime manter-se uma

tonando-se, assim «an axis of power and knowledge in the development of a new form of government.».

⁴⁰³ É possível que a lei abrangesse também o incesto; cf. RIZZELLI (1996: 358), MCGINN (1998: 140-141).

⁴⁰⁴ *Dig.* 48.5.6.1: *Papinianus 1 de adult. Lex stuprum et adulterium promiscui (...) appellat. sed proprie adulterium in nupta committitur, propter partum ex altero conceptum composito nomine: stuprum uero in uirginem uiduamue committitur (...); Dig.* 48.5.35.1: *Modestinus 1 reg. Adulterium in nupta admittitur: stuprum in uidua uel uirgine uel puero committitur.* Cf. discussão sobre o significado de *stuprum* e de *adulterium* e análise dos textos citados, em RIZZELLI (1996), que conclui que a *lex Iulia* utilizava o termo *stuprum* também com o significado de *adulterium*.

⁴⁰⁵ Sobre as categorias de *feminae probrosae*, cf. ASTOLFI (1986: 54ss.).

⁴⁰⁶ RADITSA (1980: 315) comenta assim esta dicotomia: «By setting these categories against each other the law made the prestige of one depend on the degradation of the other, much in the way Octavian had needed Antony's licentiousness to affirm his righteousness.»

relação ilícita e espera-se delas um comportamento sexual exemplar. São estes os tipos de mulher que explicam as palavras de Ovídio, na *Arte de Amar*⁴⁰⁷:

*Este procul, uittae tenues, insigne pudoris,
Quaeque tegis medios, instita longa, pedes.
Nos uenerem tutam concessaque furta canemus,
Inque meo nullum carmine crimen erit.* (Ov. *Ars* 1.31-34)

A lei previa dois tipos de acusação, uma privilegiada em detrimento da outra: a acusação pelo marido ou pelo pai e a acusação por estranhos. Até sessenta dias depois do crime, só o marido e o pai tinham o direito de acusação. O marido tinha precedência sobre o pai, mas, ao contrário deste, não podia matar a esposa adúltera. Esta era uma prerrogativa de que antes dispunha. De acordo com Aulo Gélio, que cita Catão Censor, o marido podia tirar a vida à esposa adúltera⁴⁰⁸. No âmbito da *lex Iulia de adulteriis*, podia, contudo, matar o parceiro adúltero, desde que este pertencesse a determinadas categorias sociais, como os *lenones*, os actores ou os escravos⁴⁰⁹, e surpreendesse os faltosos na sua

⁴⁰⁷ A mesma ideia em *Ars* 3.58 (*Dum facit ingenium, petite hinc praecepta, puellae, / quas pudor et leges et sua iura sinunt.*) e em *Tr.* 2.303ss. Também Horácio (*S.* 2.28ss.) distingue dois tipos de mulheres: aquelas com quem se podem ter relações sexuais sem temer as consequências e as mulheres casadas e pudicas. Note-se que o texto de Horácio defende as relações permitidas, por considerar que relações com mulheres casadas não só são sinónimo de problemas, como também porque a meretriz não esconde os defeitos físicos nem dificulta a relação: *quare, ne paeniteat te, / desine matronas sectarier, unde laboris / plus haurire mali est quam ex re decerpere fructus* (77-79); *altera, nil obstat: Cois tibi paene uidere est / ut nudam, ne crure malo, ne sit pede turpi* (100-101); *namque parabilem amo uenerem facilemque* (119).

⁴⁰⁸ *Verba Marci Catonis adscripsi ex oratione, quae inscribitur de dote, in qua id quoque scriptum est in adulterio uxores (...) De iure autem occidendi ita scriptum: 'In adulterio uxorem tuam siprehendisses, sine iudicio inpune necares; illa te, si adulterares siue tu adulterarere, digito non auderet contingere, neque ius est.'* (Gel. 10.23.4-5).

⁴⁰⁹ *Dig.* 48.5.25pr.: *Macer 1 publ. Marito quoque adulterum uxoris suae occidere permittitur, sed non quemlibet, ut patri: nam hac lege cauetur, ut liceat uiro deprehensum domi suae (non etiam soceri) in adulterio uxoris occidere eum, qui leno fuerit quiue artem ludicram ante fecerit in scaenam saltandi cantandiue causa prodierit iudicioe publico damnatus neque in integrum restitutus erit, quiue libertus*

própria casa. A lei permitia também ao pai matar o adúltero, independentemente da categoria deste, mas desde que matasse também a própria filha, se os encontrasse *in flagrante delicto* em sua casa ou na casa do genro traído, o que parece ter sido uma forma de impedir que se fizesse justiça sem o recurso aos tribunais ou de manter, pelo menos em teoria, o direito antigo do *paterfamilias*⁴¹⁰. A lei obrigava o marido a denunciar a esposa surpreendida em adultério, e a divorciar-se dela, sob pena de ser acusado de lenocínio (Ulp. Dig. 48.5.2.2).

Passados os sessenta dias em que se privilegiava a denúncia do marido e do pai, e se estes a não tivessem feito, qualquer pessoa podia levar a cabo a acusação. Os cúmplices de adultério também podiam ser acusados e não apenas os parceiros envolvidos (Ulp. Dig. 48.5.13). Indivíduos que emprestassem a casa para o encontro dos adúlteros ou o marido que lucrasse com o adultério da mulher poderiam também ser punidos pela lei (Marcian. Dig. 48.5.9.pr.; Scaeu. Dig. 48.5.15.pr.⁴¹¹).

eius mariti uxorisue, patris matris, filii filiae utrius eorum fuerit (nec interest, proprius cuius eorum an cum alio communis fuerit) quiue seruus erit.

⁴¹⁰ Afirma RADITSA (1980: 313) a propósito da execução sumária dos parceiros: «With its covert denial of tradition masked in its apparent appeal to it in the stipulation concerning the killing of lovers discovered together, the *Lex Iulia* reveals all the ambiguity of Augustus' resort to the past in order to disguise his time's break with it. At the same time that it made the husband publicly responsible for his wife's conduct, the law limited his ability to deal with it. Men were now compelled to do for the state what they had once done for themselves – or not at all.» É necessário salientar que a lei dá o *ius occidendi* ao *pater*, ao pai biológico, e não ao *paterfamilias* que tenha outro parentesco com a mulher adúltera ou, dito de outro modo, só pode exercer o direito de executar os adúlteros o pai biológico que seja também o detentor da *potestas* sobre a filha. Cf. CANTARELLA (1991: 231). SALLER (1984: 354) associa a restrição de matar apenas adúlteros surpreendidos em casa do pai ou do marido à noção da *domus* como um lugar que devia permanecer puro e cuja santidade tinha de se manter inviolável.

⁴¹¹ Dig. 48.5.9pr.: Marcianus 2 de adult. Qui domum suam, ut stuprum adulteriumue cum aliena matre familias uel cum masculino fieret, sciens praebuerit uel quaestum ex adulterio uxoris suae fecerit: cuiuscumque sit condicionis, quasi adulter punitur. Dig. 4. 5.15pr.: Scaeuola 4 reg. Is, cuius ope consilio

A mulher condenada por adultério era considerada ao mesmo nível da atriz e da prostituta. Não podia receber heranças nem voltar a casar com cidadãos livres (Papian. *Dig.* 48.5.12.13; Ulp. *Tit.* 13.2⁴¹²). Não tinha hipótese de redenção⁴¹³. A pena por adultério incluía a *relegatio in insulam* e a perda de parte dos bens de ambos os adúlteros (Paul. *Sent.* 2.26.14⁴¹⁴). No entanto, DES BOUVRIE (1984: 95) considera que a *relegatio* seria castigo apenas para membros das classes mais elevadas da população e que, provavelmente, os *humiliores* estariam sujeitos a castigos corporais.

A determinação da finalidade da legislação de Augusto sobre o casamento e o adultério tem sido fonte inesgotável de polémica. Os supostos objectivos das leis dividem-se normalmente em quatro tipos: demográficos, morais, políticos e ideológicos⁴¹⁵. Se a intenção de aumentar a taxa de natalidade parece decorrer de alguns textos antigos⁴¹⁶, o que é certo é que, na prática, as

dolo malo factum est, ut uir feminae in adulterio deprehensi pecunia aliaue qua pactione se redimerent, eadem poena damnatur, quae constituta est in eos, qui lenocinii crimine damnantur.

⁴¹² *Dig.* 48.5.12.13 Papinianus l.S. de adult. Ream adulterii uxorem duxi: eam damnatam mox repudiaui. quaero, an causam discidii praestitisse uideor. respondit: cum per legem iuliam huiusmodi uxorem retinere prohibearis, non uideri causam te discidii praestitisse palam est. quare ita ius tractabitur quasi culpa mulieris facto diuortio. Ulp. *Tit.* 13.2.

⁴¹³ MCGINN (1998: 156ss.) defende que, como para as prostitutas, também para as mulheres adúlteras era obrigatório o uso da toga.

⁴¹⁴ Paul. *Sent.* 2.26.14: *Adulterii conuictas mulieres dimidia parte dotis et tertia parte bonorum ac relegatione in insulam placuit coerceri: adulteris uero uiris pari in insulam relegatione dimidiam bonorum partem auferri, dummodo in diuersas insulas relegentur.* As informações sobre esta punição são escassas e tardias, o que leva alguns autores a supor que não tenha sido prescrita pela lei. MCGINN (1998: 143) sustenta, pelo contrário, que a *relegatio* foi imposição da lei.

⁴¹⁵ Resenha em DES BOUVRIE (1984: 95ss.).

⁴¹⁶ Por exemplo, Gel. 2.15.3: *postquam suboles ciuitati necessaria uisa est et ad prolem populi frequentandam praemiis atque inuitamentis usus fuit (...);* Plin. *Nat.* 14.5: *postquam coepere orbitas in auctoritate summa et potentia esse, captatio in quaestu fertilissimo ac sola gaudia in possidendo, pessum iere uitae pretia omnesque a maximo bono liberales dictae artes in contrarium cecidere ac seruitute sola profici coeptum.*

penalizações da lei, na maioria interdições ou limitações nas heranças ou legados recebidos, só teriam sido sentidas pelas classes mais altas da sociedade. WALLACE-HADRILL (1981) defende que o objectivo da lei era regulamentar a transmissão da propriedade e, em consequência, do estatuto social, de forma a manter ambos na família. A legislação tentava, assim, pôr um fim à tendência supostamente crescente de deixar bens a pessoas que não eram elementos da família.

Por outro lado, se o objectivo principal da lei fosse incentivar os cidadãos a terem filhos, não teria implementado restrições ao casamento entre classes. É esta a opinião de RADITSA (1980: 327), que considera que as consequências da legislação teriam sido, por um lado, a promoção da imobilidade nas classes mais elevadas pelo encorajamento artificial do orgulho no nascimento e na origem e, por outro, o estímulo à independência dos libertos. TREGGIARI (1991: 64), pelo contrário, considera que a ênfase da lei pode ter incidido não nas proibições mas nas permissões, nomeadamente do casamento entre todos os *ingenui*, excepto senadores e seus descendentes, e libertos.

A prioridade concedida aos homens casados e com filhos no acesso a determinadas magistraturas não teria também, obviamente, actuado como incentivo para as classes menos favorecidas. GALINSKY (1981) considera que Augusto pretendia a moralização da aristocracia, de modo a justificar a política imperialista romana. Só a superioridade moral dos Romanos justificaria o poder de Roma sobre os outros povos⁴¹⁷.

⁴¹⁷ Contra DES BOUVRIE (1984: 98), que considera que os Romanos não tinham necessidade de justificar o avanço militar e que os filósofos estóicos que Galinsky cita para fundamentar a sua tese não consideravam a conduta sexual exemplar como uma das condições para legitimar a supremacia militar e política. Aduz ainda o facto de as leis de Augusto sobre o casamento e o adultério não proibirem as relações extraconjugais, mas definirem apenas com que tipo de mulher elas são permitidas. Parece-nos, no entanto, que a lei tem propósitos moralizantes, mesmo que apenas na aparência, pois define o comportamento que se espera dos cidadãos, isto

Parece-nos, porém, que a consequência mais importante da legislação pode ter sido a valorização do matrimónio e da família como responsabilidades cívicas. Essa é a mensagem mais importante do discurso de Metelo Macedónico que Augusto leu perante o Senado. Trata-se, todavia, de uma consequência pouco pragmática. RADITSA (1980: 281) considera que a lei tinha objectivos “quixotescos”, uma vez que visava a alteração de comportamentos e até de sentimentos humanos e interferia em todos os aspectos da vida privada (329), efectuando a obliteração da separação entre público e privado. Este deve ter sido um efeito importante: a transformação da vida privada e de aspectos até então limitados à vida em família num assunto sujeito à avaliação pública.

No que diz respeito às mulheres, além dos aliciantes relativos à isenção da tutela, a lei sobre o casamento não deve ter trazido grandes alterações. As restrições ao casamento entre classes terão sido, provavelmente, apenas a formalização de preconceitos já existentes. Não parece plausível que muitas libertas tivessem a ambição de casar com senadores. Os incentivos à maternidade podem ter sido mais significativos nas classes mais elevadas, mas certamente terão tido os seus efeitos também nas classes mais desfavorecidas, quanto mais não fosse por emulação. A maternidade e a ostentação dos filhos parecem ter assumido uma maior visibilidade⁴¹⁸. TREGGIARI (2005: 142) relaciona com esta ideia a representação crescente de mulheres em espaços públicos e comenta: «Being a mother was a particular service. The sudden appearance of portraits of women in public spaces in the city as role models as well as objects of veneration showed that all citizen women had a role to play.» Deste modo, a função da mulher na comunidade passa a ser reconhecida de forma pública e apresentada como um benefício indispensável para a sobrevivência da

é, que casem e tenham filhos, a que se acrescenta, no caso das mulheres, que tenham um comportamento virtuoso e casto.

⁴¹⁸ Até entre os libertos, a quem o *ius trium liberorum* aliviava de algumas formas de interferência do patrono.

sociedade, equivalente ao desempenho das magistraturas e à participação na guerra por parte dos homens⁴¹⁹.

Importantes parecem ter sido os efeitos da lei sobre o adultério, mais intrusiva do que as leis sobre o casamento. O medo da denúncia pública, aliado ao perigo de ver a vida privada devassada por estranhos, deve ter actuado como elemento dissuasor. Acresce o facto de o adultério implicar uma ruptura definitiva com a situação anterior: depois de surpreendida em adultério, a mulher não pode continuar casada com o marido traído e vê-se sujeita a uma acção judicial que, caso acabe na sua condenação, a proibirá de voltar a casar e lhe acarretará uma degradação social apreciável.

As leis inserem-se, como vimos, numa tradição antiga de estímulo ao casamento e à regeneração moral. Como o próprio Augusto demonstra, são novidade, mas baseiam-se em ideais que remontam, pelo menos, aos últimos séculos da República. Para DES BOUVRIE (1984: 102ss.), a única inovação da legislação moral é a interferência do Estado em assuntos que antes eram da responsabilidade do *Paterfamilias*. No entanto, mesmo esta interferência não era inovadora, uma vez que já em Atenas isso tinha acontecido⁴²⁰. Para este autor, o objectivo das leis de Augusto sobre o casamento e o adultério era manter a estabilidade da estrutura social, controlando a descendência das classes e a sua legitimidade. Para este fim terão contribuído também as leis sobre a manumissão dos escravos, a *lex Fufia Caninia* de 2 a. C. e a *lex Aelia Sentia* de 4 d. C., e a proibição de os soldados casarem, que datará também desta altura⁴²¹. Controlando a legitimidade dos filhos, Augusto pretende consolidar as

⁴¹⁹ TREGGIARI (2005: 146) identifica esta valorização como um dos temas mais importantes da época: «A powerful theme is that women, barred from the dizzy heights of office, conquest, and triumphs open to upper-class men, could still achieve distinction as wives and mothers.»

⁴²⁰ As áreas citadas pelo autor são o casamento e a legitimidade dos filhos, a *epikleros* e a transmissão da propriedade e o adultério.

⁴²¹ Cf. TREGGIARI (1991: 64).

diferenças entre classes sociais. A *lex Iulia theatralis* tem este mesmo efeito: a definição dos lugares fixos para cada uma das classes pretende delimitar as fronteiras entre elas, de modo a que não haja dúvidas sobre qual o lugar de cada indivíduo, não apenas no teatro ou no circo, mas também, e principalmente, na estrutura social⁴²².

Esta definição rígida dos papéis sociais começa pelo topo da sociedade, uma vez que a própria família de Augusto se assume como modelo de comportamento. Foi por esta razão que, quando, durante os espectáculos, um *eques* manifesta o seu descontentamento com a lei, Augusto ostenta os filhos de Germânico, *manu uultuque significans ne grauarentur imitari iuuenis exemplum* (Suet. Aug. 34). Casar e ter filhos são considerados obrigações para com a *Respublica*. O mesmo acontece com a *pudicitia* das mulheres, condição para uma nação estável e ordeira.

Um “estudo de caso”: Júlia Maior

O facto de ter vivido numa época de transição na história de Roma e de ser filha de Augusto faz de Júlia um bom exemplo das expectativas e preconceitos da sociedade romana em relação à mulher e, o que no seu caso foi talvez o mais determinante, prova que tipo de conduta se esperava de Júlia enquanto filha do *Princeps*.

Uma análise resumida dos factos principais da vida de Júlia mostra-nos como, desde cedo, ela foi condicionada pela identidade do pai e pelo percurso

⁴²² Suetónio refere duas ocasiões em que Augusto tomou medidas contra a confusão e a usurpação de lugares nos jogos: uma ocasião em que ordenou que se retirasse do lugar dos *equites* um soldado de baixa patente (Aug. 14) e quando foi informado de que, durante os jogos em Putéolos, ninguém cedeu o lugar a um senador que chegara atrasado. Incomodado com esta falta de respeito por um magistrado, procedeu à distribuição dos lugares por classes sociais (Aug. 44).

político deste. Fruto do casamento entre Augusto e Escribónia, Júlia, que designamos *Maior* para a distinguir da filha, terá nascido em 39 a. C.. Pouco depois, quando a filha tinha cerca de um ano, Augusto divorciou-se de Escribónia e casou com Lívيا Drusila⁴²³. Ainda que o pai tivesse o direito de ficar com a filha, podemos supor que, pelo menos nos primeiros meses (ou anos?) de vida, Júlia poderá ter vivido com a mãe⁴²⁴, tendo-se mudado, num momento indeterminado da sua infância, para casa do pai, onde cresceu, na companhia da madrasta e dos filhos do anterior casamento desta, Tibério e Druso, que tinham idades muito próximas da sua⁴²⁵.

Seria importante conhecer o relacionamento que a pequena Júlia manteve com a mãe depois do divórcio, mas as fontes nada referem sobre o assunto, a não ser que Escribónia acompanhou voluntariamente a filha no exílio (Veleio Patérculo 2.100.5; Díon Cássio 55.9). Na Elegia 4.11.55 de Propércio, Cornélia, filha de um dos dois casamentos anteriores de Escribónia e meia-irmã de Júlia, designa a mãe como *dulce caput, mater Scribonia*, o que parece contradizer as informações veiculadas por algumas das fontes (antigas e modernas⁴²⁶) que caracterizam Escribónia como uma pessoa desagradável.

⁴²³ De acordo com as informações de Suetónio (...) *pertaesus morum peruersitatem eius*, (Aug. 62); um pouco adiante, porém, o mesmo autor cita a versão de Marco António: Augusto divorciou-se de Escribónia porque esta se tinha queixado de forma muito franca da influência excessiva da concubina, isto é, de Lívia: (...) *quia liberius doluisset nimiam potentiam paelicis* (Aug. 69). Díon Cássio (48.34.3) afirma que Augusto se divorciou de Escribónia *ἀνθημερόν*, isto é no mesmo dia em que Júlia nasceu. Não há referências a casamentos posteriores de Escribónia e o facto de várias inscrições a identificarem como *Scribonia Caesaris* parece indicar que não terá voltado a casar (CIL 6.7467; 26033; 26032). Sobre os casamentos e os filhos de Escribónia, cf. LEON (1951: *passim*), BARRETT (2002: 311-312) e FANTHAM (2006: 17-18). Sobre a suposta diferença de idades entre Augusto e a esposa, cf. FANTHAM (2006: 17-19).

⁴²⁴ Seguimos aqui a suposição de FANTHAM (2006: 22-23), apesar de nos textos não haver indicação alguma de que Júlia tivesse permanecido junto da mãe após o divórcio.

⁴²⁵ Tibério teria cerca de quatro anos. Druso nasceu já depois do casamento entre Augusto e Lívia.

⁴²⁶ Cf., por exemplo, SYME (1939: 229).

Séneca, num episódio que mostra Escribónia como uma mulher sensata e pragmática, descreve-a como *gravis femina*⁴²⁷. Não deixa de ser surpreendente que ela tenha acompanhado a filha em circunstâncias tão inusitadas e adversas, especialmente se o contacto entre as duas tiver sido limitado. A convivência com Lúvia desde tenra idade poderia ter levado Júlia a relacionar-se com a madrastra como se ela fosse sua mãe. No entanto, a diferença entre a personalidade e o comportamento de ambas, registada, por exemplo por Macróbio (2.5), pode ter impedido a existência de uma relação afectiva e mesmo cordial entre madrastra e enteada, o que não implica, todavia, que tivessem uma relação hostil⁴²⁸.

⁴²⁷ Tendo-lhe o sobrinho M. Escribónio Libão, que se envolvera numa conspiração política contra Tibério (Tac. *Ann.* 2.27), perguntado se deveria pôr um fim à sua vida ou aguardar, Escribónia ter-lhe-á respondido: *Quid te (...) delectat alienum negotium agere?* (Sen. *Ep.* 70.10). Apesar de, como estóico que era, Séneca ser de opinião contrária, parece-nos que não deixa de demonstrar um certo respeito por Escribónia. Entendemos que Séneca utiliza o adjectivo *gravis* com o significado de “não dado a frivolidades”, “respeitável” (OLD. s. u. 12; 13). BARRETT (2002: 20) comenta assim a utilização deste adjectivo: «*gravis* applied to a man would mean something akin to ‘dignified’, but in a woman could probably convey a quality closer to ‘severe’.» Cf., no entanto, E.-M. s. u. *gravis*: «peut se prendre dans un sens péjoratif, comme *molestus* (...) ou laudatif: qui a du poids, de l’autorité, de l’importance.» Parece ser neste último sentido que a palavra é utilizada por Cícero em *Fam.* 15.7 e 15.8, quando se refere a Júlia, mãe de Cláudio Marcelo, cônsul em 50 a. C., como *graviissima atque optima femina*. Frontão (*Aur.* 4.12.7) designa a filha doente de Marco Aurélio como *gravis et prisca femina*.

⁴²⁸ É esta a opinião de WATSON (1995: 179, n. 12), que acrescenta que o facto de Escribónia ter acompanhado a filha no exílio é prova de uma ligação forte entre as duas, ligação que não se teria mantido se Júlia considerasse Lúvia como uma mãe. LEVICK (1972: 799) afirma que Escribónia acompanhou a filha para demonstrar a inocência desta: «It was one way of giving the lie to charges of adultery, and it displayed political solidarity.» LACEY (1980: 136) é da mesma opinião: «(...) the departure of Scribonia (...) challenged the charge of adultery.» Tácito (*Ann.* 1.10.5) designa Lúvia como *gravis in rem publicam mater, gravis domui Caesarum nouerca*, caracterização que dá continuidade à apresentação de Lúvia como uma madrastra cruel e sem escrúpulos, que WATSON (1995: 176 ss.) considera uma invenção literária.

Júlia recebeu uma educação tradicional e austera. Proibida de falar com estranhos, aprendeu a trabalhar a lã⁴²⁹ e foi orientada no sentido de não dizer nem fazer nada que não na presença de outras pessoas (Suet. *Aug.* 64)⁴³⁰. Macróbio descreve Júlia como uma mulher instruída, instrução a que teve acesso por viver em casa do pai.

Por ser a única filha biológica de Augusto, foi desde cedo considerada como um meio de cimentar as alianças do pai e a história dos seus casamentos é condicionada pelas necessidades do momento. Uma vez que, enquanto mulher, não podia ter qualquer tipo de intervenção política, e sendo o matrimónio muitas vezes uma forma de estabelecer alianças com vantagens políticas, uma constante da vida de Júlia será o facto de ser o pai a escolher os seus maridos, o que demonstra como Júlia é encarada como um agente transmissor ou legitimador do poder⁴³¹. Com dois anos terá sido prometida ao filho mais velho de António, Antilo, e, depois, a outros, mas casou com Marcelo, seu primo direito, que morreu poucos anos depois⁴³². Júlia fica viúva com apenas dezasseis anos e casa com Agripa, pouco mais novo que o seu próprio pai, e que estava casado na altura com uma prima direita e cunhada de Júlia, Marcela, da qual Agripa se divorciou expressamente para casar com a filha do *Princeps*⁴³³. Conta-se, a propósito deste casamento, que ele aconteceu por conselho de Mecenas, que terá dito a Augusto que tinha dado tanto poder a Agripa que, ou o fazia seu

⁴²⁹ O próprio Augusto preferia usar roupa feita em sua casa pelas mulheres da família: *Veste non temere alia quam domestica usus est, ab sorore et uxore et filia neptibusque confecta.* (Suet. *Aug.* 73).

⁴³⁰ Esta informação é algo estranha, mas o texto de Suetónio diz isso mesmo: *Filiam et neptes ita instituit, ut etiam lanificio assuefaceret uetaretque loqui aut agere quicquam nisi propalam et quod in diurnos commentarios referretur.*

⁴³¹ O que, aliás, aconteceu também com outras mulheres da sua família, como Octávia e as suas filhas.

⁴³² Cf. Suet. *Aug.* 63 para a enumeração dos noivos e maridos de Júlia.

⁴³³ Com a bênção da própria sogra, Octávia, mãe de Marcela e tia e sogra de Júlia no seu primeiro casamento. Agripa e Júlia eram, portanto, cunhados.

genro, ou o mandava eliminar (Díon Cássio 54.6⁴³⁴). São fruto deste casamento os seus cinco filhos: Gaio e Lúcio, Júlia e Agripina e Agripa Póstumo⁴³⁵. Entre 17 e 13 a. C., Júlia terá acompanhado o marido nas suas viagens pelo Oriente, e este pode ter sido o período mais tranquilo e feliz da sua vida⁴³⁶. É esta pelo menos a opinião de FANTHAM (2006: 66, 127), apesar de alguns autores antigos, entre os quais Suetónio (*Tib.* 7.2), Plínio (*Nat.* 7.46) e Macróbio (2.5), atribuírem a Júlia um comportamento licencioso já nesta altura. Plínio vai ao ponto de associar a morte de Agripa aos sofrimentos causados pelo conhecimento da conduta imprópria da mulher: (...) *quinquagensimo uno raptus anno in tormentis adulteriorum coniugis*. LEON (1951: 171) considera que a viagem ao Oriente e a adulação de que aí foi objecto devem ter feito com que Júlia tomasse consciência da sua importância.

Morto Agripa em 12 a. C., Júlia estava novamente disponível para casar. RAWSON (1986: 53, n. 94) considera provável que o *ius trium liberorum* isentasse a mulher viúva da obrigação de voltar a contrair matrimónio⁴³⁷. Sendo assim,

⁴³⁴ O relato de Díon Cássio é claro na associação de Júlia à legitimação do poder: *ἔκρινε μὲν τὸν Ἀγρίππαν ἐπιτηδειότατον ἐς τοῦτο εἶναι, βουληθεὶς δὲ δὴ καὶ ἀξίωμα αὐτῷ μείζον περιθεῖναι, ἵνα καὶ ἐκ τούτου ῥᾶον αὐτῶν ἄρχῃ, μετεπέμψατο αὐτόν, καὶ καταναγκάσας τὴν γυναῖκα, καίπερ ἀδελφιδὴν αὐτοῦ οὔσαν, ἀπαλλάξαντα τῇ Ἰουλίᾳ συνοικῆσαι. “[Augusto] decidiu que Agripa era a pessoa mais indicada para isto [i. e. para acalmar a situação em Roma em 21 a. C.] e uma vez que queria atribuir-lhe uma dignidade acima do comum, para que fosse mais fácil para ele exercer o poder, enviou mensageiros à procura dele e obrigou-o a repudiar a mulher, ainda que esta fosse sobrinha dele [i.e. Marcela, filha de Octávia], e a casar com Júlia”.*

⁴³⁵ Para uma cronologia do nascimento dos filhos de Júlia, cf. FANTHAM (2006: 57-59).

⁴³⁶ BARTMAN (1999: 215) considera que pertencerão a esta altura a maioria das representações iconográficas da filha do *Princeps*.

⁴³⁷ MCGINN (1998: 77) dá esta isenção como certa. Segundo RAWSON (1986: 31), teria sido este provavelmente o caso de Antónia *Minor*, que se recusou a casar depois da morte de Druso, mesmo contra a insistência de Augusto (V. Max. 4.3.3, Flav. Jos. 18.180). SEVERY (2003: 67) levanta a hipótese de Antónia não ter voltado a casar por não haver na família imperial nenhum homem disponível para tal, numa altura em que se verificava nesta uma tendência crescente para a endogamia.

Júlia, por ter gerado mais do que três filhos, não teria sido obrigada a casar novamente. Mas, por razões várias, a filha do *Princeps* não podia ficar solteira. SEVERY (2003: 67) comenta deste modo o casamento com Tibério: «Tiberius and Julia's marriage had much more to do with keeping Julia a model Roman woman, and thus a wife – in terms of Augustan rhetoric and legislation – and with blocking any possible ties through her to someone outside the family, than with designating Tiberius a successor.»

Tal como já acontecera com Agripa, Tibério é obrigado a divorciar-se de Vipsânia, mãe do seu filho Druso e grávida de um segundo filho⁴³⁸. Conta Suetónio (*Tib.* 7) que Tibério nutria por Vipsânia sentimentos tão profundos que, um dia, ao cruzar-se com ela na rua, ficou durante muito tempo parado, seguindo-a com o olhar (*contentis et tumentibus oculis*), de forma tão óbvia e inconveniente que foram tomadas medidas para que não mais se encontrassem⁴³⁹. O casamento com Júlia não foi auspicioso, tenha sido pelo facto, relatado por Suetónio, de Tibério não respeitar Júlia por esta o ter tentado seduzir, quando ainda estava casada com Agripa, e por conhecer o seu comportamento pouco recomendável, ou por ter casado com ela contrariado e por obrigação dinástica, ou ainda, como aduz Tácito, por Júlia o considerar socialmente inferior. O certo é que, depois de um período de aparente harmonia, a ruptura aconteceu quando o filho de ambos morreu, *infans* (Suet. *Tib.* 7), e ter-se-á tornado definitiva com o exílio voluntário de Tibério em Rodes, a partir de 6 a. C., exílio que alguns autores consideram ter sido motivado pela conduta imprópria de Júlia. Assim, com pouco mais de trinta anos, Júlia encontra-se na situação insólita de estar casada com um marido que

⁴³⁸ Vipsânia era filha de Agripa e, portanto, enteada de Júlia. O casamento entre Vipsânia e Tibério tinha sido combinado quando Vipsânia tinha apenas um ano (Nep. *Att.* 19.4.1).

⁴³⁹ Não terá sido por acaso que, mesmo anos depois de Vipsânia ter falecido, Tibério continuou a perseguir o segundo marido desta, Asínio Galo, que acabou por morrer depois de três anos de cárcere sem julgamento (Tac. *Ann.* 6.23; Dión Cássio 58.3).

se afastou por vontade própria, ou seja, nem convenientemente casada, nem viúva, nem divorciada.

Terá sido durante o Outono do ano 2 a. C., quatro anos depois de Tibério partir para Rodes, que Augusto enviou um relatório ao Senado sobre o comportamento escandaloso da filha, que foi lido por um questor, uma vez que o *Princeps*, por pudor, se afastou do convívio público. As fontes referem grande número de parceiros⁴⁴⁰, festas nocturnas na cidade e um comportamento sexual promíscuo e, pior, desafiador e impudente, uma vez que Júlia procurava lugares públicos como o foro e, nele, a tribuna e a estátua de Mársias para as suas façanhas⁴⁴¹. Séneca (*Ben.* 6.32) e Veleio Patérculo (2.100) afirmam que Júlia reclamava para si o direito a todo o tipo de licenciosidade, como se se considerasse acima da lei e do julgamento público. Ao divagar sobre as atribulações enfrentadas por Augusto, Séneca inclui o seguinte relato das aventuras de Júlia:

Diuus Augustus filiam ultra inpudicitiae maledictum inpudicam relegauit et flagitia principalis domus in publicum emisit: admissos gregatim adulteros, pererratam nocturnis comissionibus ciuitatem, forum ipsum ac rostra, ex quibus pater legem de adulteriis tulerat, filiae in stupra placuisse, cottidianum

⁴⁴⁰ A identificação dos parceiros de Júlia tem por base os nomes citados por Veleio Patérculo (2.100.4-5): Júlio António, Quíncio Crispino, Ápio Cláudio, Semprónio Graco, um Cipião e outros *minoris nominis utriusque ordinis uiri*. Para a problemática desta identificação, cf. SYME (1984: 926ss.) e FERRILL (1980: 339ss.). Tácito (*Ann.* 1.53) caracteriza Semprónio Graco como *peruicax adulter* e afirma que este teria exercido em Júlia uma influência nefasta e que teria sido ele próprio a escrever cartas em nome de Júlia em que esta se queixava ao pai do comportamento de Tibério. Macróbio (1.11.17) identifica ainda um Demóstenes, cujo escravo liberto, Esopo, foi torturado para denunciar o patrono como amante de Júlia: *Aesopus libertus Demosthenis conscius adulterii quod cum Iulia patronus admiserat tortus diutissime perseuerauit non prodere patronum, donec aliis coarguentibus consciis Demosthenes ipse fateretur*.

⁴⁴¹ A referência à estátua de Mársias é interpretada de forma divergente pela crítica: alguns autores referem as conotações políticas da revolta do Sátiro contra Apolo, divindade com quem Augusto se identificava; outros consideram que as proximidades da estátua seriam local frequentado por prostitutas.

ad Marsyam concursum, cum ex adultera in quaestuariam uersa ius omnis licentiae sub ignoto adultero peteret. (Sen. Ben. 6.32.1)

A descrição de Séneca tem muito de escabroso e insólito: do número de parceiros à falta de discriminação na escolha destes, da escolha de lugares públicos para as suas aventuras à apresentação de Júlia como uma meretriz, todos os elementos, dispostos de forma gradativa e assindética, parecem ter como objectivo chocar o leitor e caracterizar Júlia como uma mulher sem moral. A degradação social de Júlia é uma das informações mais surpreendentes do texto: de filha do imperador a mulher adúltera e de adúltera a prostituta, o que parece demonstrar a intenção do autor em caracterizar Júlia como uma mulher completamente desprovida de qualquer tipo de escrúpulo moral.

Nos últimos meses do ano 2 a. C. Júlia é condenada por adultério e exilada na ilha de Pandatéria, actual Ventotene, no Mar Tirreno. Não há notícia, no entanto, de que Júlia ou os seus cúmplices tenham sido julgados na recém criada *quaestio de adulteriis* e as fontes parecem indicar que foi o próprio Augusto, escudado na sua autoridade de *paterfamilias*, quem decidiu qual o castigo a aplicar⁴⁴². A acrescentar às condições agrestes do local, o pai proíbe-lhe qualquer tipo de regalia e ninguém se poderia aproximar dela a não ser com a permissão do pai e depois de este ter sido informado sobre as características do visitante (Suet. Aug. 65).

A *lex Iulia de adulteriis coercendis* de 18 a. C. obriga o marido a denunciar a mulher surpreendida em adultério e a divorciar-se dela, sob pena de ser condenado por lenocínio. O facto de, na altura da condenação da esposa, Tibério estar em Rodes há quatro anos, afastado de tudo e de todos, pode ter levado Augusto a remeter à filha a carta de divórcio em nome do genro (Suet. Tib. 11.4). LEVICK (1972: 810, n. 2) considera que Tibério não era obrigado a

⁴⁴² Para uma resenha das opiniões sobre o assunto, cf. FERRILL (1980: 335, n. 24), autor que, mesmo reconhecendo não ter provas, considera que os adúlteros foram julgados na *quaestio de adulteriis*.

divorciar-se de Júlia, uma vez que não podia alegar tê-la surpreendido em adultério. Por outro lado, nesta altura, o casamento com Júlia seria a única ligação entre Tibério e o poder: «Augustus knew that Tiberius could not afford politically to divorce his wife; the notice was sent by the Emperor himself, in Tiberius' name.» Augusto não estaria, decerto, a proteger a honra do genro. Não parece muito provável que, num momento de choque e angústia, Augusto tivesse em mente um genro que se afastara da família e do poder de forma tão insultuosa. Sob o pretexto das prescrições da lei parece esconder-se a intenção de afastar Júlia da família e Augusto não poderia avançar com as acusações de adultério se Júlia não se divorciasse de Tibério.

A *relegatio in insulam*⁴⁴³ e a proibição de voltar a casar com *ingenui* eram o castigo previsto para a mulher adúltera na lei sobre o adultério, mas as punições eram principalmente patrimoniais. A lei não estipulava, no entanto, que a mulher adúltera perdesse os seus bens e o seu dote na totalidade, o que, no caso de Júlia, provavelmente lhe teria permitido uma vida minimamente confortável⁴⁴⁴. O pai, no entanto, ter-lhe-á proibido o usufruto daqueles e cedido, de acordo com Suetónio (*Tib.* 50), um *peculium* e uma soma de dinheiro atribuída anualmente que lhe permitiria sobreviver⁴⁴⁵. As fontes da legislação não são claras sobre se a *relegatio* era permanente ou se durava apenas um período de tempo estabelecido. No caso de Júlia, apesar de anos mais tarde o pai a ter transferido para Régio, nunca mais lhe foi permitido regressar a Roma.

⁴⁴³ As informações sobre esta punição são escassas e tardias, o que leva alguns autores a supor que não tenha sido prescrita pela lei. MCGINN (1998: 143) sustenta, pelo contrário, que a *relegatio* foi imposição da lei.

⁴⁴⁴ Segundo Paul. *Sent.* 2.26.14, a mulher perdia metade do dote e uma terça parte dos seus bens.

⁴⁴⁵ Sobre este assunto, cf. LINDERSKI (1988). Este pecúlio foi cancelado por Tibério depois da morte de Augusto, por alegadamente este não ter deixado em testamento instruções para que se mantivesse. Tácito condena esta acção do imperador, que considera uma forma dissimulada de provocar a morte de Júlia (*Tac. Ann.* 1.53).

A descrição mais pormenorizada que temos do temperamento de Júlia é de Macróbio:

(...) indulgentia tam fortunae quam patris abutebatur, cum alioquin litterarum amor multaque eruditio, quod in illa domo facile erat, praeterea mitis humanitas minimeque saeuus animus ingentem feminae gratiam conciliarent, mirantibus qui uitia noscebant tantam pariter diuersitatem. Non semel praeceperat pater, temperato tamen inter indulgentiam grauitatemque sermone, moderaretur profusus cultus perspicuosque comitatus. (2.5)

Macróbio descreve Júlia como uma mulher erudita (e não deixa de ser curioso que seja esta a primeira característica que nela realça), dócil e popular, mas extravagante e com companhias pouco recomendáveis. Da série de acontecimentos e ditos conhecidos de Júlia que o autor descreve realçamos apenas dois: a célebre resposta de teor obsceno em que, a alguém que estranhava o facto surpreendente de os filhos de Júlia serem parecidos com o pai, ela terá retrucado *Numquam enim nisi naui plena tollo uectorem*, e uma conversa entre Júlia e um amigo que a aconselhava a seguir o exemplo de frugalidade do pai. A este Júlia retrucou: *Ille obliuiscitur Caesarem se esse: ego memini me Caesaris filiam*⁴⁴⁶. Esta resposta, analisada em conjunto com a informação dada por Tácito de que Júlia desprezava Tibério *ut imparem*, porque lhe era inferior, parece demonstrar que Júlia tinha consciência da posição social que o estatuto do pai lhe garantia. Ou seja, a educação austera e tradicional não terá tido o resultado que Augusto desejava e a restauração da simplicidade dos costumes do passado que o *Princeps* pretendia terá falhado com a própria filha.

⁴⁴⁶ Macróbio refere ainda outras curiosidades. Num certo dia, Júlia ter-se-á apresentado junto do pai vestida de forma atrevida e imprópria, mas o pai nada lhe disse. No dia seguinte, veio novamente à presença do pai, mas desta vez, vestida de forma recatada. Disse-lhe então o pai: “Não será esta maneira de vestir mais apropriada para a filha de Augusto?”, ao que Júlia respondeu sem hesitar: “Hoje vesti-me para o meu pai, ontem para o meu marido”. Menciona também o reparo de Augusto acerca dos jovens por quem Júlia se fizera acompanhar durante os espectáculos, em contraste com as companhias de Lívía, e a que Júlia responde: “Também estes envelhecerão comigo”, o que corrobora a ideia de que a relação entre ambas poderia não ser cordial devido à diferença de temperamentos.

Os episódios da vida de Júlia recolhidos por Macróbio parecem, no entanto, corresponder ao padrão das anedotas de índole moral que circulariam de boca em boca e que seriam mais interessantes se referissem pessoas célebres e pormenores sórdidos sobre as suas vidas⁴⁴⁷. No caso de Júlia, a imagem que transmitem é a de uma mulher madura, perto dos quarenta anos, frívola e preocupada com o declínio da sua beleza, que se fazia rodear por companhias pouco recomendáveis, pelo menos aos olhos do pai.

Apesar do seu temperamento e da sua conduta, mesmo anos depois de ter sido exilada continuava a ser popular entre o povo, que pedia ao pai que a deixasse regressar e ao qual este respondia com a maldição de que tivessem filhas e esposas como ela (Suet. *Aug.* 64). Tácito diz sobre a punição de Júlia que Augusto ultrapassou não apenas a *clementia maiorum* como também as leis que ele próprio promulgara:

nam culpam inter uiros ac feminas uulgatam graui nomine laesarum religionum ac uiolatae maiestatis appellando clementiam maiorum suasque ipse leges egrediebatur. (Ann. 3.24.3)

Este texto de Tácito, quando analisado em conjunto com a severidade do castigo de Júlia e com a referência de Plínio-o-Velho (*Nat.* 7.149), que inclui entre as provações sofridas por Augusto o *adulterium filiae et consilia parricidae palam facta*, levou vários autores a duvidar de que Júlia tivesse sido punida apenas por adultério. A teoria da conspiração política que surgiu no século passado e que foi defendida, entre outros, por SYME, postula que a acusação de adultério é um embuste para aniquilar indivíduos que pudessem representar perigo para o imperador. Assim, uma vez que Júlia e os companheiros se estariam a preparar para tomar o poder, e tendo-se Augusto apercebido de alguma maneira destas movimentações, exilou-os e puniu-os a todos sob o pretexto do atentado à

⁴⁴⁷ Sobre a cautela a ter com os textos sobre o adultério, cf. RICHLIN (1992⁴).

pudicitia. Esta teoria, porém, está hoje posta de lado⁴⁴⁸, uma vez que os textos que nos chegaram são unânimes na associação de Júlia a crimes de natureza sexual. Tácito não diz que Júlia atentou contra o poder do pai, diz que o pai considerou um crime frequente como o adultério uma traição à religião e ao seu poder. Quanto à conspiração para o parricídio⁴⁴⁹ mencionada por Plínio, não é claro que Júlia estivesse envolvida nela, apesar de a conjunção copulativa entre *adulterium filiae* e *consilia parricidae* apresentar os dois crimes associados.

As insinuações políticas do escândalo podem advir do facto de um dos amantes conhecidos de Júlia ter sido Julio António, filho do triúnviro Marco António, o que terá suscitado no *Princeps* a memória da guerra civil. Séneca estabelece esta ligação quando afirma que Augusto foi atormentado pelo receio de outra mulher associada a um António (*iterum timenda cum Antonio mulier; Dial.* 10.4.1.6) e Dión Cássio justifica a morte de Julio António, voluntária ou não⁴⁵⁰, com as aspirações deste à monarquia. Os estudos mais recentes apontam, no entanto, para o facto de Augusto ter considerado a conduta imoral da filha como uma traição dos ideais moralistas que ele tentara defender. Para Júlia, a acusação de adultério equivale a uma acusação de conspiração política, porque falha no cumprimento das expectativas criadas pelo pai. FERRILL (1980: 339) considera a punição severa de Júlia e a ira exagerada de Augusto consequências

⁴⁴⁸ Cf. FERRILL (1980: 336ss.) para uma crítica a esta teoria. Outros autores consideram que Júlia foi vítima das maquinações de Lívvia, já que, com o afastamento da filha de Augusto e com a morte de Gaio e Lúcio, se abriu caminho para que Tibério fosse o sucessor. Cf. FERRILL (1980: 333-334).

⁴⁴⁹ A palavra *parricidium* levanta também algumas dúvidas. Se a entendermos na sua acepção mais específica de “assassinio de um parente próximo”, “assassinio do pai” ou do chefe de Estado (*OLD. s. u.* 1; 2b), poderá indicar que Júlia e os seus companheiros se preparavam para assassinar Augusto. Porém, se a entendermos como “traição à pátria”, tornar-se-á muito menos óbvia a associação com Júlia.

⁴⁵⁰ Veleio Patérculo (*Vell.* 2.100.4) diz que António se suicidou, Tácito (*Ann.* 4.44) que foi executado.

da afronta que o comportamento licencioso de Júlia representava para a legislação moral promulgada pelo pai: «Augustus' anger was no doubt intensified by the fact that he had fought hard for the unpopular *Lex Julia de adulteriis coercendis* and to be required to enforce it against his own daughter was a public humiliation of the first order.» Uma vez que a legislação de Augusto torna o adultério um crime público, o comportamento sexual ilícito da mulher passa a ser considerado como um crime contra a comunidade, ou seja, a lei faz com que, pela primeira vez, a mulher tenha de responder perante o Estado e não apenas perante a família pela sua conduta sexual. No caso de Júlia, o estatuto que os membros da família imperial tinham alcançado acentua o carácter público das suas faltas. Por outro lado, as fontes enfatizam o facto de ter cometido as suas loucuras em lugares que, mais do que serem públicos, tinham funções políticas e conotações históricas importantes, como era o caso do foro e da tribuna. O crime de Júlia é, assim, entendido como uma transgressão do espaço público.

A distinção que a lei estabelece entre mulheres com quem é crime cometer-se adultério e as outras, às quais a lei não se aplica, é importante para compreendermos a caracterização de Júlia, uma vez que a condenação por adultério a inclui na categoria das mulheres sexualmente promíscuas, o que pode explicar o empenho de autores como Séneca ou Veleio Patérculo em apresentá-la como uma prostituta.

A severidade inusitada do castigo de Júlia pode explicar-se com a importância que Augusto concedeu à necessidade de regeneração moral e com a forma como utilizou esta ideia para consolidar a sua posição política. A dimensão que a propaganda do tempo deu a esta questão e a frequência com que este tópico aparece na literatura da época demonstram como era vital para o *Princeps* apresentar-se como alguém que tinha vindo para salvar Roma de si mesma. Que o mal que ele combateu durante décadas e que utilizou como forma de justificação para o seu estatuto político sem precedentes se tivesse

manifestado precisamente na sua única filha, de forma libertina e ostensiva, deve ter desencadeado em Augusto uma cólera sem medida⁴⁵¹.

A reacção de Augusto parece ser a de um político que tenta a todo o custo preservar a imagem de pai severo e intransigente, imagem que legitima o seu poder. Demarcando-se das atitudes da filha e tornando pública e permanente a rejeição, Augusto mantém-se fiel ao papel de protector dos costumes e da moral que cultivou desde a batalha de Filipos. Apesar de as fontes referirem a tolerância de Augusto para com a filha em momentos e circunstâncias diversas e de repetirem que, durante muitos anos, terá atribuído os desvarios de Júlia ao seu temperamento sofisticado, tendo mesmo chegado a lamentar-se entre amigos por ter duas filhas mimadas, Júlia e a *Respublica*⁴⁵², é provável que a sensação de ter sido enganado pela filha, cuja conduta era já do conhecimento de todos, não tenha favorecido Júlia. Mas a reacção de Augusto deve ser analisada também no seu contexto político mais próximo. De acordo com SYME (1984: 918ss.), o ano 2 a. C. seria para Augusto uma espécie de jubileu, já que este se preparava para se retirar e deixar o poder aos netos, Gaio e Lúcio, filhos de Agripa e de Júlia, que adoptara e que davam então os primeiros passos na vida pública. LACEY (1980: 136ss.) explica os ataques à conduta de Júlia como uma reacção ao esforço de Augusto em apresentar os jovens Césares como seus herdeiros. Este autor distingue duas tendências nas acusações a Júlia: a primeira, conservada em Tácito e Macróbio, apresenta Júlia como uma mulher adúltera já durante o casamento com Agripa, o que levantaria dúvidas sobre a legitimidade dos seus filhos; a segunda, transmitida

⁴⁵¹ Outro argumento a favor desta explicação é o facto de, ao contrário do da filha, o castigo dos seus parceiros ter sido admiravelmente suave, ao ponto de ser referido por Séneca como um exemplo de clemência. Exceptuando-se Júlio António, afirma Séneca que os outros foram afastados de Roma para sua própria segurança (*Cl.* 1.10.3).

⁴⁵² Macr. 2.5.4: *Itaque inter amicos dixit duas habere se filias delicatas, quas necesse haberet ferre, rem publicam et Iuliam.*

por Séneca, Plínio e Dión Cássio, refere festas e orgias sexuais no foro, acções que, ao contrário das anteriores, constariam na carta enviada por Augusto ao Senado e que serviriam para desviar a atenção dos senadores e do público em geral da questão da legitimidade de Gaio e Lúcio.

Foi em Fevereiro desse mesmo ano que Augusto recebeu o título de *Pater Patriae*, que é o culminar do seu percurso político e que define a posição de Augusto perante Roma como a de um pai, protector mas exigente⁴⁵³. O facto de ter terminado as *Res Gestae* com a concessão deste título mostra a importância que tinha para ele. SEVERY (2003: 161) caracteriza os acontecimentos de 2 a. C. que envolveram Júlia como um desafio tanto à ideologia como à autoridade do *Pater Patriae*. O pai da comunidade não podia ser indulgente para com os erros da filha e exigente para com as faltas dos outros. Pelo contrário, a severidade e obstinação demonstradas no castigo de Júlia e nas atitudes subsequentes de Augusto em relação à filha provam que, de alguma forma, Júlia se transformou num exemplo. Já que Augusto não conseguiu fazer de Júlia um modelo de virtude, utilizou o seu exemplo para mostrar como se deve punir uma mulher impudica.

De qualquer modo, o que quer que Júlia tenha feito suscitou no pai uma tal aversão pela filha que nunca mais lhe permitiu regressar a Roma. Mais: afirma Suetónio (*Aug.* 65) que Augusto se referia muitas vezes às duas Júlias, mãe e filha, e ao neto mais novo, Agripa Póstumo, como as suas úlceras e os seus tumores e que, citando um verso da *Ilíada* (3.40) que adaptava para o efeito, amaldiçoava o facto de ter casado e de ter tido filhos. A única referência que lhe faz em testamento é para proibir que tanto Júlia como a filha fossem sepultadas no seu mausoléu⁴⁵⁴, cláusula que CHAMPLIN (1989: 163) considera

⁴⁵³ Em Agosto desse mesmo ano foi inaugurado o novo Foro de Augusto e o Templo de *Mars Ultor*, em que se destacavam os exemplos morais do passado e a sua ligação a Augusto.

⁴⁵⁴ Cf. Suet. *Aug.* 101: *Iulias filiam neptemque, si quid iis accidisset, uetuit sepulcro suo inferri*. Júlia *Minor* foi também condenada por adultério em 8 d. C.. As informações sobre os acontecimentos

«an extraordinarily harsh injunction». Júlia morreu em 14 d. C., depois de mais de quinze anos de exílio⁴⁵⁵.

Ao pretender recuperar as virtudes do passado, as *leges Iuliae* sobre o casamento e sobre o adultério inovam porque invadem a privacidade individual e a comunidade toma a seu cargo o que até então tinha sido atribuição do *paterfamilias*. Júlia é um exemplo notável do fracasso em manter sob controlo a conduta feminina e por isso foi afastada de Roma e da família imperial.

Conclusão

Condicionada por perspectivas díspares, relacionadas, em especial, com factores de ordem moral e política, a maternidade é entendida, assim, como uma função a cumprir. Ter filhos torna-se um dever cívico que ultrapassa de

que terão levado à *relegatio* da filha de Júlia são escassas. Sabe-se que terá sido relegada depois de o marido ter sido punido por traição, mas é incerto se Júlia faria parte dos planos daquele. Mais estranho é o facto de o seu suposto amante, D. Júnio Silano, ter saído de Roma antes de qualquer condenação, apenas porque Augusto o excluiu da sua *amicitia*, e de, anos mais tarde, ter sido autorizado a regressar por Tibério (Tac. *Ann.* 3.24). Tácito, num texto em que insinua a participação de Lúlia na desgraça de Júlia e dos seus filhos, diz que foi Lúlia quem sustentou Júlia *Minor* nos seus vinte anos de exílio (*Ann.* 4.71): *illic uiginti annis exilium tolerauit Augustae ope sustentata, quae florentis priuignos cum per occultum subuertisset, misericordiam erga adflictos palam ostentabat*. Como já acontecera em relação à filha, a reacção de Augusto em relação à neta foi invulgarmente severa: mandou que fosse exposto o filho que Júlia deu à luz (Suet. *Aug.* 65.4), que se demolisse a sua casa (Suet. *Aug.* 72.3) e em testamento proibiu que a neta fosse sepultada no seu mausoléu (Suet. *Aug.* 101.3). Cláudio, o futuro imperador, a quem tinha sido prometida Emília Lépidia, filha de Júlia e de Lúcio Emílio Paulo, repudiou a noiva porque *parentes eius Augustum offenderant* (Suet. *Cl.* 26.1).

⁴⁵⁵ Tácito (*Ann.* 1.53) acusa Tibério de ter sido o responsável pela morte de Júlia: *Imperium adeptus extorrem, infamem et post interfectum Postumum Agrippam omnis spei egenam inopia ac tabe longa peremit, obscuram fore necem longinquitate exilii ratus (...)*.

forma contundente a esfera privada e o papel da mãe assume uma relevância notória que fomenta o escrutínio da sexualidade feminina. Deste modo, a evolução das formas de casamento e o reconhecimento a nível jurídico e social – que, como vimos, é cada vez mais evidente – da relação entre a mãe e os filhos põem em relevo a dependência entre a comunidade e o papel biológico das mulheres enquanto mães.

Os pressupostos em que Augusto baseia as *leges Iuliae* sobre o casamento e o adultério regulamentam acontecimentos da vida privada até então arredados da intervenção pública. Por este motivo, Júlia *Maior* torna-se um elemento corrosivo na família imperial, uma vez que põe em causa a regeneração moral que era um dos objectivos mais propagandeados do *Princeps*. Em Júlia, Augusto castiga a sexualidade sem freios que não serve a *Respublica*, mas apenas a satisfação dos impulsos individuais. A maternidade confunde-se com moralidade e torna-se um símbolo desta.

III. A morte em Roma

Introdução

Ainda que, para um Romano com cerca de vinte e cinco anos, a probabilidade ter o pai vivo fosse, de acordo com SALLER (1994: 189), muito baixa⁴⁵⁶, muitos pais (e mães) parecem ter assistido com frequência à morte dos filhos. Fosse à nascença ou durante a gestação, nos primeiros anos de vida ou na idade adulta, o certo é que seria uma realidade mais ou menos esperada. Se a mortalidade infantil, perinatal ou nos primeiros anos de vida, era comum, nem os mais fortes, os que sobreviviam aos perigos da infância, estariam a salvo de outros riscos, como doenças várias, acidentes, crimes ou conflitos militares.

O objectivo primordial deste capítulo é contextualizar a morte em Roma, de modo a que nos seja possível não apenas perceber as suas causas e as circunstâncias em que acontecia, mas também aferir da frequência das chamadas mortes inesperadas ou antes do tempo. Um assunto obrigatório, quando abordamos este tema, é a organização das cerimónias fúnebres. Uma vez que, para conhecer tais cerimónias e os seus vestígios, dependemos da investigação arqueológica, entendemos necessária uma análise dos resultados desta, especialmente no que diz respeito à questão, ainda polémica, dos funerais e ritos relacionados com a morte das crianças.

As fontes que permitem uma reconstituição das práticas associadas à morte em Roma têm origens e naturezas muito diversas, o que leva a que a imagem que temos da forma como os Romanos lidavam com os seus mortos deva ser considerada com prudência. Devemos supor, necessariamente,

⁴⁵⁶ O estudo, que se baseia numa selecção de epitáfios, conclui que mais de um terço das crianças romanas perderiam o pai antes de atingirem a puberdade, e outro terço perdê-lo-ia antes dos vinte e cinco anos.

variações regionais e cronológicas que nem sempre se deixam entrever nos textos e nos restos arqueológicos. A perspectiva que temos da morte e dos rituais a ela associados é, assim, o resultado de um processo de composição artificial, que não tem em conta especificidades cronológicas ou geográficas⁴⁵⁷. O mesmo acontece com as evidentes diferenciações sociais que nem sempre se mostram nas fontes literárias e arqueológicas. Se as descrições dos funerais dos membros mais ilustres da comunidade não são raras⁴⁵⁸, faltam-nos informações sobre o modo como lidariam com a morte as classes mais desfavorecidas da população. É ainda determinante o facto de os rituais fúnebres que nos são descritos terem acontecido essencialmente em Roma, o que implica algumas cautelas no que diz respeito à generalização a outros contextos, sejam regionais, temporais ou sociais.

Taxa de mortalidade e esperança média de vida

Como na maioria das civilizações pré-industriais e com acesso condicionado e deficiente aos cuidados de saúde hoje em dia considerados básicos, a taxa de mortalidade em Roma devia ser muito alta, em todas as idades, mas especialmente durante os primeiros anos da infância. A falta de recolhas estatísticas e de fontes que permitam um estudo fundamentado torna impossível, todavia, uma reconstrução completamente fidedigna dos contornos demográficos da população romana, não apenas no tempo em estudo, mas em todas as épocas da República e do Império. Sem registos fiáveis dos

⁴⁵⁷ Cf. MORRIS (1992: 10-11).

⁴⁵⁸ O exemplo mais completo é, sem dúvida, a descrição de Políbio dos funerais dos aristocratas durante a República (6.53-56).

nascimentos e dos óbitos, nenhuma estimativa estatística da população é mais do que uma hipótese.

Se as escavações arqueológicas nos cemitérios nos podem dar algumas indicações de teor demográfico, o certo é que estas devem ser encaradas com alguma precaução, uma vez que podem não constituir uma amostra representativa do tempo e do espaço em questão. Na verdade, os indivíduos mortos durante a infância têm pouca representação nas escavações arqueológicas das necrópoles, seja por razões sócio-culturais (foram sepultados noutros locais considerados apropriados para a sua faixa etária), seja por factores relacionados com a fragilidade e a preservação (sepulturas pouco profundas corriam mais riscos de destruição) e identificação deficiente dos seus ossos⁴⁵⁹. De acordo com SCOTT (1999) e KAMP (2001), esta ausência deve-se também a uma falta de interesse, por parte dos arqueólogos, pela infância e pelas informações que os seus vestígios podem revelar. Esta negligência acompanha, no entender destas autoras, a pouca atenção que se tem concedido à presença das mulheres nas sociedades antigas. Nos últimos anos, todavia, têm-se publicado relatórios importantes de sítios arqueológicos, não apenas de cemitérios mas também de complexos habitacionais rurais ou urbanos, que revelaram a presença de sepulturas infantis⁴⁶⁰, e esta área de estudos, até há pouco tempo descurada, tem ganho um novo impulso de que também a arqueologia romana tem beneficiado.

⁴⁵⁹ Cf. LASSERE (1987: 92-94), PARKIN (1992: 43-58) e BLAIZOT *et al.* (2003: 51), acerca das limitações do estudo paleontológico na determinação do sexo e da idade dos esqueletos e, consequentemente, sobre a utilização arriscada destes na reconstituição dos dados estatísticos da população romana. Sobre as informações que a paleopatologia pode, ainda assim, trazer para o estudo das sociedades antigas, cf. RIDDLE (1992: 14). GONZÁLEZ-MÁRTIN (2008) avalia a evolução das práticas arqueológicas relacionadas com a infância e a adolescência.

⁴⁶⁰ Por exemplo, GUÉRY (1985: 309-324), STRUCK (1993), DUDAY *et al.* (1995), NORMAN (2002) e (2003). Para uma síntese das necrópoles com sepulturas de crianças no espaço romano, cf. LAUBENHEIMER (2004).

O estudo da epigrafia tem revelado informações importantes sobre as estruturas sociais romanas, nomeadamente sobre as relações familiares, económicas, etc.. Todavia, apesar das tentativas que têm sido feitas para reconstruir os contornos demográficos da população romana com base nas inscrições funerárias, a falta de representatividade das crianças, pelo menos nos epitáfios que registam a idade do defunto no momento da morte, torna este tipo de estudos limitado e controverso. HOPKINS (1983: 225) afirma que, das cerca de dezasseis mil inscrições funerárias que indicam o momento da morte, pouco mais de um por cento são de crianças com menos de um ano de idade e, destas, a maioria pertence a rapazes, números que, de acordo com o autor, não podem corresponder a uma população com contornos demográficos normais.

Nem para todas as crianças mortas seria construído um túmulo que, além de sobreviver ao passar dos séculos, registasse informações básicas como o nome ou a idade na morte. Factores sociais e económicos podem ter condicionado a prática de mandar fazer uma inscrição funerária. Apesar de o desejo de se perpetuar de algum modo a memória do defunto ter sido uma das características mais importantes das práticas funerárias romanas, e não apenas entre as classes mais altas, e de os preços das inscrições poderem ser acessíveis até para as camadas mais modestas da população, os epitáfios provêm normalmente mais dos túmulos dos habitantes das zonas urbanas do que das zonas rurais e, embora os das classes mais baixas da população sejam os mais numerosos, representam, ainda assim, apenas uma parte daquelas⁴⁶¹. De qualquer maneira, muitos dos túmulos e inscrições ter-se-ão certamente perdido, especialmente os mais modestos e de materiais mais frágeis, e muitas sepulturas, como as do cemitério da *Isola Sacra* em Óstia, não teriam mais do

⁴⁶¹ Cf. SALLER & SHAW (1984: 127-128).

que a parte superior de uma ânfora a assinalá-las, enquanto outras nem sequer teriam sinais à superfície⁴⁶².

A propósito da utilização das inscrições como fonte para uma reconstituição demográfica da população romana, GARNSEY (1991: 52) cita o exemplo da necrópole de Sítifis, em que as crianças falecidas com menos de um ano representam trinta e nove por cento de todos os enterramentos e as que tinham menos de dez anos sessenta e dois por cento. Estes números correspondem ao que se espera para as populações do império, mas não são congruentes com a percentagem de crianças representadas nos epitáfios.

O facto de a morte de uma criança não ser assinalada com uma inscrição que registasse mais ou menos informações ou com uma sepultura de construção sólida que resistisse à passagem do tempo não significa necessariamente que os pais não tivessem providenciado para o defunto um funeral adequado e que não sentissem a sua morte. Por estas e outras razões, a reconstrução demográfica da população com base nos epitáfios e nos monumentos funerários é sempre deficiente e pouco fiável. É que estes abrangem secções específicas da população, normalmente os habitantes dos centros urbanos e, de entre estes, preferencialmente as classes mais favorecidas⁴⁶³. A iliteracia pode ter também

⁴⁶² Cf HOPE (2007: 128). TOYNBEE (1971: 101), porém, considera pouco provável que as sepulturas não fossem todas marcadas, de alguma forma, ao nível do chão. Imagens de sepulturas assinaladas por ânforas em TOYNBEE (1971: 66).

⁴⁶³ Cf. HOPKINS (1966: 246) e (1987: 113-115), SHAW (1991: 67-68) e PARKIN (1992: 5-19) para o elenco das distorções que impedem que os epitáfios possam servir de base a um estudo demográfico completo e sério da população romana. PARKIN (1992: 19) afirma: «The material is so plagued with misleading biases and impossible demographic trends that the use of tombstone inscriptions, however selective, is unjustified and potentially fallacious.» Da mesma opinião, SALLER (1994: 18): «(...) none of the epigraphic evidence is of sufficient quality to fix Roman life expectancy within the probable range or to differentiate among segments of the population.»

determinado que não houvesse interesse em registrar o nome ou a idade do defunto ou capacidade para o fazer⁴⁶⁴.

Ainda assim, a demografia histórica tem atingido objectivos importantes, nomeadamente no que diz respeito ao estabelecimento de modelos e padrões de evolução demográfica das populações. Estes modelos dão-nos números que nos permitem ter uma visão mais clara sobre a demografia romana, recorrendo à comparação dos condicionalismos que agem sobre as populações. Tomando como ponto de partida outras comunidades históricas com condições de vida semelhantes e com recolhas estatísticas seguras, é possível estabelecer, ainda que com alguma cautela, os contornos prováveis da sociedade romana⁴⁶⁵. Quase todos os autores assumem como modelo aproximado para a população romana o que COALE & DEMENY (1983²) propõem como modelo “Oeste”, modelo que se recomenda para sociedades sem estatísticas fiáveis, por apresentar um padrão de mortalidade considerado normal ou médio. PARKIN (1992: 80) considera que se deve ter também em atenção, na análise demográfica da população romana, o modelo “Sul”, uma vez que se fundamenta em dados da Bacia do Mediterrâneo.

É, assim, com base nos dados das tabelas de vida de COALE & DEMENY (1983²) que a maioria dos autores assume uma estimativa da esperança média de vida de entre vinte a trinta anos⁴⁶⁶. MORRIS (1982: 72) adverte, porém: «(...) we can only use modern life tables for ancient demography if we are prepared to work at a high level of generality, and not attempt to make fine distinctions

⁴⁶⁴ De qualquer modo, mesmo os epitáfios que indicam a idade do defunto têm de ser considerados com alguma cautela, uma vez que os níveis de analfabetismo de grande parte da população devem ter adulterado a fiabilidade das informações veiculadas, especialmente no que diz respeito à idade. Cf. DUNCAN-JONES (1977) e PARKIN (1992: 14-15).

⁴⁶⁵ Para uma justificação da utilização destas tabelas-modelo, cf. PARKIN (1992: 79ss.) e SALLER (1994: 22-25).

⁴⁶⁶ HOPKINS (1966: 263-264) e (1983: 70-71), PARKIN (1992: 84). Para uma exposição dos argumentos do debate, por encerrar, acerca da validade destas estimativas, cf. SALLER (1994: 12ss.).

between regions or through time.»⁴⁶⁷ De qualquer modo, as tabelas-modelo permitem-nos uma ideia aproximada sobre os contornos da demografia romana, essenciais para a construção social da morte e do luto que é, sem dúvida, condicionada por factores como a frequência da morte e a esperança de vida.

HOPKINS (1983: 225) afirma que mais de um quarto das crianças morreriam antes de completarem um ano de idade e PARKIN (1992: 92) sugere uma percentagem de vinte e cinco a trinta crianças mortas entre o nascimento e o primeiro ano de vida⁴⁶⁸. GARNSEY (1991: 51-52) avança números semelhantes: vinte e oito por cento das crianças morreriam durante o primeiro ano de vida e cerca de cinquenta por cento antes dos dez anos. GOLDEN (2004: 147-150), todavia, analisa com algum cepticismo as tentativas para reconstituir as taxas de mortalidade da Antiguidade com base em modelos de sociedades modernas pré-industriais e conclui (147): «No one doubts that infant and child deaths were frequent in classical antiquity: no-one knows how frequent.»

Doenças e outras causas de morte

A morte das crianças seria, de qualquer modo, bastante frequente e a esperança de sobrevivência de muitos dos neo-natos especialmente reduzida⁴⁶⁹.

⁴⁶⁷ Cf. a mesma ideia em PARKIN (1992: 83): «(...) the tables illustrate probabilities for hypothetical stable populations, probabilities that suggest approximate dimensions rather than strict limits.»

⁴⁶⁸ Ou seja, uma taxa de mortalidade infantil de 250 a 300 em cada mil.

⁴⁶⁹ Para um termo de comparação com os nossos dias, cf. a lista por países da taxa de mortalidade infantil em 2007 em *The Fact Book* (<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2091rank.html>; em 3 de Abril de 2008). Angola encabeça a lista com uma taxa de 184.44 crianças mortas em cada mil no primeiro ano de vida, segue-se-lhe a Serra Leoa com 158.27; a União Europeia apresenta uma taxa de 4.80, Portugal 4.92 e a Suécia, o país

Os primeiros dias e semanas de vida eram de importância vital, mas sobreviver ao parto era também uma prova importante de resistência⁴⁷⁰ e muitos dos que sobreviviam morreriam devido a fragilidades congénitas, outros por doenças infecciosas ou relacionadas com a má nutrição ou com a falta de cuidados adequados⁴⁷¹. BRADLEY (2005: 80) considera muito alta a probabilidade de as crianças, e de forma especial os recém-nascidos, serem afectadas por doenças gastrointestinais e infecções respiratórias, que, com frequência, seriam letais devido à falta de um tratamento adequado. A altura em que a criança deixa de ser alimentada com o leite materno constituía um perigo adicional não só de contágio, mas também de uma alimentação desajustada à fisiologia ou às necessidades da criança. Autores como Celso e Plínio coincidem no elenco de algumas patologias da infância, entre as quais incluem: problemas relacionados com a dentição, aftoses⁴⁷², dermatopatias, inflamações diversas, úlceras, verrugas, hérnias, patologias oftalmológicas, epilepsia⁴⁷³...

SHAW (1996: 132-134) refere, entre as causas de morte que determinariam que em alguns períodos do ano a taxa de mortalidade fosse mais elevada que noutros, dois tipos de morbosidade: a epidémica, relacionada com doenças como o tifo e a cólera, e a normal, que incluiria, por ordem de importância,

européu com uma taxa mais baixa, 2.76. A taxa de mortalidade infantil provável em Roma ultrapassa em quase o dobro a taxa de Angola.

⁴⁷⁰ Sobre os perigos do parto tanto para a mãe como para o filho, cf. *supra*, p. 67ss.

⁴⁷¹ BERTIER (1996: 2179-2182) enumera as doenças e patologias que os autores gregos e romanos da época imperial consideraram ter origem na má nutrição da criança ou da ama ou da mãe que a amamenta. Destacam-se: aftas, convulsões, distorção das pernas, epilepsia, furúnculos, inflamações da boca e dos intestinos, letargia, torpor, etc.

⁴⁷² Celso afirma que as aftas são especialmente nocivas para as crianças que, muitas vezes, a elas sucumbem: *Verum ea longe periculosissima sunt ulcera, quas apthas Graeci appellant, sed in pueris: hos enim saepe consumunt, in uiris et mulieribus idem periculum non est.* (6.11).

⁴⁷³ Cf. BRADLEY (2005: 76). Para uma lista completa das doenças ou estados patológicos que os autores antigos atribuem às crianças, cf. BERTIER (1996: 2179-2182).

doenças do sistema respiratório (bronquite, pleurisia, tuberculose) e infecções do sistema digestivo (gastroenterite, colite). As condições sanitárias deficientes aumentariam, de facto, as probabilidades de contrair doenças como cólera, disenteria, gastroenterite, hepatite infecciosa, febre tifóide, tuberculose ou infestação por parasitas⁴⁷⁴. As classes mais baixas da população urbana, que habitavam em apartamentos de dimensões reduzidas nas *insulae* ou em cabanas e tugúrios⁴⁷⁵, estariam certamente mais expostas a estas doenças, particularmente graves quando contraídas por crianças pequenas ou adultos fragilizados, mas as classes altas não estariam certamente imunes, especialmente tratando-se de doenças infecciosas.

De acordo com PARKIN (1992: 93), as principais causas de mortalidade da população romana seriam exógenas, isto é, relacionadas com as condições sanitárias e de higiene, com a nutrição e com os cuidados médicos⁴⁷⁶. Doenças epidémicas, como as que assolaram o império no tempo de Nero e no de Marco Aurélio (a praga antonina, provavelmente varíola⁴⁷⁷), devem ter causado surtos adicionais de morbosidade e mortalidade. Suetónio afirma que devido à primeira morreram cerca de trinta mil pessoas em Roma⁴⁷⁸ e Tácito põe em relevo a rapidez e a forma indiscriminada do contágio:

⁴⁷⁴ SCOBIE (1986: 421-422). Celso descreve este tipo de distúrbios intestinais e comenta: *isque morbus maxime pueros absumit usque ad annum decimum: ceterae aetates facilius sustinent.* (2.8.30). NUTTON (2004: 29).

⁴⁷⁵ SCOBIE (1986: 402-403).

⁴⁷⁶ Afirma PARKIN (1992: 93): «In the ancient world exogenous mortality was high to a great extent because of the conditions of life, any account of which, particularly for the crowded city of Rome, makes grim reading.»

⁴⁷⁷ A identificação, que se baseia na descrição de Galeno, não é, todavia, unânime. Cf. LITTMAN & LITTMAN (1973), NUTTON (2004: 24-25).

⁴⁷⁸ Suetónio associa a doença ao carácter moral do imperador: *accesserunt tantis ex principe malis probrisque quaedam et fortuita: pestilentia unius autumnus, quo triginta funerum milia in rationem Libitinae uenerunt.* (Nero 39.1).

Tot facinoribus foedum annum etiam dii tempestatibus et morbis insigniuere. (...) in qua [i. e. em Roma] omne mortalium genus uis pestilentiae depopulabatur, nulla caeli intemperie quae occurreret oculis. sed domus corporibus exanimis, itinera funeribus complebantur; non sexus, non aetas periculo uacua; seruitia perinde et ingenua plebes raptim extinguere, inter coniugum et liberorum lamenta, qui dum adsident, dum deflent, saepe eodem rogo cremabantur. equitum senatorumque interitus quamuis promisci minus flebiles erant, tamquam communi mortalitate saeuitiam principis praeuenirent. (Ann. 16.13)

A incapacidade em prever e controlar epidemias deste tipo deve ter sido assustadora e é evidente em descrições como a da praga de 174 a. C., da autoria de Tito Lívio:

pestilentia, quae priore anno in boues ingruerat, eo uerterat in hominum morbos. qui inciderant, haud facile septimum diem superabant; qui superauerant, longinquo, maxime quartanae, implicabantur morbo. seruitia maxime moriebantur; eorum strages per omnis uias insepultorum erat. ne liberorum quidem funeribus Libitina sufficiebat. cadauera intacta a canibus ac uolturibus tabes absumebat. (41.21.5-6)

Muito contribuiria certamente para a disseminação da doença, desta e de outras, o facto de os cadáveres se decomporem ao ar livre⁴⁷⁹.

A malária parece ter atravessado muito cedo o Mediterrâneo, primeiro em direcção à Sicília e à Magna Grécia, depois em direcção ao norte da Península Itálica, e teria causado grande número de mortes ou provocado fragilidade perante outras doenças⁴⁸⁰.

⁴⁷⁹ A descrição das epidemias tornou-se um tópico literário que remonta à descrição da praga de Atenas de Tucídides (2.47-55). O tratamento indiferenciado e negligente dos cadáveres é um dos motivos mais explorados (2.52). Tucídides refere também a ausência ou o desaparecimento de animais necrófagos, fossem aves ou cães (2.50). A associação da doença a um certo declínio moral e ao abandono das normas sociais e sagradas, fosse da comunidade em geral ou de um indivíduo específico, é outra característica comum a estes relatos, ainda que em Tucídides seja uma consequência da doença e nos autores romanos seja uma causa.

⁴⁸⁰ Cf. SALLARES (2002) e (2004) e ARNOTT (2005: 17-18). De acordo com NUTTON (2004: 32-33), a malária estaria presente na Grécia pelo menos desde o Neolítico, com níveis de infestação variáveis de acordo com contextos regionais, ambientais e sociais. Para um mapa da evolução da doença em direcção a norte, cf. SALLARES (2004: 317). BURKE (1996: 22-56-2257) considera que

A sazonalidade da morbosidade é um tema frequente e reconhecido. Horácio, por exemplo, associa o calor do Verão à frequência da morte, em especial dos mais novos:

*quam mihi das aegro, dabis aegrotare timenti,
Maecenas, ueniam, dum ficus prima calorque
dissignatorem decorat lictoribus atris,
dum pueris omnis pater et matercula pallet
officiosaque sedulitas et opella forensis
adducit febris et testamenta resignat. (Ep. 1.7.4-9)⁴⁸¹*

Celso é muito claro quanto a esta matéria:

*Igitur saluberrimum uer est, proxime deinde ab hoc hiemps; periculosior quam
<salub>rrior aestas, autumnus longe periculosissimus. (2.1.1)*

SHAW (1996) analisa, a partir das inscrições funerárias de origem cristã da cidade de Roma, as variações sazonais da morte, que caracterizam sociedades sem os meios necessários para proteger a população das condições climáticas e ambientais que favorecem o surgimento ou contágio de determinadas

a malária pode ter sido trazida pelos Fenícios para a Sardenha, provavelmente o primeiro foco de contágio no Mediterrâneo ocidental, e que a existência, desde tempos remotos, do culto à deusa *Febris* e a *Tertiana* e *Quartana*, divindades associadas à regularidade das febres causadas pela doença, prova a sua presença em Roma desde muito cedo. Testes de ADN de um esqueleto de uma criança com dois ou três anos, sepultada, provavelmente no séc. V d. C., numa *uilla* abandonada em Lugnano, permitiu a identificação de ADN da estirpe mais mortal da doença, o *Plasmodium falciparum*. SALLARES (2004: 321) afirma: «The fact that malarial DNA could be amplified by the polymerase chain reaction from such an old skeleton suggests a massive infection, since it is unlikely in practice that an asymptomatic infection with a low level of parasitaemia could be detected after such a long passage of time.» O sítio arqueológico de onde provém o esqueleto desta criança tem levantado algumas questões, uma vez que nele foram sepultadas durante cerca de um ano quarenta e sete crianças, entre as quais vinte e dois prematuros e os restantes, na sua grande maioria, recém-nascidos. Não parece tratar-se de um cemitério formal, mas da reutilização de uma estrutura habitacional há muito abandonada. Alguns vestígios arqueológicos parecem indiciar a prática de magia. Cf. SOREN & SOREN (1999) e SOREN (2003).

⁴⁸¹ A mesma ideia em: *nec mala me ambitio perdit nec plumbeus auster / autumnusque grauis, Libitinae quaestus acerbae.* (Hor. *Sat.* 2.6.19-20). Cf. também a explicação de Lucrécio (6.1090-1137) sobre a origem das doenças.

doenças, e conclui que os meses de Agosto, Setembro e Outubro registam taxas de mortalidade muito acima das verificadas nos restantes meses do ano. Estas oscilações mantêm-se quando analisado o sexo e a idade dos indivíduos cuja morte é registada nos epitáfios⁴⁸². Utilizando um método idêntico para outras partes do Império, o mesmo autor opta pela cautela, uma vez que os dados epigráficos são em menor número, ainda que pareçam sustentar que as condições ambientais na Urbe eram menos benéficas para a saúde da população em geral do que as das províncias ocidentais⁴⁸³. O hábito de a elite romana sair da cidade durante os meses de Agosto e Setembro, procurando o refúgio e os melhores ares do campo, encontrará explicação nesta realidade.

Os tratamentos propostos para as doenças das crianças são variados (sangria, jejum ou dietas específicas, administração de substâncias de natureza diversa) e, especialmente os que são transmitidos por Plínio, constituem uma amálgama de medicina e magia⁴⁸⁴. Os amuletos, de entre os quais os mais

⁴⁸² Cf. SHAW (1996: 117, fig. 8 e 118, fig. 9). Como o autor admite, os dados disponíveis relativos a crianças mortas com menos de um ano de idade não são suficientes para sustentar qualquer conclusão: «The critical group which the modern data preserve, but which are clearly absent from the ancient tombstone data are early infant deaths (i. e. those who die at under one year of age) and especially infant mortality at birth itself. This is a significant missing piece of the whole picture (...)». (119). Só os indivíduos com uma idade compreendida entre os cinquenta e os setenta anos apresentam uma distribuição anual da mortalidade mais estável, alta durante todo o ano, mas com aumento nos meses de Agosto e Setembro, que se mantém com uma pequena descida até Abril.

⁴⁸³ SHAW (1996: 133).

⁴⁸⁴ Cf. em BERTIER (1996: 2204-2207), o reportório dos produtos de origem animal e vegetal propostos por Plínio, Dioscórides, Sorano e Galeno. Salientamos, de entre os produtos utilizados para facilitar o rompimento da dentição: manteiga (não recomendada por Sorano), dentes de cão reduzidos a cinza e misturados com mel, miolos de lebre, gordura de pássaro... A prescrição de cirurgias nestes textos é muito rara e normalmente é acompanhada da indicação da idade em que se devem realizar: a extracção de hérnias entre os sete e os catorze anos, a de cálculos na vesícula entre os nove e os catorze.

conhecidos são os *fascina*⁴⁸⁵, as *lunulae* (por vezes associados entre si⁴⁸⁶) e as bulas, eram utilizados para proteger as crianças, não apenas de poderes sobrenaturais malévolos, mas também das doenças. De acordo com Plínio, um tipo de escaravelho, o *lucanus ceruus*, quando usado à volta do pescoço (*Nat.* 11.97), um ramo de coral (*Nat.* 32.24), ou um amuleto de âmbar concedem protecção aos *infantes*, funcionando como *remedium* ou *tutela*. Mesmo autores com conhecimentos médicos superiores aos de Plínio reconheciam aos amuletos a capacidade de animar o doente. É o caso de Sorano, que afirma que, ainda que os amuletos não tenham poderes efectivos, o seu uso é positivo, uma vez que dão esperança e alegria ao paciente⁴⁸⁷. Na forma côncava e oca da bula – fosse esta de ouro, metal a que Plínio atribui capacidades medicinais, ou de materiais mais vulgares como o bronze –, era possível guardar substâncias ou objectos pretensamente curativos ou protectores⁴⁸⁸. De acordo com DASEN (2003: 288) e BRADLEY (2005: 90), o uso generalizado de amuletos pelas crianças demonstra a consciência que os Romanos tinham de que a infância era uma idade especialmente frágil e testemunha as ansiedades dos adultos perante a morte frequente dos mais novos.

É opinião de MUDRY (2004: 347) que, ainda que pareça ter existido a consciência de que determinadas doenças tinham uma incidência especial na

⁴⁸⁵ Cf. a descrição de Varrão, (*L.* 7.97): (...) *ab eo quod pueri[li]s turpicula res in collo quaedam suspenditur, ne quid obsit* (...).

⁴⁸⁶ Cf. DASEN (2003: 284, fig. 8, 9 e 10b).

⁴⁸⁷ Sorano refere-se, em particular, ao uso de amuletos durante o parto: *οὐκ ἀποκωλυτέον δὲ τὴν παράληψιν αὐτῶν· καὶ γὰρ εἰ μὴδὲν ἐξ εὐθείας παρέχει τὸ περιάπτον, ἀλλ' οὖν δι' ἐλπίδος εὐθυμοτέραν τὴν κάμνουσαν τάχα παρέξει.* (*Gyn.* 3.42)

⁴⁸⁸ Cf. dois exemplos em DASEN (2003: 285): bula do séc. VI a. C., contendo pequenas pedras brancas, encontrada numa sepultura infantil; outra, do séc. V, com vestígios de resina que poderia ser uma espécie de âmbar, de que Plínio indica as propriedades curativas, ou para fixar um perfume.

infância e de que as crianças necessitavam de tratamentos específicos⁴⁸⁹, nem sempre coincidentes com os dos adultos, não podemos afirmar que tenha existido em Roma uma especialidade médica comparável à pediatria actual.

A incapacidade perante a doença deve ter sido frequente e, ainda que as descrições da agonia do leito de morte não sejam numerosas, a expressão da preferência de uma morte súbita e inesperada tornou-se um tópico literário. Plínio-o-Velho, ao apresentar as propriedades medicinais das plantas, comenta: *milia morborum singulis mortalium timenda* (Nat. 25.23) e, considerando todavia que classificar doenças devido à sua gravidade é problemático, afirma que as doenças da cabeça são graves porque podem levar ao suicídio. Plínio-o-Moço refere na sua epistolografia o caso do seu amigo Corélio Rufo, que pôs termo à vida por não conseguir suportar o sofrimento causado pela doença (Ep. 1.12), e o de uma desconhecida que se lançou, juntamente com o marido que sofria de uma doença prolongada que lhe cobria o corpo de úlceras, para o lago em frente da *uilla* onde moravam (Ep. 6.24).

Além das doenças, podemos citar outras causas de morte, nomeadamente, de morte violenta. As inscrições funerárias dão algumas informações importantes relativamente a este assunto. As que atribuem o falecimento do indivíduo ao ataque de *latrones* são frequentes e de zonas geográficas e épocas diversas, o que indicia a falta de segurança que autores como Juvenal (3.290ss.) referem ter caracterizado a vida dos cidadãos⁴⁹⁰. Outro factor exógeno que muito deve ter contribuído para a taxa de mortalidade teria

⁴⁸⁹ Cf. BERTIER (1996: 2198ss.). MUDRY (2004: 348), retomando o título do artigo, cita o próprio Celso (3.7.1B): *ex toto non sic pueri ut uiri curari debent. Ergo, ut in alio quoque genere morborum, parcius in his agendum est.*

⁴⁹⁰ CIL 3.2399 (rapariga de dez anos assassinada por ladrões que lhe roubaram as jóias); CIL 12.1128 (indivíduo assassinado por um liberto); ILS 8508; ILS 8506 (um indivíduo de vinte e cinco anos assassinado *a uiatoribus*, outro com trinta e cinco *a latronibus*).

sido a guerra. Em determinados momentos, de forma directa ou indirecta, os conflitos militares teriam feito grande número de vítimas⁴⁹¹.

Mortes acidentais devem ter sido também responsáveis pelo falecimento ou estropiamento de muitas pessoas. Apesar da escassez das fontes, que não permitem nenhum tipo de reconstituição estatística das mortes acidentais, pelo menos não ao ponto de permitir conclusões sociológicas consistentes relacionadas com o modo de vida dos Romanos (tipo de supervisão concedida às crianças, mortalidade causada pela actividade profissional, o trabalho infantil, etc.), é possível identificar algumas situações⁴⁹². Incêndios, inundações e desmoronamentos são apenas alguns dos acontecimentos que, num ápice, podiam ceifar muitas vidas. Tácito, por exemplo, refere que cerca de cinquenta mil pessoas de todas as idades morreram no colapso de um anfiteatro em Fidenas em 27 d. C. e que, mais lamentável do que a sorte dos que tiveram uma morte imediata, foi a dos que ficaram debaixo dos destroços com os corpos mutilados (*Ann.* 4.62)⁴⁹³.

Juvenal descreve os perigos da vida na cidade (mortes por esmagamento ou causadas por objectos lançados das janelas) e, ainda que os seus objectivos sejam irónicos, o certo é que devem ter uma base verídica⁴⁹⁴. O desmoronamento das habitações, de construção barata e, muitas vezes,

⁴⁹¹ Cf. os textos reunidos em HOPE (2007: 25ss.)

⁴⁹² Cf. LAES (2004: 155).

⁴⁹³ Tácito afirma que este acidente causou tantas mortes como uma grande batalha: *ingentium bellorum cladem aequavit malum improuisum* (*Ann.* 4.62.1).

⁴⁹⁴ Veja-se a enumeração destes perigos por Juvenal: *ut non / deterius credas horrere incendia, lapsus / tectorum adsiduos ac mille pericula saevae / urbis (...)?* (3.6-9). Adiante refere a possibilidade de, no meio do trânsito imparável de carros transportando matérias diversas, um, carregado com mármore da Ligúria, desabar sobre a multidão, fazendo-a desaparecer: *nam si procubuit qui saxa Ligustica portat / axis et euersum fudit super agmina montem, / quid superest de corporibus? quis membra, quis ossa / inuenit? obtritum uolgi perit omne cadauer / more animae.* (3.257-261).

negligente⁴⁹⁵, o trânsito ou os grandes ajuntamentos foram também certamente causa de muitas mortes. Foi o caso de P. Papírio Próculo, um rapaz de onze anos, que faleceu em Roma quando foi atingido por uma telha (*CIL* 3.2083), ou o de uma jovem que faleceu devido a uma queda *ex alto* (*CIL* 9.7376). Umídia, com treze anos, e Primigénio foram esmagados pela multidão quando assistiam ao *agon Capitolinus* (*CIL* 6.29436). Outros foram atropelados, como o rapaz em direcção ao qual o pai de Nero, dando prova da crueldade que havia de transmitir ao filho, incitou os cavalos⁴⁹⁶.

Outros acidentes, de índole mais doméstica, devem ter feito também algumas vítimas, como Druso, o jovem filho de Cláudio, engasgado com uma pêra (*Suet. Cl.* 27.1), o pequeno Fortunato, que morreu afogado numa piscina quando tinha apenas oito anos (*CIL* 6.16740), ou Féstio, que caiu dentro de um poço (*CIL* 5.2417)⁴⁹⁷. Outros acidentes devem ter certamente acontecido, especialmente com crianças muito pequenas. LAES (2004: 155) cita o exemplo das queimaduras, que devem ter sido frequentes, ainda que não haja referências nos textos: «We never hear of a Roman swaddled baby being burned by the fire in the hearth, although we may imagine that such events did happen.»⁴⁹⁸ O trabalho infantil, que era, certamente, uma realidade, deve ter também causado

⁴⁹⁵ Cf. SCOBIE (1986: 405-407).

⁴⁹⁶ (...) *in uiae Appiae uico repente puerum citatis iumentis haud ignarus obtruiuit* (*Suet. Nero* 5). Outros exemplos em: *CIL* 6.22804, 11.4311 (duas crianças, ambas com nove anos); *CLE* 1059 (um rapaz *paruolus* atropelado *dum ludit*).

⁴⁹⁷ Outros casos de afogamentos de crianças registados em *CIL* 9.6318, *CIL* 6.17876. Referem-se a afogamentos no mar: *CIL* 3.3224, 3.1899, 3.3107, 3.8910 (todas da Dalmácia).

⁴⁹⁸ Veja-se *CLE* 1073 e 2126: duas crianças, de dois e de seis anos, e uma jovem de quinze, mortos num incêndio.

muitas vítimas. Marcial refere o caso de dois *pueri* atacados por um leão quando limpavam a areia do circo⁴⁹⁹.

Acresce a estas causas a instabilidade política e militar, que foi sempre mais ou menos constante, não apenas em Roma, mas também nas províncias. Perseguições, crimes, execuções, vinganças são o elemento que mais tem seduzido os admiradores da história romana e não nos deteremos neles por serem por demais conhecidos os inúmeros episódios que os exemplificam. Não haverá certamente personagem histórica que melhor prove a frequência da morte de um filho como a célebre Cornélia, *mater Gracchorum*. Dos doze filhos que gerou e que sobreviveram todos ao pai, apenas três atingiram a idade adulta (Semprónia, Tibério e Gaio) e só a filha não foi sepultada pela mãe. Apesar de as fontes serem omissas relativamente às causas e às circunstâncias da morte dos nove que morreram na infância, poderemos supor – precisamente devido a este silêncio – que morreram por causas consideradas naturais. O mesmo não aconteceu com Tibério e Gaio, assassinados de forma violenta por razões políticas.

Os rituais e as sepulturas dos adultos

Não sabemos se as cerimónias fúnebres de uma criança seriam muito diferentes das dos adultos⁵⁰⁰. As descrições que temos dos funerais são normalmente de indivíduos com alguma distinção social, que eram sepultados com certo aparato e que, por esta razão, não podem ser consideradas como a

⁴⁹⁹ *Nam duo de tenera puerilia corpora turba, / Sanguineam rastris quae renouabat humum, / Saeuos et infelix furiali dente peremit.* (Mart. 2.75.5-7).

⁵⁰⁰ Seguimos, para a reconstituição dos rituais associados à morte, TOYNBEE (1971: 43-64), HINARD (1995), PIMENTEL (1997: 166-174), HOPE & MARSHALL (2000) e HOPE (2007).

norma para todas as camadas sociais⁵⁰¹. A morte implicava a perturbação da estabilidade familiar e colocava a questão premente do tratamento a dar ao cadáver. Em Roma, no período entre a morte e o funeral, mas também até alguns dias depois deste, realizava-se uma série de rituais que tinham como finalidade efectuar a separação definitiva entre o falecido e a comunidade. A ideia de que o indivíduo merecia o respeito dos vivos e a preocupação com a manutenção da sua dignidade parecem ter sido importantes, mas conviviam com o medo da poluição e com a necessidade de purificação ritual. Para que o morto partisse do mundo dos vivos, e não permanecesse nele, exercendo influências negativas, era crucial que as várias etapas dos *funera* se desenrolassem de forma conveniente, mas o mais importante era que o cadáver fosse coberto com terra⁵⁰².

A família tinha a obrigação de garantir que o defunto era sepultado e, de acordo com as suas posses (ou não), de assinalar a morte de modo a honrar a sua memória. CHAMPLIN (1991: 170-175) nota que nos testamentos romanos é concedida mais atenção ao túmulo (por exemplo, relativamente ao tempo que é dado aos herdeiros para a sua construção) do que ao funeral e ao tratamento a dar ao cadáver, o que mostra como a apreensão principal do *testator* era a

⁵⁰¹ O que se noticia é sempre o excepcional ou o anedótico, como a embalsamação do cadáver de Popeia (Tac. *Ann.* 16.5) ou o cortejo fúnebre de figuras públicas (Plb. 6.53-54; Sen. *Apoc.* 12.1-2). Cf. HOPE (2000: 105).

⁵⁰² São frequentes as referências à inquietação dos espíritos dos *insepulti*: Eneias, por exemplo, é impedido de entrar nos Infernos antes de ter sepultado Palinuro (*A.* 6.320-385) e Plínio-o-Moço refere o caso de um amigo assombrado por um fantasma. Só quando lhe foi dada uma sepultura digna é que este deixou de aparecer (*Ep.* 7.27). Dizia-se também que o fantasma do imperador Calígula vagueava pelos *horti Lamiani*, onde o seu cadáver tinha sido incinerado à pressa e coberto apenas por uma camada de relva, e que na casa onde tinha sido assassinado aconteciam coisas assustadoras. Só quando as irmãs, regressadas do exílio, o voltaram a incinerar e a sepultar se repôs a normalidade (Suet. *Cal.* 59). Sobre a *iniectio glebae*, cf. *infra*, p. 212 e n. 530.

preservação da sua memória e não o destino dos seus ossos, que considerava um dever assegurado pela família.

Entre os funerais exuberantes dos imperadores e o anonimato na morte dos que não tinham como pagar um funeral adequado ou o abandono e a mutilação dos cadáveres dos criminosos, as práticas devem certamente ter variado muito. O mesmo deve ter acontecido com o significado que os participantes atribuíam aos diversos momentos e rituais que constituíam os *funera* e com os sentimentos que cada um experimentava.

No momento da morte, os familiares e amigos próximos acompanhavam o moribundo junto do seu leito de morte. Um familiar próximo recolhia o seu último suspiro, beijando-o pela última vez, e fechava-lhe os olhos⁵⁰³. Pronunciava-se então três vezes em voz alta o nome do defunto (*conclamatio*), para confirmar que estava efectivamente morto e também como forma de despedida. Este acto repetia-se de tempos a tempos até que o cadáver fosse sepultado⁵⁰⁴. Em algum momento, o moribundo era deposto no chão, para ficar em contacto com a terra. Procedia-se, depois, à preparação do cadáver para o funeral: era lavado, ungido com perfumes e vestido de acordo com a sua categoria social⁵⁰⁵. CORBEILL (2004: 89ss.) considera que estes gestos são uma

⁵⁰³ Quintiliano descreve com surpresa como foi capaz de efectuar este ritual e continuar vivo quando faleceu o seu filho mais velho, que teria cerca de dez anos: *animam recipere auramque communem haurire amplius potui?* (Quint. Inst. 6.1.pr.12). A morte de um familiar ausente é apresentada como uma anormalidade, porque impede a realização destes rituais (cf., por exemplo, Sen. Dial. 6.3.1-2: *Non licuerat matri ultima filii oscula gratumque extremi sermonem oris haurire*).

⁵⁰⁴ Cf. a explicação de Sêrvio: (...) *hanc esse causam ut mortui et calida abluantur et per interualla conclamentur, quod solet plerumque uitalis spiritus exclusus putari et homines fallere. denique refert quendam superpositum pyrae adhibitis ignibus erectum esse nec potuisse liberari. unde et seruabantur cadauera septem diebus, et calida abluebantur, et post ultimam conclamationem conburebantur: unde traxit Terentius "desine, iam conclamatum est".* (A. 6.218).

⁵⁰⁵ Era vestido com uma toga simples se nunca tivesse desempenhado cargos públicos relevantes, com a toga *praetexta* se tivesse sido cônsul, com a toga *purpurea* se tivesse sido censor, ou com a

réplica do que acontecia ao recém-nascido. Fechavam-se os olhos do cadáver como este os tinha aberto depois do parto. A um dava-se, então, o primeiro banho, ao outro o último. O cadáver ficava depois em exposição no átrio da casa, sobre o *lectus funebris*, com os pés virados para a porta e rodeado de flores e lamparinas. Rodeavam-no as mulheres da família ou as carpideiras (*praeficae*), que lamentavam a sua morte.

Havia ainda profissionais que se dedicavam à organização dos funerais, como os *libitinarii* e os *dissignatores*. No período que este estudo abrange, parece ter havido uma tendência crescente para recorrer a assalariados com competências diversas, que substituiriam as mulheres da família nos cuidados a prestar ao defunto, pelo menos quando as condições económicas da família o permitiam⁵⁰⁶. Nesta categoria podemos incluir os *pollinctores*, que tratavam do cadáver, embelezando-o e disfarçando os sinais da morte, e as *praeficae*, que entoavam o lamento pelo morto. Havia uma série de profissões relacionadas com a morte: os *uespillones* transportavam os cadáveres dos pobres; os *fossore*s e os *ustores* encarregavam-se, como os nomes indicam, da última parte do funeral (tratando-se de uma inumação, os primeiros abriam e fechavam a fossa para a sepultura; tratando-se de uma cremação, os *ustores* procediam à combustão do cadáver)⁵⁰⁷.

toga picta se tivesse celebrado algum triunfo. É óbvio que, no caso dos indigentes, uma mortalha feita de um pedaço de tecido pobre e gasto substituiria a toga. Juvenal lamenta o facto de no seu tempo só os defuntos a usarem: *nemo togam sumit nisi mortuus* (3.171).

⁵⁰⁶ LINDSAY (2000: 158) sugere, porém, que, à imagem do que acontecia na Grécia, podem ter sido as mulheres da família a lavar os defuntos.

⁵⁰⁷ Note-se que estas profissões não eram prestigiantes. Pelo contrário, a poluição que lhes era atribuída pelo contacto com a morte fazia com que os que as desempenhavam fossem estigmatizados pela sociedade (Cat. 22.9-11, 59.5; Mart. 3.93.26-27). Cf. BODEL (2000: 138); LINDSAY (2000: 157-160). A maior parte das informações relativas às profissões associadas à morte tem origem nas *leges libitinariae* de Cumas e de Putéolos, que estabelecem normas para a contratação destes profissionais e regulamentam a sua aparência e a sua área de residência. A lei de Putéolos, por exemplo, proibia-os de entrar na cidade a não ser no exercício das suas

Normalmente, o corpo do defunto ficava em exposição no átrio durante alguns dias (*collocatio*)⁵⁰⁸, para permitir a despedida aos familiares e amigos e a casa era considerada *funesta*, o que se assinalava com ramos de cipreste ou de pinho na porta⁵⁰⁹. As exéquias eram anunciadas por um mensageiro que apregoava pela cidade a sua realização, o que explica a designação de *funus indictiuum* para os funerais dos cidadãos ilustres.

O cortejo fúnebre acompanhava o defunto na sua saída da cidade até ao local onde seria inumado ou incinerado. Já a Lei das XII Tábuas proibia que se sepultassem ou cremassem cadáveres dentro do limite sagrado da cidade, o *pomoerium*⁵¹⁰, interdição fundamentada na repulsa pela poluição religiosa causada pelo contacto com o cadáver. O cortejo podia ser mais ou menos elaborado, conforme o estatuto social do defunto. Se se tratasse de um membro de família aristocrática, acompanhavam o cortejo amigos ou familiares, alguns dos quais usavam as *imagines*, as máscaras que representavam o rosto dos antepassados do defunto e que eram guardadas numa parte da casa que lhes desse alguma visibilidade⁵¹¹. Também podiam ser usadas por actores contratados para esse fim. A pessoa que usava a *imago* devia ir vestida de acordo com o cargo mais alto desempenhado pelo antepassado que

funções e, quando o faziam, deviam utilizar um *pilleum coloratum* (AE 1971. 88). Cf. sobre as prescrições desta lei, DUMONT (1995) e HINARD (1995a).

⁵⁰⁸ No caso dos imperadores, o cadáver podia estar exposto durante mais tempo. Sérvio afirma que o cadáver podia estar em exposição até sete dias: *et seruabantur cadauera septem diebus* (A. 6.218).

⁵⁰⁹ *Picea (...) funebri indicio ad fores posita ac rogis uirens* (Plin. Nat. 16.40); [*cupressus*] *Diti sacra et ideo funebri signo ad domos posita*. (Plin. Nat. 16.139).

⁵¹⁰ *Hominem mortuum in urbe ne sepelito neue urito*. (Lex XII.10). Cf. também a *Lex Coloniae Genetivae Iuliae* de 44 a. C. (CIL 2.594), que estabelece a mesma proibição de inumar ou cremar cadáveres dentro do *pomoerium* da cidade. Sobre a localização marginal das necrópoles, cf. PATTERSON (2000).

⁵¹¹ Segundo Plínio, as *imagines* eram expostas no átrio (Nat. 35.6).

representava. Haveria também actores vestidos de sátiros que dançavam e imitavam o falecido⁵¹². Na *pompa*, as *praeeficae*, acompanhadas por músicos que tocavam instrumentos diversos, entoavam nénias e choravam o defunto, pelo que o efeito sonoro da passagem do cortejo devia ser notável⁵¹³. Varrão define a *praeefica* como uma mulher *quae ante domum mortui laudis eius caneret* (L. 7.70). Em *De uita Populi Romani*, afirma:

ibi a muliere, quae optuma uoce esset, perquam laudari; dein neniam cantari solitam ad tibias et fides eorum qui ludis tricas curitassent. haec mulier uocitata olim praeefica (...) (frg. 110 Rip).

A *praeefica* parece, assim, ter desempenhado as suas funções em dois momentos: antes do cortejo, à frente da casa do defunto, fazia o elogio deste e durante a *pompa* entoava a nénia⁵¹⁴. DESCHAMPS (1995: 175-176) entende que, no primeiro momento, a *praeefica* cantava sozinha, enquanto durante o cortejo os outros

⁵¹² Cf. a descrição do *archimimus* que, no funeral de Vespasiano, pôs a ridículo a conhecida avareza do imperador: *Sed et in funere Fauor archimimus personam eius ferens imitansque, ut est mos, facta ac dicta uiui, interrogatis palam procuratoribus, quanti funus et pompa constaret, ut audiit, sestertio centiens, exclamauit, centum sibi sestertia darent, ac se uel in Tiberim proicerent.* (Suet. Ves. 19).

⁵¹³ Cf. a descrição de Propércio, que, recomendando a Cíntia a preparação do seu funeral, renuncia ao aparato das cerimónias e das pompas fúnebres: *quandocumque igitur nostros mors claudet ocellos, / accipe quae serues funeris acta mei. / nec mea tunc longa spatietur imagine pompa, / nec tuba sit fati uana querela mei; / nec mihi tunc fulcro sternatur lectus eburno, / nec sit in Attalico mors mea nixa toro. / desit odoriferis ordo mihi lancibus, adsint / plebei paruae funeris exsequiae.* (Prop. 2.13b.1-8). Cf. também a descrição satírica de Séneca do funeral de Cláudio e a impressão causada por este no deus Mercúrio, enquanto acompanhava o morto para o Hades: *dum descendunt per uiam Sacram interrogat Mercurius quid sibi uelit ille concursus hominum, num Claudii funus esset. Et erat omnium formosissimum et impensa cura, plane ut scires deum efferri: tubicinum, cornicinum, omnis generis aenatorum tanta turba, tantus conuentus, ut etiam Claudius audire posset.* (Sen. Apoc. 12.1-2). TOYNBEE (1971: 47) considera que a presença dos músicos e das *praeeficae* era um costume herdado dos Etruscos.

⁵¹⁴ Cf. DUTSCH (2008: 261).

repetiam ou respondiam ao que ela cantava ou dizia⁵¹⁵. Sérvio define a *praefica* como a *princeps planctuum* (A. 6.216). DUTSCH (2008: 259-260) sugere que o facto de as carpideiras e os músicos parecerem ir à frente do esquife onde se transportava o defunto pode indicar que a música e o som dos lamentos tinham a finalidade de seduzir o espírito do defunto para a sua nova morada⁵¹⁶.

O cadáver poderia ser exposto nos *rostra* no foro, se se tratasse de um indivíduo com um papel político ou social assinalável. Aí, um familiar ou um amigo muito próximo pronunciava a *laudatio funebris*, o elogio do defunto, realçando as suas qualidades e pondo em relevo as acções deste em prol da *Respublica*⁵¹⁷. Alguns textos, como a *laudatio Turiae* (ILS 8393) ou a *laudatio Murdiae* (ILS 8394), parecem indicar que esta não era uma prática reservada aos homens, pois também para as mulheres, pelo menos para algumas, se podia elaborar uma *laudatio* que devemos provavelmente situar num contexto mais privado⁵¹⁸.

O estatuto social do morto reflectia-se também na importância dos que transportavam o féretro. É por esta razão que Plínio enumera Quinto Metelo

⁵¹⁵ Apesar de a maioria das referências às *neniae* como *carmen* (por exemplo: Quint. *Inst.* 8.2.8) parecerem indicar que estas eram cantadas, Plauto utiliza a expressão *naeniam dicere* (*Truc.* 213).

⁵¹⁶ Comenta a autora: «It is tempting to conjecture that the role of the ritual performers (...) might have been to lure the spirits of the newly deceased by song and music, enticing them to abandon the company of the living and cross over to the realm of the dead.»

⁵¹⁷ Plutarco afirma que este costume foi iniciado em Roma por Valério Públicola, que pronunciou uma *laudatio funebris* nas exéquias de Bruto, seu colega cônsul. Este acto foi tão bem recebido que se tornou costume nos funerais dos cidadãos ilustres (Plut. *Publ.* 9.10-11).

⁵¹⁸ Veja-se a paráfrase de Cornélio Nepos de algumas das ideias que Ático terá desenvolvido no funeral da mãe, Cecília, provavelmente na *laudatio*: *De pietate autem Attici quid plura commemorem? cum hoc ipsum uere gloriantem audierim in funere matris suae, quam extulit annorum nonaginta, cum ipse <esset> septem et sexaginta, se numquam cum matre in gratiam redisse, numquam cum sorore fuisse in simultate, quam prope aequalem habebat. quod est signum aut nullam umquam inter eos querimoniam intercessisse (...).* (Nep. *Att.* 17); Cf., sobre as *laudationes* de mulheres, FLOWER (1996: 132).

entre os indivíduos distinguidos por grandes honras, uma vez que o seu cadáver foi transportado pelos quatro filhos, um dos quais era pretor, outro já tinha sido censor, três tinham sido cônsules e dois tinham celebrado triunfos⁵¹⁹. Também Suetónio identifica o estatuto dos que transportaram os cadáveres de César e Augusto: o de César foi-o por *magistratus et honoribus functi* (Iul. 84), o de Augusto *senatorum umeris delatum* (Aug. 100). A maioria dos cortejos fúnebres, porém, dirigir-se-ia directamente para o local onde o cadáver era sepultado e onde um membro da família pronunciava o lamento fúnebre, provavelmente mais centrado na perda para a família do que no papel político desta⁵²⁰, ao contrário do que acontecia nos funerais dos notáveis e nas *laudationes* destes, que eram pronunciadas no foro, perante os que acompanhavam o funeral e os que envergavam as *images*, e que, muitas vezes, tinham objectivos políticos e eram guardados pelas famílias para memória futura⁵²¹.

Os participantes do cortejo usavam *lugubria*, isto é, trajes de luto, pretos ou escuros. Os homens envergavam a *toga pulla* ou *sordida*, o traje próprio para os funerais⁵²². As mulheres, de acordo com Varrão, envergavam entre o dia em

⁵¹⁹ *a quattuor filiis inlatus rogo, uno praetori<o>, tribus consularibus, duobus triumphalibus, uno censorio, quae singula quoque paucis contigere.* (Nat. 7.142). Valério Máximo, sob a epígrafe *De felicitate*, considera também Metelo um afortunado, por ter falecido no meio da sua família e ter sido transportado à sepultura pelos filhos e genros: *namque Metellum ultimae senectutis spatio defunctum lenique genere mortis inter oscula complexusque carissimorum pignorum extinctum filii et generi humeris suis per urbem latum rogo inposuerunt.* (V. Max. 7.1.22). Os escravos que pelo testamento do defunto se tornariam libertos podiam também transportar o cadáver.

⁵²⁰ Cf. FLOWER (1996: 131).

⁵²¹ FLOWER (1996: 132) considera que as *images* só se tornavam verdadeiramente compreensíveis quando a *laudatio* as identificava: «The *images* were closely associated with the structure of the *laudatio*, since their parade only really made sense when elucidated by a funeral speech which included the careers of the ancestors.»

⁵²² Cf. STONE (2001: 15). Usar a *toga pulla* noutra ocasião era considerado um acto de muito mau gosto ou uma provocação. Cf. Cic. *Vat.* 30-32 e HESKEL (2001: 141-143).

que ocorrera a morte e o dia do cortejo um manto curto chamado *ricinium* que lhes cobria a cabeça e que, nesta ocasião, substituía as vestes mais vistosas⁵²³. No dia do cortejo fúnebre, porém, Varrão prescreve que as mulheres usem uma *palla pulla* ou um *amiculum nigellum* ou *anthracinum*:

ut dum supra terram esset, riciniis lugerent, funere ipso, ut pullis pallis amictae. (Vita PR. frg 105 Rip)

propinquae adolescentulae etiam anthracinis, proxumae amiculo nigello, capillo demisso sequerentur luctum. (Vita PR. frg 106 Rip)

A insistência nas cores escuras é, para DESCHAMPS (1995: 173), uma forma de demonstrar a marginalização dos enlutados, como se, por assimilação com o defunto, eles sofressem uma morte simbólica. Segundo Plutarco, era costume os filhos do defunto terem a cabeça coberta, enquanto as filhas, pelo contrário, a teriam descoberta, com os cabelos soltos e em desalinho. Para este hábito, Plutarco avança uma série de explicações, de entre as quais se salienta a primeira: os filhos cobriam a cabeça, porque deviam venerar o pai como se este fosse um deus, as filhas porque faziam o luto pelo pai⁵²⁴. Esta observação de Plutarco vai ao encontro da atribuição do luto às mulheres, que tinham, nas cerimónias fúnebres, o papel mais activo, mas demonstra também, de acordo com LIZZI (1995: 54-55), a consideração do luto como um período em que os costumes se invertem, como num mundo “às avessas”.

⁵²³ *ex quo mulieres in aduersis rebus ac luctibus, cum omnem uestitum delicatiorem ac luxuriosum postea institutum ponunt, ricinia sumunt.* (Vita PR. frg. 49Rip); *ut dum supra terram esset, riciniis lugerent* (Vita PR. frg. 105Rip). O *ricinium* parece ter sido uma peça de vestuário muito antiga, utilizada apenas em contextos rituais. Em L. 5.32, o mesmo Varrão afirma: *antiquissimi amictui ricinium*. Cf. DESCHAMPS (1995: 172-173).

⁵²⁴ *Quaest. Rom. 267.A: Διὰ τί τοὺς γονεῖς ἐκκομίζουσιν οἱ μὲν υἱοὶ συγκεκαλυμμέναις, αἱ δὲ θυγατέρες γυμναῖς ταῖς κεφαλαῖς καὶ ταῖς κόμαις λελυμέναις;’ πότερον, ὅτι τιμᾶσθαι μὲν ὑπὸ τῶν ἀρρένων δεῖ τοὺς πατέρας ὥς θεοὺς πενθεῖσθαι δ’ ὑπὸ τῶν θυγατέρων ὥς τεθνηκότας, ἐκατέρῳ τὸ οἰκεῖον ὁ νόμος ἀποδούς ἐξ ἀμφοτέρων ἐποίησε τὸ ἀρμόττον.*

Era costume que os enlutados cobrissem os cabelos com cinza ou com pó, de modo a apresentarem-se desfigurados⁵²⁵. A negligência do aspecto físico era uma forma de afastamento da vida social e, nesta perspectiva, funcionava como a representação do que acontecia com o defunto. As mulheres acompanhavam o defunto gritando, chorando, dilacerando a face e batendo no peito. TREGGIARI (1993: 489-490) é, porém, da opinião de que estes gestos de automutilação aconteceriam apenas em alguns círculos sociais, mas CORBEILL (2004: 82-84) considera que eles seriam a norma. A presença constante destes gestos na literatura parece indicar, de facto, que eles constituíam uma prática comum. Parece ter havido, contudo, uma distinção relativamente à participação de homens e mulheres neste tipo de demonstrações, consideradas pouco apropriadas à *grauitas* masculina⁵²⁶. A expressão de emoções extremas estava associada ao sexo feminino, enquanto a participação dos homens consistia principalmente na procissão de *images* e na *laudatio funebris*.

CORBEILL (2004: 77) distingue dois tipos de gestos que os participantes, homens e mulheres, podiam efectuar: «static and self-directed postures that both men and women exhibit, and vividly expressive displays that tend to be restricted to women.» Entre os primeiros, identifica gestos como levantar a mão até ao queixo ou à face em jeito de contemplação ou rodear os joelhos com as mãos como em posição fetal. Os segundos, todavia, são gestos que exprimem a dor de forma mais violenta: golpear o peito, frequentemente descoberto, às vezes até o fazer sangrar, dilacerar a face com as unhas ou arrancar os cabelos que, normalmente, são usados soltos e sem adornos.

Estes actos de mutilação têm sido interpretados de forma divergente. As restrições que remontam à Lei das XII Tábuas regulamentavam os excessos nas

⁵²⁵ Durante o período de luto, os homens deixariam também a barba crescer (Sen. *Dial.* 11.17.5; Suet. *Cal.* 24.2).

⁵²⁶ Cf. CORBEILL (2004: 69).

demonstrações, proibindo que as mulheres dilacerassem as faces e entoassem o lamento fúnebre⁵²⁷. O recurso a carpideiras profissionais pode ter constituído uma forma de manter o excesso dentro de limites, profissionalizando-o e fazendo com que estas assumissem a degradação física e social que os gestos implicavam. Apesar destas restrições, porém, e dos conselhos de moderação que perpassam a literatura, o facto de eles se tornarem necessários implica que a demonstração da dor existia. É esta a opinião de HOPKINS (1983: 219): «(...) Roman culture allowed, gave opportunities for, and at funerals even encouraged, the public expression of grief.»⁵²⁸

CORBEILL (2004: 67ss.) considera os gestos de luto atribuídos às mulheres como uma representação do papel destas na sociedade: presentes no momento do nascimento e no da morte, as mulheres controlam a entrada e a saída do indivíduo da comunidade. Afirma o autor: «The gestures of mourning women in ancient Rome – their blood, milk, and tears – celebrate the rejuvenating and life-giving powers of the female body.» A mãe de luto está, assim, mais próxima

⁵²⁷ *Mulieres genas ne radunto neue lessum funeris ergo habento. (tab. 10).* A palavra *lessum* era incompreensível já no tempo de Cícero que reproduz, na sequência da citação da lei, as explicações de alguns *ueteres interpretes*: *Hoc ueteres interpretes, Sex. Aelius, L. Acilius, non satis se intellegere dixerunt, sed suspicari uestimenti aliquod genus funebris, L. Aelius 'lessum' quasi lugubrem eiulationem, ut uox ipsa significat. Quod eo magis iudico uerum esse quia lex Solonis id ipsum uetat. (Leg. 2.59.10).* Na Grécia, as restrições à participação das mulheres nos funerais eram também antigas. Cf. Plut. *Sol.* 21, Cic. *Leg.* 2.64 e HOLST-WARHAFT (1992: 127ss.), STEARS (1998:112), FOLEY (1993: 103) e SUTER (2003).

⁵²⁸ A expressão do luto pode ser, segundo GUNNELLA (1995: 21), condicionada por factores e expectativas sociais. Num estudo sobre as inscrições funerárias que descrevem mortes repentinas e violentas, a autora, defendendo que as classes médias e baixas, de que a recolha de epitáfios analisados provém, exprimem a dor provocada por estas mortes de forma mais livre, afirma: «Mentre I ceti elevate adottavano stili di vita e forme di comportamento improntate ad un severo controllo di sé e della propria immagine pubblica, limitando l'esibizione del dolore al compianto funebre, esternato in forme ritualizzate, diverso era l'atteggiamento dei ceti più umili, meno condizionati dal punto di vista culturale, che potevano arrivare ad esprimere il lutto attraverso forme caratterizzate da una maggiore immediatezza.»

desta imagem do que qualquer outra mulher. Ao golpear os seios e o ventre, símbolo da sua própria maternidade, a mãe mutila as partes do seu corpo que deram origem à vida do filho.

Já nas proximidades da sepultura, procedia-se então à inumação ou à cremação do defunto, não sem antes o chamar pelo nome uma última vez⁵²⁹. Se o cadáver era cremado, um familiar incendiava a pira para onde se lançavam, além de flores e perfumes, objectos pertencentes ao morto. Quando o fogo se apagava, recolhiam-se as cinzas e os ossos, que eram lavados por um familiar próximo e guardados numa *urna* que era depositada no sepulcro. O contacto dos restos mortais era garantido ou pela recolha do *os resectum* – um osso previamente cortado do cadáver, normalmente um dedo, que era depois enterrado, ou pela *iniectio glebae*, que consistia em lançar sobre as cinzas um punhado de terra⁵³⁰. Os que tinham participado no funeral tinham de ser purificados *aqua et igni*, num ritual designado *suffitio*, que consistia em aspergir os presentes com um ramo de loureiro embebido em água e em passar pelo fogo. De acordo com Sêrvio, só quando se pronunciava a palavra *ilicet* os presentes podiam afastar-se⁵³¹.

No dia seguinte ao funeral, os parentes e amigos reuniam-se para uma refeição ritual (*silicernium*) e o mesmo acontecia nove dias depois (*cena*

⁵²⁹ Plínio refere que neste momento se abriam novamente os olhos ao cadáver: *morientibus illos operire rursusque in rogo patefacere Quiritium magno ritu sacrum est, ita more condito, ut neque ab homine supremum eos spectari fas sit et caelo non ostendi nefas*. (Nat. 11.150).

⁵³⁰ De acordo com Varrão, a família permaneceria *funesta* se estes rituais não se efectuassem: *qui Romanus combustus est, <si> in sepulc[h]rum eius abiecta gleba non est aut si os exceptum est mortui ad familiam purgandam, donec in purgando humo est opertum (ut pontifices dicunt, quod inhumatus sit), familia funesta manet*. (Var. L. 5.23) Cf. DESCHAMPS (1995: 178). Só este contacto com a terra fazia da sepultura um *locus religiosus*: *Nam priusquam in os<sa> iniecta gleba est, locus ille ubi crematum est corpus, nihil habet religionis*. (Cic. Leg. 2.57). Cf. DUCOS (1995) e ESTIEZ (1995).

⁵³¹ (...) *quamdiu consumpto cadauere et collectis cineribus diceretur nouissimum uerbum 'ilicet', quod ire licet significat*. (Serv. A. 6.216).

nouendialis)⁵³². As *feriae denicales* eram o período durante o qual a família se mantinha *funesta* e se abstinha das suas obrigações públicas. Mesmo depois do período convencional de luto, que durava cerca de dez meses, os familiares reuniam-se, em dias assinalados, junto das sepulturas dos falecidos, onde realizavam refeições que partilhavam com o defunto, através de orifícios e condutas instalados, com essa finalidade, nos túmulos. Em festivais como os *Parentalia* ou os *Lemuria*, efectuavam-se rituais em que se levavam oferendas aos sepulcros dos familiares ou que tinham como objectivo a pacificação das almas dos mortos⁵³³.

Parece ter-se assistido, desde o século II a. C., a uma tendência para construir túmulos, individuais ou familiares, ao longo das vias que davam acesso à cidade. Estes túmulos, fruto da competição social, eram uma forma de demonstrar o prestígio do defunto ou da sua família⁵³⁴. As restrições relativas à localização das sepulturas, que remontam, como dissemos, à lei das XII Tábuas, terão condicionado a sua localização. De acordo com Cícero, estas regulamentações tinham como objectivo evitar que as cremações pudessem dar origem a incêndios nas zonas circundantes⁵³⁵. Outros autores referem que, antes, os Romanos sepultavam os seus mortos dentro da cidade e, diz Sérvio,

⁵³² Sobre a dificuldade da cronologia destes eventos, cf. LINDSAY (2000: 166-167). No *silicernium*, o herdeiro sacrificava uma *porca praesentanea*, assim designada porque o sacrifício acontecia na presença do defunto.

⁵³³ Cf. TOYNBEE (1971: 61-64).

⁵³⁴ PATTERSON (2000: 98) afirma sobre a localização dos túmulos da Via Ápia: «This clustering around the Appia meant that the tombs of these aristocratic families, although in theory removed from the city, in fact combined with the temples and other monuments constructed by these families to create a competitive arena as significant in its own way as areas like the Forum or the Campus Martius at the very centre of the city.»

⁵³⁵ *Credo uel propter ignis periculum* (Leg. 2.58).

até dentro das casas⁵³⁶. O afastamento das necrópoles parece ter sido motivado mais por razões pragmáticas relacionadas com a salubridade do espaço urbano do que com questões religiosas que, ainda assim, não eram estranhas à forma como os Romanos lidavam com os mortos.

As sepulturas mais elaboradas não devem ter sido a norma. Pelo contrário, a grande massa da população urbana teria tido grande dificuldade em assegurar um enterro condigno. É desta realidade que nascem os *collegia*, associações funerárias que, mediante o pagamento de uma cota, se encarregavam do funeral e da sepultura dos seus sócios. Também as sepulturas colectivas parecem ter sido uma forma de lidar com os cadáveres. Nos *columbaria*, as grandes famílias providenciavam um túmulo para os seus escravos e libertos.

Os outros, os *egeni*, os que nada podiam pagar, eram levados pelos *uespillones* em *sandapilae*⁵³⁷ e sepultados em *puticuli*⁵³⁸, como os cerca de setenta que R. Lanciani escavou em finais do século XIX no Esquilino. Estas valas comuns, com cerca de quatro a cinco metros de largura e dez de profundidade, serviam como depósito indiferenciado de cadáveres, lixo e carcaças de animais e ficavam abertos até estarem completos⁵³⁹. No principado de Augusto,

⁵³⁶ D. H. *Ant. Rom.* 3.1; Serv. A. 11.206, 5.64, 6.152. Cícero, todavia, afirma que só alguns indivíduos, de mérito reconhecido, foram sepultados dentro da cidade.

⁵³⁷ O cadáver de Domiciano foi transportado numa *sandapila* por *uespillones*, certamente como uma forma de humilhação do *princeps* assassinado: *cadauer eius populari sandapila per uispillones exportatum*. (Suet. *Dom.* 19).

⁵³⁸ Varrão explica desta forma a palavra: *extra oppida a puteis puticuli, quod ibi in puteis obruebantur homines, nisi potius, ut Aelius scribit, puticulae, quod putescabant ibi cadauera proiecta, qui locus publicus ultra Exquilias*. (L. 5.25.5).

⁵³⁹ LANCIANI (1898¹²: 64ss.), KYLE (1998:164). A descrição da escavação e dos cheiros libertados pelos detritos, mesmo depois de soterrados há quase dois mil anos, é surpreendente e mostra bem a diferença de tratamento concedido aos cadáveres pelas classes desfavorecidas da população. SCOBIE (1986: 418) afirma: «Before the pestilential Esquiline cemetery became the gardens of Maecenas, dogs must have been a common sight there fossicking among the many

Mecenas soterrou as valas, provavelmente não as que Lanciani descobriu, mas outras semelhantes, e plantou por cima os *Horti Maecenatis*, substituição que Horácio muito aplaude, sublinhando-lhe os benefícios para a saúde pública⁵⁴⁰. As inscrições que têm sido descobertas proibindo que os cadáveres fossem abandonados dentro da cidade demonstram que isso acontecia e o facto de ser necessária uma proibição indica que não seria um acto excepcional⁵⁴¹, o que, provavelmente, terá levado a uma alteração na forma de lidar com os cadáveres dos indigentes. BODEL (1986: 83) e (2000: 133) defende que o fim das fossas do Esquilino terá marcado o fim da prática de os sepultar em valas comuns, substituída pela cremação, mas KYLE (1998: 169-170) alega que os crematórios públicos implicariam custos demasiado altos e que as valas comuns teriam continuado a existir. De uma forma ou outra, a preocupação em sepultar os corpos dos que não tinham recursos deve ter sido uma medida para garantir a salubridade da vida urbana.

shallow or open mass-burial pits from which fragments of corpses could be conveyed to various parts of the city.» O risco de encontrar partes de cadáveres na cidade parece não ter sido raro: Nero, por exemplo, foi detido na fuga quando o cavalo se distraiu com um cadáver abandonado na estrada (Suet. *Nero* 48) e foi interpretado como um sinal da futura grandeza de Vespasiano o facto de um cão vadio ter deposto a mão de um cadáver por baixo da mesa onde o *Princeps* tomava a sua refeição (Suet. *Ves.* 15). Cf. também BODEL (2000: 131-133).

⁵⁴⁰ *nunc licet Esquiliis habitare salubribus atque / aggere in aprico spatium, quo modo tristes / albis informem spectabant ossibus agrum (...)* (S. 1.8.14-16). BODEL (2000: 132) afirma: «There can be little doubt that when Maecenas buried the pauper's graveyard outside the Esquiline gate at Rome under thirty feet of virgin soil he abated a significant public nuisance.» Sobre a questão da identificação das valas soterradas por Mecenas com as que foram descobertas por Lanciani, cf. BODEL (2000: 131)

⁵⁴¹ *CIL* 6.31615; *CIL* 1².401. A mesma proibição em *Dig.* 43.10.1.5: (*Papinianus lib. de cura urb.*): *Μὴ ἐάτωσαν δὲ μηδὲ μάχεσθαι ἐν ταῖς ὁδοῖς μηδὲ κόπρον ἐκβάλλειν μηδὲ νεκρὰ μηδὲ δέρματα ῥίπτειν.*

O *funus acerbum*: as cerimónias, as sepulturas das crianças e o luto pela morte destas

Os indivíduos falecidos ou nos primeiros anos de vida ou antes do que se considerava uma idade natural para morrer parecem ter formado uma categoria específica que na literatura aparece associada a expressões como *mors immatura*, *funus acerbum* ou, em grego, *ahoroi*. Tópicos relacionados com a idade do defunto ou o que este podia ter vivido e não viveu são frequentes e constituem um acervo importante sobre a atitude da sociedade romana em relação a este tipo de mortes. MARTIN-KILCHER (2000) conclui, do seu estudo das sepulturas de raparigas falecidas em idade muito jovem, que as ofertas votivas e os objectos descobertos nessas sepulturas (bonecas, *crepundia*, rocas e fusos, espelhos e jóias) põem em relevo o casamento que não chegaram a contrair, acentuam o estatuto que lhes estava reservado e que a morte as impediu de atingir. Assim, a esperança num futuro que se gorou é um tema frequente no lamento pelos mais novos, tanto nas inscrições funerárias como na literatura. A percepção deste tipo de mortes levanta, assim, uma série de questões que estão ausentes da reflexão sobre as mortes consideradas normais ou esperadas.

Ao contrário do que acontecia, como vimos, com os membros mais importantes da sociedade, é provável que a parte mais pública dos rituais fúnebres de uma criança ou de um adolescente se omitisse ou se reduzisse, de modo a abranger apenas os familiares mais próximos. Os funerais deviam realizar-se com celeridade e numa relativa privacidade. No início, parece que todos os funerais se realizavam durante a noite, o que explicaria a imagem dos archotes tantas vezes associada à morte⁵⁴². Em tempos históricos, porém, só os funerais das crianças, bem como o dos pobres, o *funus plebeium* ou *funus tacitum*,

⁵⁴² TOYNBEE (1971: 46). Contra: LINDSAY (2000: 155): «it seems unlikely that the original funeral ceremony was ever held at night.»

se realizariam durante a noite, pelo que eram encabeçados por velas e archotes. BOYANCÉ (1952) defende que, pelo menos nos tempos de Sêneca, os cortejos fúnebres dos que morriam prematuramente eram precedidos por archotes e círios e constituíam um ritual específico para os que morriam antes do tempo, os *ahoroi*. Sêneca associa mais do que uma vez a utilização de archotes aos cortejos fúnebres desta categoria de defuntos. No *De Breuitate uitae*, critica os que se deixam impressionar demasiado pelas coisas vãs da vida, sem se prepararem para a morte, e os que, pelo contrário, desperdiçam a vida, fazendo preparativos grandiosos para o derradeiro momento. Os funerais destes deviam ser antecidos por archotes e círios, “como se tivessem vivido muito pouco”:

At mehercules istorum funera, tamquam minimum uixerint, ad faces et cereos ducenda sunt. (Dial. 10.20.5)

O filósofo afirma algo semelhante no *De Tranquillitate animi*:

totiens praeter limen immaturas exequias fax cereusque praecessit. (Dial. 9.11.7)

Quando, nas *Cartas a Lucílio*, censura os que levam uma vida devassa e desregrada, dormindo durante o dia e saindo durante a noite, contrariando assim as leis da natureza, Sêneca compara estes indivíduos aos defuntos, uma vez que o tipo de vida que levam mais se assemelha a uma morte, especialmente a uma morte prematura, já que “vivem à luz de velas e archotes”:

Isti uero mihi defunctorum loco sunt; quantulum enim a funere absunt et quidem acerbo qui ad faces et cereos uiuunt? (Ep. 122.10)

Na tragédia *Hercules Furens*, justifica este costume como uma forma de dissipar as trevas da noite e de, assim, tranquilizar a criança morta:

*tanta per campos agitur silentes
turba; pars tarda graditur senecta
tristis et longa satiata uita;
pars adhuc currit melioris aevi:
uirgines nondum thalamis iugatae
et comis nondum positis ephebi
matris et nomen modo doctus infans.
his datum solis, minus ut timerent,
igne praelato releuare noctem;*

ceteri uadunt per opaca tristes. (Herc. Fur. 848-857).

Só aos *ephebi*, às *uirgines nondum thalamis iugatae* e ao *infans* que há pouco aprendeu o nome da mãe é concedido o benefício de avançarem *igne praelato*. Todos os outros se movimentam pela escuridão. Esta distinção deixa perceber uma atenção especial para com aqueles que viram a sua vida inesperadamente truncada. Vergílio refere também os *infantes*, na viagem de Eneias aos Infernos:

*infantumque animae flentes in limine primo,
quos dulcis uitae exsortes et ab ubere raptos
abstulit atra dies et funere mersit acerbo. (A. 6.426-429)*⁵⁴³

A última oração, que Vergílio utiliza novamente na descrição da morte de Palante⁵⁴⁴, repete-se, como um eco, em inúmeros epitáfios que, deste modo, se associam à tradição literária dos mortos prematuramente⁵⁴⁵. AUSTIN (*ad* 6.429) afirma que foi Vergílio quem introduziu na épica a expressão *funus acerbum*, até então utilizada apenas na comédia⁵⁴⁶, mas a utilização desta expressão nos epitáfios mostra, além da popularidade da *Eneida*, como o verso se tornou uma fórmula facilmente adaptável à vida real.

Sérvio explica também o costume de fazer encabeçar os cortejos fúnebres por archotes e velas e afirma que os archotes eram uma forma de afastar a poluição da casa e da família:

sed apud Romanos moris fuit ut noctis tempore efferrentur ad funalia – unde etiam funus dictum est – quia in religiosa ciuitate cauebant, ne aut

⁵⁴³ Já antes referira os mortos antes do tempo: *pueri innuptaeque puellae, / impositique rogis iuuenes ante ora parentum* (A. 6.307-308).

⁵⁴⁴ É Eneias quem diz: *quem non uirtutis egentem / abstulit atra dies et funere mersit acerbo*. (A. 11.27-27).

⁵⁴⁵ Cf. lista completa em ZARKER (1961: 115). Citamos apenas dois exemplos: (...) *quem non uirtutis egentem / abstulit a luce atra dies et funere mersit acerbo*. (CLE 813=CIL 10.4728); (...) *nam cui prima dies in lucem protulit annus / quattuor, et male cum quintum sumeret ortum, / abstulit atra dies et funere mersit acerbo*. (CLE 682).

⁵⁴⁶ Nomeadamente em Plauto: *multa Thebano poplo acerba obiecit funera* (Am. 190); *acerbum funus filiae faciet, si te carendum est* (As. 595).

magistratibus occurrerent aut sacerdotibus, quorum oculos nolebant alieno funere uiolari.(...) et magis moris Romani ut inpuberes noctu efferrentur ad faces, ne funere immaturae subolis domus funestaretur. quod praecipue accidebat in eorum qui in magistratu erant filiis. (Serv. A. 11.143)

A utilização dos archotes e dos círios era, de acordo com o autor, uma forma de, durante a noite, assinalar a presença do cortejo fúnebre, para que os magistrados e os sacerdotes, que deviam manter-se afastados da poluição que implicava o contacto com a morte, tivessem a possibilidade de o evitar. BOYANCÉ (1972: 79-80) considera que os archotes tinham uma finalidade apotropaica, isto é, serviam para afastar os maus espíritos⁵⁴⁷. SCHEID (1984), porém, é de opinião que estes criavam um espaço fúnebre que separava simbolicamente a família enlutada dos restantes membros da sociedade. RAWSON (2003: 362) considera, todavia, que já na época imperial as crianças seriam sepultadas durante o dia, alteração que teria coincidido com uma maior valorização da infância e com uma aceitação social mais evidente da expressão da dor dos pais.

Ainda que as cerimónias breves e discretas pareçam ter sido a prática mais comum, Cícero relata como estranha a urgência com que Opiânico sepultou o filho, que teria assassinado⁵⁴⁸. O rapaz, visto durante o dia de boa saúde, terá falecido antes do anoitecer e o pai tê-lo-á cremado e sepultado antes do nascer do sol: *ante noctem mortuus et postridie ante quam luceret combustus est* (Clu. 27). A mãe, indignada não apenas pela morte do filho, mas por lhe ter sido negada a presença nas exéquias, terá repetido as cerimónias fúnebres.

Tácito refere a forma apressada e modesta como Nero se encarregou do funeral de Britânico, que tinha há pouco completado os catorze anos, servindo-

⁵⁴⁷ LINDSAY (2000: 155) é da mesma opinião.

⁵⁴⁸ DIXON (1988: 113) considera, todavia, que, apesar de Cícero apresentar como suspeita a pressa de sepultar o rapaz, esta pode não ter sido inusitada.

se de um edicto sobre o costume, sancionado pela tradição, de sepultar com celeridade e simplicidade os que morriam cedo:

Nox eadem necem Britannici et rogum coniunxit⁵⁴⁹, prouiso ante funebri paratu, qui modicus fuit. In campo tamen Martis sepultus est adeo turbidis imbribus, ut uulgus iram deum portendi crediderit aduersus facinus (...) Festinationem exequiarum edicto Caesar defendit, ita maioribus institutum referens, subtrahere oculis acerba funera neque laudationibus aut pompa detinere. (Tac. Ann. 13.17.1;12)

Tácito, porém, parece insinuar que a pressa de Nero em sepultar o irmão se deveu mais à urgência de obliterar a memória de Britânico e de ocultar o crime de envenenamento de que teria sido vítima do que ao desejo de cumprir a tradição. Nem a chuva torrencial impediu o funeral. Anos mais tarde, o mesmo imperador, também de acordo com as afirmações de Tácito, assinalou com acções e títulos desproporcionados a morte da filha que morrera com apenas quatro meses: concedeu-lhe o título de *Diua* e instituiu o seu culto, com um templo e um sacerdote próprios. Como Tácito nota, o exagero nas demonstrações de júbilo que se tinha verificado no nascimento da criança⁵⁵⁰, a quem, por essa altura, foi concedido o título de *Augusta*, repetiu-se no momento de fazer luto:

quae fluxa fuere [i.e. as honras atribuídas à mãe e à criança e a instituição de cultos e jogos para assinalar o nascimento desta], quartum intra mensem defuncta infante. rursusque exortae adulationes censentium honorem diuae et puluinar aedemque et sacerdotem. atque ipse ut laetitiae, ita maeroris immodicus egit. (Tac. Ann. 15.23.11-14).

Parece-nos que a realização dos funerais, durante a noite ou mesmo durante o dia, mas de forma célere e singela, dos que morriam antes de atingirem a idade adulta poderia ter como propósito a protecção da própria comunidade, que, assim, se salvaguardava da ansiedade provocada pela

⁵⁴⁹ A mesma informação em Suetónio (*Nero* 33), que, ao contrário de Tácito, afirma que o funeral só aconteceu no dia a seguir à morte: (...) *postero die raptim inter maximos imbres tralaticio extulit funere.*

⁵⁵⁰ *natam sibi ex Poppaea filiam Nero ultra mortale gaudium accepit. (Tac. Ann. 15.23.1).*

frequência dessas mortes. De qualquer modo, a celeridade e a quase clandestinidade com que se realizavam as exéquias dos pobres e das crianças parecem associar os que nada tinham e os que nada eram na comunidade, como se a morte de uns e outros fosse um acontecimento do foro privado, sem relevância social. A reafirmação da identidade do morto e do seu lugar dentro da comunidade era uma das finalidades mais importantes das cerimónias fúnebres e, por este motivo, o estatuto social era um factor determinante na organização dos funerais.

O aproveitamento que, normalmente, as classes mais altas faziam dos funerais dos seus membros não teria muito sentido na morte das crianças, o que não impedia, no entanto, que houvesse quem explorasse o funeral destas como forma de ostentação e de promoção da família. Plínio-o-Moço parece insinuar que Régulo, pessoa por quem nutria sentimentos muito pouco cordiais, transformou o enterro do filho num acontecimento de ostentação e mau gosto, sacrificando junto da pira os numerosos animais de estimação de espécies diversas que o rapaz possuía:

Amissum tamen luget insane. Habebat puer mannulos multos et iunctos et solutos, habebat canes maiores minoresque, habebat luscinijs psittacos merulas: omnes Regulus circa rogum trucidavit. Nec dolor erat ille, sed ostentatio doloris. (Plin. Ep. 4.2.3-4)

Ainda que a norma pareça ter sido que os funerais das crianças se realizassem de forma discreta, a descrição do funeral do rapaz mostra como eles poderiam ser utilizados, à imagem do que acontecia com os dos adultos, para inscrever a memória do defunto – ou, o que, neste caso, é mais provável – da família na memória da sociedade. Esta irregularidade não será certamente alheia às alterações introduzidas pela legislação moral de Augusto e, especificamente, ao incentivo da geração de filhos. Também estes passam a ser um símbolo de estatuto social, pois demonstram, na falta de outros serviços públicos ou a acrescentar a estes, que o cidadão, pai ou mãe, contribuiu para o bem-estar da *Respublica*.

Como para os funerais dos adultos, parece ter havido prescrições específicas para os das crianças, tanto no que dizia respeito à cerimónia propriamente dita, como vimos, como quanto à forma de sepultar o cadáver. De acordo com Plínio-o-Velho, os cadáveres das crianças só deviam ser cremados se já lhes tivessem nascido os primeiros dentes, mas os vestígios arqueológicos demonstram que a inumação era a prática mais frequente mesmo para crianças mais velhas⁵⁵¹. A arqueologia que, como vimos antes, tem trazido à luz dados essenciais sobre as necrópoles e a regulamentação da morte, dá agora mais relevância aos vestígios relacionados com as crianças. Uma das conclusões mais importantes desta atenção é que a falta de representatividade das crianças, especialmente das crianças com menos de cinco anos, tanto no acervo epigráfico como nos campos arqueológicos, não implica, como alguns autores afirmam, que as crianças não fossem sepultadas de forma adequada⁵⁵². MORRIS (1992: 81) explica desta forma esta questão: «Before 725 [a. C.], the burial of dead children must have been a very casual matter. This is not to say that children's bodies were simply thrown away; their funerals constituted rites of passage into the next world, just as the funerals of Romans buried in the *puticuli* (...) would have done. It is just that they are much harder for the excavator to find because less care was taken over them.»

A escassez de vestígios arqueológicos não implica, assim, um tratamento negligente ou descuidado dos cadáveres das crianças, mas a ausência de

⁵⁵¹ *Hominem prius quam genito dente cremari mos gentium non est.* (Nat 7. 72). Juvenal fala do *infans* que não tem ainda idade para ser cremado na pira: *terra clauditur infans / et minor igne rogi.* (15.139-140). De facto, a inumação das crianças parece ter sido o ritual mais utilizado em sociedades nas quais se preferia a cremação para os adultos, como parece ter acontecido na Grécia e também na Hispânia, na Gália e na Bretanha pré-romanas. Também os Fenícios inumavam as crianças e cremavam os adultos. Cf. BENDALA GALÁN (1991: 87) e BAILLS-TALBI & DASEN (2008: 598-599).

⁵⁵² Cf., a título de exemplo, SALLARES (2004: 319): «Infants rarely received proper burial in Roman times.»

edificações duradouras, aliada à fragilidade e falta de condições para a preservação dos restos mortais, pode ter determinado uma menor representação no plano arqueológico⁵⁵³. A análise das informações facultadas pela arqueologia, que, todavia, têm vindo a aumentar, parece demonstrar uma unanimidade notória na tese de que as crianças tinham um tratamento diferenciado na morte, tanto no que dizia respeito às cerimónias fúnebres, quanto nos locais escolhidos para a sepultura destes defuntos⁵⁵⁴.

Alguns vestígios mostram que as crianças muito pequenas, ao contrário do que acontecia com o resto da população, podiam ser enterradas dentro da cidade, na proximidade das casas e mesmo na própria estrutura dos edifícios, por exemplo nas paredes ou debaixo do chão⁵⁵⁵. Nos últimos anos, têm sido encontradas, de facto, sepulturas de crianças dentro dos edifícios, tanto em habitações como em oficinas artesanais (cf. quadros 9 e 10). Esta prática, que NÉRAUDAU (1987: 196) afirma ter caído em desuso depois da Lei das XII Tábuas, aparece documentada, no entanto, em épocas posteriores, o que pode levar-nos a duvidar de que alguma vez tenha efectivamente desaparecido⁵⁵⁶. Este costume parece ser, na verdade, bastante antigo e aparece já no Egipto e na Grécia, a partir dos séculos IX ou VIII a. C.⁵⁵⁷, data a que devem remontar também os

⁵⁵³ Cf. *supra*, p. 187.

⁵⁵⁴ Cf. MARTIN-KILCHER (2000), LAUBENHEIMER (2004), BAILLS-TALBI & DASEN (2008).

⁵⁵⁵ De acordo com LAUBENHEIMER (2004: 296-297), é preciso distinguir, apesar de nem sempre ser possível, esta prática do chamado “sacrifício fundacional”. Cf., para um exemplo na Hispânia do séc. I d. C., GISBERT SANTONJA & SENTI RIBES (1989).

⁵⁵⁶ DUNAND (2004: 16) supõe a mesma prática para os recém-nascidos mortos no Egipto nas épocas faraónica e romana: «(...) les inhumations des nouveau-nés posent des problèmes spécifiques. Il semble bien (...) qu’ils aient pu être inhumés près des maisons, voire à l’intérieur de celles-ci, après avoir été placés dans des pots en terre cuite.»

⁵⁵⁷ KURTZ & BOARDMAN (1971: 55, 188). De acordo com BERGER (1995: 319-328), este costume aparece atestado desde o Neolítico até à época romana.

indícios arqueológicos encontrados no foro romano⁵⁵⁸. Trata-se de uma prática generalizada, que aparece documentada desde tempos muito remotos e que, de acordo com BAILLS-TALBI & DASEN (2008: 598-600), não é específica dos Romanos mas foi praticada por outras civilizações, como a fenícia, e pelas populações proto-históricas da Europa. O facto de as crianças serem inumadas perto das habitações contraria as restrições à localização das sepulturas, pelo menos, as dos adultos.

Fulgêncio parece referir-se a este costume, quando designa como *suggrundaria* os túmulos das crianças com menos de quarenta dias⁵⁵⁹:

[Quid sint suggrundaria.] Priori tempore suggrundaria antiqui dicebant sepulcra infantium qui necdum quadraginta dies impleissent, quia nec busta dici poterant, quia ossa quae conburerentur non erant, nec tanta inmanitas cadaueris quae locum tumisceret; unde et Rutilius Geminus⁵⁶⁰ in Astianactis tragoedia ait: 'Melius suggrundarium miser quereris quam sepulcrum'. (Fulg. serm. ant. 7)

Os vestígios arqueológicos, porém, mostram que a prática não se limitava à sepultura de crianças tão pequenas. GJERSTAD (1953: 152, n. 3) salienta a falta de credibilidade de Fulgêncio que, incapaz de explicar por que razão algumas

⁵⁵⁸ Cf. BAYET (1969: 23-24, 29), GJERSTAD (1953: 152-154). De acordo com COARELLI (2006: 111-112), depois do século IX e até ao séc. VII a. C. só crianças com menos de seis anos foram sepultadas nesta área, uma vez que, tendo-se as habitações expandido até àquele ponto, os adultos seriam sepultados longe da zona habitada. Na Península Ibérica, especialmente na zona nordeste, entre o vale do Ebro e a costa de Valença, mas também no Sul, este tipo de sepultura é muito frequente a partir do século V e até à época romana. Cf. LAUBENHEIMER (2004: 304). De acordo com GAIO (2004: 66), este costume aparece também na Itália Setentrional, especialmente em contexto rural, mas é mais comum a partir da Antiguidade Tardia.

⁵⁵⁹ Os quarenta primeiros dias parecem ter constituído uma fase distinta na vida da criança. Plínio afirma que o riso só se manifesta depois do quadragésimo dia: *At Hercule risus praecox ille et celerrimus ante XL diem nulli datur.* (Nat. 7.1.3)

⁵⁶⁰ A identidade deste autor é duvidosa. Segundo WHITBREAD (1971: 163) poderá tratar-se de Públio Rútílio Rufo, orador conhecido por Cícero, ou do poeta Rútílio Namaciano, que terá vivido no início do século V d. C.. GJERSTAD (1953: 152, n.3) considera, porém, esta referência uma invenção de Fulgêncio.

formas de túmulos de crianças eram designadas *suggrundaria*, inventa uma explicação e uma citação fictícia para a consolidar⁵⁶¹. A palavra *suggrundaria*, provavelmente relacionada com *suggrunda*, “beiras” (OLD, s. u.), seria a designação de sepulturas infantis localizadas debaixo dos beirados das habitações ou, pelo menos, nas suas proximidades.

O facto de não se cremarem os cadáveres das crianças e de se poderem sepultar dentro da zona habitada parece demonstrar que não eram considerados impuros ou que, de alguma maneira, não tinham transitado da natureza para a comunidade⁵⁶², como se não tivessem chegado a fazer parte do mundo dos vivos. Pode justificar esta ideia a prática frequente e que se estende desde tempos muito antigos até aos últimos séculos do império, de se sepultarem as crianças dentro de recipientes de cerâmica (*hydriae*, *pythoi*, ânforas ou outros⁵⁶³), inteiros ou não, especialmente porque já os autores hipocráticos e Aristóteles comparavam o útero materno a um vaso com duas pegas virado ao contrário⁵⁶⁴. Esta condição liminal das crianças muito pequenas

⁵⁶¹ Escreve o autor: «It is thus obvious that Fulgentius was unable to explain why some infant burials were called *suggrundaria*, and in order to conceal his lack of evidence and evasive argumentation he produces a fictitious quotation from the imaginary tragedian Rutilius Geminus.» Mas adiante modera um pouco a sua posição, afirmando que, apesar da falta de credibilidade de Fulgêncio, *suggrundarium* deve designar um tipo indeterminado de sepultura infantil: «(...) we should not a priori distrust the statement that *suggrundarium* means an infant burial of some kind.»

⁵⁶² GARNSEY (1991: 53). KURTZ & BOARDMAN (1971: 188) propõem a mesma explicação para a prática que, na Grécia, aparece desde o Período Geométrico e continua na época clássica.

⁵⁶³ Esta prática, que os arqueólogos designam por *enchytrismos*, aparece já no terceiro milénio a. C., na Anatólia. BAILLS-TALBI & DASEN (2008: 598-599). Para uma imagem de uma criança sepultada dentro de uma ânfora (séc. II a IV d. C.), cf. PEÑA (2007: 168).

⁵⁶⁴ HA 583a16. Cf., para os autores hipocráticos, *supra* p. 37.

pode estar também na base do costume de sepultar crianças nos limites de uma propriedade⁵⁶⁵.

Os quadros em anexo sistematizam as informações de alguns autores e relatórios arqueológicos sobre os enterros das crianças, especialmente das crianças mortas com menos de um ano de idade. Os vestígios aparecem em três tipos de contexto: em necrópoles comunitárias (quadros 1 a 5), em espaços funerários reservados às crianças (quadros 6 e 7), e em edifícios com fins habitacionais (quadro 8) ou artesanais (quadro 9). A origem geográfica diversa das informações parece indiciar, apesar das variações, uma uniformidade relativa no tratamento funerário das crianças. A inumação, ainda que com algumas exceções, parece ter sido o ritual mais utilizado, mesmo em épocas em que a incineração era dominante, o que suporta as informações de Plínio.

Embora os quadros em anexo representem apenas uma parte restrita da população, o certo é que permitem uma avaliação mais ou menos abrangente das práticas funerárias associadas às crianças. Parece insinuar-se uma tendência para o agrupamento destas dentro das necrópoles comunitárias, o que, ainda assim, não representa uma característica preponderante ou uniforme. Por outro lado, a presença de cadáveres de recém-nascidos ou lactentes em espaços domésticos ou artesanais representa um fenómeno de inclusão curioso, especialmente numa sociedade que separa de forma clara o mundo dos vivos do dos mortos. Estes dados parecem indicar que a noção de poluição, tão actuante na mentalidade romana, se atenua quando se trata de crianças. Tendo em consideração o receio dos mortos antes do tempo, que rituais como os *Lemuria* pretendiam esconjurar, poderemos supor que o nível de animosidade

⁵⁶⁵ Documentada em SCOTT (1999: 115ss.). DYSON (1991: 144) refere também o costume de, nos territórios rurais da Itália, os cemitérios se localizarem nas proximidades dos limites das propriedades, de tal forma que Sículo Flaco, autor de data incerta, refere na sua obra, *De condicionibus agrorum* (104.3), que é frequente utilizar pedras tumulares para delimitar terrenos e propriedades: *Inspiciendum erit et illud, quoniam sepulcra in extremis finibus facere soliti sunt et cippi ponere, ne aliquando cippi pro terminis errorem faciant.*

dos *lemures* dependia, entre outros factores, da idade na morte? BAILLS-TALBI & DASEN (2008: 610), depois de analisarem as práticas funerárias relacionadas com a sepultura de crianças muito pequenas, concluem que esta categoria de defuntos não suscita o receio de poluição que caracteriza a convivência dos Romanos com a morte. Pelo contrário, eles permanecem no espaço doméstico, feminino, porque não representam um perigo para uma comunidade a que quase nem chegaram a pertencer.

Por este motivo, o luto pela morte de uma criança parece ter sido sentido de modo distinto. A frequência da morte dos filhos pode ter condicionado a forma como esta era vivida, o que não quer dizer, porém, que ela não fosse encarada com apreensão e tristeza. Autores como GOLDEN (1988) ou RAWSON (2003), insurgindo-se contra a tese de ARIÈS (1960), defendem que os pais não desvalorizavam a perda dos filhos, pelo menos dos desejados. A morte de uma criança era entendida como algo mais ou menos natural, para que era necessário estar psicologicamente preparado. BRADLEY (2005: 91-92) afirma: «Losing a child was something pressingly real, almost calculable, to be anticipated. Parents accordingly had to find ways of coping with this reality (...).» Numa época em que apenas cinquenta em cada cem crianças sobreviveriam aos primeiros dez anos de vida, a sociedade teria, necessariamente, de lidar de forma eficaz com esta realidade.

Os meios que constituem o processo de luto por um filho são igualmente determinados pela sociedade e são sancionados ao nível da mentalidade colectiva. Ainda assim, como para os rituais e os tipos de sepultura, é imperioso considerar variações nas práticas individuais, condicionadas por factores diversos e, particularmente, pela moldura cultural, religiosa e económica da sociedade. Quando a subsistência financeira da família depende, em parte ou na sua totalidade, do trabalho dos seus membros, mesmo das crianças, a perda de uma pode constituir uma ameaça considerável. Um filho podia tornar-se uma fonte de rendimento importante e era crucial para amparar os pais em caso

de necessidade⁵⁶⁶. Mesmo as classes mais elevadas da população, cujos rendimentos não provinham do trabalho infantil, desenvolveram noções culturais em que os filhos desempenham um papel preponderante. Esta perspectiva é particularmente visível entre os libertos, que, apropriando-se de formas artísticas reservadas às elites, exploraram a apresentação dos filhos e da família como método de publicitar o novo estatuto⁵⁶⁷. MCWILLIAM (2001: 187), depois de analisar o grupo escultórico do Palácio dos Conservadores que representa uma mãe e a sua filha, conclui que, neste tipo de monumentos tumulares, as crianças são o símbolo do sucesso dos pais a quem, enquanto escravos, era negada a possibilidade de contrair matrimónio e de ter filhos legítimos.

A valorização da infância em Roma, pelo menos a partir do século I a. C., que a pesquisa de RAWSON (2003) põe em relevo, mostra-se em aspectos múltiplos – alguns já analisados – da sociedade romana. Entre estes, os sentimentos experimentados pelos pais na morte de um filho são provavelmente o reflexo mais óbvio da importância concedida aos laços familiares. Numa sociedade em que, como vimos antes, a morte precoce era frequente, o desaparecimento de uma criança ou de um jovem é, ainda assim, caracterizado em muitos epitáfios, como *mors immatura* ou *mors acerba*. Ainda que reconhecendo-lhe a fragilidade, especialmente em determinadas fases e circunstâncias, entende-se a vida como um ciclo regular, que começa no nascimento e acaba, idealmente, numa idade avançada. Isidoro de Sevilha, já no

⁵⁶⁶ Vejam-se algumas referências à perda do amparo na velhice que a morte de um filho implica: *Conserate parenti filium, parentem filio, ne aut senectutem iam prope desperatam contempsisse aut adulescentiam plenam spei maximae non modo non aluisse uos uerum etiam perculisse atque adflixisse uideamini*. (Cic. Cael. 80); *grandis natu parens, cuius spes senectutis omnis in huius adulescentia posita est* (Rhet. Her. 4.51); (...) *inter eos, qui liberorum mortibus destituti cuncta uota et praeparatas spes in senectutem ante se egerunt* (...) ([Quint.] Decl. 10.1). Cf. PARKIN (1999: 124ss.).

⁵⁶⁷ Cf., sobre as famílias dos escravos e dos libertos, *supra*, p. 133ss.

século VII d. C., distingue três tipos de morte, em que apenas a que acontece na velhice é natural:

Tria sunt autem genera mortis: acerba, immatura, naturalis. Acerba infantum, immatura iuuenum, merita, id est naturalis, senum. (Orig. 11.32)

Esta classificação implica a noção de que só a morte numa idade avançada é regular e que a morte de crianças e jovens é anormal ou, pelo menos, interrompe a sequência natural da vida.

Os adjectivos *acerba* e *immatura* mostram a irregularidade que este tipo de morte significa, também porque, nestes casos, se inverte a expectativa de que os filhos sepultem os pais e são estes quem tem de tomar a seu cargo as exéquias dos filhos⁵⁶⁸. É neste sentido que devemos interpretar a explicação de Sêneca na *Consolatio ad Marciam*:

nihil enim ad rem pertinent anni, quoniam nullum non acerbum funus est quod parens sequitur. (Dial. 6.17.1)

Esta ideia é reiterada em epitáfios em que o pai ou a mãe assinalam a morte de um filho⁵⁶⁹. NIELSEN (1999: 202) nota que os epitáfios dos que morreram precocemente são normalmente mais longos e mais elaborados do que os restantes, o que pode indicar que estas mortes eram sentidas de um modo distinto.

⁵⁶⁸ NÉRAUDAU (1987: 197-205).

⁵⁶⁹ Cf., por exemplo, a fórmula que se repete em inúmeros epitáfios: *quod fas parenti facere debuit filius mors immatura fecit ut faceret parens pater Successus supremum utrisque praestitit officium. (CIL 6.26901= CLE 172); Quod fas parenti decuit faceret filium / mors immatura fecit ut faceret pater. (CLE 171); Quod filia patri facere debuerat, / mors immatura fecit ut faceret pater. (CLE 1546) ; Quod parenti facere debuit filia / id immature filiae fecit pater. (CLE 173 = CIL 2.2274); Quod decuit facere filiam parentibus / maesti parentes suae fecerunt filiae. (CLE 169). Veja-se também: *Si non fatorum praepostera iura fuissent / mater in hoc titulo debuit ante legi. (CLE 1479); Hunc titulum natae genetrix decepta parauit / post teneros manes et acerbae funera mortis / illa bis octonos uixit miseranda per annos / elegitque sub hac non tristes lege tenebras / ut plenos lacrimis oculos manus altera cludat. (CLE 1550). Cf. sobre este tema, LATTIMORE (1942: 184-191).**

O facto de a morte prematura ser frequente levou a própria sociedade a estabelecer normas para a duração do luto, com base no tempo de sobrevivência das crianças. Plutarco refere uma lei de Numa em que se estabelecería um período para se fazer o luto por um filho, de acordo com a idade deste no momento da morte: uma criança com menos de um ano não devia ser chorada, entre um e três anos devia fazer-se um luto limitado e, a partir dos três e até aos dez anos, dever-se-ia fazer um mês de luto por cada ano de vida da criança⁵⁷⁰. A mesma informação aparece num fragmento de Ulpiano que fixa o período de luto dos pais de acordo com a idade do filho:

Lugendi autem sunt parentes anno, liberi maiores X annorum aequae animo. Quem annum decem mensum esse Pomponius ait; nec leue argumentum est annum X mensum esse, cum minores liberi tot mensibus elugeantur. Quot annorum decesserint, usque ad trimatum: minor trimo non lugetur, sed sublugetur: minor anniculo neque lugetur neque sublugetur. (Frag. Vat. 321 in FIRA². 2.536)

Por uma criança com menos de três anos não se deve fazer um luto completo (*non lugetur*), mas um luto incompleto (*sublugetur*); para uma criança com menos de um ano não deve fazer-se luto (*neque lugetur neque sublugetur*). Estas restrições parecem indiciar uma valorização crescente da criança. Cícero, divagando sobre a brevidade da vida, refere o costume de se lamentar de forma diferente um *puer paruus* ou uma criança *in cunis*:

Idem, si puer paruus occidit, aequo animo ferendum putant, si uero in cunis, ne querendum quidem. (Tusc. 1.93.7)

A justificação é que o *puer paruus* criara já uma apetência pela vida. À medida que a idade avança, o indivíduo define-se enquanto ser com personalidade

⁵⁷⁰ οἷον παῖδα μὴ πενθεῖν νεώτερον τριετοῦς, μηδὲ πρεσβύτερον πλείονας μῆνας ὧν ἐβίωσεν ἐνιαυτῶν μέχρι τῶν δέκα, καὶ περαιτέρω μηδεμίαν ἡλικίαν, ἀλλὰ τοῦ μακροτάτου πένθους χρόνον εἶναι δεκαμηνιαῖον (...). (Numa 12.2). Veja-se a informação de Paulo: *Parentes et filii maiores sex annis anno lugeri possunt, minores mense (...) Qui contra fecerit, infamium numero habetur. (Sent. 1.21.13).*

própria e como membro da sociedade⁵⁷¹. Este progresso, da natureza para a civilização e do privado para o público, pode justificar a escassez de informações sobre indivíduos mortos muito cedo, mesmo nas classes mais elevadas e, especialmente, nas famílias imperiais. Nada se sabe dos filhos de Cornélia e de Tibério Graco que não sobreviveram até à idade adulta e sabe-se pouco mais que os nomes e, ainda assim, com muitas dúvidas, dos sete filhos que, de um total de catorze, Marco Aurélio e Faustina terão perdido. Como vimos antes, a criança entrava progressivamente na comunidade e quanto mais idade tinha mais parece ter sido sentida a sua perda⁵⁷².

O luto é apenas um sinal exterior e formal e não reflecte os sentimentos dos *orbi parentes*. A sua regulamentação tem propósitos eminentemente sociais, pois determina, mais do que a dor sentida, o tipo de indumentária que se deve usar, as actividades em que o enlutado pode estar presente, etc.⁵⁷³. Outro tipo de prescrições, não necessariamente impostas pela lei, mas que parecem ter vigorado pelo menos em alguns meios sociais, abrange não os sinais mas a expressão do luto. Na literatura, abundam as recomendações de controlo emocional, especialmente em textos de cariz filosófico que exortam ao autodomínio e à desvalorização das ligações terrenas. Nas *Meditações*, Marco Aurélio menciona o seguinte preceito de Epicteto:

Καταφιλοῦντα τὸ παιδίον δεῖν, ἔλεγεν ὁ Ἐπίκτητος, ἔνδον ἐπιφθέγγεσθαι· “αὔριον ἴσως ἀποθανῇ.” – “δύσφημα ταῦτα.” – “οὐδὲν δύσφημον”, ἔφη, “φυσικοῦ τινος ἔργου σημαντικόν.” (11.34)

Plínio relata com apreço o exemplo de Árria, que, para não perturbar o marido enfermo, fingia que o filho, que falecera recentemente devido à mesma doença

⁵⁷¹ Valério Máximo diz que os Persas tinham o costume de não verem os filhos antes que estes completassem sete anos, para evitarem assim a dor pela morte dos filhos pequenos: *Nam Persarum admodum probabile institutum fuit, quod liberos suos non prius aspiciabant <quam> septimum annum inplessent, quo paruulorum amissionem quiore animo sustinerent.* (2.6.16).

⁵⁷² Cf. RAWSON (2003: 345-347).

⁵⁷³ Cf. Paul. *Sent.* 1.21.14: *Qui luget, abstinere debet a conuiuuiis ornamentis purpura et alba ueste.*

de que padecia o marido, estava ainda vivo⁵⁷⁴. No âmbito da filosofia estóica, que entende a dor como uma paixão, Séneca censura o amigo Marulo por chorar em demasia a morte do *filius paruulus*. Deve-se chorar a perda de um amigo – o maior dos infortúnios – mas não a de um filho de curta existência, cujo futuro seria incerto (*Ep.* 99.3) e que conhecia melhor a ama do que o pai (*Ep.* 99.14). Séneca afirma que este tipo de manifestação da dor é apenas o cumprimento de uma tradição (*Ep.* 99.3)⁵⁷⁵. Já nas *Tusculanae disputationes* Cícero se insurgira contra o facto de se entender o luto como uma obrigação⁵⁷⁶.

As advertências de controlo emocional que lemos em obras de autores como Cícero ou Séneca parecem dever-se mais à formação intelectual e filosófica dos seus autores, empenhados em instruir os membros da sua comunidade, do que à realidade de todos os dias. McWILLIAM (2001: 92-93) afirma que estes autores, como Plutarco, «were writing for a particular audience who demanded a very conservative and traditional content in their material. Their writings were expected to conform to traditional *topoi*. These upper-class authors did not set out to construct a true reflection of everyday practice, even within their own restricted social group.» RAWSON (2003: 347) exprime uma

⁵⁷⁴ *Aegrotabat Caecina Paetus maritus eius, aegrotabat et filius, uterque mortifere, ut uidebatur. Filius decessit eximia pulchritudine pari uerecundia, et parentibus non minus ob alia carus quam quod filius erat. Huic illa ita funus parauit, ita duxit exsequias, ut ignoraret maritus; quin immo quotiens cubiculum eius intraret, uiuere filium atque etiam commodiorem esse simulabat, ac persaepe interroganti, quid ageret puer, respondebat; 'Bene quieuit, libenter cibum sumpsit.' Deinde, cum diu cohibitae lacrimae uincerent pro-rumperentque, egrediebatur; tunc se dolori dabat; satiata siccis oculis composito uultu redibat, tamquam orbitatem foris reliquisset.* (Plin. *Ep.* 3.16.3-5).

⁵⁷⁵ Para uma análise das estratégias utilizadas por Séneca não para consolar o amigo, mas para provar a este que a dor que sente é descabida, cf. WILSON (1997).

⁵⁷⁶ *Sed ad hanc opinionem magni mali cum illa etiam opinio accessit oportere, rectum esse, ad officium pertinere ferre illud aegre quod acciderit, tum denique efficitur illa grauis aegritudinis perturbatio.; (...) haec omnia recta uera debita putantes faciunt in dolore, maximeque declaratur hoc quasi officii iudicio fieri, quod, si qui forte, cum se in luctu esse uellent, aliquid fecerunt humanius aut si hilarius locuti sunt, reuocant se rursus ad maestitiam peccatique se insimulant, quod dolere intermiserint.* (*Tusc.* 3.61; 3.64).

opinião semelhante: «(...) the literature of the upper-classes contains ideals of comportment – self-restraint, dignity, philosophical consolation. None of this tells us much about inner emotions or behaviour, especially in the masses of the population.» O debate filosófico sobre a morte e o luto deve, por esta razão, distinguir-se dos sentimentos pessoais.

Conclusão

Numa sociedade com uma taxa de mortalidade alta, quando comparada com os padrões actuais, a morte era certamente entendida de forma distinta. Ainda assim, como vimos antes, a frequência da morte dos mais novos não impediu que se considerasse que só morrer com uma idade avançada constituía um acontecimento normal. As *mortes immaturae* eram entendidas como uma interrupção irregular da vida e mesmo a reflexão sobre o luto pelos filhos falecidos na infância, pelo simples facto de existir, demonstra que os pais sofriam e tinham dificuldade em controlar as manifestações de dor e de desespero.

A experiência da morte de um familiar situava-se numa rede de formalidades e expectativas sociais que assinalavam o lugar do defunto na comunidade. Quanto menor a idade deste, tanto maiores as probabilidades de a sua morte carecer dos sinais mais ostensivos que constituíam os *funera*. As exéquias da criança que morria, na falta de uma identidade social evidente, seriam normalmente realizadas na intimidade da família. Por esta razão, os registos são, como vimos, escassos, mas, quando complementados com algumas descobertas arqueológicas, parecem demonstrar que estas mortes não eram sentidas com indiferença nem negligenciadas.

Anexos

Quadros nº 1 a 5
Crianças pequenas sepultadas em espaços comunitários

Quadro nº 1

* n. i. = não indicado.

Localização	Data de utilização	Nº total de sepulturas	Tipo de enterramento dos adultos	Crianças de qualquer idade		Crianças com menos de doze meses					Obs.	Fonte
				Nº de sepulturas	Idades	Nº	Idades	Tipo de enterramento	Organização das sepulturas	Ofertas votivas		
St. Lambert; Fréjus; Var (França)	I a.C. a II d. C.	272	Incineração (maioria)	61	0 a 12 anos	15	n. i. *	2 Incinerações + 15 inumações	Agrupados num sector do cemitério, mas misturados com os adultos			LAUBENHEIMER (2004: 298)
Necrópole de Pauvadou; Fréjus; Var (França)	I d. C.-IV d. C.	n. i.	n. i.	8,6% do total	n. i.	3	Recém-nascidos		Sem localização específica no cemitério	Um recém-nascido com dois vasos		LAUBENHEIMER (2004: 298)
Necrópole de St.-Paul-Trois-Châteaux; Drôme (França)	I d. C.- II d.C.	240	n. i.	7	Idade perinatal	7	Idade perinatal	Inumações	4 inumados juntamente com adultos incinerados; no meio dos adultos	Algumas: biberão e balsamário		LAUBENHEIMER (2004: 298)
Necrópole do anfiteatro; Martigny; (Suiça)	Último terço do séc. I d.C.		Incinerações	c. 20	n. i.	n. i..	n. i.	Inumações	Entre os adultos			LAUBENHEIMER (2004: 302)
Necrópole de Portorecanati	Séc. I-II d. C.	53	Inumações	19	n. i.	n. i.	n. i.	Inumações	n. i.			CAPITANIO (1974), citado em RAWSON (2003: 342)
Belo (Espanha)	Alto Império	n. i.	n. i.	n. i.	n. i.	n. i..	n. i.	Inumações	Em fossas cobertas com telhas ou em ânforas			LAUBENHEIMER (2004: 302)

Quadro nº 2

Localização	Data de utilização	Nº total de sepulturas	Tipo de enterramento dos adultos	Crianças de qualquer idade		Crianças com menos de doze meses					Obs.	Fonte
				Nº de sepulturas	Idades	Nº	Idades	Tipo de enterramento	Organização das sepulturas	Ofertas votivas		
Carmona (Espanha)	Alto Império	n. i.	Maioria incinerações	n. i.	n. i.	n. i..	n. i.	Inumações	Em fossas, ânforas ou vasos; entre os adultos			LAUBENHEIMER (2004: 302)
La Ramière, Roquemaure, Gard (Fr.)	séc. I a IV (data de ocupação da <i>uilla</i>); séc. IV a VI (instalação de complexos dedicados à metalurgia e à olaria); séc. VI-VII (exploração agrícola)	n. i.	Inumação	17	<12 Meses			Inumações	Sepulturas organizadas em pequenos grupos espalhados por toda a propriedade			BLAIZOT <i>et al.</i> (2003: 56, 58)
Necrópole de Bolards; Nuits-St-Georges; Côte d'Or (Fr.)	I d. C.- II d.C.	>200	Maioria incinerações (92) + inumações (17)	n. i.	n. i.	113	Nados-mortos ou com alguns dias	Inumações	Por vezes no meio dos adultos, por vezes agrupados nos limites do sítio, ou à volta de um túmulo importante		Grande quantidade de crianças mortas no período perinatal pode justificar-se pela existência de um santuário importante ou local de cura para crianças doentes	LAUBENHEIMER (2004: 298-300)

Quadro nº 3

Localização	Data de utilização	Nº total de sepulturas	Tipo de enterramento dos adultos	Crianças de qualquer idade		Crianças com menos de doze meses					Obs.	Fonte
				Nº de sepulturas	Idades	Nº	Idades	Tipo de enterramento	Organização das sepulturas	Ofertas votivas		
Necrópole de Clavelles, Haute-Provence (Fr.); necrópole num espaço rural	Alto Império	c. 30	Incinerações	n. i.	n. i.	1	Idade fetal		Sepultura coberta com fragmentos de ânfora Dressel 2/4			LAUBENHEIMER (2004: 303)
Cany, Haute-Normandie; Seine-Maritime (Fr.); necrópole num espaço rural	Alto Império	n. i.	Incinerações	5	n. i.	n. i..	n. i.	Inumações	Sepulturas agrupadas			LAUBENHEIMER (2004: 303))
Necrópole de Yasmina; Cartago	Séc. I a VI d. C.	n. i.	Séc. I a III: incinerações; séc. IV-VI: inumações	c. 60	Maioria entre 1 a 7 anos + pelo menos 1 com idade inferior a 12 meses	Pelo menos 1	<12 Meses	Inumações	Área reservada às crianças, no centro do cemitério e à volta de um monumento funerário de um adulto importante	Só as sepulturas das crianças têm objectos votivos		NORMAN (2003) e (2004)
Necrópole de Grange-Neuve (Drôme); espaço rural	II d. C.-V d. C.	47	Incineração e inumação	n. i.	n. i.	n. i..	n. i.	n. i.	Em ânforas e tegulae;			BLAIZOT ET AL. (2003: 54-55)

Quadro nº 4

Localização	Data de utilização	Nº total de sepulturas	Tipo de enterramento dos adultos	Crianças de qualquer idade		Crianças com menos de doze meses					Obs.	Fonte
				Nº de sepulturas	Idades	Nº	Idades	Tipo de enterramento	Organização das sepulturas	Ofertas votivas		
Chantambre; Essone (Fr.); necrópole num espaço rural	Séc. II-III d. C.	472	Inumação e incineração			162	Idade perinatal	Inumações	Em vasos, jarros ou ânforas; sepultados num lugar reservado, mas 15 no meio dos adultos + 10 adultos no meio das crianças	Sem ofertas de cerâmica, mas algumas moedas, pedras esculpidas, pregos		LAUBENHEIMER (2004: 303)
Necrópole du Champ de l'Image; Argenton-sur-Creuse; Indre (Fr.)	Duas fases; só 2ª bem estudada: II d. C.	163	112 Incinerações + 51 inumações	n. i.	n. i.	38	n.i	Inumações e incinerações	Maioria das sepulturas concentrada junto da cerca do cemitério, mas algumas misturadas com as dos adultos	Raras: urnas de vidro e de <i>terra sigillata</i> associadas às sepulturas das crianças; pregos associados a estas com finalidade incerta	Sepulturas assinaladas com pedras, coberturas de telha ou fragmentos de ânforas	LAUBENHEIMER (2004: 301-302)
Necrópole de St. Martin-des-Champs; Bourges; Cher (Fr.)	Antiguidad e Tardia e Baixa Idade Média	> 500	n. i.	Muitas, mas número indeterminado	n. i.	n. i..	n. i.	n. i.	Sem localização específica; entre os adultos			LAUBENHEIMER (2004: 302)
Necrópole do Catillon; Lillebonne; Seine Maritime (Fr.)	n. i.	50	n. i.	16	n. i.	n. i..	n. i.	Inumação	n. i.			LAUBENHEIMER (2004: 301)

Quadro nº 5

Localização	Data de utilização	Nº total de sepulturas	Tipo de enterramento dos adultos	Crianças de qualquer idade		Crianças com menos de doze meses					Obs.	Fonte
				Nº de sepulturas	Idades	Nº	Idades	Tipo de enterramento	Organização das sepulturas	Ofertas votivas		
Necrópole do Porto de Avenches (Sw.)	n. i.	n. i.	Incinerações	n. i.	n. i.	2	1 a 6 meses	Inumações	Entre os adultos		Necrópole de incineração provavelmente e dos trabalhadores do porto	LAUBENHEIMER (2004: 302)
Poundbury (UK)	n. i.					Alguns			Numa zona específica ou entre os adultos			LAUBENHEIMER (2004: 302)

Quadros nº 6 e 7
Crianças pequenas sepultadas em espaços específicos

Quadro nº 6

Localização	Data de utilização	Crianças de qualquer idade		Crianças com menos de doze meses					Obs.	Fonte
		Nº de sepulturas	Idades	Nº	Idades	Tipo de enterramento	Tipo de sepulturas	Ofertas votivas		
Clermont-Ferrand; Puy-de-Dôme (França)	Época romana	n. i.	Crianças muito pequenas	n. i..	n. i.		Sepultados em vasos; nas casas ou nas proximidades			LAUBENHEIMER (2004: 306)
Rue Gabriel Péry; Clermont-Ferrand	séc. I e III d. C.	n. i.	n. i	7	<6 meses	Inumações	Sepultados em vasos ou directamente no solo			LAUBENHEIMER (2004: 307)
Ilôt du Chauffour; Clermont-Ferrand	Época romana	n. i.	n. i	4	<6 meses	Inumações	Sepultados em vasos ou directamente no solo			LAUBENHEIMER (2004: 307-308)
Pourliat; Beaumont; Puy-de-Dôme (França); contexto rural	Época flávia	27	27 < 6 meses	27	< 6 meses	Inumações	Sepultados numa pequena necrópole associada à primeira fase de ocupação de uma <i>uilla</i> (séc. I-II d. C.); no exterior da propriedade, junto do muro que a limita; em vasos, um fragmento de ânfora dentro de uma caixa de madeira, numa caixa de <i>tegulae</i> , num caixão			BLAIZOT <i>et al.</i> (2003: 56-57); LAUBENHEIMER (2004: 308)
La Ramière, Roquemaure, Gard (França)	Séc. III-IV d. C.	18	< 6 meses	18	< 6 meses	Inumações	Sepultadas nas ruínas de uma villa abandonada			LAUBENHEIMER (2004: 308)*

*Este sítio arqueológico parece ser um dos agrupamentos de sepulturas que BLAIZOT *et al.* (2003) identificam na mesma localidade (cf. quadro nº 2)

Quadro nº 7

Localização	Data de utilização	Crianças de qualquer idade		Crianças com menos de doze meses					Obs.	Fonte
		Nº de sepulturas	Idades	Nº	Idades	Tipo de enterramento	Tipo de sepulturas	Ofertas votivas		
Poggio Gramignano; Lugnano (Itália)	V d. C.	47	46 com < 6 meses + 1 com 1 a 2 anos	46	< 6 meses: 22 fetos, 18 recém-nascidos, 6 crianças com 4 a 6 meses	Inumações	Sepultadas em <i>imbrices</i> e ânforas nas ruínas de uma <i>uilla</i> abandonada no séc. III	Animais de companhia em fossas separadas mas perto das sepulturas das crianças	Mortes causadas por um surto de malária?	LAUBENHEIMER (2004: 308)

Quadro nº 8
Crianças pequenas sepultadas em edifícios habitacionais

Localização	Data das sepulturas	Nº de sepulturas	Idades	Tipo de enterramento	Local e tipo de sepultura	Fonte
Mailhac; Aude (França)	Séc. I a IV d. C.	22	n. i.	n. i.	n. i.	LAUBENHEIMER (2004: 309)
Baldock (Reino Unido)	Séc. I e II d. C.	36	Idade perinatal	n. i.	Em diversos edifícios num espaço rural	LAUBENHEIMER (2004: 310)
Castelraimondo (Itália)	Séc. I a. C.- séc. I d. C.	13	n. i.	Inumação	Num edifício	GAIO (2004: 67)
Ghisalba (Itália)	Séc. I-II d. C.	4	n. i.	Inumação	Numa <i>uilla</i> rústica	GAIO (2004: 67)
Sprinhead (Reino Unido)	Séc. II d. C.	14	Muito pequenas	n. i.	Debaixo do chão de uma cozinha	LAUBENHEIMER (2004: 310)
Barton Court (Reino Unido)	c. 350 d. C.	47	Muito pequenas	Inumação	Num espaço rural	LAUBENHEIMER (2004: 310)
Lyons-la-Fôret; Eure (França)	Baixo Império	6	< 6 meses	Inumação	Ao longo das paredes	LAUBENHEIMER (2004: 310)
<i>uicus</i> de Cazères; Haute-Garonne (França)	n. i.	2	Muito pequenas	n. i.	Em ânforas	LAUBENHEIMER (2004: 310)
Homstead (Reino Unido)	n. i.	97		Inumação	No pátio de uma casa	LAUBENHEIMER (2004: 310)

Quadro nº 9
Crianças pequenas sepultadas em edifícios de actividades artesanais

Localização	Data das sepulturas	Nº de sepulturas	Idades	Tipo de enterramento	Local e tipo de sepultura	Ofertas votivas	Fonte
Sallèles d'Aude; Aude	Séc. I d. C.	15	Cerca de metade: nados-mortos ou mortos com poucos dias; outros com < 3 meses; 1 entre 6 a 9 meses	Inumação	Sepultadas metodicamente numa olaria, ao longo das paredes; maioria cobertas com uma telha ou um fragmento;	Na sepultura da criança mais velha, vaso com ofertas alimentares, frasco de perfume, lamparina, pérola de vidro azul dispostos cuidadosamente; criança com menos de 3 meses com fíbula	LAUBENHEIMER (2004: 311-314)
Lezoux; Puy-de- Dôme (França)	Séc. I e II d. C.	c. 10	Muito pequenas		Sepulturas sem organização; na fossa de um forno; numa lixeira; debaixo de um depósito de argila, etc.; em vasos, em fragmentos de louça doméstica, etc.	Anéis, pequenos vasos, biberões, lamparinas	LAUBENHEIMER (2004: 309)

Parte II

I. A tradição literária e a teorização retórica do lamento

A formação retórica dos autores que analisaremos é um factor determinante na génese das suas obras e, por esta razão, introduzimos, em jeito de preâmbulo à segunda parte da nossa análise, uma perspectiva concisa sobre os pressupostos que os norteavam na composição de textos sobre a morte e o lamento da mãe pela morte do filho. Estes pressupostos devem dividir-se em duas categorias que não são estanques, antes se associam numa rede complexa e inextricável de relações e afinidades: por um lado, os modelos gregos e a tradição antiga do lamento fúnebre; por outro, a teorização retórica acerca dos tópicos a apresentar neste tipo de textos.

Qualquer sinopse da tradição literária em que se inserem os autores romanos permitirá um vislumbre dos processos de emulação que, actuando durante séculos na literatura latina, ofereceram fundamentos sólidos à sua criação. Não nos deteremos de forma sistemática, nem neste capítulo introdutório nem nos capítulos subsequentes, nas relações de dependência entre as obras analisadas e os modelos que seguiram. Não deixaremos, porém, de reconhecer que essas obras não existem num vazio de significados e relações intertextuais. É neste entendimento que, reconhecendo embora a importância da ligação aos modelos – trágicos, épicos ou outros –, a nossa abordagem não tenta identificar de modo sistemático a relação que se estabelece com os antecedentes gregos. A síntese que aqui se apresenta visa, assim, suprir, ainda que de forma não aprofundada, essa lacuna na contextualização, tomando como fundamento dois factores primordiais: por um lado, o lamento fúnebre na tradição grega, em especial na épica e na tragédia; por outro, os princípios que a retórica providencia para a criação destes textos.

O lamento fúnebre tem raízes profundas na tradição literária grega. A expressão da dor pela morte de um ente querido ou de um indivíduo importante para a comunidade é, de facto, um tema antigo e aparece desde os primórdios da literatura grega, com formas múltiplas. A obra de Margaret ALEXIOU (2002^r), que se tornou instrumento fundamental no traçar de linhas de continuidade entre o lamento grego antigo e o lamento fúnebre grego na actualidade, distingue três tipos de lamento: pelos heróis, pelas cidades e pelos mortos. É este último o que mais nos interessa, apesar de, como veremos em algumas ocasiões, se aliar com frequência o lamento pela destruição da cidade e o lamento pela morte de um indivíduo a ela associado⁵⁷⁷.

De acordo com ALEXIOU (2002^r: 10-13, 102-103), os Poemas Homéricos parecem manter a distinção, que posteriormente se tornou imprecisa, entre *threnos* e *goos*. O primeiro seria um lamento mais elaborado, entoado por carpideiras profissionais e provavelmente acompanhado por músicos: tinha, assim, uma natureza mais ritual e ordeira. O *goos*, pelo contrário, consistiria no choro e nos gemidos espontâneos e improvisados das mulheres da família do defunto. Assim, os lamentos de Hécuba, Andrómaca e Helena por Heitor são designados como *gooi*, e distinguem-se dos *threnoi* entoados pelas carpideiras (*Il.* 24.720-723⁵⁷⁸). SUTER (2003: 5) define *gooi* como «solo songs by the kin of the dead», *threnoi* como «group songs by non-kin» e considera que estes dois tipos de estrutura se combinam para formar o *kommos*, em que uma personagem e o Coro alternam os seus lamentos.

Nos *threnoi*, ALEXIOU (2002^r: 132-133) identifica uma estrutura mais ou menos uniforme, composta por três secções: na primeira, quem pronuncia o lamento dirige-se directamente ao morto; na seguinte, predominantemente

⁵⁷⁷ Esta simbiose é manifesta, por exemplo, nos lamentos pelos defuntos da casa de Príamo.

⁵⁷⁸ *παρὰ δ' εἶσαν ἀοιδούς / θρήνων ἐξάρχους, οἳ τε στονόεσσιν ἀοιδῶν / οἳ μὲν ἄρ' ἐθρήνεον, ἐπὶ δὲ στενάχοντο γυναῖκες. / τῇσιν δ' Ἀνδρομάχη λευκώλενος ἦρχε γόοιο.*

narrativa, relembra o passado ou imagina o futuro; na última secção, recorre outra vez à exortação ao defunto.

Como nota MURNAGHAN (1999: 204), a relação entre a poesia épica e o lamento é ambivalente. Quando se lamenta um defunto, faz-se também o seu elogio e assim, o lamento cria a própria épica. Ao salientar o valor militar de um indivíduo com alguma distinção, o lamento pode ser a origem de uma tradição épica. O *kleos* homérico, todavia, entra em conflito com a expressão da dor, uma vez que a morte é o resultado directo do código heróico que inspira a epopeia. A presença do lamento cria, assim, na poesia épica uma polifonia de significados que se opõem entre si. A proeminência cultural de Homero condicionou certamente a forma como os autores posteriores, e em especial os romanos, recriaram nas suas obras os lamentos, tomando como modelo as demonstrações de dor especialmente da *Ilíada*, que se tornaram paradigmáticas. Como veremos na análise da *Eneida*, a dissonância entre os valores marciais da épica e a dor apresentada nos lamentos confere a estes um carácter marginal e subversivo⁵⁷⁹.

A reflexão sobre a fragilidade da vida humana é um dos assuntos mais abordados na literatura clássica, seja na poesia lírica, na epopeia, na filosofia ou no drama. A representação do lamento na tragédia tem sido interpretada no contexto de movimentos e decisões políticas como as leis que, desde o século VI, implementaram restrições à expressão do luto, com a finalidade de conter os efeitos da intervenção pública das mulheres e da influência das famílias aristocráticas na pólis⁵⁸⁰. Das conclusões que a crítica mais recente partilha sobre a representação literária do lamento e que SUTER (2008a: 4-5) resume, salientamos apenas duas: a premissa de que a expressão do luto é uma

⁵⁷⁹ As palavras são de MURNAGHAN (1999: 205): « (...) the female-dominated subgenre of lament plays a role analogous to that of epic's female characters in its heroes' realizations of their goals: originary yet marginal, indispensable yet subversive. »

⁵⁸⁰ Cf. *supra*, n. 527.

actividade essencialmente feminina e a caracterização de uma mulher que exprime o seu lamento como uma figura poderosa e transgressora que, como tal, pode pôr em causa a ordem pública. A mesma autora defende, contudo, que uma reapreciação das funções de ambos os sexos no luto terá necessariamente como consequência a conclusão de que, pelo menos na tragédia, os homens se lamentam tanto como as mulheres e que são as categorias sociais e políticas que mais prescrevem as atitudes a tomar perante a morte⁵⁸¹. De qualquer modo, é evidente uma percepção da vulnerabilidade da mulher a emoções descontroladas e até violentas, vulnerabilidade que põe em causa não apenas a estabilidade individual, mas também a ordem social.

SUTER (2003: 3), retomando a tese não publicada de Elinor WRIGHT (1986), enumera os tópicos típicos do lamento na tragédia: a personagem que lamenta exprime a dor provocada pela perda, estabelece o contraste entre o passado e o presente, faz o elogio do defunto, manifesta a sua cólera em relação a este por a ter abandonado, descreve os rituais fúnebres e expõe a sua vontade de morrer e o desejo de vingança contra os que provocaram a morte.

A forma como as emoções são apresentadas e exploradas para suscitar determinada reacção na audiência recebe atenção considerável por parte da retórica. Aristóteles dedica-se a este assunto no livro 2 da *Retórica*, definindo preceitos relacionados com a melhor forma de elaborar um discurso que atinja objectivos como suscitar a ira ou a calma, a amizade ou a inimizade, a piedade ou a indignação nos ouvintes. A par do *logos* e do *ethos*, o *pathos* é, assim, um meio de persuasão que o orador deve explorar tanto num discurso deliberativo, como num epidíctico ou num judicial⁵⁸².

⁵⁸¹ SUTER (2008b).

⁵⁸² Cf. KENNEDY (1972: 114).

Em Roma, apesar das dificuldades e das suspeitas enfrentadas pelos primeiros retores⁵⁸³, na época de Cícero a popularidade da arte retórica começava a garantir o ensino e a circulação de tratados sobre a matéria em língua latina. Tanto o *De Inuentione* de Cícero como a *Rhetorica ad Herennium*, de autor desconhecido, que constituem os primeiros manuais de retórica em língua latina, transmitem, à imagem da *Retórica* de Aristóteles, princípios que o orador deve observar de modo a persuadir a audiência. Ao contrário deste autor, porém, tanto Cícero como o autor anónimo da *Rhetorica ad Herennium* se concentram principalmente nas partes do discurso judicial, não dando muita atenção à utilização do *ethos* e do *pathos* aristotélicos como técnicas de persuasão tão importantes como a argumentação lógica.

Cícero, no *De Inuentione* e, ainda que de forma mais breve, a *Rhetorica ad Herennium* enumeram como elementos úteis para que, na *conclusio* de um discurso judicial, se consiga a *conquestio* ou a *commiseratio* dos ouvintes alguns *loci communes* para uso do orador. Estes exploram principalmente a identificação do ouvinte – que, neste caso, se tratará de alguém com poder de decisão sobre a causa que se defende no discurso – com o orador ou com quem este defende. A apresentação da *fortuna uis in omnes* e da *hominum infirmitas* (*Inu.* 1.106) contribuirá, assim, para o reconhecimento de que a situação em que se encontra o eventual réu decorre de circunstâncias existenciais que podem ocorrer a qualquer indivíduo, porque o ouvinte *in alieno malo suam infirmitatem considerabit* (*ib.*). Para conseguir este fim, o orador deve:

⁵⁸³ Cf. a este propósito, o texto em que Suetónio, citando um *senatusconsultum* e um edicto pretoriano, apresenta a resistência inicial dos Romanos à retórica (*Rhet.* 25.1). Também Lucílio, estabelecendo a crítica habitual entre os Romanos de que a retórica é mestra do engano e do dolo, escreve: *nunc uero a mani ad noctem, festo atque profesto / totus item pariterque die populusque patresque / iactare indu foro se omnes, decedere nusquam, / uni se atque eidem studio omnes dedere et arti, / uerba dare ut caute possint, pugnare dolose, / blanditia certare, 'bonum' simulare 'uirum' se, / insidias facere, ut si hostes sint omnibus omnes.* (Lucil. *sat. inc.* 1228-1234)

1. mostrar a felicidade do passado e a oposição desta às desgraças do presente⁵⁸⁴;
2. demonstrar os males do passado, do presente e do futuro⁵⁸⁵;
3. lamentar o que se perde com a presente desgraça. Por exemplo, na morte de um filho perde-se: o deleite da infância, o amor, a esperança, o amparo (*solatium*)⁵⁸⁶.
4. mencionar todas as coisas vis e indignas que se sofrem e que não são convenientes à idade ou estatuto de quem as padece⁵⁸⁷.
5. descrever de forma realista todas as indignidades sofridas, de modo a que pareça ao ouvinte que as vê⁵⁸⁸;
6. demonstrar o carácter inesperado da desgraça⁵⁸⁹;
7. fazer com que o ouvinte se identifique com a situação que lhe é apresentada, de modo a que se lembre dos que lhe são queridos⁵⁹⁰;

⁵⁸⁴ *Primus locus est misericordiae, per quem, quibus in bonis fuerint et nunc [per quem] quibus in malis sint, ostenditur. (Cic. Inu. 1.107) ; si ostendemus, in quibus commodis fuerimus quibusque incommodis simus, comparatione. (Rhet. Her. 2.50).*

⁵⁸⁵ *Secundus, qui in tempora tribuitur, per quem, quibus in malis fuerint et sint et futuri sint, demonstratur. (Cic. Inu. 1.107). Si nos semper aut diu in malis fuisse ostendemus. (Rhet. Her. 2.50).*

⁵⁸⁶ *Tertius, per quem unum quodque deploratur incommodum, ut in morte filii pueritiae delectatio, amor, spes, solatium, educatio et, si qua simili in genere quolibet de incommodo per conquestionem dici poterunt. (Cic. Inu. 1.107).*

⁵⁸⁷ *Quartus, per quem res turpes et humiles et inliberales proferentur et indigna aetate, genere, fortuna pristina, honore, beneficiis, quae passi perpessuriue sint. (Cic. Inu. 1.107).*

⁵⁸⁸ *Quintus, per quem omnia ante oculos singillatim incommoda ponuntur, ut uideatur is, qui audit, uidere et re quoque ipsa, quasi assit, non uerbis solum ad misericordiam ducatur. (Cic. Inu. 1.107).*

⁵⁸⁹ *Sextus, per quem praeter spem in miseriis demonstratur esse, et, cum aliquid exspectaret, non modo id non adeptus esse, sed in summas misérias incidisse. (Cic. Inu. 1.108) se<i> uariam fortunarum commutationem dicemus. (Rhet. Her. 2.50).*

⁵⁹⁰ *Septimus, per quem ad ipsos, qui audiunt, [similem in causam] conuertimus et petimus, ut de suis liberis aut parentibus aut aliquo, qui illis carus debeat esse, nos cum uideant, recordentur. (Cic. Inu. 1.108).*

8. referir algo que aconteceu e não devia ter acontecido ou que não aconteceu e devia ter acontecido⁵⁹¹;
9. dar a palavra a um ser sem voz ou a um ser inanimado⁵⁹²;
10. provar a falta de recursos, a debilidade ou o desamparo⁵⁹³;
11. recomendar a realização de algo como a sua própria sepultura ou a dos filhos ou dos pais⁵⁹⁴;
12. lamentar a separação de um ente querido⁵⁹⁵;
13. deplorar o facto de o indivíduo em causa ter sido maltratado por quem não o devia ter feito⁵⁹⁶;
14. exortar os ouvintes, em discurso directo (*obsecratio*), a sentir piedade pelo indivíduo⁵⁹⁷;
15. provar que não se lamenta a própria sorte mas a dos que são próximos⁵⁹⁸;

⁵⁹¹ Octavius, per quem aliquid dicitur esse factum, quod non oportuerit, aut non factum, quod oportuerit, hoc modo: "Non affui, non uidi, non postremam uocem eius audiui, non extremum spiritum eius excepi." Item: "Inimicorum in manibus mortuus est, hostili in terra turpiter iacuit insepultus, a feris diu uexatus, communi quoque honore in morte caruit." (Cic. Inu. 1.108).

⁵⁹² Nonus, per quem oratio ad mutas et expertes animi res referetur, ut si ad equum, domum, uestem sermonem alicuius accomodes, quibus animus eorum, qui audiunt et aliquem dilexerunt, uehementer commouetur. (Cic. Inu. 1.109).

⁵⁹³ Decimus, per quem inopia, infirmitas, solitudo demonstratur. (Cic. Inu. 1.109).

⁵⁹⁴ Undecimus, per quem liberorum aut parentum aut sui corporis sepeliendi aut alicuius eiusmodi rei commendatio fit. (Cic. Inu. 1.109).

⁵⁹⁵ Duodecimus, per quem disiunctio deploratur ab aliquo, cum diducaris ab eo, quicum libentissime uixeris, ut a parente filio, a fratre familiari. (Cic. Inu. 1.109).

⁵⁹⁶ Tertius decimus, per quem cum indignatione conquerimur, quod ab iis, a quibus minime conueniat, male tractemur, propinquis, amicis, quibus benigne fecerimus, quos adiutores fore putarimus, aut a quibus indignum [est], [ut] seruis, libertis, clientibus, supplicibus. (Cic. Inu. 1.109) Si de clementia, humanitate, misericordia nostra, qua in alios usi sumus, aperiemus. (Rhet. Her. 2.50).

⁵⁹⁷ Quartus decimus, qui per obsecrationem sumitur; in quo orantur modo illi, qui audiunt, humili et supplici oratione, ut misereantur. (Cic. Inu. 1.109) Si supplicabimus et nos sub eorum, quorum misericordiam captabimus, potestatem subiciemus. (Rhet. Her. 2.50).

16. demonstrar uma atitude altiva e nobre, capaz de suportar os males⁵⁹⁹.

Cícero termina com a advertência de que a *conquestio* não deve demorar-se depois de atingido o seu objectivo, pois *lacrima nihil citius arescit*. Esta citação repete-se na *Rhetorica ad Herennium* (2.57) e no *De Partitione Oratoria* (57)⁶⁰⁰. Neste tratado, o autor afirma também a propósito da peroração:

Nihil est enim tam miserabile quam ex beato miser, et hoc totum quidem moueat, si bona ex fortuna quis cadat, et a quorum caritate diuellatur, quae amittat aut amiserit, in quibus malis sit futurusue sit exprimatur breuiter – cito enim arescit lacrima, praesertim in alienis malis; nec quidquam in amplificatione nimis enucleandum est, minuta est enim omnis diligentia; hic autem locus grandia requirit. (Part. 57)

Neste resumo dos *loci communes* que no *De inuentione* expõe de forma mais extensa, Cícero sistematiza o que comove a audiência. No livro 6 da *Institutio Oratoria*, porém, Quintiliano apresenta, depois da abordagem dos sentimentos a explorar na *conclusio* (*Inst.* 6.1), uma análise da utilização das emoções com a finalidade de persuadir os juízes, pois reconhece que *per totam (...) causam locus est adfectibus* (*Inst.* 6.2.2).

É neste contexto de uma retórica que cada vez se torna mais técnica que devemos entender os autores analisados. As escolas de retórica que floresceram em Roma em especial a partir de finais do século I a. C., e que substituíram a

⁵⁹⁸ *Quintus decimus, per quem non nostras, sed eorum, qui cari nobis debent esse, fortunas conqueri nos demonstramus. (Cic. Inu. 1.109). Si, quid nostris parentibus, liberis, ceteris necessariis casurum sit propter nostras calamitates, aperiemus, et simul ostendemus illorum nos sollicitudine et miseria, non nostris incommodis dolere. (Rhet. Her. 2.50).*

⁵⁹⁹ *Sextus decimus, per quem animum nostrum in alios misericordem esse ostendimus et tamen amplum et excelsum et patientem incommodorum esse et futurum esse, si quid acciderit, demonstramus. Nam saepe uirtus et magnificentia, in quo grauitas et auctoritas est, plus proficit ad misericordiam commouendam quam humilitas et obsecratio. (Cic. Inu. 1.109). Si animum nostrum fortem, patientem incommodorum ostendimus futurum. (Rhet. Her. 2.50).*

⁶⁰⁰ O mesmo assunto em Quint. *Inst.* 6.1.27: *Numquam tamen debet longa esse miseratio. Nec sine causa dictum est nihil facilius quam lacrimas inarescere.*

prática da oratória no foro, influenciaram sobremaneira a formação dos autores que aqui analisamos. A cada vez menor participação dos *ciues* nas decisões políticas transferiu a retórica para as escolas e os exercícios tomaram o lugar da prática livre da oratória. A fonte principal de que dispomos para a compreensão do ensino da retórica e da forma como esta era aplicada em situações fictícias é Sêneca *Maior*. As *Controuersiae* e as *Suasoriae*⁶⁰¹ que, a pedido dos filhos, registou, mostram-nos o ambiente das escolas em que os retores se dedicavam à elaboração de discursos sobre causas imaginárias e em que se procurava a aprovação do público mais pelo uso da palavra do que pela justeza das causas defendidas. O desequilíbrio entre um conteúdo com frequência desajustado da realidade e uma forma empolada e pretensiosa mostram que, na época, a oratória era mais um meio de entretenimento do que um instrumento de persuasão. As controvérsias representavam a defesa de uma causa perante um tribunal e, por isso, recorrem ao repertório de técnicas diversas proposto pelos retores para o género judicial. A suasória é o discurso fictício de uma personagem que se vê numa situação crítica, em que tem de tomar uma decisão que condicionará a sua vida, como, por exemplo, Agamémnon no momento de decidir se sacrifica Ifigénia (*Suas.* 3), os trezentos Espartanos deliberando se devem fugir como os restantes Gregos (*Suas.* 2) ou Cícero se deve implorar a António que lhe poupe a vida (*Suas.* 6). Como veremos, este tipo de discurso é frequente na intervenção da mãe que se vê obrigada a decidir por uma linha de

⁶⁰¹ O título da obra que é transmitido pelos manuscritos é *Oratorum et Rhetorum Sententiae, Diuisiones et Colores*, mas a divisão em duas secções, uma reproduzindo controvérsias, outra suasórias, permitiu que a designação *Controuersiae* e *Suasoriae* se tornasse mais comum. O título original mantém a divisão das controvérsias e das suasórias em: *sententiae*, em que se fazia o enquadramento legal em que se inseria o caso em discussão; *diuisiones*, que eram a secção em que se elaborava o plano da argumentação; e em *colores*, que correspondiam aos diversos pontos de vista dos oradores e os pontos que serviam de base à absolvição ou à condenação. As suasórias não tinham esta última secção, uma vez que não eram discursos judiciais mas deliberativos. Cf., sobre o lugar de Sêneca *Maior* no desenvolvimento da retórica romana, FAIRWEATHER (1981: 1ss.) e KENNEDY (1994: 166ss.).

conduta e surge principalmente associado à personagem da mãe filicida quando esta pondera as razões para matar o filho ou os filhos e os motivos que a levam a desejar não o fazer. Procne, Alteia e Medeia recorrem à forma da suasória para apresentar o conflito que lhes divide a mente.

Das *Controuersiae* recolhidas na obra de Sêneca, realçamos três, em que a figura da mãe é explorada de modo a suscitar a misericórdia dos pretensos juízes. Na primeira (*Con.* 7.4), debate-se a situação de um filho que tem de escolher entre os deveres para com uma mãe cega e a obrigação de resgatar o pai que tinha sido aprisionado por piratas. A mãe que, quando o marido partiu, cegara de tanto chorar, reclama em tribunal que se impeça o filho de a deixar para salvar o pai. Invocando o dever que o filho tem de providenciar o sustento à mãe incapacitada, esta tenta salvar a vida do filho e evitar que corra os mesmos riscos que o pai correu. Na segunda (*Con.* 8.1), apresenta-se o caso de uma mulher que, depois de ter perdido dois dos três filhos e o marido, se tenta enforcar. Impedida de o fazer pelo filho que lhe resta, confessa um crime que não teria cometido e cuja pena era a condenação à morte. O filho, que intercede pela mãe, tenta justificar a confissão desta como uma forma que a mulher terá encontrado para morrer, ela que, depois de ter perdido os filhos, seria incapaz de atentar contra os deuses:

Amissis duobus liberis sacrilega sibi uidebatur, quod uiuebat. (...) Deos ita coluit, ut quae pro tam multis timeret. (Con. 8.1.1)

Neste argumento, antecipa-se o que dirá a acusação: a mãe *orbata* seria bem capaz de cometer um sacrilégio como forma de se vingar dos deuses que não lhe foram favoráveis⁶⁰². Na terceira controvérsia, acusa-se um homem que recolhia crianças expostas e, depois de as mutilar, as obrigava a mendigar (*Con.*

⁶⁰² *Si priusquam amitteret liberos, auara <fuit> si postquam amisit, irata. (Con. 8.1.1)*

10.4)⁶⁰³. Imagina-se a reacção dos transeuntes perante a visão das crianças estropiadas:

O miseros qui sic rogant, miseriores qui sic rogantur! Ecce nescio quis: Meus, inquit, filius, si uiueret, huic fortassis similis esset. Numquid ego meum transeo? Alius: Potuit, inquit, meus in eundem incidere dominum. Quid si incidit? Omnes omnibus stipem congerunt, dum unusquisque timet ne suo neget. (Con. 10.4.10)

O amor parental é, assim, apresentado como uma realidade mesmo quando os pais abandonaram os filhos. Adiante, é especificamente a dor da mãe que é apresentada de forma a conseguir a condenação dos actos do mutilador:

Blandus dixit: Porrigit aliqua mendico rogata stipem, utique si peperit <et> exposuit. O quam misera cogitatio porrigentis est: 'hic fortasse meus est'! Moschus dixit: aliqua, quia iam proiecit pluribus stipem, suo negat. Arellius Fuscus dixit: alit rogata filium mater, misera si scit suum esse, misera si nescit. (Con. 10.4.20)

A ligação entre a mãe e os filhos é, assim, apresentada nestes exercícios como forma de *persuasio*. Apelando à compaixão, o orador constrói a sua argumentação com base num sentimento que se considerava garantido pelo *ius gentium* ou *ius naturale*. Afirma-se na *Rhetorica ad Herennium*:

Natura ius est, quod cognationis aut pietatis causa obseruatur, quo iure parentes a liberis, et a parentibus liberi coluntur. (Rhet. Her. 2.19).

Mais tarde, Valério Máximo concluirá o capítulo *De pietate erga parentes et fratres et patriam*, que termina com o *exemplum* da jovem que salvou a vida da mãe, amamentando-a às ocultas na prisão, com as considerações:

quid enim tam inusitatum, quid tam inauditum quam matrem uberibus natae alitam? putarit aliquis hoc contra rerum naturam factum, nisi diligere parentis prima naturae lex esset. (5.4.7)

E, mais à frente, depois de registar casos de *externi* em que se prova esta mesma devoção para com os pais, associa novamente este sentimento à natureza, ao instinto e não à civilização ou ao ensino:

⁶⁰³ Sobre esta controvérsia e a exposição de crianças, cf. *supra*, p. 106ss.

prima igitur et optima rerum natura pietatis est magistra, quae nullo uocis ministerio, nullo usu litterarum indigens propriis ac tacitis uiribus caritatem parentium liberorum pectoribus infundit. quid ergo doctrina proficit? ut politiora scilicet, non ut meliora fiant ingenia, quoniam quidem solida uirtus nascitur magis quam fingitur. (5.4 ext.5)

Foi para uso dos oradores que Valério Máximo compilou a sua obra, *Facta et dicta memorabilia*, facilitando-lhes, assim, o acesso a exemplos de vícios e virtudes que poderiam utilizar nos seus discursos⁶⁰⁴. A organização da obra por temas tem como finalidade a consulta rápida de *exempla* para ilustrar as mais diversas situações. Os *Facta et dicta memorabilia* têm evidentes intenções moralizantes, que o autor põe em relevo na recuperação dos exemplos do passado que, retirados muitas vezes do seu contexto histórico, ilustram uma tradição moral muito dependente do poder do *exemplum* dos maiores⁶⁰⁵.

Sob a epígrafe *De parentibus qui liberorum obitum forti animo tulerunt* (5.10), Valério Máximo cita os exemplos de Horácio Pulvilo, Emílio Paulo e Márcio Rex. Nenhum deles interrompeu ou alterou a sua vida pública devido à morte

⁶⁰⁴ Vejam-se as palavras com que inicia a obra e que expõem este esforço de recolher informações noutros autores para os tornar mais acessíveis: *Vrbis Romae exterarumque gentium facta simul ac dicta memoratu digna, quae apud alios latius diffusa sunt quam ut breuiter cognosci possint, ab inlustribus electa auctoribus digerere constitui, ut documenta sumere uolentibus longae inquisitionis labor absit. (1.1).*

⁶⁰⁵ Cf., sobre a relação da obra de Valério Máximo com a tradição da historiografia romana, MASKALOV (1984: 445ss.). Sobre o efeito que os exemplos dos antepassados ilustres tiveram na juventude romana, veja-se o que Valério Máximo diz sobre os cantos entoados nos banquetes: *Maiores natu in conuiuiis ad tibias egregia superiorum opera carmine comprehensa † pangebant, quo ad ea imitanda iuuentutem alacriorem redderent. quid hoc splendidius, quid etiam utilius certamine? pubertas canis suum decus reddebat, defuncta [uiri] cursu aetas ingredientiens actuosam uitam feruoris nutrimentis prosequabatur. quas Athenas, quam scholam, quae alienigena studia huic domesticae disciplinae praetulerim? inde oriebantur Camilli, Scipiones, Fabricii, Marcelli, Fabii, ac ne singula imperii nostri lumina simul percurrendo sim longior, inde, inquam, caeli clarissima pars, diui fulserunt Caesares. (2.1.10).*

do filho. Estes *exempla* mostram como se entendia a preponderância do estatuto político do indivíduo sobre os sentimentos deste em relação à família⁶⁰⁶.

Os exemplos citados por Valério Máximo, note-se, são todos masculinos. A impassibilidade dos homens opõe-se, porém, à reacção de duas mães, que o autor menciona quando aborda as mortes incomuns (*de mortibus non uulgaribus*; 9.12). A história destas mulheres mostra como a emoção de reencontrar o filho que pensavam morto é a tal ponto excessiva que lhes tira a vida⁶⁰⁷. Lívio e Valério Máximo contextualizam estes casos no seguimento da derrota romana do lago Trasimeno⁶⁰⁸:

nuntiata enim clade, quae ad lacum Trasimennum inciderat, altera <mater>, sospiti filio ad ipsam portam facta obuia, in complexu eius expirauit, altera, cum falso mortis filii nuntio maesta domi sederet, ad primum conspectum redeuntis exanimata est. genus casus inusitatum! quas dolor <non> extinxerat, laetitia consumpsit. sed minus miror, quod mulieres. (9.12.2)

O comentário final do autor torna evidente a associação tradicional da dor em excesso às mulheres. Esta associação é também óbvia no relato de Lívio que, aliás, Valério Máximo segue muito de perto:

feminarum praecipue et gaudia insignia erant et luctus. unam in ipsa porta sospiti filio repente oblatam in complexu eius exspirasse ferunt; alteram, cui mors filii falso nuntiata erat, maestam sedentem domi, ad primum conspectum redeuntis filii gaudio nimio exanimatam. (22.7.13)

⁶⁰⁶ Cf. PRESCENDI (1995).

⁶⁰⁷ Cf. Séneca Maior: *fertur quaedam uiso contra spem filio expirasse. (Con. 8.1).*

⁶⁰⁸ Aulo Gélio conta a mesma história, mas situa-a depois da batalha de Canas: *Praeterea in nostris annalibus scriptum legimus, qua tempestate apud Cannas exercitus populi Romani caesus est, anum matrem nuntio de morte filii adlato luctu atque maerore affectam esse; sed is nuntius non uerus fuit, atque is adulescens non diu post ex ea pugna in urbem redit: anus repente filio uiso copia atque turba et quasi ruina incidentis inopinati gaudii oppressa exanimataque est. (Gel. 3.15.4).*

Os efeitos perniciosos do luto, depois da batalha de Canas, são evidenciados por Lívio: as mulheres romanas são obrigadas a permanecer em casa, de modo a não perturbarem a ordem pública (22.55.3-8⁶⁰⁹).

O género literário da *consolatio* é também um precedente importante. O tema do conforto pela morte de um ente querido, ou por qualquer outro tipo de desventura, como um exílio, uma doença ou outra fatalidade semelhante, é um tópico antigo e remonta às primeiras obras literárias. Este tema deu posteriormente origem a um género literário autónomo, com regras e funções próprias⁶¹⁰, cuja forma variava entre o tratado filosófico e a epístola. A reflexão sobre a morte e a sua aceitação, reflexão que, desde cedo, apresenta matrizes religiosas e filosóficas, leva à definição de um núcleo de tópicos que se repetem neste tipo de textos. Da inexorabilidade do destino à universalidade da morte, a que ninguém escapa, passando pela visão da vida como um percurso penoso a que a morte dá alívio e pela importância que se concede a uma vida que se viveu com virtude em detrimento de uma existência longa mas desperdiçada no vício, todos estes motivos são desenvolvidos de modo a cumprir o objectivo de trazer consolo à pessoa enlutada ou em sofrimento.

Nas *Tusculanae Disputationes*, Cícero enumera cinco teorias sobre a forma de trazer consolo a quem sofre:

Haec igitur officia sunt consolantium, tollere aegritudinem funditus aut sedare aut detrudere quam plurimum aut suppressere nec pati manere longius aut ad alia traducere. sunt qui unum officium consolantis putent malum illud omnino non esse, ut Cleanthi placet; sunt qui non magnum malum, ut Peripatetici; sunt qui abducant a malis ad bona, ut Epicurus; sunt qui satis putent ostendere

⁶⁰⁹ *Illud per patres ipsos agendum, quoniam magistratuum parum sit, ut tumultum ac trepidationem in urbe tollant, matronas publico arceant continerique intra suum quamque limen cogant, comploratus familiarum coerceant, silentium per urbem faciant, nuntios rerum omnium ad praetores deducendos curent, suae quisque fortunae domi auctorem expectent, custodesque praeterea ad portas ponant qui prohibeant quemquam egredi urbe cogantque homines nullam nisi urbe ac moenibus saluis salutem sperare.* (22.55.7-8)

⁶¹⁰ Para uma sinopse da evolução do género, cf. MARTIN & PHILLIPS (1978:397ss.).

nihil inopinati accidisse, <ut Cyrenaici > nihil mali. Chrysippus autem caput esse censet in consolando detrahare illam opinionem maerentis, qua se officio fungi putet iusto atque debito. sunt etiam qui haec omnia genera consolandi colligant – alius enim alio modo mouetur – , ut fere nos in Consolatione omnia in consolationem unam coniecimus; erat enim in timore animus, et omnis in eo temptabatur curatio. (Tusc. 3.75-76)

O debate filosófico sobre a dor e o seu domínio era, assim, profícuo. O *Περὶ πένθους* de Crantor, um autor grego do século IV a. C., parece ter exercido grande influência nos autores romanos⁶¹¹. Para Cícero, que, à data da composição das *Tusculanae*, acumulava informação relevante sobre o luto devido às leituras a que se dedicara após a morte de Túlía, a *aegritudo* é a paixão mais difícil de suportar:

nam cum omnis perturbatio miseria est, tum carnificina est aegritudo. habet ardorem libido, levitatem laetitia gestiens, humilitatem metus, sed aegritudo maiora quaedam, tabem cruciatum adflictationem foeditatem, lacerat exest animum planeque conficit. hanc nisi exuimus sic ut abiciamus, miseria carere non possumus. (Tusc. 3.27)

Em 45 a. C., Cícero terá composto uma *consolatio* a si próprio pela morte da filha, obra que lamentavelmente se perdeu, mas que terá exercido grande influência na literatura posterior⁶¹².

Dos três autores analisados, só Sêneca compôs *consolationes*⁶¹³. Além das epístolas que endereça a Lucílio e que exploram esta temática (*Ep.* 63, 93 e 99⁶¹⁴), escreveu três *consolationes*: a *Consolatio ad Marciam*, que se destinava à filha do historiador Cremúcio Cordo, Márcia, que perdera ambos os filhos; a *Consolatio*

⁶¹¹ Cícero diz sobre ele: *legimus omnes Crantoris ueteris Academici de luctu; est enim non magnus uerum aureolus et ut Tuberoni Panaetius praecipit ad uerbum ediscendus libellus. (Luc. 135.15).*

⁶¹² Cf. Cic. *Att.* 12.20 (*eum librum quem de luctu minuendo scripsimus.*); 12.24 e ERSKINE (1997: 38). Na correspondência de Cícero, recolhem-se também algumas epístolas com carácter nitidamente consolatório: *Fam.* 4.5 (carta enviada a Cícero por ocasião da morte de Túlía), 4.6 (resposta à anterior), 5.16 (a Tício pela morte dos seus filhos), *Att.* 12.10, *ad Brut.* 1.9.

⁶¹³ Atribui-se, porém, a Ovídio um texto de autoria incerta conhecido como *Consolatio ad Liuiam* ou *Epicedium Drusi*.

⁶¹⁴ Sobre o entendimento da dor nestas epístolas, cf. WILSON (1997).

ad Heluiam matrem, em que consola a própria mãe pelo seu exílio; e a *Consolatio ad Polybium*, que tem como destinatário um liberto de Cláudio. Na primeira, Séneca aduz para consolo da mãe *orbata* uma série de argumentos, muitos de índole estóica, que têm como propósito mitigar a dor de Márcia pela morte dos seus dois filhos, especialmente do último a falecer, já que, passados dois anos, a mãe continuava a sofrer pela sua morte. Note-se que o sexo de Márcia é constantemente referido, como se o facto de o autor considerar que esta mãe pode encontrar um alívio para a sua dor fosse inesperado⁶¹⁵. Tanto na *consolatio* que Séneca escreve para a mãe, Hélvia, como na que dirige a Márcia, os *exempla* femininos são apresentados de forma a que a *muliebritas* seja um elemento pertinente para a finalidade da própria *consolatio*. Quando se dirige a Márcia, explora com ênfase considerável a oposição entre Lúvia e Octávia, a primeira um exemplo a seguir, a outra um exemplo a evitar (*Dial.* 6.2-3). Enquanto a primeira sepultou Druso e continuou a sua vida, lembrando a memória do filho com prazer, a segunda renunciou a tudo e dedicou-se a um sofrimento interminável e completo, agindo como se não tivesse outros familiares⁶¹⁶.

A reflexão sobre a morte e o luto fundamenta-se, assim, numa tradição longa que beneficia de perspectivas diversas. Filosofia, literatura e retórica complementam-se no estabelecimento de uma moldura cultural que se reflecte nos textos em que a mãe chora o filho.

⁶¹⁵ Vejam-se, a título de exemplo, as primeiras palavras do texto: *Nisi te, Marcia, scirem tam longe ab infirmitate muliebris animi quam a ceteris uitiiis recessisse (...) non auderem obuiam ire dolori tuo (...).*

⁶¹⁶ *Adsidentibus liberis, nepotibus lugubrem uestem non deposuit, non sine contumelia omnium suorum, quibus saluis orba sibi uidebatur.* (*Dial.* 6.2.5).

II. A expressão do luto na Eneida

Introdução: o luto e o sofrimento na *Eneida*

Obra de polissemias evidentes e actuates a níveis diversos, a epopeia vergiliana é profícua na expressão da dor. O contexto heróico e marcial propicia a apresentação da morte como uma constante da vida humana e a viagem de Eneias provoca, necessariamente, o abandono, o afastamento e a separação. O sofrimento, seja provocado pela partida, pela despedida ou pela morte, é uma presença que se sente desde o proémio à cena final. Eneias aparece na narrativa como um refugiado, um apátrida que foge da guerra e é perseguido pela cólera de Juno⁶¹⁷. Na sua viagem em direcção à Itália, tem de enfrentar tempestades,

⁶¹⁷ As primeiras palavras de Eneias na narrativa são fortemente marcadas pelo sofrimento. A recorrência dos males leva-o ao desespero e ao desejo de uma morte gloriosa no campo de batalha e na terra dos seus antepassados: *'o terque quaterque beati, / quis ante ora patrum Troiae sub moenibus altis / contigit oppetere! o Danaum fortissime gentis / Tydide! mene Iliacis occumbere campis / non potuisse tuaque animam hanc effundere dextra, / saeuus ubi Aeacidae telo iacet Hector, ubi ingens / Sarpedon, ubi tot Simois correpta sub undis / scuta uirum galeasque et fortia corpora uoluit?'* (A. 1.94-101). Para uma comparação entre este discurso e os seus modelos homéricos, cf. HIGHT (1972: 187-191). Sobre a interpretação destas palavras e do gesto de súplica que as antecede, cf. HARRISON (1992). STAHL (1981: 159ss.) defende que com este discurso e com o desejo de glória – e não de morte – que exprime, Vergílio caracteriza Eneias como um herói homérico; PERKELL (1999: 39-41) considera que tanto este discurso como o seguinte apresentam Eneias como um herói melancólico ligado ao passado e à família. A constância do sofrimento é reconhecida pelo próprio Eneias quando conforta os companheiros depois da tempestade: *'O socii (neque enim ignari sumus ante malorum), / o passi grauiora, dabit deus his quoque finem.* (A. 1.198-199). Quando deixa em Acesta muitos dos companheiros que não querem seguir viagem, a despedida é dolorosa e prolongada: *exoritur procurua ingens per litora fletus; / complexi inter se noctemque diemque morantur.* (A. 5.765-766). WILLIAMS (1982: 53) escreve: «(...) because this pressure is so much greater we see in him a figure who often seems frail and unequal to the task. And yet

tem de ver a ruína de Tróia e os próprios deuses atacando a cidade, tem de assistir à morte do pai e à de muitos dos seus, tem de deixar para trás Creúsa, Dido e tantos outros. A dor das escolhas que é obrigado a fazer imprime-se de forma indelével no seu carácter, tornando complexa e problemática a sua identificação com os valores morais supostamente defendidos pelo autor e por Augusto⁶¹⁸. O seu percurso inclui também uma catábase que é, ao mesmo tempo, um reencontro com os fantasmas de que se afastou e uma catarse do passado⁶¹⁹, com a mágoa que isso implica, e a promessa de um futuro que compensará a dor e as dificuldades experimentadas.

Ao longo da viagem, Eneias perde alguns familiares e amigos importantes. Perde Creúsa na fuga de Tróia, Anquises na Sicília, Palante nos combates no Lácio. Em várias ocasiões, estabelece contacto, mais ou menos próximo, mais ou menos real, com uma série de defuntos que lhe permitem ter acesso a um conhecimento mais consistente do presente ou do futuro. Heitor e Anquises no livro 5 aparecem-lhe em sonhos para o informar das escolhas mais prudentes. O fantasma de Creúsa, o de Anquises e tantos outros no livro 6 apontam-lhe caminhos em frente mas também lhe mostram, com frequência, as consequências dolorosas do passado.

Impõe-se a Eneias, em vários momentos, fazer o luto por uma personagem ou outra⁶²⁰. Curiosamente, porém, quando depara com a morte dos seus, raramente assistimos a uma descrição não problemática do sofrimento. Quando, na fuga de Tróia, Eneias se apercebe do desaparecimento de Creúsa, a

through toil and danger, through despair and agony, he keeps on going. This is the nature of the new heroism.»

⁶¹⁸ Sobre a relação controversa entre a *Eneida* e o regime augustano, cf. SCHMIDT (2001).

⁶¹⁹ É necessário que a Sibila lhe diga: *nox ruit, Aenea; nos flendo ducimus horas*. (A. 6.539), para que Eneias siga caminho para encontrar o pai.

⁶²⁰ Pelos naufragos da tempestade (A. 1.220-222), por Polidoro (A. 3.62-68), por Miseno (A. 6.175ss.), por Palinuro (A. 5.869-871; 6.1), por Palante (A. 11.88-99), etc.

sua reacção, que suscita alguma polémica, é irracional. Eneias regressa à cidade, no auge do saque dos Gregos. *Amens* (A. 2.745), acusa todos os homens e todos os deuses. Procura Creúsa e, *maestus* (A. 2.769), pondo em risco a sua própria vida, chama-a uma e outra vez. Quando o espectro desta lhe aparece, a reacção de Eneias não é de dor, é de admiração, de estupor:

*quaerenti et tectis urbis sine fine ruenti
infelix simulacrum atque ipsius umbra Creusae
uisa mihi ante oculos et nota maior imago.
obstipui, steteruntque comae et uox faucibus haesit.*(A. 2.771-774)

Só a despedida deixa perceber a dor da perda. Mesmo assim, porém, não é permitido a Eneias dizer o que quer que seja. Creúsa desaparece antes que ele possa falar. Nem se lhe concede o contacto físico com a esposa, num último abraço de conforto:

*haec ubi dicta dedit, lacrimantem et multa uolentem
dicere deseruit, tenuisque recessit in auras.
ter conatus ibi collo dare brachia circum;
ter frustra compressa manus effugit imago,
par leuibus uentis uolucrique simillima somno.* (A. 2.790-794)

A frustração do abraço é, aliás, frequente para Eneias. Não consegue, ainda que tente algumas vezes⁶²¹, abraçar Creúsa, como já antes na narrativa, mas depois na ordem cronológica, não conseguira abraçar a mãe, Vénus, e mais tarde falhará também o abraço com o fantasma do pai, primeiro na Sicília e, depois, nos Infernos. BELFIORE (1984) identifica uma evolução na personagem que, na segunda metade da obra, procura menos o abraço dos familiares e, nas duas vezes em que o faz, a emoção é bastante mais contida e o contexto é completamente diferente. É abraçado pela mãe quando esta o procura para lhe entregar as armas de Vulcano, mas aqui é bem explícito quem abraça quem: *amplexus nati Cytherea petiuit* (A. 8.615). Eneias já não procura abraçar a mãe, já não toma a iniciativa, como fez em Cartago, quando ela apareceu à sua frente

⁶²¹ Note-se como a repetição anafórica de *ter* e a ausência de ligação sintáctica entre as orações amplificam a frustração de Eneias (A. 2.792-793).

disfarçada e fugiu sem lhe permitir dizer mais do que palavras de censura e frustração⁶²². O último abraço é a Ascânio⁶²³, mas também aqui, como no livro 8, o contexto é marcial e heróico. O abraço propriamente dito é, porém, descrito com mais pormenor. É um abraço estranho, um “abraço de ferro”, como lhe chama BELFIORE (1984: 30). Os versos anteriores descrevem minuciosamente Eneias armando-se para regressar ao combate depois de ter sido ferido e curado por intervenção de Vénus. Os seus pensamentos estão por isso, parece-nos, mais centrados no campo de batalha e no conflito do que no filho. É por esta razão que, ao contrário do que acontece na cena da despedida de Heitor e Astíanax na *Ilíada* que lhe serve de modelo (*Il.* 6.390ss.), na *Eneida*, mais do que o adeus de pai e filho, a cena é uma passagem de testemunho entre dois homens com funções públicas que se impõem sobre o papel familiar de cada um. Heitor desarma-se perante o filho, Eneias beija o filho através do elmo e envolve-o nas suas armas⁶²⁴. O contacto físico é, por esta razão, limitado, incompleto:

*postquam habilis lateri clipeus loricaque tergo est,
Ascanium fuis circum complectitur armis
summaque per galeam delibans oscula fatur: (A. 12.432-434)*

Não é só o pai que abraça o filho, é o guerreiro que abraça o seu sucessor e, deste modo, lhe transmite a sua herança, a *uirtus* e o *labor* (A. 12.435),

⁶²² *Ille ubi matrem / agnouit tali fugientem est uoce secutus: / 'quid natum totiens, crudelis tu quoque, falsis / ludis imaginibus? Cur dextrae iungere dextram / non datur ac ueras audire et reddere uoces? (A. 1.405-409).*

⁶²³ Esta é também a única vez em que Eneias fala em discurso directo para o filho.

⁶²⁴ Note-se que a diferença no contacto físico que ambos os heróis estabelecem com os filhos é notável, o que pode justificar-se pelo facto de que um é ainda uma criança pequena e o outro é já suficientemente adulto para acompanhar o pai, mantendo-se, ainda assim, longe do campo de batalha. Heitor beija o filho e toma-o nos seus braços, segura-o com as suas mãos, enquanto pede aos deuses que este seja um guerreiro valoroso como o pai: *ἀντάρ ὃ γ' ὃν φίλον νιόν ἐπεὶ κύσε πῆλ' ἐτε χερσὶν (...)* (*Il.* 6.474); “De seguida beijou e abraçou o seu filho amado” (tradução de LOURENÇO (2005: 145)). Eneias, pelo contrário, beija o filho apenas ao de leve: *delibans*.

recordando-o de que as acções do pai revertem a favor do filho. É a mão do pai que garante a segurança do filho e que o conduz à glória. Esta despedida é, assim, uma afirmação de continuidade e, neste aspecto, difere completamente, por exemplo, da despedida de Evandro e Palante, que analisaremos adiante. Mesmo nos momentos de luto, não nos surge um Eneias entregue às emoções. Quando exprime a sua dor, fá-lo sempre de forma mais ou menos contida. Na analepse dos livros 2 e 3, Eneias perde continuamente pessoas que lhe são próximas, mas assumem especial importância a esposa, cuja despedida já analisámos, e o pai. Anquises, que desempenha um papel importante como guia da viagem no livro 3, morre na Sicília. Quando, em Cartago, Eneias recorda, perante Dido, a morte do pai, não se alonga em palavras:

*hic, pelagi tot tempestatibus actus
heu, genitorem, omnis curae casusque leuamen,
amitto Anchisen. hic me, pater optume, fessum
deseris, heu, tantis nequiquam erepte periclis!* (A. 3.708-711)

É de forma convencional que o herói exprime a sua dor. O tratamento de Anquises na segunda pessoa, a par do vocativo *pater optume* e da repetição da interjeição *heu* mostram, parece-nos, mais do que dor, saudade, e a escolha verbal (*amitto; deseris*) confirma Eneias como a parte prejudicada na morte do pai. A referência às dificuldades enfrentadas e o adjetivo *fessum* com que Eneias se designa a si próprio indicam a autocomiseração do herói. Não se descreve, no entanto, nem como morreu Anquises nem em que situação específica, como se, à imagem de Creúsa, tivesse simplesmente desaparecido para outra dimensão. Também o pai, como a esposa, lhe servirá de guia para o futuro, quando, na Sicília, o aconselha a seguir os conselhos de Nautes e a visitá-lo nos Infernos. Mas, uma vez mais, Eneias profere palavras de censura e frustração por não lhe ser permitido o contacto físico com o pai:

[Anquises] *dixerat et tenuis fugit ceu fumus in auras.*
Aeneas 'quo deinde ruis? quo proripis?' inquit,
'quem fugis? aut quis te nostris complexibus arcet?' (A. 5.740-742)

Nos Infernos o pai mostrar-lhe-á igualmente a glória dos seus descendentes. Mas também então o abraço será frustrado e, mais uma vez, a busca do contacto e do amparo ficará sem uma resposta para um Eneias que dá voz à emoção do reencontro e pede proximidade, um toque, um juntar de mãos:

*'tua me, genitor, tua tristis imago
saepius occurrens, haec limina tendere adegit;
stant sale Tyrrheno classes. da iungere dextram,
da, genitor, teque amplexu ne subtrahe nostro.'
sic memorans largo fletu simul ora rigabat.
ter conatus ibi collo dare brachia circum;
ter frustra comprensa manus effugit imago
par levibus uentis uolucrique simillima somno. (A. 6.695-702)*

A expressividade da súplica é notável: a repetição do possessivo *tua* e a contiguidade com *me*, que, no primeiro verso, fica envolvido pela referência ao pai parece reproduzir na linguagem o que não acontece na realidade; a insistência das formas verbais no imperativo, com a repetição de *da* e do vocativo *genitor*, sempre contíguo à cesura, mostram a urgência do encontro; o sintagma *largo fletu* é isolado na oração pelas cesuras triemímere e heftemímere. Como no encontro com o espectro de Creúsa, também aqui a repetição de *ter* em anáfora e a relação paratáctica das duas orações em que aparece mostram o desapontamento de Eneias.

Rapidamente, porém, o cenário em redor de ambos desvia a atenção deste e a angústia do abraço fracassado é esquecida. Sem palavras de acusação, só uma confirmação de imaterialidade que Eneias aceita sem relutância. Gradualmente, Eneias renuncia à expressão do apego pela família, já que esta passa a integrar o plano mais amplo da missão e da fundação e tem de ser sacrificada em prol da vitória⁶²⁵. Esta pode ser uma das razões para a morte de Turno, mesmo quando este pede misericórdia pelo velho pai, numa súplica que

⁶²⁵ Podemos entender que o contacto físico com Palante estabelece uma transição da família para outras relações sociais mais amplas que funcionam como amparo e incentivo para a missão: *excepitque manu dextramque amplexus inhaesit (A. 8.124)*.

faz Eneias hesitar. Os laços familiares, todavia, deixam de ser prioritários para Eneias.

Este lado obscuro da *Eneida* e do seu protagonista, a par da multiplicidade de situações que apresentam personagens em sofrimento, e que se opõem à luminosidade do *imperium sine fine* (A. 1.279) prometido por Júpiter na profecia do livro 1 e confirmado noutros passos, tem sido uma inquietação prioritária da crítica recente. O *pathos* inerente à obra tem-se interpretado de forma polémica, ora como uma presença subversiva, que obscurece a missão de Eneias e, em consequência, a validade moral da fundação de Roma (a leitura “bivocal” da *Eneida*, associada à chamada Escola de Harvard⁶²⁶), quer como uma característica genológica necessária ao argumento⁶²⁷.

A crítica pessimista da *Eneida* põe em relevo a forma como alguns passos da obra questionam a legitimidade do poder de Augusto. A tristeza imanente ao texto, nomeadamente em secções como o episódio de Dido ou a morte dos jovens no campo de batalha ou, de forma especial, a cena final da morte de Turno, é apreendida como um comentário sobre o preço demasiado elevado da fundação de Roma. A oscilação entre um suposto anti-augustanismo e um pró-augustanismo da obra fundamenta-se no sofrimento causado pela missão de Eneias. O mesmo acontece com as consequências do conflito nas chamadas

⁶²⁶ Alguns dos trabalhos conotados com a interpretação pessimista ou bivocal são: PARRY (1963), OTIS (1963), CLAUSEN (1964), PUTNAM (1965), JOHNSON (1976), LYNE (1987), etc. CLAUSEN (1995) esclarece que o seu artigo de 1964 foi escrito em 1949, fora do contexto do antimilitarismo da década de 60 e longe de Harvard. HARRISON (1990: 5) considera, porém, que é difícil separar a visão negativa do imperialismo na *Eneida* do contexto dos anos sessenta: «the doubt of the traditional view of the *Aeneid* has at least some connection with the 1960's questioning of all institutions, political, religious, and intellectual, and in particular with attitudes towards America's own imperialism.» Sobre a inadequação das designações utilizadas para esta tendência, cf. HORSEFALL (1995: 192-193). Para uma síntese das tendências da crítica no século passado, cf. HARRISON (1990) e FARRELL (1990).

⁶²⁷ Exemplos desta corrente são, entre outros, CONTE (1984) e BARCHIESI (1994). Para uma esquematização do debate sobre a função do *pathos* no poema, cf. PERKELL (1999: 14-26).

“vítimas colaterais”, isto é, em pessoas que, mesmo não estando presentes no campo de batalha, são afectadas pelos acontecimentos que aí se desenrolam. A análise do luto na *Eneida* baseia-se neste tipo de personagens e, em especial, numa série de figuras que, sendo mães, ou desejando tê-lo sido, são apresentadas como elementos acessórios, oponentes ou dispensáveis em relação à missão de Eneias: Creúsa, Andrómaca, Dido, Amata, a mãe de Euríalo e um grupo de personagens anónimas que assume um maior relevo na segunda metade da obra e que se identifica apenas pela designação genérica de *matres*.

Ocupar-nos-emos, neste capítulo, da análise destas personagens e do modo como se relacionam com a maternidade. Ainda que apenas a mãe de Euríalo apareça na obra como uma mãe recentemente *orbata*, que lamenta a morte do filho – e, por este motivo, o seu discurso constituirá a parte central desta análise – as outras figuras enumeradas experimentam também a perda de um filho ou são, de algum modo, caracterizadas por um amor maternal que se apresenta como fracassado e que é dirigido a um filho ou a um substituto deste.

Analisaremos também, como contraste ao luto materno (ou pseudo-materno), a expressão da dor do pai pela morte de um filho, com a finalidade de discernir especificidades na forma como a mãe e o pai sentem a perda dos filhos. Ana e Juturna choram a morte dos dois “rivals” de Eneias. No lamento da irmã procuramos os indícios de uma associação do luto feminino à expressão de uma dor que examina a missão de Eneias e que nela projecta a dúvida e a incompreensão.

As muitas mães de Ascânio: Dido, Creúsa, Andrómaca e as *Iliades*

Quando encontramos Eneias no meio da tempestade, as mulheres troianas ficaram, todas ou quase todas, para trás, e o grupo dos refugiados é

apresentado como um conjunto de homens em busca de uma pátria. A primeira presença feminina que se faz sentir na narrativa, além da das deusas Juno e Vénus, é a de Dido, que aparece desempenhando as suas funções públicas, ditando leis e presidindo à construção da nova cidade. A rainha sucumbe, porém, perante os interesses privados da personagem, quando é contagiada por Vénus e Cupido, que se servem de Ascânio para conseguir os seus intentos. O estratagema de Vénus é claro na antítese entre a doçura do rapaz e o efeito destrutivo que esta terá em Dido:

*At Cytherea nouas artis, noua pectore uersat
consilia, ut faciem mutatus et ora Cupido
pro dulci Ascanio ueniat, donisque furentem
incendat reginam atque ossibus implicet ignem.* (A. 1.657-660)

O adjetivo *dulcis*, no sintagma *pro dulci Ascanio* que a cesura pentemímere realça, opõe-se ao carácter nocivo da imagem do fogo que se segue. A forma como Vénus apresenta a Cupido este ardil recupera a mesma oposição:

*'tu faciem illius noctem non amplius unam
falle dolo et notos pueri puer indue uultus,
ut, cum te gremio accipiet laetissima Dido
regalis inter mensas laticemque Lyaeum,
cum dabit amplexus atque oscula dulcia figet,
occultum inspire ignem fallasque ueneno.'* (A. 1.683-688)

O vocabulário é claro na apresentação da acção como um ataque: *falle dolo*, recomenda Vénus (A. 1.684). A imagem de Ascânio, que Cupido assume, é uma fraude e servirá como um engodo para Dido⁶²⁸. Sob uma máscara que tem como objectivo seduzi-la, Cupido terá a possibilidade de se aproximar fisicamente da rainha, porque esta, atraída pela ternura da criança, tentará aproximá-la de si, abraçando-a e tomando-a no regaço, numa atitude tipicamente maternal.

⁶²⁸ STROPPINI DE FOCARA (1990: 23ss.) diz sobre o estratagema utilizado por Vénus: «C' est aller trop profond dans ce que les êtres ont d' essentiel, de sacré, c'est toucher au coeur de la nature humaine et passer les bornes permises à qui veut se venger: à ce niveau les êtres n' ont plus ni défense ni refuge, et la déloyauté tourne à la cruauté monstrueuse.» NUTALL (1998: 92) caracteriza o estratagema de Vénus como «half-blaspemy».

Repare-se como o poliptoto *pueri / puer* põe em relevo a idade menor de Ascânio. O contacto físico com este será causa de grande alegria para a rainha, que estará *laetissima* (A. 1.685). A proximidade com Ascânio é descrita de forma a realçar o seu aspecto físico:

*haec oculis, haec pectore toto
haeret⁶²⁹ et interdum gremio fouet inscia Dido
insidat quantus miserae deus. (A. 1.717-719)*

Dido mostra-se encantada com a criança, que abraça, mas este acto, apresentado como um acto de ternura e demonstração de afecto, contrasta de forma manifesta com a fraude que esconde. Ao trazer o falso Ascânio para o palácio, Vénus seduz Dido com a insinuação da possibilidade de esta ter a família que o fim trágico do primeiro casamento não lhe permitiu ter.

O amor que as divindades introduzem (literalmente) na rainha explora um lado maternal que se deixa entrever com mais precisão no livro 4, depois de Eneias narrar as peripécias da sua viagem. O relato da queda de Tróia e da viagem de Eneias até Cartago actua também como um incentivo aos sentimentos da rainha pelo Troiano. A narrativa explora intencionalmente a misericórdia de Dido, ao mesmo tempo que lhe dá a conhecer Eneias. Não deve ser inócua para a paixão de Dido a narração da perda de Créusa e o facto de Eneias descrever a sua tentativa desesperada para salvar a esposa. Assim, a imagem de Eneias como chefe de família pode ter sido mais um elemento que atraiu para ele a atenção da rainha. A solicitude para com os familiares, que

⁶²⁹ HEUZÉ (1985: 587, n. 396) considera discutível o sentido do verbo *haereo* neste contexto. Parece-nos, todavia, que apresenta as mesmas conotações físicas que o autor identifica nos outros episódios em que aparece, como, por exemplo, no encontro entre Palante e Eneias (A. 8.124) ou no momento em que Evandro acolhe o cadáver do filho. De qualquer modo, o verbo tem um leque de significados que tem sempre a ideia de imobilidade e de fixação (cf. OLD. s. u. *haereo*) e denota, nestes versos, a paralisação da rainha provocada pela admiração do rosto da criança. Se o verbo não exprime aqui, pelo menos de forma explícita, o contacto físico que o narrador descreve noutras cenas em que o verbo aparece, e que surge na oração seguinte da frase (*interdum gremio fouet*), são os olhos e os sentimentos que unem Dido a Ascânio.

Vénus relembra ao filho (A. 2.596-598), terá o mesmo efeito em Dido que o relato do heroísmo abnegado (e, ainda assim, inútil) do Troiano.

A *pietas* de Eneias, representada na fuga com o pai e com o filho, apresenta a Dido uma situação semelhante à sua. Também ela se viu obrigada a fugir da pátria. PERKELL (1992⁴) realça o facto de tanto Dido como Creúsa serem vítimas da missão de Eneias e defende que a morte das duas mulheres mostra um Eneias cruel e desumano que volta a aparecer, com maior visibilidade, na cena final da morte de Turno. Creúsa, todavia, incentiva Eneias a partir e a seguir o seu destino, admitindo não fazer parte dele, por vontade dos deuses, e revelando a Eneias, a quem se dirige como *dulcis coniunx* (A. 2.777), que o futuro lhe reserva uma nova esposa de estirpe real e um reino na Hespéria. O futuro que Creúsa vaticina desculpabiliza Eneias e instiga-o a cortar os laços com Tróia. O discurso da esposa que ficou para trás é marcado pela aceitação, surpreendentemente pacífica, da morte e da separação⁶³⁰. Creúsa não chora nem lamenta e, neste aspecto, a sua atitude serena opõe-se à aflição de Eneias⁶³¹.

Só as últimas palavras que pronuncia, e que são já a despedida, referem Ascânio: *iamque uale et nati serua communis amorem* (A. 2.789). AUSTIN (1980: *ad* 789), citando Sérvio, considera que as palavras de Creúsa são uma recomendação a Eneias de que deve ser pai e mãe para Ascânio, protegendo este da madrasta que o fantasma acabou de vaticinar⁶³². Parece-nos, porém, que esta preocupação só faria sentido se Creúsa sentisse que a madrasta representaria uma ameaça. Na verdade, seria estranho que Creúsa não referisse

⁶³⁰ Creúsa mostra-se resignada com uma morte que a salva da humilhação de ser mais uma cativa dos Gregos: *'non ego Myrmidonum sedes Dolopumue superbas / aspiciam aut Grais seruitum matribus ibo, / Dardanis et diuae Veneris nurus.'* (A. 2.785-787).

⁶³¹ Creúsa começa mesmo por censurar o estado demasiado perturbado de Eneias: *quid tantum insano iuuat indulgere dolori, / o dulcis coniunx?* (A. 2.776-777).

⁶³² Diz Sérvio (A. 2.789): *NATI SERVA COMMUNIS AMOREM: quasi mater sollicita, quod dixerat, eum aliam habiturum uxorem. bene ergo propter futuram nouercam commendatur Ascanius.*

o filho. O facto de deixar para o fim a referência a Ascânio dá a esta mais relevância. São, de facto, as últimas palavras que Eneias ouve da esposa. Se Creúsa não demonstra qualquer sinal de desgosto por a morte a separar do filho é porque o seu papel deixou de ser o de mãe. Creúsa é, no momento em que aparece como um espectro a Eneias, mais um dos muitos instrumentos do destino, que têm como propósito assegurar que o Troiano segue em frente. O discurso de Creúsa tem como finalidade principal reconfortar Eneias, fazendo-o aceitar a perda não só da esposa, mas também da pátria. Creúsa tem de desaparecer, juntamente com a cidade, para que Eneias parta sem remorsos. A visão do futuro que a esposa lhe concede deve ser um objectivo para Eneias, um incentivo para a viagem. Por este motivo, parece-nos que é porque faz parte de outra dimensão e conhece o futuro e a importância da missão que Creúsa não se detém em mais considerações sobre o filho. Creúsa faz o que Eneias deve fazer: antepor o interesse público às afinidades familiares.

O episódio que decorre em Butroto, com as relações dúbias e problemáticas que estabelece entre presente, passado e futuro⁶³³, é, como o último encontro com Creúsa, mais um impulso para que Eneias se separe do seu passado troiano. Quando, depois de desembarcar, se afasta da armada e se dirige para a cidade, Eneias encontra Andrómaca, fazendo ofertas fúnebres junto do cenotáfio de Heitor (*Hectoreum ad tumulum... inanem; A. 3.304*). Andrómaca reage de forma emocionada ao encontro com Eneias, que pensa ser um fantasma, como se o passado se confundisse com o presente e os mortos com os vivos. Depois de ultrapassado o choque inicial e de ter informado Eneias da sua situação actual, Andrómaca pergunta-lhe por Ascânio:

*'quid puer Ascanius? superatne et uescitur aura?
quem tibi iam Troia -
ecqua tamen puero est amissae cura parentis?
ecquid in antiquam uirtutem animosque uirilis
et pater Aeneas et auunculus excitat Hector?'* (A. 3.339-343)

⁶³³ Cf., p. ex., sobre esta temática, GRIMM (1967) e QUINT (1982).

O verso inacabado demonstra, de acordo com alguns autores, o estado perturbado de Andrômaca⁶³⁴, a quem a referência a Ascânio faz lembrar obviamente o próprio filho, Astíanax, lançado do alto da muralha de Tróia. É por essa razão que pergunta a Eneias se o rapaz sente a falta da mãe, como certamente ela sente a de Astíanax.

As palavras de Andrômaca apresentam a noção da família como um todo. Ascânio perdeu a mãe e a interrogação de Andrômaca parece retórica e feita para, de alguma forma, legitimar a sua ligação ao filho e ao marido. Ambas as perguntas parecem, de facto, esperar uma resposta positiva. Para esta mãe *orbata*, Ascânio é o elemento que transportará para o futuro a herança da família, identificada aqui com a excelência guerreira de Eneias e Heitor. Ela procura, assim, em Ascânio e em Eneias o passado de Tróia e, especificamente, o seu próprio passado e o filho e o marido perdidos. Porque vive numa ilusão, procura nos visitantes os sinais do que perdeu. Astíanax e Heitor, porém, pertencem ao passado e desapareceram com Tróia. Eneias e Ascânio viajam em busca de um futuro que, ao contrário da existência de Andrômaca, resultará de um processo regenerativo.

A mãe *orba* procura no filho de outrem o filho que lhe falta, do mesmo modo que presta homenagem a um túmulo vazio e vive numa réplica de Tróia que a transforma, a ela e a Heleno, em “mortos-vivos”⁶³⁵. Quando Eneias e os companheiros partem, as palavras de despedida que Andrômaca profere deixam clara a associação que se opera na sua mente entre Ascânio e o filho:

‘accipe et haec, manuum tibi quae monimenta mearum

⁶³⁴ FELDMAN (1958: 362) considera que a interrupção do discurso de Andrômaca acentua o *pathos* da cena e deixa transparecer o estado emocionado da personagem. WITTON (1960: 171) afirma: «Virgil could not complete the line, because its speaker could not.» Donato, na *Vita Vergilii*, diz sobre os versos incompletos da *Eneida* e sobre este em particular: (...) *omnia fere apud eum hemistichia absoluto perfectoque sunt sensu, praeter illud: “quem tibi iam Troia”*.

⁶³⁵ A expressão é da autoria de NELSON Jr (1961) e é retomada por QUINT (1982: 31).

*sint, puer, et longum Andromachae testentur amorem,
coniugis Hectoreae. cape dona extrema tuorum,
o mihi sola mei super Astyanactis imago:
sic oculos, sic ille manus, sic ora ferebat;
et nunc aequali tecum pubesceret aeuo.* (A. 3.486-491)

O ritmo das palavras de Andrômaca progride da rapidez do primeiro verso, que apresenta cinco dáctilos, para a lentidão e a gravidade do último, composto por cinco espondeus e um único dáctilo. Evolui da sofreguidão da entrega, introduzida pela primeira palavra do discurso, a forma imperativa *accipe*, para o peso da lembrança do passado. Ainda que ambas as frases comecem de forma paralela (*accipe / cape*), distinguem-se pelo facto de a primeira se centrar na relação que os presentes estabelecem entre o filho de Eneias e Andrômaca, que se identifica como *coniugis Hectoreae*, apesar de estar casada com Heleno e, antes, com Pirro. Esta identificação demonstra uma ligação algo excessiva ao passado. Andrômaca ficou presa a um tempo e a uma situação que já não existem. Ela é agora e será para sempre a esposa de Heitor e a mãe de Astíanax. A segunda frase, no entanto, leva mais longe este apego ao passado, já que abrange Ascânio, que Andrômaca designa como *mihi sola mei super Astyanactis imago* (A. 3.485). A acumulação do pronome pessoal e do possessivo reflectem, parece-nos, a excessiva concentração de Andrômaca em Ascânio como substituto de Astíanax. A cesura pentemímere isola na frase o segmento *mihi sola mei*, mostrando assim o sentimento de perda e a frustração da personagem⁶³⁶.

A assimilação entre Ascânio e Astíanax parece completa e é realçada pela repetição tripla de *sic*, sempre em posição métrica relevante. As cesuras triemímere e heftemímere dividem o verso em três partes, todas começadas pelo advérbio e realçando, cada uma, uma parte diferente do corpo: *oculos*, *manus* e *ora*. A comparação das duas crianças completa-se no verso seguinte: se

⁶³⁶ FELDMAN (1953: 305) comenta: «It is the presence of the little child which raises the parting scene from one that is routine to one that strikes the depths of emotion.»

Astíanax fosse vivo, teria a mesma idade que Ascânio tem agora. A identificação torna-se absoluta para Andrómaca e, como acontece com Dido no livro 1, Ascânio assume o papel do filho que já não ou ainda não existe.

Deste modo, o filho de Eneias, símbolo máximo da missão e do futuro dos refugiados troianos, invade o mundo privado da intimidade feminina e traz para a esfera pública os sinais do afecto das mulheres para com ele. Quando sai de Butroto, traz os presentes de Andrómaca⁶³⁷. Quando celebra o *lusus Troiae*, monta um cavalo oferecido por Dido⁶³⁸. WILTSHIRE (1989: 46) considera que a oferta de Dido a Ascânio demonstra a importância da ligação da rainha ao filho de Eneias e que este transporta para o futuro o nome de Dido. Escreve a autora: «The horse with its epithet of *Sidonio* projects Dido into the future through a child that she herself will never have.» Porque, pelo menos enquanto durou a ilusão da relação com Eneias, Ascânio foi também para Dido, como para Andrómaca, um filho substituto.

Esta característica do filho de Eneias aparece igualmente no livro 5, quando as mulheres troianas, em desespero e incitadas por Íris que, enviada por Juno, assumiu a fisionomia de Béroe, incendeiam os navios. Ascânio, que acabara de participar no *lusus Troiae*, é o primeiro a correr para junto dos navios em chamas e grita às Troianas:

*'quis furor iste nouus? quo nunc, quo tenditis' inquit
'heu miserae ciues? non hostem inimicaque castra
Argiuum, uestras spes uritis. en, ego uester
Ascanius!' – galeam ante pedes proiecit inanem,
qua ludo indutus belli simulacra ciebat. (A. 5.670-674)*

Ao apresentar-se como *ego uester / Ascanius*, parece apelar a um reconhecimento tipicamente sentimental, como se se tratasse de um filho. O pronome pessoal e

⁶³⁷ *nec minus Andromache digressu maesta supremo / fert picturatas auri subtemine uestis / et Phrygiam
Ascanio chlamydem (nec cedit honore) / textilibusque onerat donis. (A. 3.482-485).*

⁶³⁸ *extremus formaque ante omnis pulcher Iulus / Sidonio est inuectus equo, quem candida Dido / esse sui
dederat monimentum et pignus amoris. (A. 5.570-572).*

o possessivo operam uma redução no discurso, que demonstra uma relação de proximidade ou mesmo de pertença familiar entre o rapaz e as Troianas. Depois de o verem, as mulheres recuperam a lucidez perdida⁶³⁹ e, mais uma vez, fogem para locais ermos, afastando-se, assim, novamente da comunidade dos homens. Não é irrelevante o facto de, como acontece com Dido e com Andrômaca, a visualização do rosto ter como finalidade ou consequência a alteração do estado de espírito da mulher⁶⁴⁰.

No início do livro 4, Ana põe em relevo as vantagens na ligação com Eneias e o primeiro argumento que refere é que, com Eneias, Dido terá a oportunidade de ter filhos, de ter a família que a morte prematura de Siqueu a impediu de ter:

*Anna refert: 'o luce magis dilecta sorori,
solane perpetua maerens carpere iuuenta
nec dulcis natos Veneris nec praemia noris?'* (A. 4.31-32)

O discurso de Ana é essencial na aceitação da paixão, já que a legitima e dissipa os escrúpulos de Dido. Os argumentos que a irmã apresenta evoluem do mais íntimo e privado para a esfera política dos interesses do povo de Cartago. Não deixa, no entanto, de ser significativo que Ana comece a sua argumentação pelo desejo de maternidade, o mesmo sentimento que Vénus e Cupido exploraram na chegada de Eneias ao palácio.

⁶³⁹ *ast illae diuersa metu per litora passim / diffugiunt, siluasque et sicubi concaua furtim / saxa petunt; piget incepti lucisque, suosque / mutatae agnoscunt excussaue pectore Iuno est.* (A. 5.676-679).

⁶⁴⁰ Andrômaca realça a semelhança do rosto de Ascânio com o de Astíanax: *sic ora ferebat* (A. 3.490); Dido mostra-se completamente seduzida pelo rosto de Cupido que assumiu os traços de Ascânio. A visão e o que os olhos vêem são primordiais na génese da paixão da rainha: *ardescitque tuendo / Phoenissa, et pariter puero donisque mouetur* (A. 1.713-714); *haec oculis, haec pectore toto / haeret* (A. 1.717-718). As aparências são essenciais na sedução, não apenas de Dido, mas dos Tírios presentes no banquete: *nec non et Tyrii per limina laeta frequentes / conuenere; toris iussi discumbere pictis / mirantur dona Aeneae, mirantur Iulum, / flagrantisque dei uultus simulataque uerba, / pallamque et pictum croceo uelamen acantho.* (A. 1.707-711).

A paixão de Dido por Eneias traz a rainha de volta à feminilidade que abandonara ao liderar a fuga da Fenícia e é por esta razão que, assumida a relação com Eneias, Dido entrega a este as suas funções de monarca. É por este motivo que, quando Mercúrio chega a Cartago, é Eneias quem dirige a construção da cidade. Porque Dido abdicou do exercício do poder para se dedicar a uma família de fantasia que cedo compreenderá que nunca existiu.

Quando se apercebe da fuga de Eneias e irrompe em acusações, Dido lamenta:

*'saltem si qua mihi de te suscepta fuisset
ante fugam suboles, si quis mihi paruulus aula
luderet Aeneas, qui te tamen ore referret,
non equidem omnino capta ac deserta uiderer.'* (A. 4.327-330)

O modo irreal das orações condicionais projecta o desejo expresso por Dido num mundo ilusório que nunca será realidade. A sua frustração, porém, ultrapassa os limites do desejo de ser mãe. O que Dido realmente quer, parecidos, é uma réplica de Eneias. É por esta razão que designa o filho desejado por *paruulus Aeneas* e enfatiza a assimilação deste à fisionomia do pai (*qui te tamen ore referret*). A existência do filho seria uma forma de prolongar a relação com Eneias, como se a criança pudesse substituir o pai. O aspecto físico seria um meio para, novamente, iludir os sentimentos da rainha. Já no início do livro, quando, depois da conversa com a irmã, Dido se entrega sem freios à paixão, é a Ascânio e à sua presença que recorre para substituir o pai:

*aut gremio Ascanium genitoris imagine capta
detinet, infandum si fallere possit amorem.* (A. 4.84-85)

O contacto físico com a criança tem como consequência, aqui como no livro 1 em que Cupido toma o lugar de Ascânio, o recrudescer da paixão. Um acto naturalmente positivo e impregnado de afecto tem efeitos nefastos que a ternura da criança dissimula.

Quando exprime o desejo de ter tido de Eneias um filho, que lhe traria reconforto pelo abandono, Dido manifesta sinais do mesmo processo: a

presença da criança serve como compensação pela ausência do pai e mantém a ilusão de uma relação com este.

A descrição da criança brincando no palácio contrasta com a violência e a frustração dos particípios *capta* e *deserta* do último verso. Mas a fúria de Dido está ainda longe de atingir o seu auge. Este é o primeiro discurso que dirige a Eneias, depois de se aperceber da fuga deste, e, por esta razão, a ideia da maternidade parece ainda um argumento válido. Quando, porém, as tentativas de demover Eneias se mostrarem irrevogavelmente inúteis, a imagem de Dido como uma figura maternal dissipa-se e é substituída pelo seu oposto: a da mãe filicida, que na fúria da vingança não distingue o filho e o pai:

*non socios, non ipsum absumere ferro
Ascanium patriisque epulandum ponere mensis?* (A. 4.601-602)

Do mesmo modo que as origens da paixão remontam ao pai e ao filho, também a vingança se deveria abater sobre ambos. Mas, tal como a vontade de ter um filho de Eneias, também o desejo de despedaçar Ascânio é condicionado pela irreabilidade: os Troianos acabaram de partir.

Como Andrômaca, Dido construiu para si um mundo de ilusão. Ascânio tem um papel semelhante em ambos os episódios. É um filho substituto que recebe presentes confeccionados por uma mulher a quem suscita um amor maternal, desaparecido com o filho morto, no caso de Andrômaca, ou guardado para um filho que não há-de nascer, no caso de Dido. Tem, por esta razão, uma função nefasta junto das mulheres, já que explora a ternura que todas parecem sentir para com ele. MERRIAM (2002: 853) conclui da análise dos episódios em que Ascânio aparece na *Eneida* que a intervenção do filho de Eneias tem sempre consequências nefastas. O suicídio de Dido, o incêndio dos navios, a morte do veado de Sílvia ou a de Rémulos, todos estes episódios têm em comum a participação de Ascânio que, de uma forma ou outra, e devido à sua imaturidade, se torna responsável pelos acontecimentos: «Ascanius does not mature into a replica of his father through the course of the epic, showing more

and more concern for the welfare of others, but instead remains a heedless child, concerned only with its own interests, passions and enthusiasm.» A imaturidade de Ascânio vê-se, parece-nos, na sua associação constante às mulheres, de que se apresenta como um filho substituto.

Até Vénus parece, por vezes, demonstrar uma preocupação maior pelo neto, a quem designa por *mea maxima cura* (A. 1.678), do que pelo filho. Quando, no concílio dos deuses, lamenta as dificuldades que Juno engendra para atrasar a aliança entre Latinos e Troianos, o pedido que Vénus endereça a Júpiter é que permita que retire Ascânio são e salvo do combate, admitindo uma existência inglória e obscura para Eneias⁶⁴¹.

A mãe de Euríalo

O livro 9 da *Eneida* apresenta, depois da morte de Niso e Euríalo, a reacção da mãe deste à morte do filho. A mãe do jovem guerreiro, ocupada nas suas tarefas femininas, não tem conhecimento algum do que aconteceu na noite anterior. Alertada pela Fama, vem para a muralha do acampamento, de onde avista os Rútulos com as cabeças de ambos os guerreiros cravadas em estacas e escorrendo sangue pútrido. São as palavras desta mulher que encerram o episódio e antecedem os conflitos entre Latinos e Troianos. Ocupa, assim, uma posição de charneira, pois antecipa os momentos mais sangrentos da guerra, uma vez que, apesar de os livros 7 a 12 serem tradicionalmente considerados a parte iliádica da *Eneida*, é só no livro 10, com o regresso de Eneias para junto dos seus com as tropas aliadas, que começam efectivamente os confrontos.

⁶⁴¹ *liceat dimittere ab armis / incolumem Ascanium, liceat superesse nepotem. / Aeneas sane ignotis iactetur in undis / et quacumque uiam dederit Fortuna sequatur: / hunc tegere et dirae ualeam subducere pugnae.* (A. 10.47-50).

Nada nos é revelado acerca da identidade desta mulher, a não ser a informação vaga, dada pelo filho, de que descendia da família de Príamo (A. 9.284). Não pode ser casual o facto de Euríalo mencionar o nome do pai, Ofeltes, mas não o da mãe. A primeira referência à personagem, cuja existência efémera não ultrapassa os limites do seu próprio lamento, é feita por Niso, logo depois de partilhar com Euríalo o estratagema que planeara para chamar de volta Eneias, ausente em Palanteu. Niso refere o facto, considerado algo insólito, de ela ter sido a única das *matres* a acompanhar os guerreiros até à Itália:

*'neu matri miserae tanti sim causa doloris,
quae te sola, puer, multis e matribus ausa
persequitur, magni nec moenia curat Acestae.'* (A. 9.216-218)

Esta informação é inesperada, uma vez que ela não é a única mulher troiana a ser mencionada depois da chegada ao Lácio. Além da referência a Caieta no início do livro 7, são as mulheres de Tróia, as *Iliades*, quem choram Palante (A. 11.34-35), apesar de no livro 5 se sugerir que as mulheres e os idosos ficaram em Acesta. Nessa altura, foi Nautes quem aconselhou Eneias a deixar para trás os companheiros de viagem que não pudessem ou não quisessem acompanhá-lo e, apesar de, num primeiro momento, Eneias hesitar, Anquises aparece a confirmar a validade dos conselhos de Nautes (A. 5.728-729), instigando o filho a levar consigo *lectos iuuenes, fortissima corda*⁶⁴². Em Acesta faz-se, assim, uma primeira selecção dos que querem e podem seguir para a Itália, mas outros ficam para trás:

*transcribunt urbi matres populumque uolentem
deponunt, animos nil magnae laudis egentis.* (A. 5.750-751)

⁶⁴² *'longaeuosque senes ac fessas aequare matres / et quidquid tecum inualidum metuensque pericli est / delige, et his habeant terris sine moenia fessi; / urbem appellabunt permissio nomine Acestam.'* (A. 5.715-717). Mais à frente, descrevem-se os que ficam: *ipsae iam matres, ipsi, quibus aspera quondam / uisa maris facies et non tolerabile numen, / ire uolunt omnemque fugae perferre laborem. / quos bonus Aeneas dictis solatur amicis / et consanguineo lacrimans commendat Acestae.* (A. 5.767-771) Já alguns tinham ficado em Creta: *hanc quoque deserimus sedem paucisque relictis / uela damus uastumque caua trabe currimus aequor.* (A. 3.190-191).

Esta informação parece indicar que as *matres*, as mulheres em idade adulta, terão ficado em Acesta juntamente com os que não ansiavam pela glória. No entanto, as referências posteriores às mulheres de Tróia implicam a suposição de que algumas terão seguido viagem. Apesar disso, a presença das mulheres troianas vai-se desvanecendo na segunda metade da obra, o que, segundo BABCOCK (1992: 49), está em sintonia com a intenção expressa por Juno de fazer desaparecer os Troianos pela união com os Latinos.

É opinião do mesmo autor (1992: 45) que as referências às mulheres troianas depois do livro 5 são importantes porque estabelecem sempre uma transferência simbólica do passado troiano para o futuro romano. A geração das *matres*, tal como a de Anquises, pertence ao passado e, por esta razão, vai-se diluindo na narrativa. Esta transferência, porém, não é feita de forma harmoniosa no caso da mãe de Euríalo que, pela morte do filho, deixa de ter futuro. A passagem de testemunho, que é feita de forma natural no caso de Anquises e Eneias, é abruptamente interrompida pela morte de Euríalo e o lamento da mãe situa-se no momento preciso em que esta depara com a perda desse futuro.

A expressão *sola... multis e matribus*, utilizada por Niso, deve ser entendida, portanto, como um artifício retórico para enfatizar o sacrifício da mãe que se sujeitou às atribulações da guerra e à incerteza do futuro para acompanhar o filho. Note-se a antítese entre *sola* e *multis* que acentua a singularidade e o isolamento da personagem, afastando-a completamente da comunidade das mulheres.

É de salientar o facto de a personagem ser apresentada de forma pouco definida, como se a única característica a realçar nela fosse o facto de ser a mãe de Euríalo e a dependência total em relação a este. Ao contrário de outras mães, preferiu continuar a acompanhar o filho, renunciando ao conforto e à segurança de Acesta e optando pela incerteza e pelas agruras da guerra. É para esta

situação que Niso chama a atenção de Euríalo. Se fracassarem, a mãe ficará sozinha e sem amparo. A advertência de Niso é particularmente importante porque é feita por uma pessoa que não tem ninguém no mundo, a não ser Euríalo⁶⁴³. Niso compreende, portanto, a condição da mãe deste, porque está numa situação idêntica, isto é, um e outro se encontram dependentes de Euríalo.

Este, no entanto, dominado pelo desejo de provar, de ostentar a sua valentia, não demonstra, num primeiro momento, qualquer tipo de cuidado pela mãe. Pelo contrário, adere completamente ao código guerreiro que caracteriza como ensinamento do pai (A. 9.199ss.) e fica indignado por Niso considerar a hipótese de executar sem ele a missão. Esta adesão aos valores transmitidos pelo pai pode explicar o motivo pelo qual refere o nome deste mas não o da mãe. Euríalo identifica-se com o modo de vida e com os ideais guerreiros que o pai lhe ensinou e aos quais não se adequa a presença da mãe, entendida por isso como uma anomalia. Euríalo parece não conseguir lidar com o facto de a mãe estar presente, presença essa que é apresentada por Niso como um impedimento para a missão.

Euríalo opta por desconsiderar as suas responsabilidades, pelo menos neste momento de crise, deixando-se seduzir pela possibilidade de honrarias, como observa o próprio narrador: *obstupuit magno laudum percussus amore / Euryalus* (A. 9.197-198). Só mais tarde, depois de os dois guerreiros apresentarem o estratagema a Ascânio e aos chefes troianos e de estes o aprovarem, é que o jovem, em resposta às promessas de presentes de Ascânio, pede, *super omnia dona* (A. 9.283), que, no caso de a sorte lhe ser adversa, Ascânio tome conta da mãe, mãe que ele não tem coragem de enfrentar, sequer, para dela se despedir. A recomendação faz Ascânio lembrar-se imediatamente

⁶⁴³ Um dos argumentos que Niso utiliza para demover o jovem companheiro de o seguir é precisamente o facto de não ter família que o sepulte ou lhe preste honras fúnebres, no caso de o plano fracassar, como aliás acontecerá.

do pai (A. 9.293-294) e responde a Euríalo: *erit ista mihi genetrix nomenque Creusae / solum defuerit.* (A. 9.297-298), o que não será difícil se tivermos em atenção a já analisada capacidade de Ascânio em suscitar sentimentos maternos nas mulheres. Uma vez mais, o jovem tornar-se-á um filho substituto.

O que teme Euríalo nas lágrimas da mãe? Provavelmente a afirmação dos perigos inerentes à busca desenfreada e inconsequente de glória militar ou a chamada de atenção para os seus deveres não de soldado mas de filho, difíceis de conciliar no caso de Euríalo. Deixando a mãe na ignorância, Euríalo poupa a esta a preocupação de o saber numa situação de risco. Evita também o poder de persuasão das lágrimas maternas que, provavelmente, o levariam a hesitar. Associando-se a Niso nesta façanha, assume-se como soldado e abraça o ideal guerreiro da busca da glória, transferindo para Ascânio a responsabilidade de velar pela mãe, mãe que ele não consegue enfrentar por lhe dever o reconhecimento do sacrifício que esta fez por ele, acompanhando-o até ao Lácio. Ainda assim, a preocupação de Euríalo pela mãe (A. 9.283ss.) causa o choro de todos (A. 9.292-294), como mais tarde o lamento da mãe por Euríalo há-de provocar grande perturbação entre os guerreiros. A ligação entre mãe e filho comove os Troianos, mais susceptíveis porque se encontram num momento difícil, cercados pelos Rútulos e sem a orientação de Eneias.

PAVLOCK (1985: 222) considera que a expedição de Niso e Euríalo resultou num fracasso completo, especialmente no que diz respeito ao cumprimento da *pietas* nos seus diversos aspectos. Não só se revelou uma façanha nefasta para a mãe de Euríalo, mas, pior do que isso, pôs em perigo o bem comum. Niso e Euríalo, mas especialmente este último, falharam não apenas na *pietas erga parentes*, mas também na *pietas erga patriam*. Niso, o mais avisado dos dois, que, ao contrário de Euríalo, não se deixa enlevar pela *dira cupido* de despojos e carnificina, deita a missão a perder ao tentar salvar o companheiro, ao invés de continuar com o propósito inicial de trazer Eneias de volta ao acampamento sitiado. Sacrifica o dever em prol de sentimentos

personais, põe em risco toda a comunidade por causa do afecto a um único indivíduo⁶⁴⁴. O mesmo acontece com a mãe de Euríalo que, sem consideração pelo grupo, traz a público o seu sofrimento, desalentando, assim, os guerreiros. Os sentimentos individuais põem em risco o bem comum. Neste aspecto, a mãe de Euríalo é mais um exemplo do conflito, preponderante na obra, entre o individualismo, por um lado, e a perseverança e abnegação em prol do futuro e do interesse da comunidade, por outro⁶⁴⁵.

Esta personagem fala por si mesma e fala de emoções individuais, sem ter em atenção causas ou destinos maiores. Fala a partir da sua condição de mãe *orba*, de mãe que, sem o prever, se vê perante o cadáver do filho. Este confronto é uma experiência dolorosa, pois, ao mesmo tempo que permite à mãe ver o filho e, em consequência, confirmar a sua morte, impede-a de lhe tocar, de conseguir o contacto físico com o cadáver, e levanta toda uma série de questões que se prendem com o tratamento a dar aos restos mortais do filho e que terão implicações no processo de luto. A impossibilidade do contacto físico torna a cena ainda mais penosa⁶⁴⁶. A separação entre a mãe e o filho é inexorável: do lado do acampamento troiano, sobre a muralha, a mãe, do lado de fora, os

⁶⁴⁴ BOYLE (1986: 91) exprime opinião semelhante: «Appropriately his capture [i. e. de Euríalo] elicits from his companion a mindless (*amens*, A. 9.424) act of suicide, in which the responsibilities of task and chosen duty are forgotten.» BOYLE considera que o famoso comentário do narrador à morte de Niso e Euríalo (*Fortunati ambo...*) é irónico e classifica como ingénuas («naïve» (91, n. 12)) as leituras do excerto que o levam a sério. FARRON (1993: 1ss.), todavia, considera que o episódio, mostrando embora que a conduta de ambos em relação a terceiros é condenável, se baseia principalmente na devoção que nutrem um pelo outro: «(...) the portrayals of Nisus and Euryalus in Books 5 and 9 are closely parallel and that in both books their conduct to other people is of a nature which was regarded as immoral and contemptible by the ancient Romans, but that is overshadowed by their loving devotion to each other.»

⁶⁴⁵ O exemplo máximo deste conflito é o próprio Eneias.

⁶⁴⁶ Podemos associar este afastamento a outros encontros em que o contacto físico fracassa, como, por exemplo, no encontro de Eneias com Vénus no livro 1, com Créusa no livro 2, ou com Anquises no livro 6.

restos mutilados do filho. Não será sequer possível um último abraço, nem será permitido à pobre mãe preparar o cadáver do filho para o funeral que não acontecerá. Nunca mais a mãe tocará o corpo do filho.

Alertada pela Fama que se espalha pelo acampamento troiano, a mãe de Euríalo corre, *amens* (A. 9.478), para a muralha de onde se avistam os Rútulos empunhando as cabeças de Euríalo e de Niso em estacas⁶⁴⁷. Este movimento é, por si só, apresentado como uma anomalia e um acto temerário (A. 9.478-480). É o movimento arrebatado típico de quem foi contaminado pela Fama. A associação vocabular é sugestiva: a Fama *uolitans* (A. 9.473), a mãe de Euríalo *euolat* (A. 9.477). A reacção da mãe à notícia da morte do filho integra a expressão convencional da dor: o calor abandona-lhe o corpo⁶⁴⁸, movimento veloz e desenfreado, gritos de dor, automutilação:

*at subitus miserae calor ossa reliquit,
excussi manibus radii reuolutaque pensa.
euolat infelix et femineo ululatu
scissa comam⁶⁴⁹ muros amens atque agmina cursu
prima petit, non illa uirum, non illa pericli
telorumque memor, caelum dehinc questibus implet* (A. 9.475-480)

Assistimos a uma interrupção súbita do decorrer normal da vida desta mulher⁶⁵⁰. O desenrolar do novelo que cai no chão parece mostrar que algo

⁶⁴⁷ HEUZE (1985: 591) considera que a putrefacção das cabeças é intencionalmente acelerada: «En accélération, de façon peu vraisemblable, la putréfaction des chairs et du sang, Virgile (...) hâte l'anéantissement du corps. (...) L'art de Virgile, en les peignant putrides avant l'heure, les précipite vers la disparition.»

⁶⁴⁸ A descrição da reacção da mãe de Euríalo é semelhante à de Andrómaca, quando vê Eneias avançar em direcção a ela: *Vt me conspexit uenientem et Troia circum / arma amens uidit, magnis exterrita monstis / deriguit uisu in medio, calor ossa reliquit; / labitur, et longo uix tandem tempore fatur (...)*. (A. 3.306-309).

⁶⁴⁹ A mãe de Euríalo, *scissa comam* (A. 9.476), é comparável a Dido, *abscissa comas* (A. 4.590).

⁶⁵⁰ A rapidez desta alteração é transmitida nos versos A. 9.475-476 pela preponderância de dáctilos.

chegou ao fim e a adjectivação que descreve a personagem demonstra a sua reacção violenta à notícia da morte do filho. Já antes Niso se referira à mãe de Euríalo como *matri... miserae* (A. 9.216), como faz o próprio Euríalo, que designa a mãe como *miseram* (A. 9.285). Em A. 9.475, o narrador utiliza o mesmo adjectivo, cujo significado surge amplificado dois versos adiante no adjectivo *infelix*.

A caracterização dos gritos da mãe como *femineo ululatu* deixa transparecer a associação da expressão espontânea e desregrada da dor às mulheres, como aliás acontece em outros episódios na *Eneida*. A palavra onomatopaica *ululatus* (“grito” ou “uivo”) sugere uma conexão não despicienda com o mundo selvagem. Por este motivo, a corrida desenfreada para ver o cadáver do filho é considerada uma transgressão, porque se introduz num mundo reservado aos homens, e um acto temerário e irreflectido, uma vez que a perturbação a impede de perceber o perigo que corre, ao expor-se na muralha, e a inconveniência de mostrar a sua dor no meio de soldados que se encontram numa situação adversa. A irregularidade desta intrusão é sugerida pela repetição anafórica de *non illa* (A. 9.479). Assim, a presença da mãe tem o mesmo efeito que a ostentação das cabeças cortadas de Niso e Euríalo (*uisu miserabile*; A. 9.465) pelos Rútulos: a perturbação da ordem e da serenidade dos Troianos.

O lamento começa com a expressão da incredulidade, transmitida por meio de uma série de interrogações que obviamente ficarão sem resposta e que exprimem o espanto com o estado mutilado e irreconhecível do cadáver do filho e a censura pelo facto de Euríalo ter partido sem dela se despedir:

*‘hunc ego te, Euryale, aspicio? tune ille senectae
sera meae requies, potuisti linquere solam,
crudelis? nec te sub tanta pericula missum
adfari extremum miserae data copia matri?’* (A. 9.481-484)

A interpelação patética ao filho, de que nada mais resta senão uma cabeça cravada numa estaca, denota a dor e a inquietação da personagem, ao mesmo

tempo que manifesta a dificuldade em acreditar no que sucedeu. Perante os exíguos e profanados restos mortais do filho, a mãe pergunta: “És tu, Euríalo, este que eu estou a ver?”⁶⁵¹. A acumulação de formas dos pronomes pessoais *ego* e *tu*, mas também e especialmente dos pronomes demonstrativos *hic* e *ille* provam a confusão e a incerteza da mãe sobre a identidade do cadáver, já que parece referir-se a três pessoas diferentes: a ela própria, ao filho e a um outro que corresponderá ao cadáver e que ela não tem a certeza se se trata do filho. HARDIE (1994: *ad* 481-2) afirma que a concordância inesperada entre *tu* e *ille* (A. 9.481) «focuses the cruel awareness of the difference between what he was and what he is now.» Segue-se a dúvida de que o filho pudesse ter sido cruel ao ponto de sair sem uma despedida, arriscando a vida em acções perigosas e deixando-a sozinha, já que, ao ousar grandes façanhas, acaba por causar a solidão e o desamparo da mãe. A missão do filho é reduzida ao perigo que envolve, uma vez que a personagem a designa como *tanta pericula* (A. 9.483), omitindo qualquer referência à necessidade de ela se realizar ou à glória que dela poderia advir. Note-se a posição relevante dos adjectivos *solam* e *crudelis*, um em fim de verso, o outro no início do verso, acentuando a oposição entre a vítima e o culpado.

A morte de Euríalo é, por isso, sentida como uma morte inadequada, também porque torna impossível a realização de cerimónias fúnebres (A. 9.485-489), em que a mãe poderia tornar efectiva, por meio dos rituais, a separação do filho. Ao invés, o desmembramento do cadáver traz ao discurso o motivo épico do abandono do corpo de um guerreiro insepulto aos cães e às aves de rapina, situação que obviamente é inversa ao que a mãe esperaria⁶⁵². É de realçar a

⁶⁵¹ Repare-se na rapidez do verso, composto por quatro dáctilos e dois espondeus, acentuada por três elisões: *hunc ego t(e) Euryal(e) aspicio? tun(e) ille senectae*.

⁶⁵² O mesmo tópico está presente, por exemplo, quando, após a morte de Palante, Eneias irrompe em fúria pelo campo de batalha. Depois de matar Tárquito, Eneias diz: *istic nunc, metuende, iace*.

acumulação de formas verbais na primeira pessoa do singular do perfeito do indicativo, todas na dependência da negativa *nec*: *nec te tua funere mater / produxi pressiue oculos*⁶⁵³ *aut uulnera laui* (A. 9.486-487). A enumeração do que a mãe não fez e devia ter feito, acções que evoluem do menos para o mais íntimo, demonstra a frustração das convenções e as circunstâncias inusitadas da morte do jovem, pelo menos do ponto de vista da mãe. Depois de confirmar a morte de Euríalo, seguir-se-iam as cerimónias fúnebres, em que ela poderia restituir alguma dignidade ao filho. Assim, além de ter de lidar com a morte de Euríalo, para a qual não estava preparada, tem de aceitar que o cadáver deste ficará insepulto e privado de qualquer honra na morte:

*'heu, terra ignota canibus data praeda Latinis
alitibusque iaces! nec te tua funere mater
produxi pressiue oculos aut uulnera laui,
ueste tegens tibi quam noctes festina diesque
urgebam, et tela curas solabar anilis.'* (A. 9.485-489)

A imagem da mãe tecendo o que se poderia ter tornado a mortalha do filho traz ao texto a domesticidade e a intimidade do lar, contrastando, assim, de forma por demais evidente com o cenário de guerra em que as personagens se movimentam.

*'quo sequare? aut quae nunc artus auulsaque membra
et funus lacerum tellus habet? hoc mihi de te,
nate, refers? hoc sum terraque marique secuta?'* (A. 9.490-492)

Em A. 9.490-491, a personagem acumula de forma obsessiva e gradativamente designações para o cadáver desmembrado do filho: *artus auulsaque membra et funus lacerum*, designações que resume na repetição anafórica de *hoc* (A. 9.491-

non te optima mater / condet humi patrioque onerabit membra sepulcro: / alitibus linquere feris, aut gurgite mersum / unda feret piscesque impasti uulnera lambent. (A. 10.557-560).

⁶⁵³ O segmento oracional *pressiue oculos* destaca-se no verso, isolado pela cesura triemímere e heftemímere. Ainda que fechar os olhos do defunto seja um acto solene, podemos supor que os olhos de Euríalo se mantêm abertos, o que acentua o terror da cena e o efeito que a visão dos restos mortais dos guerreiros teria na mãe e nos companheiros. HARDIE (1994: *ad* 486-7) comenta: «The eyes are even now staring sightless at her.»

492). A relação pronominal *ego-tu-hic/ille*, desenvolvida nos primeiros versos do lamento, é aqui substituída por uma relação binária *ego-hoc*, em que o destinatário do discurso é reduzido a um pronome neutro, a um “isto”. A relação mãe-filho, ou eu-tu, em que a existência da personagem se baseia, foi, portanto, alterada e transformou-se numa relação desigual entre uma pessoa, a mãe, e um outro elemento, que não é um indivíduo mas uma parte de um cadáver sem identidade, o que equivale ao desaparecimento de Euríalo, que não volta a ser mencionado pela mãe. Assistimos, deste modo, a uma evolução no raciocínio da mãe: primeiro, a dissociação entre o filho e a cabeça decapitada que ela vê do lado de fora do acampamento, depois a redução de ambos a *hoc*, que precede o silêncio da mãe. HEUZE (1985: 592) considera a interrogação *hoc mihi de te, / nate, refers?* um dos versos mais trágicos da *Eneida* e conclui: «La rhétorique de la souffrance, bien présente dans la déploration que nous entendons, a rarement formulé aussi crûment la question première : est-ce là tout ?.»

A confirmação da realidade é, assim, dolorosa, não só porque se faz perante uma cabeça cravada numa estaca, mas também porque a personagem se dá conta da incerteza e das dificuldades do seu próprio futuro. Por isso pergunta com amargura: *quo sequar?* (A. 9.490). O desejo de encontrar o filho subentende-se na interrogação seguinte e, comprovando a impossibilidade do reencontro, segue-se o desejo da morte (A. 9.494-497). Não uma morte qualquer. O que a personagem deseja é morrer como o filho, ferida pelos Rútulos:

‘figite me, si qua est pietas⁶⁵⁴, in me omnia tela

⁶⁵⁴ A palavra *pietas*, neste contexto, tem sido objecto de alguma polémica. EGAN (1980: 166-169) sustenta a tese de que o vocábulo assume aqui o significado de *pietas* que tem noutros pontos da obra e as mesmas implicações morais que apresenta, por exemplo, no episódio da morte de Lauso ou mesmo na cena final da morte de Turno. Se os Rútulos respeitassem, como Eneias, a *pietas*, teriam cumprido o desejo da mãe, mesmo que isso implicasse a morte de uma mulher indefesa, porque, segundo o autor, essa é uma das mensagens mais importantes da *Eneida*: que a *pietas* implica a execução de tarefas e acções que podem ser interpretadas como cruéis e

*conicite, o Rutuli, me primam absumite ferro;
aut tu, magne pater diuum, miserere, tuoque
inuissum hoc detrude caput sub Tartara telo,
quando aliter nequeo crudelem abrumpere uitam.* (A. 9.493-497)

Ao desaparecimento do filho, primeiro da vida, depois do discurso da mãe, sucede, de forma lógica, a centralização do lamento na primeira pessoa: *me... in me.../ ... me primam* (A. 9. 493-494). Todas as formas são realçadas pela posição métrica e o ritmo é acelerado pela elisão e pela eclipse e também pelo homeoteleuto das formas imperativas.

É o desejo da morte que agora se impõe, sinal do desespero e da vulnerabilidade da mãe enlutada. Se a mãe existe enquanto tal na narrativa, desaparece depois de ter confirmado a morte do filho e de ter verbalizado a dor perante esta perda. Assim, a personagem existe no breve espaço de tempo que lhe permite saber que o filho morreu, confirmar este facto e exprimir os seus sentimentos perante a morte daquele. Feito isto, deixa de haver razão para a sua presença e, por este motivo, desaparece da narrativa. No entanto, e de acordo com NUGENT (1999) – que analisa a caracterização do sofrimento feminino na obra e conclui que a voz da mulher é sempre uma voz dissonante, uma voz que mostra obstinadamente a alternativa ao destino e à missão impostos pelos deuses⁶⁵⁵, – tal como acontece com outras personagens femininas, também as

mesmo repulsivas. Parece-nos, no entanto, que os Rútulos não ouviriam sequer o apelo da mãe de Euríalo, uma vez que ela não é um guerreiro, não faz parte da guerra. A mãe de Euríalo não é abrangida pelo código guerreiro que implica que Eneias mate Lauso e Turno. Para quê matá-la então? LEE (1979: 114) considera que, neste passo, o único em que a palavra é problemática, *pietas* deve ter o significado não clássico de “piedade”. HARDIE (1994: *ad* 493-4) partilha desta opinião e considera que a personagem apela à «human pity».

⁶⁵⁵ Cf. NUGENT (1999: 263): «Whereas Aeneas, Anchises, Evander, and Latinus yield unquestioningly to the exigencies of fate, female figures such as Dido, Camilla, Amata, Juturna, and others suggest the possibility of choice and independent volition. By refusing what has been spoken (*fatum*) by the gods, scripted by their society, or chosen for them by others, the strong women of the *Aeneid* assume a tremendous narrative burden for the poem: acting as a counterpoint to *pius*, passive Aeneas, they serve as signposts to the road not taken.»

palavras da mãe de Euríalo permanecem de forma indelével na mente do leitor/ouvinte depois de a personagem sair de cena. O episódio de Niso e Euríalo revela a importância do código guerreiro na conduta humana. O lamento da mãe mostra o outro lado: as consequências da adesão aos valores militares, principalmente as consequências para a família. No entanto, o discurso da mãe não é uma estrutura separada do episódio. Pelo contrário, demonstra afinidades importantes na prevalência dos afectos individuais sobre o dever público.

GOTOFF (1984: 201, n. 28) considera o lamento da mãe de Euríalo «the most conspicuous rhetorical failure of the *Aeneid*.» Sem mais explicações, que remete para outra ocasião, o autor desvaloriza, assim, o discurso⁶⁵⁶. Para o classificarmos como um fracasso ou um êxito temos, todavia, de conhecer os propósitos do lamento. Se a intenção é mostrar a dor causada pela morte do filho, não parece haver razão para que as palavras da mãe de Euríalo fracassem mais ou menos do que os lamentos de Evandro ou o de Mezêncio. Como vimos no capítulo precedente, Cícero, no *De Inuentione*, prescreve os lugares-comuns necessários para que o orador consiga a *conquestio* di público e afirma:

qua oratione habita grauius et sententiose maxime demittitur animus hominum et ad misericordiam comparatur, cum in alieno malo suam infirmitatem considerabit. (Inu. 1.106)

O lamento da mãe de Euríalo atinge plenamente este objectivo uma vez que, como Vergílio deixa claro, os guerreiros perdem o ânimo para o combate:

*hoc fletu concussi animi, maestusque per omnis
it gemitus, torpent infractae ad proelia uires.
illam incendentem luctus Idaeus et Actor
Ilionei monitu et multum lacrimantis Iuli
corripiunt interque manus sub tecta reponunt. (A. 9.498-502)*

⁶⁵⁶ Diz o autor: «The effusions of the mother of Euryalus I omit here, reserving for another occasion the demonstration that it is the most conspicuous rhetorical failure of the *Aeneid*.» A pesquisa bibliográfica efectuada para encontrar a justificação desta afirmação revelou-se infrutífera.

Sérvio (A. 9.497) entende que esta é uma reacção natural ao discurso da mãe: *naturaliter enim homines dolore ac miseratione franguntur*. O lamento da personagem cumpre a maioria dos tópicos prescritos por Cícero para a *conquestio* na obra referida⁶⁵⁷. O primeiro tópico, que consiste em mostrar a felicidade do passado e a oposição desta às desgraças do presente, está compreendido no facto de estar longe do seu pensamento que o filho pudesse morrer, concentrada como estava em acabar a veste que a ajudava a afastar a preocupação. No terceiro tópico, lamenta-se o que se perde com a presente desgraça. Cícero avança exemplos do que se perde com a morte de um filho: entre outros, o deleite da infância, o amor, a esperança, o amparo (*solatium*). A mãe de Euríalo designa o filho por *senectae / sera meae requies* (A. 9.481-482), mostrando como a presença do filho seria o consolo da sua velhice. No quarto tópico, devem ser mencionadas todas as coisas vis e indignas que se sofrem e que não são convenientes à idade ou estatuto de quem as padece. Quando a mãe lança a questão “foi isto o que eu segui por terra e por mar?” (*hoc sum terra marique secuta?*; A. 9.492) parece referir-se ao sacrifício que fez pelo filho e mostrar como o que aconteceu a este não corresponde às suas expectativas, já que a deixa desamparada na sua velhice. O sexto lugar-comum deve mostrar o carácter inesperado da desgraça: a mãe não sabia sequer que o filho tinha saído do acampamento e que corria perigo, logo a morte do filho é completamente inesperada. No sétimo tópico, o orador deve fazer com que o ouvinte se lembre dos que lhe são queridos: o efeito que o lamento tem nos soldados que ouvem as palavras da mãe de Euríalo prova que se reviram na situação de Euríalo e da mãe. Quanto ao oitavo tópico, que refere algo que aconteceu e não devia ter acontecido ou que não aconteceu e devia ter acontecido, a personagem cumpre-

⁶⁵⁷ Difere BECK-CHAUVARD (2001: 106, n. 9), que reconhece apenas ecos do terceiro tópico, do sexto e do oitavo. Sobre os tópicos propostos por Cícero e na *Rhetotica ad Herennium*, cf. *supra*, p. 253ss..

o quando lamenta o facto de o filho ter partido sem se despedir, de não lhe poder prestar as honras fúnebres, de ele jazer insepulto em terra desconhecida, ao alcance dos cães e das aves de rapina. O décimo tópico diz respeito à falta de recursos, à fraqueza e ao desamparo: é inquestionável que a mãe de Euríalo se apresenta como uma pessoa só e abandonada pelo filho e sem um rumo na vida. Cícero prescreve que, num décimo primeiro tópico, se recomende algo ao ouvinte. Os exemplos avançados pelo autor são a sepultura do cadáver do orador, do dos filhos, etc.. A personagem vergiliana faz também uma recomendação, veemente por sinal, mas o que pede é a sua própria morte, que podemos relacionar também com a *obsecratio* prevista no décimo quarto tópico, que prescreve que o orador se dirija em discurso directo aos que o ouvem e peça que tenham pena dele. Assim, o lamento da mãe de Euríalo dá seguimento aos objectivos e aos tópicos da *conquestio* tal como Cícero a define, facto já notado por Sérvio:

est conquestio matris Euryali plena artis rhetoricae: nam paene omnes partes habet de misericordia commouenda a Cicerone in rhetoricis positas. (A. 9.479)

Cícero termina com a advertência de que a *conquestio* não deve alongar-se depois de atingir os seus objectivos, já que “nada seca mais rápido do que uma lágrima”⁶⁵⁸. O lamento da mãe de Euríalo cumpre também esta indicação, uma vez que, depois de abalados os ouvintes, é levada com urgência para casa. É preciso calar esta voz incómoda que de forma descontrolada se apresenta sem constrangimento no meio dos soldados, trazendo para um cenário de guerra a imagem da mãe no auge da sua dor.

A mãe de Euríalo e as mulheres subversivas da *Eneida*

⁶⁵⁸ *Inu.* 1.109.

A representação desta personagem como um agente perturbador dá continuidade à caracterização da mulher como um ser perigoso e associado a forças tumultuosas ou destrutivas, na *Eneida*, como prova a análise vocabular. A forma verbal *euolat* aparece apenas duas vezes na obra: no lamento da mãe de Euríalo (A. 9.477) e quando Amata, infectada por Alecto, foge desenfreada com a filha para os bosques (A. 7.387). Alguns versos depois, lemos:

*fama uolat, furiisque accensas pectore matres
idem omnis simul ardor agit noua quaerere tecta.* (A. 7.392-393)

A Fama contamina com o furor de Amata as outras mulheres, que a seguem, gritando como a mãe de Euríalo. Também os gritos das mulheres de Lauroto que seguem Amata são caracterizados como *tremulis ululatibus*⁶⁵⁹, à semelhança do *femineo ululatu* da mãe de Euríalo (A. 9.477). BECK-CHAUVARD (2001: 113) afirma que o «*femineus ululatus* (...) apparait comme un mode d'expression privilégié de la douleur féminine, comme la traduction d'une possession, d'une aliénation.» SUZUKI (1989: 132) considera que o comportamento das mulheres de Lauroto e da sua rainha é apresentado como uma insurreição contra o poder de Latino: «(...) the women – closer to 'nature' and hence to the 'irrational' – set themselves apart from masculine modes of civilizing and build a rival feminine disorder separate from and opposed to masculine order.»⁶⁶⁰

Ainda em Tróia, o próprio palácio é contaminado pelo luto das mulheres, como se se confundisse com estas:

*at domus interior gemitu miseroque tumultu
miscetur, penitusque cauae plangoribus aedes
femineis ululant; ferit aurea sidera clamor.* (A. 2.486-488)

⁶⁵⁹ A expressão *femineo ululatu*, em hiato, aparece também quando se chora em Cartago a morte de Dido (A. 4.667). A palavra aparece igualmente num contexto masculino e “civilizado”: nos funerais dos guerreiros: *ululatusque ore dedere* (A. 11.190).

⁶⁶⁰ Cf. BRAZOUSKI (1991), sobre a legitimidade da cólera de Amata, a quem Latino negou a participação na decisão de casar a filha com Eneias.

Os efeitos sonoros multiplicam-se na repetição de –m no primeiro verso e prolongam-se na forma verbal que inicia o segundo. O interior do palácio ressoa com o choro e os gritos das mulheres, que, deste modo, o transformam num ser vivo e, como se se tornassem numa realidade física, ferem os astros, trespassando assim as próprias barreiras geográficas: o que estava no interior torna-se exterior e eleva-se aos céus.

O luto e a dor das mulheres são contagiantes e frequentemente espalham a desordem pelos outros. É o que acontece quando as mulheres latinas tomam conhecimento da morte de Amata:

*quam cladem miserae postquam accepere Latinae,
filia prima manu flauos Lauinia crinis
et roseas laniata genas, tum cetera circum
turba furit, resonant late plangoribus aedes. (A. 12.604-607)*

O processo é gradual: a primeira a manifestar a sua dor é a filha, depois as outras mulheres e, por fim, a casa amplifica os sons do luto. É daqui que se estende aos outros, infectando-os com a fraqueza⁶⁶¹.

O luto e os gritos das mulheres são aterrorizadores e têm o poder de se transmitir aos outros. Quando Dido se trespassa com a espada, o choro que provoca nos presentes é comparado a uma guerra que causa a ruína da cidade (A. 4.669-671). Algo semelhante acontece quando Eneias se aproxima do féretro onde jaz Palante. O luto das mulheres vocaliza-se, no momento em que Eneias atravessa as portas e entra no espaço fechado dominado pela dor:

*circum omnis famulumque manus Troianaque turba
et maestum Iliades crinem de more solutae.
ut uero Aeneas foribus sese intulit altis
ingentem gemitum tunsis ad sidera tollunt
pectoribus, maestoque immugit regia luctu. (A. 11.34-38)*

O luto feminino, com a falta de controlo emocional que o caracteriza, é um elemento nefasto para a comunidade. É por este motivo que, quando o

⁶⁶¹ *hinc totam infelix uulgatur fama per urbem: / demittunt mentes, it scissa ueste Latinus / coniugis attonitus fati urbisque ruina, / canitiem immundo perfusam puluere turpans. (A. 12.608-611)*

cortejo que acompanha o cadáver de Palante se aproxima da cidade, são as mulheres e os seus gritos que transmitem o luto à comunidade. Esta transmissão é denotada no verbo *incendere*, com as associações negativas que a imagem do fogo assume na obra⁶⁶². O mesmo verbo descreve as consequências da expressão do luto pela mãe de Euríalo:

*illam incendentem luctus Idaeus et Actor
Ilionei monitu et multum lacrimantis Iuli
corripiunt.* (A. 9.498-500)

A mãe de Euríalo apresenta-se, assim, como um agente do irracional, em oposição ao poder masculino, representado pelo filho e pela sua adesão aos valores guerreiros e pelos Troianos.

A ligação entre a mãe de Lavínia e a de Euríalo, que abrange também as mulheres de Laurento, sugere uma associação na dor de perder um filho que provoca em ambas a indignação. Também Amata justifica a sua oposição ao casamento de Lavínia com Eneias com a possibilidade de este levar a filha para longe dela:

*nec matris miseret, quam primo Aquilone relinquet
perfidus alta petens abducta uirgine praedo?* (A. 7.361-362).

Uma, perante a possibilidade de perder a filha, opõe-se de forma desordeira e irresponsável aos planos do pai, a outra, informada da morte do filho, irrompe abrupta e perigosamente pelo meio dos soldados. Ambas as personagens funcionam, ainda que com diferentes dimensões, como mães subversivas.

Acontece algo semelhante quando, na Sicília, enquanto os homens celebram os jogos em memória de Anquises, as mulheres exprimem o seu luto na praia:

at procul in sola secretae Troades acta

⁶⁶² Alguns exemplos das conotações negativas do verbo são: A. 1.659 (*donisque furem / incendat reginam*); A. 4.197 (*incenditque animum dictis*); A. 4.360 (*Desine meque tuis incendere teque querelis*); etc. A obra de referência sobre o carácter destrutivo do fogo, especialmente no livro 2, é o artigo de KNOX (1950).

A segregação das mulheres é evidente, como se o seu choro pudesse, de alguma forma, contaminar a comunidade. A manipulação de que são vítimas, enquanto se lamentam não só por Anquises, mas também (e talvez principalmente) por si próprias, parece demonstrar a vulnerabilidade do grupo quando deixado sem orientação masculina. Íris, enviada por Juno, consegue persuadir as *Iliades* a incendiarem os navios para não mais terem de enfrentar a viagem incerta pelo mar. O grupo das mulheres torna-se, assim, um elemento pernicioso, uma vez que põe em perigo o objectivo de Eneias e dos refugiados troianos. A irracionalidade das mulheres é uma presença constante no episódio⁶⁶³, que parece pôr em oposição a convivência ordeira dos homens e a ostentação, no *lusus Troiae*, dos filhos cujo rosto faz lembrar o dos antepassados⁶⁶⁴, e a instabilidade das mulheres. A celebração dos jogos e, especialmente, a descrição dos grupos de rapazes acentuam a sucessão natural e pacífica das gerações, mas o episódio do incêndio dos navios mostra que, numa sociedade assim, as mulheres são sempre um elemento pouco fiável, porque susceptível: *uarium et mutabile semper / femina*, diz Mercúrio a Eneias a propósito de Dido (A. 4.569-570).

Dido é, como estas, inflamada pela Fama⁶⁶⁵ (A. 4.298 ss.), que a informa da partida de Eneias e desencadeia na rainha o mesmo movimento tresloucado. Os ecos de Dido na descrição e nas palavras da mãe de Euríalo são

⁶⁶³ O narrador descreve assim o estado das Troianas depois de Íris desaparecer: *tum uero attonitae monstribus actaeque furore / conclamant* (A. 5. 659-660). Ascânio pergunta-lhes: '*quis furor iste nouus?*' (A. 5.670). Repare-se que, depois da intervenção dos homens, as mulheres fogem para os bosques, como se, efectivamente, continuassem a não fazer parte da comunidade: *ast illae diuersa metu per litora passim / diffugiunt, siluasque et sicubi concaua furtim / saxa petunt* (A. 5.676-678).

⁶⁶⁴ *excipiunt plausu pauidos gaudentque tuentes / Dardanidae, ueterumque agnoscunt ora parentum.* (A. 5.575-576).

⁶⁶⁵ É aliás no livro 4 que surge a descrição mais pormenorizada da Fama (A. 4.173ss.).

consideráveis. A recorrência dos adjetivos *infelix* e *misera*, adjetivo que no caso de Dido aparece também na forma superlativa *miserrima* (A. 4.117), acentuam o carácter trágico do destino de ambas, destino que abrange também Ana, igualmente *miserrima* (A. 4.437). A condição de Dido é, em alguns aspectos, coincidente com a da mãe de Euríalo. Ambas se apresentam como personagens dependentes de um homem de quem denunciam a crueldade⁶⁶⁶. A situação é semelhante: Eneias, como Euríalo, prepara em segredo a partida, receando o confronto com Dido. Ambos temem apresentar-se perante a amante, no caso de um, perante a mãe, no caso de outro, com a notícia da separação. Porque temem as palavras de censura e incompreensão da mulher, partem sem as enfrentar.

BECK-CHAUVARD (2001) defende que na *Eneida* existe uma associação entre a dor da mãe que perde um filho e a da amante abandonada, o que sustenta uma especificidade feminina no lamento. Personagens como Amata e Dido partilham com esta mãe a prerrogativa de verbalizar sentimentos de incompreensão e de oposição em relação ao destino de Eneias e dos Troianos, sentimentos que surgem associados a estados de espírito alterados.

A mãe e a irmã

A mesma Fama divulga pela cidade a notícia da morte de Dido (A. 4.666⁶⁶⁷), o que associa a mãe de Euríalo a Ana, unidas na dor de terem perdido de forma inesperada um ente querido. A notícia da morte da irmã desencadeia, primeiro no palácio, depois em Ana o mesmo tipo de perturbação que provoca na mãe de Euríalo, a mesma corrida desenfreada (*trepidoque exterrita cursu*; A. 4.672) que a leva para junto do cadáver, a mesma revolta. Ambas exprimem o

⁶⁶⁶ Dido refere-se duas vezes a Eneias como *crudelis* (A. 4.311; 4.660).

⁶⁶⁷ *concussam bacchatur Fama per urbem*.

mesmo sentimento de incredulidade, fazem perguntas que ficarão sem resposta. O lamento de Ana começa com interrogações:

*'hoc illud, germana, fuit? me fraude petebas?
hoc rogas iste mihi, hoc ignes araeque parabant?
quid primum deserta querar? comitemne sororem
spreuisti moriens?'* (A. 4.675-678)

Cada uma das questões que Ana coloca à irmã moribunda é delimitada pela cesura ou pelo fim de verso e a repetição anafórica de *hoc* demonstra a inquietude de Ana, atormentada pelo reconhecimento da sua participação na morte de Dido. Também Ana foi surpreendida pela morte da irmã, que acusa de a ter abandonado: *deserta* (A. 4.677). A mãe de Euríalo censura-o porque partiu sem dela se despedir, Ana acusa Dido de a ter enganado (A. 4.675). De facto, Ana, mesmo sem o saber, ajudou a irmã a preparar a morte, foi cúmplice. À semelhança da mãe de Euríalo, Ana designa a irmã como *crudelis* (A. 4.681), sente-se ofendida por esta ter recusado que fosse sua companheira na morte e exprime o mesmo desejo de morrer:

*'eadem me ad fata uocasses,
idem ambas ferro dolor atque eadem hora tulisset.'* (A. 4.678-679)

Está presente no lamento de Ana a mesma preocupação com os cuidados a ter com o corpo e com os rituais. Ana, todavia, poderá sepultar o cadáver da irmã, como pode abraçá-la no momento da morte, limpar com a sua própria veste o sangue que jorra das suas feridas:

*'date, uulnera lymphis
abluam et, extremus si quis super halitus errat,
ore legam.'* (...) *cum gemitu atque atros siccat ueste cruores.* (A. 4.683-685; 4.687)

No derradeiro momento, Ana, com as mesmas mãos com que – ela própria reconhece⁶⁶⁸ – ajudara a construir a pira onde a irmã se trespassou com a espada de Eneias, abraça Dido e mantém-na nos seus braços:

*sic fata gradus euaserat altos,
semianimemque sinu germanam amplexa fouebat.* (A. 4.685-686)

Este abraço e o recolher do último suspiro, que lhe será permitido, é negado à mãe de Euríalo que, separada dos escassos restos mortais do filho, fica com uma veste por terminar, com uma veste interrompida com (e como) a vida de Euríalo.

Incluimos também nesta análise Juturna, a irmã de Turno, porque também ela, nas últimas palavras que profere na narrativa, chora o irmão, cuja morte sabe inevitável, ainda que este esteja ainda vivo. Juturna actua como oponente à missão de Eneias, já que é Juno quem a envia para ajudar o irmão e adiar o desfecho inevitável. A deusa informa Juturna da irrevogabilidade da morte de Turno, instigando-a, ainda assim, a quebrar as tréguas que foram pactuadas entre os exércitos e a tentar evitar o que ela sabe ser inelutável⁶⁶⁹. WEST (1998: 308) considera cruel a abordagem da deusa, que descreve como «the greatest liar in the *Aeneid*», uma vez que mente a Juturna e utiliza-a para conseguir os seus objectivos. Juno serve-se, assim, dos sentimentos de Juturna pelo irmão para impedir a paz e fazer recomeçar os combates.

Desde o primeiro momento, Juturna é descrita como uma personagem enlutada. Ao ouvir de Juno que a morte do irmão se aproxima, Juturna inicia o luto pelo irmão:

*(...) cum lacrimas oculis Iuturna profundit
terque quaterque manu pectus percussit honestum.* (A. 12.154-155)

⁶⁶⁸ *his etiam struxi manibus patriosque uocaui / uoce deos, sic te ut posita, crudelis, abessem?* (A. 4.680-681).

⁶⁶⁹ *'nunc iuuenem imparibus uideo concurrere fatis, / Parcarumque dies et uis inimica propinquat.'* (A. 12.149-150); *'accelera et fratrem, si quis modus, eripe morti; / aut tu bella cie conceptumque excute foedus. / auctor ego audendi.* (A. 12.157-159).

Este último verso, com as aliterações e assonâncias de oclusivas, reproduz o som das pancadas que a expressão *terque quaterque* parece prolongar no tempo. Esta expressão, que antecede também a maldição que Dido lança sobre Eneias e os Troianos⁶⁷⁰, associa as duas mulheres não apenas na dor da perda, mas também na oposição que ambas representam para a missão de Eneias. Uma e outra projectam na narrativa o peso da sua dor, mas também – e principalmente – o do seu ódio. Dido profere a célebre maldição que prevê um vingador e que justifica as Guerras Púnicas, fazendo, assim, com que o seu rancor se amplifique no tempo e no espaço. Quanto a Juturna, apesar de saber de antemão que nem a própria Juno pode já interferir no conflito, fará tudo para evitar a morte do irmão. Ambas intervêm na guerra, uma proporcionando a causa, a outra tornando-se agente. Ambas actuam impelidas pelo sofrimento e fazem-no em prol de um homem que justifica a sua presença na narrativa.

Dido e Juturna são, como Amata, obstáculos para o cumprimento do destino. Neste sentido, parece-nos que Juturna se afasta da outra irmã enlutada. Ao contrário de Ana, Juturna age e a sua força é real e temível. Juturna serve-se da fragilidade dos Rútulos para, assumindo a forma de um deles, Camerte, os incitar a quebrar as tréguas. Usa, assim, a instabilidade do grupo para perturbar a paz e adiar o combate individual de Eneias e Turno. Juturna, como Juno, é um agente da desordem e dá, deste modo, continuidade a uma oposição que está presente na obra desde o início.

Como acontece com a mãe de Euríalo, as palavras de revolta de Juturna têm um efeito nefasto – ainda que inverso – nos soldados:

*Talibus incensa est iuuenum sententia dictis
iam magis atque magis, serpitque per agmina murmur:
ipsi Laurentes mutati ipsique Latini.* (A. 12. 238-240)

⁶⁷⁰ *terque quaterque manu pectus percussa decorum / flauentisque abscissa comas (...).* (A. 4.589-590).

O prodígio enganoso que, em seguida, faz aparecer perante os olhos dos Laurentes confirma a vontade de sedição e todos se lançam, de novo, no combate⁶⁷¹. Juturna actua, assim, no sentido de impedir o entendimento entre as partes, considerando o interesse privado de Turno acima do bem da comunidade.

O símile que compara Juturna, quando assume a fisionomia e o lugar do auriga de Turno, a uma andorinha confirma a ideia de que esta defesa da família é uma característica que abrange também o reino animal:

*nigra uelut magnas domini cum diuitis aedes
peruolat et pennis alta atria lustrat hirundo
pabula parua legens nidisque loquacibus escas,
et nunc porticibus uacuis, nunc umida circum
stagna sonat: similis medios Iuturna per hostis
fertur equis rapidoque uolans obit omnia curru,
iamque hic germanum iamque hic ostentat ouantem
nec conferre manum patitur, uolat auia longe. (A. 12.473-480)*

Este símile, que parece ser criação de Vergílio⁶⁷², enfatiza o movimento rápido da andorinha e de Juturna, conduzindo Turno através do campo de batalha⁶⁷³. O voo da ave tem como objectivo alimentar as crias e garantir-lhes, assim, o sustento necessário à vida. O movimento de Juturna é semelhante ao voo da andorinha, já que tem também como finalidade manter o irmão a salvo. O que, no entanto, é mais notável no símile é a antítese entre o contexto dos termos de comparação. O voo da andorinha situa-se na casa de um homem rico e é um acto vulgar e quotidiano, que se desenrola quase sem ninguém dar por isso e,

⁶⁷¹ Juturna faz surgir uma águia, a ave de Júpiter. Esta, depois de capturar um cisne, é atacada por todas as outras aves e, abandonando a presa, foge. Os Latinos interpretam este sinal como uma prova de que os Troianos voltarão para os seus navios, depois de derrotados. Lançam-se novamente no combate e o primeiro a sucumbir é um dos nove filhos de Gilipo, da Arcádia. Os restantes lançam-se na defesa do irmão morto e, obviamente, o combate generaliza-se: *sic omnis amor unus habet decernere ferro. (A. 12.282).*

⁶⁷² Cf. LYNE (1987: 140-141) e THOMAS (1998: 289-290).

⁶⁷³ A andorinha: *peruolat; lustrat*; Juturna: *fertur equis; uolans; uolat*.

neste aspecto, opõe-se ao contexto marcial do movimento de Juturna. WILTSHIRE (1989: 41) afirma a este propósito: «By interposing such a simile in this context, Vergil contrasts war with peace, chaos with tranquillity. (...) The sister Juturna and the mother swallow demonstrate the importance of sustaining life even in the middle of battle.» Esta oposição, com a intromissão da domesticidade e da paz que efectua na narrativa, parece legitimar a acção de Juturna.

LYNE (1987: 139-144) defende que o símile insere na obra uma referência implícita ao mito de Procne e Filomela. Realçando a forma verbal *sonat*, este autor sugere que a andorinha que o narrador introduz num contexto tão inusitado é Procne chorando pelo filho, Ítis. Uma das consequências mais importantes desta estrutura seria, assim, a identificação de Juturna com a mãe que assassina o filho, como ela será a causa da morte do irmão. O autor defende que, se as tréguas não tivessem sido quebradas em consequência da actuação de Juturna, com os combates e peripécias que se seguiram, a disposição de Eneias para com Turno, no último momento, poderia ter sido diferente. Parece-nos, porém, que esta interpretação é demasiado rebuscada. Se existem semelhanças entre Procne e Juturna, as diferenças não são, também, despidiendas e a forma verbal *sonare*, só por si, parece demasiado inócua e neutra para significar o choro eterno da mãe pelo filho⁶⁷⁴.

Os símiles do último livro apresentam, na sua grande maioria⁶⁷⁵, um teor destrutivo ou animalesco: Turno, preparando-se, encolerizado, para o combate é comparado a um leão ferido (A. 12.4-9) e a um touro enfurecido (A. 12.103-106); a força guerreira de Turno derrubando o inimigo é semelhante à violência do vento (A. 12.365-370); Turno e Eneias avançando pelo campo de batalha são como um incêndio de várias frentes alastrando através da floresta (A. 12.521-

⁶⁷⁴ Cf. OLD. s. u. *sono*.

⁶⁷⁵ Sete em onze, sendo que três identificam Eneias ou Turno a fenómenos da natureza e quatro a animais.

526); quando ambos se preparam para o confronto individual são como dois touros prestes a combater (A. 12.715-722); Eneias perseguindo Turno desarmado é semelhante a um cão de caça que persegue um cervo encurralado (A. 12.749-757); a Fúria voando em direcção à terra é igual a uma seta envenenada, *telum immedicabile*, voando através das nuvens (A. 12.856-860); mesmo o último símile, que compara a paralisação de Turno à imobilidade que se sente nos piores pesadelos, em que, querendo fugir de algo, quem sonha não consegue mover-se nem falar, introduz uma nota de aflição e agonia. Nesta série de símiles, destacam-se, pela sua placidez e benignidade, os dois que omitimos na enumeração: o que compara Lavínia enrubescendo na presença de Turno ao marfim tingido de púrpura ou aos lírios misturados com rosas (A. 12.67-69) e o que compara Juturna a uma andorinha. Ambos parecem mostrar os sentimentos de figuras femininas em relação a Turno⁶⁷⁶. Quando se compara este símile com os outros, assumem especial relevo neste a familiaridade e o esforço em prol das crias ou do irmão.

Enquanto pode, Juturna ajuda o irmão a fugir à morte, primeiro levando-o para longe do inimigo e da cidade sitiada, em seguida dando-lhe a espada quando, no combate com Eneias que a irmã não conseguiu evitar, fica desarmado (A. 12.784-785). Depois de apaziguada a cólera de Juno, falta o afastamento de Juturna para que se cumpra o destino. É por esta razão que Júpiter envia uma das Fúrias. Turno só pode ser derrotado se a irmã se retirar do campo de batalha, deixando-o, deste modo, à mercê das forças divinas que garantem o futuro de Eneias. A presença da irmã actua como um escudo para Turno e só a força tenebrosa das *Dirae*, «the ultimate weapon of horror», como lhes chama NUGENT (1999: 262), impede Juturna de continuar. O próprio Turno diz à irmã que há muito a reconheceu, como se o amparo fraternal fosse

⁶⁷⁶ Consideramos, como LYNE (1983), que o rubor de Lavínia é uma reacção às palavras inflamadas de Amata pedindo a Turno que não se dirija para o combate com Eneias (A. 12.56-63), reacção que insinua os sentimentos da jovem por Turno.

inconfundível, e pede-lhe que desista de intervir no combate (A. 12.632-634; A. 12.676-677). Juturna reage à visão da *Dira* enviada pelos deuses para selar o destino de Turno como se este tivesse já perecido:

*At procul ut Dirae stridorem agnouit et alas,
infelix crinis scindit Iuturna solutos
unguibus ora soror foedans et pectora pugnīs.* (A. 12. 869-871)

Os gestos são de luto: arranca os cabelos, fere as faces com as unhas e bate no peito. O ritmo lento do segundo verso, composto por cinco espondeus e um dáctilo, dá ao texto um carácter lúgubre que antecipa a morte de Turno que se aproxima e, por anteceder o lamento da irmã, transforma este num verdadeiro lamento fúnebre.

As últimas palavras de Juturna, que são também o último lamento da *Eneida*, têm sido interpretadas de forma divergente pela crítica, que oscila entre a defesa de uma finalidade meramente estética e sem repercussões consideráveis na obra além do adiamento do final, de um lado, e a associação do discurso de Juturna à acção de personagens que resistem ao destino de Eneias, por outro⁶⁷⁷.

O lamento, que começa com uma série de interrogações sem resposta, é também o reconhecimento da derrota:

*'quid nunc te tua, Turne, potest germana iuuare?
aut quid iam durae superat mihi? qua tibi lucem
arte morer? talin possum me opponere monstro?
iam iam linquo acies.* (A. 12.872-875)

Turno, o destinatário destas palavras, não as ouve, uma vez que está afastado, enfrentando Eneias. Este afastamento, que transforma o discurso num monólogo, contribui também para associar o lamento de Juturna a um lamento fúnebre. Note-se que também a mãe de Euríalo começa por se dirigir ao filho como se este estivesse vivo e ouvisse as palavras da mãe: *hunc ego te, Euryale, aspicio?* (A. 9.479). A primeira interrogação mostra o desespero de Juturna na

⁶⁷⁷ Para a primeira tese, cf. BARCHIESI (1978) e (1994), para a outra, cf. PERKELL (1997).

negação do seu objectivo primeiro. Ajudar Turno foi a razão que a fez imiscuir-se nos assuntos humanos e agora, com a intervenção da Fúria, nada mais pode fazer.

Juturna reconhece (*nosco*; A. 12.876; *nec fallunt*; A. 12.877) os poderes que actuam a favor de Eneias e, neste derradeiro momento, a visão da *Dira*, que sabe ser enviada por Júpiter, faz a ninfa insurgir-se contra o deus:

*'ne me terrete timentem,
obscenae uolucres: alarum uerbera nosco
letalemque sonum, nec fallunt iussa superba
magnanimi Iouis. haec pro uirginitate reponit?
quo uitam dedit aeternam?'* (A. 12.875-879)

As interrogações mudam de destinatário. Turno está ainda mais longe e, de facto, já nada há a fazer para evitar a morte do irmão. É por esta razão que o discurso se centra, agora, não em Júpiter, apesar da censura da conduta e da inadequação da recompensa deste, mas na própria Juturna. A ninfa lamenta a sua condição de imortal, que a impede de morrer como o irmão. A última parte do discurso exprime o desejo convencional de acompanhar Turno na morte:

*'cur mortis adempta est
condicio? possem tantos finire dolores
nunc certe, et misero fratri comes ire per umbras!
immortalis ego? aut quicquam mihi dulce meorum
te sine, frater, erit? o quae satis ima dehiscat
terra mihi, Manisque deam demittet ad imos?'* (A. 12.879-884)

Porque é imortal e foi enviada por Juno, é permitido a Juturna agir em prol do irmão, mas apenas de modo a adiar o destino inevitável. Como o lamento da mãe de Euríalo, o de Juturna introduz uma voz discordante no discurso e mostra que mesmo os guerreiros mais denodados são parte de uma rede familiar que implica a entreaajuda e, quando esta já não é possível, serve como perpetuadora da memória do defunto. Ambas, uma no seu papel de mãe, outra no de irmã, ultrapassam as barreiras do que lhes é permitido ou do que se espera delas: a mãe de Euríalo acompanhando o filho através das tormentas da viagem até ao Lácio, e entrando, assim, num mundo de conflitos de que parece

completamente alheada; Juturna opõe-se ao destino, tentando salvar o irmão de uma derrota que se adivinha desde o início e alinhando a par de entidades conotadas, na obra, com os inimigos da ordem e da racionalidade.

Dor de mãe e dor de pai

Ana, Juturna e a mãe de Euríalo fazem parte de uma série de personagens que na *Eneida* lamentam a morte dos *ahoroi*, dos mortos antes do tempo⁶⁷⁸, como Anquises quando lamenta a morte de Marcelo (A. 6.868-886), Eneias e Evandro a de Palante (A. 11.42-58; A. 11.152-181), e Eneias e Mezêncio chorando a morte de Lauso (A. 10.825-830; A. 10.846-856). Todas têm em comum o facto de chorarem a morte de uma personagem jovem, a quem se auguraria um futuro brilhante.

A comparação do lamento da mãe de Euríalo com os de Evandro e de Mezêncio pelos respectivos filhos, também mortos em combate, mostra afinidade de sentimentos, mas também algumas diferenças fundamentais. O discurso da mãe está mais próximo das palavras de Evandro, não no momento em que recebe o cadáver do filho, mas na despedida. É a mesma Fama voando pela cidade e divulgando a notícia da partida dos exércitos que antecede o adeus de pai e filho. Enquanto se despede de Palante, Evandro, sem parar de chorar, *inexpletus lacrimans* (A. 8.559), aperta a sua mão direita, mantendo o contacto físico com o filho (A. 8.558-559). Mas, quando acaba de falar, perde os sentidos⁶⁷⁹. Evandro e a mãe de Euríalo dirigem-se de forma idêntica ao filho:

⁶⁷⁸ Vergílio descreve os *ahoroi* que se aglomeram junto da barca de Caronte: *pueri innuptaeque puellae, / impositique rogis iuuenes ante ora parentum*. (A. 6.307-308).

⁶⁷⁹ Os criados levam Evandro inanimado para casa: *famuli conlapsus in tecta ferebant* (A. 8.584).

esta como *senectae / sera meae requies* (A. 9.479-480), Evandro como *spes et solacia nostri* (A. 8.514) e *mea sola et sera uoluptas* (A. 8.581)⁶⁸⁰, acentuando assim a importância do amparo dos filhos na velhice. Perante a hipótese de que o filho possa não regressar, Evandro reage com o desejo da morte:

*sin aliquem infandum casum, Fortuna, minaris,
nunc, nunc o liceat crudelem abrumpere uitam,
dum curae ambiguae, dum spes incerta futuri,
dum te, care puer, mea sera et sola uoluptas,
complexu teneo, grauior neu nuntius auris
uulneret.* (A. 8.578-583)

A expressão *crudelem abrumpere uitam* repete-se nas palavras da mãe de Euríalo (A. 9.497). São, de facto, as últimas palavras que esta pronuncia, pedindo aos Rútulos a morte porque não se acha capaz de pôr termo à própria vida. A diferença é que Evandro exprime este desejo ainda na presença de Palante, presença realçada pela repetição anafórica de *dum* (A. 8.580-581). No entanto, existe nas palavras de Evandro o mesmo sentimento de dependência em relação ao filho. Se Evandro recorda, agora, a sua juventude é porque, se fosse jovem, não teria de enviar o filho para o campo de batalha⁶⁸¹. Seria ele próprio a acompanhar Eneias. A vida do pai está ligada à do filho: se os deuses prolongarem a vida de Palante, Evandro deseja viver para rever o filho; se, pelo contrário, Palante perder a vida, então o pai não tem qualquer interesse em continuar a viver. Veremos, no entanto, que perante o cadáver do filho, este desejo será, em parte, alterado.

Também Dido foi levada pelas criadas para o quarto, depois do confronto com Eneias: *susciunt famulae conlapsaque membra / marmoreo referunt thalamo stratisque reponunt*. (A. 4.391-392). Do mesmo modo, a mãe de Euríalo, como vimos, é levada de regresso a casa pelos guerreiros (A. 9.500-502).

⁶⁸⁰ Ideia que se repete em A. 12.57-58, quando Amata se dirige a Turno: *spes tu nunc una, senectae / tu requies miserae*.

⁶⁸¹ GRANSDEN (1999^r: ad 560ss.) afirma que a nostalgia de Evandro é provocada pelo amor ao filho, «the strongest single emotion in the *Aeneid*.»

A reacção de Evandro à morte de Palante é antecipada do mesmo modo pela *Fama uolans*, que lhe traz a notícia da morte do filho, quando ainda há pouco tempo apregoava a sua vitória⁶⁸², e pelos gritos das *matres* (A. 11.146-147), que parecem contagiar o rei e dar início ao luto na cidade. Evandro corre para o meio dos que transportam o féretro com o cadáver de Palante e lança-se, primeiro sem conseguir falar, sobre o corpo do filho:

*at non Euandrum potis est uis ulla tenere,
sed uenit in medios. feretro Pallanta reposto
procubuit super atque haeret lacrimansque gemensque,
et uia uix tandem uocis laxata dolore est.* (A. 11.148-151)

Evandro consegue o que à mãe de Euríalo nunca será permitido: o contacto físico com o filho defunto. A expressividade de *procubuit super atque haeret*, com a acumulação do advérbio e do prevérbio, parece mostrar a imobilidade do pai inclinado sobre e abraçado ao filho, como se se tratasse de um quadro. HEUZÉ (1985: 592) considera que esta é uma imagem nova, já que coloca o pai na posição normalmente assumida pela mãe⁶⁸³. Uma vez que a mãe de Palante morreu antes de ver o filho perder a vida no combate, é Evandro quem procura o contacto com o filho. Se esta atitude, como o desmaio que sucedeu à despedida de pai e filho, parece demasiado feminina, já as palavras que o pai exprime enquanto, podemos supor, abraça Palante, estão longe das palavras de censura e de incompreensão da mãe de Euríalo, pois demonstram a partilha do mesmo código de valores marciais e políticos. Evandro parece ocupar uma posição intermédia, entre a fixação no cadáver que é própria da mãe e a

⁶⁸² Repare-se na ironia trágica: *Et iam Fama uolans, tanti praenuntia luctus, / Euandrum Euandrique domos et moenia replet, / quae modo uictorem Latio Pallanta ferebat.* (A. 11.139-141).

⁶⁸³ Escreve HEUZÉ: «C'est une image neuve. Virgile fait jouer au père le rôle habituellement tenu par la mère (...).» Mais à frente o autor considera que a ausência da mãe não justifica de forma satisfatória esta alteração (HEUZÉ: 1985: 393, n. 411). BECK-CHAUWARD (2001: 105-106) cita esta opinião para sustentar que existe, na *Eneida*, uma especificidade feminina do lamento.

subordinação da dor a um plano moral e político que se sobrepõe aos interesses familiares.

Já antes tinha sido permitida a Evandro a despedida e, por esta razão, o regresso do filho numa procissão fúnebre parece menos inesperada. Ser-lhe-á possível também realizar as cerimónias fúnebres, prestar uma última homenagem ao filho morto em combate. No entanto, Evandro começa o seu lamento censurando Palante, censura que é atenuada pelo facto de o pai admitir que sabia como o desejo de glória poderia provocar este desfecho. Ao contrário da mãe de Euríalo, Evandro estava preparado:

*'non haec, o Palla, dederas promissa parenti,
cautius ut saeuo uelles te credere Marti.
haud ignarus eram quantum noua gloria in armis
et praedulce decus primo certamine posset.'* (A. 11.152-155)

O facto de estar vivo é, ainda assim, mais um motivo de dor. O desejo da morte, no entanto, Evandro projecta-o no passado. O seu desejo era ter trocado de destino com o filho, era ter sido ele a acompanhar o exército troiano e a ser morto pelos Rútilos (A. 11.161-163). Há, no entanto, nas suas palavras uma certa resignação, quando diz que este acontecimento estava reservado para a sua velhice (*sors ista senectae / debita erat nostrae*; A. 11.165-166) e, se Palante tinha de morrer, pelo menos morreu lutando para estabelecer os Troianos no Lácio (A. 11.166-168). Há, por isso, na morte do filho uma espécie de compensação, que estará completa com a vingança que pede a Eneias:

*'uadite et haec memores regi mandata referte:
quod uitam moror inuisam Pallante perempto
dextera causa tua est, Turnum natoque patrique
quam debere uides. (...)
non uitae gaudia quaero,
nec fas, sed gnato Manis perferre sub imos.'* (A. 11.176-181)

Esta mesma ideia está presente na resposta de Júpiter a Hércules, quando este lamenta a morte de Palante e o deus lhe responde que a função da valentia é

divulgar a reputação por meio de façanhas heróicas (*'famam extendere factis, / hoc uirtutis opus.'*; A. 10.468-469) e no lamento de Eneias pela morte do jovem:

*'At non, Euandre, pudendis
uulneribus pulsum aspicias, nec sospite dirum
optabis nato funus pater.'* (A. 11.55-57).

A morte de Palante em combate é motivo de dor, mas também de orgulho para o pai⁶⁸⁴. É verdade que a vida de Evandro se lhe tornou *inuisa*, mas não deseja perdê-la antes de receber a notícia da morte de Turno. Mesmo que continuar a viver seja agora penoso, o desejo de vingança sobrepõe-se ao desejo de morrer e, neste aspecto, de facto, Evandro distancia-se da mãe de Euríalo.

A reacção de Evandro à morte de Palante é mais resignada. Porque Evandro partilha os mesmos valores, compreende os perigos da guerra. É por esta razão que, na despedida, recorda com orgulho a morte de Érulo, ser monstruoso com três vidas, que ele tirou uma a uma. A mãe de Euríalo, pelo contrário, não compreende e por isso aceita com dificuldade a morte do filho. Acresce o facto de a morte de Euríalo se revestir de contornos mais violentos do que a de Palante. Euríalo foi decapitado e o que a mãe enfrenta no derradeiro momento é a visão macabra da cabeça do filho, escorrendo sangue, nas mãos do inimigo. Euríalo tornou-se troféu de guerra para os Rútulos. Palante, pelo contrário, regressa a casa em cortejo, com um exército de mil homens, os despojos e os prisioneiros de guerra, ou seja, rodeado de troféus. É notável a descrição da chegada do cadáver a Palanteu, precedido por uma fila imensa de pessoas com archotes que, mesmo na escuridão da noite, iluminam os campos em redor (A. 11.142-144). Ambos os jovens têm em comum, no entanto, o facto de morrerem prematuramente e de o narrador os comparar a ambos a uma flor que murcha depois de cortada (A. 9.433-437; A. 11.67-71), acentuando o encanto

⁶⁸⁴ É o próprio Palante quem o afirma, antes de enfrentar Turno: *'aut spoliis ego iam raptis laudabor opimis / aut leto insigni: sorti pater aequus utrique est. / tolle minas.'* (A. 10.449-451).

da sua juventude e o carácter trágico do seu destino⁶⁸⁵. GRANSDEN (1998^r: 11) associa a morte de Palante à de Niso e Euríalo como exemplo da futilidade trágica da guerra. Lauso e Marcelo integram também este conjunto de jovens cujo destino é truncado de forma abrupta e imprevisível, frustrando as esperanças neles depositadas⁶⁸⁶.

Depois de matar Lauso, outro jovem guerreiro que caiu em combate, Eneias comove-se e recorda-se de Anquises, pois admira no jovem a coragem e a devoção ao pai. De facto, Lauso morre para salvar o pai, Mezêncio, caracterizado na obra como um tirano cruel e sem escrúpulos nem respeito pelos deuses⁶⁸⁷. Ainda assim, depois da morte do filho, Mezêncio sofre uma catarse que começa no exacto momento em que, ao ouvir o choro dos companheiros, deduz que Lauso está morto⁶⁸⁸. O *contemptor diuum* (A. 8.7; A. 8.648) ergue as mãos ao céu:

*agnouit longe gemitum praesaga mali mens.
canitiem multo deformat puluere et ambas
ad caelum tendit palmas et corpore inhaeret.* (A. 10.843-845)

A sua reacção é violenta. O facto de sujar com pó os seus cabelos brancos enfatiza, curiosamente, a sua idade, num momento em que o leitor esquece que

⁶⁸⁵ Sobre o símile da flor e as suas conotações sexuais, cf. REED (2007: 20-23): «In Euryalus and Pallas, the shadow of a feminine persona figuratively registers the loss of their adult male potential; the erotic light that falls on them in a sense confirms their now permanent status as boys, whose viewpoint was inconsequential and whose bodies were sexually possessable.» (23).

⁶⁸⁶ A expressão *miserande puer* repete-se três vezes na obra, sempre no mesmo contexto, isto é, quando se lamenta a morte prematura de um jovem (A. 6.882: Marcelo; A. 10.825: Lauso; A. 11.42: Palante).

⁶⁸⁷ Para uma análise das fontes e do desenvolvimento da personagem, cf. GOTOFF (1984).

⁶⁸⁸ Já anteriormente se demonstra a proximidade da ligação entre Mezêncio e o filho, a quem o pai permite usar as suas armas (*armaque Lauso / donat habere umeris et uertice figere cristas.* (A. 10.700-701). É também em Lauso que Mezêncio pensa quando planeia atingir Eneias: *uoueo praedonis corpore raptis / indutum spoliis ipsum te, Lause, tropaeum / Aeneae.* (A. 10.774-776).

está perante um dos guerreiros mais temíveis do confronto. Como Latino chorando Amata e, com ela, a ruína da cidade, *canitiem immundo perfusam puluere turpans* (A. 12.611), Mezêncio entrega-se à dor e imprime no seu aspecto físico as marcas desta. Podemos também tomar como exemplo desta atitude pouco convencional do luto masculino a personagem Acetes, o escudeiro de Palante, enquanto avança com o cortejo fúnebre:

*ducitur infelix aeuo confectus Acoetes,
pectora nunc foedans pugnis, nunc unguibus ora,
sternitur et toto proiectus corpore terrae.* (A. 11.85-87)

Acetes, que antecipa o luto de Evandro e parece, por este motivo, um *alter-ego* do rei árcade, exprime o seu luto como Ana e Juturna, *unguibus ora soror foedans et pectora pugnis* (A. 4.673, A. 12.871). CORBEILL (2004: 68-69 e n. 4) considera a reacção de Latino à morte de Amata e a de Acetes à de Palante reacções exageradas, justificadas apenas pelo modelo homérico, e afirma que os próprios Romanos do tempo de Vergílio a considerariam inadequada para um homem. Parece-nos, porém, que não deve ser accidental o facto de se sugerir, tanto relativamente a Mezêncio como a Latino e Acetes – e até mesmo a Evandro, cuja atitude, como vimos, parece surpreendente num homem –, a idade avançada destas personagens: Acetes, *aeuo confectus* (A. 11.85); Latino apresentando-se a si próprio como um ancião a quem já nada pode afligir (*nam mihi parta quies, omnisque in limine portus / funere felici spoliior*; A. 7.598-599); a referência aos cabelos brancos de Latino e de Mezêncio (A. 10.844; A. 12.611). Assim, a fraqueza da idade confunde-se com a fraqueza do sexo e todos (Latino, Acetes, Evandro e Mezêncio) assumem um papel inesperado, mais próximo do luto das mulheres.

Como Evandro e ao contrário da mãe de Euríalo, o tirano etrusco pode tocar o cadáver do filho e esta preocupação com o corpo, que a forma verbal *inhaeret* denota, sugere, de acordo com HEUZÉ (1987: 588), «une recherche du contact qui n'est pas prévue par les conventions», mas também, neste momento

derradeiro de proximidade física com Lauso, o castigo justo pelas atrocidades cometidas.

Apesar de surpreendido, Mezêncio sabia que a morte do filho era uma possibilidade. Depois de se ter retirado do campo de batalha e enquanto lavava no rio a ferida que Eneias lhe infligira, manda os seus homens chamarem Lauso de volta e fazerem-lhe recomendações (A. 10.839-840). No entanto, é nesta ocasião que a atitude arrogante de Mezêncio muda. Só quando percebe a razão por que choram os soldados é que o Etrusco compreende as implicações da sua conduta (A. 10.851-852). É por este motivo que, na reacção de Mezêncio à morte do filho, se misturam culpa, vergonha e dor. Mezêncio reconhece amargamente que só está vivo porque o filho está morto e diz:

*'tuane haec genitor per uulnera seruor
morte tua uiuens?'* (A. 10.848-849).

O sofrimento transforma o tirano que, como a mãe de Euríalo, deseja a morte. A diferença entre ambos é que Mezêncio pode procurar a morte, pode resgatar alguma dignidade, mas como um soldado, isto é, no campo de batalha. É comum às três personagens em análise o desejo de morrer às mãos de quem lhes matou os filhos: Evandro e a mãe de Euríalo desejam ser mortos pelos Rútulos, Mezêncio por Eneias.

Mezêncio, como Evandro, pensa em vingança, mas parece acreditar menos na possibilidade de esta se concretizar. O facto de Evandro pedir a Eneias a vingança mostra a solidez da aliança entre ambos. Mezêncio, pelo contrário, está sozinho e, por este motivo, a vingança da morte de Lauso depende somente dele.

É de realçar que, antes de regressar ao campo de batalha, Mezêncio partilha com o cavalo os seus planos. Antevê para ambos um de dois desfechos no combate que está prestes a travar com Eneias: ou ele vence Eneias, vingando, assim, a morte do filho, e carrega o cavalo com os despojos da vitória, ou homem e cavalo morrem às mãos do guerreiro que matou Lauso. É curiosa a

associação do destino do cavalo ao destino do seu dono, especialmente numa personagem que se apresenta desde o início como um déspota cruel e desumano que castigava os seus súbditos sepultando-os vivos e abraçados a cadáveres em decomposição. Nem Mezêncio nem o cavalo serão capturados vivos pelo inimigo. Mesmo na última hora, e apesar da evolução da personagem, o orgulho mantém-se. Vencido por Eneias, que zomba dele, Mezêncio diz:

*'hostis amare, quid increpitas mortemque minaris?
nullum in caede nefas, nec sic ad proelia ueni,
nec tecum meus haec pepigit mihi foedera Lausus.'* (A. 10.900-902)

Apesar de inimigos, Eneias e o Etrusco comungam dos mesmos ideais. Na derrota, Mezêncio não suplica que lhe seja poupada a vida. O último pedido de Mezêncio é que Eneias proteja o seu cadáver da fúria dos Etruscos e que o sepulte juntamente com o filho. Pretende na morte o mesmo isolamento que marcou a sua vida. Só a perda do filho, o único ser humano a quem reconhece estar unido, faz o tirano exilado e independente ceder.

Os lamentos de Mezêncio, de Evandro e da mãe de Euríalo pelos filhos mortos em combate mostram o desespero e a dor de perder um filho. É característica comum a todos estes discursos – entre os quais incluímos a despedida entre Evandro e Palante, por entendermos que funciona como uma antecipação do lamento pela morte deste – a união indissolúvel entre a vida do pai ou da mãe e a do filho, numa relação de dependência absoluta. Os dois discursos de Evandro ocupam uma posição intermédia pois, se, por um lado, apresentam afinidades a nível lexical com o lamento da mãe de Euríalo, por outro, a atitude de Evandro é, particularmente no que diz respeito ao código guerreiro, mais próxima da de Mezêncio. O facto de Evandro, como a mãe de Euríalo, estar afastado do campo de batalha e não participar na guerra de forma activa devido à sua idade avançada, aproxima-o, em parte, de personagens femininas como, por exemplo, Dido.

Denominador comum dos episódios analisados é a referência, por vezes subtil, a uma mãe ou ao grupo das *matres*. Na descrição da morte de Lauso, o narrador descreve a forma como a espada de Eneias atravessa o escudo do jovem e a túnica que a mãe bordara com fio de ouro, túnica que agora o sangue impregna (A. 10.818-819). Quando chora a morte do filho, Evandro compara o seu destino ao da mãe de Palante, abençoada com a morte que a poupou à dor de ver o filho morto (A. 11.158-159). Apesar de discreta, esta presença mostra, uma vez mais, o entendimento de que o indivíduo é um elo numa cadeia ampla de relações familiares. Parece-nos também que a referência à mãe, num contexto marcadamente bélico e masculino, aparece como uma reminiscência dum tempo de paz em que os filhos sepultam os pais e não o contrário.

As matres

As *matres* são presença habitual na obra, mas assumem uma importância especial na segunda metade. Em Palanteu, informadas pela Fama da partida dos exércitos, o medo da guerra que se adivinha faz com que as mulheres dupliquem os seus votos (A. 8.556), elas que, alguns versos adiante, admiram os exércitos em marcha:

*stant pauidae in muris matres oculisque sequuntur
pulueream nubem et fulgentis aere cateruas.* (A. 8.592-593)

Na noite em que o cortejo fúnebre dos Troianos traz a Evandro o cadáver de Palante, são as *matres* quem dá voz à dor por todos sentida, como no acampamento troiano tinham sido as *Iliades* a chorá-lo, mesmo antes de Eneias⁶⁸⁹:

⁶⁸⁹ As *Iliades* são, aliás, presença constante em momentos de grande sofrimento. Já durante a viagem tinham cumprido os mesmos rituais em honra de outro jovem, Polidoro, o filho de Príamo e Hécuba assassinado na Trácia: *ergo instauramus Polydoro funus, et ingens / aggeritur*

*circum omnis famulumque manus Troianaque turba
et maestum Iliades crinem de more solutae.* (A. 11.34-35)

Os Árcades juntaram-se ao cortejo fúnebre de Palante com archotes, de acordo com a tradição, mas são as mulheres quem vocaliza o sofrimento:

*quae postquam matres succedere tectis
uiderunt, maestam incendunt clamoribus urbem.* (A. 11.146-147).

Estas referências são, na verdade, coerentes com a associação das mulheres à expressão livre e espontânea das emoções, mas elas incorporam também uma certa intimidade familiar. É por isso que, na descrição da última noite de Tróia, as mulheres troianas, convenientemente designadas por *pauidae matres*, se abraçam às portas do palácio de Príamo, numa derradeira tentativa de se manterem unidas à casa que funciona como sinédoque da pátria (A. 2.489⁶⁹⁰). Serão estas as mesmas que, juntamente com as crianças, formarão a longa fila dos prisioneiros de guerra que Eneias vê quando volta atrás para resgatar Creúsa (A. 2.766)⁶⁹¹.

Já no Lácio, após a morte do cervo de Sílvia que desencadeará as hostilidades entre Troianos e Latinos, quando Alecto dá o sinal para reunir os camponeses e, assim, realizar os seus intentos, a reacção das mães é abraçar os filhos: *trepidae matres pressere ad pectore natos* (A. 7.515). É porque conhecem as consequências da guerra, porque acabaram de sepultar muitos dos seus que as mulheres se opõem aos intentos de Turno:

tumulo tellus; stant Manibus arae / caeruleis maestae uittis atraque cupresso, / et circum Iliades crinem de more solutae. (A. 3.62-65). Estão também representadas, no auge do seu desespero, entre as imagens do templo de Juno em Cartago, levando um peplo como presente a Minerva que não as ajudará: *interea ad templum non aequae Palladis ibant / crinibus Iliades passis peplumque ferebant / suppliciter tristes et tunsae pectora palmis; / diua solo fixos oculos auersa tenebat.* (A. 1.479-482).

⁶⁹⁰ *tum pauidae tectis matres ingentibus errant / amplexaeque tenent postis atque oscula figunt.* (A. 2.489-490).

⁶⁹¹ *pueri et pauidae longo ordine matres / stant circum.* (A. 2.766-767). Também o grupo que se junta a Eneias na fuga inclui as *matres*: *Atque hic ingentem comitum adfluxisse nouorum / inuenio admirans numerum, matresque uirosque, / collectam exsilio pubem, miserabile uulgus.* (A. 2.796-798).

*iam uero in tectis, praediuitis urbe Latini,
praecipuus fragor et longi pars maxima luctus.
hic matres miseraeque nurus, hic cara sororum
pectora maerentum puerique parentibus orbi
dirum exsecrantur bellum Turnique hymenaeos. (A. 11.213-217)*

A comunidade, representada pelas mulheres e pelas crianças, repudia os combates. Se só Turno tem razões para combater, então que combata sozinho, sem arrastar para a morte muitos dos seus compatriotas. As mulheres não entendem a guerra. É por esta razão que, como vimos, admiram, estupefactas, os exércitos em marcha ou Camila preparada para o combate (A. 7.811ss.). No entanto, participam na guerra quando esta se aproxima das suas casas, como acontece durante o cerco à cidade, quando esta se prepara para o ataque do exército troiano:

*tum muros uaria cinxere corona
matronae puerique, uocat labor ultimus omnis. (A. 11.475-476)*

Porque, num momento de aflição, também as mulheres, com a ajuda que podem prestar, são elementos integrantes da comunidade e têm uma função cívica que é, em princípio, idêntica à dos guerreiros. Nessa altura, também as mulheres, lançando dardos do cimo da muralha, atacam os Troianos que tentam invadir a cidade, numa atitude que se explica pelo mesmo amor à pátria demonstrado pelas mulheres que abraçam as portas do palácio de Príamo:

*ipsae de muris summo certamine matres
(monstrat amor uerus patriae, ut uidere Camillam)
tela manu trepidae iaciunt ac robore duro
stipitibus ferrum sudibusque imitantur obustis
praecipites, primaeque mori pro moenibus ardent. (A. 11.891-895)*

O ardor guerreiro das mulheres e a sua associação a Camila demonstra, parecem-nos, o entendimento da cidade como um todo. São elementos activos da sociedade, seja combatendo por esta como lhes é possível, seja intercedendo por ela junto dos templos dos deuses. Esta última actividade aparece referida em vários momentos: as Troianas fazendo preces a Minerva, representadas na *ecphrasis* do templo de Juno em Cartago (A. 1.479-482); Amata e Lavínia

dirigindo-se, com um grupo de mulheres, ao templo da mesma deusa, pedindo a morte de Eneias (A. 11.477-485); as *castae matres* representadas no escudo de Eneias, conduzindo as imagens dos deuses através da cidade (A. 8.665-666) e depois os coros de mulheres nos templos, celebrando o triunfo de Augusto (A. 8.718).

Conclusão

A mãe de Euríalo, porque não tem nome, representa essas mães que Vergílio integra na obra como forma de provar que a guerra (e a cidade) não se faz só com homens. É na generalização da sua maternidade que devemos procurar a finalidade da criação desta personagem. Ela mostra, de facto, a fragilidade da condição humana. Neste sentido, torna-se difícil compreender a já citada afirmação de GOTOFF (1984: 201, n. 28.)⁶⁹². Se cumpre os seus objectivos, por que motivo devemos entender o discurso como um fracasso a nível retórico? Porque a guerra continuou? Dificilmente discurso algum impediria que a guerra continuasse. No entanto, o facto de a guerra ser uma necessidade, de certo modo, até, uma imposição dos deuses, não implica a obliteração das suas consequências mais nefastas. Mostrá-las, incorporá-las mesmo na obra, é o objectivo da simples existência da personagem. Neste sentido, a mãe de Euríalo e as outras *matres* provam que fazer o luto é uma função cívica e chorar os mortos uma necessidade social.

Faz parte da épica vergiliana demonstrar que é preciso pagar um preço pelo triunfo. A missão de Eneias é engrandecida pelos obstáculos e dificuldades que tem de ultrapassar. A morte dos seus em combate faz parte desse preço. O

⁶⁹² Cf., *supra*, p. 295ss..

próprio Eneias considera a guerra um acto desnecessário e afirma-se contrariado por ter de combater os Latinos (A. 11.108ss.). Personagens como a mãe de Euríalo transmitem a mensagem de que muitos têm de ficar para trás, de que muitos jovens têm de dar a vida, muitos familiares têm de ficar sem ninguém no mundo para que o destino se cumpra. Há um preço a pagar para conquistar e manter a paz. É por essa razão que a *Eneida* mostra não apenas a morte mais ou menos gloriosa dos guerreiros em combate, mas também os sentimentos experimentados por pais e mães (e também pelas mulheres apaixonadas...), de modo a provar que na guerra todos perdem, pois também aqueles que fazem a guerra têm familiares, têm uma vida que os espera quando se alcançar a paz. Mas nem todos terão a sorte de a experimentar.

WILTSHIRE (1989: 38-55) salienta a importância que Vergílio concede à esfera privada da existência humana e aos laços familiares e nota a relevância que confere à relação entre a mãe e os filhos na *Eneida*. O autor adapta símiles com antecedentes homéricos, introduzindo a figura da mãe que perde a cria, que acrescenta ao contexto bélico um tom familiar e patético⁶⁹³. Dos cinco exemplos analisados pela autora, quatro apresentam como termo de comparação uma fêmea animal protegendo ou procurando as suas crias, facto que, no seguimento de Lucrécio (2.352ss.), estende ao mundo selvagem a dependência estreita entre a mãe e os filhos. Não deve ser despropositado que dois dos símiles referidos apareçam no livro 9, precisamente no mesmo livro em que assistimos ao lamento da mãe de Euríalo.

A missão de Eneias é uma missão de fundação, mas também – e primordialmente – de conquista. Envolve ultrapassar obstáculos que os próprios deuses engendram para afastar o protagonista do seu objectivo.

⁶⁹³ Afirma WILTSHIRE (1989: 38): «Vergil affirms the private claims of the close community, of family and maintenance of the cycles of life, as inseparable from the heroic achievements of history and Rome.» Os exemplos analisados pela autora são: A. 5.213-217, A. 9.59-64, A. 9.563-566, A. 12.473-477.

Como leitores da *Eneida* do século XXI, a nossa interpretação da obra é condicionada pelo mundo em que vivemos. Para Vergílio, um poema sem guerra e sem o sofrimento que provoca seria uma façanha ridícula. A vitória tem sempre dois lados. Implica sempre que alguém perde ou que, pelo menos, perde mais. A morte de Turno é uma vitória para Eneias. Apesar do tema da reconciliação que entra na última parte da obra, principalmente a partir do diálogo entre Júpiter e Juno, Turno tem de ser vencido. Se esta vitória e esta derrota dizem algo sobre as simpatias políticas do autor nunca o saberemos. Pelo menos não de forma cabal e definitiva. Para nós, que lemos a *Eneida* neste início do século XXI, o luto e o sofrimento carregam um peso negativo que recai sobre quem deles beneficia. Para Vergílio e para os Romanos do seu tempo, são elementos intrínsecos da vitória e um preço a pagar pelo triunfo, é certo, mas também pela conquista da paz. É a *parva uictoriis pax* de que Augusto se vangloria nas *Res Gestae* (2.43-44).

A dor da perda exprime-se de forma diversa. Ainda que os gestos sejam, na sua maioria, convencionais, dizem muito sobre o enlutado. Se Eneias se abstém da violência da automutilação que vemos, por exemplo, em Mezenzio e Evandro, é porque estes experimentam a perda do futuro que os deuses garantem a Eneias. Ainda que LEE (1992) considere que os sete filhos dos Atenenses representados nas portas do templo de Apolo em Cumas simbolizam sete filhos perdidos por Eneias na Itália, a dor deste por Lauso ou por Palante está longe de ser a dor de um pai que perdeu o filho. Porque esta dor, Eneias não a experimenta. Mas também porque Ascânio, mais do que um filho, passa a ser um sucessor, um “continuador”, um outro Eneias que há-de carregar o fardo da fundação. Ainda que Eneias chore em ocasiões várias e deixe entrever a dor de perder amigos e familiares, nunca se deixa dominar pelo luto, pelo menos não de forma passiva. A dor leva-o a agir, a reclamar vingança, como acontece após a morte de Palante.

Se a *Eneida* é uma obra de sofrimento, este não se faz sentir apenas no protagonista, ainda que uma ideia difusa de fracasso pareça, por vezes, insinuar-se na narrativa. É na recorrência da morte e, com frequência, da morte dos jovens e, por outro lado, na representação do luto que por estes é feito – sejam a mãe, o pai ou a irmã a fazê-lo –, que Vergílio mostra as áreas cinzentas (ou negras?) do triunfo romano.

III. As *matres orbae* nas *Metamorfoses*

Introdução

A obra de Ovídio é assombrada pela presença múltipla de mães que assistem à morte dos filhos. Umas dilaceram-nos com as próprias mãos ou causam-lhes a morte de forma indirecta, outras, impotentes, vêem-nos morrer à sua frente. Umas procuram os filhos ou os restos mortais destes pelos quatro cantos do mundo, outras, no derradeiro momento, abraçam o cadáver e recolhem os ossos.

A mãe que chora o filho é uma personagem que aparece com frequência na obra de Ovídio, que parece demonstrar um certo prazer na descrição do sofrimento materno. As referências à dor dos pais, seja causada pela morte ou pelo desaparecimento dos filhos, são inúmeras e a forma por vezes exígua e rápida como são introduzidas na narrativa parece mostrar que o desespero é natural. É por esta razão que, nos *Remédios de Amor*, apresenta o choro da mãe no funeral do filho como um acto inevitável (*Rem.* 127-130). Mesmo anos depois de ter composto as *Metamorfoses*, em que a presença deste tipo de personagens mais se faz sentir, e já no exílio, Ovídio associa a sua solidão à *orbitas* de Príamo ou de Níobe⁶⁹⁴.

Até as mães mais sanguinárias que, por vezes com as suas próprias mãos, assassinam os filhos, não o fazem nunca de ânimo leve e, com frequência, nem sequer de forma consciente. Quando são os próprios pais a matarem os filhos, o que acontece, por exemplo com Agave, Procne, Ino e Atamante ou

⁶⁹⁴ *Exigis ut Priamus natorum a funere ludat, / et Niobe festos ducat ut orba choros.* (Tr. 5.12.7-8).

Alteia, os pais são impelidos por uma força destrutiva, exterior ou interior, que anula o amor pelos filhos.

Analisaremos, neste capítulo, a caracterização que Ovídio faz, nas *Metamorfoses* e em dois episódios dos *Fastos*, das mães que deparam com a morte dos filhos. A sequência da análise acompanhará a ordem pela qual as personagens surgem na narrativa da obra, o que nos permitirá examinar a continuidade e a coerência na forma como essas personagens são apresentadas. As outras obras de Ovídio servir-nos-ão como termo de comparação, sempre que se justifique o paralelo.

Clímene e o Sol

Nas *Metamorfoses*, a primeira mãe de luto é Clímene, mãe de Faetonte. Ao contrário do que acontece em versões anteriores, como na tragédia *Faetonte* de Eurípides, em que Clímene desempenha um papel importante nos acontecimentos que desencadeiam a tragédia de Faetonte, Ovídio opta por lhe retirar visibilidade⁶⁹⁵. Por este motivo, aparece no episódio principalmente na sua função de mãe que, primeiro, assegura a paternidade do filho e que, depois,

⁶⁹⁵ O argumento da tragédia, de que sobrevivem apenas alguns fragmentos, foi reconstituído por DIGGLE (1970: 35-46), no que é possível inferir dos poucos excertos remanescentes do texto: Clímene, casada com Mérops, rei da Etiópia, tem um filho de uma relação extraconjugal com o deus Hélio. Quando o rei combina o casamento deste filho, Faetonte, com uma filha do deus, e, portanto, meia-irmã do noivo, Clímene envia o filho ao palácio do deus para reclamar uma promessa antiga que Hélio lhe terá feito na noite do adultério. Depois da morte de Faetonte, o cadáver deste é levado para o palácio de Mérops e entregue a Clímene, que o esconde do marido e supostamente foge da Etiópia. Quanto à metamorfose das Heliádes em choupos, que acompanha o mito de Faetonte, terminaria, provavelmente, a tragédia, como é normal acontecer no drama de Eurípides. Situar-se-ia, porém, não no Eridano, mas algures na Etiópia (DIGGLE (1970:45-46)). Ésquilo terá composto também uma tragédia, agora perdida, sobre o tema, com o título *Heliádes*.

procura os seus restos mortais e chora a sua morte⁶⁹⁶. É neste último momento que Clímene assiste à metamorfose das Heliádes que, na versão ovidiana, ao contrário do que parece acontecer no *Faetonte* de Eurípides, são, como Faetonte, filhas de Clímene e do Sol. Ovídio opta por suprimir o papel de Mérops, com quem Clímene teria casado, de forma a realçar o papel de Clímene como mãe e o do Sol como pai de Faetonte e anulando, assim, as relações familiares problemáticas da peça de Eurípides⁶⁹⁷.

Desafiado por Épafo, filho de Io e de Júpiter, que o acusa de acreditar demasiado na palavra da mãe e de não ser filho do Sol, Faetonte tenta confirmar a sua identidade junto da mãe, a quem suplica que lhe diga a verdade (*Met.* 1.760-764). Para convencer Clímene, Faetonte abraça-a e apela ao seu instinto maternal⁶⁹⁸, invocando os sentimentos da mãe para com ele próprio e as irmãs. Clímene cede, jura ao filho que o seu pai é o Sol, e indica-lhe o caminho para a casa deste, onde poderá tirar as dúvidas com o deus. Aí, Faetonte pede ao pai que o deixe conduzir a sua quadriga, como prova de que é seu filho. O pai, no entanto, assustado pelo perigo de conceder ao filho o que ele pede sem que este ponha em risco a própria vida, tenta demonstrar a

⁶⁹⁶ Cf. KNOX (1988: 551): «(...) we may compare the significant role allotted to Clymene in all the Greek sources with her trivial appearance in the *Metamorphoses*. (...) it was Ovid who chose to diminish her importance in the story in order to focus exclusively on the encounter between father and child (...).» DIGGLE (1970: 4-32) apresenta um resumo do mito de Faetonte nas literaturas grega e latina. IRVING (1998:269-271) faz um resumo das versões da metamorfose das Heliádes.

⁶⁹⁷ Afirma DIGGLE (1974: 182): «He is not interested, as Euripides is, in family entanglements.» As referências a Mérope no episódio (*Met.* 1.763 e *Met.* 2.185) tornam, no entanto, ambíguo o estatuto de Clímene. Ovídio supõe certamente que o leitor conhece outras versões do mito em que Mérope desempenha um papel mais activo.

⁶⁹⁸ O rapaz usa a mesma estratégia para convencer o pai relutante a deixá-lo conduzir a sua quadriga: *quid mea colla tenes blandis, ignare, lacertis?* (*Met.* 2.100). Quanto à mãe, Faetonte recorre à evocação de Mérope e das irmãs: *implicuit materno bracchia collo / perque suum Meropisque caput taedasque sororum / traderet orauit ueri sibi signa parentis.* (*Met.* 1.762-764).

Faetonte que o receio que a empresa que se propõe lhe causa é prova suficiente da sua paternidade:

*scilicet ut nostro genitum te sanguine credas,
pignora certa petis? do pignora certa timendo
et patrio pater esse metu probor. aspice uultus
ecce meos, utinamque oculos in pectora posses
inserere et patrias intus deprendere curas. (Met. 2.90-94)*

A repetição quiástica de *pignora certa petis* e *do pignora certa*, organizada em redor da cesura pentemímere (Met. 2.91) é uma reiteração de que o Sol é efectivamente o pai do rapaz. A reciprocidade inerente a esta construção frásica demonstra a disponibilidade incondicional do deus para com o filho. A aliteração em -p e em -t, que aparece a espaços nos últimos quatro versos⁶⁹⁹ e a derivação *patrio* / *pater* / *patrias* (Met. 2.92) reforçam a ideia de paternidade⁷⁰⁰. É o medo de perder o filho que prova que o Sol é efectivamente o pai de Faetonte.

Depois da morte deste, o medo transforma-se em dor e a reacção do pai, porque tudo vê e, como tal, presenciou a morte do filho, é a primeira que se descreve após o funeral que as *Naidēs Hesperiae* executaram⁷⁰¹:

*Nam pater obductos luctu miserabilis aegro
condiderat uultu, et, si modo credimus, unum
isse diem sine sole ferunt (Met. 2.329-331)*

A reacção do pai, apesar de esperada, provoca uma anomalia no universo, explicada pela dor de perder o filho, que o narrador enfatiza na expressão *luctu*

⁶⁹⁹ *pignora certa petis? do pignora certa timendo / et patrio pater esse metu probor. aspice uultus / ecce meos, utinamque oculos in pectora posses / inserere et patrias intus deprendere curas. (Met. 2.90-94)*

⁷⁰⁰ No seguimento de FONTANIER (1977: 351-352), entendemos por *deriuatio* a repetição de palavras com a mesma raiz, que MORIER (1989: s. u. *polyptote*) considera uma forma de poliptoto.

⁷⁰¹ Sobre as incongruências cronológicas nas reacções à morte de Faetonte, cf. ZISSOS & GILDENHARD (1999: 37-39), que consideram que a multiplicidade dos lamentos («(...) grieving nymphs, grieving father, grieving mother, grieving sisters, grieving uncle, and then, rather bizarrely, grieving father once again.» (37)) e a relação temporal confusa que se estabelece entre eles são responsáveis pela «convoluted closure» do episódio (37, n. 23).

miserabilis aegro, em que cada um dos vocábulos agrava o peso dos outros. O carácter extraordinário da acção do Sol denota-se no parêntese *si modo credimus* (*Met.* 2.330) e no adjectivo *unum*. O pai esconde o rosto, num gesto típico de quem se afasta da vida e se recusa a seguir o seu percurso diário. Interrompe-se, porém, a descrição da dor do Sol, que se retomará adiante, para se apresentar primeiro a procura de Clímene pelos restos do filho e, depois, a metamorfose das Heliádes e de Cicno.

A reacção da mãe à morte do filho é descrita, ao contrário da do pai, de forma vertiginosa, em sete versos que acumulam seis acções⁷⁰²:

*at Clymene, postquam dixit quaecumque fuerunt
in tantis dicenda malis, lugubris et amens
et laniata sinus totum percensuit orbem
exanimisque artus primo, mox ossa requirens
repperit ossa tamen peregrina condita ripa,
incubuitque loco nomenque in marmore lectum
perfudit lacrimis et aperto pectore fouit.* (*Met.* 2.333-339)

A atitude de Clímene integra os elementos tradicionais da descrição da mãe em luto: o lamento, que não se reproduz, mas que se apresenta como um acto normal nestas circunstâncias; os adjectivos *lugubris* e *amens*, realçados, juntamente com *tantis... malis*, pela posição métrica e que evocam, respectivamente, a dor e o estado psicológico da personagem; os golpes no peito, a procura do filho e, depois de o encontrar, o deitar-se por terra, chorando e abraçando, neste caso, não o cadáver, a que a mãe já não tem acesso, mas o epitáfio do filho.

Realça-se na reacção da mãe, assim, não as palavras que proferiu, que são evocadas de forma negligente e omissa, mas o seu desespero, denotado no polissíndeto *lugubris et amens et laniata sinus* (*Met.* 2.334-335), e a procura do filho. A viagem de Clímene é longa, uma vez que começa na Etiópia e acaba nas margens do Erídano. SALZMAN-MITCHELL (2005: 102-104) considera que

⁷⁰² *dixit; percensuit; repperit; incubuit; perfudit; fouit.*

Clímene e outras personagens femininas das *Metamorfoses* associadas ao Sol estão ligadas à terra e, por este motivo, são estáticas, ao contrário do deus e de Faetonte, que viajam e que o fazem através dos céus⁷⁰³. A fixação das personagens femininas ao solo é, de acordo com a autora, levada ao extremo na transformação das Heliades em choupos cujas raízes tornam permanente a imobilização. No entanto, a mãe viaja em busca do filho, o que significa que a sua “fixação” não é absoluta. Sobrepõe-se a esta o desejo de encontrar o cadáver de Faetonte, que leva Clímene a percorrer uma longa distância. A viagem da mãe reproduz na terra o percurso celeste do filho⁷⁰⁴.

A informação de que Clímene procurou primeiro o cadáver do filho, os seus *exanimés artus*, depois os seus ossos (*Met.* 2.335), mostra, de acordo com ANDERSON (1997: *ad* 336-7) que, no início da viagem, era intenção de Clímene encontrar o cadáver e prepará-lo, ela própria, para os rituais fúnebres, mas, em determinado momento do seu caminho, que, como vimos, foi longo e deve ter demorado muitos dias, se não semanas, a percorrer, Clímene teve conhecimento de que as ninfas já haviam realizado o funeral do jovem. Este facto implica que a mãe já não tem acesso ao cadáver do filho e justifica que Clímene una ao seu corpo o que resta de Faetonte, e que é, agora, apenas um nome gravado na pedra do túmulo. Ainda assim, o carácter físico do contacto entre a mãe e o filho é acentuado pela expressão *aperto pectore fouit* (*Met.* 2.339), como se a mãe recuperasse, neste último abraço – entendendo que o verbo significa, aqui,

⁷⁰³ Leucótoe, amada e seduzida pelo deus, é enterrada viva pelo pai, como castigo pela falta de castidade da filha e, quando o Sol se apercebe da sua morte, transforma-a num rebento de incenso (*uirgaque per glaebas sensim radicibus actis / turea surrexit tumulumque cacumine rupit; Met.* 4.254-255). Também Clície, desprezada pelo Sol depois de ter denunciado a rival ao pai, ficou paralisada, ao ar livre, durante nove dias, virando apenas a cabeça para seguir o movimento do Sol, até lhe começarem a nascer raízes e se transformar numa flor (*sub Ioue nocte dieque / sedit humo; nec se mouit humo; Met.* 4.260-261; 264).

⁷⁰⁴ O narrador afirma que o cadáver de Faetonte foi recolhido pelo rio Erídano *procul a patria diuerso... orbe* (*Met.* 2.323-324).

abraçar” (OLD, s. u. *foueo* 4) – a ligação ao filho que gerou. A forma verbal *fouit*, com o seu leque de significados, é, de facto, particularmente adequada ao contexto. No seu significado de “aquecer” (OLD, s. u. *foueo* 1), o verbo mostra o contraste entre o calor do corpo de Clímene e a frieza do mármore em que o nome de Faetonte está gravado. O calor da vida, de que o peito da mãe é símbolo, contrasta com o frio da morte. Na sua acepção de “proteger”, “cuidar de” (OLD, s. u. *foueo* 5.b), podemos entrever na expressão *aperto pectore fouit* o carinho maternal já que a mãe, por não ter acesso ao cadáver, substitui este pela pedra tumular.

A descrição da dor de Clímene é rápida e convencional, porque antecede o lamento das Heliádes que motivará a sua transformação em choupos e que, por este motivo, parece ser mais importante no episódio do que o luto da mãe por Faetonte. A dor das irmãs inclui também gestos tradicionais como o choro, os golpes no peito ou a procura de contacto físico com o morto:

*nec minus Heliades lugent et inania morti
munera dant lacrimas et caesae pectora palmis
non auditurum miseras Phaethonta querelas
nocte dieque uocant adsternunturque sepulcro.* (Met. 2.340-343)

Repete, portanto, elementos presentes no luto da mãe. Clímene *nomen (...)* / *perfudit lacrimis* (Met. 2.338-339), as filhas *lugent (...)* / *dant lacrimas* (Met. 2.340-341). Todas ferem o peito com os golpes rituais: a mãe, *laniata sinus* (Met. 2.335), as Heliádes *caesae pectora palmis* (Met. 2.341). A mãe lança-se no chão (*incubuit loco*; Met. 2.338), as jovens sobre o sepulcro (*adsternuntur sepulcro*; Met. 2.343)⁷⁰⁵. A dor das irmãs parece, no entanto, mais prolongada, o que se sugere com o complemento *nocte dieque* (Met. 2.343), e é por essa razão que são metamorfoseadas em árvore. A nova forma que assumem não é mais do que a reprodução da sua dor: como árvores, permanecerão para sempre junto do

⁷⁰⁵ KEITH (2002: 251-252) considera de índole elegíaca a reacção de Clímene e das Heliádes à morte de Faetonte, especialmente no que diz respeito ao vocabulário e à reprodução do epitáfio.

túmulo do irmão e continuarão a chorar, mas, em vez de lágrimas, dos seus ramos gotejará o âmbar que o rio levará para que seja usado pelas mulheres latinas (*Met.* 2.364-366), como se a dor da mãe e das irmãs fosse uma marca da condição feminina ou um estigma.

Clímene assiste, impotente, à morte das filhas:

*quid faciat mater, nisi quo trahat impetus illam
huc eat atque illuc et, dum licet, oscula iungat?
non satis est: truncis auellere corpora temptat
et teneros manibus ramos abrumpit; at inde
sanguineae manant tamquam de uulnere guttae.
'parce, precor, mater' quaecumque est saucia clamat,
'parce, precor; nostrum laceratur in arbore corpus.
iamque uale' - cortex in uerba nouissima uenit. (*Met.* 2.356-363)*

O texto realça a desorientação da mãe, que vai de uma filha para a outra, beijando-as, mas tentando ainda salvá-las e arrancar-lhes os elementos que, para a mãe, são exteriores e estranhos às filhas. É importante a informação do narrador de que ir de um lado para o outro e beijar as filhas não é suficiente para a mãe (*non satis est; Met.* 2.358). O seu instinto não lhe permite ficar impávida perante a morte iminente das filhas, ainda que, como podemos imaginar, Clímene estivesse demasiado surpreendida com a metamorfose em curso para conseguir perceber o que estava a acontecer às jovens. A sua acção, no entanto, é similar à da mãe que assassina o filho e as súplicas das jovens são semelhantes às de Penteu ou de Ítis perante a mãe e a(s) tia(s) que lhes tirarão a vida (*Met.* 3.721; 3.725; *Met.* 6.640).

A despedida é abrupta e demasiado breve. Não sabemos o que Clímene disse às filhas, nem o que fez depois de as ver transformadas em árvore. Também aqui Ovídio não lhe permite um lamento. É o *iamque uale* que a casca da árvore de uma das filhas (ou de todas?) deixa ouvir que marca a separação definitiva entre a mãe e as filhas. Mas a oração *inde fluunt lacrimae* e a informação de que as mulheres latinas usam o âmbar, que não é mais do que as lágrimas das jovens, parece perpetuar a dor. Mas também nesta situação, em

que se agrava o seu estado de *orbitas*, se omitem as palavras de Clímene. Devemos supor novamente que disse *quaecumque fuerunt / in tantis dicenda malis* (Met. 2.333-334).

Segue-se a reacção de Cicno à morte de Faetonte, importante porque serve de charneira entre o luto de Clímene e uma nova descrição da atitude do Sol. Cicno, como Clímene, desloca-se até junto do túmulo de Faetonte, como se o amante, como a mãe, procurasse a proximidade possível com o defunto como forma de tornar efectiva a despedida. No entanto, ao contrário do que acontece com Clímene e à semelhança do que acontece com as Heliádes, Cicno transforma-se e fica para sempre ligado àquele local, repudiando, ao contrário das outras aves, o céu onde Faetonte foi fulminado por Júpiter. Cicno, rei dos Lígures, abdicou do poder para se dedicar por inteiro ao luto:

ille relicto
(*nam Ligurum populos et magnas rexerat urbes*)
imperio ripas uirides amnemque querelis
Eridanum implerat siluamque sororibus auctam (...) (Met. 2.369-372)

A referência ao abandono das funções políticas é importante, porque estabelece um paralelismo curioso com o texto que se segue. Ao contrário de Cicno, o Sol exprime a sua vontade de renunciar ao seu papel no universo, mas não consegue realizar este desejo. O afecto de Cicno por Faetonte aproxima-o mais das personagens femininas, uma vez que abdica da sua função pública para se entregar sem reservas e sem regresso à expressão livre dos seus sentimentos privados. Por outro lado, a oração *ripas uirides amnemque querelis / Eridanum implerat siluamque sororibus auctam* associa Cicno a personagens femininas que exprimem a sua dor, como Alteia, Ceres ou as companheiras de Prosérpina⁷⁰⁶.

⁷⁰⁶ Alteia: *maestis clamoribus urbem / implet* (Met. 8.447-448); Ceres: *miseris loca cuncta querelis / implet, ut amissum cum gemit ales Ityn*. (Fast. 4.481-482); companheiras de Prosérpina: *montes ululatibus implent* (Fast. 4.453). Outras personagens: as ninfas assustadas ao verem Actéon: *subitisque ululatibus omne / implevere nemus* (Met. 3.180); Actéon enquanto é dilacerado pelos

Depois da transformação de Cicno em cisne, retoma-se de forma inesperada, parece-nos, a descrição da atitude do Sol perante a morte do filho. A dor do deus inicia e termina, assim, a série de personagens que exprimem o seu luto pela morte de Faetonte. Se, nos versos que antecedem a viagem de Clímene em busca do filho, o deus se abstém, de forma pacífica, das suas funções, depois da dor expressa pela mãe, pelas irmãs e por Cicno, o narrador descreve novamente, e com mais pormenor, as acções do Sol. Ao invés do que acontecera num primeiro momento, a atitude do deus assume um carácter mais violento e desafiador. A perífrase que designa o Sol, *genitor Phaethontis* (Met. 2.381) introduz uma nota de familiaridade na descrição do seu aspecto físico e, ao mesmo tempo, é a justificação deste:

*Squalidus interea genitor Phaethontis et expers
ipse sui decoris, qualis cum deficit orbem
esse solet, lucemque odit seque ipse diemque
[datque animum in luctus et luctibus adicit iram]
officiumque negat mundo. (Met. 2.381-385)*

De luto, o Sol despoja-se do seu brilho natural, que lhe serve de ornamento. O vestuário negligenciado e a recusa em usar enfeites e vestes brilhantes ou garridas são um sinal de luto. No caso do Sol, explora-se, tanto aqui como na primeira referência à sua dor, a associação do luto à ausência de luz e de brilho⁷⁰⁷. O pleonasma *lucemque odit seque ipse diemque* (Met. 2.383) acentua o seu desespero. As palavras que exprime deixam transparecer um certo egotismo, uma vez que o pai se centra em si próprio e na sua actividade, que, propositadamente, exagera, para justificar a ira pela morte do filho:

'satis' inquit 'ab aevi

seus próprios cães: *maestisque replet iuga nota querelis*; Met. 3.239. Enone abandonada por Páris: *impleuique sacram querulis ululatibus Iden* (Ep. 5.73).

⁷⁰⁷ A mesma associação no episódio do rapto de Prosérpina, quando Ceres se apresenta perante Júpiter *toto nubila uultu* (Met. 5.512) e quando Prosérpina recupera a alegria, depois de estabelecido o compromisso entre Ceres e Hades: *laeta deae frons est, ut sol, qui tectus aquis / nubibus ante fuit, uictis e nubibus exit.* (Met. 5.570-571).

*sors mea principiis fuit inrequieta, pigetque
actorum sine fine mihi, sine honore laborum.
quilibet alter agat portantes lumina currus;
si nemo est omnesque dei non posse fatentur,
ipse agat, ut saltem, dum nostras temptat habenas,
orbatura patres aliquando fulmina ponat.
tum sciet, ignipedum uires expertus equorum,
non meruisse necem qui non bene rexerit illos'. (Met. 2. 385-393)*

A reacção do pai inclui o desejo de retaliação, completamente ausente da atitude da mãe. As esferas pública e privada confundem-se no discurso do deus, o que cria a impressão de que a sua dor se centra exageradamente na sua própria pessoa. O seu discurso não é um lamento pela morte do filho, mas uma recriminação por falta de reconhecimento das suas funções no panteão divino e no universo. A única referência que faz a Faetonte é para afirmar que não merecia a morte, porque ninguém, senão ele próprio, poderia dirigir os cavalos. Nem mesmo os outros deuses seriam capazes de o fazer.

Se as suas palavras não retiram credibilidade à dor que se supõe que exprimem, deixam, no entanto, uma certa impressão de que a principal preocupação do pai não é pela morte do filho, mas pelo facto de Júpiter ter fulminado Faetonte, sendo ele filho de uma divindade que se considera importante. Perante a ameaça de não desempenhar as suas funções, os deuses imploram ao Sol que o não faça e o próprio Júpiter pede desculpa e ameaça-o *regaliter* (Met. 2.394-397). Só a indicação de que o Sol reuniu novamente os cavalos dispersos mostra, ainda que de forma elíptica e reafirmando a ira e a revolta do deus, que cedeu às súplicas dos deuses e que se recuperou a normalidade, pelo menos a normalidade possível:

*colligit amentes et adhuc terrore pauentes
Phoebus equos stimuloque dolens et uerbere saeuit.
[(saeuit enim natumque obiectat et imputat illis.)] (Met. 2.398-400)*

Deste modo, e ao contrário do que acontece por exemplo com Ceres que, perante o desaparecimento da filha, se recusa a prestar os seus serviços à humanidade e aos deuses, pondo assim em risco a sobrevivência do universo, o

pai de Faetonte parece não levar tão longe a sua indignação e, como um súbdito obediente, cumpre as suas funções. O advérbio *regaliter*, realçado pela cesura heftemímere, sublinha a premência da ligação entre Hélios e Júpiter, demonstrando que as funções públicas se sobrepõem aos sentimentos individuais.

Como Ceres censura todos pela perda da filha, também o Sol acusa os restantes deuses, principalmente Júpiter, e até os cavalos, mas em momento algum considera a sua responsabilidade pela morte do filho, nem põe em causa o seu comportamento em relação às pretensões deste.

A dor do pai é indissociável das suas funções públicas. A mãe, pelo contrário, exprime a sua mágoa sem grande visibilidade, sem ter direito a que se reproduza o seu lamento pelo filho ou pelas filhas. Mesmo a morte das irmãs de Faetonte acontece num espaço geográfico limitado e estático, afastado da esfera celeste onde a morte de Faetonte e a expressão da dor do pai têm lugar. Cicno figura num espaço intermédio. A sua afeição por Faetonte fá-lo ceder aos sentimentos privados e afastar-se das suas funções públicas. Esta deslocação, que parece uma efeminação, é também uma deslocação no espaço, já que, como Clímene e as Helíades, se dirige para junto do Erídano, de onde não regressa. Assim, os que se aproximam do túmulo de Faetonte e se entregam a um luto sem freios ficam para sempre nas proximidades do local, tornando permanente a ligação ao defunto.

Agave

A morte de Penteu é importante numa abordagem à expressão do luto⁷⁰⁸. Ainda que seja a própria mãe, Agave, a despedaçar o filho, a análise vocabular demonstra semelhanças consideráveis com os tópicos explorados pelo lamento da mãe pelo filho. O estado de espírito de Agave e das irmãs, alterado por Baco com a finalidade de se vingar de Penteu, está muito próximo da desorientação psíquica que acompanha normalmente a expressão da dor pela morte de um filho.

O episódio começa com o desprezo de Penteu pelo poder das profecias de Tirésias. O conceito de identidade é uma das questões mais importantes de todo o episódio⁷⁰⁹. Com a chegada de Baco a Tebas, nada nem ninguém é o que deve ser ou faz o que deve fazer (*Met.* 3.528ss.): as mulheres misturam-se com os homens, os nobres com o vulgo, os jovens, em vez de pegarem em armas, empunham tirsos e, em vez de cobrirem a cabeça com o elmo, cobrem-na com grinaldas. Penteu, que não reconhece as capacidades proféticas de Tirésias nem a identidade de Baco como filho de Júpiter, é dilacerado porque a mãe e as tias, fora de si, não o reconhecem e o confundem com um javali. As personagens têm a realidade perante os seus olhos, mas são incapazes de a ver como ela é. Pelo contrário, nem Penteu nem Agave e as irmãs conseguem ver, no verdadeiro sentido da palavra.

⁷⁰⁸ A fonte principal para o *sparagmos* de Penteu é a tragédia *As Bacantes* de Eurípides, apesar de também Ésquilo ter composto uma tragédia, agora perdida, com o título *Pentheus*. Áccio terá escrito também uma tragédia com o título *Bacchae*. De acordo com as informações de Sérvio (*A.* 4.469), Pacúvio compôs uma tragédia sobre o tema, igualmente perdida, mas cujo argumento Sérvio resume.

⁷⁰⁹ Como, aliás, acontece também no episódio de Eco e Narciso, que precede este. Sobre a caracterização de Penteu como *contemptor superum* (*Met.* 3.514), como Mezêncio, e os elementos que o associam ao heroísmo de Eneias, cf. ANDERSON (1993: 114-118).

Os olhos e a vista assumem especial realce no relato da morte de Penteu. Numa planície *spectabilis undique* (*Met.* 3.709)⁷¹⁰, a mãe é a primeira a ver o filho, enquanto ele observa as cerimónias em honra de Baco (*oculis illum cernentem sacra profanis; Met.* 3.710). SALZMAN-MITCHELL (2005: 54) associa o espaço reservado em que as orgias têm lugar à sexualidade feminina e comenta assim a intrusão de Penteu: «So Pentheus' eyes open up and penetrate the enclosed space of sacred femininity, thus implying a symbolic rape and violation. However, as with all sexual violence, it pollutes the female. (...) The game of the gaze, however, is soon turned upside down.» Aquele que vê transforma-se primeiro naquele que, sem o desejar, é visto e, depois, naquele que suplica que o vejam. Neste aspecto, a transgressão de Penteu apresenta semelhanças consideráveis com o crime de Actéon. Ambos invadem um espaço íntimo, reservado às mulheres, e são punidos por isso⁷¹¹.

As três irmãs, descritas como *turba furens* (*Met.* 3.716), actuam em grupo no desmembramento de Penteu. A oposição entre a solidão deste e a acção

⁷¹⁰ Sobre a associação do local onde Penteu é morto não só a um teatro, mas, especialmente, a uma arena, afirma HINDS (2002: 139): «Both the configuration of the space and the climactic action which takes place therein (...) conspire to suggest, again, not so much the stage as the arena.»

⁷¹¹ O texto apresenta uma longa série de palavras relacionadas com o sentido da visão: *spectabilis* (*Met.* 3.709), *oculis*, *cernentem* (*Met.* 3.710), *uidet* (*Met.* 3.711), *ostendens* (*Met.* 3.724), *adspice*, *uisis* (*Met.* 3.725). Estas palavras dividem-se por duas secções diferentes do texto: pela primeira, em que Agave descobre Penteu a espiar os ritos báquicos (*Met.* 3.708-711) e pela terceira, em que, ferido Penteu, a mãe e as tias lhe despedaçam o corpo, enquanto ele tenta fazer-se reconhecer por elas (*Met.* 3.719-725). Também SALZMAN-MITCHELL (2005: 54-55) associa a ruína de Penteu à de Actéon, uma vez que em ambos os episódios têm especial importância a visão e o conhecimento. Tanto Actéon como Penteu, depois de transformados em presa numa caçada imaginária, ou, pelo menos, pouco real, tentam ser reconhecidos. A questão da identidade é central na morte de ambos. GILDENHARD & ZISSOS (1999: 171) atribuem a importância que assume a visão nos episódios que decorrem em Tebas aos antecedentes trágicos destes. Assim, personagens como Actéon, Sémele, Tirésias ou Penteu trazem para o género épico algumas das características das representações dramáticas. Podemos acrescentar que, deste modo, nestes episódios, o leitor é desafiado a ver mais do que a ler ou a recitar.

conjunta da mãe e das tias acentua o carácter trágico da situação de Penteu, incapaz de se defender do ataque das três mulheres:

*ruit omnis in unum
turba furens; cunctae coeunt trepidumque sequuntur
iam trepidum, iam uerba minus uiolenta loquentem,
iam se damnantem, iam se peccasse fatentem. (Met. 3.715-718)*

A antítese entre *omnis* e *unum* (Met. 3.715) mostra esta desigualdade, que cresce nos versos seguintes (*cunctae coeunt trepidumque sequuntur*; Met. 3.716), especialmente quando a atitude obstinada de Penteu começa a dar lugar, primeiro ao reconhecimento do erro, depois ao desespero e ao pedido de auxílio. A transformação de Penteu acontece de forma gradativa (Met. 3.717-718), introduzida pela repetição anafórica de *iam* e acentuada pelos participios presentes que, com o homeoteleuto, dão continuação à aliteração de sons nasais⁷¹². A construção sintáctica destes versos apresenta Penteu como objecto da perseguição da mãe e das tias⁷¹³. As várias formas em acusativo mostram a luta desesperada de Penteu, tentando evitar a morte.

Ao avistar Penteu, Agave é a primeira a correr loucamente e a desferir com o tirso o primeiro golpe no filho. O movimento tresloucado, que normalmente é uma das reacções da mãe à morte do filho, é aqui a acção que dá início ao desmembramento de Penteu. Como a mãe corre, descontrolada pela sua dor, para procurar ou ir ao encontro do cadáver do filho, assim Agave se lança sobre Penteu para o matar, *insano concita cursu* (Met. 3. 711)⁷¹⁴.

⁷¹² *iam trepidum, iam uerba minus uiolenta loquentem, / iam se damnantem, iam se peccasse fatentem*. A repetição de sons nasais alia-se, no verso que antecede estes, à aliteração da oclusiva surda: *turba furens; cunctae coeunt trepidumque sequuntur*.

⁷¹³ Cf. GILDENHARD & ZISSOS (1999: 165), acerca do uso desta construção em outros passos das *Metamorfoses*, nomeadamente na descrição da morte de Learco e de Ítis e da glossectomia de Filomela.

⁷¹⁴ Note-se que a expressão *concita cursu* é usada duas vezes na obra de Ovídio: neste passo e em *Fast.* 4.461-462, em que se refere a Deméter que sai em busca da filha: *sic dea nec retinet gemitus, et concita cursu / fertur, et e campis incipit, Henna, tuis*.

A repetição anafórica de *prima* (Met. 3.711-712) reforça a ironia do destino de Penteu, despedaçado pela própria mãe. A mãe que cria e acaricia o filho transforma-se na mãe que mata. Assim, a identidade da mãe é ambígua, uma vez que ela é a mãe de Penteu, mas assumiu, por intervenção divina, uma outra identidade que é nociva para o filho. Ela é, agora, uma ménade. Acontece ao filho algo semelhante: para a mãe, ele não é Penteu, ele é um animal, um *aper... maximus* (Met. 3.714). Esta ausência de reconhecimento faz com que, perante a mãe, Penteu regrida a um estágio de completa fragilidade e dependência. A sua vida depende, literalmente, da mãe, que, tragicamente, não se identifica como tal. A ambiguidade e a ausência de reconhecimento entre as personagens são os elementos que mais contribuem para a dimensão trágica do episódio. As personagens actuam como se estivessem de olhos vendados, não vendo o que, muitas vezes, está à sua frente. Penteu não reconhece Baco, a mãe e as tias não reconhecem Penteu.

O primeiro contacto com o corpo do filho, estabelecido pelo tirso arremessado por Agave, é descrito de forma inusitada com o verbo *uiolare*: *prima suum misso uiolauit Penthea thyrsos / mater*; Met. 3.712-713. Supostamente derivado de *uis*, o verbo, que pode significar apenas “ferir alguém” (OLD, s. *u.* 4.), tem com frequência, no entanto, conotações sexuais, inesperadas neste contexto⁷¹⁵. De qualquer modo, mesmo que não dêmos atenção às implicações morais do verbo, ele mantém a ideia de transgressão, de perturbação. SALZMAN-MITCHELL (2005: 54-56) considera que as conotações sexuais do verbo se justificam com os pormenores da sua morte. A decapitação de Penteu equivale a uma castração e à perda da sua masculinidade. A estranheza do verbo é acentuada pela familiaridade expressa por *suum Penthea*. É esta associação entre crime e família que Baco explora para punir Penteu. A mãe, símbolo de

⁷¹⁵ E.-M. (*s. u. uis*) dão a etimologia como certa, ao contrário do OLD. (*s. u. uiolare*), onde se afirma não haver provas suficientes.

intimidade e protecção, transforma-se no oposto, criando, na mente de Penteu, que desconhece esta alteração, a confusão entre o que o filho espera da mãe e o que a mãe faz ao filho.

A acção das tias é paralela à de Agave. Apesar de Penteu pedir ajuda a Autónoe, a quem se dirige de forma familiar como *matertera Autonoe* (Met. 3.719-720), as tias parecem não ser mais do que uma duplicação ou um prolongamento da mãe⁷¹⁶. De facto, Autónoe é já uma *mater orba*, uma vez que Actéon foi dilacerado por intervenção de Diana⁷¹⁷. É por este motivo que Penteu apela à compaixão da tia, por julgar que, melhor do que a mãe e a outra tia, ela compreenderá a sua aflição. Engana-se, no entanto, porque Autónoe, enlouquecida, perdeu completamente a consciência da sua identidade, que Penteu pensa poder fazê-la recuperar lembrando-a do filho:

'fer opem, matertera!' dixit
'Autonoes moueant animos Actaeonis umbrae.'
illa quis Actaeon nescit dextramque precantis
abstulit; Inoo lacerata est altera raptu. (Met. 3.719-722)

Depois de as tias o mutilarem, é para a mãe que Penteu dirige as suas súplicas:

non habet infelix quae matri bracchia tendat,
trunca sed ostendens dereptis uulnera membris
'aspice, mater!' ait. (Met. 3.723-725)

A descrição do corpo e da atitude de Penteu é assombrosa, uma vez que transforma a posição física convencional do suplicante. Porque as tias arrancaram os braços a Penteu, este estende para a mãe os *trunca... uulnera*. A

⁷¹⁶ Realce-se o facto de, em Latim, a palavra que designa a tia materna, *matertera*, derivar de *mater*; cf. E.-M. s. u. *mater*. BETTINI (1991: 68), na sua análise estruturalista das relações romanas de parentesco, considera que na sociedade romana a *matertera* era «almost another mother» e, por esta razão, associada, como a mãe, à intimidade e ao afecto. Para uma crítica dos fundamentos teóricos desta obra aplicados ao estudo da família romana, cf. SALLER (1999a: 8-9).

⁷¹⁷ Apesar de não se descrever, no episódio em que se narra a morte de Actéon, a reacção da mãe à morte do filho, no momento em que Actéon está prestes a tomar consciência da sua transformação em veado, o narrador designa-o por *Autonoeius heros* (Met. 3.198).

expressão, com a deslocação do adjetivo que, obviamente, caracteriza os braços e não as feridas, demonstra a violência da cena e o estado mutilado do corpo de Penteu⁷¹⁸.

Os gritos de dor que acompanham o lamento da mãe que perdeu o seu filho são aqui substituídos, primeiro pelo grito que dá o sinal às irmãs da presença de Penteu (*Met.* 3.713), a seguir pelos uivos de loucura, quando Penteu estende para a mãe os braços que já não tem porque foram arrancados pelas tias (*uisis ululauit Agaue; Met.* 3.725), uivos que antecedem o momento em que a mãe lhe arranca a cabeça, e, por último, pelos gritos de vitória e entusiasmo (*clamat: io comites, opus hoc uictoria nostra est; Met.* 3.728). O cadáver mutilado do filho é obra da mãe, afirma Agave, sem compreender a ironia da expressão.

A comparação final apresenta um tema frequente na descrição da morte dos *ahoroi*: a associação do moribundo ou do defunto a elementos da natureza. Aqui, no entanto, estamos longe da serenidade de símiles como o da flor que que fenece, que aparece, por exemplo, na descrição da morte de Euríalo e Palante na *Eneida*. O tom é violento e diverge, em muito, da ternura dos antecedentes vergilianos. KEITH (2000: 116 e n. 54) nota, no seguimento de HEUZÉ (1985), que estes símiles substituem e obliteram o sofrimento inerente à morte violenta de ambos os jovens⁷¹⁹. No caso de Penteu, acontece, parece-nos, o contrário. O símile acentua a violência da morte:

⁷¹⁸ GILDENHARD & ZISSOS (1999: 165) escrevem a propósito desta hipálage: «In his depiction of how armless Pentheus, in an act of supplication, displays what remains of his bleeding torso to his mother, Ovid makes use of a transferred epithet, inviting the reader to sort out the logic behind – drastically graphic – phrase *trunca uulnera*.»

⁷¹⁹ Símile que compara Euríalo a uma flor arrancada por um arado: *uoluitur Euryalus leto, pulchrosque per artus / it cruor inque umeros ceruix conlapsa recumbit: / purpureus ueluti cum flos succisus aratro / languescit moriens, lassoue papauera collo / demisere caput pluuiā cum forte grauantur.* (A. 9.433-437); Palante no féretro: *hic iuuenem agresti sublimem stramine ponunt: / qualem uirgineo demessum pollice florem / seu mollis uiolae seu languentis hyacinthi, / cui neque fulgor adhuc nec dum sua forma recessit, / non iam mater alit tellus uirisque ministrat.* (A. 11.67-71). Ovídio

*non citius frondes autumnii frigore tactas
iamque male haerentes alta rapit arbore uentus,
quam sunt membra uiri manibus derepta nefandis. (Met. 3.729-731)*

O cadáver de Penteu é desmembrado com mais rapidez do que as folhas são arrancadas das árvores pelo vento no Outono, mesmo que estejam já enfraquecidas pelo frio e mal presas aos ramos. SALZMAN-MITCHELL (2005: 54-55) considera que o símile evoca a árvore que as Bacantes derrubam na tragédia de Eurípides, o que representa também uma castração. A árvore, privada das folhas, corresponde a Penteu, privado da sua virilidade. De qualquer modo, parece-nos que o símile realça a violência e o horror da morte de Penteu, assassinado pelos membros da família que normalmente se associam à ternura e que são quase sempre dos que estão mais próximos da criança: a mãe e as tias maternas. Perante estas, Penteu perde a sua força e a capacidade de resistir e, neste aspecto, opera-se nele uma feminização simbólica.

O episódio em análise apresenta, no entanto, uma omissão importante em relação à tragédia euripídica que lhe serve de modelo: a cena da *anagnorisis*, quando Agave, depois de mostrar ao velho pai, Cadmo, a cabeça empalada que julga ser de um leão, reconhece a cabeça do filho e compreende a monstruosidade do seu crime. Nas *Metamorfoses*, é a violência do símile final que encerra o episódio e faz a transição para a afirmação do reconhecimento do poder de Baco, elidindo, assim, o momento em que Agave recupera a racionalidade e deixando o leitor na ignorância dos sentimentos experimentados pela mãe, quando se dá conta da sua *orbitas* e, pior, da sua intervenção na morte do filho.

recorre ao mesmo símile para descrever a morte de Jacinto e, também neste momento, o símile é mais uma forma de embelezar a morte do que de realçar a sua violência: *ut, siquis uiolas riguoque papauer in horto / liliaque infringat fuluis horrentia linguis, / marcida demittant subito caput illa grauatum / nec se sustineant spectentque cacumine terram, / sic uultus moriens iacet, et defecta uigore / ipsa sibi est oneri ceruix umeroque recumbit. (Met. 10.190-195).*

Ino e Atamante

Acontece a mesma omissão na morte dos filhos de Ino e Atamante, que Juno provoca como forma de se vingar dos pais por estes terem acolhido Baco. O episódio, que dá continuidade ao tema do castigo dos mortais por não prestarem as honras devidas aos deuses, apresenta semelhanças assinaláveis com a morte de Penteu, que Juno intencionalmente parodia⁷²⁰.

Numa cena que imita momentos importantes da *Eneida*, como a viagem de Eneias aos Infernos no livro 6 ou a intervenção de Alecto no desencadear da guerra, ao infectar Amata e Turno com a loucura, no livro 7, Juno desloca-se aos Infernos, que se descrevem com pormenor (*Met.* 4.432-448), a fim de convocar uma das Fúrias para contagiar Ino e Atamante⁷²¹. O tom é, assim, sinistro e lúgubre e associa a punição do casal às forças maléficas do Hades e aos suplícios míticos, a que Juno assiste (*Met.* 4.456-463). O narrador deleita-se na descrição dos Infernos e da figura horrenda das três irmãs, penteando as serpentes no cabelo. É Tisífone quem, depois do discurso inábil de Juno que *imperium, promissa, preces confundit in unum* (*Met.* 4.472), se oferece prontamente para a tarefa de enlouquecer Atamante e Ino. O facto de faltar nas palavras de Juno uma razão cabal que justifique a tragédia que a deusa pretende, faz com que o desfecho que se antevê pareça mais um capricho divino do que uma punição merecida. Por outro lado, e uma vez que Ovídio omite elementos importantes da tradição, como a história de Hele e Frixo, em que Ino desempenha o papel de madrasta perversa, a punição do casal é –

⁷²⁰ Diz a deusa para si própria: *'ipse docet quid agam (fas est et ab hoste doceri) / quidque furor ualeat, Penthea caede satisque / ac super ostendit; cur non stimuletur eatque / per cognata suis exempla furoribus Ino?'* (*Met.* 4.428-431).

⁷²¹ Cf. influência da *Eneida* neste episódio e noutros, ligados à família de Cadmo, em HARDIE (1990).

propositadamente, parece-nos – apresentada como injusta e demasiado cruel. E, se o pai e a mãe são castigados sem o merecer, os filhos, obviamente, são vítimas completamente inocentes.

A loucura de Ino e Atamante é, assim, apresentada como um estratagema macabro e com contornos épicos, que parecem inadequados neste contexto, uma vez que as personagens estão longe de assumir a dimensão e o perigo representados por Amata ou por Turno, que são elementos que perturbam a ordem e que transgridem as leis estabelecidas pelos deuses e pelo destino, mesmo antes de serem influenciados por Alecto. Neles, a Fúria amplifica apenas sentimentos que já existem, o que não acontece com Ino e Atamante. Estes tornam-se, assim, fantoches manipulados por forças muito superiores, contra as quais não têm hipótese de resistir⁷²².

Nos Infernos, Tisífone prepara-se para cumprir as recomendações de Juno. A descrição dos apetrechos da Fúria é sugestiva: o archote, *madefactam sanguine*, o manto, *fluidoque cruore rubentem*, e, à volta da cintura, uma serpente (*Met.* 4.481-482)⁷²³. As entidades abstractas que acompanham Tisífone constituem uma comitiva aterradora e o grupo, formado pelo *Luctus*, pelo *Pauor* e pelo *Terror*, e pela *Insania*, assemelha-se a um exército avançando para o combate, o que acentua a desigualdade da situação. Cada um destes elementos desempenhará um papel importante na tragédia de Ino e Atamante.

⁷²² Partilhamos a opinião de ANDERSON (1996: *ad* 481-511) a este propósito: «Although Ovid builds up the scenic horrors here, Tisiphone simply ruins an innocent family of typically unheroic Ovidian victims, not significant epic personalities like Vergil's Amata and Turnus.» Para uma enumeração das semelhanças entre Tisífone e Alecto, cf. HERSHKOWITZ (1998: 162, n. 1).

⁷²³ Repare-se como os dois sintagmas referidos e *tortoque incingitur angue* são realçados pela contiguidade com a cesura pentemímere, que dá também um relevo especial aos substantivos *Tisiphone*, *facem* e *pallam*: *Nec mora, Tisiphone // madefactam sanguine sumit / importuna facem // fluidoque cruore rubentem / induitur pallam // tortoque incingitur angue / egrediturque domo.* (*Met.* 4.481-484).

A presença nefasta e inelutável de Tisífone e do seu séquito faz-se sentir assim que atravessam o limiar da porta do palácio, que estremece, deixando antever a ruína que se aproxima. Até o Sol se afasta, uma vez que não pode conviver com as criaturas associadas à Noite. Ao sentirem a presença da Fúria, Ino e Atamante ficam aterrados:

*monstris exterrita coniunx,
territus est Athamas, tectoque exire parabant;
obstitit infelix aditumque obsedit Erinys. (Met. 4.488-490)*

A repetição *exterrita* / *territus* une o casal e mostra como um e o outro reagem à visão de Tisífone. Não têm fuga possível, uma vez que a Fúria lhes impede a saída. A repetição do prefixo *ob* nas formas verbais *obstitit* e *obsedit* reforça a ideia de bloqueio. Nesta oposição, Ino e Atamante não têm possibilidade de vencer Tisífone, designada pelo sintagma *infelix... Erinys*, a que a cesura pentemímera e a posição em fim de verso dão especial realce.

A exposição pormenorizada dos movimentos de Tisífone preparando-se para atacar as duas vítimas (*Met.* 4.491-496⁷²⁴) tem o mesmo efeito que a longa descrição dos Infernos. Ambas dão ao episódio um ambiente horrendo e terrífico, que contribui para instigar a simpatia por Ino e Atamante, a que se opõe a figura repugnante da Fúria, que se explora à saciedade. O mesmo acontece com a informação da composição e do *modus faciendi* do veneno com que, depois de lhes ter lançado contra o peito duas serpentes, Tisífone infecta o par (*Met.* 4.500-505⁷²⁵). Ino e Atamante não têm como resistir ao ataque da Fúria,

⁷²⁴ *nexaque uipereis distendens brachia nodis / caesariem excussit; motae sonuere colubrae, / parsque iacent umeris, pars circum pectora lapsae / sibila dant saniemque uomunt linguisque coruscant. / inde duos mediis abruptit crinibus angues / pestiferaque manu raptos immisit (...).* É importante nestes versos a representação dos efeitos sonoros em palavras como *sonuere* ou *sibila dant*, mas, acima de tudo, a exploração da imagem das serpentes como seres repelentes e letais.

⁷²⁵ *attulerat secum liquidi quoque monstra ueneni, / oris Cerberei spumas et uirus Echidnae / erroresque uagos caecaeque obliuia mentis / et scelus et lacrimas rabiemque et caedis amorem, / omnia trita simul, quae sanguine mixta recenti / coxerat aere cauo uiridi uersata cicuta.*

que se serve de todos os meios para os dominar. Primeiro, as serpentes percorrem-lhes o peito e ferem-lhes a mente:

*at illi
Inoosque sinus Athamanteosque pererrant
inspirantque graues animas. nec uulnera membris
ulla ferunt; mens est, quae diros sentiat ictus. (Met. 4.496-499)*

Depois de os submeter pelo *Pauor*, como se esta acção ainda não fosse suficiente, envenena-os, submetendo-os com a *Insania*:

*dumque pauent illi, uergit furiale uenenum
pectus in amborum praecordiaque intima mouit. (Met. 4.506-507)*

A acção de Tisífone é apresentada como uma invasão e tem como efeito a alteração mental de Ino e Atamante. É este o primeiro a mostrar sinais da fúria que a deusa lhe inspirou:

*Protinus Aeolides media furibundus in aula
clamat: 'io, comites, his retia tendite siluis!
hic modo cum gemina uisa est mihi prole leaena' (Met. 4.512-514)*

A ilusão da caça é semelhante ao episódio da morte de Penteu. Atamante, como Agave, não reconhece a esposa e os filhos. Os dois episódios são, assim, vividos por ambos como se se tratasse de uma caçada, o que dá à narrativa um carácter selvagem e sinistro. A loucura fá-los ver uma outra realidade e o entusiasmo de capturar a presa leva-os a causar a sua própria ruína:

*utque ferae sequitur uestigia coniugis amens
deque sinu matris ridentem et parua Learchum
braccia tendentem rapit et bis terque per auras
more rotat fundae rigidoque infantia saxo
discutit ora ferox. (Met. 4.515-519)*

A falta de reconhecimento e de racionalidade leva o pai a atacar Ino e os filhos de ambos. Atamante arranca Learco do colo da mãe, e este sorri para o pai estendendo-lhe os braços⁷²⁶. A criança reconhece o pai, para quem se lança

⁷²⁶ Sobre a construção sintáctica que consiste na repetição de participios presentes que mostram a reacção da vítima, cf. GILDENHARD & ZISSOS (1999: 165) e *supra*.

como sinal de afecto. A acção do pai não corresponde, no entanto, ao que o filho espera. Atamante reage com violência ao abraço do filho, cujo corpo o pai volteia repetidas vezes no ar e acaba por lançar contra uma pedra. Opõem-se nesta cena familiaridade e estranheza. A ternura da criança que sorri e que estende os *parua (...) / brachia* para o pai opõe-se à barbárie deste, que arranca com violência (*rapit; Met. 4.517*) o filho do regaço da mãe⁷²⁷. A loucura de Atamante é descrita nos adjectivos *furibundus* (*Met. 4.512*), *amens* (*Met. 4.515*) e *ferox* (*Met. 4.519*), os dois últimos realçados pela posição métrica. Completamente fora de si, Atamante assume na totalidade o seu papel de caçador e atinge um nível de selvajaria característico dos animais. Atamante já não é pai nem marido, é apenas um instrumento da vingança de Juno.

É só depois da morte de Learco que lhe foi arrancado do regaço, que Ino age. Por este motivo, não é claro se se lança do alto de um rochedo com Melicertes nos braços por ter assistido à morte do outro filho e para escapar à perseguição do marido ou devido à acção do veneno com que a Fúria a infectou⁷²⁸. Parece, todavia, que, já que Learco foi arrancado dos seus braços, Ino foge com Melicertes para impedir que tenha o destino do irmão. Assim, a mãe que perdeu o contacto físico com um filho e que, por esta razão, foi incapaz de o proteger, escapa com o outro, impedindo que Atamante a separe dele:

*tum denique concita mater,
seu dolor hoc fecit seu sparsum causa uenenum,
exululat passisque fugit male sana capillis
teque ferens paruum nudis, Melicerta, lacertis*

⁷²⁷ Também Políxena será arrancada do regaço de Hécuba, antes de ser imolada ao fantasma de Aquiles: *rapta sinu matris, (...) / fortis et infelix et plus quam femina uirgo / ducitur ad tumulum diroque fit hostia busto*. (*Met. 13.450-452*).

⁷²⁸ De acordo com FONTENROSE (1948: 137), as referências à *Ἰνοῦς ἄλχη* teriam um significado proverbial: «(...) her woes are very like the woes of Procne, who as nightingale ever mourns Itys. Perhaps the mournful notes of an owl, or the cooing of doves, or the fabled song of swans were referred by the Greeks to the sorrows of Ino.» Na *Arte Poética*, Horácio diz que Ino deve ser sempre *flebilis*.

'euhoe Bacche!' sonat. (Met. 4.519-523)

A expressão *concita mater* associa Ino a Agave, *insano concita cursu* (Met. 3.711). Dominadas pela fúria, uma e outra soltam gritos de vitória e evocam Baco, Agave enquanto ostenta na mão a cabeça de Penteu, Ino enquanto corre com o filho nos braços em direcção ao abismo. A descrição de Ino, *male sana*, de cabelos em desalinho e soltando gritos, apresenta elementos convencionais da representação das Bacantes, elementos que acompanham também a caracterização da mãe em luto, o que demonstra afinidades importantes na maneira como se entende a reacção da mãe perante a morte do filho e a loucura, mesmo quando inspirada pelos deuses. No caso de Ino, confundem-se as duas situações. O salto no abismo pode ser entendido como uma consequência da *Insania* inspirada por Juno e Tisífone ou como uma reacção à morte de Learco (Met. 4.520). É incerto se Ino foge com Melicertes para o salvar ou para o matar. A atitude tresloucada da mãe, todavia, sugere que, assim dominada pela ilusão dos rituais báquicos, gritando *euhoe Bacche!* seria incapaz de tomar uma decisão racional:

imminet aequoribus scopulus: (...)
occupat hunc (uires insania fecerat) Ino
seque super pontum nullo tardata timore
mittit onusque suum; percussa recanduit unda. (Met. 4.525 ; 4.528-530)

Ino lança-se ao mar com o filho nos braços e só a intervenção de Vénus, mãe de Harmonia e avó de Ino, impede que encontrem no mar a morte. A deusa pede a Neptuno que salve os seus descendentes (Met. 4.531-538) e este transforma Ino em Leucótoe e Melicertes em Palémon, divindades associadas ao mar (Met. 4.539-542).

Repete-se, neste episódio, grande parte do vocabulário associado ao irracional e à loucura, que dominava o episódio da morte de Penteu: a *turba furens* (Met. 3.716) dá lugar ao *Aeolides furibundus* e *amens* (Met. 4.512; 4.515) e a Ino *male sana* (Met. 4.521). Depois de Atamante matar o filho mais velho, Learco,

o narrador diz: *tum denique concita mater* (Met. 4.519) quer tenha sido devido à dor de ver Learco morto ou pelo efeito do *furiale uenenum* (Met. 4.506) com que Tisífone a contaminou. Assim, Ino substitui Agave. Perante a morte do filho, ambas soltam gritos, Agave solta clamores de vitória pela morte do que pensa ser um troféu de caça, Ino *exululat* (Met. 4.521). Ostentando a cabeça do filho nas mãos ensanguentadas, Agave grita *io comites, opus hoc uictoria nostra est* (Met. 3.728). Também Atamante, confundindo, na sua loucura, a esposa e os filhos com uma leoa com as suas crias, grita: *io comites his retia tendite siluis* (Met. 4.513). Ino, fugindo com o filho mais novo nos braços grita: *euho Bacche* (Met. 4.523⁷²⁹). GILDENHARD & ZISSOS (1999: 174) consideram que a loucura do casal é um elemento trágico que se insinua na epopeia: «(...) while the 'primary level' of the narrative is epic, Ovid embedded tragic elements within is overarching epic design. The tragic surfaces in Ino's and Athamas' actions and their Bacchic delusions.»

Em ambos os episódios, as referências aos cultos báquicos são irónicas. No caso de Penteu, o facto de a sua morte acontecer durante um ritual báquico é a prova do poder do deus que Penteu não quis reconhecer. Quanto a Ino e Atamante, as referências báquicas são mais sombrias, uma vez que o transe que experimentam não é inspirado por Baco, mas é um engodo fabricado por Juno para os castigar precisamente por terem acolhido o filho ilegítimo de Júpiter⁷³⁰. A relação culpa-castigo, importante na teorização da tragédia e que é evidente na morte de Penteu, não é óbvia no relato da morte de Learco e Melicertes. Ainda que noutras versões se defina de forma mais clara a culpa, pelo menos a

⁷²⁹ Este seu acto é comparável ao de Amata, fugindo com Lavínia para os bosques: *quin etiam in siluas simulato numine Bacchi / maius adorta nefas maioremque orsa furorem / euolat et natam frondosis montibus abdit, / quo thalamum eripiat Teucris taedasque moretur, / Euho Bacche fremens (...) (A. 7.385-389).*

⁷³⁰ A própria Juno reconhece a ironia da situação: *Bacchi sub nomine Iuno / risit et 'hos usus praestet tibi' dixit 'alumnus.'* (Met. 4.523-524)

de Ino, nas *Metamorfoses* só o conhecimento que o leitor possa ter da tradição lhe permite contextualizar de outra forma o crime de Atamante e Ino. Na falta desta contextualização, a punição do casal com a loucura e a morte das crianças, que é a consequência primordial e a mais nefasta da acção de Juno, parecem excessivas e não justificadas, o que dá a todo o episódio um aspecto sinistro e cruel⁷³¹.

Como acontece com Agave, e se entendermos que a fuga de Ino não é uma reacção à morte de Learco, omite-se também aqui a atitude de Ino e Atamante ao tomarem conhecimento dos seus actos. É como se a insânia dos três não tivesse cura possível, como se fosse permanente, uma vez que se elide em ambos os episódios o momento em que, dissipados os efeitos da acção de Tisífone, no caso de Atamante e Ino/Leucótea, ou de Baco, no caso de Agave, o pai e a mãe compreendem as suas acções.

No livro 6 dos *Fastos*, Ovídio identifica Ino com a *Mater Matuta*, divindade itálica cujas festividades, os *Matralia*, se celebravam em Junho. Ovídio propõe-se dar resposta a algumas questões relacionadas com a deusa, contando a história de Ino e Melicertes, especialmente depois de estes se terem lançado ao mar. Dá continuação, assim, ao relato das *Metamorfoses*:

*quae dea sit, quare famulas a limine templi
arceat (arcet enim) libaque tosta petat,
Bacche racemiferos hedera distincte capillos,
si domus illa tua est, derige uatis opus.*(Fast. 6.481-484)

A invocação a Baco justifica-se pelo facto de Ino ser irmã de Sémele, e, portanto, tia materna do deus. Este parentesco é enfatizado pelo recurso ao discurso directo com o deus:

arserat obsequio Semele Iouis: accipit Ino

⁷³¹ Note-se que também Vénus considera que o que aconteceu a Ino foi injusto (*at Venus immeritae neptis miserata labores (...); Met. 4.531*), o que reforça a ideia de que Ovídio explora neste episódio a apresentação de Ino e Atamante como vítimas inocentes da acção de Juno.

te, puer, et summa sedula nutrit ope. (Fast. 6.485-486)

O adjetivo *sedula*, enfatizado pela diérese e pelo sintagma *summa... ope*, mostra a generosidade de Ino para com o sobrinho. Ainda que o acto de solidariedade de Ino lhe tenha granjeado a cólera de Juno, é o próprio narrador quem justifica a atitude da tia, que mais não fez do que cumprir as suas obrigações familiares:

*intumuit Ino, raptum quod paelice natum
educet: at sanguis ille sororis erat. (Fast. 6.487-488)*

Deste modo, e à semelhança do que acontece na versão das *Metamorfoses*, o castigo de Ino e Atamante é apresentado como um acto injustificado e que tem origem num capricho de Juno. De seguida, apresenta-se de forma exígua a morte dos filhos do casal, omitindo-se a referência a Tisífone, substituída por um vago *agitur furiis... et imagine falsa*, e à forma como enlouqueceu o par nas *Metamorfoses*. Atamante, fora de si, mata Learco:

*hinc agitur furiis Athamas et imagine falsa,
tuque cadis patria, parue Learche, manu. (Fast. 6.489-490)*

Sem os pormenores da versão épica, a morte do filho mais velho é apresentada em traços muito indefinidos, sem se precisar mais do que a responsabilidade do pai na morte do filho. Como acontece na invocação a Baco, a interpelação ao *parue Learche* dá ao discurso um tom de familiaridade e aproxima a criança do leitor, apelando à misericórdia deste. É importante a forma como a diérese e a aliteração realçam os adjectivos *patria* e *parue*. O vocativo aparece, assim, rodeado pelo sintagma *patria... manu*, representando na ordem vocabular o crime do pai e a situação desigual do filho pequeno perante o poder da mão paterna.

Quanto à mãe, refere-se apenas, surpreendentemente, a sua loucura, depois de se descrever como Ino sepultou Learco. Este dístico introduz uma pausa no episódio, ausente da versão que analisámos, em que tudo acontece de forma frenética:

maesta Learcheas mater tumulauerat umbras

et dederat miseris omnia iusta rogis. (Fast. 6.491-492)

Apesar da dor da mãe, que se representa desde o início no adjetivo *maesta*, a sua atitude é estranhamente ordeira e equilibrada. O dístico omite qualquer referência à acção de Juno sobre Ino e, se a narrativa não continuasse, seria um desfecho conveniente para o episódio, com a mãe prestando as honras fúnebres ao filho. O sentimento mais evocado nestes versos é a tristeza, não a irracionalidade que domina a personagem nas *Metamorfoses*. É como se Ovídio abrisse aqui um parêntese na insânia de Ino, com a finalidade de lhe permitir o desempenho do papel da mãe que prepara o cadáver do filho para o túmulo e encerra, assim, o ciclo da vida deste. Só depois se refere a loucura de Ino, ainda que de forma muito mais elíptica e equívoca do que na versão anterior:

*haec quoque, funestos ut erat laniata capillos,
prosilit et cunis te, Melicerta, rapit.
est spatio contracta breui, freta bina repellit,
unaque pulsatur, terra, duabus aquis:
huc uenit insanis natum complexa lacertis,
et secum celso mittit in alta iugo. (Fast. 6.493-498)*

A descrição de Ino retoma elementos associados à expressão do luto, como arrancar os cabelos (aqui convenientemente designados *funestos*), acção que pode também ser um sinal de desequilíbrio mental. Nas *Metamorfoses*, quando foge com o filho nos braços, Ino apresenta os cabelos em desalinho (*passisque fugit male sana capillis; Met. 4.521*). Nos *Fastos*, porém, a fusão entre a dor e a loucura é mais visível e substitui a alternativa que é oferecida pelo narrador como explicação para o acto de Ino. Só o sintagma *insanis... lacertis* mostra, por hipálage, que Ino é levada a agir pela loucura. É como se o desequilíbrio e a violência da versão das *Metamorfoses* tivessem de ser reduzidos para se adequarem à versão elegíaca, que dá mais visibilidade à dor de perder Learco.

O relato continua com Ino e Melicertes a serem salvos do mar, incólumes, e a serem levados para a desembocadura do rio Tibre, onde continuam a ser perseguidos por Juno. Salva por Hércules da cólera de umas bacantes,

instigadas contra ela pela deusa, Ino explica a este por que razão está naquelas paragens, omitindo, porém, por vergonha, parte da sua história:

*illa docet partim, partim praesentia nati
continet, et furiis in scelus isse pudet. (Fast. 6.525-526)*

Acolhida por Carmenta, mãe de Evandro, Ino fica a saber que ela e o filho se tornarão divindades marinhas: ela, Leucótea para os Gregos, Matuta para os Romanos, ele, Palémon, para os primeiros e Portumno para os últimos. Ovídio explica ainda o costume de, nos *Matralia*, as mães fazerem súplicas não pelos seus filhos, mas pelos filhos de outrem: *ipsa parum felix uisa fuisse parens (Fast. 6.560)*⁷³². Se, todavia, Ino não foi uma mãe exemplar, os seus cuidados para com o sobrinho, que acabaram por causar a cólera de Juno, redimem o seu crime.

As divergências entre as versões podem ser explicadas por questões genológicas. Nas *Metamorfoses*, o relato concentra-se na exploração da fúria de Ino e Atamante e da morte dos filhos. Nos *Fastos*, pelo contrário, a descrição da loucura do casal é muito reduzida e amplifica-se, em substituição, com os acontecimentos que se seguiram ao salto de Ino. De qualquer modo, os elementos primordiais da caracterização desta personagem continuam a ser a sua desdita como vítima de Juno e como *mater orba*, omitindo-se qualquer referência a episódios integrantes da tradição como a intervenção de Ino na história de Frixo e Hele ou na morte dos filhos de Tesmisto, ou mesmo à variante em que Ino teria causado a morte de Melicertes lançando-o para dentro de uma tina com água fervente⁷³³. Nas versões ovidianas, a escolha dos elementos é criteriosa e obedece ao propósito de apresentar Ino como uma vítima inocente da cólera de Juno.

⁷³² É-nos dada a mesma explicação por Plutarco: *πότερον ὅτι φιλάδελφος μὲν τις ἢ Ἰνώ καὶ τὸν ἐκ τῆς ἀδελφῆς ἐπιθηνήσατο, αὐτὴ δὲ περὶ τοὺς ἐαυτῆς παῖδας ἐδυστύχησεν; ἢ καὶ ἄλλως ἠθικὸν καὶ καλὸν τὸ ἔθος καὶ πολλὴν παρασκευάζον εὐνοίαν ταῖς οἰκειότησι; (Quaest. Rom. 267E.5-6).*

⁷³³ Para uma sinopse da tradição mítica e das suas variantes, cf. GRIMAL (1992: s. u. “Melicertes”).

Ceres

A história do rapto de Prosérpina tem uma tradição longa que remonta, pelo menos, ao *Hino Homérico a Deméter*, a que normalmente se atribui uma data compreendida entre c. 650 a 550 a. C.⁷³⁴. No entanto, de acordo com HINDS (1987: 53), Ovídio segue também, tanto para a versão das *Metamorfoses*, como para a dos *Fastos*, relatos gregos e romanos mais tardios, como o de Diodoro Sículo (5.2-5) e o de Cícero (*Verr.* 2.4.106ss.), que localizam a história na Sicília⁷³⁵. Uma vez que as duas versões ovidianas apresentam diferenças consideráveis, parece-nos conveniente analisá-las em conjunto⁷³⁶. A nossa metodologia consistirá, assim, primeiro na análise separada de cada um dos textos, inserindo-os no contexto das obras a que pertencem, e, posteriormente, na sua comparação. O nosso principal objectivo será avaliar a caracterização de Ceres, no seu papel de *mater orba*, em cada uma das versões.

Nas *Metamorfoses*, a narrativa do rapto integra o relato da contenda entre as Musas e as Piérides, arbitrada pelas ninfas. Apresenta, por esta razão, alguns desvios importantes da tradição que descrevem, na sua maioria, metamorfoses

⁷³⁴ Cf. FOLEY (1994: 29-30). Para uma comparação entre o *Hino Homérico a Deméter* e as versões ovidianas do rapto, cf. HINDS (1987: 51-98).

⁷³⁵ Esta alteração na localização do rapto, que, no *Hino Homérico*, acontece na planície niseia, parece ter sido da responsabilidade de Timeu. Para uma discussão sobre as influências de poetas helenísticos no relato de Ovídio, cf. HINDS (1987: 54-56).

⁷³⁶ Cf. HINDS (1987: 77): «It is also clear (...) that the two Ovidian versions of the rape are meant to be compared and contrasted with each other. (...) the picture which emerges (...) is one of mutual dependence between the two versions. Having evidently been conceived in parallel, Ovid's Persephones demand appreciation in parallel.» TARRANT (2002: 29): «(...) though each version is intelligible in isolation, when read against each other (as they were probably written), each makes the emphases and silences of the other more meaningful.»

e que podem, portanto, explicar-se pela necessidade de justificar a presença da narrativa do rapto na obra⁷³⁷. As divergências mais importantes prendem-se, no entanto, com a preponderância que personagens como Cíane ou Aretusa têm no episódio, o que, de acordo com ZISSOS (1999), resulta da intenção de seduzir o júri da contenda, formado, neste caso, pelas ninfas.

Nas *Metamorfoses*, a narrativa do rapto de Prosérpina é, assim, uma narrativa dentro de outras narrativas. Quando Minerva visita as Musas, para ver a recém-criada fonte de Hipocrene, estas contam-lhe como foram afrontadas pelas Piérides, filhas de Píero e de Evipe, agora metamorfoseadas em pegas, e descrevem à deusa a competição. Assim, a história da filha de Ceres insere-se na narrativa de Calíope que, por sua vez, é reproduzida pelas Musas a Minerva. ROSATI (2002: 272) considera a narrativa do rapto o exemplo mais complexo da multiplicação dos níveis narrativos, frequente nas *Metamorfoses*⁷³⁸.

O canto das Piérides é reproduzido, em traços largos, com elementos apenas suficientes para provar que constituiu, por si, um novo desafio aos deuses. O *carmen* apresentava uma versão adulterada do confronto entre estes e os Gigantes, enaltecendo estes e denegrindo aqueles, e contava como os deuses olímpicos tinham fugido de Tifeu para o Egito, onde haviam procurado refúgio, assumindo a aparência de animais diversos. Terminada a participação das filhas de Píero, as Musas escolheram Calíope para as representar e esta cantou a história do rapto de Prosérpina, cuja reprodução se prolonga por mais de trezentos versos.

⁷³⁷ Os episódios ausentes do *Hino* e que descrevem metamorfoses são os de Cíane (*Met.* 5.425-437) e Aretusa (*Met.* 5.572-641), do rapaz que Ceres transformou num pequeno lagarto (*Met.* 5.446-461), de Ascálafo, transformado em mocho por Prosérpina, por ter revelado que ela tinha comido alguns grãos de romã nos Infernos (*Met.* 5.538-552). Acresce a estes a explicação da metamorfose das Sereias (*Met.* 5.552-563) e a transformação de Linco em lince por ter tentado matar Triptólemo (*Met.* 5.650-661). Estes episódios correspondem a quase metade do relato, cerca de quarenta e três por cento.

⁷³⁸ Para uma esquematização dos níveis narrativos do episódio, cf. WHEELER (1999:82).

O canto de Calíope começa convenientemente com um hino a Ceres, realçando o papel desta como divindade benfazeja e protectora, garante da fertilidade:

*'Prima Ceres unco glaebam dimouit aratro,
prima dedit fruges alimentaue mitia terris,
prima dedit leges; Cereris sunt omnia munus.
illa canenda mihi est; utinam modo dicere possim
carmina digna dea! certe dea carmine digna est. (Met. 5.341-345)⁷³⁹*

Retoma depois o tema do conflito dos deuses com Tifeu, abordado pelo canto das Piérides. Se, neste, se narrava o desafio de Tifeu aos deuses, no canto de Calíope descreve-se o seu castigo, que possibilitou o restabelecimento da ordem no universo. Foi para examinar os estragos feitos pelas movimentações de Tifeu, punido e enterrado sob a Sicília, que Plutão saiu dos Infernos (*Met.* 5.356-364). Os tremores de terra causados por Tifeu faziam o rei do Hades temer que a luz do dia chegasse às profundezas e iluminasse as sombras dos mortos.

Foi, portanto, neste papel de governante solícito que Dite sofreu uma emboscada de Vénus. A deusa, vendo-o do Érice, instigou o filho a feri-lo, estendendo, deste modo, o poder do amor ao Tártaro, necessidade que justificou pelo facto de algumas divindades, entre as quais Minerva e Diana, renunciarem a esse sentimento (*Met.* 5.375-376). Segundo a deusa, a filha de Ceres acalentaria as mesmas aspirações (*Met.* 5.376-377). Vénus planeia, então, unir sobrinha e tio, e Cupido atinge este com uma seta no coração.

Antes de relatar, porém, as consequências deste acto, Calíope introduz um momento de pausa em que descreve a paisagem em que o rapto terá lugar (*Met.* 5.385-391). De acordo com HINDS (1987: 28), o tom artificial e convencional

⁷³⁹ Sobre as implicações literárias destes versos, cf. HINDS (1987: 122-127) e ZISSOS (1999: 111). Este autor considera que Calíope reconhece aqui que tem de sacrificar as suas aspirações poéticas, a fim de elaborar uma narrativa capaz de conquistar a audiência: «She [i. e. Calíope] knows full well the compromised course her narrative must take to assure victory in the contest; it is part of her strategy to substantially reduce Ceres' prominence, to make nymphs the focal point of her tale.»

deste *locus amoenus* serve para enquadrar a acção num ambiente sobrenatural. Acentua também, em nossa opinião, a violência da acção que se segue. A vegetação que rodeia o lago afasta Prosérpina da realidade, propiciando, assim, a emboscada de que será vítima⁷⁴⁰. As duas orações temporais, que descrevem Prosérpina colhendo flores, estendem-se por três versos e meio, contrastando com o rapto, descrito de forma rápida, quase vertiginosa, num único verso. A conjunção *dum* e as formas verbais no presente descrevem uma acção contínua que parece parada no tempo e que contrasta com os perfeitos passivos da oração subordinante:

*quo dum Proserpina luco
ludit et aut uiolas aut candida lilia carpit,
dumque puellari studio calathosque sinumque
implet et aequales certat superare legendo,
paene simul uisa est dilectaque raptaque Diti;
usque adeo est properatus amor. (Met. 5.391-396)*

Sobrepõe-se à inocência da jovem e à sua frivolidade, que se adivinham no entusiasmo com que se esforça por colher mais flores do que as companheiras, a paixão desenfreada de Hades, que Vénus transformou num mero instrumento do seu poder. A acumulação dos participios *uisa*, *dilecta* e *rapta* (Met. 5.395) mostra a celeridade do rapto, que o deus parece executar de forma irreflectida, e a passividade de Prosérpina, impossibilitada de resistir à violência do tio. Ver Prosérpina, amá-la e levá-la consigo foram acções que parecem ter decorrido em simultâneo. A única reacção possível da jovem deusa

⁷⁴⁰ Cf. HINDS (2002: 130): «There is a characteristic tension in the landscapes of the *Metamorphoses* between the beautiful setting and the sufferings which befall most of the characters who inhabit or enter it (...).» Este autor identifica o relato do rapto de Prosérpina como um dos episódios em que esta tensão é mais evidente, uma vez que é precedido pela narração da tentativa de Píreneu violentar as Musas, tentativa que acontece na paisagem idílica da fonte de Hipocrene: «The Muses' own brush with sexual danger (which at first seems like an otiose digression) at once echoes and 'motivates' not only their mythic song's theme of violated chastity, but also its strongly marked emphasis upon the ideal landscape as the site in which that violence is enacted.»

é chamar pelas pessoas que a poderiam ajudar, isto é, pelas companheiras, mas, principalmente, pela mãe (*Met.* 5.396-401):

*dea territa maesto
et matrem et comites, sed matrem saepius, ore
clamat (...) (Met. 5. 396-398)*

A importância da mãe como protectora justifica que a jovem chame mais pela mãe do que pelas companheiras, apesar de estas estarem mais perto.

Segue-se a história da ninfa Cíane, *inter Sicelidas (...) celeberrima Nymphas* (*Met.* 5.412), provavelmente invenção ovidiana, e que, como vimos, parece ter sido inserida na narrativa com a finalidade de seduzir as ninfas. Cíane tenta impedir que Plutão rapte Prosérpina, colocando-se à sua frente e censurando-lhe a forma violenta e pouco cortês como pretende unir-se à jovem deusa:

*'nec longius ibitis!' inquit
'non potes inuitae Cereris gener esse; roganda,
non rapienda fuit.'* (*Met.* 5.414-416)

Esta advertência permite à ninfa introduzir na narrativa a sua experiência própria, que é a antítese do rapto de Prosérpina. De facto, Cíane opõe ao comportamento de Hades o de Anápis, com quem casou, depois de devidamente cortejada (*exorata tamen, nec, ut haec, exterrita nupsi; Met.* 5.418), mas não consegue demover Hades que, enfurecido, irrompe pelas águas do lago de Cíane, em direcção ao Tártaro⁷⁴¹. A ninfa, ofendida pelo ultraje, liquefaz-se em lágrimas e mistura-se com as águas do lago.

Enquanto isto acontece, a mãe aflita procura a filha:

*Interea pauidae nequiquam filia matri
omnibus est terris, omni quaesita profundo.
illam non udis ueniens Aurora capillis
cessantem uidit, non Hesperus. (Met. 5.438-441)*

⁷⁴¹ Este ultraje tem, também, conotações sexuais. Cf. ZISSOS (1999: 99-100), HINDS (2002: 134) e SALZMAN-MITCHELL (2005: 172): «Some sort of metaphoric rape can be inferred from the god's violence toward her pool, after which the symbolism of her *uulnus* (*Met.* 5.426) becomes clearer.»

O facto de não se identificar a deusa, quando surge pela primeira vez na narrativa, pelo seu nome próprio, mas apenas pela expressão vaga de *pauida mater*, pode justificar-se pelo conhecimento da história, que tornaria desnecessária a identificação de Ceres. Pode ter também como finalidade fazer esquecer o seu estatuto divino e, deste modo, mostrá-la como uma mãe qualquer. Não se descreve a forma como a mãe soube do desaparecimento da filha, nem se foi alertada por alguém ou ouviu os gritos de Prosérpina. Quando é introduzida na narrativa por Calíope, Ceres procura a filha em vão, mas não deixa de a procurar, nem durante o dia, nem durante a noite. O adjetivo *pauida* a par do advérbio *nequiquam*, ambos realçados pela cesura pentemímere, mostram o pânico da mãe e a frustração da sua busca, amplificada no verso seguinte pela antítese *terris / profundo* e pela repetição anafórica do poliptoto *omnibus / omni*, a que o hipérbato *est... quaesita*, por adiar quase para o fim do verso a acção da mãe, dá mais visibilidade. O carácter interminável da sua busca denota-se na repetição de *non* e na antítese *Aurora / Hesperus* (*Met.* 5.440-441). Assim, Ceres aparece *in medias res* na narrativa, já como *mater orba*.

Com um archote em cada mão, *inrequieta* (*Met.* 5.443), procura a filha *solis ab occasu solis (...) ad ortus* (*Met.* 5.445), até chegar a uma pequena cabana, onde uma anciã lhe mata a sede. Aí, a deusa transforma num pequeno lagarto um rapaz que zomba dela, chamando-a “gulosa” (*auidam*; *Met.* 5.452)⁷⁴². A punição do rapaz parece excessiva, especialmente porque acontece perante os olhos da *anus* (que será mãe ou avó do jovem?⁷⁴³), que, mesmo depois de o rapaz se ter

⁷⁴² Episódio provavelmente proveniente de Nicandro; HINDS (1987: 55, 85). Esta metamorfose substitui, na narrativa, o episódio do *Hino Homérico* em que Deméter tenta imortalizar Demofonte e é, por este motivo, insólita. No *Hino Homérico*, Deméter trata a criança como se esta fosse um filho substituto, mostrando-se benevolente para com ele.

⁷⁴³ MYERS (1992: 63) assume que a anciã é mãe do rapaz. ANDERSON (1997: *ad* 459-61) designa-a por «anguished old mother».

transformado num réptil, tenta, chorando, apanhá-lo e tocar-lhe⁷⁴⁴. SALZMAN-MITCHELL (2005: 184) associa esta metamorfose à de Ascálafo, transformado por Prosérpina, que, como Ceres faz com o rapaz, lhe lança à cara um pouco de água. A autora considera que ambos são castigados por revelarem a intimidade das deusas⁷⁴⁵. Ao invés de mostrar simpatia para com a anciã aflita, foi a própria Ceres quem, ultrajada, a tornou *orba*. Ceres não se compadece, aqui, e ao contrário do que acontece noutras versões, com a condição dos mortais. Por este motivo, em vez de se multiplicarem as situações de perda e dor, como no *Hino Homérico a Deméter*, é só a dor de Ceres pelo desaparecimento da filha que é relevante na narrativa.

Apesar de se salientar que a busca de Prosérpina é infundável, Calíope não se detém na sua descrição e resume-a em apenas dois versos, o que não diminui a evocação da ânsia da mãe em encontrar a filha:

*Quas dea per terras et quas errauerit undas
dicere longa mora est; quaerenti defuit orbis.* (Met. 5.462-463)

Ceres regressa, entretanto, à Sicília e aproxima-se de Cíane que, mesmo transformada num lago, mostra à deusa o cinto da filha, a *zona*, flutuando nas águas. E só então Ceres exprime a sua dor, arrancando os cabelos sem adornos e golpeando o peito:

*quam simul agnouit, tamquam tum denique raptam
scisset, inornatos laniauit diua capillos
et repetita suis percussit pectora palmis.* (Met. 5.471-473)

O facto de a dor de Ceres se manifestar apenas no momento em que encontra uma peça de vestuário da filha, que poderia ser interpretada, pelo contrário, como um sinal da sua presença, levanta algumas questões. Ceres age

⁷⁴⁴ *mirantem flentemque et tangere monstra parantem / fugit anum latebramque petit (...)* (Met. 5.459-460).

⁷⁴⁵ «Their gazes are antagonistic toward the female and threaten to utter female secrets, but are dismantled. What the two boys see are secrets of women's lives and interiority that should not be exposed. They suffer a fate similar to Actaeon.»

perante a *zona* como se tomasse conhecimento da morte de Prosérpina. A estranheza desta reacção é reconhecida pela musa que a descreve e diz que Ceres reagiu como se só então soubesse que a filha desaparecera. Por que razão só neste momento Ceres se lamenta? Por se ter apercebido, pela primeira vez, de que a filha poderia estar morta? Outra razão pode ser o facto de a *zona* representar a virgindade da jovem. O desatar do cinto é muitas vezes utilizado como metáfora para a noite de núpcias. Ceres exprime a sua dor porque compreende que a filha não é mais a mesma. A *zona* mostra que Prosérpina passou para uma fase diferente da sua vida e, por este motivo, é, em parte, irrecuperável para a mãe. É por este motivo que a dor da mãe integra os motivos tradicionais: arranca os cabelos, não enfeitados como sinal de luto, e golpeia o peito. As aliteraões em oclusivas do último verso reproduzem o som das pancadas e demonstram que a mãe chora a filha como se esta tivesse falecido.

HINDS (1987: 86-87) considera que a descrição da dor de Ceres recupera aqui alguns elementos presentes no momento em que Deméter soube do desaparecimento da filha no *Hino Homérico*, e que devemos, por este motivo, ler nas entrelinhas o que aconteceu nesse primeiro momento. Se agora os cabelos que Ceres arranca são caracterizados como *inornatos*, é porque antes arrancou o véu que os cobria (*h. Cer.* 40-41). Também a forma verbal *repetita* deve ser entendida com o sentido de repetição. Assim, estes versos permitir-nos-ão discernir dois dos gestos que Ceres terá efectuado ao saber, pela primeira vez, que a filha tinha desaparecido: terá arrancado o véu e quaisquer outros ornamentos do cabelo e terá golpeado o peito.

O sentimento de perda provoca a revolta de Ceres com a Sicília e a deusa, *irata* (*Met.* 5.478), causa a destruição de colheitas, homens e animais (*Met.* 5.474-486). O pormenor com que se descreve a ruína provocada por Ceres tem como finalidade provar o seu poder divino. Não deixa, no entanto, de sugerir a desproporção e a injustiça desta punição:

nescit adhuc ubi sit; terras tamen increpat omnes (...) (Met. 5.474)

A deusa castiga a terra, os homens e os animais, todos completamente inocentes do crime pelo qual são punidos. Destrói arados e entrega à morte agricultores e bois. Ceres mostra-se descontrolada, não na dor de perder a filha, mas na cólera provocada pelo desaparecimento de Prosérpina. A *mater orba* torna-se, assim, um ser perigoso e nocivo, que põe em risco a sobrevivência da comunidade, entendida aqui, devido ao poder divino de Ceres, no sentido universal.

É outra personagem ausente do *Hino Homérico*, Aretusa, quem informa Ceres do que sucedeu à filha, admoestando-a pela injustiça da punição da terra. Aretusa diz a Ceres que, nas suas deambulações pelo subsolo, viu a filha nos Infernos:

*'ergo dum Stygio sub terris gurgite labor,
uisa tua est oculis illic Proserpina nostris;
illa quidem tristis neque adhuc interrita uultu,
sed regina tamen, sed opaci maxima mundi,
sed tamen inferni pollens matrona tyranni.'* (Met. 5.504-508)

De acordo com a ninfa, Prosérpina estava ainda triste e assustada. No entanto, Aretusa opõe ao estado de espírito da jovem deusa o estatuto que o rapto lhe concedeu⁷⁴⁶ e que deveria ser uma compensação e pôr um termo à cólera da mãe. Esta, porém, não reage da forma que a ninfa esperaria:

*Mater ad auditas stupuit ceu saxeae uoces
attonitaeque diu similis fuit; utque dolore
pulsata graui grauis est amentia, curribus oras
exit in aetherias* (Met. 5.509-512)

A deusa fica paralisada de admiração, como se tivesse sido atingida por um raio. Esta imobilização parece associada a uma interrupção na vida da mãe, que se vê perante a confirmação das suspeitas sobre o que tinha acontecido à filha.

⁷⁴⁶ Atente-se no efeito da repetição anafórica de *sed*, amplificada, na primeira e na segunda repetição, por *tamen*. Se se pode lamentar o rapto da jovem, ainda assustada, o seu estado actual contrasta em muito com o anterior.

A paralisia de Ceres é total, e por esse motivo, é descrita como uma petrificação (*stupuit ceu saxeae; Met. 5.509*), como se, à imagem de Níobe, tivesse sofrido uma metamorfose. A expressão *attonitaeque diu similis fuit (Met. 5.510)* introduz, no entanto, uma nota de ambivalência, já que *attonitus* pode aplicar-se também a alguém em fúria (*OLD, s. u. 3 e 4*)⁷⁴⁷. Ceres está, certamente, fora de si. Se *attonitae... similis* é uma expressão ambígua, a referência à *grauis... amentia* é bem definida e associa Ceres a tantas outras personagens que, num momento de surpresa e dor, perdem o controlo sobre a mente, como acontece, por exemplo, com Clímene, *lugubris et amens (Met. 2.334)*.

É este estado de inconsciência que é afastado pela dor, dor que, por sua vez, traz Ceres de volta à realidade e a leva a procurar Júpiter, junto de quem se apresenta com um aspecto que Calíope descreve de forma sugestiva:

*ibi toto nubila uultu
ante Iouem passis stetit inuidiosa capillis (Met. 5.512-513)*

A fúria da mãe parece-se com a fúria dos elementos (*nubila; Met. 5.512*). ANDERSON (1997: *ad* 512-17) comenta assim o uso desta expressão para caracterizar o rosto encolerizado de Ceres: «this novel expression captures the gloomy look on Ceres' face, putting it in metaphorical terms that stress her alienation from the usual sunshine of the Olympians. She is a 'stormy' [aspas do autor] presence among the cheerful, carefree deities.» O rosto de Ceres é, assim, um traço que a distingue e que deve ser entendido como um sinal de perigo para Júpiter, perante quem se mostra de cabelos desalinhados e cheia de má

⁷⁴⁷ HINDS (1987: 75) considera que a expressão esconde uma alusão ao símile que no *Hino Homérico a Deméter*. compara a deusa a uma ménade em fúria: «(...) the *attonita* to which Ceres is being compared is something quite specific: either the primary sense should strictly apply, Ceres thus being compared to someone stunned by lightning; or, by the word's other specialised usage, the comparison should be with a woman smitten with divine frenzied – in other words, with a maenad.» Cf. a descrição da dor de Néfele com termos semelhantes, ao ver que os filhos, Frixo e Hele, se encontram em dificuldades: *aspicit hos, ut forte pependerit aethere, mater / et ferit attonita pectora nuda manu (Fast. 3.863-864)*.

vontade e ódio (*inuidiosa*; *Met.* 5.513). O seu aspecto físico nega as palavras que profere. Apesar de se apresentar como suplicante, o seu discurso, cheio de ironia e sarcasmo, está longe de ser um pedido de ajuda. Pelo contrário. Depois de apelar às obrigações de Júpiter para com a filha e de sugerir que Prosérpina pode ter menos importância para o pai por ser filha dela, Ceres joga ironicamente com palavras com o significado de “perder” e “encontrar”:

*en quaesita diu tandem mihi nata reperta est,
si reperire uocas amittere certius, aut si
scire ubi sit reperire uocas. (Met. 5.518-520)*

O jogo de palavras serve para Ceres demonstrar a Júpiter que, mesmo sabendo onde a filha está, não a encontrou. O facto de Prosérpina ter sido levada para os Infernos torna-a inacessível para a mãe. No entanto, em momento algum Ceres admite a hipótese de não recuperar a filha. Pelo contrário, é ela quem impõe condições: tolerará que a filha tenha sido raptada, desde que Dite a devolva (*Met.* 5.219-220). Sem muito resistir, Júpiter, depois de fazer o elogio do irmão, defendendo, inclusive, que o que aconteceu foi motivado por amor⁷⁴⁸, concorda com o regresso da filha, desde que esta não tenha quebrado o jejum. A facilidade com que Júpiter cede perante Ceres é surpreendente e tem como resultado a caracterização da fúria desta como excessiva e injustificada.

O regresso de Prosérpina é descrito em traços largos, depois de Calíope descrever a metamorfose de Ascálafo em mocho, como castigo por ter revelado que a deusa, efectivamente, tinha quebrado o jejum, comendo os grãos de romã, e a das Sereias, companheiras da deusa, transformadas em aves para poderem procurá-la através dos mares⁷⁴⁹. Estabelecida a divisão do ano entre Ceres e Hades, o regresso de Prosérpina é descrito como uma metamorfose:

⁷⁴⁸ O mesmo entendimento tem Orfeu, que diz perante Perséfone e Plutão, quando se lhes dirige nos Infernos: *famaque si ueteris non est mentita rapinae, /uos quoque iunxit Amor. (Met. 10.28-29).*

⁷⁴⁹ A justificação avançada por Calíope para a metamorfose das Sereias é insólita. A versão mais conhecida é que foram transformadas em aves, como punição por não terem protegido a

*uertitur extemplo facies et mentis et oris;
nam modo quae poterat Diti quoque maesta uideri
laeta deae frons est, ut sol, qui tectus aquosis
nubibus ante fuit, uictis e nubibus exit. (Met. 5.568-571)*

O rosto de Prosérpina ilumina-se. Calíope retoma aqui a metáfora *toto nubila uultu* que utilizou ao descrever o rosto de Ceres (Met. 5.512). Se, por ter perdido a filha, o rosto da mãe estava oculto sob nuvens de cólera e sofrimento, no momento em que o reencontro se torna efectivo, as nuvens que ensombravam também o rosto de Prosérpina dissipam-se. Esta reciprocidade mostra a importância da ligação entre ambas⁷⁵⁰.

Apesar de mãe e filha se terem finalmente encontrado, no momento que marca, evidentemente, o clímax do episódio, Calíope permite-se a liberdade poética de prolongar o seu canto, de modo a incluir a história de Aretusa, que a musa conta por insistência de Ceres⁷⁵¹. Conta também como a deusa confiou a Triptólemo a tarefa de divulgar o cultivo das sementes e como, por castigo, transformou Linco, rei dos Citas, num lince.

A inclusão de outros episódios no relato do rapto retira importância às personagens que o integram. A relação entre a mãe e a filha torna-se um aspecto menor da narrativa e, por esta razão, a dor de Ceres ao perder a filha é apenas uma das características que se analisam na deusa.

companheira. ZISSOS (1999: 105-107) é da opinião de que, também aqui, Calíope adultera a tradição para agradar às ninfas. BARCHIESI (2002: 192) considera esta alteração «a pro-nymph bias», visível também na omissão do carácter nefasto dos dotes vocais das Sereias.

⁷⁵⁰ HINDS (1987: 96) considera que esta associação tem como consequência sublinhar a união entre os sentimentos da mãe e os da filha: «(...) Persephone and Ceres are so much in sympathy with each other that to describe the feelings of one at this moment of deliverance is also to describe the feelings of the other.» Repare-se que esta coesão se manifesta também no facto de as deusas serem designadas pela expressão dual τῶ θέῳ (“as duas deusas”), como se as duas fossem duas faces de um mesmo ser.

⁷⁵¹ BARCHIESI (2002: 191) identifica três explicações para a inserção da história de Aretusa: apresenta afinidades óbvias com o rapto de Prosérpina, seria uma história do gosto das ninfas e agradaria a Minerva.

Ao abordar as festas em honra de Ceres, nos *Fastos*, Ovídio introduz uma nova versão do rapto de Prosérpina, versão que, de acordo com HINDS (1987: 57ss.), apresenta mais afinidades com o *Hino Homérico a Deméter* do que o relato de Calíope. Segundo este autor, tais semelhanças não se explicarão apenas pela partilha de uma mesma tradição, mas por uma influência mais directa.

O relato do rapto da deusa é introduzido pelos versos:

*Exigit ipse locus raptus ut uirginis edam:
plura recognosces, pauca docendus eris. (Fast. 4.417-418)*

Deste modo, o assunto é apresentado como algo sobejamente conhecido, mas, ao mesmo tempo, a oração *pauca docendus eris* promete elementos novos. A evocação da tradição adivinha-se na referência à *uirgo*, que dispensa identificação.

Como no canto de Calíope, o rapto acontece na Sicília, *grata domus Cereri* (*Fast.* 4.421), para onde a ninfa Aretusa, a mesma que assumiu no relato das *Metamorfoses* um papel tão importante, convidou as *caelestum matres* (*Fast.* 4.423-424). Também Ceres estava presente no banquete. Prosérpina, pelo contrário, colhia flores:

*filia, consuetis ut erat comitata puellis,
errabat nudo per sua prata pede. (Fast. 4.425-426)*

Ao invés do que sucede nas *Metamorfoses*, as circunstâncias que proporcionam o rapto são apresentadas de forma mais clara. Prosérpina estava acompanhada pelas companheiras habituais (não identificadas), e foi raptada por Dite dum *locus amoenus*, descrito com os elementos convencionais: um curso de água que dá uma frescura considerável ao lugar, matizado por todas as cores que a natureza produz. A beleza deste lugar desperta em Prosérpina o desejo de colher flores o que, em último caso, permitirá o rapto⁷⁵². Entusiasmada na

⁷⁵² Integra a descrição do *locus amoenus* um catálogo das flores que as jovens colhiam, onde se identificam onze tipos de flores, complementados com a generalização: *sunt et sine nomine flores* (*Fast.* 4.437-442).

colheita das flores, a jovem afasta-se das suas companheiras e, uma vez que, por acaso, nenhuma a seguiu, Prosérpina ficou isolada (*Fast.* 4.443-444)⁷⁵³. O *locus amoenus* funciona, assim, como uma armadilha, atraindo Prosérpina e permitindo o seu isolamento.

O rapto acontece de forma rápida e inesperada. Ao contrário da versão das *Metamorfoses*, que justifica a acção de Dite com a intervenção de Vénus e Cupido, de que aquele foi vítima, nos *Fastos* não se explica o rapto⁷⁵⁴. Provavelmente, o autor omite elementos que julga desnecessários porque já seriam do conhecimento do público ou, propositadamente, faz a versão do rapto nos *Fastos* depender da justificação avançada nas *Metamorfoses*:

*hanc uidet et uisam patruus uelociter aufert
regnaque caeruleis in sua portat equis. (Fast. 4.445-446)*

O poliptoto *uidet / uisam*⁷⁵⁵ e a repetição de –u inicial acentuam a rapidez da acção de Dite, designado aqui pela relação familiar que o liga a Prosérpina: *patruus*. Esta designação, a par da ausência de uma justificação para o rapto e da completa omissão, até este momento, de qualquer referência à importância divina de Hades, dão ao relato uma domesticidade ausente da versão das *Metamorfoses*.

Ao ser levada pelo tio, Prosérpina chama pela mãe:

*illa quidem clamabat 'io, carissima mater,
auferor!' ipsa suos abscideratque sinus (Fast. 4.447-448)*

⁷⁵³ *uallē sub umbrosa locus est aspergine multa / uuidus ex alto desilientis aquae. / tot fuerant illic, quot habet natura, colores / pictaque dissimili flore nitebat humus. / quam simul aspexit, 'comites, accedite' dixit / 'et mecum plenos flore referte sinus.'* (*Fast.* 4.427-432)

⁷⁵⁴ Só Júpiter, quando confrontado por Ceres, diz o narrador, *factumque excusat amore* (*Fast.* 4.597), explicação que remete para as palavras daquele deus na versão das *Metamorfoses*: *sed si modo nomina rebus / addere uera placet, non hoc iniuria factum, / uerum amor est.* (*Met.* 5.524-526).

⁷⁵⁵ Este poliptoto substitui a acumulação de participios que descrevem o rapto nas *Metamorfoses*: *paene simul uisa est dilectaque raptaque Diti* (*Met.* 5.395).

Mas ninguém responde a Prosérpina. A primeira reacção ao seu desaparecimento acontece quando as companheiras chamam, sem sucesso, por ela:

*at chorus aequalis, cumulatae flore ministrae
'Persephone' clamant 'ad tua dona ueni.'
ut clamata silet, montes ululatibus implent,
et feriunt maesta pectora nuda manu. (Fast. 4.451-454)*

A atitude das jovens é idêntica à de outras personagens em situações semelhantes e retoma gestos tradicionais como os golpes no peito ou os gritos de dor. É a reacção das companheiras que alerta a mãe para o desaparecimento da filha:

*attonita est plangore Ceres (modo uenerat Hennam),
nec mora, 'me miseram! filia' dixit 'ubi es?' (Fast. 4.455-456)*

As primeiras palavras da mãe (*me miseram*; Fast. 4.456) mostram como esta tem consciência de que ela será também uma vítima do que quer que tenha acontecido a Prosérpina. A mãe associa, assim, o seu destino ao da filha. A pergunta *ubi es?*, a que a filha não pode responder, tenta estabelecer um contacto que é, neste momento, impossível. É todavia, a descrição do estado psicológico da mãe que merece uma análise cuidada:

*mentis inops rapitur, quales audire solemus
Threicias fuis maenadas ire comis.
ut uitulo mugit sua mater ab ubere rapto
et quaerit fetus per nemus omne suos,
sic dea nec retinet gemitus, et concita cursu
fertur, et e campis incipit, Henna, tuis. (Fast. 4.457-462)*

A expressão *mentis inops* (Fast. 4.457) denota o estado alterado de Ceres, típico e previsível⁷⁵⁶. No entanto, a incapacidade de raciocinar da deusa é acentuada

⁷⁵⁶ Introduz, também, a par da comparação a uma ménade que se segue, uma associação explícita com outra personagem feminina num momento de dor, isto é, com Dido: *saeuit inops animi totamque incensa per urbem / bacchatur, qualis commotis excita sacris / Thyias, ubi audito stimulant trieterica Baccho / orgia nocturnusque uocat clamore Cithaeron.* (A. 4.300-303). Sérvio (A. 4.299) explica assim o significado da expressão *inops animi*: *sine animo, sine consilio*. Também Cila,

pelo símile que se segue e que compara a mãe em sofrimento a uma bacante. Os aspectos que o símile evoca são o movimento das bacantes e o estado desalinhado dos seus cabelos. Este símile   , no entanto, seguido por um outro, mais desenvolvido, em que se compara Ceres a uma vaca a quem tiraram a cria. A reac  o da mãe que perdeu a filha   , assim, caracterizada como uma reac  o irracional⁷⁵⁷. Realça-se no símile a atitude do animal, animal que se designa com a expressão *sua mater*, enfatizada pela cesura pentemímere. A vaca   , assim, identificada apenas pelo nome da cria. Deste modo,    a rela  o biológica da maternidade que une Ceres e o animal e que leva ambas a procurarem os filhos ausentes e a chor  -los (*mugit / dea nec retinet gemitus; quaerit / concita cursu fertur*⁷⁵⁸).

Ceres lança-se, então, numa procura interminável pela filha, amplificada pelo catálogo de top  nimos que indica os locais por onde passou. A enumera  o destes estende-se ao longo de cerca de quinze versos e contrasta com a forma exígua como o itinerário de Ceres    apresentado nas *Metamorfoses*, em apenas dois versos (*Met.* 5.462-463)⁷⁵⁹. Nos *Fastos*, a busca    árdua e demorada:

*quacumque ingreditur, miseris loca cuncta querelis
implet, ut amissum cum gemit ales Ityn.
perque uices modo 'Persephone!' modo 'filia!' clamat,*

como Dido uma mulher desequilibrada por uma paixão não correspondida,    caracterizada em termos semelhantes: *uix sanae uirgo Niseia compos / mentis erat* (*Met.* 8.35-36).

⁷⁵⁷ FANTHAM (1998: ad 455-466) identifica como antecedentes para os dois símiles o texto de Vergílio citado na nota anterior e, para a compara  o com a vaca, um texto de Lucrécio que descreve a reac  o de uma vaca cuja cria foi sacrificada (*Lucr.* 2.352ss.).

⁷⁵⁸ A expressão *concita cursu* acompanha a caracteriza  o de outra personagem que, como a deusa, mas a um nível diferente, se encontra num estado de inquieta  o, associado a uma interven  o divina: Agave *insano concita cursu* (*Met.* 4.711),    a primeira a atacar o filho. Também Ino, *tum denique concita* (*Met.* 4.519), avança com o filho nos braços para a morte.

⁷⁵⁹ Cf. *supra*, p. 363. A lista extensa de nomes de lugares ganha exuberância pela repeti  o de formas gregas, algumas unidas por poliss  ndetos que realçam a distância percorrida pela deusa (cf., a título de exemplo, *Fast.* 4.471, *Fast.* 4.475, etc.).

*clamat et alternis nomen utrumque ciet;
sed neque Persephone Cererem nec filia matrem
audit, et alternis nomen utrumque perit;
unaque, pastorem uidisset an arua colentem,
uox erat 'hac gressus ecqua puella tulit?' (Fast. 4.481-488)*

O advérbio indefinido *quacumque* resume os locais que o catálogo anterior especifica, mas dá também à procura de Ceres um carácter repetido e quase obsessivo, confirmado pelos recursos vocabulares dos versos seguintes⁷⁶⁰. Repetições, *uariationes* e antíteses organizam-se no texto de modo a acentuar o desespero e a frustração da procura. As palavras e orações reflectem-se mutuamente, como se fossem um espelho: o sentido de *quacumque ingreditur* repete-se no sintagma *loca cuncta* (Fast. 4.481); o de *perque uices* é o mesmo de *modo... modo* (Fast. 4.483) e de *alternis* (Fast. 4.484; 4.486), mas opõe-se a *unaque / uox* (Fast. 4.487-488); a forma verbal *clamat* repete-se em fim de verso e no início do verso seguinte (Fast. 4.483-484), mas opõe-se-lhe a forma *audit* (Fast. 4.486). A frase *sed neque Persephone Cererem nec filia matrem / audit* (Fast. 4.485-486) diz duas vezes, mas de maneira diferente, a mesma coisa, fazendo corresponder *Persephone* a *filia* e *Cererem* a *matrem*. Todo o verso se organiza na dualidade mãe-filha, acentuada pela cesura pentemímere. O mesmo processo de repetição do mesmo mas com outro aspecto aparece nos gritos da mãe, que ora chama a filha pelo nome próprio, *Persephone*, ora a trata por *filia*. Algo semelhante acontece com as orações *alternis nomen utrumque ciet* (Fast. 4.484) e *alternis nomen utrumque perit* (Fast. 4.486). Note-se que, nos versos citados, com a ressalva de que *nomen utrumque* tem funções sintácticas diferentes, apenas a primeira e a última palavra, ambas formas verbais, são diferentes. O dístico dos versos Fast. 4.485-486 funciona como uma resposta ao chamamento de Ceres, reproduzido no dístico anterior. É, no entanto, a frustração das intenções da deusa. Aumenta esta sensação de inutilidade a forma verbal *perit*, que parece encerrar uma

⁷⁶⁰ HINDS (1987: 119) analisa o texto em pormenor, notando o seu carácter elegíaco.

alusão simbólica à morte de Perséfone. A reprodução da pergunta que Ceres fazia em todos os locais por onde passava, sempre a mesma (*hac gressus ecqua puella tulit?*; *Fast.* 4.488) tem o mesmo efeito de realçar a obsessão da mãe na busca da filha.

A tessitura retórica do excerto é, de facto, notável, pela forma como as palavras ecoam umas nas outras. Mas o texto não é uma unidade hermética e apresenta indícios que retomam outros textos e outras personagens. A mãe que se lamenta pelo desaparecimento da filha (*miseris loca cuncta querelis / implet*; *Fast.* 4.481-482) repete uma acção já desempenhada pelas companheiras de Prosérpina (*montes ululatibus implent*; *Fast.* 4.453)⁷⁶¹. A generalização do lamento vai, no entanto, mais longe, ao comparar Ceres chorando pela filha a Procne lamentando a morte de Ítis (*ut amissum cum gemit ales Ityn*; *Fast.* 4.482). Esta é a segunda vez que se compara a mãe em dor a um elemento do reino animal. Se antes se comparou a uma vaca a quem se tirou a cria, compara-se agora ao rouxinol, operando assim uma fusão entre o reino animal e as emoções humanas e divinas. A natureza é um reflexo da dor de Ceres, mas é mais do que isso. Na história de Procne e Ítis, que acaba na metamorfose daquela em rouxinol, a natureza resulta da transformação de uma mãe numa ave. A ave que resulta desta metamorfose traz para a natureza os lamentos provocados pela dor da mãe⁷⁶².

De seguida, ao anoitecer, numa clara alusão à versão das *Metamorfoses*, Ceres acende archotes nos fogos que Tifeu expele e parte para a Ática. As formas verbais no perfeito dos versos que se seguem contrastam com as formas

⁷⁶¹ É uma expressão frequente em momentos de dor, quer se trate da expressão do luto por alguém ou do desespero da própria personagem (cf. n. 706).

⁷⁶² HINDS (1987: 62) considera que, neste passo, Ovídio transforma, mediante um movimento do tipo “boomerang”, o símile que no *Hino Homérico* compara Deméter, na sua busca pela filha, a uma ave (*h. Cer.* 43-44): nos *Fastos*, a mãe é comparada a uma ave lamentando-se que é, por sua vez, uma mãe lamentando-se.

no presente que as precedem (*iungit ... pererrat* (Fast. 4.498); *effugit* (Fast. 4.499); *uenit* (Fast. 4.502)) e introduzem, por este motivo, uma pausa na narrativa da viagem. No fim do percurso, o movimento que se percebe nos verbos no presente dá lugar à imobilidade:

*hic primum sedit gelido maestissima saxo:
illud Cecropidae nunc quoque triste uocant.
sub Ioue durauit multis immota diebus,
et lunae patiens et pluuiialis aquae.* (Fast. 4.503-506)

Note-se a nova fusão entre as emoções de Ceres e os elementos da natureza. Como Ceres, *maestissima*, também a pedra onde se sentou foi designada pelos Atenenses como *triste*⁷⁶³. A deusa funde-se, de facto, com a pedra, onde permaneceu *multis immota diebus*. O texto realça, assim, a imobilidade de Ceres, insensível ao tempo, como se ela própria se tivesse transformado na pedra sobre a qual se sentou. Não será casual, certamente, o adjectivo *gelido* que qualifica pleonasticamente a pedra, como se, por hipálage, se referisse à mãe. A mãe tornou-se, propositadamente, um elemento da paisagem e, neste aspecto, é comparável a Níobe, transformada em rochedo⁷⁶⁴ e, como este, insensível à chuva. Como se estivesse morta, Ceres mantém-se sentada na pedra e a chuva, como se fossem as suas lágrimas⁷⁶⁵, é apenas mais um elemento da sua dor.

Segue-se um trecho que é uma adaptação do episódio de Elêusis no *Hino Homérico*. As alterações são consideráveis, apesar de não serem tão radicais

⁷⁶³ Esta mesma pedra e a explicação etiológica da sua designação – ' *Ἀγέλαστος... πέτρα* ("a pedra que não ri") – são referidas por Apolodoro (1.30): *καὶ πρῶτον μὲν ἐπὶ τὴν ἀπ' ἐκείνης κληθεῖσαν Ἀγέλαστον ἐκάθισε πέτραν παρὰ τὸ Καλλίχορον φρέαρ καλούμενον*. No *Hino Homérico a Deméter*, também a deusa é *ἀγέλαστος* (200). Na *Suda* (sigma 49.7), apresenta-se a mesma associação entre a designação da pedra e Deméter.

⁷⁶⁴ A comparação é mais clara se tivermos em atenção a descrição de Níobe feita por Antígona (S. *Ant.* 829-830): transformada em pedra, no monte Sípilo, *καὶ νιν ὄμβρῳ τακομένην, (...) χιών τ' οὐδαμὰ λείπει*, ("agora não a deixa nunca a chuva ou a neve"; tradução de ROCHA PEREIRA (1992³: 75)).

⁷⁶⁵ O narrador dirá mais à frente: *neque enim lacrimare deorum est* (Fast. 4.521).

como as que Calíope opera no seu canto reproduzido nas *Metamorfoses*. Céleo não é mais do que um pobre agricultor, que se cruza com Ceres quando regressa dos campos, com a carga às costas e acompanhado pela filha. É esta quem primeiro se dirige à deusa, que se disfarçou de anciã:

*'mater' ait uirgo (mota est dea nomine matris),
'quid facis in solis incommitata locis?' (Fast. 4.513-514)*

Por utilizar o vocativo *mater*, como uma forma carinhosa de se dirigir a uma pessoa mais velha, a jovem confunde-se, por momentos, com uma filha, o que comove Ceres. Nota também a estranheza da situação da deusa, sozinha e num local ermo⁷⁶⁶. Quando Céleo convida a deusa a abrigar-se na sua cabana, esta responde-lhe:

*'sospes eas semperque parens: mihi filia rapta est.
heu melior quanto sors tua sorte mea est!'
dixit, et ut lacrimae (neque enim lacrimare deorum est)
decidit in tepidos lucida gutta sinus.
flent pariter molles animis uirgoque senexque. (Fast. 4.519-523)*

A deusa compara a sua situação à de Céleo, julgando esta melhor. Céleo, no entanto, compreende a dor da deusa, uma vez que está numa situação idêntica, prestes a perder o filho pequeno. É por esta razão que tanto ele como a filha choram ao ouvir as palavras de Ceres. Não é só porque a dor desta os contagia, como aconteceu com a pedra sobre a qual se sentou ao chegar à Ática, mas também porque se identificam com a sua dor. Ceres aceita o convite de Céleo e o episódio desenvolve, assim, um dos temas mais explorados no *Hino Homérico*: o da hospitalidade. Em casa, esperam-nos a esposa de Céleo, de nome Metanira, e Triptólemo, o filho doente, sem esperanças de sobreviver, que recupera

⁷⁶⁶ É de realçar, mais uma vez, a confusão entre Ceres e a natureza: a deusa está *incommitata* em *solis... locis* (Fast. 4.514). Repare-se na posição métrica que realça os adjectivos, separados pela diérese.

quando a deusa junta a sua boca à dele⁷⁶⁷. Enquanto, todavia, tenta torná-lo imortal, queimando-lhe o corpo mortal, a mãe acorda e põe fim a esta tentativa:

*excuitur somno stulte pia mater, et amens
'quid facis?' exclamat, membraque ab igne rapit.
cui dea, 'dum non es' dixit 'scelerata fuisti:
inrita materno sunt mea dona metu.
iste quidem mortalis erit; sed primus arabit
et seret et culta praemia tollet humo.'* (Fast. 4.555-560)

Ceres censura a insensatez de Metanira. Há, no entanto, nas suas palavras uma suavidade que, por se opor à cólera e às exigências de Deméter no *Hino Homérico* (h. Cer. 256-274), parecem demonstrar que, de alguma forma, Ceres compreende o acto da mãe. Também Metanira, perante a visão do que parece ser a morte do filho, é caracterizada como *amens*, que amplifica a ideia já antecipada pelo advérbio *stulte*. Contrapõe-se, porém, a estes elementos o adjetivo *pia*, que tem como efeito a legitimação da reacção insensata da mãe.

Segue-se um novo catálogo de topónimos (Fast. 4.563-572), que culmina no reconhecimento da impossibilidade de enumerar todos os lugares pelos quais a deusa passou na busca da filha⁷⁶⁸:

*quo feror? immensum est erratas dicere terras:
praeteritus Cereri nullus in orbe locus.* (Fast. 4.573-574)

Ceres viaja até aos céus, onde pergunta pela filha à constelação da Ursa Maior, que lhe diz que deve consultar o Sol que tudo vê, e é este quem informa finalmente Ceres sobre o que se passou com Prosérpina:

⁷⁶⁷ A descrição da casa de Céleo, quando Ceres nela entrou (*limen ut intrauit, luctus uidet omnia plena; / iam spes in puero nulla salutis erat*; Fast. 4.537-538), opõe-se à reacção de toda a família quando o rapaz recuperou a saúde (*tota domus laeta est, hoc est, materque paterque / nataque: tres illi tota fuere domus.*; Fast. 4.543-544). A plenitude da dor é substituída pela plenitude da alegria. SALLER (1984: 344) considera que a expressão *tota... domus* para designar uma família composta por não mais que quatro pessoas é propositadamente exagerada: «Ovid expects to raise a smile here with the hyperbolic use of *tota domus* for a small nuclear family.»

⁷⁶⁸ A mesma ideia em: *Quas dea per terras et quas errauerit undas, / dicere longa mora est; quaerenti defuit orbis.* (Met. 5.462-463).

*Sol aditus 'quam quaeris', ait 'ne uana labores,
nupta Iouis fratri tertia regna tenet.'* (Fast. 4.583-584)

A atitude da deusa difere da versão das *Metamorfoses* (Met. 5.509-513), e é descrita de forma exígua e superficial:

*questa diu secum, sic est affata Tonantem
(maximaque in uultu signa dolentis erant).* (Fast. 4.585-586)

A reacção mais dolorosa de Ceres acontece no momento em que, depois de exigir a Júpiter o regresso da filha⁷⁶⁹ e de Mercúrio levar aos Infernos esta decisão, o deus regressa com a notícia de que Prosérpina quebrara o jejum, comendo três bagos de romã:

non secus indoluit quam si modo rapta fuisset ⁷⁷⁰
maesta parens, longa uixque refecta mora est.
atque ita 'nec nobis caelum est habitabile' dixit;
'Taenaria recipi me quoque ualle iube.' (Fast. 4.609-612)

A romã parece ter aqui o mesmo significado que a *zona* tinha nas *Metamorfoses*, uma vez que a mãe reage do mesmo modo, isto é, como se só então tivesse conhecimento do rapto da filha, como se a romã e o cinto indicassem à deusa a impossibilidade de a recuperar. Ao tomar consciência de que Prosérpina não pode regressar, o que equivaleria à sua morte, a mãe deseja também a morte. É este desejo da deusa que faz com que Júpiter negocie com os irmãos as condições do retorno da filha, chegando, assim, ao compromisso final que permitirá o restabelecimento da felicidade de Ceres e, simultaneamente, da fertilidade dos campos:

*tum demum uultumque Ceres animumque recepit,
imposuitque suae spicea sarta comae;
largaque prouenit cessatis messis in aruis,*

⁷⁶⁹ O discurso que profere diante de Júpiter aborda os mesmos temas que o discurso reproduzido na versão épica: as obrigações de Júpiter enquanto pai de Prosérpina, o carácter negativo e ilegítimo do rapto e a exigência da devolução da filha.

⁷⁷⁰ A mesma ideia em Met. 5.471-472: *quam* [i. e. a *zona* da filha] *simul agnouit, tamquam tum denique raptam / scisset* (...).

et uix congestas area cepit opes. (*Fast.* 4.615-618)

O apaziguamento da dor de Ceres e o reencontro com a filha permitem, assim, a restauração da normalidade.

As divergências entre o relato de Calíope e a versão tradicional do rapto, especialmente as que dizem respeito à introdução de personagens ou ao enaltecimento do papel destas, têm como consequência, nas *Metamorfoses*, a redução da importância da caracterização de Ceres no seu papel de *mater orba*. Assim, a reacção da deusa, primeiro ao desaparecimento da filha, depois à notícia do seu rapto, é convencional e (parece-nos) pouco explorada. É mais um elemento, entre muitos outros, na caracterização da deusa, e perde importância perante o relato de tantas transformações e de outras tentativas de violação. O que Calíope escolhe realçar em Ceres não é o seu amor de mãe ultrajado nem a tristeza causada pela separação, mas antes a sua cólera, por vezes exagerada e injustificada. ANDERSON (1997: 526) comenta da seguinte forma a caracterização de Ceres: «far from maternal and loving, the Ceres of this hymn [i. e. do canto de Calíope] seems a self-indulgent egotist, who is quick to punish others, even a foolish child.» Devemos entender a caracterização de Ceres primordialmente como uma divindade cruel e vingadora enquanto forma de aviso para as Piérides.

Nos *Fastos*, pelo contrário, realça-se o papel de Ceres como deusa protectora e benfazeja. Esta versão apresenta outra família em dificuldades, a de Céleo, que amplifica a importância que a dor de perder um filho assume no texto. É com esta finalidade que, enquanto no *Hino Homérico a Deméter* a criança que a deusa tenta tornar imortal, Demofonte, é perfeitamente saudável, nos *Fastos* Ovídio opta por apresentá-lo não apenas como um rapaz doente, mas sem esperança de sobreviver.

A presença mais visível das companheiras na versão dos *Fastos* permite a duplicação da dor de perder Prosérpina, já que, como vimos, os elementos

presentes na atitude das jovens se repetem na da mãe. As companheiras são uma prefiguração de Ceres, o que é acentuado pelo facto de não terem identidade.

O texto apresenta, assim, várias situações patéticas em que se exprime a dor de perder alguém. Tanto as companheiras de Prosérpina como, primeiramente Céleo, e depois Metanira ecoam a condição de Ceres.

A caracterização desta como *mater orba* é, nos *Fastos*, mais completa e coerente. A tristeza e a dor da deusa são emoções reiteradas ao longo de todo o relato. Exclama sobre si própria: *me miseram* (*Fast.* 4.456). É *maestissima* (*Fast.* 4.503), *maesta parens* (*Fast.* 4.610), *miserae parenti* (*Fast.* 4.579). Enquanto deambula em busca da filha, Ceres enche os locais por onde passa com *miseris... querelis* (*Fast.* 4.482) e, depois de saber do seu paradeiro, lamenta-se durante muito tempo (*questa diu secum; Fast.* 4.585). A dor acompanha-a na sua procura infundável de Prosérpina e é com os sinais desta dor no rosto que se apresenta perante Júpiter (*maximaque in uultu signa dolentis erant; Fast.* 4.586).

Nas *Metamorfoses*, esta dor é ensombrada pelo comportamento menos benevolente de Ceres para com o rapaz que transforma em lagarto ou para com Linco ou mesmo para com toda a humanidade, mas também pelo protagonismo assumido no relato por outras personagens como Cíane, Aretusa e a própria Prosérpina. Ainda assim, não se omitem os gestos tradicionais do luto e da perda que se esperam na expressão da dor, como arrancar os cabelos (*Met.* 5.472) ou apresentar-se de cabelos em desalinho (*Met.* 5.513), ferir o peito (*Met.* 5.473) ou ficar paralisada (*Met.* 5.509), uma vez que estes constituem uma parte fundamental do mito.

A cólera da deusa, que se abate sobre a terra e sobre os homens inocentes (*Met.* 5. 474-486), causando fome e destruição, está completamente ausente da versão dos *Fastos*, o que permite uma maior exploração do lado emotivo da mãe

em sofrimento. Por este motivo, nos *Fastos* dá-se menos importância aos poderes da deusa⁷⁷¹.

Nas *Metamorfoses*, pelo contrário, interessa realçar o restabelecimento da ordem. A punição é, deste modo, um mecanismo que tem como finalidade impor o respeito pelos deuses e pelas instituições divinas e anular elementos que perturbem estes. O relato de Calíope vem no seguimento de uma série de narrativas que abordam este conflito. O livro 4 termina com o casamento de Perseu e Andrómeda, que aconteceu depois de esta, na iminência de ser devorada por um monstro marinho, ter sido resgatada pelo herói. Durante o banquete de núpcias, Perseu conta como matou Medusa. Já no livro 5, que principia com a conjunção temporal *dum*, Fineu declara guerra a Perseu e aos Cefeus, para se vingar do facto de Andrómeda ter sido dada em casamento a outro. Seguem-se combates violentos a que Perseu põe fim utilizando a cabeça da Górgona. No final, Fineu implora misericórdia ao herói, que, no entanto, se mostra cruel e insensível e o petrifica com a cabeça decepada do monstro. Já no Hélicon, as Musas contam a Minerva como foram atacadas por Pireneu que, sem sucesso, as tentou violentar e que morre enquanto as persegue (*Met.* 5.274-293). As próprias Piérides são caracterizadas como desafiadoras e insolentes e o tema que escolhem para a contenda poética é também, só por si, um novo desafio (*Met.* 5.319-320).

Deste modo, as divergências entre as duas versões têm motivações que são determinadas pelo contexto em que surgem. Se HINDS (1987) defende que as diferenças dos relatos têm causas genológicas, não deixa, no entanto, de admitir que os géneros literários não são cânones absolutos e que, por essa razão, o registo épico e o elegíaco se cruzam e se influenciam mutuamente nas versões do rapto, que não serão obviamente paradigmas dos respectivos géneros. ZISSOS (1999) sustenta, pelo contrário, que é a audiência interna do relato das

⁷⁷¹ Com excepção da sua capacidade de curar Triptólemo.

Metamorfoses que condiciona as alterações mais significativas apresentadas por esta versão⁷⁷².

Parece-nos, porém, que, se o contexto do rapto na épica ovidiana condiciona a caracterização de Ceres, Ovídio encontrou nos *Fastos* a ocasião e (o género?) ideal para aprofundar os elementos mais patéticos dessa caracterização.

Níobe

FANTHAM (2004: 69) designa Níobe como «the prototype of the mourning mother». A personagem, que deu o título a uma tragédia de Eurípides, agora perdida, é mencionada já na *Iliada* (24.602-617). Quando Príamo tenta convencer Aquiles a entregar-lhe o cadáver de Heitor, Aquiles convida-o a partilhar uma refeição com ele, pois mesmo Níobe parou de chorar os filhos⁷⁷³.

⁷⁷² TARRANT (2002: 21) exprime a mesma opinião: «Ovid's liberal use of internal narrators offers a more subtle means of reshaping earlier narratives, as familiar myths are filtered through the idiosyncratic or self-interested perspective of the storyteller in the poem. So, for example, Calliope's song of the Rape of Proserpina in the singing contest of Book 5 is coloured throughout by its dual function as a *Preislied* and a vindication of the gods.» Cf. SALZMAN-MITCHELL (2005: 168ss.), para uma leitura dos elementos que se incluem no relato para agradar à audiência, seja esta composta por Minerva ou pelas ninfas.

⁷⁷³ [Aquiles diz a Príamo:] “Nem Níobe de belas tranças descurou a comida, / apesar de doze filhos lhe terem morrido no palácio: / seis filhas e seis filhos vigorosos. / Aos mancebos matou Apolo com o arco de prata, / encolerizado contra Níobe; às donzelas, Ártemis, a archeira, / porque Níobe se medira com Leto do belo rosto, / dizendo que a deusa gerara só dois filhos, mas ela gerara muitos. / Por isso eles, dois embora fossem, mataram-nos a todos. / Durante nove dias fizeram no próprio sangue, pois ninguém / havia para os sepultar: o Crónida transformara o povo em pedra. / Mas no décimo dia os deuses celestiais os sepultaram. / E Níobe lembrou-se da comida, pois estava cansada de chorar. / Agora algures nos rochedos, nas montanhas solitárias, / no Sípilo onde dizem estar os leitos das ninfas divinas, / elas que dançam em torno da corrente de Aqueloo, / aí está ela, uma pedra, cismando nas tristezas

O tema do massacre dos Nióbidas estaria muito presente na memória visual dos Romanos do tempo de Ovídio, uma vez que estava representado nas portas do templo de Apolo no Palatino, inaugurado em Outubro de 28 a. C.⁷⁷⁴. ZANKER (1990: 85) sublinha a associação de Níobe ao carácter vingador da divindade: como Níobe, também António foi punido pela sua soberba e falta de moderação⁷⁷⁵.

Nenhuma das mães *orbae* de Ovídio, excepto Hécuba, perdeu tantos filhos e tão rapidamente como Níobe, a quem, de uma só vez, Apolo e Diana mataram os catorze rapazes e raparigas⁷⁷⁶. Os deuses foram instigados pela mãe, Latona, ofendida por Níobe, que se considerava superior a ela por ter dado à luz muitos mais filhos.

A narrativa da punição de Níobe apresenta semelhanças significativas com o episódio de Penteu. Ambos os episódios começam com uma profecia que adverte para a necessidade de venerar uma divindade. A profecia que Tirésias dirige a Penteu avisa-o sobre a sua morte iminente e sobre a chegada de Baco (*Met.* 3.516-525). Manto, filha de Tirésias, avisa as mulheres de Tebas sobre a urgência de prestar culto a Latona (*Met.* 6.157-162). O comentário do narrador,

vindas dos deuses. / Pensemos então também nós dois, ó ancião divino, / na comida.” Tradução de LOURENÇO (2005: 492-493). Para uma análise deste excerto, cf. IRVING (1998^r: 11) e DUBOIS (1991: 93-95), que explora também o seu significado na caracterização de Aquiles.

⁷⁷⁴ A informação infere-se do texto de Propércio: *et ualuae, Libyci nobile dentis opus, / altera deiectos Parnasi uertice Gallos, / altera maerebat funera Tantalidos.* (Prop. 2.31.12-14).

⁷⁷⁵ HEKSTER & RICH (2006), no seguimento de GURVAL (1995) lançam algumas dúvidas sobre a associação da iconografia do templo à vitória sobre António e Cleópatra, afirmando que a arquitectura e o programa escultural do templo estariam definidos antes de Áccio. De qualquer modo, isto não implica, parece-nos, que, depois da derrota de António, o castigo de Níobe não fosse assimilado ao do triúmviro.

⁷⁷⁶ O número dos filhos de Níobe não é unânime. Alguns autores atribuem-lhe seis rapazes e seis raparigas (*Il.* 24.604; Prop. 2.20.7), outros, como é o caso de Herodoro de Heracleia, atribuem-lhe cinco rapazes e cinco raparigas. Cf. GRIMAL (1992: s. u. “Níobe”).

que antecede a profecia de Manto, apresenta também algumas afinidades com a profecia de Tirésias, nomeadamente os versos de tom oracular:

*et felicissima matrum
dicta foret Niobe, si non sibi uisa fuisset. (Met. 6.155-156)⁷⁷⁷*

A punição de Níobe vem no seguimento da história de Aracne, também ela castigada por uma divindade, por se considerar superior a ela. A soberba de Níobe é um tópico explorado à saciedade por Ovídio, que parece ter como finalidade justificar, de algum modo, a actuação dos deuses. Por este motivo, o narrador começa o episódio apresentando Níobe como uma pessoa orgulhosa, não apenas pelo seu estatuto social, mas principalmente devido aos seus muitos filhos.

Quando aparece em público para proibir o culto a Latona, realça-se em Níobe a opulência do seu aspecto⁷⁷⁸:

*ecce uenit comitum Niobe celeberrima turba,
uestibus intexto Phrygiis spectabilis auro
et, quantum ira sinit, formosa; mouensque decoro
cum capite immissos umerum per utrumque capillos
constitit, utque oculos circumtulit alta superbos (...) (Met. 6.165-169)*

Com vestes bordadas a ouro, *spectabilis* e *formosa*, Níobe aparece em toda a majestade que o seu estatuto de rainha lhe permite. A expressão *intexto... spectabilis auro* associa-a, por exemplo a Íole, que, de acordo com a epístola da

⁷⁷⁷ Cf. também profecia de Tirésias sobre a vida de Narciso (Met. 3.346-348): *de quo consultus, an esset / tempora maturae uisurus longa senectae, / fatidicus uates 'si se non nouerit' inquit.*

⁷⁷⁸ A expressão *ecce uenit* associa Níobe a Filomela aparecendo perante Tereu (Met. 6.451-452): *ecce uenit magno diues Philomela paratu, / diuitior forma (...)*. Nas duas ocasiões, a beleza e a opulência são associadas a resultados nefastos. A beleza de Filomela suscitará a paixão de Tereu, que, por sua vez, dará origem à violação e mutilação da jovem e, em último caso, ao assassinio de Ítis. Quanto a Níobe, a sua formosura neste momento simboliza a felicidade da rainha, que há-de desvanecer-se devido à sua excessiva soberba.

ciumenta Dejanira, mesmo cativa manterá a sua soberba⁷⁷⁹. No entanto, o estatuto de rainha não é suficiente para Níobe, que considera ser merecedora das honras prestadas aos deuses⁷⁸⁰. O seu discurso é, também, um discurso de vaidade, em que a expressão dos graus de parentesco se associa às formas do pronome pessoal da primeira pessoa do singular⁷⁸¹. O orgulho de Níobe justifica-se, assim, pelas relações familiares e até pela sua beleza, o que parece ter como intuito apresentá-la como uma pessoa frívola. No entanto, são os seus filhos e filhas que a fazem sentir-se superior e que fundamentam a pretensão de ser venerada como uma deusa:

*huc natus adice septem
et totidem iuvenes et mox generosque nurusque. (Met. 6.182-183)*

O polissíndeto e a enumeração servem o propósito de enfatizar o quanto a sua prole é numerosa. As palavras insensatas e audazes de Níobe condenam a rainha, que se mostra demasiado confiante e segura, ao ponto de se considerar a salvo das vicissitudes do destino:

*sum felix; quis enim neget hoc? felixque manebo;
hoc quoque quis dubitet? tutam me copia fecit.
maior sum quam cui possit Fortuna nocere,
multaque ut eripiat, multo mihi plura relinquet. (Met. 6.193-196)*

A repetição do adjetivo *felix* (que aqui podemos entender no duplo sentido de “fértil” e “feliz”), as interrogações retóricas, ambas isoladas pelas cesuras, e a acumulação de adjetivos (no grau normal e no grau comparativo), advérbios e substantivos relacionados com a abundância⁷⁸² demonstram a excessiva

⁷⁷⁹ Afirma Dejanira: *nec uenit incultis captarum more capillis: / fortunam uultu fassa decente suam / ingreditur late lato spectabilis auro, / qualiter in Phrygia tu quoque cultus eras. (Ep. 9.125-128).*

⁷⁸⁰ Pretensão que, de acordo com ANDERSON (1972: ad 6.170-172), é uma invenção de Ovídio para acentuar a rivalidade entre Níobe e Latona.

⁷⁸¹ *mihi Tantalus auctor (Met. 6.172); Pleiadum soror est genetrix mea (Met. 6.174) ; maximus Atlas / est auus (Met. 6.174-175) ; Iuppiter alter auus; socero quoque gloriior illo (Met. 6.176).*

⁷⁸² *copia (Met 6.194); maior (Met 6.195); multaque... multo... plura (Met 6.196).*

confiança de Níobe. A sua prole numerosa contrasta com os dois únicos filhos de Latona (*Met.* 6.191-192), que Níobe diz ser, por ter apenas um filho e uma filha, praticamente *orba*. Esta designação, a par da atitude insensata e ofensiva de Níobe, ofende Latona e os filhos desta, Apolo e Diana, que decidem castigar a rainha, assassinando-lhe os filhos.

Primeiro, matam os rapazes, que se exercitam na planície junto das muralhas (*Met.* 6.218-266). A descrição da morte destes é feita de forma impessoal e, salvo algumas indicações de carácter psicológico⁷⁸³, limita-se aos pormenores visuais e físicos. Os rapazes morrem sem compreender porquê e, à excepção de Alfenor, o quinto a morrer, nenhum reage à morte dos outros⁷⁸⁴. Ilioneu, o mais novo, é o único que se apercebe da morte iminente e implora aos deuses pela vida (*Met.* 6.261-266).

Antes de relatar a morte das meninas, Ovídio introduz uma pausa na chacina dos Nióbidas que permitirá a descrição da dor da mãe mas também a narração, mais patética, da morte das jovens durante o funeral dos irmãos. A ocasião da chacina das filhas parece ser uma invenção de Ovídio. Noutras versões, as jovens morrem juntamente com os irmãos, no palácio (*Il.* 24.603). Higino diz que Apolo assassinou os rapazes enquanto estes caçavam e Diana matou as jovens *in regia*, poupando apenas Clóris (*Fab.* 9.3). Quando a notícia chega à cidade e a mãe se apercebe do que aconteceu, a sua primeira reacção é de admiração e de cólera, causada pelo facto de os deuses terem ousado matar-lhe os filhos:

*Fama mali populi que dolor lacrimaeque suorum
tam subitae matrem certam fecere ruinae,*

⁷⁸³ O primeiro a morrer grita '*ei mihi!*' (*Met.* 6.227); Fédimo é caracterizado como *infelix* pelo narrador (*Met.* 6.239).

⁷⁸⁴ Alfenor corre em direcção aos irmãos e morre enquanto tenta erguer o corpo destes: *adspicit Alphenor laniataque pectora plangens / euolat, ut gelidos complexibus adleuet artus, / inque pio cadit officio; nam Delius illi / intima fatifero rupit praecordia ferro. / quod simul eductum est, pars et pulmonis in hamis / eruta cumque anima cruor est effusus in auras.* (*Met.* 6.248-253)

*mirantem potuisse irascentemque quod ausi
hoc essent superi, quod tantum iuris haberent. (Met. 6.267-270)*

No primeiro verso, a gradação progressiva e a sequência rápida dos dáctilos aproximam de Níobe a notícia da morte dos filhos e o luto: primeiro, o rumor, depois a dor do povo e, por fim, a expressão do sofrimento dos seus familiares. Níobe continua, no entanto, inflexível e não mostra arrependimento pela sua atitude de desrespeito e insolência para com os deuses. O pai, pelo contrário, suicida-se, incapaz de suportar a dor:

*nam pater Amphion ferro per pectus adacto
finierat moriens pariter cum luce dolorem. (Met. 6.271-272)*

Não é unânime que Anfíon se tenha suicidado. Outras fontes apresentam versões diferentes da sua morte: que foi morto por Apolo e Diana juntamente com os filhos ou que, após a morte destes, quando tentava destruir o templo de Apolo, este deus o trespassou com uma flecha (Hyg. *Fab.* 9.4.1). A versão de Ovídio, que se resume a dois versos, parece ter como finalidade isolar Níobe. A dor de Anfíon fá-lo pôr um fim à sua vida. Níobe, pelo contrário, persiste na sua obstinação. Apesar da ira, todavia, o narrador reconhece na rainha, neste momento, uma primeira metamorfose:

*heu, quantum haec Niobe Niobe distabat ab illa,
quae modo Latois populum submouerat aris
et mediam tulerat gressus resupina per urbem,
inuidiosa suis, at nunc miseranda uel hosti!
corporibus gelidis incumbit et ordine nullo
oscula dispensat natos suprema per omnes. (Met. 6.273-278)*

Trata-se de uma nova Níobe. Note-se a oposição entre os sintagmas *haec Niobe* e *Niobe... illa* (Met. 6.273), separados pela cesura pentemímere. Esta oposição e o poliptoto que consiste aqui na repetição de duas formas que, ainda que estejam em casos diferentes, são iguais (*Niobe*, nominativo / *Niobe*, ablativo) acentuam a alteração na situação da rainha. É como se Níobe se tivesse desdobrado em duas: uma que ficou no passado, orgulhosa e obstinada, e a outra que é o resultado da morte dos filhos. A posição privilegiada de outrora desapareceu.

Níobe é, agora, pelo menos durante algum tempo, a mãe que chora a perda dos filhos, e, enquanto tal, ela tornou-se uma *mater orba*, e, diz o narrador, *miseranda uel hosti* (Met. 6.276). Os seus gestos para com os filhos são iguais aos de outras mães na mesma situação: deita-se sobre os cadáveres e beija-os pela última vez. ANDERSON (1972: ad 277) considera que o sintagma *ordine nullo* mostra o desequilíbrio que caracteriza a mãe em luto e afirma: «the queen has lost some of her control, to reveal the genuine distraction of any woman in her circumstances.» A procura do contacto físico com os defuntos é um elemento convencional. O lamento pela morte dos filhos dá lugar, todavia, a um novo discurso insolente e desafiador em relação a Latona. A Níobe do passado, embora tenha perdido metade dos seus filhos, faz desaparecer a mãe de luto:

‘pascere, crudelis, nostro, Latona, dolore,
pascere’ ait ‘satiaque meo tua pectora luctu!
[corque ferum satia!’ dixit ‘per funera septem]
efferor; exsulta uictrixque inimica triumphat.
cur autem uictrix? miserae mihi plura supersunt
quam tibi felici; post tot quoque funera uinco.’ (Met. 6.280-285)

Níobe começa por se considerar vencida por Latona, apresentando a sua dor como a satisfação da cólera da deusa, a quem se dirige de forma insolente como *crudelis* e cujo coração caracteriza como *ferum*⁷⁸⁵. Admite, porém, que a morte dos seus filhos equivale à sua própria morte e, por esse motivo, morre sete vezes⁷⁸⁶. Nos dois últimos versos, regressam, todavia, o orgulho e a

⁷⁸⁵ Este discurso de Níobe coincide em muitos aspectos com a prece que, na hora da morte, Hércules dirige a Juno: ‘*Saturnia, pascere nostris, / pascere et hanc pestem spectat, crudelis, ab alto / corque ferum satia. uel si miserandus et hosti, / [hoc est, si tibi sum, diris cruciatibus aegram] / inuisamque animam natamque laboribus aufer.*’ (Met. 9.176-180). Como Níobe, também Hércules reclama o direito de ser venerado como um deus. Depois das acusações que faz a Juno, descreve longamente os trabalhos que a madrasta o obrigou a executar. Ao contrário de Níobe, porém, a parte imortal do herói garantir-lhe-á um lugar entre os deuses.

⁷⁸⁶ Entendemos aqui a forma verbal do verbo *effero* no sentido de “levar para sepultar” (OLD. s. u. 3), afirmando Níobe que o funeral de cada um dos sete filhos mortos é, em sentido figurado, um funeral também para a mãe.

impertinência. Na sua infelicidade, Níobe continua a considerar-se superior, pois restam-lhe, ainda assim, mais filhos do que a Latona. O recurso a vocabulário de índole militar e a utilização repetida de formas verbais no imperativo mostram o excesso do orgulho da rainha, que continua cega e obstinada. Se, neste momento, se esperaria de Níobe um pedido de misericórdia ou uma retractação, as palavras que, de braços erguidos aos céus, dirige aos deuses começam por ser um reconhecimento de derrota, mas rapidamente Níobe questiona essa derrota e se reafirma superior a Latona, explorando a antítese entre *miserae mihi* (Met. 6.284) e *tibi felici* (Met. 6.285) para demonstrar à deusa que, mesmo depois da morte de metade dos seus filhos, triunfa sobre ela: *post tot quoque funera uinco!* (Met. 6.285).

Como a pausa entre a morte dos filhos e a das filhas, este segundo discurso da rainha tem como finalidade confirmar e amplificar a sua condenação, já definida desde o início. Se, mesmo depois de ter perdido sete filhos, Níobe mantém uma atitude audaciosa e soberba, é porque efectivamente merece uma punição⁷⁸⁷. A sua audácia e soberba ultrapassam os limites do que é permitido aos mortais. Este discurso, que é a manifestação derradeira da *hybris* de Níobe, justifica, assim, que os filhos de Latona continuem a chacinar-lhe os filhos. Mal acaba de pronunciar estas palavras imprudentes, a última das quais é a forma verbal *uinco*, ouve-se o ruído do arco:

*dixerat, et sonuit contento neruus ab arcu,
qui praeter Nioben unam conterruit omnes;
illa malo est audax.* (Met. 6.286-288)

Níobe continua afastada de todos. Todos se assustam com o som, que anuncia uma morte próxima, à excepção de Níobe. Repare-se na antítese entre *Nioben unam* e *omnes* e na posição métrica destas palavras, as primeiras realçadas pela cesura, a outra pela sua posição em fim de verso. A separação entre Níobe e os

⁷⁸⁷ Cf. ANDERSON (1972: ad 6.267-70): «(...) it is to dramatize the magnificent stubbornness of the queen that Ovid stages this episode between the killing of the sons and that of the daughters.»

outros é justificada no verso seguinte pela audácia da rainha. Mesmo neste momento de perda e de dor, Níobe mantém a sua atitude de desafio para com a divindade, o que justifica e quase legitima a morte dos seus filhos e filhas.

A morte destas últimas acontece no momento em que as jovens, vestidas de luto, choram os irmãos, e o facto de Ovídio fazer coincidir a chacina das filhas de Níobe com o funeral dos irmãos eleva o *pathos* da situação a um nível invulgar que evoca a metamorfose de outras irmãs após a morte dos irmãos, como aconteceu, por exemplo, com as Heliádes e com as irmãs de Meleagro:

*stabant cum uestibus atris
ante toros fratrum demisso crine sorores. (Met. 6.288-289)*

A forma verbal *stabant*, enfatizada pela cesura pentemímere, enfatiza a imobilidade das jovens, imobilidade que evoca, por exemplo, a metamorfose das irmãs de Faetonte. Assim, enquanto a morte dos filhos de Níobe acontece no momento em que estes se exercitam e se encontram, portanto, em movimento, a posição das filhas é estática. A imagem das jovens, envergando roupas negras e com os cabelos em desalinho, de pé à frente do túmulo, é, de facto, uma imagem lúgubre. O grupo das raparigas aparece, assim, associado à expressão da dor colectiva que, nos episódios atrás referidos, precedem a metamorfose. Também para as filhas de Níobe este momento de luto será o derradeiro, como se, depois de participarem nas manifestações de luto pelos irmãos, não pudessem regressar à vida.

A primeira filha morre com o rosto sobre o cadáver do irmão, a segunda, que consolava a mãe com palavras, calou-se de repente. Uma foge, enquanto tenta fugir, outra cai sobre a irmã. Ao contrário da morte dos rapazes, que se descreve em cerca de quarenta versos, com pormenores físicos sobre a causa específica da morte ou o modo como as setas atingiram cada um deles, a das irmãs é descrita de forma rápida e pouco precisa. A morte das seis filhas mais velhas descreve-se em seis versos. Enquanto os rapazes são identificados de acordo com o seu nome e às vezes mesmo com a idade, as jovens são

designadas, de forma algo displicente, por expressões como *una* ou *altera*, *haec* ou *illa*⁷⁸⁸. Nos filhos, os deuses aniquilam o aspecto público de Níobe. Não será por acaso que são chacinados enquanto se exercitam fora das muralhas da cidade. O treino era uma forma de preparar os rapazes para o exercício da vida pública. As filhas, pelo contrário, até por morrerem na proximidade da mãe, parecem evocar os laços familiares e a domesticidade que caracteriza a vida das mulheres.

As jovens são atingidas pelas setas de Diana e Apolo, até só restar uma, a mais nova. E então, finalmente, Níobe perde o orgulho e suplica aos deuses que poupem a vida da filha, a quem protege com o próprio corpo:

*sexque datis leto diuersaque uulnera passis
ultima restabat; quam toto corpore mater,
tota ueste tegens 'unam minimamque relinque;
de multis minimam posco' clamauit 'et unam.'
dumque rogat, pro qua rogat occidit. (Met. 6.297-301)*

Níobe, agora com menos filhos do que Latona, pede aos deuses que lhe não matem a única filha que lhe resta, mas a morte da rapariga acontece precisamente enquanto Níobe dirige aos deuses a sua prece. As palavras da mãe são simultâneas à morte da filha (*dum*; Met. 6.301)⁷⁸⁹ e agora, finalmente, são palavras de súplica sincera, que, pela aliteração dos sons nasais, se assemelham a um gemido⁷⁹⁰. A repetição quiástica de *unam* e *minimam* mostra a desorientação de Níobe, que reitera o seu pedido aos deuses para que lhe deixem viva aquela filha, a única de entre tantos. A antítese *multis* / *unam* resume a tragédia presente de Níobe e a sua derrota perante Latona. Mas a ira

⁷⁸⁸ O que não deixa de ser surpreendente, uma vez que se conhecia também o nome das raparigas. Cf. Hyg. *Fab.* 11.

⁷⁸⁹ Noutras versões da morte dos Nióbidas, esta filha, a que normalmente se dá o nome de Clóris, foi poupada e tornou-se a mãe de Nestor.

⁷⁹⁰ '*unam minimamque relinque; / de multis minimam posco*' clamauit '*et unam.*'

dos deuses não está ainda saciada. É necessário que Níobe se torne no que censurava em Latona: uma mãe *orba*.

Ao contrário dos rapazes, que morrem longe da mãe, a morte das jovens acontece perante os seus olhos ou mesmo enquanto, com o seu próprio corpo, protegia a mais nova. Níobe torna-se, assim, espectadora na morte das jovens e, quando tenta salvar a última que lhe resta, intervém na morte desta. E só então, por fim, Níobe se transforma numa *mater* efectivamente *orba*. Para que isto acontecesse, no entanto, foi necessário que todos os seus filhos fossem assassinados, um a um.

*orba resedit
exanimis inter natos natasque uirumque
deriguitque malis. nullos mouet aura capillos,
in uultu color est sine sanguine, lumina maestis
stant inmota genis; nihil est in imagine uiuum. (Met. 6.301-305)*

Níobe é, assim, neste último momento da sua existência, uma mãe verdadeiramente em luto. A solidão do presente contrasta com a sua entrada em cena, acompanhada pela *comitum... turba* (Met. 6.165). Os numerosos cadáveres dos seus entes queridos são agora a sua companhia. Níobe está como pensou que seria impossível algum dia estar e, por este motivo, a sua dor é maior. Ela que, no seu orgulho, se considerava imune ao perigo transformou-se, agora, numa mãe *orba* e *infelix*, precisamente o que abominava em Latona.

A paralisação que a afecta é consequência da sua infelicidade (*deriguitque malis*; Met. 6.303) e não deixa antever a metamorfose que se segue. O verbo descreve aqui uma reacção física causada por um processo psicológico, que acontece com outras personagens em situações semelhantes, como, por exemplo, Ceres (Met. 5.509)⁷⁹¹. A descrição de Níobe e do seu estado é, por essa

⁷⁹¹ *Mater ad auditas stupuit ceu saxea uoces (...)*. Reacção semelhante têm Andrómaca ou a mãe de Euríalo, na *Eneida* (*arma amens uidit, magnis exterrita monstis / deriguit uisu in medio, calor ossa reliquit*, A. 3.307-308; *at subitus miserae calor ossa reliquit, / excussi manibus radii reuolutaque pensa*. A. 9.473-474).

razão, ambivalente, uma vez que não nos é permitido saber onde acaba a reacção à dor causada pela morte dos filhos e começa a metamorfose. Uma parece ser, todavia, a continuação da outra, isto é, a transformação de Níobe é progressiva e começa precisamente na dor de perder os filhos. FELDHERR (2002: 176) comenta assim esta transição entre o figurado e o real: «Niobe's transformation into a stone begins when she 'stiffens with evils' a common Latin metaphor. Thus not only does her final form again appear motivated by some essential quality of her experience – as Lycaon's innate bestiality makes him a wolf – it also offers a means for the figurative to become something more than figurative, for a trope to become reality.»

A descrição progride da paralisia causada pela dor, denotada pela forma verbal *deriguit*, e amplificada por uma sequência de negações (*nullos... capillos; sine sanguine, inmota, nihil... uiuum*), para o sentido real de verbos como *congelat* e de acções dependentes de *desistunt posse* ou *nec... potest*. Avança-se também do aspecto exterior, associado normalmente à expressão da dor, para o interior do corpo de Níobe (*interius; intra*), o que mostra, efectivamente, a sua petrificação:

*ipsa quoque interius cum duro lingua palato
congelat, et uenae desistunt posse moueri;
nec flecti ceruix nec brachia reddere motus
nec pes ire potest; intra quoque uiscera saxum est. (Met. 6.306-309)*

A transformação de Níobe em pedra materializa a imagem frequente da paralisação provocada pela dor, que aparece associada a outras *matres orbae* ou a personagens que se apresentam num estado psíquico alterado. No caso de Níobe, foi a dor de perder os filhos que lhe tirou a vida, dor que, no entanto, se mantém nela, já que continua a derramar lágrimas:

*flet tamen et ualidi circumdata turbine uenti
in patriam rapta est; ibi fixa cacumine montis
liquitur, et lacrimas etiamnum marmora manant. (Met. 6.310-312)*

A aliteração em nasais do último verso parece reproduzir um gemido de dor. Níobe transformou-se numa pedra, mas a sua dor permanece, imperecível. A esterilidade do rochedo é extremamente apropriada para Níobe. Ela que era, no início, a imagem da fertilidade é agora um rochedo que um turbilhão de vento levou para o monte Sípilo. A transformação de Níobe inclui, assim, também uma deslocação que é, ao mesmo tempo, um regresso à pátria e um exílio. É que Níobe é afastada da cidade e levada para o cume do monte. A mãe *orba* é relegada: deixa de pertencer à comunidade e torna-se um elemento da natureza inóspita e selvagem.

Na tragédia de Sófocles, Antígona compara o seu destino ao de Níobe⁷⁹². A noiva que não casará compara-se à mãe que tantos filhos gerou. Ironicamente, porém, na metamorfose de Níobe, que Antígona evoca⁷⁹³, a situação de ambas é, efectivamente, muito semelhante: Níobe transformada em pedra e Antígona sepultada viva na pedra; esta chorando o irmão insepulto e proscrito, aquela os filhos chacinados; as duas completamente sós, alheadas da sociedade que não se identifica com nenhuma; e, para ambas, uma morte silenciosa⁷⁹⁴, em contacto próximo com os cadáveres do irmão, no caso de uma, dos filhos e filhas, no caso de outra. Rodeadas de mortos e estéreis e condenadas a uma forma de existência ambígua. Antígona condenada a ficar

⁷⁹² Para uma interpretação desta associação e da referência que Electra faz a Níobe (S. *El.* 150-153), cf. DUBOIS (1991: 95-96).

⁷⁹³ S. *Ant.* 823-833: “Há muito eu ouvi que a filha de Tântalo, / a frigia estrangeira, no monte Sípilo, / teve morte horrível, /quando a pedra, crescendo a venceu, / como a hera agarrada; / e agora / não a deixa nunca a chuva ou a neve, / - é fama entre os homens -, / consome-se; e os olhos, sem cessar, / o peito lhe humedecem. / Em sorte igual me envolve o destino.” (trad. de ROCHA PEREIRA (1992³: 75)).

⁷⁹⁴ Nas considerações que tece sobre a dor nas *Tusculanae Disputationes* Cícero associa a metamorfose de Níobe ao silêncio: *Nioba fingitur lapidea propter aeternum, credo, in luctu silentium* (*Tusc.* 3.63).

insepulta, Níobe “uma anomalia permanente”⁷⁹⁵, transformada num rochedo que a mantém chorando, um ser morto aprisionado no mundo dos vivos.

Procne

Procne é, juntamente com Medeia, o símbolo mais representativo da mãe que mata os próprios filhos. O episódio, um dos mais terríveis das *Metamorfoses*, divide-se em três partes: a ajuda de Tereu a Pandíon e casamento daquele com Procne, filha deste (*Met.* 6.424-438); a descrição do nascimento e da consumação da paixão de Tereu pela cunhada, Filomela (*Met.* 6.438-570); e, por fim, o salvamento de Filomela pela irmã e a dilaceração do corpo de Ítis, filho de Procne e Tereu, para punir este pela violação e mutilação da cunhada (*Met.* 6.571-674).

As relações familiares assumem um papel determinante em todo o episódio, pois condicionam a percepção que as personagens (e o leitor) têm da acção. Também o facto de todos os participantes na narrativa estarem unidos por laços de parentesco acentua a fatalidade do episódio.

A segunda parte mostra a crueldade de Tereu que, deixando-se dominar pela paixão, despreza as relações familiares e sociais e a deferência que deve ao sogro e à família de Procne. Quando se despede de Filomela, Pandíon confia a vida desta a Tereu:

*‘hanc ego, care gener, quoniam pia causa coegit,
et uoluere ambae (uoluisti tu quoque, Tereu),
do tibi perque fidem cognataque pectora supplex,
per superos oro, patrio ut tuearis amore
et mihi sollicitae lenimen dulce senectae
quam primum (omnis erit nobis mora longa) remittas.
tu quoque quam primum (satis est procul esse sororem),
si pietas ulla est, ad me, Philomela, redito.’* (*Met.* 6.496-503)

⁷⁹⁵ A expressão é de IRVING (1998^r: 98).

A despedida de Pandión e Filomela apresenta ecos da despedida de Evandro e Palante (A. 8.558ss.). A expressão *dextram complexus euntis* repete-se nos dois textos (A. 8.558; *Met.* 6.494), mostrando que se estabelece com a pessoa a quem se confia o filho um pacto de confiança mútua. Em ambos os casos, a vida do filho que parte será completamente alterada após a partida: Palante, depois de experimentar a glória militar, morrerá às mãos de Turno; Filomela, desfrutando da esperança e da alegria de poder rever a irmã, será violada, mutilada e afastada do convívio humano pelo cunhado. Como Palante, também Filomela, de uma certa forma, experimentará a morte. Depois da violação, não será a mesma, já que esta a fará transitar, de forma abrupta e inesperada, para uma outra fase da sua vida. Ao cortar-lhe a língua, Tereu pretende destruir na cunhada a capacidade de se defender dele e o desejo de vingança transformará a doce e inocente Filomela numa mulher cruel e capaz de desmembrar uma criança, como se, ao negar-lhe o uso da linguagem, Tereu a privasse dos valores civilizacionais mais básicos.

Pandión mostra que cede aos desejos das filhas e do genro para agradar a Procne (*Met.* 6.496-497) e fá-lo porque são membros da sua família. É o amor para com uma filha que o convence a deixar partir a outra. Por esta razão, confia Filomela a Tereu e roga-lhe que a proteja *patrio... amore* (*Met.* 6.499) e que lhe mande de volta o mais rápido possível⁷⁹⁶, já que ela é *sollicitae lenimen dulce senectae* (*Met.* 6.500). Pandión mostra-se um pai afectuoso e preocupado. As últimas palavras são para Filomela. Pede-lhe que, *si pietas ulla est*, se ela tem algum amor por ele, regresse assim que puder. A ternura de Pandión e a importância que concede às relações familiares, base de uma comunidade organizada e ordeira, opõem-se completamente à barbárie do genro. Quando Filomela abraça o pai, Tereu vê não o amor da filha por Pandión, mas uma

⁷⁹⁶ A urgência do regresso da filha manifesta-se na repetição de *quam primum* (*Met.* 6.501-6.502) e na afirmação *omnis erit nobis mora longa* (*Met.* 6.501).

espécie de desafio e de legitimação dos seus sentimentos transgressivos (*Met.* 6.475-482).

Pandíon despede-se da filha com beijos, lágrimas e recomendações e, para reforçar a confiança depositada no genro, une as mãos direitas de Filomela e Tereu⁷⁹⁷, num acto que evoca a *dextrarum iunctio* dos nubentes, como se, inconscientemente, Pandíon soubesse as intenções do genro. É com dificuldade que pronuncia o último adeus, pois os soluços impedem-no de falar com clareza, mas a sua mente pressente algo nefasto (*timuit suae praesagia mentis*; *Met.* 6.510⁷⁹⁸). É precisamente a descrição rápida da morte de Pandíon que encerra a história. Depois da narrativa dos acontecimentos trágicos e da fortuna que se abate sobre os seus, Pandíon sucumbe:

*Hic dolor ante diem longaeque extrema senectae
tempora Tartareas Pandiona misit ad umbras.* (*Met.* 6.675-676)

Ao violar Filomela, Tereu afasta-se das regras de convivência social que o ligam a Pandíon. Depois de conseguir convencer o sogro a deixar partir com ele Filomela, Tereu dirige-se para a Trácia, mas, ao invés de a levar para o palácio, arrasta-a para um estábulo no meio da floresta⁷⁹⁹. Para consumir a sua paixão criminosa, Tereu introduz-se num mundo sem civilização e em que domina a bestialidade e a barbárie⁸⁰⁰, tópicos que aparecem associados ao rei trácio desde o início do episódio.

⁷⁹⁷ A união da mão direita acontece outras duas vezes neste episódio, acentuando a confiança que virá a ser traída: quando Tereu, à chegada, cumprimenta o sogro (*Met.* 6.447-448) e quando ambos se despedem (*Met.* 6.494).

⁷⁹⁸ Cf. semelhanças deste verso com *A.* 10.843, em que Mezêncio pressente que o filho morreu: *Agnouit longe gemitum praesaga mali mens.*

⁷⁹⁹ *in stabula alta trahit, siluis obscura uetustis* (*Met.* 6.521); note-se a conveniência do adjetivo *obscura*, como se, com a sua sombra, os bosques protegessem o estábulo do resto do mundo. Em *Met.* 6.595, o estábulo é caracterizado como *auius*, isto é, inacessível.

⁸⁰⁰ Cf. o símile que compara Tereu a um animal predador (um lobo e uma águia) e Filomela à sua presa (uma *agna* e uma pomba): *illa tremit uelut agna pauens quae saucia cani / ore excussa lupi*

Tereu regressa a casa com a notícia falsa de que Filomela morreu e Procne chora a irmã:

*uelamina Procne
deripit ex umeris auro fulgentia lato
induiturque atras uestes et inane sepulcrum
constituit falsisque piacula manibus infert
et luget non sic lugendae fata sororis. (Met. 6.566-570)*

Procne retira o véu bordado a ouro e veste roupas negras de luto. Na impossibilidade de a sepultar, constrói-lhe um cenotáfio e oferece sacrifícios em honra da irmã que não morreu. No seu engano, Procne executa as funções fúnebres que a ausência de um cadáver lhe permite e faz o luto pela irmã (*luget non sic lugendae fata sororis; Met. 6.570*). Realce-se a normalidade da reacção de Procne, que aceita de forma pacífica o relato de Tereu, de quem não tem razões para desconfiar, e que desempenha com serenidade as acções que, em seu entender, deve realizar em honra da irmã presumivelmente morta.

Algum tempo depois, porém, Filomela consegue fazer chegar à irmã o relato do que lhe acontecera, tecendo sinais (imagens ou palavras?⁸⁰¹) numa tela. A reacção de Procne é, como afirma o próprio narrador, surpreendente:

*euoluit uestes saeui matrona tyranni
germanaeque suae fatum miserabile legit*

nondum sibi tuta uidetur, / utque columba suo madefactis sanguine plumis / horret adhuc audiosque timet quibus haeserat unguis. (Met. 6.527-530). Já antes, ainda no palácio de Pandión, Tereu é comparado a uma ave de rapina e Filomela a uma lebre por ela capturada: *non aliter quam cum pedibus praedator obuncis / deposuit nido leporem Iouis ales in alto; / nulla fuga est capto, spectat sua praemia raptor. (Met. 6.516-518).*

⁸⁰¹ WHEELER (1999: 52-53) considera que Filomela tece letras, ao contrário do que acontecia na tragédia perdida de Sófocles, com o título *Tereu*, em que tecia imagens. Cf. o texto de Ovídio: *stamina barbarica suspendit callida tela / purpureasque notas filis intexuit albis, / indicium sceleris. (Met. 6.576-578).* A leitura destas palavras, que WHEELER considera ter sido feita em voz alta por Procne, propicia o efeito encantatório do *carmen miserabile* (Met. 6. 582): «(...) Procne reads the words of her sister aloud and then becomes speechless.» (52) O *carmen* efectua, assim, uma inversão nas duas irmãs, já que dá voz a Filomela, a quem Tereu tirou a capacidade de comunicar, e impede Procne de falar: «The dramatization of Philomela's writing and Procne's reading results in the breakdown of distinctions between the two sisters.» (53).

*et (mirum potuisse) silet. dolor ora repressit,
uerbaque quaerenti satis indignantia linguae
defuerunt; nec flere uacat, sed fasque nefasque
confusura ruit poenaeque in imagine tota est. (Met. 6.581-586)*

O silêncio de Procne, que parece uma duplicação da mudez de Filomela, é apenas uma fachada. Se a rainha não pronuncia palavra alguma, se não grita nem insulta o marido, é porque não tem palavras que se adequem à enormidade do crime deste. A dor de Procne não lhe permite falar nem chorar. Mas dentro dela, quebram-se os limites entre o bem e o mal. É como se o choro e a expressão livre da dor permitissem restabelecer o equilíbrio das emoções num momento adverso. Quando a dor não se manifesta exteriormente, a normalidade não se pode recuperar. Depois de saber o que aconteceu à irmã, Procne transforma-se e é dominada pelo desejo de vingança⁸⁰².

As cerimónias em honra de Baco e a preparação de Procne para estas cerimónias são um pretexto para a vingança da rainha:

*Tempus erat, quo sacra solent trieterica Bacchi
Sithoniae celebrare nurus. nox conscia sacris,
nocte sonat Rhodope tinnitibus aeris acuti,
nocte sua est egressa domo regina deique
ritibus instruitur furialiaque accipit arma. (Met. 6.587-591)*

A repetição de *nox... nocte... nocte* situa os acontecimentos próximos na escuridão e, por este motivo, torna-os assustadores. Procne prepara-se para os rituais como quem se arma para um combate:

*uite caput tegitur, lateri ceruina sinistro
uelleram dependent, umero leuis incubat hasta.
concita per siluas turba comitante suarum
terribilis Procne furiisque agitata doloris,
Bacche, tuas simulat. (Met. 6.592-596)*

⁸⁰² A expressão *poenaeque in imagine tota est* (Met. 6.586) repete-se em Met. 13.546, referindo-se a Hécuba, e une ambas no desejo de vingarem, uma a ofensa cometida contra a irmã, a outra a morte do filho.

A longa descrição do aspecto de Procne equivale a uma metamorfose. Não é, porém, o espírito de Baco que influencia a rainha, mas a dor de saber o que aconteceu a Filomela. Se Procne é, agora, *terribilis*, é porque encontrou um aspecto exterior condizente com a sua disposição interior. No entanto, esse aspecto não é mais do que um embuste para disfarçar os seus intentos. A expressão *turba comitante suarum* associa Procne a outras personagens que agem em grupo, nomeadamente Agave e as irmãs, ou mesmo Níobe, aparecendo em público (*comitum Niobe celeberrima turba*; Met. 6.165). Todavia, ao contrário de Agave, *insano concita cursu*, o percurso de Procne através dos bosques (*concita per siluas*; Met. 6.594) tem um destino certo e pensado: o estábulo em que Tereu escondera Filomela.

*uenit ad stabula auia tandem
exululatque euhoeque sonat portasque refringit
germanamque rapit raptaeque insignia Bacchi
induit et uultus hederarum frondibus abdit
attonitamque trahens intra sua moenia ducit. (Met. 6.596-600)*

Os gritos antecedem o encontro das irmãs. Procne *exululat* e grita *euhoe*, como Ino, antes de saltar do rochedo com o filho nos braços (Met. 4.523). Sem se identificar, Procne esconde o rosto de Filomela sob os ornamentos do culto de Baco e traz a irmã para o palácio. Traz também consigo a barbárie com que Tereu contagiou Filomela. A viagem de Procne aos bosques e a celebração dos cultos de Baco parecem funcionar como uma preparação para a vingança que se segue. É já no palácio que Procne revela à irmã os seus planos:

*ardet et iram
non capit ipsa suam Procne fletumque sororis
corripiens 'non est lacrimis hoc' inquit 'agendum,
sed ferro, sed si quid habes, quod uincere ferrum
possit. in omne nefas ego me, germana, parauit:
aut ego, cum facibus regalia tecta cremabo,
artificem mediis immittam Terea flammis,
aut linguam atque oculos et quae tibi membra pudorem
abstulerunt ferro rapiam, aut per uulnera mille
sontem animam expellam. magnum quodcumque parauit;
quid sit, adhuc dubito.' (Met. 6.609-619)*

A enumeração das formas que Procne sugere para castigar Tereu tem a função de mostrar o poder da sua ira. Procne procura um castigo terrível para o marido, mas só quando o filho se aproxima dela e, notando as semelhanças com Tereu, afirma *a! quam es similis patri!* (Met. 6.621-622)⁸⁰³, é que vem ao espírito de Procne a ideia de matar a criança. Procne tinha outros planos. Matar Ítis não fazia parte das formas que primeiro imaginara para punir Tereu.

Quando o filho se aproxima de Procne, no entanto, o amor de mãe e as lágrimas abrem caminho através do desejo de vingança:

*ut tamen accessit natus matrique salutem
attulit et parvis adduxit colla lacertis
mixtaque blanditiis puerilibus oscula iunxit,
mota quidem est genetrix infractaque constitit ira
inuitique oculi lacrimis maduere coactis.* (Met. 6.624-628)

A ternura da criança, os seus abraços e beijos lembram a Procne a sua maternidade. Se o aspecto de Ítis é uma reminiscência do pai, é, no entanto, o contacto físico com a mãe que faz com que esta se identifique como tal. Rapidamente, no entanto, regressa a lembrança da irmã. Se, ao ver o rosto de Ítis e porque vê nele o do pai, Procne encontra uma forma de se vingar, a contemplação do rosto de Filomela é um aviso constante da premência dessa vingança:

*inque uicem spectans ambo 'cur admouet' inquit
'alter blanditias, rapta silet altera lingua?
quam uocat hic matrem, cur non uocat illa sororem?
cui sis nupta uide, Pandione nata, marito:
degeneras; scelus est pietas in coniuge Terei.'* (Met. 6.631-635)

Em Procne debatem-se a *mater* e a *soror*, a ternura materna e o amor ultrajado, e, como numa *suasoria*, os argumentos contra e a favor da punição do marido

⁸⁰³ Cf. a mesma ideia expressa por Medeia na *Heróide* 12: *Et nimium similes tibi sunt* (Ep. 12.189). Hipsípile manifesta a sua preocupação pelo facto de a semelhança dos seus filhos com o pai, Jasão, poder representar um perigo para estes, por suscitar a cólera de Medeia: *si quaeris, cui sint similes, cognosceris illis: / fallere non norunt, cetera patris habent.* (Ep. 6.123-124).

sucedem-se. O conflito é, todavia, breve, o que faz com que esta apareça aos olhos do leitor como uma personagem cruel e desumana⁸⁰⁴. É este motivo da bestialidade, já presente na descrição da paixão de Tereu, que se desenvolve na comparação da mãe carregando o filho com uma fêmea de tigre arrastando uma cria de veado e que antecede a descrição da morte horrenda de Ítis.

Tudo acontece na parte mais recôndita da casa, domínio das mulheres, o que pode ser interpretado como um regresso de Ítis a uma condição de completa vulnerabilidade e dependência da vontade da mãe. A vida de Ítis depende agora da mãe e Procne não hesita, mesmo quando o filho, que não passa de uma criança de tenra idade, lhe estende as mãos em súplica e grita ‘*mater, mater*’:

*utque domus altae partem tenuere remotam,
tendentemque manus et iam sua fata uidentem
et ‘mater, mater’ clamantem et colla petentem
ense ferit Procne, lateri qua pectus adhaeret,
nec uultum uertit. (Met. 6.638-642)*

Procne deixou de ser mãe de Ítis e, por essa razão, como Agave enlouquecida por Baco, não ouve a voz do filho. Porque Ítis já não é Ítis, mas um duplo do pai. Em Ítis, Procne mata o marido traidor e bárbaro. É por esse motivo que não desvia os olhos quando fere o filho. Não é o filho que vê, mas Tereu. Procne e Filomela medem a crueldade da sua vingança pela crueldade dos actos deste. O golpe que Procne desferiu no filho seria o suficiente para o matar, mas não seria uma vingança suficiente para a mãe e para a tia. A desumanidade das irmãs contrasta, assim, com a vulnerabilidade da criança. Filomela corta a garganta do sobrinho, como Tereu lhe cortara a ela a língua.

*satis illi ad fata uel unum
uulnus erat; iugulum ferro Philomela resoluit,
uiuaque adhuc animaeque aliquid retinentia membra
dilaniant. pars inde cauis exsultat aenis,
pars ueribus stridunt; manant penetralia tabo. (Met. 6.642-646)*

⁸⁰⁴ Ao contrário do que acontece com Alteia; cf. *infra*, p. 407.

Estes versos, que descrevem o assassinio de Ítis pela mãe e pela tia são do mais cruel (senão os mais cruéis) que Ovídio escreveu. O facto de Filomela degolar a criança, quando um golpe era suficiente para a matar, não é, ainda assim, tão horrendo como a descrição assustadoramente realista do desmembramento do corpo de Ítis. As duas mulheres⁸⁰⁵ dilaceram os membros que ainda têm vida. O narrador afirma que uma parte deles *exsultat* nos caldeirões⁸⁰⁶, os restantes *stridunt* nos espetos. Estes dois verbos dão continuidade à noção de que o cadáver da criança mantém ainda uma réstia de vida, já que tem movimento e produz sons.

A descrição do desmembramento de Ítis equivale à violação e mutilação de Filomela, no início do episódio. Opõe-se-lhe, todavia, na exuberância dos detalhes, como se, de alguma maneira, o narrador pretendesse compensar a exiguidade com que descreve o crime de Tereu⁸⁰⁷ com o excesso de informações grotescas da morte da criança. LUGO (2007: 402) considera que a história de Filomela pode ser encarada como «an oddly graphic embrace of the grotesque», que, na nossa opinião, não se limita à representação narrativa da violação, mas atinge o seu ponto mais alto no desmembramento de Ítis. O recesso da casa destila sangue pútrido⁸⁰⁸. Se tivermos em conta a associação das divisões mais reservadas da casa ao ventre materno, a dilaceração de Ítis que aí ocorre parece

⁸⁰⁵ Repare-se na afinidade da morte de Ítis e de Penteu: ambos morrem pela mão da mãe e de uma ou de duas tias maternas.

⁸⁰⁶ Note-se que o verbo *exsultare*, que aqui deve ter o sentido de “saltar enquanto ferve”, aparece na descrição da satisfação secreta de Tereu quando Pandión permite que a filha o acompanhe (*Met.* 6.514): ‘*uicimus!*’ *exclamat ‘mecum mea uota feruntur’ / exultatque (...)*

⁸⁰⁷ O mesmo acontece com a descrição da mutilação. A língua cortada parece, de alguma forma, significar mais do que isso, como se a mutilação substituísse a violação.

⁸⁰⁸ Atente-se na construção da frase: o sujeito de *manant*, ao contrário do que se esperaria, é *penetralia*, o interior da casa e não *tabum*, o sangue em putrefacção. É como se a parte mais recôndita da casa se tivesse tornado líquida com o sangue da criança.

corresponder à destruição do filho antes do nascimento. É como se Procne destruísse a mãe que é, como se arrancasse de si a sua maternidade.

Procne e Filomela dão as entranhas de Ítis a comer ao pai e, quando Tereu procura o filho, Procne anuncia-lhe com *crudelia gaudia* (Met. 6.653): *intus habes, quem poscis* (Met. 6.655). Mas só quando Filomela atira a cabeça da criança para a frente do pai é que a vingança está completa. Quanto a Tereu, transforma-se, neste último momento, no símbolo patético do pai *orbus*. Grita e afasta a mesa onde comeu as entranhas do filho, que são também uma parte de si próprio⁸⁰⁹ e que, agora, deseja tirar, semi-digeridas, do seu ventre (Met. 6.663-664). Ao dar ao pai a comer o corpo do filho, Procne une fisicamente ambos. O filho que, na vingança da mãe, não era mais do que um duplo do pai, é agora uma parte deste. O objecto da vingança e o destinatário da vingança fundiram-se, finalmente, num só. É como se a mãe tivesse abdicado da vida do filho e a tivesse devolvido ao pai. Note-se que o pai que comeu o corpo do filho reproduz de forma trágica uma gravidez. No entanto, o filho, gerado no ventre materno, não pertence ao interior do corpo do pai.

Como a mãe em luto, também o pai chora, mas o sentimento mais característico do pai e que, normalmente, está ausente do lamento da mãe, é o desejo de vingança.

Procne não reage como mãe à morte do filho. Em momento algum, depois de ter tomado a decisão de o matar, Procne chora ou lamenta a morte de Ítis. Ovídio apresenta-a, assim, como uma personagem dominada pelo desejo de vingança que, depois de optar por esta, deixa de se identificar como mãe e de considerar o filho como tal. Ovídio omite qualquer referência à identificação do canto do rouxinol com o lamento de Procne pelo filho. Pelo contrário, a metamorfose de Procne mantém as reminiscências do seu crime, pois as penas

⁸⁰⁹ *ipse sedens solio Tereus sublimis auito / uescitur inque suam sua uiscera congerit aluum.* (Met. 6.650-651). Realce-se a função do poliptoto *suam-sua*, organizado em volta da cesura pentemímera, que mostra a fusão física entre o corpo de Ítis e o do pai.

das aves em que as irmãs se transformam apresentam-se manchadas de sangue. É a mãe criminosa e vingadora que a metamorfose imortaliza, não a mãe em dor que vemos, por exemplo, em Horácio: *Nidum ponit, Ityn flebiliter gemens, / infelix auis* (*Carm.* 4.12.5-6). LUGO (2007: 402) afirma: «The alteration of shape in this tale lies not in any magic spell, but in the spiritual. Though a transformation caps the story, it is an extension of a mutation that overcomes the protagonists' soul.» A metamorfose de Procne acontece muito antes de lhe nascerem penas manchadas de sangue. Começa quando as relações e as leis humanas deixam de fazer sentido no seu espírito.

Alteia e as irmãs de Meleagro

O episódio da morte de Meleagro, provocada pela mãe, insere-se na narrativa da caçada ao javali de Cálidon, enviado por Diana para se vingar do facto de Eneu lhe não ter prestado as honras devidas (*Met.* 8.273ss.). Ajudado por heróis de origens distintas, Meleagro mata o javali e oferece a sua cabeça a Atalanta, por quem se apaixonara. Os tios maternos do jovem, a que Ovídio dá o nome de Plexipo e Toxeu ou identifica pelo patronímico Testíadas, indignados pela oferta, retiram a cabeça do javali a Atalanta e Meleagro, ofendido, mata os tios sem hesitar.

As afinidades entre Alteia e Procne são consideráveis. Ambas matam os filhos para vingar uma ofensa cometida contra, num caso, a irmã, no outro, os dois irmãos. No entanto, Meleagro era culpado pela morte dos tios, que assassinou de forma intencional e consciente. Ítis, pelo contrário, é inocente de qualquer crime.

Desconhecedora do que acontecera aos irmãos, Alteia leva para o templo ofertas aos deuses pela vitória do filho:

Dona deum templis nato uictore ferebat,

cum uidet extinctos fratres Althaea referri. (Met. 8.445-446)

Vislumbramos, assim, por breves momentos, a mãe orgulhosa e grata pelas façanhas do filho. No entanto, estes sentimentos não duram mais do que o espaço de um verso⁸¹⁰, já que, logo a seguir, a visão dos cadáveres dos irmãos transforma Alteia:

*quae plangore dato maestis clamoribus urbem
implet et auratis mutauit uestibus atras; (Met. 8. 447-448)*

ANDERSON (1972: *ad* 447-448) comenta assim estes versos: «the gesture of changing golden raiment for black implies the theme of metamorphosis which is Ovid interest: but she is not merely performing a ritual; she is radically transformed, a psychologically different person, as the result of these deaths.» A reacção à morte dos irmãos apresenta os elementos convencionais da dor: os golpes no peito, os gritos pela cidade, o luto. A irmã enlutada dá, no entanto, lugar à mãe vingativa, quando Alteia compreende que foi o próprio filho quem matou os tios maternos:

*excidit omnis
luctus et a lacrimis in poenae uersus amorem est. (Met. 8.449-450)*

A mãe decide, então, pôr um fim à vida de Meleagro. Ordena que lhe tragam um tição a que a vida do jovem estava ligada desde a nascença (*Met. 8.451-457*) e que ela guardara com desvelo nas zonas menos expostas da casa (*Met. 8.458-461*). Alteia mandou que o preparassem para arder, mas hesitou, incapaz de o queimar:

*tum conata quater flammis imponere ramum
coepta quater tenuit; pugnat materque sororque
et diuersa trahunt unum duo nomina pectus. (Met. 8.462-464)*

⁸¹⁰ A antítese entre *nato uictore* e *extinctos fratres* antecipa o conflito de sentimentos que se travará no espírito de Alteia. O particípio *extinctos* introduz, de acordo com SEGAL (1999: 319), a imagem do fogo que dominará o episódio. Também Meleagro será literalmente *extinctus*, juntamente com o tição que a mãe lança ao fogo: *simul est extinctus uterque* (*Met. 8.523*).

A indecisão da mãe é descrita em dezassete versos, as palavras que profere em trinta e um, o que parece mostrar a hesitação de Ovídio em apresentá-la como uma assassina fria e sem sentimentos⁸¹¹. Nestes versos, o narrador descreve a oscilação de Alteia entre o amor de mãe e o desejo de vingar a morte dos irmãos (*pugnat materque sororque*; *Met.* 8.463). As repetições e poliptotos⁸¹² que dominam a descrição dos sintomas físicos do conflito interior de Alteia dão lugar, nos últimos versos, às *deriuationes*⁸¹³ (*consanguineas* – *sanguine*; *impietate* – *pia*) com que se resume a vitória do desejo de vingar os irmãos:

*incipit esse tamen melior germana parente
et, consanguineas ut sanguine leniat umbras,
impietate pia est. (Met. 8.475-477)*

Segue-se um longo monólogo que amplifica a indeterminação de Alteia. *Rogus iste cremet mea uiscera* (*Met.* 8.478) é a primeira frase que pronuncia. É, no entanto, ambígua, uma vez que utiliza a expressão *mea uiscera* para, por metonímia, se referir ao filho, criando assim uma fusão entre a vida do filho e a sua⁸¹⁴. O filho não é, neste momento, um ser diferente da mãe, mas uma parte do corpo desta.

A invocação às Euménides, que Alteia, *infelix* (*Met.* 8.480), pronuncia de pé, perante o altar, associa-a à punição dos crimes, que é atribuição destas deusas. O monólogo começa com três poliptotos que lhe dão um tom sinistro e, pelas aliteraões, a sonoridade de uma fórmula encantatória:

⁸¹¹ SEGAL (1999: 319) comenta assim a importância do conflito interior de Alteia: «This long scene of a woman's agonizing emotional conflict, in the manner of the Ovidian internal debate, dwarfs the role of Meleager himself.»

⁸¹² Poliptotos: *seruatus* / *seruauerat* (*Met.* 8.459); *poni* (*Met.* 8.459) / *positis* (*Met.* 8.460); *lacrimas* (*Met.* 8.469) / *lacrimae* (*Met.* 8.470); *uentus* / *uento* (*Met.* 8.471); *ponit* / *positam* (*Met.* 8.474). Repetiões: *quater* (*Met.* 8.462, 8.463); *saepe* (*Met.* 8.465, 8.466; repetiões anafóricas); *modo* (*Met.* 8.467, 8.468).

⁸¹³ Cf. n. 700.

⁸¹⁴ Uso semelhante da expressão faz Cefeu, referindo-se à filha, Andrómeda, em *Met.* 5.18-19. Refere-se ao monstro marinho como: (...) *quae uisceribus ueniebat belua ponti / exsaturanda meis*.

*'ulciscor facioque nefas; mors morte pianda est,
in scelus addendum scelus est, in funera funus.'* (Met. 8.483-484)

Alteia identifica-se com a família que lhe deu origem. Por este motivo, decide compensar o pai, Téstio, pela morte dos filhos, e impedir que Eneu, o seu próprio marido e pai do seu filho, celebre a vitória de Meleagro:

*'an felix Oeneus nato uictore fruetur,
Thestius orbis erit? melius lugebitis ambo.'* (Met. 8.486-487)

A antítese *felix Oeneus / Thestius orbis* retoma a situação de Níobe. Esta pergunta retórica e as que se seguem dão ao discurso de Alteia a ilusão de se tratar de um debate. O debate é, porém, interno. Por vezes, irrompe no discurso o amor maternal:

*'mens ubi materna est? ubi sunt pia iura parentum
et quos sustinui bis mensum quinque labores?'* (Met. 8.499-500)

No entanto, é rapidamente superado pelo desejo de que o filho tivesse morrido naquele primeiro momento da sua vida em que a mãe tirou do fogo o tição e o salvou (Met. 8.501-502). Meleagro deve a vida à mãe, não apenas porque esta o gerou, mas porque salvou do fogo o pedaço de madeira de que dependia a vida do filho. Tem uma dívida dupla para com ela. *Vixisti munere nostro, / nunc merito moriere tuo!* (Met. 8.502-503), afirma, como que para se convencer de que a morte do filho é merecida e de que ela, que lhe ofereceu duas vezes a vida, tem o direito de lha tirar, porque ele a privou da vida dos irmãos⁸¹⁵. O raciocínio que Alteia segue tem como finalidade legitimar o desejo de vingança. O acto, porém, é mais difícil de realizar:

*'et cupio et nequeo. quid agam? modo uulnera fratrum
ante oculos mihi sunt et tantae caedis imago,
nunc animum pietas maternaque nomina frangunt.'* (Met. 8.506-508)

⁸¹⁵ Cf. o resumo que Briseide apresenta da história de Alteia a quem não identifica pelo nome mas apenas pela perda dos irmãos: *Fratribus orba / deuouit nati spemque caputque parens.* (Ep. 3.93-94).

A decisão de matar o filho é apresentada como uma vitória dos irmãos, não como uma vitória sua. Alteia reconhece-se como vítima do que vai fazer. *Me miseram!* exclama, antes de apresentar como condição para a morte do filho a sua própria morte:

*'me miseram! male uincetis, sed uincite, fratres,
dummodo quae dederō uobis solacia uosque
ipsa sequar.'* (Met. 8.509-511)

É que a mãe não pode continuar a existir depois da morte de Meleagro e o facto de ser Alteia a causá-la implica a sua própria aniquilação como mãe.

Ao contrário de Agave e Ino, Alteia não foi manipulada por divindade alguma, mas age impelida pelo desejo de vingança. É a *ira feruens* (Met. 8.466) que a leva a causar a morte do filho. Por este motivo, a decisão de Alteia é consciente⁸¹⁶ e resulta de uma reflexão que começa com a afirmação ambígua *rogus iste cremet mea uiscera* (Met. 8.478). É por esta razão que decide pôr também um fim à sua vida (Met. 8.509-511).

Dextra tremēti (Met. 8.511), Alteia lança ao fogo o pedaço de madeira. No mesmo instante, Meleagro sente as entranhas arder e lamenta esta morte estranha e sem glória (Met. 8.518-519). Na agonia da morte, chama pelos familiares:

*grandaeuumque patrem fratresque piasque sorores
cum gemitu sociamque tori uocat ore supremo,
forsitan et matrem.* (Met. 8.520-521)

Chama também – *forsitan*, afirma o narrador (Met. 8.522) – pela mãe. Como Meleagro morre sem entender como nem porquê, a introdução de *forsitan* aqui parece reflectir a intenção de o narrador acrescentar uma referência trágica ao facto de o jovem chamar pela mãe, quando foi ela quem causou a sua morte. Separa também a mãe dos restantes familiares.

Se a mãe não chora Meleagro, chora-o a cidade inteira:

⁸¹⁶ Cf. Met. 8.531: *diri sibi conscia facti*. Repare-se na diferença entre Alteia *conscia* e Meleagro *insciis* (Met. 8.515).

*Alta iacet Calydon; lugent iuuenesque senesque,
uulguisque proceresque gemunt, scissaeque capillos
planguntur matres Calydonides Eueninae. (Met. 8.526-528)*

A acumulação de opostos (*iuuenes/senes*; *uulguis/proceres*) e de verbos com o significado de chorar (*lugent*, *gemunt*, *planguntur*) mostram a generalização da dor. Todos lamentam a morte do herói. O pai, prostrado no chão, suja os cabelos e o rosto com pó e lamenta ter vivido tanto. A descrição da sua dor é convencional e recupera atitudes de luto tradicionais, também presentes na reacção das irmãs:

*puluere canitiem genitor uultusque seniles
foedat humi fusus spatiosumque increpat aeuum. (Met. 8.529-530)*

O pai, *grandaeuum*, é, assim, apresentado como uma figura frágil e impotente perante a tragédia do filho. Esta caracterização associa-o a Anfíon que, incapaz de suportar a dor de perder os filhos, se suicida. A reacção da mãe é diferente. Se não chora o filho é porque se puniu pelo crime que cometeu:

*nam de matre manus diri sibi conscia facti
exegit poenas acto per uiscera ferro. (Met. 8.531-532)*

Alteia trespassa com a espada as entranhas de onde o filho nasceu. Neste aspecto, podemos associar Alteia a Tereu, que engole *sua uiscera* (Met. 6.651). Assim, Alteia não é só a mãe vingadora e cruel. Ela é também, porque se identifica com o filho, o destinatário da sua vingança. Repare-se na expressão: *de matre... exegit poenas*. É a mãe que é punida. Alteia castiga a sua maternidade, consciente do horror do seu crime. SEGAL (1999: 329) comenta a diferença entre a morte de Meleagro e a de Alteia e afirma que a morte daquele tem contornos anti-heróicos, porque este sofre «a reversion to the helplessness of the infant before a mother, whose initial rescue of her child from death is so prominent.»

A morte de Alteia, que se suicida com a espada, tem as características que a de Meleagro não tem e que ele deseja que tivesse (*Met.* 8.518-519)⁸¹⁷.

Neste episódio, Ovídio realça o facto de a vida do filho depender da vontade da mãe. Meleagro só existe porque, no momento do parto, Alteia retirou da lareira o tição. O filho está, assim, completamente dependente da acção da mãe. Vive enquanto ela não destruir o talismã de que depende a sua existência. A mãe protectora do momento do parto, que, ao retirar do fogo a acha de madeira, deu a vida ao filho, transforma-se na mãe cruel e vingativa que, por antepor à vida do filho outros interesses, causa a morte deste. Afirma SEGAL (1999: 326): «It is as if one who has incurred his mother's hatred has also lost something indispensable to the vital energy that makes his life possible, and the withdrawal of her love means his death.» Ao assassinar os tios, Meleagro corta os laços que o prendem à mãe. Por esta razão, ela destrói a vida do filho, que não tem capacidade de se defender. O herói destemido da caçada transforma-se num ser sem recursos para fazer frente à ira da mãe, exactamente do mesmo modo que, nos primeiros momentos da sua vida, não teve poder para impedir que o tição ardesse no fogo⁸¹⁸. Se, então, foi a mãe quem o salvou, é também agora a mãe quem lhe retira esse amparo indispensável para que continue a viver.

⁸¹⁷ Cf. o efeito que esta “deslocação” do heroísmo tem nas palavras de Dejanira, filha de Alteia e irmã de Meleagro, quando decide recuperar o amor de Hércules com a veste impregnada com o veneno da hidra de Lerna, que Nesso lhe deu, enganando-a sobre o seu verdadeiro efeito: *‘quid si me, Meleagre, tuam memor esse sororem / forte paro facinus, quantumque iniuria possit / femineusque dolor, iugulata paelice testor?’* (*Met.* 9.149-151). Apesar de tentar igualar-se ao irmão, é com a mãe que Dejanira mais se parece.

⁸¹⁸ Esta vulnerabilidade associa Meleagro a Ítis e a Learco e Melicertes.

São as irmãs quem substitui o lamento da mãe. Como acontece às Heliades, também as irmãs de Meleagro serão metamorfoseadas, depois da morte do irmão⁸¹⁹. O lamento das jovens é anunciado por um motivo épico⁸²⁰:

*non, mihi si centum deus ora sonantia linguis
ingeniumque capax totumque Helicon dedisset,
tristia persequeretur miserarum fata sororum.* (Met. 8.533-535)

O exagero do prelúdio denota o realce que se pretende dar ao sofrimento das *miserae sorores*. É certo que são as irmãs que sofrem a metamorfose e que legitimam, por assim dizer, a inclusão da história de Alteia e Meleagro. No entanto, não deixa de ser inesperado que o prefácio, que normalmente antecipa temas épicos, anteceda o lamento das jovens pelo irmão.

A descrição da dor das irmãs retoma os gestos tradicionais da dor: os golpes no peito, a procura do contacto com o defunto, primeiro os beijos e abraços ao cadáver, depois a proximidade com o túmulo, que, neste caso, acaba por substituir o cadáver:

*immemores decoris liuentia pectora tundunt
dumque manet corpus, corpus refouentque fouentque.
oscula dant ipsi, posito dant oscula lecto;
post cinerem cineres haustos ad pectora pressant
adfusaeque iacent tumulo signataque saxo
nomina complexae lacrimas in nomina fundunt.* (Met. 8.536-541)

⁸¹⁹ Umas são metamorfoseadas em choupos, as outras em *meleagrides*, isto é, em galinhas-da-Índia. Apesar das afinidades, a descrição da dor das irmãs de Faetonte é bem mais comedida que a das de Meleagro.

⁸²⁰ Adaptação de Verg. G. 2.43: *non ego cuncta meis amplecti uersibus opto, / non, mihi si linguae centum sint oraue centum, / ferrea uox*. O mesmo tópico em A. 6.625-627: *Non, mihi si linguae centum sint oraue centum, / ferrea uox, omnis scelerum comprehendere formas, / omnia poenarum percurrere nomina possim*. Sérvio (A. 6.625) afirma que este verso é imitação de Lucrécio que, por sua vez, o adaptou de Homero: *Lucretii uersus sublati de Homero, sed 'aerea uox' dixit*. Em Homero, este prelúdio antecede o catálogo das naus (Il. 2.489ss.): “A multidão eu não seria capaz de enumerar ou nomear, / nem que tivesse dez línguas, ou então dez bocas / uma voz indefectível e um coração de bronze, / a não ser que vós, Musas Olímpias, filhas de Zeus detentor da égide, / me lembrásseis todos quantos vieram para baixo de Ílion. / Enumerarei os comandantes das naus e a ordenação das naus.” Tradução de LOURENÇO (2005: 62).

A frequência dos gestos de dor e a duração do sofrimento das jovens denota-se nas repetições e poliptotos dos versos *Met.* 4.537 a *Met.* 4.539. Contribuem para o mesmo efeito o polissíndeto *refouentque fouentque* e a estrutura assindética do verso seguinte. O carácter físico da dor das irmãs é enfatizado pelas assonâncias e aliteraões⁸²¹ que a repetição vocabular provoca. A expressão *inmemores decoris*, que as caracteriza, demonstra a sua alienação. As jovens, esquecidas das conveniências, entregam-se sem freios à expressão da dor⁸²². A procura de contacto físico com o morto é obsessiva: antes de o cadáver de Meleagro ser cremado, abraçam-no e voltam a abraçá-lo (*Met.* 8.537). A repetição de *corpus*, de *oscula dant* (*Met.* 8. 538), neste caso organizada de forma quiástica, e de *nomina* (*Met.* 8.541), aliadas à derivação *refouentque fouentque* e ao poliptoto *cinere* – *cineres* (*Met.* 8.539), dão à descrição das acções das irmãs um aspecto excessivo e extremamente angustiante, mas também alienado⁸²³. Depois de o cadáver do irmão ter sido cremado, elas continuam a apertar ao peito as cinzas. Depois de sepultado, deitadas sobre o túmulo, abraçam o nome gravado na pedra e derramam lágrimas sobre ele. Concentradas na sua dor, as jovens afastam-se da realidade e este afastamento não tem retorno. É o sofrimento das jovens que põe fim à vingança de Diana, que as transforma em galinhas-da-Índia.

⁸²¹ Importante é também a aliteração de oclusivas e nasais em *Met.* 8.536: *Inmemores decoris liuentia pectora tundunt*, a reproduzir o som dos golpes.

⁸²² Podemos identificar o mesmo tópico na descrição da atitude da mãe de Euríalo, ao saber da morte do filho (Verg. *A.* 9.479-480): *non illa uirum, non illa pericli / telorumque memor*. A situação é, no entanto, diferente. À mãe do jovem está vedado o contacto com o filho, cuja cabeça degolada observa do alto das muralhas, ao passo que as irmãs de Meleagro estão excessivamente próximas do cadáver do irmão.

⁸²³ SEGAL (1999: 321, n. 56) designa o lamento das irmãs como «intensely physical mourning».

Alcmena, Íole e Dríope

Depois da morte e apoteose de Hércules, introduz-se a reacção da mãe, Alcmena. O episódio concede grande visibilidade à cumplicidade entre mulheres e começa com a afirmação de que Alcmena tem apenas a companhia de Íole, a quem pode contar não somente os feitos gloriosos do filho, mas também os *questus... aniles* (Met. 9.276) e *suos casus* (Met. 9.278)⁸²⁴. Alcmena surge, assim, na narrativa como uma mãe desolada e solitária, não fosse a companhia da jovem, desposada por Hilo, filho de Hércules, que estava grávida. Assim, Alcmena e Íole representam duas gerações da mesma família, o que explica a ternura da relação de ambas.

A solidariedade feminina transparece no desejo, expresso por Alcmena, de que os deuses sejam mais favoráveis no parto de Íole do que foram no seu, desejo que motiva a história que a mãe de Hércules contará à jovem. É relevante que a morte do filho faça a mãe recordar o momento em que este nasceu e é a própria Alcmena quem reconhece a invasão que o passado opera no presente:

*quin nunc quoque frigidus artus,
dum loquor, horror habet, parsque est meminisse doloris.* (Met. 9.290-291)

Os sentimentos que recorda ter sentido naquele momento coincidem com os que outras personagens experimentam na morte dos filhos: além da dor, Alcmena designa com o adjectivo *demens* o estado de espírito alterado que a levou a proferir injúrias contra os deuses e até a desejar a morte. Esta dificuldade contrasta com a versão transmitida pelo *Anfitrião* de Plauto, em que Júpiter concedeu a Alcmena um parto sem dor⁸²⁵. Na versão de Ovídio, pelo

⁸²⁴ *at longis anxia curis / Argolis Alcmene, questus ubi ponat aniles, / cui referat nati testatos orbe labores / cuiue suos casus, Iolen habet.* (Met. 9.275-278).

⁸²⁵ Brómia, a velha escrava de Anfitrião, que assistiu ao parto de Hércules e aos acontecimentos incríveis que ocorreram nessa ocasião, diz: *Dum haec aguntur, interea uxorem tuam / neque*

contrário, adensa-se a sensação de peso e de dificuldade, o que confere mais realismo à personagem⁸²⁶.

O episódio apresenta a relação entre grupos de mulheres como uma relação de compreensão e entreajuda. Alcmena partilha com Íole as lembranças do nascimento de Hércules, preparando-a, assim, para o nascimento do seu filho, e recorda o auxílio valioso de Galântis, a serva que enganou Lucina, a deusa dos partos, que, por indicação de Juno, se tinha sentado à porta do quarto, do lado de fora, e, com os joelhos e os dedos cruzados e recitando fórmulas encantatórias, impedia que Alcmena desse à luz o filho (*Met.* 9. 295-301). Só a intervenção de Galântis, que, apercebendo-se da presença da deusa, lhe disse que a criança já tinha nascido, permitiu que Lucina descruzasse as pernas e os dedos. É com saudade que Alcmena recorda o acto da serva, que a deusa metamorfoseou, como punição, em doninha⁸²⁷. A recordação de Galântis e dos tormentos do parto provoca as lágrimas em Alcmena (*Met.* 9.324-325).

Ao ver que Alcmena se comove com a lembrança do destino da serva, Íole conta-lhe a história da irmã, Dríope, transformada em árvore devido a um acto inocente e inadvertido⁸²⁸. Apesar de as lágrimas e a dor lhe embargarem a voz (*Met.* 9.328-329), Íole descreve como, enquanto colhiam flores, Dríope se

gementem neque plorantem nostrum quisquam audivimus; lita profecto sine dolore peperit. (Pl. *Am.* 1098-1100).

⁸²⁶ *quam mihi difficilem Iunonis gratia fecit. / namque laboriferi cum iam natalis adesset / Herculis et decimum premeretur sidere signum, / tendebat grauitas uterum mihi, quodque ferebam / tantum erat ut posses auctorem dicere tecti / ponderis esse Iouem. nec iam tolerare labores / ulterius poteram.* (*Met.* 9.284-290); *cruciata* (*Met.* 9.292); *fessa malis* (*Met.* 9. 293).

⁸²⁷ Esta personagem aparece na Literatura Grega com o nome Galíntias. Para uma síntese das versões da sua metamorfose, cf. IRVING (1998: 205-207). O castigo de Galântis consistia, de acordo com a informação de Alcmena, em condená-la a dar à luz pela boca: *quae quia mendaci parientem iuuera ore, / ore parit nostrasque domos, ut et ante, frequentat.* (*Met.* 9.322-323).

⁸²⁸ Para as diferenças entre a versão de Ovídio e a de Nicandro, cf. IRVING (1998: 263-264), FANTHAM (2004: 68) e SALZMAN-MITCHELL (2005: 199-200).

apercebeu de que de uma das flores colhidas escorriam gotas de sangue⁸²⁹. Vários elementos acentuam a tragicidade do episódio. Íole refere o facto de, apesar de ter sido violada por Apolo, Dríope viver então feliz com Andrémon (*Met.* 9.332-333) e de tudo ter acontecido quando a jovem colhia flores para oferecer às ninfas. Íole reitera que a acção da irmã não foi intencional e, por este motivo, a metamorfose foi uma punição injusta.

A narrativa de Íole é condicionada pela audiência, isto é, por Alcmena, e responde ao relato do parto de Hércules e do apoio de Galântis. Tem como finalidade também mostrar a Alcmena que, se a metamorfose da serva a faz sofrer, mais penosa é a transformação de Dríope. Íole explora, assim, os elementos patéticos da história da irmã, para mostrar a Alcmena como o seu sofrimento seria mais difícil de suportar se Galântis fosse da sua família.

A descrição dos arredores do lago, onde tudo aconteceu, corresponde à de um *locus amoenus* e apresenta alguns paralelos com o local de onde Prosérpina foi raptada⁸³⁰, dando, assim, continuidade à noção de que nestes sítios encantadores podem acontecer eventos assustadores e perniciosos. O local funciona, assim, como uma fraude ou até como um engodo para as personagens que nele se movimentam. No caso de Dríope, habitam nos arredores do lago seres que sofreram mutações e se tornaram, assim, um elemento da paisagem. A flor que Dríope colheu fora, outrora, a ninfa Lótis, metamorfoseada enquanto fugia dos intentos de Priapo. Como o local, também a beleza da flor (e a da ninfa) está associada ao sofrimento.

⁸²⁹ Para a caracterização deste acto como uma violação, cf. SALZMAN-MITCHELL (2005: 199-200): «The dripping blood clearly symbolizes the loss of Lotis' virginity and performs, figuratively, the act of rape from which she was escaping.»

⁸³⁰ A descrição começa com *est lacus* (*Met.* 9.334), como a do *locus amoenus* onde Prosérpina colhia flores: *Haud procul Hennaëis lacus est...* (*Met.* 5.385). Cf. na história de Dríope, *haut procul a stagno* (*Met.* 9.340). Cf. também *silua coronat aquas cingens latus omne* (*Met.* 5.388) e *summum myrteta coronant* (*Met.* 8.335).

Acentua a tragicidade da cena o facto de tudo ter acontecido na presença do pequeno filho de Dríope, a quem esta dava flores para brincar. A idade do menino e a sua dependência da mãe (esta ainda o amamentava) tornam o episódio mais sinistro e patético.

Íole descreve a metamorfose súbita da irmã de que a criança se apercebe quando os seios da mãe endurecem (*Met.* 9.356-358). O corpo da mãe, associado ao conforto e ao aconchego do filho, deixa de ser cómodo para este e torna-se seco e duro. Como Lótis, também Dríope se torna um elemento na paisagem de um *locus amoenus*, que parece tornar-se, assim, uma espécie de cárcere para seres como as duas jovens.

O desespero de Íole e a sua presença têm um especial relevo na narrativa (*Met.* 9.344-345; 9.359-362), o que responde ao objectivo de mostrar a Alcmena como a perda da irmã é mais penosa do que a perda de uma serva diligente. Também o sofrimento de outros familiares que vêm em busca de Dríope, como o marido e o pai, tem como finalidade mostrar o luto da família:

*'ecce uir Andraemon genitorque miserrimus adsunt
et quaerunt Dryopen; Dryopen quaerentibus illis
ostendi loton. tepido dant oscula ligno
adfusique suae radicibus arboris haerent.'* (*Met.* 9.363-366)

Os gestos do pai e do marido são convencionais: beijam a madeira que cobre o corpo de Dríope e lançam-se sobre as suas raízes⁸³¹. Quase envolvida pela casca da árvore, Dríope consegue ainda pronunciar um discurso de despedida, dando algumas indicações aos presentes. Depois de se declarar inocente de qualquer crime, Dríope pede que, no futuro, o filho continue a ser trazido para junto dela. Debaixo da folhagem da árvore em que a mãe se transformou, a criança deve alimentar-se e brincar, mantendo, assim, o contacto com Dríope:

⁸³¹ A metamorfose de Dríope apresenta paralelos significativos com a de Dafne, também ela perseguida por Apolo. Ambas se transformam em árvore. Quando se despede de Dafne, Apolo beija-a, como o pai e o marido beijam Dríope: *complexusque suis ramos, ut membra, lacertis / oscula dat ligno* (*Met.* 1.555-556).

*'hunc tamen infantem maternis demite ramis
et date nutrici; nostraque sub arbore saepe
lac facitote bibat nostraque sub arbore ludat,
cumque loqui poterit, matrem facitote salutet
et tristis dicat 'latet hoc in stipite mater.'* (Met. 9.375-379)

Transparece nas palavras da mãe, que se encontra num processo gradual de metamorfose, a preocupação pelo bem-estar da criança, que deve ser instruída no sentido de temer o lago e de não colher flores (Met. 380-3381), mas também, e talvez de modo mais evidente, a vontade de manter a criança próxima de si, dentro dos limites possíveis. Dríope procura também que a criança a reconheça e que a identifique com a árvore em que se transformou.

Por fim, e depois de suplicar que os familiares a mantenham a salvo das foices e dos animais, pede que todos se elevem até ela, para lhes dar um beijo de despedida, e que levantem também o filho. A metamorfose, porém, está quase completa e não lhe permite dizer mais.

FANTHAM (2004: 69) considera que a despedida de Dríope tem laivos de comicidade, uma vez que acontece enquanto a jovem se transforma em árvore. Apesar de a metamorfose suceder contra a sua vontade e de ter sido causada de forma injusta, Dríope ganha consciência do seu estado dúbio enquanto fala, já que jura pelas suas folhas que é inocente. Afirma a autora: «Ovid was surely writing for a female audience and shrewdly allowed the touch of comedy to dilute the otherwise painful narrative. Too many young mothers died in childbirth for an episode like this to be without emotional resonances.» Parece-nos que a ênfase na família e na dor colectiva obedece aos propósitos da narrativa de Íole, que pretende mostrar a Alcmena a importância da rede dos afectos familiares. É necessário ter em consideração na análise do episódio o medo de perder o filho, que tem grande pertinência para todas as personagens. Alcmena acabou de perder Hércules e de lembrar o nascimento deste, Íole está prestes a enfrentar o momento delicado do parto e Íole vê-se separada do filho. SALZMAN-MITCHELL (2005: 201) reconhece a importância do luto e da

narrativa das experiências pessoais neste episódio: «For all the personal loss in the tale, there is some gain in the possibility of telling what has happened: to communicate with a female audience, to fix it as a testimony of female suffering, which strengthens bonds among women.»

Hécuba

O episódio das Troianas é um tema de grande importância na literatura e nas artes, com uma tradição longa e proeminente, que começa nos Poemas Homéricos e continua nos tragediógrafos atenienses e no teatro romano. Lívio Andronico, Névio, Énio e, um pouco mais tarde, Pacúvio e Ácio, todos exploraram nas suas obras dramáticas assuntos relacionados com o conflito entre Gregos e Troianos e com a destruição de Tróia⁸³². Nas *Metamorfoses*, Ovídio segue de perto o argumento da *Hekabe* de Eurípides, autor que parece ter sido responsável pela associação da morte de Polidoro ao sacrifício de Políxena⁸³³.

Antes da descrição da queda de Tróia, quatro versos de legitimidade duvidosa resumem a história de Hécuba e antecipam o desenlace:

[Troia simul Priamusque cadunt; Priameia coniunx
perdidit infelix hominis post omnia formam
externasque nouo latratu terruit auras,

⁸³² Alguns títulos das tragédias compostas por estes autores, hoje perdidas, bastar-nos-ão para comprovar a temática aí desenvolvida: *Achilles*, *Equos Troianus* e *Ajax Mastigophoros*, de Lívio Andronico; *Aesiona* e *Hektor Proficiscens*, de Névio; *Achilles*, *Ajax*, *Alexandros*, *Andromacha*, *Aechmalotis*, *Hectoris Lytra* e *Hecuba*, de Énio; *Armorum Iudicium* e *Iliona*, de Pacúvio; *Achilles*, *Antenoridae*, *Astyanax*, *Deiphobus*, *Epinausimache*, *Hecuba*, *Neoptolemus*, *Nyktegresia*, de Ácio. Cf. *infra*, n. 874.

⁸³³ Cf. MERIDOR (1978: 28), RABINOWITZ (1993:106), ZEITLIN (1996: 173). KEITH (2000: 122-123 e n. 72) identifica também como modelo para o relato ovidiano do sacrifício a versão da morte de Ifigénia de Lucrécio (1.84-100) e Catulo (64.362-375).

longus in angustum qua clauditur Hellespontus.] (Met. 13.404-407)

A ruína de Tróia abrange Príamo, como se a vida deste dependesse da existência da cidade⁸³⁴. A simultaneidade da queda de ambos é acentuada pela cesura triemímere e heftemímere, que os separa da *Priameia coniunx*. Apesar desta separação, todavia, o facto de se designar Hécuba pelo seu grau de parentesco com Príamo demonstra até que ponto a sua vida depende do seu estatuto de rainha e esposa, estatuto que se opõe à sua situação presente, patente principalmente no adjectivo *infelix* e na forma verbal do verbo *perdidit* complementada por *post omnia*. Sem mais para perder, Hécuba perdeu ainda a forma humana e transformou-se num animal insólito (*nouo latratu*) e temível (*terrui*)⁸³⁵.

Segue-se uma síntese de eventos que tiveram lugar no fim da guerra e que antecedem, por esta razão, a metamorfose de Hécuba: Cassandra suplicando em vão aos deuses (Met. 13.410-411), as *Troades* arrastadas pelos Gregos (Met. 13.412-414), Astíanax lançado do alto das torres, de onde a mãe lhe costumava mostrar o pai a lutar (Met. 13.415-417). Este resumo e a selecção que implica têm como função contextualizar os acontecimentos que se descrevem de seguida num ambiente de violência, sofrimento e perda, servindo, assim, de preâmbulo ao sacrifício de Políxena e à morte de Polidoro.

Quando os ventos se mostram favoráveis, as Troianas embarcam nas naus gregas. Entre elas, estava Hécuba:

*ultima conscendit classem (miserabile uisu)
in mediis Hecabe natorum inuenta sepulcris;
prensantem tumulos atque ossibus oscula dantem
Dulichiae traxere manus. tamen unius hausit
inque sinu cineres secum tulit Hectoris haustos;
Hectoris in tumulo canum de uertice crinem,
inferias inopes, crinem lacrimasque reliquit.* (Met. 13.422-428)

⁸³⁴ A mesma ideia em Met. 13.522: *uitam pariter regnumque reliquit*.

⁸³⁵ Cf. IRVING (1998^r: 207-210), para uma sinopse das versões da metamorfose de Hécuba.

A sua maternidade é realçada pela procura de contacto com as sepulturas dos filhos. A proximidade com estas contrasta aqui com a distância da viagem para a Grécia, que afastará Hécuba não apenas dos restos da pátria e dos filhos mortos, mas também dos filhos que ainda vivem. A dor de Hécuba é dupla, uma vez que a rainha perde duas vezes os filhos que já estão mortos: perdeu-os no momento da morte e perde-os agora devido ao afastamento dos restos mortais destes, imposto pela viagem. O *pathos* de todo o episódio é notável e antevê-se na visão da mãe *orbata*, entre as sepulturas dos seus filhos⁸³⁶, de onde é arrastada à força por Ulisses, enquanto tenta agarrar-se aos túmulos e beija os ossos dos filhos, como se os despojos dos seus e o contacto com eles pudessem impedir que os Gregos a levassem com eles. Ainda assim, nesta separação violenta, Hécuba consegue levar consigo cinzas de um dos seus filhos, de Heitor. Foi também no túmulo deste que deixou como oferta uma madeixa dos seus cabelos grisalhos e as suas lágrimas. Importante na descrição desta cena é o esforço de Hécuba em manter-se unida aos filhos ou aos seus sepulcros. É o que faz enquanto Ulisses a arrasta, quando consegue apanhar as cinzas de Heitor e levá-las no seu regaço e quando deixa uma parte de si no túmulo do filho.

O sofrimento de Hécuba está, no entanto, ainda no início, uma vez que Polidoro, o único filho que julgava a salvo da guerra, é assassinado por Polimestor, a quem Príamo o confiara (*Met.* 13.429-438)⁸³⁷. Seduzido pelas riquezas do rei troiano, Polimestor matou o jovem e atirou o seu cadáver ao mar. Ovídio, porém, à imagem de Eurípides, ao invés de prosseguir com a história de Polidoro, insere neste momento a narrativa do destino da irmã, Políxena.

⁸³⁶ Cf. situação semelhante de Níobe: *orba resedit / exanimis inter natos natasque uirumque (...)* (*Met.* 6.301-302).

⁸³⁷ Na *Ilíada*, Polidoro não é filho de Hécuba, mas de Laótoa, e de Príamo (*Il.* 21.84-91). A alteração desta filiação parece ter sido invenção de Eurípides.

Depois de ter perdido em combate tantos dos seus filhos, Hécuba passa por uma nova provação e assiste à morte da filha, causada por circunstâncias insólitas. Ao chegarem à Trácia, o fantasma de Aquiles reclama uma nova honra: o sacrifício de Políxena. A jovem filha de Príamo, *rapta sinu matris* (Met. 13.450-451)⁸³⁸, apresenta-se perante a morte com grande dignidade e coragem. A sua única preocupação é a mãe:

*'mors tantum uellem matrem mea fallere posset;
mater obest minuitque necis mihi gaudia, quamuis
non mea mors illi, uerum sua uita gemenda est.'* (Met. 13.462-464)

A antítese entre *mea mors* e *sua uita* (Met. 13.464) demonstra quão penosa é (e será ainda) a vida de Hécuba. Também Políxena compreende o sofrimento da mãe. As suas últimas palavras não são uma súplica por misericórdia, são uma recomendação ao inimigo que lhe tirará a vida para que entregue o seu cadáver a Hécuba (Met. 13.469-473). O cuidado de Políxena pela mãe provoca as lágrimas a todos e, inclusive, a Neoptólemo, que presidia ao sacrifício e que haveria de trespassar o coração.

Políxena assume, neste episódio, características que normalmente aparecem associadas aos heróis e o próprio narrador reconhece que o seu carácter ultrapassa a fraqueza do seu sexo, quando designa Políxena como *plus quam femina uirgo* (Met. 13.451)⁸³⁹. As conotações sexuais do seu sacrifício, que a

⁸³⁸ Veja-se a utilização desta expressão no epitáfio: *Rapta sinu matris iacet hic miserabilis infans / ante nouem plenos lunae quae uiueret orbes. / Hanc pater et mater maesti fleuere iacentem / paruaque marmoreo clauserunt membra sepulchro.* (CLE 397).

⁸³⁹ RABINOWITZ (1993: 23) explora a associação da virgem sacrificada a um fetiche. Políxena, como Ifigénia, morre por um código de comportamento masculino, a que dá corpo, e é por essa razão que, ao contrário da mãe, é uma personagem acolhida com apreço. Afirma a autora: «My claim is that in fact the sacrificial maidens are fetichized, while the murderous mothers are made terrifying by being made signs of the uncanny. The former are rewarded with glory; the latter are punished with blame.» A mesma ideia em SEGAL (1990: 119): «The contrast between Polyxena's acquiescence and Hecuba's almost demonic skill and resourcefulness in getting

própria Políxena reconhece, retomam a associação frequente na literatura entre casamento e morte⁸⁴⁰. Neste contexto, a situação de Políxena é semelhante, em vários aspectos, à de Prosérpina: ambas se vêem afastadas da mãe, contra a sua vontade, e entregues a uma figura obscura associada aos Infernos⁸⁴¹. O rapto de uma e o sacrifício da outra são aceites como práticas sociais justificáveis e, mesmo, normais, pelas personagens masculinas, mas são recusadas com veemência tanto por Ceres como por Hécuba, ainda que esta última não tenha como impedir que a filha seja imolada.

A morte de Políxena faz as Troianas contar os filhos de Príamo já mortos e, se lamentam os mortos, lamentam também a mãe que, viva, os viu morrer, ela que era, até há pouco tempo, a *regia coniunx* e era chamada *regia... parens* e *Asiae florentis imago* (*Met.* 13.481-485). O presente de Hécuba contrasta, todavia, com o passado venturoso e, mais uma vez, a rainha tem de chorar sobre um cadáver:

*quae corpus complexa animae tam fortis inane,
quas totiens patriae dederat natisque uiroque
huic quoque dat lacrimas; lacrimas in uulnera fundit
osculaque ore tegit consuetaque pectora plangit
canitiemque suam concretam sanguine uerrens (...)* (*Met.* 13.488-492)

Hécuba abraça o cadáver da filha e, num processo quase contínuo e já repetido, derrama lágrimas. Note-se o efeito do hipérbato do segundo e do terceiro verso do excerto reproduzido acima: a anteposição da oração relativa, que precede o antecedente *lacrimas* (*Met.* 13.490), permite realçar a enumeração das entidades

revenge shows women polarized between two extremes: helpless victims (...) and vengeful, monstrous figures of violence (...).»

⁸⁴⁰ Afirma KEITH (2000: 123) a propósito de *Met.* 13.477-480: «She goes to her death intensely aware of herself as an object of the soldiers' collective gaze (...). Her concern to preserve her modesty even in death implies that the piercing of her body with a sword is analogous to the sexual defloration of the virginal bride.»

⁸⁴¹ Cf. SEGAL (1990: 115-116), para uma explanação da relação entre casamento e morte na cultura grega.

pelas quais Hécuba chorou, unidas pelo polissíndeto, mas também, e principalmente, enfatizar a recorrência do choro da rainha, que transparece na repetição da palavra *lacrimas* em redor da cesura pentemímera (*Met.* 13.490) e no realce do advérbio *totiens* pela cesura triemímera (*Met.* 13.489). Os mesmos beijos que, ao partir, distribuía pelos restos mortais dos filhos mortos em combate, dá-os agora a Políxena e golpeia o peito já habituado aos golpes (*consuetaque pectora plangit; Met.* 13.491). Arranca os cabelos espessados pelo sangue da filha e pronuncia o lamento desta, que se prolonga por cerca de quarenta versos.

A introdução que o narrador faz ao discurso põe, no entanto, o leitor de sobreaviso (*plura quidem, sed et haec laniato pectore dixit; Met.* 13.493), como se fosse impossível reproduzir na íntegra o lamento da mãe. O narrador reclama, assim, o seu papel na recriação do lamento da rainha, que começa convenientemente com a apóstrofe à filha defunta, repetida no verso seguinte:

*'Nata, tuae (quid enim superest?) dolor ultime matris,
nata, iaces, uideoque tuum, mea uulnera, uulnus:' (Met.* 13.494-495)

Se, no primeiro verso, por meio da posição métrica das palavras *nata* e *matris*, Hécuba explora a sua relação com a filha, no segundo verso esta transforma-se numa fusão, já que as feridas da filha se identificam com as suas. Esta fusão transparece da antítese *tuum... uulnus / mea uulnera* realçada pela cesura heftemímera que separa os possessivos. A oposição entre singular e plural parece demonstrar que o *uulnus* único da filha se multiplica na mãe. Por este motivo, o discurso é dúbio: Hécuba lamenta o destino da filha ou o seu? Esta dúvida mantém-se na continuação do lamento:

*'en, ne perdiderim quemquam sine caede meorum,
tu quoque uulnus habes.' (Met.* 13.496-497)

KEITH (2000: 124) considera que, ao chamar repetidamente a atenção para as feridas da filha, Hécuba mostra o corpo, que a jovem tentou esconder. Parece-nos, porém, que esta repetição se justifica pela fixação da mãe no cadáver da

filha e nas feridas que lhe foram infligidas, e tem como propósito primordial mostrar a violência de que Políxena foi vítima e que atinge também a mãe. A forma verbal *perdiderim*, antes da cesura pentemímere, deixa transparecer a vitimização de Hécuba, acentuada por *quemquam... meorum*, palavras também realçadas pela posição métrica, uma depois da cesura, a outra em fim de verso. Assim, a rainha apresenta-se como vítima da morte não apenas de Políxena, mas de todos os outros filhos já mortos. Hécuba assimila a morte da filha à queda dos outros irmãos em combate. Políxena, que a mãe julgou a salvo de uma morte violenta por ser mulher, acabou, todavia, por partilhar o destino heróico dos irmãos e por, à imagem do que sucedera com muitos deles, perecer vítima da espada do inimigo:

*'at te, quia femina, rebar
a ferro tutam; cecidisti et femina ferro,
totque tuos idem fratres, te perdidit idem,
exitium Troiae nostrique orbator, Achilles.'* (Met. 13.497-500)

A assonância resultante da repetição de *femina* e *ferro*, apresentados como opostos, dão ao lamento uma circularidade angustiante e a aliteração de –t confere-lhe a sonoridade de um protesto. O uso repetido de formas do pronome pessoal e do adjetivo possessivo que, começando numa segunda pessoa do singular, termina no plural majestático *nostri*, denota mais uma vez a vitimização de Hécuba. Se Aquiles lhe matou os filhos, foi ela, em último caso, a vítima dessas mortes. É por essa razão que designa Aquiles pela expressão *nostrique orbator Achilles*, que se estende da cesura pentemímere ao fim do verso.

O discurso continua com a centralização na primeira pessoa:

*'at postquam cecidit Paridis Phoebique sagittis,
"nunc certe", dixi, "non est metuendus Achilles";
nunc quoque mi metuendus erat. cinis ipse sepulti
in genus hoc saeuit, tumulo quoque sensimus hostem.
Aeacidae fecunda fui!'* (Met. 13.501-505)

No passado, como Hécuba recorda, interpretou erroneamente a morte de Aquiles como fim do perigo que este representava⁸⁴². A oração *non est metuendus Achilles* não explicita quem não devia ter receio dele e, por esta razão, leva-nos a supor um agente generalizado. Uma vez que Aquiles estava morto, ninguém devia já ter receio dele. A oração que, no verso seguinte, repete a mesma forma perifrástica tem, porém, um agente expresso: a forma do pronome pessoal da primeira pessoa do singular *mi*, realçada pela cesura triemímere. Por este motivo, só para Hécuba Aquiles continuava a representar um perigo a tal ponto poderoso que se tornou no único beneficiário da proverbial fecundidade de Hécuba (*Aeacidae fecunda fui!*; *Met.* 13.505).

Hécuba continua a apresentar-se como vítima e é com esta finalidade que explora o contraste entre a sua situação e a dos outros:

*'iacet Ilion ingens,
euentuque graui finita est publica clades,
sed finita tamen; soli mihi Pergama restant (...)' (Met. 13. 505-507)*

A antítese entre *finita* e *restant* opõe a situação de Tróia e dos Troianos à da rainha, isolada⁸⁴³ porque a sua *clades* continua, como se Tróia e todo o peso simbólico negativo da cidade continuassem a existir apenas para Hécuba. Por esta razão, em *Met.* 13.507, *Pergama* é sinónimo de *clades*⁸⁴⁴.

⁸⁴² Repare-se na repetição anafórica de *nunc*, que, no entanto, se refere a um momento diferente em cada um dos versos. O primeiro uso do advérbio reporta-se ao passado, o segundo ao momento presente que coincide com a morte de Políxena.

⁸⁴³ A cesura pentemímere dá realce ao sintagma *soli mihi*.

⁸⁴⁴ Note-se o paralelo curioso que a oração *soli mihi Pergama restant* estabelece entre Hécuba e Penélope, que utiliza, no seu lamento pela ausência de Ulisses, as mesmas palavras: *Diruta sunt aliis, uni mihi Pergama restant.* (*Ep.* 1.51). Apesar de inimigas, ambas continuam em sofrimento, mesmo depois de Tróia ter caído e de a guerra ter terminado, mostrando, assim, as mulheres como vítimas do conflito. Não caem no campo de batalha, mas são afectadas por esta.

A rainha apresenta então a oposição entre o passado glorioso e as dificuldades do presente⁸⁴⁵:

*'in cursuque meus dolor est. modo maxima rerum,
tot generis natisque potens nuribusque uiroque,
nunc trahor exul, inops, tumultis auulsa meorum,
Penelopes munus, (...)' (Met. 13.508-511)*

A felicidade do passado transparece nos adjectivos *maxima* e *potens*, bem como na enumeração polissindética dos familiares. A adversidade do presente, pelo contrário, é acentuada pela acumulação assindética dos adjectivos *exul* e *inops*, do particípio *auulsa* e do sintagma *Penelopes munus*. É a lembrança de Penélope que faz Hécuba imaginar o que a rainha de Ítaca, de quem ela será uma cativa, dirá quando a mostrar às outras mulheres:

*'quae me data pensa trahentem
matribus ostendens Ithacis "haec Hectoris illa est
clara parens, haec est" dicet "Priameia coniunx."' (Met. 13.511-513)*

Os pronomes *haec* e *illa* parecem designar duas pessoas diferentes: *haec* designa a cativa que desempenha as tarefas que lhe foram atribuídas⁸⁴⁶, *illa* designa a *Hectoris (...)* / *clara parens*⁸⁴⁷. Este contraste desvanece-se, todavia, na oração *haec est... Priameia coniunx*. As duas pessoas fundiram-se numa única, num processo que parece ter em vista realçar a impossibilidade de as mulheres de Ítaca acreditarem que esta cativa é, de facto, aquela rainha ilustre que era a mãe de Heitor e a esposa do rei Príamo.

E só então, novamente, Hécuba se lembra de Políxena:

⁸⁴⁵ Um dos tópicos recomendados por Cícero para que a *conquestio* tenha êxito: *primus locus est misericordiae, per quem, quibus in bonis fuerint et nunc [per quem] quibus in malis sint, ostenditur. (Inu. 1.107)*

⁸⁴⁶ Ao imaginar-se como cativa de Penélope, Hécuba cumpre mais uma das recomendações de Cícero: *Quartus, per quem res turpes et humiles et inliberales proferentur et indigna aetate, genere, fortuna pristina, honore, beneficiis, quae passi perpessuriue sint (Inu. 1.107).*

⁸⁴⁷ Nesta antinomia divisa-se novamente o contraste entre a prosperidade do passado e as dificuldades do presente e do futuro.

*'postque tot amissos tu nunc, quae sola leuabas
maternos luctus, hostilia busta piasti.
inferias hosti peperisti!'* (Met. 13.514-516)

É a lembrança da adversidade que faz a mãe pensar de novo na filha que aliviava a sua dor⁸⁴⁸, mas a este pensamento sucede a confirmação trágica de que todos os filhos que gerou foram vítimas imoladas ao inimigo e que a sua maternidade foi inútil⁸⁴⁹. Perante esta comprovação, o discurso de Hécuba irrompe em interrogações retóricas que reiteram tópicos frequentes como a autocensura e a confirmação de que viver é inútil e de que a morte seria preferível à vida. O destinatário do seu discurso deixa de ser, agora, a filha. Hécuba dirige-se primeiro a ela própria, depois à *annosa senectus* e, por fim, aos *di crudeles*:

*'quo ferrea resto?
quidue moror? quo me seruas, annosa senectus?
quo, di crudeles, nisi uti noua funera cernam,
uiuacem differtis anum?'* (Met. 13.516-519)

O pessimismo de Hécuba é evidente e doloroso. Ela, que já viu morrer à sua frente tantos dos seus filhos, não é capaz de imaginar que a vida lhe possa trazer outras experiências que não assistir a outras mortes, como, de facto, acontecerá. Por este motivo, até a morte de Príamo lhe parece agora uma bênção:

*'quis posse putaret
felicem Priamum post diruta Pergama dici?
felix morte sua est; nec te, mea nata, peremptam
aspicit et uitam pariter regnumque reliquit.'* (Met. 13.519-522)

⁸⁴⁸ Este é, também, um dos tópicos que Cícero aconselha para a *conquestio* e que é frequente no lamento (cf. A. 8.514; A. 8.581; A. 9.479-480; A. 12.57-58; Met. 6.500, etc.): *Tertius, per quem unum quodque deploratur incommodum, ut in morte filii pueritiae delectatio, amor, spes, solatium, educatio et, si qua simili in genere quolibet de incommodo per conquestionem dici poterunt.* (Cic. Inu. 1.107).

⁸⁴⁹ Esta verificação retoma a afirmação anterior *Aeacidae fecunda fui!* (Met. 13.505).

Príamo pode ser chamado feliz, duplamente feliz porque não assistiu à morte de Políxena e porque morreu ao mesmo tempo que ruiu o seu reino. A ideia de felicidade é reforçada pela repetição anafórica do poliptoto *felicem / felix*, tendo a segunda ocorrência, no paradoxo *felix morte sua est*, o mesmo efeito.

Hécuba volta a dirigir o discurso à filha e, para que esta transição se torne clara, designa-a pela forma vocativa *mea nata* que acompanha o pronome pessoal *te*. O restabelecimento da proximidade com Políxena evoca uma das preocupações normais da mãe pelo filho defunto, isto é, os cuidados a ter com o cadáver e com as cerimónias fúnebres. Hécuba parece, por momentos, aliviada com a ilusão de Políxena ser sepultada, como o seu estatuto exigiria, no sepulcro dos antepassados:

*'at, puto, funeribus dotabere regia uirgo,
condeturque tuum monumentis corpus auitis.'* (Met. 13.523-524)

Este desejo desvanece-se, porém, na confirmação dolorosa de que o cadáver de Políxena partilhará o destino da família:

*'non haec est fortuna domus; tibi munera matris
contingent fletus peregrinaeque haustus harenae.'* (Met. 13.525-526)

Será sepultada sem honras nem ofertas valiosas, apenas as lágrimas da mãe e a areia de uma terra estrangeira. A oposição entre a utopia e a realidade leva Hécuba a resumir a sua tragédia na oração *omnia perdidimus* (Met. 13.527). Mesmo na adversidade, porém, consola Hécuba o facto de lhe restar ainda um único filho, o mais novo⁸⁵⁰, Polidoro, cuja morte a rainha ainda desconhece:

*'omnia perdidimus; superest, cur uiuere tempus
in breue sustineam, proles gratissima matri,
nunc solus, quondam minimus de stirpe uirili,*

⁸⁵⁰ As semelhanças entre Níobe e Hécuba são evidentes: ambas perdem todos os filhos, apesar de estes serem numerosos, e, no fim, resta apenas, num caso, a filha mais nova, no outro, o filho mais novo. Tanto Níobe como Hécuba acalentam por momentos a esperança de que este (ou esta) se mantenham vivos, mas tanto um como a outra morrem. A filha mais nova de Níobe morre enquanto esta a protege com o corpo, Polidoro morre longe da mãe, mas as águas acabam por levar o seu cadáver para a praia, onde a mãe o encontra.

has datus Ismario regi Polydorus in oras.' (Met. 13.527-530)

É a lembrança de Polidoro que faz a rainha acabar o lamento por Políxena. O facto de não estar sozinha (ainda) no mundo fá-la mudar de disposição e regressar à vida:

*'quid moror interea crudelia uulnera lymphis
abluere et sparsos inmiti sanguine uultus?'* (Met. 13.531-532)

A intenção de lavar as feridas e o rosto manchado de sangue deixa transparecer a vontade de cortar laços com o passado e continuar a viver. Denota a vontade de efectuar uma transição, de seguir em frente. Quando, porém, Hécuba avançou em direcção à praia para apanhar um pouco de água, viu o cadáver de Polidoro, o filho que ainda há pouco a mãe lembrava como *proles gratissima matri* (Met. 13.528).

O momento em que Hécuba se dirige para a praia é descrito de forma patética, porque acentua a velhice da rainha, a sua debilidade e o seu aspecto desarranjado, sinal da morte recente da filha. A métrica realça a caracterização de Hécuba: a cesura pentemímere e a posição de fim de verso enfatizam *passu... anili* (Met. 13.533); a cesura triemímere e heftemímere fazem sobressair as *albentes... comas* de Hécuba (Met. 13.534), ao passo que, no verso seguinte, a cesura pentemímere realça o adjectivo *infelix*. É enquanto tenta lavar-se⁸⁵¹ e recompor-se que depara com o corpo do filho:

*Dixit et ad litus passu processit anili,
albentes lacerata comas. 'date, Troades, urnam'
dixerat infelix, liquidas hauriret ut undas;
aspicit eiectum Polydori in litore corpus
factaque Threiciis ingentia uulnera telis.* (Met. 13.533-537)

Segue-se a reacção das mulheres troianas e de Hécuba à visão do cadáver:

*Troades exclamant; obmutuit illa dolore,
et pariter uocem lacrimasque introrsus abortas*

⁸⁵¹ A *urna* que pede para apanhar um pouco de água poderá servir, também, sem que Hécuba tenha ainda consciência disso, para guardar as cinzas do filho (OLD. s. u. *urna*).

deuorat ipse dolor (...) (Met. 13.538-541)

A antítese *exclamant / obmutuit* separa Hécuba das restantes Troianas. Se estas reagem à situação exprimindo a sua dor com gritos, Hécuba, pelo contrário, emudece. É a própria dor que não a deixa falar nem chorar e as lágrimas que nascem no seu interior são consumidas pela dor, que, assim, impede a exteriorização dos seus sinais. A rainha fica petrificada: *duroque simillima saxo / torpet* (Met. 13. 540-541). Só os seus olhos se movem de forma desenfreada e aleatória, deixando antever que, apesar de o corpo ter ficado paralisado, algo se passa no espírito da rainha:

*(...) et aduersa figit modo lumina terra,
interdum toruos sustollit ad aethera uultus,
nunc positi spectat uultum, nunc uulnera nati,
uulnera praecipue, seque armat et instruit ira. (Met. 13.541-544)*

Os olhos de Hécuba deslocam-se da terra para o céu e do rosto para as feridas do filho. E é a visão destas que faz nascer na rainha um sentimento que não experimentara na morte de Políxena: a ira. Assistimos, assim, a uma transformação em Hécuba. O isolamento e a consciência de ter perdido todos os seus filhos dão-lhe forças para agir. Hécuba aceitou com resignação a morte da filha, mas a morte de Polidoro leva-a a agir, a procurar vingança. Se o sacrifício de Políxena faz a mãe lamentar-se pelo seu próprio destino, é a morte do filho, o mais novo e o único que julgava vivo, que desencadeia nela uma cólera desenfreada e terrível que causará a metamorfose real que se lhe seguirá. Hécuba transforma-se e da *mater dolorosa* nasce a mãe vingativa, com toda a sua força letal:

*qua simul exarsit, tamquam regina maneret,
ulcisci statuit poenaeque in imagine tota est. (Met. 13.545-546)*

A justaposição das duas mortes tem como efeito a acumulação insuportável do sofrimento. Depois da morte de Políxena, as palavras e as lágrimas repõem a normalidade no espírito atormentado de Hécuba, têm um efeito catártico. Quando, porém, depara com os restos mortais do filho trazidos pelas ondas, a

reacção é completamente diferente. Seria importante saber se a mãe reagiria assim se não tivesse assistido antes à morte da filha, mais uma a acrescentar a uma longa série de mortes e tormentos. A cólera de Hécuba parece uma explosão da mágoa durante tanto tempo e tantas vezes acumulada. O desespero apodera-se agora da rainha que não tem mais ninguém por quem chorar. Hécuba não chorará mais nenhum dos seus filhos, assassinados ou levados pelos Gregos como prisioneiros.

A expressão *poenaeque in imagine tota est* associa Hécuba a Procne, quando, depois de receber a veste tecida pela irmã, toma conhecimento do crime de Tereu. Também ela fica em silêncio e é incapaz de chorar (*Met.* 6.583-585). E, como se, por não dar expressão à dor, esta se tornasse algo mortífero e operasse uma revolução psicológica na personagem, Procne confunde o certo e o errado⁸⁵² e *poenaeque in imagine tota est* (*Met.* 6.586).

O facto de se sentir traída por Polimestor, como Procne por Tereu (salvas as devidas diferenças), pode também explicar que Hécuba pense em vingança apenas perante a morte de Polidoro. A vingança é normalmente um desejo do pai que perdeu o filho, mas, uma vez que Príamo está morto, Hécuba pode agir em substituição deste para repor a justiça da hospitalidade violada. Neste caso, Hécuba, como Procne, age para defender uma instituição social e é por esta razão que, tanto Polimestor, como Tereu parecem receber o castigo merecido⁸⁵³.

⁸⁵² *et (mirum potuisse) silet: dolor ora repressit, / uerbaque quaerenti satis indignantia linguae / defuerunt, nec flere uacat, sed fasque nefasque / confusura ruit poenaeque in imagine tota est.* (*Met.* 6.583-586).

⁸⁵³ A mesma opinião em MERIDOR (1978: 34-35) sobre a tragédia de Eurípides: «It thus seems that in presenting the story of Hecuba's revenge on Polymestor Euripides guided his audience to distinguish between the death of Polyxena in the aftermath of the war and the murder of Polydorus. By doing so he intended them to understand with Hecuba that there was nothing to be done in the first case, but that in the latter revenge was not only permissible but required.» Para uma interpretação, baseada na oposição masculino-feminino, da diferença entre a reacção de Hécuba à morte dos filhos, cf. RABINOWITZ (1993: 108-109).

Não deixa, porém, de parecer um acto excessivo e transgressor. RICHLIN (1992a: 166) faz, a respeito da história de Sálmacis e Hermafrodito, uma afirmação que podemos aplicar também a Hécuba: «When a female acts male, the result is the unmanning of all men, and the narrative makes it clear that this is a bad thing.» Hécuba transita da passividade para a acção. Esta transição, parece-nos, porém, que, de algum modo e ao contrário do que acontece com Sálmacis, se justifica pelo facto de vingar um crime. Como Ítis e Meleagro, também Polidoro regrediu para um estado de absoluta vulnerabilidade, na sua incapacidade de se defender de Polimestor. A mãe age, assim, também em substituição do filho⁸⁵⁴.

No seu desejo de vingar Polidoro, Hécuba é comparável a uma leoa que perdeu a cria:

*utque furi catulo lactente orbata leaena
signaque nacta pedum sequitur quem non uidet hostem,
sic Hecabe, postquam cum luctu miscuit iram,
non oblita animorum, annorum oblita suorum,
uadit ad artificem dirae Polymestora caedis
conloquiumque petit; (Met. 13.547-552)*

O tema que este símile introduz, isto é, a associação da mãe que perdeu um filho a um animal, acompanha frequentemente a caracterização deste tipo de personagens⁸⁵⁵. A ira de Hécuba dá-lhe as forças de que a idade a privara e fá-la esquecer a sua situação, *tamquam regina maneret* (Met. 13.545), como se o estatuto social lhe desse a capacidade de agir. Por ser, agora, uma escrava, Hécuba perdeu o direito de atacar Polimestor e mesmo a sua idade deveria ser um obstáculo para a vingança. A mistura da cólera com o sofrimento tem, todavia, sempre resultados nefastos, relacionados com a irracionalidade que dela

⁸⁵⁴ Cila considera que o ataque de Minos, por quem se apaixonou enquanto este cercava a pátria da jovem, é justo, porque o faz para vingar a morte do filho: *iusta gerit certe pro nato bella perempto: / et causaque ualet causamque tuentibus armis.* (Met. 8.58-59).

⁸⁵⁵ Ceres, por exemplo, na versão do rapto de Prosérpina nos *Fastos*, é comparada, enquanto chora e procura a filha, a uma vaca a quem se tirara a cria (*Fast.* 4.459-460).

advém. Este aspecto selvagem da vingança de Hécuba é definido de forma evidente por Ovídio, que utiliza para a caracterização da personagem vocábulos e expressões convencionais associados à guerra e ao fogo, como *seque armat et instruit ira* (Met. 13.544) ou *qua [i. e. ira] simul exarsit* (Met. 13.544) ou, no confronto com Polimestor, *tumidaque exaestuat ira* (Met. 13.559)⁸⁵⁶.

Aproxima-se de Polimestor dolosamente, fazendo-o acreditar que tinha mais ouro para deixar a Polidoro, ouro que aquele se apressa a aceitar, jurando pelos deuses que será entregue ao hóspede. Enquanto Polimestor fala, a cólera de Hécuba cresce:

*spectat truculenta loquentem
falsaque iurantem tumidaque exaestuat ira
atque ita correpto captiuarum agmina matrum
inuocat et digitos in perfida lumina condit
expellitque genis oculos (facit ira nocentem)
immergitque manus foedataque sanguine sonti
non lumen (neque enim superest), loca luminis haurit. (Met. 13.558-564)*

A morte de Polimestor é obra de Hécuba, ajudada pelas Troianas, convenientemente designadas pela expressão *captiuarum agmina matrum* (Met. 13.560), como se Hécuba se multiplicasse nelas e formassem, assim, um exército pronto a atacar⁸⁵⁷. O facto de também elas, como vítimas da mesma guerra, compreenderem a dor da rainha justifica a intervenção conjunta. Hécuba arranca os olhos a Polimestor, os olhos que cobiçaram as riquezas de Polidoro. A descrição apresenta pormenores sinistros e mostra a dimensão da crueldade de Hécuba. Ela, que até há pouco tempo caminhava sem forças para a praia com os seus cabelos grisalhos, é agora uma mulher poderosa que tem coragem para enterrar as suas próprias mãos nos olhos de Polimestor e, depois de lhos arrancar, *foedataque sanguine sonti*, escavar-lhe ainda as órbitas vazias. Esta acção

⁸⁵⁶ cf. descrição do mesmo processo em Procne: *tacitaque exaestuat ira* (Met. 6.623).

⁸⁵⁷ Na *Hekabe* (884), Hécuba diz a Agamémnon, quando este lhe pergunta como é que as mulheres poderão enfrentar os homens: *δεινὸν τὸ πλῆθος σὺν δόλῳ τε δύσμαχον*. (“o grupo que se entrega à fraude é [um inimigo] temível e difícil de combater”).

parece ser invenção de Ovídio, já que na tragédia não é Hécuba, mas o grupo das Troianas que cega Polimestor.

Na versão ovidiana, não há referência alguma aos filhos de Polimestor, que, na *Hekabe*, são assassinados pelas mulheres, o que faz com que o espírito taliónico que domina a tragédia e que justifica a morte dos rapazes esteja completamente ausente nas *Metamorfoses*. O mesmo acontece com a questão da justiça social e o debate sobre a obrigação moral de aplicar a lei, que Hécuba reclama de Agamémnon na peça⁸⁵⁸. A redução do número de personagens na versão de Ovídio e o facto de primeiro se abordar o sacrifício de Políxena e se reproduzir o lamento da mãe pela filha e só depois, quando a mãe decide que é hora de seguir em frente, aparecer o cadáver de Polidoro, faz com que a acção decorra de forma mais linear, sem as intersecções e a complexidade da *Hekabe*. Aí, quando uma das escravas traz para junto de Hécuba o cadáver do filho, que encontrou na praia, a mãe pensa tratar-se do corpo de Políxena, que aguarda ainda que a mãe o sepulte⁸⁵⁹. Assim, os dois irmãos substituem-se um ao outro, sem permitir que a mãe recupere da morte de Políxena. Esta substituição provoca a acumulação e a intensificação do sofrimento materno.

Nas *Metamorfoses*, os dois episódios são praticamente independentes e, não fosse o resumo da morte de Polidoro, mesmo antes da narração do desembarque das naus gregas na Trácia, a presença do filho de Hécuba só se faria sentir quando a mãe, e não uma das escravas, encontra o cadáver na areia da praia. Na tragédia de Eurípides, pelo contrário, o fantasma de Polidoro assombra o desenrolar dos acontecimentos desde o início, já que tem a seu cargo a recitação do prólogo.

⁸⁵⁸ Sobre a legitimidade da vingança de Hécuba na tragédia, cf. MERIDOR (1978).

⁸⁵⁹ O mesmo acontece quando Hécuba manda chamar Agamémnon para lhe pedir que vingue o assassinio do filho. O Atrida pensa que o cadáver sobre o qual Hécuba está prostrada é o de Políxena. Hécuba decide sepultar os dois irmãos ao mesmo tempo (*Hec.* 895-897).

A versão ovidiana tem, assim, um carácter inovador que resulta, principalmente, da redução do número de personagens, e que dá ao texto o aspecto de sinopse de uma história que, por ser sobejamente conhecida do público, o autor se permite evocar nos seus traços mais gerais e recriar, de forma a salientar apenas duas ou três personagens que toma como as mais significativas do argumento.

Assim, Ovídio cria uma nova Hécuba, completamente diferente da Hécabe de Eurípides. Nas *Metamorfoses*, as capacidades argumentativas da rainha, apresentadas com grande pormenor na tragédia, concentram-se no treno fúnebre em memória da filha⁸⁶⁰, uma vez que a narrativa omite qualquer referência à reacção de Hécuba (ou mesmo dos chefes gregos) à reclamação de Aquiles. Por esta razão, verifica-se uma redução muito significativa na oposição entre barbárie e civilização, explorada por Eurípides, já que os Gregos, que simbolizam os valores civilizacionais da lei, estão completamente ausentes do texto ovidiano. Os únicos nomeados são Neoptólemo, preparado para imolar Políxena (*Met.* 13.455), e um *sacerdos inuitus* anónimo, que lamenta o destino da jovem (*Met.* 13.475). Não se explora, assim, a legitimidade do sacrifício. Pelo contrário, este é apresentado como um acto inevitável, já que, assim que o fantasma de Aquiles reclama a jovem, os seus camaradas se aprestam a cumprir as suas indicações, sem mais. Na tragédia, os chefes reuniram para debater sobre a premência do sacrifício e as opiniões não foram unânimes (*Hec.* 116-140) e Hécuba tem ainda ocasião de tentar demover Ulisses de imolar a filha.

Nas *Metamorfoses*, a rainha aparece apenas no seu papel de mãe infeliz e repetidamente *orbata*. É esta a característica de Hécuba que Ovídio mais

⁸⁶⁰ Na *Hekabe*, Hécuba debate-se com Ulisses para que este impeça o sacrifício de Políxena e depois com Agamémnon para que este castigue o crime de Polimestor, chegando a apelar aos sentimentos deste para com Cassandra e à *charis* que esta lhe proporciona na intimidade. Depois da punição de Polimestor, Hécuba defende ainda o seu acto perante Agamémnon, como se estivesse num tribunal.

explora. O isolamento da personagem contrasta também com o apoio que a rainha tem na tragédia, sempre acompanhada pelo grupo das cativas cujo papel na vingança, no texto ovidiano, é muito vago (*captiuarum agmina matrum / inuocat; Met.* 13.560-561). No texto dramático, as mulheres de Tróia são peças fundamentais na vingança de Hécuba, atraindo o rei trácio para as tendas e acarinhando os filhos deste antes de os desmembrarem. Esta parece-nos, aliás, uma das diferenças mais importantes entre as duas versões. O facto de se omitirem os filhos de Polimestor torna Hécuba e as restantes Troianas mais humanas e preserva a caracterização de Hécuba como vítima, já que, mesmo cegando o rei com as suas próprias mãos, a sua vingança fica aquém do crime por ele cometido. A lei de Talião não é um princípio evidente ou, sequer, implícito nas *Metamorfoses* e, por este motivo, Hécuba continua a ser a parte mais lesada. A omissão do desmembramento dos filhos de Polimestor é, porém, substituída pela descrição pormenorizada da vingança de Hécuba que recai apenas sobre o pai, mas que ganha em violência, já que, ao contrário do que acontece na tragédia, em que os actos se desenrolam por detrás da cena e só posteriormente são descritos por Polimestor, o narrador relata com pormenor o sucedido e o papel da rainha. A associação com Procne pode, assim, explicar-se como uma reminiscência do assassinio das crianças.

A sintomatologia da ira supre, parece-nos, parte da crueldade mostrada por Hécuba na tragédia. Não deixa, no entanto, de apresentar o desejo de vingança como um sentimento legítimo, já que se dá continuidade à caracterização de Polimestor como um criminoso sem remorsos. A omissão das profecias deste no fim da tragédia, que anunciam a metamorfose de Hécuba e a morte de Cassandra e Agamémnon, tem a mesma finalidade, isto é, apresentar o rei trácio como um ladrão vil e objecto, negando-lhe a relação privilegiada com a divindade que lhe permite o conhecimento do futuro.

A transformação de Hécuba, que, na obra de Eurípides, se revela como uma profecia, acontece imediatamente a seguir ao ataque a Polimestor, dando,

assim, relevo a uma relação de causa-efeito que não é evidente na tragédia. Os Trácios, para vingar o acto de Hécuba, apedrejam-na e esta transforma-se numa cadela. Enquanto tenta falar, o único som que consegue produzir são latidos (Met. 13.567-569):

*clade sui Thracum gens inritata tyranni
Troada telorum lapidumque incessere iactu
coepit; at haec missum rauco cum murmure saxum
morsibus insequitur rictuque in uerba parato
latrauit conata loqui (Met. 13.565-569)*

Hécuba mantém características humanas (*ueterumque diu memor illa malorum*; Met. 13.570; *maesta*; Met. 13.571), que há muito a definiam. A tristeza e as lembranças das muitas desgraças sofridas não são elementos novos, resultantes da metamorfose⁸⁶¹. Como acontece com Níobe, a nova forma física da rainha preserva os seus sentimentos de *mater orba*. A forma verbal *ululauit*, que se entende aqui no seu sentido literal de “uivar”, pode também, no entanto, evocar os gritos de dor de outras mães em pranto. Deste modo, podemos concluir que a dor de Hécuba, mais do que acontece com qualquer uma das mães analisadas, a bestializa⁸⁶². Esta bestialização, não é, contudo, completa, já que não destrói características humanas importantes, como o sofrimento e a memória.

Aurora

A última *mater orba* das *Metamorfoses* é a deusa Aurora, que aparece imediatamente a seguir a Hécuba, como uma espécie de anticlímax. Ao

⁸⁶¹ Cf. FELDHER (2002: 171): «The human beings who undergo metamorphosis, an emphatically final process that leaves no possibility of a return to their prior shape, do not lose the enduring aspects of their being, rather they take on a form that reveals them – an idea that closely resembles influential stoic accounts of identity.»

⁸⁶² Cf. a explicação que Cícero avança para a metamorfose de Hécuba: *Hecubam autem putant propter animi acerbitem quandam et rabiem fingi in canem esse conuersam.* (Tusc. 3.61)

contrário da comisseração geral provocada pela sorte da rainha troiana, que nem os deuses consideram merecida, Aurora tem os seus próprios infortúnios para lamentar, já que o filho, Mémnon, aliado dos Troianos, sucumbiu no campo de batalha, morto por Aquiles:

*cura deam propior luctusque domesticus angit
Memnonis amissi, Phrygiis quem lutea campis
uidit Achillea pereuntem cuspide mater;
uidit, et ille color, quo matutina rubescunt
tempora, palluerat, latuitque in nubibus aether. (Met.13.578-582)*

Dá-se especial relevo no texto ao facto de a mãe ter visto a morte do filho. A repetição anafórica da forma verbal *uidit* e a posição métrica de *mater* enfatizam a estranheza e a anormalidade da presença da mãe no derradeiro momento. A reacção da Aurora é semelhante à do Sol perante a morte de Faetonte: retira-se e o céu torna-se nublado⁸⁶³.

Ao contrário de outras mães que, num momento semelhante, procuram o contacto físico com o filho, a deusa afasta-se, incapaz de ver:

*at non impositos supremis ignibus artus
sustinuit spectare parens (...) (Met. 13.583-584)*

Assim, a deusa aproxima-se mais da reacção contida e relativamente ordeira do Sol, do que do desequilíbrio de Clímene. Só o pormenor do seu aspecto físico desarranjado a associa à irracionalidade típica do luto materno:

*(...) sed crine soluto,
sicut erat, magni genibus procumbere non est
dedignata Iouis lacrimisque has addere uoces: (Met. 13.584-586)*

Com os cabelos em desalinho e lágrimas no rosto, ajoelha-se perante Júpiter, pedindo o reconhecimento das suas acções. Deste modo, a descrição da sua aparência parece mais uma forma de conseguir a atenção do deus do que uma consequência natural do seu luto. Aurora, com uma modéstia que não parece

⁸⁶³ Cf. a mesma ideia nas *Troades* de Séneca. Pirro descreve a morte de Mémnon entre as façanhas de Aquiles: *iacuit peremptus Hector ante oculos patris / patruisque Memnon, cuius ob luctum parens / pallente maestum protulit uultu diem. (Tro. 438-440).*

verdadeira, começa por referir a Júpiter que ela é *omnibus inferior* (Met. 13.587), mas que, mesmo assim, desempenha um papel importante no universo. Afirma, porém, não ter vindo para reclamar honras para si própria, ainda que merecidas, mas para o seu filho morto em combate:

*Memnonis orba mei uenio, qui fortia frustra
pro patruo tulit arma suo primisque sub annis
occidit a forti (sic uos uoluistis) Achille.
da, precor, huic aliquem, solacia mortis, honorem,
summe deum rector, maternaque uulnera leni.* (Met. 13.595-599)

FANTHAM (2004: 72) afirma que «Aurora's grief is altogether more self-centered (...)», porque pede a Zeus honra para o filho e gratidão e reconhecimento pelos serviços por ela diariamente prestados. A mãe não vem protestar contra a morte do filho, que parece aceitar com serenidade. Vem apenas pedir reconhecimento pelas suas funções no universo. Neste aspecto, ela assemelha-se ao Sol, mas a sua atitude é muito mais equilibrada e pacífica, pois não põe em causa a ordem celestial.

Das cinzas de Mémnon nascem aves que lutam entre si e a que se dá o nome de Mnemónides, em honra do defunto. É este o consolo que Júpiter concede à deusa, apesar de ser difícil perceber como as aves, só pelo facto de preservarem o nome do filho, poderiam servir de *lenimen* à dor da mãe.

A comparação com Hécuba que encerra este episódio encerra, parece-nos, a função primordial da sua existência. A dor de Aurora é um contraponto à de Hécuba:

*ergo aliis latrasse Dymantida flebile uisum est,
luctibus est Aurora suis intenta piasque
nunc quoque dat lacrimas et toto rorat in orbe.* (Met. 13.620-622)

E, se a deusa não sofre metamorfose alguma, o orvalho torna permanentes as suas lágrimas. Assim, tal como acontece com Níobe, o luto da mãe é uma característica que não mais a abandona, mesmo que ela seja uma deusa.

Vénus

O último lamento que a obra reproduz é o de Vénus por César. Vários elementos realçam o papel de Vénus como origem dos *Iulii*. A angústia sentida pela deusa ao perceber a conspiração que se preparava contra César associa-a à mãe em aflição pelo desaparecimento do filho:

*palluit et cunctis, ut cuique erat obuia, diuis
'aspice' dicebat 'quanta mihi mole parentur
Insidiae (...)' (Met. 15.765-767)*

Como Ceres perguntando a todos os pastores por Prosérpina (*Fast.* 4.488-489), Vénus tenta encontrar apoio nos restantes deuses. Embora sem êxito, as palavras de Vénus trazem-lhe à lembrança as perseguições sofridas por Eneias, associando assim César ao filho. Quando percebe que nem os presságios funestos impedem a cilada contra a vida de César, Vénus começa a fazer o luto pelo seu descendente:

*tum uero Cytherea manu percussit utraque
pectus et Aeneaden molitur condere nube. (Met. 15.803-804)*

Note-se que o epíteto *Aeneaden* relaciona César com Eneias, o que faz com que a dor de Vénus apresente algo de maternal. É por esta razão que pensa em fazer a César o que fizera a Eneias, isto é, protegê-lo numa nuvem. E tê-lo-ia feito, não fosse a intervenção de Júpiter que, numa imitação clara da profecia da *Eneida*, assegura a Vénus a glória do futuro romano. As últimas palavras são, porém, uma concessão aos desejos da deusa, já que César há-de tornar-se um astro. É a própria Vénus quem leva a alma do defunto, ela convenientemente designada por *alma Venus*, ele por *sui Caesaris* (*Met.* 15.844-845).

A relação dos Júlios com Vénus precede o epílogo da obra (*Met.* 15.), o que faz com que, pelo menos a um nível mais básico de interpretação, se enalteça o imperador com o realce da familiaridade deste com os deuses.

Parece-nos, porém, que a caracterização de Vénus e a associação desta com a expressão do luto lhe dá uma certa domesticidade que raia a paródia.

Conclusão

A galeria de personagens analisadas permite-nos concluir que Ovídio nos apresenta o amor materno como um sentimento com características convencionais. É por esta razão que a dor da mãe perante a morte ou o desaparecimento do filho se entende como uma atitude normal que se descreve recorrendo a uma série de gestos rituais e atitudes determinadas que se repetem em quase todas as personagens. As mães partilham as mesmas emoções e os mesmos movimentos. No entanto, estes não são exclusivos da dor da *mater orba*, mas caracterizam também a dor de outros membros da família próxima do defunto, em especial a da irmã ou irmãs que parecem, assim, representar o *alter ego* da mãe em pranto.

Neste contexto, é a atitude das personagens femininas que ganha protagonismo, ofuscando a reacção do pai, que, normalmente, se omite ou se descreve de forma rápida e exígua. Nas raras vezes em que se regista a dor do pai perante a morte do filho, aquela assume contornos diferentes da dor das mulheres. É mais controlada e menos expansiva e raramente lhe é concedido o direito às palavras e ao lamento, o que só acontece em circunstâncias especiais, como uma despedida. Veja-se, por exemplo, o caso de Filomela e Pandión ou Hélio e Faetonte. Ainda que, quando se despede da filha, Pandión pareça pressentir que algo funesto se aproxima, as palavras que profere são de recomendação da filha ao genro, são palavras que emanam das relações de hospitalidade e de convivência social e familiar. Não acusam, nem censuram, não colocam questões a que ninguém há-de responder. O discurso de Pandión é um discurso ordeiro e, não fosse a tragédia que se adivinha, seria conveniente e

inócuo. Só o conhecimento do crime de Tereu dá às palavras de Pandíon o segundo sentido que quem as profere ignora. Só o leitor sabe que a despedida é, na realidade, a antecipação do lamento, uma vez que o pai não voltará a ver a filha (de facto, não voltará a ver nenhuma das filhas nem o neto a quem envia cumprimentos). Já o Sol, que se prolonga em recomendações a Faetonte, quando este se prepara para a viagem que lhe há-de custar a vida, não tem palavras para dizer quando este morre. A única atitude do pai de Faetonte é retirar-se, de cabeça coberta, e, mais tarde, mesmo considerando a hipótese de abdicar das suas funções no universo, aceita com resignação as súplicas dos outros deuses e as ordens de Júpiter.

Depois de perder Ícaro, Dédalo chama pelo filho, como Ceres por Prosérpina:

*at pater infelix nec iam pater 'Icare' dixit,
'Icare' dixit, 'ubi es? qua te regione requiram?'
'Icare' dicebat: pennas aspexit in undis
deuouitque suas artes corpusque sepulcro
condidit; est tellus a nomine dicta sepulti. (Met. 8.231-235)*

A aflição do pai, que se adivinha na repetição do nome do filho, é evidente. E Dédalo admite mesmo a hipótese de ter de procurar Ícaro. Mas, ao contrário da mãe, o pai não tem de vaguear em busca do filho, que encontra com facilidade. Sem um lamento por Ícaro, sem arrependimento (só a expressão *deuouitque suas artes*), sem sinais de luto. Só a tristeza (*infelix*) e a serenidade do pai que sepulta o filho, como quem esconde o passado e segue adiante, e retira alguma satisfação do facto de o local onde o filho se despenhou preservar o nome deste⁸⁶⁴. A preservação da memória do defunto é, como para Aurora, um

⁸⁶⁴ A mesma versão na *Arte de Amar*: *At pater infelix, nec iam pater, 'Icare!' clamat, / 'Icare,' clamat 'ubi es, quoque sub axe uolas?' / 'Icare' clamabat, pinnas aspexit in undis. / Ossa tegit tellus: aequora nomen habent. (Ars 2.93-96)*. Podemos ver, parece-nos, a mesma moderação na despedida, apesar das lágrimas, que são o único sinal de dor: *Iamque uolaturus paruo dedit oscula nato, / Nec patriae lacrimas continuere genae. (Ars 2.69-70)*.

lenimen, uma consolação, como se, pelo menos, parte do filho continuasse a viver.

O pai aceita e esconde ou esconde-se⁸⁶⁵. A mãe, pelo contrário, percorre o mundo à procura dos restos do filho, como Clímene ou Ceres, que vagueia por terra e por mar em busca da filha que lhe foi tirada. A atitude de Ceres opõe-se completamente à do Sol. Ceres não se esconde, mostra-se e mostra a sua cólera, punindo indiscriminadamente terras, homens e animais.

A dor e a cólera da mãe são sentimentos potencialmente destrutivos, por vezes até para os próprios filhos. Os casos que analisámos mostram como a mãe que dá a vida pode também ser a causa da morte. Se Agave assassina o filho sem ter disso consciência, já Procne e Alteia decidem conscientemente acabar com a vida de Ítis e de Meleagro, ambas para vingar uma ofensa cometida contra um outro membro da família, num caso a irmã, no outro os dois irmãos. Acentua-se, tanto na morte de Ítis como na de Meleagro, a total dependência entre a vida ou a morte do filho e a vontade da mãe, e este poder torna a mãe um ser temível. Ambas as mortes têm origem ou acontecem no recesso da casa, como se aí se escondesse o segredo da vida e da morte.

A personagem mais importante da galeria apresentada é, em nossa opinião, Hécuba, que reúne características da mãe em pranto e da mãe que se torna sanguinária e vingativa. Como Ceres, a cólera de Hécuba transforma-a num ser nocivo. A dor de perder o último filho, que julgava vivo, abate os limites da lei e do racional. É por este motivo que Hécuba se transforma numa cadela: porque a dor, experimentada, no seu caso, demasiadas vezes, e a cólera a desumanizam.

⁸⁶⁵ Cf. também a atitude de Ínaco, que, ao contrário de todos os outros rios, não se dirige a Tempe para consolar Peneu, o pai de Dafne: *Inachus unus abest imoque reconditus antro / fletibus auget aquas natamque miserrimus Io / luget ut amissam. nescit, uitane fruatur / an sit apud Manes, sed quam non inuenit usquam / esse putat nusquam atque animo peiora ueretur.* (Met. 1.583-587).

A comparação destas personagens a animais é frequente e as suas raízes imergem na tradição literária. Ceres é comparada a uma vaca a quem tiraram a cria e a um rouxinol que chora por Ítis, Hécuba e Ino a uma leoa. A natureza serve, nestes casos, como termo de comparação para a mãe em dor e para a mãe irracional e vingativa. Mas a natureza é também a própria mãe em luto, que vê a sua dor ser fossilizada por meio de metamorfoses várias. A dor da mãe torna-se, assim, um elemento da paisagem: a água que brota de um rochedo, o rouxinol que entoia o seu canto, o penedo que guia os marinheiros, o orvalho que cobre os campos.

O mesmo se pode dizer para o grupo das jovens que choram a morte do irmão. SEGAL (1999) defende que estas metamorfoses encontram justificação no facto de, depois de a dor ter trazido estas personagens para o domínio do selvagem, não poderem regressar ao ciclo normal da vida e à civilização. Tornaram-se personificações do descontrolo, da transgressão dos limites. FELDHER (2002: 174) exprime uma opinião semelhante sobre a metamorfose das personagens: «Each transformation appears less a stage in the history of the cosmos than the shutting down of an individual consciousness, locked in opposition to the ordering forces of the universe.»

O luto pelo filho transforma a mãe num ser sem raízes. Como a maternidade é a função cívica primordial da mulher, quando esta deixa de a poder desempenhar, torna-se desnecessária para a comunidade. A mulher sem filhos é, por isso, um ser que não contribui para o bem-estar político e se torna, assim, inútil e dispensável. Níobe transforma-se numa pedra estéril, o oposto da terra fértil que Ceres simboliza.

IV. A maternidade trágica de Andrómaca, Hécuba e Medeia

Introdução

O *corpus* trágico atribuído a Sêneca é uma das produções mais debatidas e problemáticas da literatura latina. São centrais na bibliografia as questões relacionadas com a autoria de algumas das peças (nomeadamente de *Hercules Oetaeus* e de *Octavia*), com o estado fragmentário de outras (*Phoenissae*), ou mesmo com a essência primária do *corpus* enquanto texto para leitura, para recitação ou para dramatização⁸⁶⁶. Dada a falta de informações sobre a encenação do drama de Sêneca, muitas vezes se têm levantado contra a possibilidade de as tragédias terem sido representadas em palco. FANTHAM (2000: 14) defende que só o texto escrito permite a apreciação total das tragédias, admitindo, porém, que o próprio autor poderia ter declamado sozinho ou recitado com outros, de forma dramatizada, alguns excertos⁸⁶⁷. Outros autores, contudo, como, por exemplo, CALDER (1975), SUTTON (1986), DAVIS (1993), BOYLE (1997) e FERREIRA (2006), continuam a defender que as tragédias de Sêneca foram representadas em palco e que foram compostas com esse fim em mente.

Não nos alongaremos sobre esta questão, suficientemente abordada na literatura sobre o tema. Não será irrelevante, porém, salientar que o facto de as tragédias terem sido representadas perante o público que frequentava

⁸⁶⁶ Cf., sobre esta questão, FANTHAM (1982: 15-49) e os artigos reunidos em HARRISON (2000), em especial FITCH (2000), que conclui que Sêneca pode não ter concebido todas as tragédias ou todas as partes de uma tragédia com a finalidade de serem representadas em palco. FERREIRA (2006: 1-8) apresenta uma resenha das opiniões acerca da “representabilidade” do teatro de Sêneca.

⁸⁶⁷ A mesma tese em FANTHAM (1982: 48).

normalmente o teatro romano, e que era composto por pessoas de todas as classes sociais, ou num pequeno auditório ou mesmo numa casa particular perante uma audiência seleccionada, condiciona certamente a recepção e a interpretação do texto, bem como a própria génese da criação literária.

O problema que mais obsta a um entendimento da função dramática em Séneca é a perda quase completa da obra dos seus antecessores. A tragédia romana perdeu-se quase na totalidade e, por esta razão, o único termo de comparação para o *corpus* trágico de Séneca é a tragédia ateniense do século V, género que tem origem em circunstâncias sociais, políticas e culturais completamente diversas. Esta discrepância condiciona uma leitura da tragédia de Séneca que se baseie no cotejo com os modelos gregos, uma vez que necessariamente omite um processo que, durante cinco séculos, operou na tragédia em Roma e que culmina nos únicos exemplares completos do género escritos em língua latina⁸⁶⁸.

Factor igualmente determinante na recepção do *corpus* é a apresentação de ideais estóicos. Ainda que a finalidade didáctica das tragédias enquanto instrumento preferencial para a divulgação da parénesis estóica não se configure de forma uniforme⁸⁶⁹, são facilmente identificáveis nas peças elementos primordiais na doutrina estóica, como as consequências das paixões ou a resignação que o *sapiens* deve mostrar perante a Providência⁸⁷⁰. A morte de um filho é uma das provações com que a divindade testa a *uirtus* estóica⁸⁷¹ e, por este motivo, a atitude da mãe tem também como ponto de referência os

⁸⁶⁸ Cf. sobre a tragédia romana anterior a Séneca, BEACHAM (1996^r), ERASMO (2004) e BOYLE (2006).

⁸⁶⁹ HINE (2000: 28-30) e SCHIESARO (2003: 6-7) apontam algumas dificuldades numa interpretação puramente estóica do drama.

⁸⁷⁰ PIMENTEL (1993), GILL (2006), DUARTE (2009).

⁸⁷¹ Cf., por exemplo, as considerações sobre este assunto no *De Providentia*: *Vnde scio quam aequo animo laturus sis orbitatem, si quoscumque sustulisti uides? Audiui te, cum alios consolareris: tunc conspexissem, si te ipse consolatus esses, si te ipse dolere uetuisses.* (*Dial.* 1.4.5-6).

preceitos estóicos sobre a dor e o luto, considerados emoções de índole negativa. Cícero, nas *Tusculanae disputationes*, classifica o *luctus*, o *maeror*, o *dolor*, a *lamentatio* e a *desperatio* como instâncias da *aegritudo*, uma das quatro categorias de paixões identificadas pelos Estóicos (dor, medo, desejo e prazer)⁸⁷². Como símbolo do desgosto e da importância dos afectos, a *mater orba* está, assim, longe da *uirtus* estóica. O apego à vida do filho é um sentimento irrelevante que faz o ser humano ligar-se emocionalmente a algo que é efémero e que está completamente sujeito, como, aliás, todo o universo, à inexorabilidade da Fortuna.

Nas tragédias atribuídas a Séneca, a mãe é uma personagem frequente e multifacetada. Nas *Troades* e na *Medea*, porém, a maternidade condiciona o próprio argumento. É o facto de Hécuba, Andrómaca e Medeia serem mães que fundamenta a própria tragédia. Nas *Troianas*, o tema consiste na apresentação das perdas sistemáticas e da dor de duas mães que, na literatura, são *orbae* quase por definição. Andrómaca e Hécuba constituem, desde os primórdios da tradição literária grega, o paradigma da mãe privada dos seus filhos, condição que se torna mais evidente e patética porque se enquadra na sequência da queda e do saque de Tróia, que constitui para as personagens uma espécie de limbo entre a estabilidade do passado e a degradação social do futuro. A identidade dos filhos já mortos ou prestes a morrer projecta-se sobre as duas mulheres e estas, como um espelho, absorvem os reflexos dos filhos perdidos. É

⁸⁷² *Sed singulis perturbationibus partes eiusdem generis plures subiciuntur, ut aegritudini inuidencia (...) aemulatio, obtrectatio, misericordia, angor, luctus, maeror, aerumna, dolor, lamentatio, sollicitudo, molestia, adflictatio, desperatio, et si quae sunt de genere eodem. (Tusc. 4.16) Adiante: misericordia est aegritudo ex miseria alterius iniuria laborantis (nemo enim parricidae aut proditoris supplicio misericordia commouetur); angor aegritudo premens, luctus aegritudo ex eius qui carus fuerit interitu acerbo, maeror aegritudo flebilis, aerumna aegritudo laboriosa, dolor aegritudo crucians, lamentatio aegritudo cum eiulatu, sollicitudo aegritudo cum cogitatione, molestia aegritudo permanens, adflictatio aegritudo cum uexatione corporis, desperatio aegritudo sine ulla rerum expectatione meliorum. (Tusc. 4.18). Cf., para uma definição de cada um dos quatro tipos de paixão, os textos recolhidos em LONG & SEDLEY (1987: 410ss.).*

a maternidade frustrada que nelas se vê. Na *Medea*, pelo contrário, é a negação da maternidade pela própria mãe que assume o protagonismo no questionar dos laços que unem a mãe e os filhos ou a esposa e o marido. Temos, assim, dois aspectos de uma mesma realidade: por um lado, a mãe que é privada dos filhos e, por outro, a mãe que deles se priva. Nestas duas tragédias, vemos, assim, representados dois tipos de personagens que os autores anteriores exploraram, mas que têm o seu tratamento mais importante nas *Metamorfoses*: a mãe afectuosa que chora a morte dos filhos e a mãe que é, ela própria, o agente dessa morte. Foram estas as razões que condicionaram a selecção destas duas tragédias para a análise dos sentimentos da mãe perante a morte dos seus filhos.

As Troianas

Tomando como argumento os acontecimentos que se seguiram à vitória dos Gregos sobre Tróia, as *Troades* de Séneca combinam a morte de Políxena e a de Astíanax, assuntos com uma longa tradição literária, especialmente no drama e na epopeia⁸⁷³. A temática do ciclo troiano, remontando não apenas a Homero, mas também à épica pós-homérica e aos tragediógrafos atenienses, suscitou grande interesse junto dos autores trágicos romanos⁸⁷⁴. Na época de

⁸⁷³ Alguns manuscritos dão a esta tragédia o título de *Troas*, que VOLK (2000: 197) defende assim: «This alternative title is well supported in the manuscript tradition and makes perfect sense as the name of a play that, unlike its Euripidean model, does not concentrate heavily on the chorus of Trojan women, but on a more general reflection on the fate of the fallen city.»

⁸⁷⁴ Cf. *supra*, n. 832. Entre as quatro tragédias que Quinto Cícero compôs em apenas dezasseis dias, contar-se-ia também uma com o título *Troades: Quattuor tragoedias sedecim diebus absoluisse cum scribas, tu quicquam ab alio mutuaris? et τραπεζῇ quaeris, cum Electram et Troadas scripseris?* (Cic. Q. fr. 3.5.7). KEULEN (2001: 10ss.) apresenta uma sinopse sobre o tratamento das mortes de Astíanax e de Políxena na literatura grega e latina anterior a Séneca.

Sêneca, o assunto tinha, assim, uma tradição já longa, e não apenas na tragédia, mas em outros gêneros literários. Os antecedentes mais importantes para o tratamento do tema seriam certamente a *Eneida* de Vergílio, especialmente os livros 2 e 3, e as *Metamorfoses* de Ovídio. O primeiro é, aliás, o autor mais citado por Sêneca nas suas obras em prosa⁸⁷⁵ e o estatuto que, por então, a obra vergiliana alcançara permitia a identificação e a compreensão das referências a ela feitas. A influência de Ovídio deve ter sido igualmente determinante. FANTHAM (1982: 30) considera que a narrativa ovidiana da morte de Políxena e Polidoro, que culmina com a transformação de Hécuba, exerceu nas *Troades* uma influência capital, tanto ao nível do argumento, como da estilística e da exploração das emoções.

Ao associar a morte de Políxena e a de Astíanax, Sêneca parece afastar-se da tradição dramática grega⁸⁷⁶. Na *Hécuba*, Eurípides descreveu a morte da jovem e a do irmão, Polidoro, e a morte de Astíanax é narrada nas *Troianas* e na *Andrômaca*. Sófocles terá composto uma *Políxena*, hoje perdida, mas a reconstrução do seu argumento é problemática⁸⁷⁷. Também os tragediógrafos romanos se interessaram pelo assunto. Ênio e Ácio escreveram ambos uma tragédia com o título *Hécuba* e entre as obras do segundo consta também um *Astíanax*.

A associação das mortes de Políxena e Astíanax mantém a mesma dualidade temática explorada por Eurípides e por Ovídio: o sacrifício da jovem em idade núbil e a morte do rapaz que garantia a pervivência da família. Ainda assim, as diferenças entre Polidoro e Astíanax são consideráveis. O primeiro era

⁸⁷⁵ De acordo com FANTHAM (1982: 21).

⁸⁷⁶ Sobre as diferenças entre as *Troades* e os modelos euripidianos, cf. BOYLE (1997: 89ss.).

⁸⁷⁷ Sobre as dificuldades de reconstrução desta tragédia a partir dos seus fragmentos, cf. FANTHAM (1982: 57-60).

já quase um adulto, o segundo ainda uma criança⁸⁷⁸. Todas estas mortes acontecem depois de vencida a guerra e têm, por esta razão, uma especificidade que as distingue das que são o resultado natural do conflito. Este é o eixo principal da tragédia: o tratamento que é concedido aos vencidos, não aos que defenderam a cidade no campo de batalha, mas aos que, por uma questão de sexo ou idade, não combateram. É a análise desta temática, sob as suas diferentes perspectivas (o poder e o modo como se exerce, a morte dos inocentes, a liberdade...), que constitui a base do argumento das *Troades*.

KEULEN (2001: 12ss.) identifica na obra uma estrutura cíclica formada por três elementos simétricos: a dor de Hécuba, o sacrifício de Políxena e a morte de Astíanax. O facto de não haver uma personagem principal, mas uma série de figuras que, como duplos, se reflectem mutuamente nas funções que desempenham, é, de acordo com o autor, uma das características que distinguem as *Troades* das outras tragédias de Séneca. SCHIESARO (2003: 190) considera que a repetição e a regressão são o fundamento da tensão dramática das *Troades*.

É só no segundo acto que se introduz primeiro a referência à imposição do fantasma de Aquiles de que Políxena seja imolada no túmulo do Eácida (*Tro.* 168ss.) e, mais tarde, a informação de que, para garantirem o regresso em segurança dos Gregos, os deuses exigem também a morte do filho de Heitor (*Tro.* 360ss.). Quando Hécuba inicia a tragédia, desconhece em completo que a filha e o neto vão ainda sucumbir aos golpes dos chefes gregos. O monólogo de Hécuba, que funciona como o prólogo da tragédia, difere, assim, da tradição dramática, porque a rainha não revela ter qualquer conhecimento prévio do desenrolar do drama. BOYLE (1997: 89) afirma que a tragédia inicia com o

⁸⁷⁸ Ainda assim, na versão homérica, Astíanax não passa de uma criança de colo. Na tragédia de Séneca, se bem que não seja possível definir a sua idade, Astíanax caminha pelo seu pé para dentro e para fora do túmulo de Heitor, salta da torre em direcção à morte (*Tro.* 503ss.; 705; 1090ss.) e fala (*Tro.* 792).

paradigma do sofrimento humano, a *mater dolorosa*. Segundo FANTHAM (1982: 204-205), a escolha da personagem tem na base considerações de ordem retórica e não dramática, já que Hécuba é «the very type of mourning, turned by her sorrow into a demonic force whose dehumanization is symbolized by the traditional metamorphosis into a bitch.» Parece-nos, porém, que as palavras proferidas pela rainha não insinuam a sua transformação nem são uma antecipação dos sofrimentos futuros. Pelo menos não o são de forma imediata ou evidente. O facto de Hécuba saber que a aguardam as humilhações do cativeiro não lhe confere o estatuto dramático da personagem divina que, no prólogo, adianta elementos que as personagens que intervêm na trama desconhecem. Pelo contrário, Hécuba apresenta a sua situação presente como uma lição para quem a ouve e só o conhecimento do leitor⁸⁷⁹ permite interpretar os lamentos por Heitor e por Príamo como apenas uma parte dos que serão necessários para chorar os que morreram e os que terão de morrer em Tróia. É a identificação de Hécuba com a destruição de Tróia que a torna, segundo KEULEN (2001: 71), a personagem ideal para dar início à tragédia.

Hécuba começa por assinalar os perigos da instabilidade da fortuna⁸⁸⁰:

*Quicumque regno fidit et magna potens
dominatur aula nec leues metuit deos*

⁸⁷⁹ Apesar de, por vezes, identificarmos o receptor da obra como leitor, não subscrevemos a tese de que o texto nunca foi representado nem é representável. Assim, sempre que referirmos o leitor da tragédia de Séneca não excluimos a possibilidade de esta poder também ter tido um espectador ou um ouvinte.

⁸⁸⁰ O carácter precário da prosperidade é um tema frequente na tragédia de Séneca: *O regnorum magnis fallax / Fortuna bonis, / in praecipiti dubioque locas / excelsa nimis.* (Ag. 57-59); *Quisquamne regno gaudet? o fallax bonum, / quantum malorum fronte quam blanda / tegis! / ut alta uentos semper excipiunt iuga / rupemque saxis uasta dirimentem freta / quamuis quieti uerberat fluctus maris, / imperia sic excelsa Fortunae obiacent.* (Oed. 6-11); *Volat ambiguus mobilis alis / hora, nec ulli praestat uelox / Fortuna fidem.* (Phaed. 1142-1143). Cf. também Tro. 258-264: *uiolenta nemo imperia continuit diu, / moderata durant; quoque Fortuna altius / euexit ac leuauit humanas opes, / hoc se magis suppressere felicem decet / uariosque casus tremere metuentem deos / nimium fauentes. magna momento obrui / uincendo didici.*

*animumque rebus credulum laetis dedit,
me uideat et te, Troia: non umquam tulit
documenta fors maiora, quam fragili loco
starent superbi. (Tro. 1-6)*

À imagem de Tróia, a que se dirige na segunda pessoa do singular (*me uideat et te, Troia*), Hécuba é a prova irrefutável de como os que outrora foram poderosos podem ver-se reduzidos a um estado de aniquilamento absoluto. Hécuba acentua a dimensão do poder de Tróia, quando afirma que nem o vencedor acredita que conseguiu a proeza de vencer e que as mil naus gregas não são suficientes para transportar as riquezas dos Troianos (*Tro. 24-27*). O passado opulento de Tróia, que atraiu o apoio de povos longínquos e exóticos (*Tro. 8-14*), e que se opõe ao seu estado actual de destruição e ruína, é evocado nos *alta muri decora* agora carbonizados e espalhados entre os destroços das casas⁸⁸¹. A violência do fogo, que tudo domina e consome, e que tem uma tonalidade vergiliana, é acentuada pela acumulação de vocábulos que, de verso em verso, apresentam Tróia em chamas e fumegante, numa descrição que avança do espaço físico concreto (as muralhas, as casas, o palácio) para o céu coberto de fumo, e que termina com a transformação do próprio dia, que se torna *ater* e *squalidus*:

*nube ceu densa obsitus
ater fauilla squalet Iliaca dies. (Tro. 20-21)*

A densidade de significados dos dois termos estabelece uma relação metafórica entre a escuridão do dia, que não é natural, e o luto, como se este se tornasse, assim, um fenómeno da natureza. A *sympatheia* entre o universo e as acções humanas é, aliás, uma ideia estóica que Séneca introduz com frequência na tragédia.

⁸⁸¹ *En alta muri decora congestis iacent / tectis adusti. (Tro. 15-16).*

Só depois de apresentar a cidade derrotada, destruída e pilhada, Hécuba se dirige aos deuses e aos *patrios cineres* e, em seguida e por ordem decrescente de importância, a Príamo, a Heitor e aos outros filhos:

*Testor deorum numen aduersum mihi
patriaeque cineres teque rectorem Phrygum
quem Troia toto conditum regno tegit,
tuosque manes quo stetit stante Ilium,
et uos meorum liberum magni greges,
umbrae minores (Tro. 28-33)*

De nenhum destes refere o nome e, enquanto Príamo e Heitor são identificados pelo seu papel político e militar, os restantes filhos são apresentados de forma colectiva, de modo a acentuar apenas o seu grande número. A todos estes Hécuba toma como testemunha de que foi ela e não Ulisses quem causou a perda de Tróia:

Meus ignis iste est, facibus ardetis meis. (Tro. 40)

Trata-se de uma alusão ao sonho que teve durante a gravidez de Páris e que a representava dando à luz um archote, como previsão da responsabilidade do filho na destruição de Tróia⁸⁸².

Este movimento do público para o privado que se efectua no monólogo de Hécuba torna-se mais evidente quando a rainha se censura a si própria por lamentar a queda da cidade e se exorta a lembrar antes os *luctus recentes*: o assassinio de Príamo, trespassado de forma impiedosa, ele que não era mais do que um velho sem forças, incapaz de oferecer resistência ao inimigo, e que foi deixado insepulto, um cadáver não cremado no meio de uma cidade em chamas. Mas a mudança da fortuna de Príamo e dos seus descendentes não se

⁸⁸² A tradição do sonho de Hécuba aparece, por exemplo, no *Alexandros* de Énio, citado por Cícero (*Diu. 1.41-42 = 50-61*): *mater grauida parere se ardentem facem / uisa est in somnis Hecuba. quo facto pater / rex ipse Priamus somnio mentis metu / percussus curis sumptus suspirantibus / exsacrificabat hostiis balantibus. / tum coniecturam postulat pacem petens, / ut se edoceret obsecrans Apollinem / quo sese uertant tantae sortes somnium. / ibi ex oraclo uoce diuina edidit / Apollo puerum primus Priamo qui foret / postilla natus temperaret tollere; / eum esse exitium Troiae, pestem Pergamo.*

fica por aí. Os seus filhos e noras e a própria Hécuba, capturados como prisioneiros, são distribuídos à sorte entre os Gregos:

*hic Hectoris coniugia despondet sibi,
hic optat Heleni coniugem, hic Antenoris;
nec dest tuos, Cassandra, qui thalamos petat.
mea sors timetur, sola sum Danaïs metus. (Tro. 59-62)*

A repetição anafórica de *hic* multiplica a dimensão da ruína da família e, em oposição ao anonimato propositado que atribui aos Gregos, realça a identidade dos filhos de Hécuba, mas a *uariatio* que a utilização de *nec* introduz confere a Cassandra uma visibilidade distinta que acentua a rapacidade dos vencedores. Só Hécuba é uma presa não desejada que, deste modo, se distingue da filha e das noras⁸⁸³.

Esta ideia faz Hécuba dirigir-se ao Coro, cuja presença não se insinuou nem referiu antes. Incentivando as Troianas a efectuarem os gestos tradicionais de luto, Hécuba actua como uma *praefica* que lidera o lamento por um defunto:

*Lamenta cessant? turba captivae mea,
ferite palmis pectora et planctus date
et iusta Troiae facite. iamdudum sonet
fatalis Ide, iudicis diri domus. (Tro. 63-66)⁸⁸⁴*

A primeira interrogação parece insinuar a presença do Coro durante o monólogo da rainha. Ao perguntar porque acabam os lamentos, devemos supor que antes eles se ouviam. De qualquer modo, tenham-se as Troianas feito ouvir antes ou não, Hécuba incita-as a retomar o luto e vai dando instruções precisas sobre os gestos que o coro das Troianas deve efectuar e sobre o conteúdo dos seus lamentos (*Tro. 83ss.*).

⁸⁸³ FANTHAM (1982: 203) vê nesta afirmação uma construção circular em que o estatuto diferenciado de Hécuba é uma forma de equilibrar os vencedores e os vencidos. Em *Tro. 1173-1174*, Hécuba, dirigindo-se à morte, diz: *me solam times / uitasque (...)*.

⁸⁸⁴ Note-se a aliteração em oclusivas, a reproduzir os golpes das mulheres no peito.

O luto é apresentado com um estado habitual das mulheres de Tróia⁸⁸⁵ e, talvez também por esta razão, a concentração das descrições do aspecto das mulheres atinge uma dimensão quase obsessiva:

*cingat tunicas palla solutas,
uacet ad crebri uerbera planctus
furibunda manus –
placet hic habitus, placet: agnosco
Troada turbam.
Iterum luctus redeant ueteres,
solitum flendi uincite morem:
Hectora flemus. (Tro. 92-98)*

No significado de repetição que muitas das palavras utilizadas apresentam (*crebri... planctus; iterum; redeant; luctus... ueteres; solitum... morem*), esboça-se a ideia de que este momento não é mais do que a recriação de outros. É o luto que define o grupo das mulheres: *agnosco / Troada turbam*, afirma Hécuba.

As exortações acumulam-se e repetem-se nas palavras do Coro (Tro. 99-116), que terminam igualmente em *Hectora flemus*, e introduzem o lamento de Hécuba por Heitor, o centro e o clímax do *kommos*:

*Tibi nostra ferit dextra lacertos
umerosque ferit tibi sanguineos,
tibi nostra caput dextera pulsat,
tibi maternis ubera palmis
laniata patent:
fluat et multo sanguine manet
quamcumque tuo funere feci
rupta cicatrix.
Columen patriae, mora fatorum,
tu praesidium Phrygibus fessis,
tu murus eras umerisque tuis
stetit illa decem fulta per annos:
tecum cecidit summusque dies
Hectoris idem patriaeque fuit. (Tro. 117-129)*

⁸⁸⁵ Este hábito é afirmado logo nos primeiros versos da resposta do Coro à exortação de Hécuba: *Non rude uulgi lacrimisque nouum / lugere iubet: / hoc continuis egimus annis. (Tro. 67-69).*

Pautado pela repetição e pela sinonímia⁸⁸⁶, o lamento divide-se em duas partes: primeiro, a descrição do luto e do aspecto da mãe (*Tro.* 117-123) e, por último, o papel de Heitor como defensor de Tróia (*Tro.* 124-129).

A representação do luto faz-se realçando o carácter físico dos gestos que o acompanham. O corpo da mãe é apresentado de forma a acentuar a mutilação sofrida. Os termos que designam as partes do corpo que são atingidas pelos golpes da sua mão direita sucedem-se numa progressão que se efectua de baixo para cima (*lacertos, umeros, caput*) e que culmina no símbolo da maternidade: os *ubera*. O adjectivo *maternis* a qualificar *palmis* parece, aqui, uma redundância e enfatiza, parece-nos, a anormalidade da mãe que faz o luto pelo filho. Enquanto o resto do corpo é golpeado, os seios são desnudados (*patent*), revelando os ferimentos que lhe foram também infligidos. Os *ubera laniata* de Hécuba são uma variação de um motivo frequente na descrição do luto⁸⁸⁷ e mostram a mutilação da sua própria maternidade. A dualidade inerente à relação com o filho torna-se manifesta na oposição entre as várias formas de *tu* e as duas vezes em que utiliza *nostra*. A mãe que é agente da dor, que se automutila, revela-se também no participio passivo *laniata*. Hécuba é, assim, ao mesmo tempo, sujeito e, na associação da sua função materna a *ubera*, objecto, vítima dos actos que revelam a sua dor. A repetição da forma verbal *ferit*, cujo sentido é retomado por *pulsat*, e a substituição de *fluat* pelo sinónimo *manet* acumulam-se numa

⁸⁸⁶ O pronome pessoal da segunda pessoa do singular e os adjectivos possessivos da primeira pessoa do plural e da segunda do singular repetem-se sucessivamente: *Tibi nostra ferit dextra lacertos / umerosque ferit tibi sanguineos, / tibi nostra caput dextera pulsat, / tibi maternis ubera palmis / (...) / quamcumque tuo funere feci / (...) / tu praesidium Phrygibus fessis, / tu murus eras umerisque tuis / (...) / tecum cecidit summusque dies (...)*. A repetição organiza-se em quiasmo (*tibi... ferit / ferit tibi*) ou em anáfora (*tibi / tibi; Tro.* 119-120; *tu / tu; Tro.* 125-126), em versos contíguos (*ferit; Tro.* 117-118;) ou alternados (*nostra... dextra / nostra dextera; Tro.* 117, 119). Em *Tro.* 119-120, a *nostra... dextera* é substituída por *maternis... palmis*.

⁸⁸⁷ Veja-se, a título de exemplo, Clímene enquanto procura os restos mortais de Faetonte: *lugubris et amens / et laniata sinus totum percensuit orbem (Met.* 2.334-335).

imagem de violência concreta, extremamente corpórea, e que, como se entende nos versos *quacumque tuo funere feci / rupta cicatrix*, é uma duplicação do que já aconteceu antes.

Na segunda parte do lamento, Hécuba desenvolve a ideia, frequente na tradição literária, da associação entre a vida de Heitor e a segurança de Tróia⁸⁸⁸. Esta dependência assume-se primeiro como uma relação física, como se Heitor fosse um elemento arquitectónico fundamental para a estabilidade da cidade (*columen; praesidium; murus; umeris tuis / stetit... fulta*) e, por fim, como uma identificação entre ambos (*tecum; summusque dies /... idem*).

Hécuba dá, então, o mote ao Coro para que se lamente Príamo (*Tro.* 130-131) e as mulheres apresentam a morte deste como a última de uma longa série de mortes:

*post elatos Hecubae partus
regumque gregem
postrema pater funera cludis (Tro. 137-139)*

A falta de definição da expressão *post elatos Hecubae partus* parece indicar que todos os filhos de Hécuba morreram. Esta generalização, juntamente com a hipérbole do colectivo *grex*, tem como resultado enfatizar a *orbitas* da rainha e retoma as palavras desta na invocação aos filhos (*Tro.* 32⁸⁸⁹).

Quando, porém, o Coro termina e se esperaria de Hécuba uma resposta em conformidade, a rainha muda completamente o tom das suas palavras e, em vez do lamento, afirma:

*Alio lacrimas flectite uestras:
non est Priami miseranda mei
mors, Iliades.
'Felix Priamus' dicite cunctae (...) (Tro. 142-145)*

⁸⁸⁸ Já antes dissera, ao invocar Heitor: *tuosque manes quo stetit stante Ilium.* (*Tro.* 31).

⁸⁸⁹ (...) *et uos meorum liberum magni greges.* A própria Hécuba refere-se novamente aos filhos como *tantus grex*, quando é informada da morte próxima de Políxena (*Tro.* 959).

Opera-se, assim, uma mudança no discurso da rainha que se transforma num *makarismos*. A ideia de que a morte salvou Príamo da indignidade do cativo tem ecos ovidianos, mas o contexto altera por completo o seu significado. Nas *Metamorfoses*, é depois de assistir à morte de Políxena que Hécuba afirma, com alguma surpresa, que Príamo foi afortunado porque não presenciou a morte da filha⁸⁹⁰. Aqui, como Políxena vive ainda, a única razão que Hécuba apresenta para considerar Príamo *felix* é que, ao morrer, evitou tornar-se um prisioneiro de guerra. Só o seu papel como rei se menciona, omitindo-se qualquer referência à perda dos filhos:

*liber manes uadit ad imos,
nec feret umquam uicta Graiium
ceruice iugum;
non ille duos uidet Atridas
nec fallacem cernit Vlixem;
non Argolici praeda triumph
subiecta feret colla tropaeis;
non adsuetas ad sceptrum manus
post terga dabit
currusque sequens Agamemnonios
aurea dextra uincula gestans
latis fiet pompa Mycenis. (Tro. 146-155)*

A acumulação de orações negativas resulta numa enumeração dos actos a que, como cativo, Príamo, seria sujeito, e termina com uma incongruência cronológica, quando apresenta a possibilidade de Príamo seguir, de mãos atadas atrás das costas, à maneira romana, num cortejo triunfal atrás do carro do vencedor, Agamémnon. O tópico, de cariz estóico, da morte libertadora, que, como uma bênção, evita a indignidade e a vergonha, é frequente nas *consolationes*, mas tem na tragédia de Séneca, e em particular nas *Troades*, uma das suas ilustrações mais significativas. Insinuando-se no drama dos habitantes de Tróia, a liberdade que a morte proporciona, especialmente no momento em

⁸⁹⁰ *quis posse putaret / felicem Priamum post diruta Pergama dici? / felix morte sua est! nec te, mea nata, peremptam / adspicit et uitam pariter regnumque reliquit. (Met. 13.519-522). Cf. supra, p. 428.*

que os sobreviventes se preparam para se tornarem escravos, assume um carácter idílico. O desejo de fuga desta realidade sombria é uma presença constante na tragédia e terá os seus símbolos mais evidentes em Políxena e Astíanax.

Em resposta aos incitamentos da rainha, o Coro repete a exclamação desta (*felix Priamus*; Tro. 156, 161) e imagina Príamo no Elísio, procurando Heitor entre as *pías* /... *animas*. Conclui com a generalização:

*Felix Priamus:
felix quisquis bello moriens
omnia secum consumpta tulit.* (Tro. 161-163)

Depois desta intervenção, Hécuba sai de cena e só volta a aparecer no quarto acto. No início do segundo, Taltíbio, o mensageiro dos Gregos, relata ao Coro como, de uma fenda que se abriu no solo, saiu o fantasma de Aquiles. Este, encolerizado pela falta de reconhecimento dos companheiros de armas, exigiu que Políxena fosse sacrificada junto do seu túmulo:

*desponsa nostris cineribus Polyxene
Pyrrhi manu mactetur et tumulum riget.* (Tro. 155-156)

Não há, porém, resposta ou reacção por parte das Troianas, o que tem levantado algumas objecções relativamente à composição do Coro perante o qual Taltíbio apresenta a reclamação de Aquiles. Tem-se proposto, por exemplo, que se trata de um coro de soldados gregos. Seria estranho que as mulheres de Tróia aceitassem em silêncio a morte de mais dois dos seus⁸⁹¹.

Segue-se uma longa discussão entre Pirro e Agamémnon em que ambos dirimem argumentos sobre a legitimidade da deliberação da sombra de Aquiles. Agamémnon opõe-se e, mostrando-se comedido e sensato no exercício

⁸⁹¹ Quando, adiante, Helena vem para junto do grupo de mulheres com a finalidade de, sob a aparência de um casamento com Pirro, levar Políxena para ser sacrificada, o Coro parece ignorar a realidade. A segunda intervenção do Coro é, também, problemática, já que exprime um cepticismo perante a vida depois da morte que colide com muitos momentos e ideias apresentadas. Sobre esta questão, cf. FANTHAM (2000: 16-19).

do poder, chama Calcante para que este consulte os deuses e se decida de acordo com a vontade divina. Calcante, todavia, afirma que não é apenas o sacrifício de Políxena que os deuses reclamam, mas também a morte de Astíanax:

*nobilior tuo,
Polyxene, cruore debetur cruor.
quem fata quaerunt, turre de summa cadat
Priami nepos Hectoreus et letum oppetat.
tum mille uelis impleat classis freta. (Tro. 366-370)*

Novamente retida, a frota aqueia deve imolar ambos para garantir o regresso. A associação entre a morte de Políxena e a de Ifigénia é evidente e explorada pelo próprio Pirro como argumento para convencer Agamémnon, que foi capaz de sacrificar a própria filha, a ordenar a morte da jovem troiana. O sacrifício de Políxena é, assim, uma recriação da morte de Ifigénia. Note-se como os *fata* coincidem aqui com as reclamações do fantasma de Aquiles e legitimam, pelo menos em aparência, as mortes que ocorrem no drama. Segundo SCHIESARO (2003: 194), à intervenção de Calcante, que é, aliás, única na peça, opõe-se a ode de teor epicurista que se segue, que põe em relevo «the deceiving rationality of *fata*.»

É a busca dos Gregos por Astíanax, que Andrómaca escondeu, aconselhada por um *senex* que o texto não identifica, que dá início ao terceiro acto. Neste, que é o acto central da tragédia, Andrómaca assume o papel principal e, sendo a única personagem feminina em cena, ganha uma dimensão que não tem nos outros actos e que é acentuada pelo facto de se distanciar do coro das mulheres de Tróia. Assinalando o estado de luto destas, Andrómaca mostra-se numa condição distinta, não só por considerar inúteis os lamentos das Troianas, mas também porque o sofrimento provocado pela morte de Heitor a deixou num estado de indiferença e paralisia emocional:

*Quid, maesta Phrygiae turba, laceratis comas
miserumque tunsae pectus effuso genas
fletu rigatis? leuia perpessae sumus,*

*si flenda patimur. Ilium uobis modo,
mihi cecidit olim, cum ferus curru incito
mea membra raperet et graui gemeret sono
Peliacus axis pondere Hectoreo tremens.
tunc obruta atque euersa quodcumque accidit
torpens malis rigensque sine sensu fero. (Tro. 409-417)*

Esta oposição retoma duas atitudes divergentes do Coro. No primeiro acto, Hécuba incitara primeiro as cativas a chorar e a fazer o luto pelos mortos, mas depois alterara o tom do discurso, que de lamento se transformou num cântico de triunfo. A segunda ode coral, porém, é a expressão de um niilismo surpreendente em relação à morte. Quando Andrómaca se dirige às mulheres de Tróia, estas parecem manter-se como estavam no início da intervenção de Hécuba: num estado de luto obsessivo e incontrolável. Estas incoerências levaram FANTHAM (1982: 273) a propor que a segunda ode coral não representa o pensamento das cativas, mas o do próprio autor.

O luto das Troianas é uma necessidade retórica, uma vez que permite que Andrómaca se distancie de um nível de dor comum e se assuma como alguém que experimenta um sofrimento que não é possível exprimir em gestos de luto ou em lágrimas. Andrómaca surge, assim, como uma heroína estoica, uma vez que ultrapassou as emoções e, não fosse o filho ainda vivo, seguiria Heitor na morte, poupando-se, assim, à indignidade do cativo:

*Iam erepta Danaïs coniugem sequerer meum,
nisi hic teneret: hic meos animos domat
morique prohibet; cogit hic aliquid deos
adhuc rogare, tempus aerumnae addidit.
hic mihi malorum maximum fructum abstulit,
nihil timere: prosperis rebus locus
ereptus omnis, dura qua ueniant habent.
miserrimum est timere, cum speres nihil. (Tro. 418-425)*

A repetição de *hic* para designar Astíanax aproxima a criança e mostra Andrómaca completamente consciente de que é através dele que virá ainda mais sofrimento. Assim, sem ilusões nem esperanças, a mãe assume por completo que a maternidade será o instrumento da sua desdita e este

conhecimento justifica o tom sentencioso do seu discurso. Apesar de não saber o que os Gregos decidiram, Andrómaca foi informada em sonhos por Heitor de que deveria esconder Astíanax para o salvar. Heitor, que, como acontecia no sonho de Eneias no livro 2 da *Eneida*⁸⁹², aparece desfigurado, é a imagem da derrota e da própria morte (Tro. 443-450⁸⁹³) e as palavras que profere e que a esposa reproduz são uma exortação à acção e repetem a negação da utilidade do luto:

*'dispelle somnos' inquit 'et natum eripe,
o fida coniunx: lateat, haec una est salus.
omitte fletus – Troia quod cecidit gemis?
utinam iaceret tota. festina, amoue
quocumque nostrae paruulam stirpem domus.'* (Tro. 452-456)

A primeira reacção de Andrómaca, ao acordar, não é, porém, procurar o filho ou cumprir as recomendações de Heitor. Andrómaca, *oblita nati* (Tro. 459), procura o marido morto, cuja sombra, obviamente, lhe escapa.

Depois, finalmente, a sua mente detém-se no filho, a quem se dirige directamente:

*O nate, magni certa progenies patris,
spes una Phrygibus, unica afflictæ domus,
ueterisque suboles sanguinis nimium inclita
nimiumque patri similis. hos uultus meus
habebat Hector, talis incessu fuit
habituque talis, sic tulit fortes manus,
sic celsus umeris, fronte sic torua minax
ceruice fusam dissipans iacta comam –* (Tro. 461-468)

⁸⁹² *in somnis, ecce, ante oculos maestissimus Hector / uisus adesse mihi largosque effundere fletus, / raptatus bigis ut quondam, aterque cruento / puluere perque pedes traiectus lora tumentis. / ei mihi, qualis erat, quantum mutatus ab illo / Hectore qui redit exuuias indutus Achilli / uel Danaum Phrygios iaculatus puppibus ignis! / squalentem barbam et concretos sanguine crinis / uulneraque illa gerens, quæ circum plurima muros / accepit patrios.* (A. 2.270-279).

⁸⁹³ *cum subito nostros Hector ante oculos stetit, / non qualis ultro bella in Argiuos ferens / Graias petebat facibus Idaeis rates, / nec caede multa qualis in Danaos furens / uera ex Achille spolia simulato tulit; / non ille uultus flammeum intendens iubar, / sed fessus ac deiectus et fletu grauis / similisque nostro, squalida obtectus coma.*

As semelhanças entre pai e filho, que Andrômaca enumera, justificam o destino que os Gregos decidiram para a criança (*Tro.* 365ss.). A ideia de que o rapaz é um Heitor *rediuius*, ideia que se repete de forma excessiva nas palavras que dirige ao filho, faz com que Astíanax sobressaia de entre os outros Troianos. O vocabulário da abundância (*magni, nimium, nimiumque*) contrapõe-se ao do isolamento (*spes una, [spes] unica*) e a exploração da similitude atinge um carácter obsessivo que causa a perda da identidade do rapaz. A ideia de que Astíanax é apenas um elo entre o passado e o futuro – ou sê-lo-ia, se os Gregos não o sacrificassem – marca o discurso de Andrômaca que, como um estigma, lança sobre o filho o peso da sua ascendência e do papel que, enquanto descendente de reis, devia ter dentro da comunidade troiana (*spes una Phrygibus, unica afflictæ domus*). Primeiro o estatuto do pai (*magni certa progenies patri*), depois o dos seus antepassados (*ueterisque suboles sanguinis nimium inclita*) e, por fim, uma parecença com Heitor que a própria mãe reconhece como excessiva (*nimiumque patri similis*) e que descreve de forma minuciosa, retiram a Astíanax o que este poderia ter de específico⁸⁹⁴.

Andrômaca, incapaz de esquecer o papel político do filho, prevê, ainda que numa interrogação, que Astíanax poderá vir a ser o vingador e o líder dos Troianos (*Tro.* 469-474). Mas esta hipótese é interrompida pelo bom senso:

*sed mei fati memor
tam magna timeo uota – quod captis sat est,
uiuamus. (Tro. 474-476)*

A ideia utópica de que Astíanax poderá recuperar o poder do passado é afastada pela clarividência de Andrômaca. Sem ilusões, sem esperança, a mãe de Astíanax assume o seu estatuto de cativa e compreende que, em tal situação, estar viva é já uma dádiva a agradecer. Perante esta conclusão, Andrômaca

⁸⁹⁴ Note-se a acumulação de vocábulos que identificam o filho com o pai, associando-os ao ponto de não se conseguirem distinguir um do outro: *hos uultus meus / habebat Hector, talis incessu fuit / habituque talis, sic tulit fortes manus, / sic celsus umeris, fronte sic torua minax / ceruice fusam dissipans iacta comam.*

procura um refúgio para o filho entre os destroços de Tróia, insuficientes para ocultar o corpo de uma criança:

*Heu me, quis locus fidus meo
erit timori quae te sede occultam?
arx illa pollens opibus et muris deum,
gentes per omnes clara et inuidiae grauis,
nunc pulvis altus, strata sunt flamma omnia
superestque uasta ex urbe ne tantum quidem,
quo lateat infans. quem locum fraudi legam? (Tro. 476-482)*

As interrogações, que são um recurso frequente neste tipo de situações, mostram a indecisão e a insegurança da personagem. Tróia foi reduzida a cinzas e a destroços pulverizados que não podem ser refúgio para Astíanax. O túmulo de Heitor é a única construção capaz de esconder o rapaz e de o proteger dos Gregos, mas a própria mãe compreende as implicações deste acto:

*optume credam patri –
sudor per artus frigidus totos cadit:
omen tremesco misera feralis loci. (Tro. 486-488)*

O frio que a invade perante a ideia de “sepultar” o filho é apenas uma antecipação do que acontecerá adiante, quando Ulisses lhe descrever a morte que aguarda o rapaz. Agora, num acto que não é mais do que uma representação do futuro, Astíanax, sepultado vivo, experimentará a protecção do túmulo paterno a par da escuridão da sua morte próxima.

É o *senex* que incentiva Andrómaca e, a cada passo, lhe dá segurança para continuar o estratagema, já que ela se mostra hesitante e preocupada com o filho, obrigado a esconder-se num lugar tão assustador (Tro. 496). Voltam, então, as interrogações:

*Quis te locus, quae regio seducta, inuia
tuto reponet? quis feret trepidis opem?
quis proteget? (Tro. 496-499)*

A repetição anafórica do pronome interrogativo acentua a indecisão e mostra a gravidade da situação em que Andrómaca se encontra. Por esta razão, confia o filho a Heitor (Tro. 500-502). Astíanax, porém, demonstra relutância em entrar

no túmulo. A mãe, todavia, não identifica na reacção do filho o medo pueril da escuridão. Pelo contrário, Andrómaca interpreta a hesitação do rapaz como uma demonstração de coragem, da vergonha que o rapaz tem de se esconder perante uma ameaça. Porque vê no filho o espírito destemido do pai, recorda-o da sua nova condição de cativo (Tro. 505-508). *Cedendum est malis*, afirma, instruindo o rapaz sobre a forma mais sensata de enfrentar a situação. As palavras que dirige ao filho terminam de forma sentenciosa:

*fata si miseros iuuuant,
habes salutem; fata si uitam negant,
habes sepulcrum. (Tro. 510-512)*

O paralelismo da frase, que resume o destino de Astíanax, baseia-se na repetição anafórica de *fata si* e de *habes* e na antítese *uitam / sepulcrum*. O tom parenético, contudo, a que Andrómaca recorre para, de forma clara, apresentar à criança a situação em que se encontra, não pode deixar de parecer um pouco desajustado e até insensível.

O ancião aconselha Andrómaca a afastar-se do túmulo, para não levantar suspeitas, mas enquanto se afastavam, aproxima-se deles Ulisses que vem em busca do filho de Heitor para dar cumprimento à profecia de Calcante. Andrómaca confia novamente o filho a Heitor:

*Dehisce tellus, tuque, coniunx, ultimo
specu reuulsam scinde tellurem et Stygis
sinu profundo conde depositum meum.
adest Vlixes, et quidem dubio gradu
uultuque: nectit pectore astus callidos. (Tro. 519-523)*

Então, obrigada a agir e a argumentar com Ulisses para salvar o filho, Andrómaca transforma-se quase num *alter ego* do Itacense. Este, apresentando-se embora como um *durae minister sortis* (Tro. 524), justifica a acção dos Gregos como a única forma de garantir o regresso e de concluir a guerra sem receio de que, no futuro, a *Hectorea suboles* (Tro. 528) reanimasse os Teucros a lutar. Em resposta, Andrómaca discorre sobre o paradeiro e o destino incerto do filho, a

quem se dirige na segunda pessoa, substituindo, assim, Ulisses por Astíanax como interlocutor do discurso:

*Vtinam quidem esses, nate, materna in manu,
nossemque quis te casus ereptum mihi
teneret, aut quae regio – non hostilibus
confossa telis pectus ac uinclis manus
secantibus praestricta, non acri latus
utrumque flamma cincta maternam fidem
umquam exuissem. (Tro. 556-562)*

Segue-se uma sequência de interrogações em que a mãe apresenta o que poderia ter acontecido ao filho:

*nate, quis te nunc locus,
fortuna quae possedit? errore auio
uagus arua lustras? uastus an patriae uapor
corripuit artus? saeuus an uictor tuo
lusit cruore? numquid immanis ferae
morsu peremptus pascis Idaeas aues? (Tro. 562-567)*

Todo o discurso tem como finalidade enganar Ulisses e, neste sentido, a acumulação de possibilidades que se exprimem com forma interrogativa mostra a pretensa incerteza da mãe sobre o destino do filho e retoma tópicos comuns a outros lamentos, como o do cadáver dilacerado pelas feras e abandonado às aves de rapina.

A resposta de Ulisses é, todavia, célere e segura. As divagações de Andrômaca não o enganaram e interroga-a novamente. À pergunta *ubi natus est?* Andrômaca responde com outras perguntas:

*Vbi Hector? ubi cuncti Phryges?
ubi Priamus? unum quaeris: ego quaero omnia. (Tro. 571-572)*

Ao repetir em anáfora o advérbio interrogativo que Ulisses pronunciou, Andrômaca realça as perdas sofridas e, intencionalmente, insere Astíanax na longa série de mortes e na ruína que caracteriza o momento que vive. Esta oposição entre o filho todos os outros familiares já falecidos é especialmente visível na antítese *unum / omnia*. Andrômaca desvaloriza Astíanax para desviar dele a atenção dos Gregos. Esta estratégia, porém, exaspera Ulisses, que recorre

às ameaças de tortura, ameaças que, obviamente, não assustam nem demovem Andrómaca.

Quando, todavia, Ulisses alega que os Gregos querem a morte do filho de Heitor para protegerem os seus próprios filhos, a mãe vê-se obrigada a ser mais precisa nas informações sobre o destino de Astíanax e diz a Ulisses que este está já morto (*Tro.* 594-597⁸⁹⁵). A forma como Andrómaca, quando Ulisses a insta a provar o que diz, refere novamente que Astíanax já não vive, isto é, que se encontra entre os mortos, permite-lhe dizer a verdade, mas de modo a que Ulisses entenda que a criança está morta:

*Ita quod minari maximum uictor potest
contingat et me fata maturo exitu
facilique soluant ac meo condant solo
et patria tellus Hectorem leuiter premat,
ut luce caruit: inter extinctos iacet
datusque tumulo debita exanimis tulit. (Tro. 599-604)*

Ainda que por um breve momento Ulisses acredite nas palavras de Andrómaca, logo a seguir a sua astúcia alerta-o para o comportamento e o aspecto da mãe, que se mostra inquieta e agitada, levantando assim as suspeitas de quem agora a observa com mais atenção:

*scrutare matrem: maeret, illacrimat, gemit;
sed huc et illuc anxios gressus refert
missasque uoces aure sollicita excipit:
magis haec timet, quam maeret. ingenio est opus. (Tro. 615-618)*

O temor pela vida do filho e a atenção com que ouve Ulisses traíram Andrómaca. Se, efectivamente, o filho estivesse já morto, a ausência de esperança condicionaria a atitude da mãe. Mostram a inquietação de Andrómaca: a acumulação das formas verbais na segunda parte do primeiro verso, com a aliteração em –m que reproduz os gemidos da mãe em pranto; a expressão *huc et illuc*, isolada pela cesura pentemímere; os adjetivos *sollicita* e

⁸⁹⁵ *Inuita, Vlixē, gaudium Danaīs dabo: / dandum est; fatere quos premis luctus, dolor. / gaudete, Atridae, tuque laetifica, ut soles, / refer Pelasgis: Hectoris proles obit.*

anxios que qualificam os passos da mãe. Estes recursos, que são frequentes na descrição da *mater orba*, entende-os Ulisses como prova de que, mais do que tristeza, Andrómaca sente temor pela vida do filho e é este sentimento que o Grego explora de forma a fazer com que ela se denuncie. Primeiro congratula-a por Astíanax estar morto, uma vez que, assim, se salvou de uma morte violenta. Ao ouvir a morte que esperava o filho, Andrómaca descreve a sua própria reacção:

*Reliquit animus membra, quatiuntur, labant
torpetque uinctus frigido sanguis gelu. (Tro. 623-624)*

Desfalecendo e com o sangue enregelado, a mãe denuncia-se. Ulisses observa como, inquieta, reage às suas palavras⁸⁹⁶ e finge que os seus soldados capturaram o rapaz. Pergunta-lhe então de forma irónica:

*quid respicis trepidasque? iam certe perit. (Tro. 631)*⁸⁹⁷

Perante a possibilidade da morte do filho, a mãe apresenta os mesmos sintomas que já antes experimentara, quando decidira esconder Astíanax no túmulo de Heitor: *sudor per artus frigidus totos cadit: / omen tremesco misera feralis loci. (Tro. 487-488)*⁸⁹⁸. São estes sinais, ambos físicos, que Ulisses convenientemente interpreta como prova de que o filho ainda vive.

Mas Andrómaca não está ainda preparada para desistir e Ulisses recorre a outro estratagema para a obrigar a revelar o verdadeiro destino de Astíanax,

⁸⁹⁶ *Intremuit: hac, hac parte quaerenda est mihi; / matrem timor detexit: iterabo metum. (Tro. 625-626).*

⁸⁹⁷ A esta insinuação Andrómaca responde: *Vtinam timerem. solitus ex longo est metus: / dediscit animus sero quod didicit diu. (Tro. 632-633).* FANTHAM (1982: ad 632) considera estas palavras a expressão do medo que acompanha as mães de crianças pequenas: «Andromache disclaims her fear, as a reflex from long habit (a real insight by Seneca into the psychology of mothers of little children).» As palavras de Andrómaca, porém, não identificam a origem desse medo, que pode residir nas perdas e na incerteza provocadas por uma guerra que há tanto tempo se prolongava.

⁸⁹⁸ A reacção que teve ao acordar do sonho em que Heitor a avisava de que era necessário esconder o filho, é idêntica: *mihi gelidus horror ac tremor somnum excutit. (Tro. 457).*

afirmando que Calcante previu uma forma alternativa de conseguir o regresso dos Gregos a casa. Já que o filho de Heitor está morto, serão as cinzas do seu pai, espalhadas através das ondas, e a destruição do seu túmulo a propiciar a viagem (*Tro.* 634-639).

Perante esta ameaça, finalmente, Andrómaca vacila e, num longo monólogo que, obviamente, não seria ouvido por Ulisses, mostra o conflito que lhe divide a alma:

*Quid agimus? animum distrahit geminus timor:
hinc natus, illinc coniugis cari cinis.
pars utra uincet? (Tro. 642-644)*

Como numa suasória, Andrómaca debate-se entre duas relações familiares. Hesita entre o dever para com as cinzas do marido e o amor de mãe. Curiosamente, porém, mais uma vez a maternidade de Andrómaca é apresentada de forma distorcida como um aspecto da sua devoção a Heitor. O juramento que faz e que, mais uma vez, sublinha as semelhanças de pai e filho, é surpreendente porque manifesta, agora de forma clara, os fundamentos da *pietas* de Andrómaca em relação a Astíanax:

*testor immites deos,
deosque ueros coniugis manes mei:
non aliud, Hector, in meo nato mihi
placere quam te. uiuat, ut possit tuos
referre uultus. (Tro. 644-648)*

Neste debate, a mãe enfrenta a *coniunx*. A mãe, porém, começa por justificar a defesa do filho no matrimónio. O amor materno advém do facto de Astíanax ser uma réplica do marido. Neste aspecto, o monólogo de Andrómaca é, com as devidas diferenças, muito semelhante ao de Medeia, mas enquanto Medeia tenta dissociar-se dos filhos, porque estes são a imagem do marido, Andrómaca não consegue separar a *mater* da *coniunx*. É porque – ou é também porque – Astíanax é filho de Heitor que Andrómaca o defende. O respeito pelo túmulo, porém, cedo se impõe e afirma:

prorutus tumulo cinis

*mergetur? ossa fluctibus spargi sinam
disiecta uastis? potius hic mortem oppetat.* (Tro. 648-650)

Andrómaca hesita entre entregar o filho aos Gregos e manter em segurança os restos mortais de Heitor. Mas, logo de seguida, interroga-se:

*poteris nefandae deditum mater neci
uidere, poteris celsa per fastigia
missum rotari?* (Tro. 651-653)

A repetição anafórica de *poteris* põe em dúvida a decisão tomada anteriormente que, todavia, imediatamente se impõe de novo:

*potero, perpetiar, feram,
dum non meus post fata uictoris manu
iactetur Hector.* (Tro. 653-655)

A acumulação assindética das formas verbais dá ao discurso um tom asseverativo que mostra a determinação da mãe em suportar a morte do filho. Note-se, porém, que, apesar da ilusão criada pela suasória, Astíanax está condenado. O que Andrómaca debate é, na verdade, que tipo de morte o filho sofrerá: esmagado sob os escombros do túmulo do pai ou sacrificado pelos Gregos. A mãe avança e recua até concluir:

*Hector est illinc tuus –
erras: utrimque est Hector; hic sensus potens,
forsan futurus ultor extincti patris –
utrique parci non potest: quidnam facis?
serua e duobus, anime, quem Danaï timent.* (Tro. 658-662)

Acaba por se impor, depois da verificação de que ambos são Heitor, a escolha daquele que é temido pelos chefes gregos⁸⁹⁹. Assistimos, mais uma vez, à sobreposição das considerações políticas sobre os afectos privados. Andrómaca não esquece nunca a posição social do filho.

⁸⁹⁹ FANTHAM (1982: *ad loc.*) considera que esta conclusão é ambígua. Parece-nos, todavia, que a forma verbal *timet*, no presente do indicativo, aponta para um receio actual. Os Gregos temem agora Astíanax, porque ele é filho de Heitor, não Heitor.

Pressionando-a, Ulisses repete que destruirá o túmulo (*Tro.* 663, 664-665, 667-668, 685). E a mãe, em defesa tanto da sepultura do marido como do abrigo do filho, opõe-se e resiste, comparando-se ela própria a uma Amazona e a uma Ménade em fúria (*Tro.* 672ss.⁹⁰⁰). Neste duelo desigual, a mãe defende os seus entes queridos e associa-se a mulheres que se situam fora da ordem natural, a mulheres que lutam ou que, fora de si, se afastam da civilização e penetram em recessos selvagens em que agem como feras. Andrómaca apresenta-se como uma força invasora e imagina-se morrendo para defender o túmulo:

*in medios ruam
tumuloque cineris socia defenso cadam.* (*Tro.* 676-677)

FANTHAM (1982: *ad* 672ss.) nota a associação da corrida de uma mulher para o meio dos homens como sinal de transgressão e de loucura. Ao planejar esta acção, Andrómaca imagina-se com um poder que, na realidade, não tem. Ulisses, porém, ao incitar os seus homens a demolir o túmulo, censura-os por hesitarem, por se deixarem comover pelo *flebilis clamor* e pelo *furor... cassus* de uma mulher. Alertando-os para o sexo de Andrómaca, Ulisses refuta a violência das ameaças que esta profere.

Segue-se a exortação para que lhe tirem a ela a vida, exortação comum na mãe que oferece a sua vida pela do filho⁹⁰¹:

Me, me sternite hic ferro prius. (*Tro.* 680)

O desejo de morrer, porém, e a comprovação do fracasso dão lugar à ilusão – parece tratar-se, de facto, de uma alucinação – de que Heitor se prepara para a defender:

repellor, heu me. rumpe fatorum moras,

⁹⁰⁰ *Resistam, inermis offeram armatis manus, / dabit ira uires. qualis Argolicas ferox / turmas Amazon strauit, aut qualis deo / percussa Maenas entheo siluas gradu / armata thyrsos terret atque expers sui / uulnus dedit nec sensit.* (*Tro.* 671-676).

⁹⁰¹ Cf., por exemplo, as palavras da mãe de Eurialo: *figite me, si qua est pietas, in me omnia tela / conicite, o Rutuli, me primam absumite ferro.* (*A.* 8.493-494). Cf. *supra*, p. 293.

*molire terras, Hector: ut Vlixem domes,
uel umbra satis es – arma concussit manu,
iaculatur ignes – cernitis, Danaï, Hectorem?
an sola uideo? (Tro. 681-684)*

A exclamação *heu me* repete-se. Já antes, sem saber onde ocultar a criança, Andrômaca pronunciara esta mesma expressão de desespero. Também aqui as opções escasseiam. Sem mais recursos, Andrômaca pede auxílio ao fantasma do marido, numa apóstrofe curiosa especialmente depois de o Coro ter afirmado que não há existência para lá da morte⁹⁰². O poder de Heitor não passa de uma ilusão de Andrômaca.

Finalmente, começa a ceder. Diz para si própria:

*Quid agis? ruina mater et gnatum et uirum
prosternis una? forsitan Danaos prece
placare poteris. conditum elidet statim
immane busti pondus – intereat miser
ubicumque potius, ne pater natum obruat
prematque patrem natus. (Tro. 686-691)*

A alternativa que, finalmente, decidirá a acção cujo desenrolar antes debateu começa a tomar forma nas palavras da mãe que se vê sem recursos para impedir a morte do filho e a violação das cinzas do marido. É o horror da destruição de ambos, um sobre o outro, que faz Andrômaca cessar as tentativas de demover Ulisses. E então, por fim, suplica:

*Ad genua accido
supplex, Vlixē, quamque nullius pedes
nouere dextram pedibus admoueo tuis.
miserere matris et preces placidus pias
patiensque recipe (...) (Tro. 691-695)*

O tom do seu discurso muda por completo. Mantendo a dignidade que a caracteriza ao afirmar que o seu estatuto como *supplex* é novo, Andrômaca apresenta-se, ainda assim, como dependente da vontade de Ulisses. O poliptoto

⁹⁰² *Post mortem nihil est ipsaque mors nihil. (Tro. 397).*

pedes / pedibus põe em evidência a sujeição que Andrômaca assume e, na assonância das palavras que pronuncia, transparece a veemência do seu pedido. Não se trate de uma súplica manifesta pela vida do filho, pois Andrômaca invoca benesses para os entes queridos de Ulisses: a esposa (Tro. 698), o pai (Tro. 699-700) e o filho (Tro. 700-702). Só então repete:

*miserere matris; unicum afflictæ mihi
solamen hic est. (Tro. 703-704)*

A justificação que Andrômaca apresenta a Ulisses, frequente nos lamentos, é especialmente relevante neste contexto, uma vez que especifica a solidão da mãe que já tanto perdeu e que, agora, se vê na iminência de perder o único filho. Já antes a mãe designara o filho como *spes... unica afflictæ domus* (Tro. 462), mas aqui a *domus* é substituída pela própria mãe. A diminuição da importância social de Astíanax, que antes se impusera no monólogo de Andrômaca, tem aqui como finalidade persuadir Ulisses de que a vida da criança não representa uma ameaça para os Gregos. A mãe tenta obliterar os motivos da morte do filho, desviando a atenção do seu interlocutor para uma situação em que Astíanax se torna inócuo. Pondo em relevo a sua fragilidade, a mãe em dificuldades pretende substituir o pai guerreiro.

Os versos que se seguem afastam-se dos anteriores pela complexidade métrica. O trímetro iâmbico, utilizado nas partes faladas da tragédia, é substituído por versos anapésticos, diferenciando, assim, a intervenção de Andrômaca, que se apresenta como uma monódia. Pede então à criança que saia do túmulo:

*Huc e latebris procede tuis,
flebile matris furtum miseræ. (Tro. 705-706)*

Exclama com tom irónico:

*Hic est, hic est terror, Vlixæ,
mille carinis. (Tro. 706-707).*

A oposição entre o aspecto inofensivo de Astíanax e o poder dos Gregos, que se subentende nas *mille carinae*, acentua a desproporção e a violência do acto que preparam. As instruções que, de seguida, transmite ao filho, mostram a alteração do destino de Astíanax. Ele, que é descendente de reis, deve aceitar o seu novo estatuto de cativo e assumir os gestos que são consentâneos com esta condição. A mãe aconselha-o a ajoelhar perante Ulisses como um suplicante e a não considerar indigno o que a Fortuna lhe impôs (*Tro.* 708-717). A ascendência que antes Andrómaca realçara deve agora ser esquecida. Apresentando-se como um modelo que o filho deve seguir, a mãe diz:

*gere captiuum positoque genu,
si tua nondum funera sentis,
matris fletus imitare tuae. (Tro. 715-717)*

Andrómaca recorre, ainda, ao mito da fundação de Tróia, quando Hércules poupou a vida de Príamo, que então não passava de uma criança. Mostrando como um dos guerreiros mais valorosos se apiedou do pequeno Príamo, ao ponto de não só o salvar da morte mas também de lhe conceder o poder sobre o reino que conquistara, Andrómaca pretende convencer Ulisses de que permitir que Astíanax viva é uma acção nobre e digna de um herói da estatura de Hércules. Note-se, porém que, mesmo pondo em paralelo as duas situações, para o filho Andrómaca só pede a vida, não o reino:

*iacet ante pedes non minor illo
supplice supplex uitamque petit –
regnum Troiae quocumque uolet
Fortuna ferat. (Tro. 732-735)*

Como antes fizera em relação a si própria (*Tro.* 691-695), também agora Andrómaca acentua a humildade da nova posição do filho – veja-se o poliptoto *supplice / supplex* – mas, mais uma vez, a aceitação do estatuto de suplicante é acompanhada pela afirmação da dignidade: *non minor illo supplice*.

Comovido pelas palavras desta mãe, Ulisses, porém, pensa nas mães aqueias que serão vítimas das guerras travadas por Astíanax, se este chegar à idade adulta:

*Matris quidem me maeror attonitae mouet,
magis Pelasgae me tamen matres mouent,
quarum iste magnos crescit in luctus puer. (Tro. 736-738)*

A aliteração destes versos mostra a tragicidade da situação. As mães, como vítimas em ambos os lados de um conflito, deploram a guerra e ao mesmo tempo tornam-na imprescindível. Consciente desta realidade, Ulisses deve optar por defender as *Pelasgae... matres*, garantindo, com a morte de Astíanax, a segurança do futuro. É com a finalidade de o assegurar de que Tróia não poderá nunca ser reconstruída que Andrómaca chama a atenção do Grego, numa série de questões que repetem em anáfora algumas formas do pronome demonstrativo (*has, hic, hae*), por um lado para o estado de devastação em que a cidade se encontra e, por outro, para a fragilidade de Astíanax, que o torna incapaz de restaurar o poder:

*Has, has ruinas urbis in cinerem datae
hic excitabit? hae manus Troiam erigent?
nullas habet spes Troia, si tales habet.
non sic iacemus Troes, ut cuiquam metus
possimus esse. (Tro. 739-743)*

Com estes argumentos, a mãe continua a tentar provar que o filho não constitui ameaça para os Gregos e que, por esta razão, a sua morte é desnecessária.

Por fim, recorre à ideia de índole estóica de que a vida pode ser um tormento pior que a morte e que tomar como prisioneiro o rapaz, que era até então um *rex*, é já punição suficiente (*Tro. 746-748*). Só a alegação de Ulisses, que se isenta de responsabilidade e a atribui a Calcante, faz Andrómaca irromper em acusações que resumem as características e feitos que a tradição conservou. A mãe não acredita na inocência de Ulisses e afirma:

hoc est pectoris facinus tui. (Tro. 754)

Sem justificações nem mais delongas, Ulisses informa-a de que as naus se preparam para partir e Andrômaca pede apenas um momento para se despedir do filho. A forma como o faz, porém, indica que a despedida desempenhará as funções de rito fúnebre:

*Breuem moram largire, dum officium parens
nato supremum reddo et amplexu ultimo
avidos dolores satio. (Tro. 760-762)*

A relação entre a mãe e o filho, acentuada pela posição métrica de *parens* e *nato*, determina que Andrômaca dê voz ao lamento pelo filho. Chora o filho vivo, como se este estivesse morto e, na presença de Astíanax e dirigindo-se a ele, entoia as últimas palavras que são, ao mesmo tempo, lamento fúnebre e despedida.

O discurso pode dividir-se em três partes. Na primeira, Andrômaca acumula interjeições e vocativos que caracterizam o filho:

*O dulce pignus, o decus lapsae domus
summumque Troiae funus, o Danaum timor,
genetricis o spes uana, cui demens ego
laudes parentis bellicas, annos aui
medios precabar, uota destituit deus. (Tro. 766-770)*

À exceção de *dulce pignus*, todas as outras expressões referem o estatuto político e militar do rapaz ou salientam a sua ascendência real. Deste modo, Andrômaca retoma uma ideia que exprimira antes, mas que tentara anular no debate com Ulisses, o que prova que para a mãe o filho não deixou de ser o descendente de uma linha de reis e guerreiros que com ele se extingue.

As esperanças depositadas em Astíanax, esperanças que agora serão frustradas, dão continuidade à oposição que, desde o monólogo de Hécuba que abre a tragédia, se estabelece entre um passado glorioso e opulento e um futuro de provação e cativo. Estas esperanças dominam a segunda parte do discurso de Andrômaca, quando esta enumera o que o filho poderia ter sido e não será,

um dos tópicos recomendados por Cícero para que o orador consiga a *conquestio* do público (Tro. 771-782)⁹⁰³:

*Iliaca non tu sceptrā regali potens
gestabis aula, iura nec populis dabis
uictasque gentes sub tuum mittes iugum,
non Graia caedes terga, non Pyrrhum trahes.* (Tro. 771-774)⁹⁰⁴

A repetição de formas negativas em assíndeto mostra a anulação do futuro que se esperava para Astíanax, futuro que correspondia à sua condição real e que o preparava para assumir a liderança dos Troianos.

Por último, Andrómaca regressa ao presente e refere a morte que espera o rapaz:

*o morte dira tristius leti genus!
flebilis aliquid Hectoris magni nece
muri uidebunt.* (Tro. 783-785)

O filho a quem se augurava uma glória superior à do pai superá-lo-á apenas na morte, que será ainda mais terrível. Já antes sepultado vivo, Astíanax é também chorado em vida. A mãe deplora a morte do filho que ainda não morreu e, para garantir que nenhum dos rituais que ao seu cadáver são devidos fica por executar e se bem que, para isso, tenha de os realizar enquanto o filho está vivo, pede tempo para lhe fechar os olhos:

*Lacrimis, Vlixē, parua quam petimus mora est;
concede paucas, ut mea condam manu
uiuentis oculos.* (Tro. 787-789)

Depois dirige-se ao filho, não com palavras de consolo nem de despedida, mas com a afirmação da sua morte precoce que, porém, não combina com o seu estatuto público:

⁹⁰³ Cf. *supra*, p. 254.

⁹⁰⁴ *non arma tenera parua tractabis manu / sparsasque passim saltibus latis feras / audax sequeris nec stato lustris die, / sollemne referens Troici lusus sacrum, / puer citatas nobilis turmas ages; / non inter aras mobili uelox pede, / reboante flexo concitos cornu modos, / barbarica prisco templa saltatu coles.* (Tro. 775-782)

*occidis paruus quidem,
sed iam timendus. Troia te expectat tua:
i, uade liber, liberos Troas uide. (Tro. 789-791)*

A idade de Astíanax que a mãe evoca opõe-se ao temor que o rapaz suscita nos Gregos. Estas palavras, que Andrómaca parece utilizar como forma de consolar o filho, acentuam, mais uma vez, a condição deste. Astíanax não chegará à idade adulta nem emulará os feitos do pai e morre precisamente porque é filho de quem é e para evitar que se torne um segundo Heitor.

Na exclamação final, Andrómaca refere novamente a tese estóica de que a morte restitui a liberdade. Morto, Astíanax encontrará os Troianos que a morte libertou do cativo. E então, pela primeira e única vez, o filho fala. Curiosamente, não é a Ulisses que se dirige na sua súplica por misericórdia, mas à mãe: *Miserere, mater*. A criança recorre à mãe e não a quem tem, efectivamente, o poder de decidir o seu destino. Depois de uma série de injunções em que Andrómaca aconselhara o filho a ajoelhar perante Ulisses, apelando à piedade deste, é à mãe sem recursos que a criança se dirige. Este passo tem suscitado alguma perplexidade. Astíanax ignora por completo todas as indicações da mãe. Na análise que apresenta da personagem Andrómaca, VOLK (2000: 201) afirma: «(...) the communication between mother and son is characterized by misunderstanding». Há, de facto, incongruências evidentes entre a forma como a mãe entende o comportamento do filho e a conduta efectiva deste. Na hesitação do filho em entrar no túmulo, a mãe vê orgulho. Quando a mãe o aconselha a assumir-se como um cativo perante Ulisses, Astíanax suplica a misericórdia da mãe. Esta atitude opõe-se de forma evidente à coragem que o rapaz demonstrará nos momentos finais da sua vida. Neste momento, porém, parece-nos que é a fragilidade da criança que se realça, com a finalidade de acentuar o seu destino trágico. Ele que seria rei e é descendente de reis é agora obrigado a ajoelhar perante Ulisses.

CHILDRESS (1981: 76) nota uma dependência sobrenatural que, nas *Troades*, se estabelece entre Heitor, Tróia e Astíanax. Para eliminar um, os Gregos têm de eliminar os três. Astíanax, de quem nunca se refere o nome, mas que é sempre designado por perífrases que o relacionam com o pai, com Príamo ou com a pátria, é, assim, o último vestígio não apenas da sua família mas também da cidade. É esta a sua verdadeira identidade. Astíanax é o *Priami nepos Hectoreus* (Tro. 369), a *magni certa progenies patris* (Tro. 461), a *ueterisque suboles sanguinis nimium inclita* (Tro. 463), a *Hectorea suboles* (Tro. 528) ou o *Priami nepotem* (Tro. 1090). É a incongruência entre esta identidade e a fragilidade da criança, aconselhada pela mãe a assumir um novo estatuto de suplicante, que transparece da súplica de Astíanax.

As palavras de Andrómaca que se seguem descrevem a atitude do filho que busca refúgio na mãe e mostram que, efectivamente, as acções de Astíanax são uma surpresa para a mãe.

*Quid meos retines sinus
manusque matris cassa praesidia occupas?
fremitu leonis qualis audito tener
timidum iuuencus applicat matri latus,
at ille saeuus matre sumnota leo
praedam minorem morsibus uastis premens
frangit uehitque: talis e nostro sinu
te rapiet hostis. (Tro. 792-799)*

Comparando Astíanax a um *iuuencus* que, perseguido por um leão, em vão se refugia na mãe, Andrómaca recorre a um tema comum na literatura que descreve a atitude de uma fêmea a quem um predador arrebatou a cria⁹⁰⁵. O símile de Séneca, porém, não representa a reacção da mãe à perda do filho,

⁹⁰⁵ Em Tro. 537ss., também Ulisses compara Astíanax a um *magni paruus armenti comes*, que, apesar de não passar de uma cria, conduz altivo o resto do rebanho: *sic ille magni paruus armenti comes / primisque nondum cornibus findens cutem / ceruice subito celsus et fronte arduus / gregem paternum ducit ac pecori imperat.*

como acontece, por exemplo, em Lucrécio, Vergílio ou Ovídio⁹⁰⁶, mas a atitude da cria que busca refúgio no contacto físico com a mãe. Deste modo, e ao contrário do que acontece nos autores indicados, é na conduta da cria que recai a atenção e não na da mãe que, assim, mantém uma atitude mais equilibrada, uma vez que não se explora a conotação da mãe com a irracionalidade animal que o tema permitiria. A fêmea referida no símile é afastada (*summota*), sem que se explique por que razão ou por que meio, o que pode indicar apenas a associação entre o animal e Andrómaca, que será levada como cativa.

A presença constante de Heitor nas palavras de Andrómaca mantém-se mesmo neste derradeiro momento em que se despede do filho e, se as lágrimas e as madeixas de cabelo são uma oferta para Astíanax, já as palavras são uma mensagem que confia que o rapaz transmitirá ao pai:

*oscula et fletus, puer,
lacerosque crines excipe et plenus mei
occurre patri; pauca maternae tamen
perfer querelae uerba: 'si manes habent
curas priores nec perit flammis amor,
seruire Graio pateris Andromachen uiro,
crudelis Hector? lentus et segnus iaces?
redit Achilles.' sume nunc iterum comas
et sume lacrimas, quidquid e misero uiri
funere relictum est, sume quae reddas tuo
oscula parenti. (Tro. 799-808)*

A revolta de Andrómaca dirige-se para o marido defunto que, ao contrário de Aquiles, não voltou para impor a sua vontade e defender os seus familiares. Não censura o marido por não ter impedido que o filho fosse capturado pelo inimigo, apenas por permitir que ela venha a ser cativa de um chefe grego.

O discurso de Andrómaca parece, assim, mais um lamento por todas as consequências da morte de Heitor do que pela morte do filho que constitui apenas mais uma dessas consequências. Por este motivo, a conduta de Andrómaca para com o filho, o distanciamento que impõe entre ambos e a

⁹⁰⁶ Cf. *supra*, p. 324 e 372.

lembrança omnipresente de Heitor levantam algumas questões sobre a forma como a personagem entende a sua maternidade. FANTHAM (1986: 275), ao comparar a versão euripídiana com a de Séneca, nota «a loss of warmth» e VOLK (2000: 202) vai mais longe ao considerar que a associação constante entre o pai e o filho e a conduta algo negligente que daí resulta em relação às fragilidades da criança, constituem um lado obscuro do carácter de Andrómaca. De facto, nas últimas palavras que dirige ao filho, Andrómaca está longe da irracionalidade da *mater orba* em que está prestes a transformar-se. Pelo contrário, a despedida é um discurso lógico e articulado que se baseia em recomendações e advertências. Não é uma mãe perturbada ou entorpecida pela dor a que aqui se apresenta, mas uma mãe resignada, que pede a veste ao filho, não para que ela seja uma reminiscência deste, mas, uma vez que terá ainda vestígios do túmulo de Heitor, para que seja uma lembrança do marido:

*matris hanc solacio
relinque uestem: tumulus hanc tetigit meus
manesque cari. si quid hic cineris latet,
scrutabor ore. (Tro. 809-812)*

Ulisses interrompe o lamento de Andrómaca, que diz ser interminável (Tro. 812-813), e assim se conclui o acto terceiro, deixando em suspenso a morte de Astíanax, mas tendo já apresentado o lamento da mãe pela vida do filho e até alguns dos actos que deviam ser realizados no momento da sua morte. A relação de Andrómaca com o filho levanta, como vimos, algumas questões. Como a maioria das *matres orbae* analisadas, porém, Andrómaca mantém uma ligação muito forte com o filho, ainda que esta se baseie, pelo menos em parte, na sua paternidade. O facto de Andrómaca evocar, a cada momento, os vínculos a um tempo passado, a um espaço que acabou de ser destruído e a uma pessoa que já não existe – vínculos que, como se disse, parecem sobrepor-se ao amor materno – é, todavia, fundamentado na situação em que os vencidos se encontram. A sua identidade está ameaçada pelas circunstâncias: enquanto esposa, enquanto mãe, enquanto membro de uma comunidade. Tudo o que

dava sentido à sua existência desapareceu ou está prestes a desaparecer. Quando se despede do filho, Andrómaca parece aceitar, finalmente, o destino de Tróia.

No acto seguinte, a acção desloca-se para a morte de Políxena. É Helena quem, incumbida de tal função pelos Gregos, tenta enganar a jovem e as Troianas, afirmando que se prepara para ela o casamento com Pirro. Só a desconfiança e a sensatez de Andrómaca obrigam Helena a revelar a verdade, verdade que Políxena acolhe de bom grado. Note-se que a jovem não pronuncia uma palavra e é apenas por meio da descrição dos seus actos de cariz estóico, feita pelas outras cativas e, em especial por Andrómaca (*Tro.* 945-948), que conhecemos as suas reacções.

É também a mãe de Astíanax, que acabou de sentir a perda do seu filho, quem descreve a conduta de Hécuba:

*At misera luctu mater audito stupet;
labefacta mens succubuit – assurge, alleua
animum et cadentem, misera, firma spiritum.
quam tenuis anima uinculo pendet leui:
minimum est quod Hecubam facere felicem potest –
spirat, reuixit. prima mors miseros fugit. (Tro. 949-954)*

A atitude da mãe opõe-se à de Políxena. Na perspectiva de Andrómaca, que aprova o facto de a jovem aceitar com mais prazer o sacrifício do que o pretenso casamento com o filho de Aquiles, a morte apresenta-se como um bem. Hécuba, todavia, não partilha a mesma resignação. Pelo contrário, incapaz de suportar a dor, perde momentaneamente os sentidos. A intervenção de Andrómaca, que alterna entre a descrição na terceira pessoa e as palavras de consolo que, com recurso às formas imperativas *assurge*, *alleua* e *firma*, dirige a Hécuba, fundamenta-se essencialmente nas noções de cair (*labefacta*, *succubuit*, *cadentem*) e de levantar-se (*assurge*, *alleua*), utilizadas simultaneamente em sentido real e em sentido figurado. A apóstrofe *misera*, que repete o adjectivo já utilizado no

primeiro verso, isolada pelas cesuras, antecede a afirmação do estado frágil de Hécuba.

Quando se recompõe, cabe-lhe a ela, e não já a Andrómaca, dar voz aos seus sentimentos que, como se adivinha, estão longe da aceitação estóica de Políxena:

*Adhuc Achilles uiuit in poenas Phrygum?
adhuc rebellat? o manum Paridis leuem.
cinis ipse nostrum sanguinem ac tumulus sitit. (Tro. 955-957)*

As interrogações e a repetição anafórica de *adhuc* demonstram a anormalidade da situação e a interjeição do segundo verso introduz no discurso uma nota de frustração e estranheza. Ainda que morto e sepultado, Aquiles continua sedento do sangue dos Troianos e, como no acto anterior Andrómaca tinha insinuado em relação a Heitor, Hécuba reconhece também aqui a inaptidão de Páris.

Acentua a dor de Hécuba um dos lugares-comuns do lamento, a oposição entre um passado de estabilidade e bem-estar e o desespero do presente e do futuro⁹⁰⁷:

*modo turba felix latera cingebat mea,
lassabar in tot oscula et tantum gregem
diuidere matrem; sola nunc haec est super,
uotum, comes, leuamen afflictæ, quies;
haec totus Hecubæ fetus, hac sola uocor
iam uoce mater. (Tro. 958-963)*

O vocabulário da abundância dos primeiros três versos (*turba, tot, tantum gregem*), que caracteriza a felicidade do passado, quando os muitos filhos e filhas rodeavam a mãe e eram objecto do seu afecto, colide com *sola*, separada das orações anteriores pela cesura pentemímere, e com as formas do pronome demonstrativo (*haec, hac*). O hipérbato *est super* parece denunciar a anomalia da situação presente da mãe que, sistematicamente *orbata*, se vê, agora, na

⁹⁰⁷ *Primus locus est misericordiae, per quem, quibus in bonis fuerint et nunc [per quem] quibus in malis sint, ostenditur. (Cic. Inu. 1.107) ; si ostendemus, in quibus commodis fuerimus quibusque incommodis simus, comparatione. (Rhet. Her. 2.50).*

iminência de perder a única filha que lhe resta, a quem designa de forma assindética e gradativa como *uotum*, *comes*, *leuamen afflictæ* e *quies*. Hécuba retoma um tópico frequente no lamento de forma a enfatizar as suas perdas, não apenas as passadas, mas principalmente esta última que a deixa na solidão. Note-se, porém, que a mãe não suplica que seja poupada a vida da filha. Apesar das interrogações iniciais, Hécuba não compreende a morte de Políxena, mas aceita-a. O que não aceita é continuar viva:

*dura et infelix age
elabere anima, denique hoc unum mihi
remitte funus. (Tro. 963-965)*

Deste modo, o lamento de Hécuba não é tanto ou não é apenas pela morte da filha, mas é também, e talvez principalmente, pelo facto de ela, a mãe que já tantos filhos perdeu, ter de assistir ainda a esta última perda. É por esta razão que dirige palavras de exortação a Políxena, porque, morrendo, se liberta do cativeiro. Ao contrário das outras, a jovem manterá a liberdade:

*– inrigat fletus genas
imberque uicto subitus e uultu cadit:
laetare, gaude, nata. quam uellet tuos
Cassandra thalamos, uellet Andromache tuos. (Tro. 964-966)*

Políxena é, assim, a única mulher troiana cujo destino não deve ser chorado. E esta ideia introduz novamente no texto o lamento pelas outras, por aquelas que, contra a sua vontade, se mantêm vivas e terão de sofrer a sorte própria das cativas. É o que afirma Andrómaca:

*Nos, Hecuba, nos, nos, Hecuba, lugendæ sumus,
quas mota classis huc et huc sparsas feret;
hanc cara tellus sedibus patriis teget. (Tro. 969-971)*

A repetição de *nos*, que assume um carácter quase obsessivo, mostra essa preocupação pelo futuro dos vivos e relega para segundo plano a morte não apenas de Astíanax e Políxena, mas também a dos que morreram durante o conflito ou no seu seguimento imediato, como Heitor e Príamo. Para as

Troianas, estes formam o grupo dos afortunados, dos que se libertaram da indignidade e da servidão e foram sepultados em terra pátria.

Por este motivo, a dor das Troianas adensa-se quando sabem a que chefe grego couberam em sorte, e Hécuba, que vimos antes lamentar a morte próxima da filha, deplora agora com mais violência o facto de ter sido atribuída a Ulisses. Se, em algum momento, Hécuba mostra a crueldade quase selvagem que a caracteriza na *Hécuba* euripídiana ou nas *Metamorfoses* é neste preciso instante em que se insurge contra a sua sorte e amaldiçoa a frota grega (*Tro.* 981-1008). Hécuba parece atingir, aqui, o clímax da dor e da revolta e, quando afirma:

*nunc uicta, nunc captiua, nunc cunctis mihi
obsessa uideor cladibus: domini pudet,
non seruitutis. (Tro. 988-990)*

assume que, de tantas desgraças já sofridas, esta será a mais penosa. Note-se, porém, que, dando seguimento aos ideais estóicos, não é a servidão que a atormenta, mas a identidade da pessoa a quem pertencerá. Submeter-se a alguém que não é digno é a pior das sujeições e é por este motivo que agora, pela primeira vez, a cólera da rainha e o peso da sua existência trágica irrompem no discurso, que se torna agitado e violento. Quando Pirro entra em cena para levar Políxena, a mãe insurge-se contra ele e incita-o a tirar-lhe também a ela a vida (*Tro.* 999-1003⁹⁰⁸). Só depois de ceder a filha pronuncia palavras de vingança e maldição:

*maculate superos caede funesta deos,
maculate manes – quid precer uobis? precor
his digna sacris aequora: hoc classi accidat
toti Pelasgae, ratibus hoc mille accidat
meae precabor, cum uehar, quidquid rati. (Tro. 1004-1008)*

⁹⁰⁸ *Sed incitato Pyrrhus accurrit gradu / uultuque toruo. Pyrrhe, quid cessas? age / reclude ferro pectus et Achillis tui / coniunge soceros. perge, mactator senum, / et hic decet te sanguis – abreptam trahit.*

Lançando sobre os Gregos e sobre si própria este prenúncio de morte, Hécuba mostra novamente como renunciou à vida.

E é esta ideia de punição e de morte que encerra o penúltimo acto e que se opõe ao tom dogmático da quarta ode coral, que começa por explorar a ideia de que, quando sentida por todos, a dor é mais fácil de suportar (*Tro.* 1009ss.). Só na última parte da ode o Coro abandona as generalizações e os *exempla* e apresenta a sua situação. As cativas troianas prevêem a separação. Não apenas umas das outras, mas também da pátria. Na viagem, Tróia não será mais do que um ponto no horizonte longínquo, reconhecível pela nuvem de fumo que paira sobre a cidade e que prova a sua destruição. Será este o traço distintivo que permitirá que os que partem identifiquem a cidade. A mãe mostrará ao filho e o filho à mãe a pátria devastada que fica para trás (*Tro.* 1050-1055⁹⁰⁹).

No último acto, um *nuntius* anónimo⁹¹⁰ descreve as mortes, há tanto anunciadas, de Astíanax e Políxena. Unem-se aqui, por isso, os dois temas que até então tinham sido apresentados separadamente. Em retrospectiva e insurgindo-se contra os actos abomináveis dos Gregos, que caracteriza como *scelus*, *nefas* ou *facinus* (*Tro.* 1057, 1119, 1120), o Mensageiro põe em relevo as coincidências entre as duas mortes e os espectáculos do teatro ou da arena⁹¹¹. Não é apenas o enquadramento físico que se assemelha àqueles, mas também, – e talvez seja esta a nota mais singular – a própria psicologia das massas (o desejo irracional de ver actos repugnantes, a ânsia de conseguir o melhor

⁹⁰⁹ *tum puer matri genetrisque nato / Troia qua iaceat regione monstrans / dicet et longe digito notabit: / 'Ilium est illic, ubi fumus alte / serpit in caelum nebulaeque turpes.' / Troes hoc signo patriam uidebunt.*

⁹¹⁰ FANTHAM (1982: *ad loc.*) justifica o facto de o autor ter aqui substituído Taltíbio por um mensageiro não identificado pela necessidade de dar credibilidade e objectividade ao relato das mortes de Astíanax e Políxena. Note-se que o mensageiro não pode ser um troiano, porque em *Tro.* 1178-1179, os últimos versos da tragédia, ordena às cativas que embarquem nas naus gregas.

⁹¹¹ Cf., a este propósito, BOYLE (1997: 112-122).

lugar...) recria tais ambientes⁹¹². É por esta razão que BOYLE (1997: 119) afirma: «The Messenger is not only the narrator, but the ‘producer/ presenter’, the *editor* (...) of spectacle.»⁹¹³ Adiante, BOYLE (1997: 121) refere também o gosto tipicamente romano pela encenação do horror da morte, que Sêneca explora de forma notável na tragédia: «Initial spectatorial revulsion and addiction resolve into the prescribed, Aristotelian tragic emotions of fear and pity, and the quintessentially Roman response, the marveling reception of death’s spectacle.»⁹¹⁴ Para o *sapiens* estóico, porém, a turba é uma companhia a evitar, pois o contacto com a massa de homens *insipientes* pode afastá-lo do caminho da virtude⁹¹⁵.

Quando o Mensageiro se apresenta perante as mulheres sem saber que morte descrever primeiro (*Tro.* 1056-1059⁹¹⁶), Hécuba responde-lhe:

*Quoscumque luctus fleueris, flebis meos:
sua quemque tantum, me omnium clades premit;
mihi cuncta pereunt: quisquis est Hecubae est miser.* (*Tro.* 1060-1062)

⁹¹² Veja-se a descrição do comportamento dos “espectadores” da morte de Astíanax: *undique adfusa ducum / plebisque turba cingitur; totum coit / ratibus relictis uulgu. his collis procul / aciem patenti liberam praebet loco, / his alta rupes, cuius in fastigio / erecta summos turba librauit pedes. / hunc pinus, illum laurus, hunc fagus gerit / et tota populo silua suspenso tremat. / extrema montis ille praecepti petit, / semusta at ille tecta uel saxum imminens / muri cadentis pressit, atque aliquis (nefas) / tumulto ferus spectator Hectoreo sedet.* (*Tro.* 1076-1087). Na narração do sacrifício de Políxena, a associação ao teatro é ainda mais manifesta: *idem ille populus aliud ad facinus redit / tumulumque Achillis. cuius extremum latus / Rhoetea leni uerberant fluctu uada; / aduersa cingit campus et cliui leui / erecta medium uallis includens locum / crescit theatri more. concursus frequens / impleuit omne litus: hi classis moram / hac morte solui rentur, hi stirpem hostium / gaudent recidi. magna pars uulgi leuis / odit scelus spectatque; nec Troes minus / suum frequentant funus et pauidi metu / partem ruentis ultimam Troiae uident.* (*Tro.* 1120-1131).

⁹¹³ Repare-se nas palavras que Andrómaca lhe dirige: *ede et enarra omnia.* (*Tro.* 1067).

⁹¹⁴ Cf. a descrição da atitude dos que assistiram à morte de Astíanax (*Tro.* 1098-1100) e de Políxena (*Tro.* 1134-1137, 1143-1148, 1160-1161).

⁹¹⁵ Cf. por exemplo, *Ep.* 7.1: *Quid tibi uitandum praecipue existimes quaeris? turbam.*

⁹¹⁶ *O dura fata, saeua miseranda horrida! / quod tam ferum, tam triste bis quinis scelus / Mars uidit annis? quid prius referens gemam, / tuosne potius, an tuos luctus, anus?*

A rainha assume-se como vítima de todas as desgraças e, neste aspecto, distingue-se dos restantes mortais. Como se estivesse além da condição humana, Hécuba mostra-se obcecada pela sua própria dor. O poliptoto *fleueris / flebis*, organizado à volta da cesura heftemímere, demonstra esta concentração no luto que a aliteração dos sons nasais do segundo verso e do hemistíquio seguinte reproduz. As antíteses *sua quemque* vs. *me, mihi* e *tantum* vs. *omnium, cuncta*, cujos termos a cesura pentemímere divide, estabelece a separação entre Hécuba e o resto da humanidade.

FANTHAM (1982: *ad* 1060-63) comenta assim estes versos: «Obsessed with her own *dolor*, rather than her children, the proper object of her love, Hecuba has passed beyond true grief into the self-centered condition that Seneca condemns in *Marc.* 5.5: *ne concupieris peruersissimam gloriam, infelicissima uideri*. (...). But in the tragedy Seneca is more concerned to depict *how* [itálico da autora] excessive grief has embittered the queen (...).» Parece-nos que, nesta fase derradeira, Hécuba ultrapassou já, de facto, a capacidade de sentir a perda dos seus.

A descrição da morte de Astíanax, que o Mensageiro opta por fazer primeiro, realça os pormenores mais grotescos do acto. Astíanax foi atirado da única torre que restou da muralha de Tróia⁹¹⁷, e de onde costumava, ao colo do avô, observar o pai a combater⁹¹⁸. O contraste entre a familiaridade e o afecto que, no passado, rodeavam a criança, realçado pela justaposição de *paterna* e *puero* (*Tro.* 1174), vislumbra-se também na própria torre que, antes *nota... et muri decus*, se transformou agora numa *saeua cautes* (*Tro.* 1075-1076). O adjectivo

⁹¹⁷ Veja-se a descrição da morte de Astíanax, antecipada já por Ulisses no confronto com Andrómaca: *quem mors manebat saeua praecipitem datum / e turre, lapsis sola quae muris manet.* (*Tro.* 621-622).

⁹¹⁸ *Est una magna turris e Troia super, / assueta Priamo, cuius e fastigio / summisque pinnis arbiter belli sedens / regebat acies. turre in hac blando sinu / fouens nepotem, cum metu uersos graui / Danaos fugaret Hector et ferro et face, / paterna puero bella monstrabat senex.* (*Tro.* 1068-1074).

saeua explica-se, de acordo com KEULEN (2001: *ad loc.*), pela natureza dos actos de que a torre se tornará palco. Como esta, também Astíanax é agora o último vestígio da nobreza de Tróia.

Perante a curiosidade de muitos, que acorreram para assistir à morte do rapaz, Astíanax, conduzido por Ulisses, avança corajosamente:

*Per spatia late plena sublimi gradu
incedit Ithacus paruulum dextra trahens
Priami nepotem, nec gradu segni puer
ad alta pergit moenia. ut summa stetit
pro turre, uultus huc et huc acres tulit
intrepidus animo. (Tro. 1088-1093)*

O diminutivo *paruulus*, que caracteriza Astíanax, arrastado com violência por Ulisses, opõe-se de forma evidente à descrição da atitude destemida do rapaz. Transformando-se de objecto (*paruulum* (...) / *Priami nepotem*) em agente (*puer*) no discurso do Mensageiro, Astíanax surpreende pela dignidade e pela altivez com que enfrenta a morte e que contrariam a sua idade. A escolha do diminutivo parece-nos, por esta razão, ter como finalidade salientar tal discordância, uma vez que dá relevo aos outros adjectivos e expressões que caracterizam a atitude da criança (*nec gradu segni, uultus* (...) *acres, intrepidus, ferox*). No símile que o compara a um *ingentis ferae / paruus tenerque fetus et nondum potens* (Tro. 1093-1094), estabelece-se a mesma diferença entre a fragilidade da cria e o seu instinto feroz que a faz adoptar um comportamento ameaçador, mesmo não tendo meios capazes para se opor ao inimigo⁹¹⁹. O símile introduz ainda a ideia do futuro gorado de Astíanax e do poder que alcançaria, poder que, precisamente, determina a sua execução. LAWALL (1982: 246) nota a transformação do rapaz: de criança amedrontada que buscava o auxílio da mãe, de *tener iuuencus* despedaçado por um *saeuus leo*, Astíanax é

⁹¹⁹ *qualis ingentis ferae / paruus tenerque fetus et nondum potens / saeuire dente iam tamen tollit minas / morsusque inanes temptat atque animis tumet: / sic ille dextra prensus hostili puer / ferox superbit. (Tro. 1093-1098).*

agora *ingentis ferae / paruus tenerque fetus*, não procurando refúgio mas atacando, com os recursos de que dispõe, o inimigo.

A atitude intrépida da criança, que ultrapassa as suas forças, a todos comove. Só Astíanax se mantém impassível e salta, ele próprio (*sponte... sua*), para a morte:

*mouerat uulgum ac duces
ipsumque Vlixem. non flet e turba omnium
qui fletur; ac, dum uerba fatidici et preces
concipit Vlixes uatis et saeuos ciet
ad sacra superos, sponte desiluit sua
in media Priami regna. (Tro. 1098-1103)*

A generalização da comoção sentida, associada ao poliptoto em antítese *non flet/fletur*, tem como consequência o isolamento da criança. A meio das fórmulas que Ulisses entoa e que constituem o ritual, Astíanax salta para o vazio, sem esperar pela intervenção dos Gregos⁹²⁰. O último meio verso, que tem suscitado um entendimento divergente na crítica, parece ter o efeito de reproduzir o estado incompleto dos rituais⁹²¹. Foram interrompidos, como a vida do rapaz, que, deste modo, alterou a sua morte: o sacrifício que se pretendia transformou-se num suicídio segundo os parâmetros estoicos.

Depois de ouvir as palavras do Mensageiro, Andrómaca, mais uma vez, lamenta o destino do filho:

*Quis Colchus hoc, quis sedis incertae Scythia
commisit, aut quae Caspium tangens mare
gens iuris expers ausa? non Busiridis
puerilis aras sanguis aspersit feri,*

⁹²⁰ Note-se a aliteração em sibilantes dos versos *et saeuos ciet / ad sacra superos, sponte desiluit sua*, que parece reproduzir a repetição e a assonância inerentes à linguagem ritual, e a interrupção inesperada que o salto de Astíanax provoca nesse mesmo ritual de que devia constituir a conclusão.

⁹²¹ É esta a opinião de FANTHAM (1982: *ad* 1101-2). Cf. KEULEN (2001: *ad* 1103), para uma sinopse de outras opiniões, das quais salientamos a do próprio autor, que considera que o verso incompleto é um artifício retórico que tem como efeito uma pausa que se assemelha a um suspiro.

*nec parua gregibus membra Diomedes suis
epulanda posuit. quis tuos artus teget
tumuloque tradet? (Tro. 1104-1110)*

Censurando agora a selvajaria dos Gregos, sem paralelo mesmo em povos não civilizados (*gens iuris expers*), Andrómaca recorre aos *exempla* mitológicos de Busíris, rei do Egipto afamado pela sua crueldade, e de Diomedes, soberano da Trácia que mandava as suas éguas devorarem os estrangeiros que aí aportassem. Por último, é o cuidado pelo cadáver do filho que subjaz à última pergunta da mãe. Ao contrário das anteriores, tal interrogação, porém, não fica sem resposta. Replica-lhe o Mensageiro:

*Quos enim praeceps locus
reliquit artus? ossa disiecta et graui
elisa casu; signa clari corporis,
et ora et illas nobiles patris notas,
confundit imam pondus ad terram datum;
soluta ceruix silicis impulsu, caput
ruptum cerebro penitus expresso – iacet
deforme corpus. (Tro. 1110-1117)*

O pormenor com que o Mensageiro descreve as consequências da queda de Astíanax torna a exposição demasiado real e traz para o texto uma tonalidade tétrica que a mãe parece não querer reconhecer. A acumulação de informações sobre o efeito da queda em cada um dos membros do rapaz atinge, de facto, um nível que se estranha, especialmente porque responde ao desejo da mãe de dar ao filho um funeral conveniente⁹²².

A resposta de Andrómaca é, porém, ainda mais surpreendente. Não só pela brevidade – não ocupa mais do que um hemistíquio – e pelo equilíbrio emocional das palavras que pronuncia, mas sobretudo por, mesmo neste derradeiro momento, apresentar o tópico, que foi fundamental no papel de Andrómaca ao longo da obra, da semelhança entre pai e filho:

⁹²² Pela exploração do macabro da mutilação física, esta descrição assemelha-se a outras do *corpus* trágico de Séneca, como, por exemplo, a do cadáver despedaçado de Hipólito (*Phaed.* 1093-1114) ou a do desmembramento dos filhos de Tiestes (*Thy.* 755-772). Cf. MOST (1992).

Sic quoque est similis patri. (Tro. 1117)

É evidente o desajuste entre o estado desmembrado e desfigurado do cadáver de Astíanax, no qual já nem sequer se reconhecem as feições paternas (*Tro.* 1113-1114), e a resposta da mãe. O Mensageiro é muito claro quando afirma que do rapaz nada mais resta senão um *deforme corpus* (*Tro.* 1117). As últimas palavras que Andrómaca pronuncia na tragédia são, assim, palavras de uma resignação quase alucinada e mostram de novo e pela última vez a fixação quase obsessiva pelo marido. A impossibilidade de sepultar Astíanax é uma invenção de Séneca, já que na tradição o rapaz era sepultado no escudo do pai⁹²³. Por esta razão, a mãe efectuara ainda em vida do rapaz os gestos fúnebres que lhe são devidos: fecha-lhe os olhos e lamenta a sua morte. As palavras de Andrómaca acentuam novamente a ideia da repetição do passado inerente à tragédia. Até o cadáver de Astíanax sofre mutilações semelhantes às do pai. LITTLEWOOD (2004: 97) considera que Andrómaca, que afirmara que só Astíanax a impedia de seguir o marido na morte e que só o facto de ver Heitor em Astíanax a ligava ao filho, se condena a si própria a uma morte em vida⁹²⁴. Sem mais delongas, lamentos ou despedidas, a mãe continua a ver o filho como a continuação do pai. Porque presa numa ideia estranha e numa existência patológica, a *mater orba* e a *uidua* tornam-se difíceis de distinguir. A resignação de Andrómaca, todavia, pode comparar-se à que o estoicismo preconiza para o *sapiens*: o indivíduo deve aceitar o que a Providência determina e as provações mais não são do que um instrumento para o aperfeiçoar⁹²⁵.

⁹²³ E. *Tro.* 1133ss.; Cf. Enn. 106-107J: *nam ubi introducta est puerumque ut lauerent locant / in clipeo.*

⁹²⁴ «This cruel irony is in part of her own making: the fall of Troy is Fortune's work, but it is her devotion to Hector which denies her release. By this passion for a ghost she is confined to a living death.»

⁹²⁵ Cf., por exemplo, o que diz no *De Providentia*: *Ipsis, inquam, deus consulit quos esse quam honestissimos cupit, quotiens illis materiam praebebat aliquid animose fortiterque faciendi, ad quam rem opus est aliqua rerum difficultate: gubernatorem in tempestate, in acie militem intellegas. (Dial. 1.4.5).*

O Mensageiro descreve, de seguida, o sacrifício de Políxena. Utilizando a mesma estrutura narrativa, o *nuntius* começa por descrever o local junto do túmulo de Aquiles, concluindo que a sua configuração se apresenta *theatri more* (Tro. 1125). É a este cenário que acorrem os espectadores que já tinham assistido à morte de Astíanax, mas nesta segunda morte realça-se a nacionalidade dos que, naquele primeiro momento, parecem não ser mais que uma multidão anónima. Na morte de Políxena estão presentes não apenas Gregos, mas também Troianos que vêm para observar *partem ruentis ultimam Troiae* (Tro. 1131).

Da mesma maneira que Astíanax o tinha feito, também a jovem enfrenta o derradeiro momento com grande coragem e dignidade. Comparada, na sua beleza, à luz do ocaso (Tro. 1140-1142), Políxena, que não pronunciou na tragédia uma única palavra, mantém-se igualmente em silêncio, mas, ainda assim, determinada:

*Vt primum ardui
sublime montis tetigit, atque alte edito
iuuenis paterni uertice in busti stetit,
audax uirago non tulit retro gradum;
conuersa ad ictum stat truci uultu ferox.
tam fortis animus omnium mentes ferit,
nouumque monstrum est Pyrrhus ad caedem piger.* (Tro. 1148-1154)

A semelhança do vocabulário com a descrição da morte de Astíanax é evidente. Apesar de ser uma mulher – e note-se a descrição da sua atitude, enquanto avança na companhia de Helena: precedida pelos símbolos do matrimónio, mantém, por pudor, os olhos no chão (Tro. 1137-1138) – Políxena, como Astíanax, ultrapassa a sua condição. A *audax uirago*, como o *puer* / *ferox* (Tro. 1097-1098), não vacila. Mantém-se *truci uultu ferox* (Tro. 1152). Ambos dirigem o passo certo e determinado para a morte, comovendo não somente os que assistem, mas também os chefes gregos que se preparam para os executar.

Na descrição do sacrifício de Políxena, realçam-se o derramamento de sangue que dele resulta e a mesma atitude de desafio que a jovem continua a demonstrar:

*ut dextra ferrum penitus exactum abdidit,
subitus recepta morte prorupit cruor
per uulnus ingens. nec tamen moriens adhuc
deponit animos: cecidit, ut Achilli grauem
factura terram, prona et irato impetu.
uterque fleuit coetus; at timidum Phryges
misere gemitum, clarius uictor gemit.
hic ordo sacri. non stetit fusus cruor
humoue summa fluxit: obduxit statim
saeuusque totum sanguinem tumulus bibit. (Tro. 1155-1164)*

A progressão no relato dos acontecimentos, que poderia culminar em *hic ordo sacri*⁹²⁶, tem um desfecho inesperado, já que avança a informação de que, ao contrário do que seria normal, o túmulo de Aquiles absorveu – *bibit* – o sangue da jovem. Note-se que, como a torre de que Astíanax se lançou, também ao túmulo é atribuída a qualificação de *saeuus*, o que, a par do verbo *bibere*, personifica o local. Já antes, ao saber da reclamação de Aquiles, Hécuba notara a estranheza da “sede” do túmulo daquele (Tro. 956-957⁹²⁷).

A reacção de Hécuba à descrição da morte da filha começa com uma exortação sarcástica aos Gregos:

*Ite, ite, Danai, petite iam tuti domos;
optata uelis maria diffusis secet
secura classis: concidit uirgo ac puer;
bellum peractum est. (Tro. 1165-1168)*

A repetição da forma imperativa *ite*, que se repete, num homeoteleuto, em *petite*, e a aliteração de oclusivas dentais, substituídas por sibilantes, que se prolonga até ao primeiro hemistíquio do terceiro verso, dão ao discurso de Hécuba uma veemência notável. A revolta da rainha manifesta-se na ironia com

⁹²⁶ Opõe-se, assim, à morte de Astíanax, que interrompe o ritual.

⁹²⁷ Cf. *supra*, p. 485.

que, de forma paratáctica, pronuncia as duas últimas orações, ligando-as numa relação de causalidade que, ainda que não expressa, é, todavia, evidente. A oposição entre *uirgo ac puer* e *bellum* resume o assunto da tragédia. É neste desequilíbrio que se fundamenta o assunto das *Troades*.

A ironia e o sarcasmo dão, porém, lugar à incerteza da mãe que se vê subjugada pelo luto:

*quo meas lacrimas feram?
ubi hanc anilis expuam leti moram?
natam an nepotem, coniugem an patriam fleam?
an omnia an me?(Tro. 1168-1171)*

Sem saber quem chorar, Hécuba mostra o desespero de quem tudo perdeu. Note-se o paralelismo das últimas interrogações, que, tendo como auge a oposição *omnia / me*, é substituído primeiro pela expressão do desejo da morte e, depois, por uma interjeição à própria morte:

*sola mors uotum meum,
infantibus, uiolenta, uirginibus uenis,
ubique properas, saeua: me solam times
uitasque, gladios inter ac tela et faces
quaesita tota nocte, cupientem fugis.
non hostis aut ruina, non ignis meos
absumpsit artus: quam prope a Priamo steti. (Tro. 1171-1177)*

Mais uma vez, Hécuba chora mais pelo facto de se manter viva do que pela morte dos seus. Por conseguinte, a tragédia acaba como começou: com Hécuba lamentando o seu destino e desejando a morte. Não há lugar nas *Troades* para a crueldade da Hécabe de Eurípides ou para a irracionalidade da Hécuba ovidiana. A vingança não passa de uma ameaça velada. É a mãe sucessivamente privada dos seus filhos que se apresenta reclamando o direito à dignidade da morte. Em toda a obra, o luto faz-se essencialmente pelos vivos, que consideram afortunados os que morreram ou morrem no decorrer da acção.

Nos últimos versos pronunciados pelo Mensageiro, que encerram a tragédia, a exortação às cativas mostra a continuidade do destino destas:

Repetite celeri maria, captiuae, gradu:

iam uela puppis laxat et classis mouet. (Tro. 1178-1179)

O sintagma *celeri... gradu* associa as Troianas às duas vítimas que acabaram de ser sacrificadas pelos Gregos. Como Astíanax avançando para a torre *nec gradu segni* (Tro. 1090), ou Políxena que *non tulit retro gradu* (Tro. 1151), também as cativas seguirão o caminho que lhes foi traçado pelo destino, caminho que é marcado pelo infortúnio. A falta de uma conclusão explícita mostra como a partida não é mais do que o início de uma nova fase no sofrimento dos que sobreviveram à guerra.

A progressão dramática efectua-se por intermédio de uma sucessão de imagens de dor, morte e luto que, no seu conjunto, tornam o texto sombrio e quase claustrofóbico. A estrutura temática circular que KEULEN (2001: 12ss.) nele reconhece⁹²⁸, conjugada com a noção da repetição do passado, confere à obra um carácter pessimista que só é atenuado pela atitude estoica dos que morrem antes do seu tempo e pelo desejo obsessivo da morte que os vivos exprimem a cada passo.

Políxena e Astíanax são vítimas de um sacrifício que se justifica mediante uma lógica de vingança fundamentada no passado. Elimina-se, deste modo, o futuro e, num estado de paralisia anormal, as mães passam a ser os últimos sobreviventes de uma civilização. Nas *Troades* e ao contrário do que acontece, por exemplo, na *Eneida*, as referências à possibilidade de reconstrução são aniquiladas. Astíanax dá corpo à esperança de *Pergama recidiua*, mas a sua morte deita por terra qualquer possibilidade de que as suas pequenas mãos se tornem mãos reconstrutoras. As *Troades* são, assim, uma tragédia extremamente obscura, porque nela não se abrem portas senão para o sofrimento.

⁹²⁸ Cf. *supra*, p. 452.

Medeia

A *Medea* de Séneca, peça que aborda a separação problemática de Jasão e Medeia e o filicídio que, como vingança, se lhe seguiu, integra uma tradição antiga e vasta de representações daquele que é um dos mitos mais apaixonantes e explorados nas literaturas clássicas. Da versão trágica de Eurípides à perspectiva épica de Apolónio de Rodes, da *Medea exul* de Énio às diversas Medeias ovidianas⁹²⁹, todas estas abordagens permitem a Séneca contextualizar a sua *Medea* num fundo complexo de relações intertextuais.

Não nos detendo na questão da relação da Medeia de Séneca com os seus modelos, interessa, todavia, salientar a configuração estóica da personagem. O poder das emoções, que os Estóicos condenavam e que a tragédia revela, causa alguma tensão entre a crítica. O pendor didático do *corpus* denuncia as consequências que advêm para o indivíduo da subjugação às paixões, que mais não são do que erros de julgamento, do que desvios cognitivos. A paixão fundamenta-se sempre num juízo errado⁹³⁰. O texto da *Medea* é, porém, mais complexo. Na *Medea*, por exemplo, é difícil não admirar a energia de Medeia, que muitas vezes dá voz a sentenças de cariz estóico⁹³¹, em oposição a um Jasão

⁹²⁹ Ovídio parece, de facto, nutrir algum fascínio pela personagem. Além da *Heróide* 12 e de *Tristia* 3.9, a única tragédia que o autor terá composto versava também sobre este tema. A *Medeia* de Ovídio, que parece nunca ter sido representada em palco, é referida por Séneca-o-Velho e por Quintiliano: *Suas.* 3.7; *Inst.* 8.5.6. Em *Tr.* 5.7.25-27, Ovídio nega que tenha representado alguma obra no teatro: *Carmina quod pleno saltari nostra theatro, / uersibus et plaudi scribis, amice, meis: / nil equidem feci – tu scis hoc ipse – theatris, Musa nec in plausus ambitiosa mea est.* A personagem aparece também nas *Metamorfoses* (*Met.* 7.1ss.), mas a morte dos filhos é apresentada de forma muito resumida em apenas um verso:

⁹³⁰ Cf. COLISH (1990: 42ss.).

⁹³¹ Cf., a título de exemplo, *Med.* 161, 176, etc.

destituído da coragem de outrora, que se acomoda às circunstâncias e se submete ao poder de Creonte⁹³².

É a própria Medeia quem abre o drama, pronunciando um discurso em jeito de prece em que, ao mesmo tempo que demonstra já a fúria que a há-de caracterizar ao longo da peça, revela as suas intenções para com Jasão. As divindades que primeiramente invoca, relacionadas com o matrimónio (*di coniugales, Lucina*) ou com a luz do Sol ou da Lua (Apolo e Hécate), são, todavia, substituídas por divindades mais sombrias, associadas à noite e aos Infernos (*Med.* 9ss.). A invocação tem como auge, porém, o apelo às Fúrias:

*nunc, nunc adeste sceleris ultrices deae,
crinem solutis squalidae serpentibus,
atram cruentis manibus amplexae facem,
adeste, thalamis horridae quondam meis
quales stetistis: coniugi letum nouae
letumque socero et regiae stirpi date. (Med. 13-18)*

O motivo do casamento de mau agouro, presidido pelas Fúrias, é frequente na literatura mas tem aqui uma nova dimensão já que o que Medeia pede é que o ensombramento que caracterizou a sua união com Jasão, criada na sequência de uma série de crimes e ofensas, se transmita também à união com Creúsa⁹³³.

A descrição do aspecto horrendo das Fúrias prepara o espectador ou o leitor para o desenrolar da acção. Medeia clama por vingança: pede a morte para Creúsa e Creonte e para os descendentes do casamento que está prestes a realizar-se. A morte fica, todavia, aquém do que deseja para o marido que a traiu. Para este, Medeia quer algo mais penoso: a vida. Uma vida de exílio e

⁹³² Sobre a relação problemática da moral estóica com a *Medea*, cf., por exemplo, WILSON (1997) e HINE (2000: 28-30). SCHIESARO (1997: 107) afirma: «It is perfectly possible to assume that Seneca's intention in portraying Medea was to move his audience to a stern criticism of the passions which dominate her. But it is equally possible that a specific reader will end up feeling great sympathy for Medea, and thus forego any chance of being morally improved.»

⁹³³ Veja-se o desenvolvimento deste tópico em: Verg. *A.* 4.166-169; Ov. *Met.* 6.428-434; Ov. *Met.* 10.1-8; Ov. *Ep.* 2.117-120; Ov. *Ep.* 6.428-434; Ov. *Ep.* 7.96; Sen. *Oed.* 644-646; Sen. *Tro.* 1132-1136.

privação é o que pede para quem tenta, no momento presente, estabelecer-se em Corinto desposando a filha do rei:

*Num peius aliquid? quod precer sponso malum?
uiuat; per urbes erret ignotas egens
exul pauens inuisus incerti laris,
iam notus hospes limen alienum expetat. (Med. 19-22)*

Mas esta punição é ainda insuficiente:

*me coniugem opto, quoque non aliud queam
peius precari, liberos similes patri
similesque matri – parta iam, parta ultio est:
peperi. (Med. 23-26)*

Nesta que é a primeira referência que faz aos filhos, Medeia insinua já o crime que tomará forma ao longo da peça. A oração que se interrompe na cesura pentemímere do terceiro verso sugere a forma de vingança mais penosa para Jasão. É nos filhos, enquanto imagem não só do pai mas também da mãe, que Medeia procura uma punição. A repetição do adjetivo *similis* e das formas *patri* e *matri* realçadas pela posição métrica, com a assonância que daí resulta, dá à insinuação uma forma bipartida que resume o enredo da tragédia. De um lado, o marido que traiu, de outro, a mãe que o deseja punir.

É a ironia trágica de *parta iam, parta ultio est: / peperi* que segue a primeira referência à maternidade e que torna evidente, logo desde o início, que o facto de ser mãe integra a vingança que Medeia cogita. A utilização do verbo *pario* no duplo sentido de “dar à luz” e de “inventar” permitem a Medeia associar numa só palavra os filhos e o crime com que se vingará de Jasão. E, depois deste momento em que, como uma revelação, a morte dos filhos começa a ganhar forma na sua mente, Medeia exorta-se a agir. Comparando-se, de forma implícita, às Fúrias que antes invocara, Medeia, de archote na mão, apela ao Sol, a origem da sua própria família, para que observe o que está para acontecer. Como Faetonte incendiando o universo, também Medeia levará para o

casamento de Jasão e Creúsa o fogo da sua ira⁹³⁴. Continua exortando-se a si própria, recordando os crimes do passado:

*Per uiscera ipsa quaere supplicio uiam,
si uiuis, anime, si quid antiqui tibi
remanet uigoris; pelle femineos metus
et inhospitalem Caucasum mente indue. (Med. 40-43)*

Os *uiscera* proporcionarão a Medeia um meio para a vingança, a qual ultrapassará a crueldade do que fez outrora. Medeia prepara-se a si própria para fazer algo mais notável. A traição ao pai, o desmembramento do irmão ou a morte de Pélias terão de ser superados por um crime maior.

*effera ignota horrida,
tremenda caelo pariter ac terris mala
mens intus agitat: uulnera et caedem et uagum
funus per artus – leuia memoraui nimis:
haec uirgo feci; grauior exurgat dolor:
maiora iam me scelera post partus decent. (Med. 45-50)*

O discurso interrompe-se no momento preciso em que revela a natureza dos crimes que maquina e o leitor/espectador, levado a seguir em crescendo o raciocínio da personagem, primeiro pela acumulação assindética dos adjectivos que acompanham *mala*, depois pelo polissíndeto que une *uulnera*, *caedem* e *uagum funus*, entende que na mente de Medeia o filicídio ganha forma. A antítese *leuia* / *grauior* e *maiora* opõe duas fases da sua vida. Ainda assim, a classificação que atribui ao que fez no passado mostra até onde a esposa traída está disposta a ir para punir o marido. Na conclusão a que chega, de que, já que foi mãe, deve realizar *maiora scelera*, associa mais uma vez a maternidade à vingança.

Medeia termina o prólogo dirigindo a si própria palavras de encorajamento:

⁹³⁴ *hoc restat unum, pronubam thalamo feram / ut ipsa pinum postque sacrificas preces / caedam dicatis uictimae altaribus. (Med. 37-39).* O fogo que consumiu Faetonte é um dos ingredientes que Medeia utiliza para fabricar o veneno com que há-de impregnar a veste que será oferecida a Creúsa: *uiuiacis fulgura flammae / de cognato Phaethonte tuli. (Med. 826-827).*

*accingere ira teque in exitium para
furore toto. paria narrentur tua
repudia thalamis: quo uirum linques modo?
hoc quo secuta es. rumpe iam segnes moras:
quae scelere parta est, scelere linquenda est domus. (Med. 51-55)*

Mais do que continuidade, o desejo de vingança implica repetição, repetição que se vislumbra no paralelismo da última frase.

A primeira intervenção do Coro, que canta em honra do casamento de Jasão e Creúsa, demonstra uma animosidade evidente para com Medeia e introduz no drama uma tensão que se manterá sempre latente entre a ordem e o equilíbrio que advirá desta nova união, sancionada pela comunidade, e a desordem e os crimes que foram consequência do casamento de Jasão e Medeia. Esta é apresentada de forma hostil, como uma estranha, uma bárbara temida pelo próprio marido:

*Ereptus thalamis Phasidis horridi,
effrenae solitus pectora coniugis
inuita trepidus prendere dextera,
felix Aeoliam corripe uirginem
nunc primum soceris sponse uolentibus. (Med. 102-106)*

A oposição entre Creúsa, a noiva jovem e bela, e Medeia, a *effrena coniunx*, leva o Coro a deixar claro o seu desprezo por esta:

*tacitis eat illa tenebris,
si qua peregrino nubit furtiua marito. (Med. 114-115)*

O Coro mostra, assim, a tensão entre duas formas diferentes de entender a união de Medeia e Jasão. Enquanto, logo nas primeiras palavras que profere, Medeia defende o seu estatuto de esposa legítima, abandonada de forma leviana e condenável pelo marido, na sua primeira intervenção o Coro denuncia a ilegitimidade de uma união que se estabeleceu sem o consentimento dos pais. Deste modo, e pela primeira vez, a alteridade de Medeia, que se tornará cada vez mais óbvia, é posta em evidência.

Esta tensão acentua claramente a ira que Medeia já insinuara no prólogo. Depois de exprimir a sua incredulidade perante a traição do marido, a própria Medeia descreve a perturbação provocada pelos *affectus* na sua mente:

*incerta uecors mente non sana feror
partes in omnes; unde me ulcisci queam?* (Med. 123-124)

Este processo torna-se também evidente, à medida que o drama avança, para as outras personagens⁹³⁵. Nesta segunda intervenção, Medeia desenvolve a ideia de que os crimes do passado serão repetidos no presente. A *ultio* baseia-se na reciprocidade:

*utinam esset illi frater! est coniunx: in hanc
ferrum exigatur.* (Med. 125-126)

Mas a ideia de que a simples repetição dos crimes que permitiram a união de Jasão e Medeia não é suficiente e de que só algo insólito poderá saciar a sua ira repete-se:

*hoc meis satis est malis?
si quod Pelasgae, si quod urbes barbarae
nouere facinus quod tuae ignorent manus,
nunc est parandum. scelera te hortentur tua
et cuncta redeant.* (Med. 125-129)

O abandono da pátria, o desmembramento do irmão, a morte de Pélias, todos os crimes que, quando não era mais que uma *uirgo* inexperiente, cometeu foram inspirados pelo amor que nutria por Jasão. Por este motivo, a ira que agora sente implica crimes mais ousados⁹³⁶. Esta ira, todavia, por enquanto numa fase

⁹³⁵ Mas especialmente para a Ama e para o Coro. A Ama refere o *furialem impetum* de Medeia (Med. 157), chama-a *demens* (Med. 174), exorta-a a resistir ao impulso da paixão: *resiste et iras comprime ac retine impetum.* (Med. 381). Também o Coro reconhece o perigo que as paixões descontroladas de Medeia representam: *Nulla uis flammae tumidiue uenti / tanta, nec teli metuenda torti, / quanta cum coniunx uiduata taedis / ardet et odit.* (Med. 579-582).

⁹³⁶ Mais à frente, o Coro reconhecerá que a combinação do amor desprezado com a ira domina Medeia e que, da confusão destes sentimentos, ambos descontrolados, nascerá algo temível:

incipiente, procura ainda uma justificação para a traição do marido. Medeia procura um culpado e uma razão para punir este e não Jasão:

*Quid tamen Iason potuit, alieni arbitri
iurisque factus? debuit ferro obuium
offerre pectus – melius, a melius, dolor
furiose, loquere. (...)
Culpa est Creontis tota, qui sceptro impotens
coniugia soluit quique genetricem abstrahit
gnatis et arto pignore astrictam fidem
dirimit. (Med. 137-140; 143-146)*

O afastamento dos filhos e a dissolução do casamento, que agora atribui à acção de Creonte, levá-la-ão à primeira fase da vingança. A *mater* justifica os seus actos com a separação dos filhos.

No diálogo com a Ama, que a chama sistematicamente à razão e a aconselha a adoptar uma atitude mais consentânea com o seu novo estatuto de mulher repudiada e de inimiga do rei e da sua família, Medeia desenvolve a argumentação lógica, fundamentada em princípios distorcidos, que a levará ao infanticídio. A Ama tenta convencê-la de que não lhe convém demonstrar a sua hostilidade em relação a Creonte, uma vez que, agora que o marido a abandonou, não tem onde buscar refúgio:

*Abiere Colchi, coniugis nulla est fides
nihilque superest opibus e tantis tibi. (Med. 164-165)*

A estas palavras, porém, Medeia responde:

*Medea superest: hic mare et terras uides
ferrumque et ignes et deos et fulmina. (Med. 166-167)*

A extraordinária confiança que demonstra, mesmo quando a situação parece não ter uma saída, prova a força sobre-humana da personagem. O excesso que se entrevê na acumulação polissindética dos elementos que constituem o universo prova que possui recursos que não estão disponíveis para um

Frenare nescit iras / Medea, non amores; / nunc ira amorque causam / iunxere: quid sequetur? (Med. 866-869).

qualquer mortal. Nos crimes do passado, Jasão fora testemunha deste poder assustador que se estende até aos deuses⁹³⁷. Quando ninguém espera que ela possa ter ainda uma forma de enfrentar o abandono e a adversidade, Medeia engendra uma vingança que a fará recuperar a sua identidade:

NVT. *Moriere*. ME. *Cupio*. NVT. *Profuge*. ME. *Paenituit fugae*.
NVT. *Medea* – ME. *Fiam*. NVT. *Mater es*. ME. *Cui sim uide*. (Med. 170-171)

Medeia não é ainda Medeia. Só o que está para acontecer permitirá que ela volte a ser o que era. A ideia da recuperação de um passado que se perdeu invade novamente o discurso. O repúdio confundiu a identidade da personagem e os diferentes aspectos da sua vida parecem agora separar-se de forma irrevogável. A resposta que dá às palavras da Ama que a tenta chamar à razão, relembrando-lhe que é mãe, é surpreendente. O dativo *cui*, que, no seguimento de GUASTELLA (2001), entendemos como dativo de interesse, indica que Jasão é o beneficiário do facto de Medeia ser mãe. Foi para Jasão que Medeia gerou os filhos e é com esta ideia em mente que Medeia se vai separando deles, abdicando da sua maternidade.

No confronto com Creonte e com Jasão, Medeia age de forma aparentemente racional, respondendo com lógica às interpelações que lhe são dirigidas. Um e outro tentam que ela se responsabilize pelos crimes que cometeu por Jasão e, por este motivo, a questão da culpa é explorada de modo a que Medeia assuma que é um ser nocivo. Creonte absolve Jasão de toda a culpa, afirmando – de forma algo cínica, na verdade – que, uma vez que não foi ele a empunhar a espada, de nada pode ser acusado. Medeia, pelo contrário, foi

⁹³⁷ *Merita [Iason] contempsit mea / qui scelere flammis uiderat uinci et mare?* (Med. 120-121). Já no prólogo Medeia insinuara este poder sobre o universo: *manibus excutiam faces / caeloque lucem*. (Med. 27-28). Acerca do poder de Medeia sobre os deuses, cf. *inuadam deos / et cuncta quatiam*. (Med. 423-424).

agente⁹³⁸. Sem procurar fugir à sua culpa nem refutar as acusações do rei, Medeia, todavia, nega a inocência de Jasão, já que foi para benefício do marido que protegeu os Argonautas, abandonou o reino de Eetes e despedaçou Absirto. Também a morte de Pélias teve como objectivo beneficiar Jasão (*Med.* 275-280⁹³⁹). Perante a intransigência de Creonte, determinado a expulsá-la de Corinto, Medeia renuncia à argumentação e suplica que se poupem os filhos:

*Supplex recedens illud extremum precor,
ne culpa natos matris insontes trahat.* (*Med.* 282-283)

Não é evidente o que Medeia pede a Creonte. Suplica-lhe apenas que os filhos *insontes* – em contraste com o pai e a mãe, referidos antes como *sontes duos* (*Med.* 275) – não sejam afectados pela culpa da mãe. Não pede a Creonte, como fará a Jasão (*Med.* 541-543), que permita que os filhos a acompanhem. A resposta de Creonte parece indicar, porém, que Medeia receia as retaliações deste sobre as crianças:

Vade: hos paterno ut genitor excipiam sinu. (*Med.* 284)

Ainda assim, Medeia pede mais:

*Per ego auspicatos regii thalami toros,
per spes futuras perque regnorum status,
Fortuna uaria dubia quos agitat uice,
precor, breuem largire fugienti moram,
dum extrema natis mater infigo oscula,
fortasse moriens.* (*Med.* 285-290)

Retomando um tópico frequente no discurso da mãe *orbata*, Medeia suplica agora que Creonte lhe permita um breve adiamento para que possa despedir-se dos filhos.

⁹³⁸ *Nullus innocuum cruor / contaminauit, afuit ferro manus / proculque uestro purus a coetu stetit. / Tu, tu malorum machinatrix facinorum (...)* (*Med.* 263-266)

⁹³⁹ *cur sontes duos / distinguis? illi Pelia, non nobis iacet; / fugam, rapinas adice, desertum patrem / lacerumque fratrem, quidquid etiamnunc nouas / docet maritus coniuges, non est meum: / totiens nocens sum facta, sed numquam mihi.*

Para o público conhecedor do mito, que sabe o que Medeia prepara, e para o próprio Creonte (*Med.* 290), este argumento parece dúbio. Medeia serve-se da piedade de Creonte para conseguir tempo para efectuar a sua vingança. Neste ponto, todavia, o infanticídio não é ainda mais do que uma ideia latente que se vai insinuando em alusões veladas e que não tomou ainda forma plena na mente da personagem. A contiguidade de *natis* e *mater* reproduz o contacto, que Medeia antevê como o último, entre a mãe e os filhos. Esta separação fá-la imaginar a sua própria morte. Deste modo, recorrendo a motivos comuns na tradição, Medeia descreve-se como uma mãe que não suportará a perda dos filhos e, assim, representa-se a si própria, de forma consciente, parece-nos, como uma mãe como as outras. Neste ponto, a questão da sua identidade problemática, que aflorou na conversa com a Ama, parece afastada e é a *mater* que suplica a Creonte a oportunidade para um derradeiro beijo. Ainda assim, o facto de Medeia proferir palavras típicas da *mater orba* introduz no texto uma tensão desestabilizadora que se constrói com base na configuração mitológica e literária da personagem.

Medeia vai criando progressivamente a oposição entre a *mater* e a *coniunx*, dois aspectos de si própria que dissocia até os tornar incompatíveis. Quando a *nutrix* entra em cena no terceiro acto, apesar de começar por se dirigir à *alumna* em discurso directo (*Med.* 380-381), rapidamente passa a descrever, na terceira pessoa, não apenas o estado psicológico de Medeia, mas também a sua fisionomia, que resulta da acção dos *affectus* sobre a mente:

*Incerta qualis entheos gressus tulit
cum iam recepto maenas insanit deo
Pindi niualis uertice aut Nysae iugis,
talis recursat huc et huc motu effero,
furoris ore signa lymphati gerens.* (*Med.* 382-386)

Os sintomas da ira que a Ama enumera – o movimento desenfreado, o rosto que alternadamente enrubesce e se torna pálido, o riso e as lágrimas, a sucessão

de emoções contraditórias⁹⁴⁰ – convergem na suspeita de que o que Medeia prepara é excessivo:

*non facile secum uersat aut medium scelus;
se uincet: irae nouimus ueteris notas.
magnum aliquid instat, efferum immane impium:
uultum Furoris cerno. di fallant metum!* (Med. 393-396)

Ainda que afirme reconhecer os sinais da ira a que assistiu outrora – e note-se como, novamente, o presente é visto como uma recriação do passado – a *Nutrix* compreende igualmente que os crimes que Medeia planeia são diferentes. A acumulação assindética e gradativa dos adjetivos *magnum*, *efferum*, *immane* e *impium*⁹⁴¹ antecipa a conclusão de que Medeia já não é apenas ela própria. Medeia transformou-se na encarnação do próprio *Furor*.

Completamente indiferente à presença da Ama, Medeia fala para si própria num solilóquio em que continua a exortar-se a agir. Apesar de começar por designar-se *misera*, não é a tristeza do abandono ou a dor da separação dos filhos que transparece no seu discurso. Já antes Medeia se encorajara a realizar algo novo e cruel. Agora, porém, demonstra mais confiança no seu poder e reconhece que o *furor* que a domina é irreversível e incontrolável:

⁹⁴⁰ *flammata facies, spiritum ex alto citat, / proclamat, oculos uberi fletu rigat, / renidet: omnis specimen affectus capit. / haeret: minatur aestuat queritur gemit. / quo pondus animi uerget? ubi ponet minas? / ubi se iste fluctus franget? exundat furor.* (Med. 387-392). Veja-se a descrição dos *furentes* e dos *irascetes* no tratado *De Ira*: *Vt scias autem non esse sanos quos ira possedit, ipsum illorum habitum intueri; nam ut furentium certa indicia sunt audax et minax uultus, tristis frons, torua facies, citatus gradus, inquietae manus, color uersus, crebra et uehementius acta suspiria, ita irascentium eadem signa sunt: flagrant ac micant oculi, multus ore toto rubor exaestuante ab imis praecordiis sanguine, labra quatuntur, dentes comprimuntur, horrent ac surriguntur capilli, spiritus coactus ac stridens, articularum se ipsos torquentium sonus, gemitus mugitusque et parum explanatis uocibus sermo praeruptus et conplosae saepius manus et pulsata humus pedibus et totum concitum corpus magnasque irae minas agens, foeda uisu et horrenda facies deprauantium se atque intumescantium – nescias utrum magis detestabile uitium sit an deforme.* (Dial. 3.1.3-4).

⁹⁴¹ Veja-se a mesma construção nas palavras da própria Medeia: *effera ignota horrida, / tremenda caelo pariter ac terris mala / mens intus agitat.* (Med. 45-47).

*numquam meus cessabit in poenas furor
crescetque semper (...)
non rapidus amnis, non procellosum mare
pontusue coro saeuus aut uis ignium
adiuta flatu possit inhibere impetum
irasque nostras: sternam et euertam omnia. (Med. 406-407; 411-414)*

Afirmando-se novamente superior aos elementos da natureza e aos próprios deuses, Medeia vai progressivamente assumindo a crueldade e a barbárie que as outras personagens lhe atribuem. A Medeia de Séneca vai-se tornando Medeia, vai-se revestindo dos excessos e dos crimes que a caracterizam na tradição. Depois de lembrar a perfídia e a cobardia de Jasão, de quem nem sequer pronuncia o nome⁹⁴², a consciência do infanticídio insinua-se:

*liberis unus dies
datus est duobus. non queror tempus breue:
multum patebit. faciet hic faciet dies
quod nullus umquam taceat – inuadam deos
et cuncta quatiam. (Med. 421-425)*

As alusões aos filhos, que vai semeando no discurso, são ambivalentes, uma vez que o facto de o leitor/ouvinte conhecer o desfecho o leva a interpretá-las como referências ao infanticídio. Uma leitura mais superficial, porém, identifica um nível de significado menos ameaçador. Esta ambiguidade é manifesta quando diz que lhe foi concedido um dia para dois filhos. Creonte permitiu que Medeia adiasse a partida para se despedir dos filhos: um dia para se despedir de dois filhos. Mas o conhecimento prévio de que esse dia não será passado em despedidas permite que a frase seja entendida como uma ameaça: um dia para matar dois filhos. Esta ambivalência, parece-nos, é propositada: Medeia não decidiu ainda, pelo menos de forma consciente e irrevogável, que se vingaria do repúdio de Jasão matando-lhe os filhos. A *mater* não foi ainda vencida. Note-se, porém, que, nas últimas linhas da sua intervenção, a questão do tempo se torna irrelevante, já que mesmo num *tempus breue* Medeia realizará crimes inusitados

⁹⁴² *Timuit Creontem ac bella Thessalici ducis? / amor timere neminem uerus potest. (Med. 415).*

que a farão ultrapassar com violência (*inuadam*) a fronteira entre a humanidade e os deuses.

Antecipando as acusações de Medeia, e antes de a enfrentar, Jasão justifica o casamento com Creúsa com a necessidade de garantir a segurança dos filhos (*Med.* 437ss.). O confronto com a esposa fundamenta-se, numa primeira fase, no desenvolvimento de duas ideias: a culpa e a retribuição. Apesar de Medeia se mostrar novamente mais comedida, Jasão reconhece nela os sinais do *furor*⁹⁴³. A questão da responsabilidade dos crimes passados, que Medeia atribui ao marido, impõe-se e, como já tinha acontecido no diálogo com Creonte, também Jasão se afirma inocente dos crimes cometidos por Medeia⁹⁴⁴. Por esta razão e perante a ingratidão do marido, a esposa reclama a devolução de tudo o que fez ou perdeu para o beneficiar.

É de assinalar o facto de que, no espaço de umas dezenas de versos, Medeia se designe a si própria duas vezes como *paelex*⁹⁴⁵. A legitimidade do casamento que antes defendia parece agora ter sido substituída por uma relação informal e ilegítima e, deste modo, Medeia continua a afastar-se de Jasão. Quando, porém, tem de apelar ao sentimento que antes os unia e que devia levar Jasão a ter uma opinião diferente sobre ela, que devia justificar que ele, ao contrário de todos os outros, tivesse consciência da responsabilidade dos crimes cometidos, volta a designar-se como *coniunx*:

⁹⁴³ Note-se que o próprio Jasão reconhece o estado alterado de Medeia: *atque ecce, uiso memet exiluit, furi, / fert odia prae se: totus in uultu est dolor.* (*Med.* 445-446).

⁹⁴⁴ IA. *Obicere crimen quod potes tandem mihi?* / ME. *Quodcumque feci.* IA. *Restat hoc unum insuper, / tuis ut etiam sceleribus fiam nocens.* (*Med.* 497-499)

⁹⁴⁵ É depois de se declarar vencida por Jasão que diz: *paelicem poenis premat / regalis ira* (*Med.* 462-463). A segunda vez que se classifica como tal, assumindo, deste modo, a posição para que Jasão a relegou, é em resposta aos conselhos deste, que a exorta a fugir para escapar à ira de Creonte: *Hoc suades mihi, / praestas Creusae: paelicem inuisam amoues.* (*Med.* 494-495). Note-se, porém, que, adiante, no monólogo em que decidirá definitivamente matar os filhos, é Creúsa que designa como *paelex*: *ex paelice utinam liberos / hostis meus / aliquos haberet.* (*Med.* 920-921).

*Tua illa, tua sunt illa: cui prodest scelus,
is fecit – omnes coniugem infamem arguant,
solus tuere, solus insontem uoca:
tibi innocens sit quisquis est pro te nocens. (Med. 500-503)*

O marido, porém, recusa-se a partilhar da culpa de Medeia e, perante esta renúncia, quando a amante que tudo fez confirma finalmente a ingratidão daquele que foi o único beneficiário dos seus actos, a inevitabilidade da união com Creúsa e as consequências que dela advirão passam a dominar o discurso. Quando Jasão aconselha Medeia a ter uma conduta mais equilibrada, relembrando-a dos filhos⁹⁴⁶, esta interpela-o com a possibilidade de, do casamento com Creúsa, lhe nascerem outros filhos:

*Abdico eiuro abnuo –
meis Creusa liberis fratres dabit? (...)
Ne ueniat umquam tam malus miseris dies,
qui prole foeda misceat prolem inclitam,
Phoebe nepotes Sisyphi nepotibus. (Med. 507-508; 510-512)*

A confusão das duas estirpes, que, para Medeia é uma ideia repugnante, é encarada por Jasão como a única forma de salvar os filhos. A atitude receosa do pai, para quem Creonte é um inimigo a evitar e Creúsa uma madrasta poderosa, contrasta de forma evidente com a audácia da mãe que se considera mais temível que o rei. A um Jasão hesitante e cobarde, Medeia afirma:

*Est et his maior metus
Medea. (Med. 576-517)*

e

Fortuna semper omnis infra me stetit. (Med. 520)

Medeia mostra, assim, de forma pouco moderada, o seu carácter insurrecto e excessivo.

⁹⁴⁶ *Quin potius ira concitum pectus doma, / placare natis. (Med. 506-507).*

A temeridade de Medeia, porém, não demove o marido, a quem pede que os filhos a acompanhem no exílio (*Med.* 541-543⁹⁴⁷). A resposta de Jasão a este pedido, porém, permitirá a Medeia perceber finalmente qual a vingança adequada para ele:

*Parere precibus cupere me fateor tuis;
pietas uetat: namque istud ut possim pati,
non ipse memet cogat et rex et socer.
haec causa uitae est, hoc perusti pectoris
curis leuamen. spiritu citius queam
carere, membris, luce. (Med. 544-549)*

A força do amor paterno contrasta de forma evidente com a fraqueza que Jasão demonstra perante Creonte. Por não abdicar dos filhos, como abdicou da esposa, e por tornar claro a Medeia como a sua vida depende da presença das crianças, Jasão revela a sua verdadeira vulnerabilidade. Não é irrelevante que nestas palavras Jasão utilize motivos característicos da *orbitas*: os filhos são *leuamen* e *causa uitae*. Como uma *mater orba*, Jasão não concebe uma vida sem aqueles. A separação equivaleria, assim, à morte e é a afirmação deste afecto, que Jasão faz de modo claro e até um pouco “maternal”, que determina a *ultio*.

NUSSBAUM (1997: 230) considera que o facto de Jasão demonstrar uma personalidade mais humana atrai a simpatia do leitor/espectador para ele⁹⁴⁸. Os seus escrúpulos morais, associados à descrição frequente das suas façanhas, terão como finalidade, segundo a autora, justificar a dimensão do amor de Medeia: «By stressing that his motive was sincere love for his children and fear for their safety, not greed or callousness, Seneca gives him a new humanity and

⁹⁴⁷ *liberos tantum fugae / habere comites liceat, in quorum sinu / lacrimas profundam. te noui gnati manent.* HINE (2000: ad 541-3) afirma: «We may well imagine that she does not really expect him to accede to this request, but there is no reason to doubt at this stage the sincerity of her wish to keep her children.»

⁹⁴⁸ SCHIESARO (2003: 211) exprime uma opinião divergente: «Jason is a lame, ineffectual character, excused without much enthusiasm by the chorus, on the basis of his intrinsic weakness. His desire for change – for a new bride – is essentially rooted in selfishness, his desire to save himself and, perhaps, his children.»

dignity. Both here and in the continual reminders of his past heroism and strength, we see a figure who is believably worthy of Medea and her judgments, worthy of her loving wish for his life (...) Jason is a figure who in many ways invites our identification.» É certo que Jasão é, em Séneca, uma figura mais humana do que em Eurípides. Ao contrário do que acontece na tragédia euripídiana, pelo menos nas primeiras intervenções do coro de mulheres de Corinto, que mostra simpatia e até alguma convivência com Medeia⁹⁴⁹, na obra de Séneca só Medeia se apresenta como vítima de abandono e traição. O Coro é-lhe sempre hostil e demonstra, desde o início, uma atitude de desprezo e de incompreensão pela situação em que se encontra. A caracterização de Jasão parece-nos entroncar neste mesmo sentido: Jasão é o que Medeia recusa ser, e, ao expor o seu amor incondicional pelos filhos, põe em evidência a crueldade do infanticídio, ao mesmo tempo que engrandece a dimensão da vingança de Medeia. Se Jasão se mostrasse indiferente em relação a estes, a *ultio* não teria o mesmo significado. É por este motivo que Medeia só concebe plenamente qual a melhor forma de se vingar de Jasão depois de este se recusar a abdicar dos filhos:

*Sic natos amat?
bene est, tenetur, uulneri patuit locus. –
Suprema certe liceat abeuntem loqui
mandata, liceat ultimum amplexum dare:
gratum est. (Med. 549-553)*

Ainda assim, a ambivalência que antes referíamos torna-se aqui mais evidente. É a identidade de Medeia como mãe filicida que condiciona o entendimento das suas palavras como uma ameaça e esta ameaça opõe-se à despedida que a seguir refere. A *coniunx* mostra que abdicou do marido, a *mater* finge estar resignada com a separação dos filhos. A revolta que mostra, porém, quando

⁹⁴⁹ Cf. as palavras de FRIEDRICH (1993: 222): «The Chorus of Corinthian women leave no doubt that Medea speaks *their* [itálico do autor] language and argues their cause in denouncing the wretched lot of Greek women in the society of the fifth century polis.»

Jasão lhe assegura – em resposta, aliás, a um pedido da própria Medeia⁹⁵⁰ – que não guardará na memória as suas palavras alteradas faz Medeia revelar novamente a ira e o desejo de vingança. Então, finalmente, dá instruções precisas à *nutrix* para proceder aos preparativos dos presentes que, por intermédio dos próprios filhos, enviará a Creúsa (*Med.* 568ss.).

A caracterização de Medeia como um ser temível adensa-se e, para este efeito, muito contribui a terceira ode coral que reflecte sobre a violência da ira da *coniunx uiduata taedis*, que se sobrepõe à força dos elementos. O poder da ira de Medeia é considerado nefasto e incontrolável e, deste modo, o Coro continua a elaborar a alteridade da personagem. Associando-a a Faetonte e a outros heróis mitológicos que realizaram grandes feitos (Tífis, Hércules, Orfeu...) mas que, de um modo ou de outro, acabaram todos por ser punidos com a morte, o Coro analisa dois tópicos que são essenciais nas suas intervenções: o respeito pelos limites estabelecidos, geográficos, morais ou sociais e a representação de Medeia como um *malum*, como um ser pernicioso⁹⁵¹.

Consolida este sentimento de alienação e desconfiança a longa cena em que, primeiro, a Ama descreve os actos de magia de que a *alumna* se serve para envenenar os presentes para Creúsa (invoca todas as serpentes da terra até estar acompanhada de uma *squamifera turba*, mas, considerando que o poder destas é insuficiente, recorre às que, como constelações, habitam o céu e às da mitologia até ter consigo *omne serpentum genus*⁹⁵²; utiliza também plantas mortíferas oriundas de todas as partes do mundo e serve-se das aves de mau presságio);

⁹⁵⁰ ME. *et illud uoce iam extrema peto, / ne, si qua noster dubius effudit dolor, / maneant in animo uerba: melioris tibi / memoria nostri sedeat; haec irae data / oblitterentur.* IA. *Omnia ex animo expuli / precorque et ipse, feruidam ut mentem regas / placideque tractes: miseras lenit quies.* (*Med.* 553-559).

⁹⁵¹ Já em *Med.* 363, na segunda ode coral, se afirma que a recompensa da expedição dos Argonautas foi o velo de ouro e *maiusque mari Medea malum*.

⁹⁵² As constelações *Anguis* (*Med.* 695) e *Ophiuchus*, a Píton (*Med.* 700), a Hidra (*Med.* 701) e a serpente que guardava o velo de ouro (*Med.* 703-704).

depois, a própria Medeia profere palavras de encantamento, palavras que desde o início fazem tremer o universo⁹⁵³. No canto de Medeia, que se distingue pela utilização de um sistema métrico que consiste na articulação do trímetro jâmbico, utilizado nos diálogos dramáticos, com o trímetro trocaico e com o anapesto⁹⁵⁴, são os deuses dos Infernos, juntamente com os que foram punidos com suplícios (Ixíon, Tântalo, Sísifo, as Danaides) e Hécate, aqui identificada com Febe, a Lua, que são invocados para assistirem ao novo casamento de Jasão.

A associação da fúria de Medeia ao *enthousiasmos* das Bacantes, já antes referida pela *Nutrix* (*Med.* 382ss.)⁹⁵⁵, repete-se agora nas palavras que ela própria pronuncia (*Med.* 806⁹⁵⁶). Também o Coro, na sua última intervenção antes do acto final, demonstrando novamente uma hostilidade ostensiva, a designa como *cruenta maenas* (*Med.* 849) e continua a apontar Medeia como um ser alienado, é certo, mas principalmente como alguém que ultrapassa os limites sociais (*Med.* 856-857) e as fronteiras da humanidade:

*huc fert pedes et illuc,
ut tigris orba natis
cursu furente lustrat
Gangeticum nemus.* (*Med.* 862-865)

Neste símile, que a associa a uma fêmea de tigre em fúria devido à perda dos filhos, o Coro retoma um elemento importante na caracterização da *mater orba* que, como vimos nos capítulos anteriores, associa a mãe na sua dor a um animal enfurecido. Note-se, porém, que o estado de espírito de Medeia que aqui

⁹⁵³ É a Ama quem diz, antes de se ouvirem as palavras de Medeia: *Sonuit ecce uestano gradu / canitque. mundus uocibus primis tremit.* (*Med.* 738-739).

⁹⁵⁴ Apesar de a designação de “canto” se ter generalizado para as palavras que Medeia profere neste momento, não é certo que elas tivessem sido efectivamente cantadas numa possível representação da tragédia. Cf. HINE (2000: *ad loc.*).

⁹⁵⁵ Cf. *supra*, p. 508.

⁹⁵⁶ (...) *nudato pectore maenas.*

se descreve não está relacionado com a morte dos seus filhos, pelo menos não directamente. É a fúria da amante abandonada e a sua irracionalidade e descontrolo que aqui se realçam.

Nesta que é a ode mais breve que o Coro entoia na peça, tecem-se as considerações psicológicas que preparam o desfecho:

*Frenare nescit iras
Medea, non amores;
nunc ira amorque causam
iunxere: quid sequetur? (Med. 866-869)*

O receio pelo futuro e o desejo de que nasça rapidamente um novo dia dão lugar à entrada do Mensageiro que descreve a morte do rei e da filha (*Med.* 879-890). À exortação da Ama que a aconselha a fugir, Medeia responde com audácia e indiferença, revelando em cena os seus pensamentos e planos.

As diferentes atitudes da Ama e de Medeia põem, mais uma vez, em primeiro plano a temeridade inesperada e excessiva da *alumna*. Quando todos esperariam que a morte de Créusa e de Creonte pusesse um fim ao seu ódio, Medeia revela-se ainda insatisfeita:

*Egone ut recedam? si profugissem prius,
ad hoc redirem. nuptias specto nouas.
quid, anime, cessas? sequere felicem impetum.
pars ultionis ista, qua gaudes, quota est?
amas adhuc, furiose, si satis est tibi
caelebs Iason. (Med. 893-898)*

Nas palavras que Medeia profere, o vocabulário do inusual e do hediondo ressoa como um eco, reduzindo a sua existência anterior a uma fase de inexperiência quase pueril que, agora, considera insignificante⁹⁵⁷. A questão da identidade, que já antes introduzira no discurso, continua a ser explorada:

quid manus poterant rudes

⁹⁵⁷ *quaere poenarum genus / haut usitatum iamque sic temet para: / fas omne cedat, abeat expulsus pudor; / uindicta levis est quam ferunt purae manus. (...) / quidquid admissum est adhuc, / pietas uocetur. hoc age! en faxo sciant / quam leuia fuerint quamque uulgaris notae / quae commodauit scelera. prolusit dolor / per ista noster. (Med. 898-901; 904-908).*

audere magnum, quid puellaris furor?
Medea nunc sum; crevit ingenium malis. (Med. 908-910)

Na exclamação *Medea nunc sum* Medeia retoma todas as questões que já antes manifestara sobre a sua própria essência. Os crimes cometidos permitiram-lhe ser novamente Medeia. De outra perspectiva, porém, parece-nos que só depois de retomar as suas actividades nocivas a personagem se apropria da imagem de si própria que os outros projectam sobre ela. Como dissemos antes, ninguém a considera uma vítima. Ninguém demonstra em momento algum simpatia ou compreensão pela sua causa. É perante esta atitude de desprezo e completamente isolada que Medeia se vê na necessidade de recuperar os crimes do passado, que a levaram à situação presente, para reconstruir a sua própria identidade, identidade que lhe é, de certa maneira, imposta pela forma como os outros a vêem, e que ela readquire gradualmente.

No monólogo final, a personagem debate-se ainda com a aceitação desta identidade e, em consequência, da vingança que ela implica. Às formas iniciais de imperativo e conjuntivo exortativo (*sequere, quaere, para, cedat, abeat, excita*, etc.) sucedem-se as interrogações e a indefinição. Medeia hesita e receia o que se vai formando na sua mente:

Quo te igitur, ira, mittis, aut quae perfido
intendis hosti tela? nescioquid ferox
decreuit animus intus et nondum sibi
audet fateri. (Med. 916-919)⁹⁵⁸

Apesar de a morte dos filhos se insinuar desde o início, ao longo do drama Medeia sofre um processo penoso e conturbado que a conduz, de forma tortuosa, à aceitação mental do infanticídio. O monólogo de Medeia mais não é que a dramatização de uma *suasoria* em que a personagem, em conflito consigo própria, oscila entre duas ideias diferentes, ideias que correspondem a dois

⁹⁵⁸ Veja-se a coincidência destas palavras com o último verso da *Heróide* 12 de Ovídio: *nescio quid certe mens mea maius agit!* (Ep. 12.212). A elegia acaba onde a vingança começa a tomar forma. O fim da elegia corresponde, assim, ao auge da tragédia. Cf., sobre este assunto, PINHEIRO (2002).

aspectos da sua personalidade, da sua existência, que se tornaram incompatíveis. Na lógica arrevesada que Medeia desenvolve para justificar a vingança, a *mater* e a *coniunx* excluem-se mutuamente. A esposa desejosa de se vingar, traída, abandonada e ofendida, tem de aniquilar a *pietas* materna de modo a agir contra Jasão. É por esta razão que, por meio de um processo mental obscuro e sinuoso, se tenta convencer a si própria de que os filhos não são dela mas de Creúsa:

*ex paelice utinam liberos hostis meus
aliquos haberet – quidquid ex illo tuum est,
Creusa peperit. placuit hoc poenae genus,
meritoque placuit: ultimum magno scelus
animo parandum est: liberi quondam mei,
uos pro paternis sceleribus poenas date. (Med. 920-925)*

Vai-se, assim, tornando mais explícita a justificação da morte das crianças, justificação que, ainda assim, aterroriza a própria Medeia. A *mater* não aceita as deliberações da *coniunx*:

*Cor pepulit horror, membra torpescunt gelu
pectusque tremuit. ira discessit loco
materque tota coniuge expulsa redit.
egone ut meorum liberum ac prolis meae
fundam cruorem? melius, a, demens furor!
incognitum istud facinus ac dirum nefas
a me quoque absit; quod scelus miseri luent? (Med. 926-932)*

Para descrever a sua reacção à ideia de punir os filhos pelos crimes do pai, Medeia utiliza motivos comuns à descrição da dor da *mater orba*. A sensação de frio que lhe invade os membros é semelhante à que sentiu a mãe de Euríalo ao ouvir a notícia da morte do filho (*at subitus miserae calor ossa reliquit; A. 9.475*) e à de Andrómaca quando Ulisses lhe descreve a morte que espera Astíanax:

*Reliquit animus membra, quatiuntur, labant
torpetque uinctus frigido sanguis gelu. (Tro. 623-624)*

Esta reacção física denuncia perante Ulisses a maternidade de Andrómaca tal como aqui, e apesar das devidas diferenças, revela que a cólera de Medeia não suprimiu ainda o seu amor pelos filhos. A *mater* existe ainda.

Oscilando entre as noções de crime (*scelus est Iason genitor et maius scelus / Medea mater; Med. 933-934*) e inocência (*quod scelus miseri luent?; crimine et culpa carent / sunt innocentes; Med. 932, 935-936*) Medeia hesita entre a premência da vingança e o amor materno, e tem de se exortar de novo a agir:

*quid, anime, titubas? ora quid lacrimae rigant
uariamque nunc huc ira, nunc illuc amor
diducit? anceps aestus incertam rapit;
ut saeva rapidi bella cum uenti gerunt,
utrimque fluctus maria discordes agunt
dubiumque feruet pelagus, haut aliter meum
cor fluctuatur: ira pietatem fugat
iramque pietas – cede pietati, dolor. (Med. 937-944)*

O impasse dos últimos versos, visível nos poliptotos *ira / iram* e *pietas / pietatem / pietati*, põe a nu o conflito das emoções no espírito de Medeia, que, ainda assim, continua a resistir à vingança e a considerar que a melhor opção é que a dor se deixe vencer pela *pietas*. Note-se a utilização da palavra *dolor*, quando esperaríamos nova referência à ira. Os *affectus* confundem-se, convergem de forma avassaladora e inexpugnável.

Por fim, naquela que é uma das últimas manifestações da *mater*, Medeia procura o contacto com os filhos:

*Huc, cara proles, unicum afflictæ domus
solamen, huc uos ferte et infusos mihi
coniungite artus. habeat incolumes pater,
dum et mater habeat – urguet exilium ac fuga:
iam iam meo rapiuntur auulsi e sinu,
flentes, gementes – osculis pereant patris,
periere matris. (Med. 945-950)*

O amor materno emerge novamente na utilização dos motivos comuns da *orbitas*. Na busca do contacto com os filhos que são consolo, alívio na adversidade, Medeia recupera neste derradeiro momento uma última réstia da sua maternidade que a faz desejar que as crianças se mantenham vivas. É, porém, a lembrança do exílio que se aproxima e que a separará dos filhos que, de uma vez por todas, separa a *coniunx* da *mater*. A distância que impõe entre

ela e os filhos torna-se definitiva quando deixa de se lhes dirigir na segunda pessoa, como se deixassem de estar presentes. Na repetição de *iam* e na violência das formas verbais *rapientur* e *auulsi*, Medeia antevê a despedida. Imagina os filhos *flentes* e *gementes* e a ideia do desespero das crianças expressa nestes participípios, unidos de forma assindética e em homeoteleuto, e que, como se poderia esperar, demoveria a mãe de seguir com a vingança, antecede, ao invés, a aceitação final da morte daquelas. É aqui que Medeia mata os filhos na sua mente: *periere [osculis] matris*.

O infanticídio que se segue só é possível depois desta confirmação que resulta, por sua vez, de um processo doloroso de afastamento. Medeia abdica da maternidade e esta transforma-se apenas num instrumento de vingança. Sem outras considerações morais, éticas ou afectivas, os filhos já não são mais do que meros objectos que a mãe gerou para vingar as ofensas sofridas pelo pai Eetes e pelo irmão. A forma como entende os crimes do passado é essencial na gestação da vingança, que terá como finalidade recompensar a sua família de origem pelos crimes que a própria Medeia cometeu. Para este fim, compreende agora que é *sterilis in poenas*:

*utinam superbae turba Tantalidos meo
exisset utero bisque septenos parens
natos tulissem!⁹⁵⁹ sterilis in poenas fui –
fratri patrique quod sat est, peperit duos. (Med. 954-957)*

Só depois de fabricar mentalmente a sua *orbitas* e de chegar a um entendimento da morte dos filhos como uma compensação dos delitos de outrora, Medeia avança para um outro nível:

*rursus increscit dolor
et feruet odium, repetit inuitam manum
antiqua Erinys – ira, qua ducis, sequor. (Med. 951-953)*

A ira venceu e Medeia é agora apenas um objecto sem autonomia, procurada por uma *turba Furiarum*. Invocadas no prólogo, as Fúrias aparecem agora

⁹⁵⁹ Medeia retoma aqui o tema da fecundidade de Níobe.

acompanhadas pelo fantasma do irmão. Não é claro se se trata aqui de uma alucinação ou se, efectivamente, estas personagens apareceriam em palco⁹⁶⁰. Como quer que aconteça, todavia, o pormenor com que Medeia descreve novamente o aspecto aterrador das Fúrias (*Med.* 958-963) contribui para a sua capitulação. Note-se, contudo, que enquanto antes era Medeia quem reclamava por vingança, agora é ela que é procurada pelas Fúrias e pelo irmão, que exigem, eles e já não ela, a punição dos crimes do passado. Assim, o infanticídio não é concebido apenas como forma de retaliação pelo abandono de que foi vítima. A morte das crianças e, em especial, a do primeiro filho, é apresentada como compensação pela perda que ela própria teve de suportar para casar com Jasão. Se, no passado, Medeia agiu matando o irmão em benefício de Jasão, agora agirá novamente matando os seus filhos em benefício de Eetes⁹⁶¹:

*frater est, poenas petit:
dabimus, sed omnes. fige luminibus faces,
lania, perure, pectus en Furiis patet.* (*Med.* 964-966)

O entendimento de *omnes* condiciona o significado da frase. HINE (2000: *ad* 965) defende que no nominativo *omnes* Medeia se designa a ela e aos filhos: os três serão punidos pela morte do irmão. Se, porém, o adjectivo for entendido como um acusativo, apostro de *poenas*, Medeia garante que a vingança será completa, que todos os crimes serão punidos. Como a visão das Fúrias e da sombra de Absirto a leva a considerar-se também uma vítima da vingança, a primeira hipótese parece-nos mais apropriada.

Medeia é também, como dissemos, instrumento de vingança e, na sua fantasia, imagina que cede a sua mão para ser usada na morte do primeiro filho pela sombra do irmão:

⁹⁶⁰ Cf. HINE (2000: *ad* 958-966).

⁹⁶¹ Cf. GUASTELLA (2001: 214): «By killing her children, Medea does affirm her role as a sister, but in a delayed and perverted way, avenging the death of her brother at her own hands by later killing her own children.»

*mihi me relinque et utere hac, frater, manu
quae strinxit ense – uictima manes tuos
placamus ista. (Med. 969-971)*

Nesta ilusão, o filho é, assim, vítima de um sacrifício que tem como objectivo aplacar a cólera de Absirto⁹⁶². Põe-se, assim, de lado a linguagem da vingança e do amor ultrajado.

Na última parte do seu monólogo, a presença de forças sobrenaturais é substituída pela realidade. Medeia ouve a chegada de Jasão e dos soldados que vêm para a capturar. Os planos que desenvolve perante esta ameaça mostram novamente a presença de espírito da personagem:

*Quid repens affert sonus?
parantur arma meque in exitium petunt.
excelsa nostrae tecta conscendam domus
caede incohata. perge tu mecum comes.
tuum quoque ipsa corpus hinc mecum auerham. (Med. 971-975)*

A interrupção requer um novo cenário e a presença de outras personagens, associada à necessidade de ostentar a vingança (Med. 976-977⁹⁶³), implica a subida de Medeia para o telhado. Leva consigo tanto o filho que ainda vive como o cadáver do que acabou de assassinar e dirige-se novamente a ambos na segunda pessoa.

O facto de Jasão entrar em cena pedindo o auxílio de todos faz Medeia proferir um brado de triunfo:

*Iam iam recepi sceptrum germanum patrem,
spoliumque Colchi pecudis auratae tenent;
rediere regna, rapta uirginitas redit.
o placida tandem numina, o festum diem,
o nuptialem! (Med. 982-986)*

⁹⁶² Relembrem-se as palavras de Horácio, a que Séneca não obedece: *ne pueros coram populo Medea trucidet* (Ars 185).

⁹⁶³ *nunc hoc age, anime: non in occulto tibi est / perdenda uirtus; approba populo manum.*

A utilização de formas verbais com o prefixo *re-* exprime a ideia da recuperação do passado perdido, tópico que é constante ao longo da peça⁹⁶⁴. Para a elaboração da sua vingança, Medeia fundamenta-se no argumento de que os crimes do presente restituirão, de alguma forma, a sua identidade. *Fiam!* afirmara antes, e, depois da morte de Creúsa e Creonte, garantira à Ama: *Medea nunc sum!* Por esta razão, verbos como *redire* (*cuncta redeant; Med. 130; rediere regna, rapta uirginitas redit; Med. 984*), *reddere* (*redde crimen; Med. 246; redde fugienti ratem / uel redde comitem; Med. 274-275; redde supplici felix uicem Med. 482; hac dote nupsi. redde fugienti sua; Med. 489*) e, aqui, *recipere* acumulam-se nas palavras de Medeia e mostram a reconstrução que pretendia com a vingança.

O triunfo equivale, assim, à abolição de uma fase da sua vida que o repúdio de Jasão devia ter terminado. Só agora Medeia voltou a ser quem era antes de conhecer Jasão.

Ainda assim, e mesmo antes de concluir o plano que traçara, Medeia hesita novamente:

*perage, dum faciunt manus.
quid nunc moraris, anime? quid dubitas? potens
iam cecidit ira? paenitet facti, pudet.
quid, misera, feci? misera? paeniteat licet,
feci. (Med. 986-991).*

A *orbitas* insinua-se uma vez mais e deixa-se entrever na utilização repetida do adjetivo *misera*. A dor da perda é acompanhada pelo remorso, mas é rapidamente dominada. Desta vez uma nova emoção incentiva-a a continuar. Já não é só a ira ou a dor que a impelem, agora é também a *uoluptas* que a domina:

*uoluptas magna me inuitam subit,
et ecce crescit. derat hoc unum mihi,
spectator iste. nil adhuc facti reor:
quidquid sine isto fecimus sceleris perit. (Med. 991-994)*

⁹⁶⁴ Cf. sobre este assunto SCHIESARO (2003: 208ss.) que nota correctamente como esta ideia obsessiva de regresso e de restituição é característica específica da personagem de Séneca.

Só a presença de Jasão dá valor ao crime e, demonstrando abertamente uma crueldade que até agora não manifestara, Medeia serve-se dos sentimentos daquele para agravar a sua dor. Quando Jasão ordena aos soldados que incendeiem a casa, Medeia responde com ironia:

*Congere extremum tuis
natis, Iason, funus ac tumulum strue:
coniunx socerque iusta iam functis habent
a me sepulti; gnatus hic fatum tulit,
hic te uidente dabitur exitio pari. (Med. 997-1001)*

Note-se como o tópico da recomendação de que se sepultem os filhos, que exprime uma preocupação frequente da *orbis*, se transforma também ele numa forma de agressão. Recorrendo mais uma vez ao amor paterno já confessado por Jasão, Medeia impede o ataque deste e, em segurança e controlando por completo o desenrolar dos acontecimentos, dá seguimento à vingança.

As suas palavras são, agora, extremamente lúcidas: as dúvidas cessaram, os remorsos desapareceram. Ficou só o deleite de ter Jasão contemplando-a, num nível mais baixo, rogando-lhe que lhe tire a vida a ele (*Med.* 1004-1005; 1017), ou, quando Medeia não acede à sua súplica, que não o atormente mais com o adiamento da morte que ameaça (*Med.* 1014-1015). Esta é a verdadeira vingança de Medeia. A sua violência reduziu Jasão a uma impotência quase patética. A vingança que para ele é desmesurada e atroz é para ela ainda insuficiente:

*Si posset una caede satiari manus,
nullam petisset. ut duos perimam, tamen
nimium est dolori numerus angustus meo.
in matre si quod pignus etiam nunc latet,
scrutabor ense uiscera et ferro extraham. (Med. 1009-1013)*

A negação absoluta da maternidade encontra justificação na dor do abandono, demasiado profunda para ser aplacada pela morte de dois filhos. Nos últimos versos, Medeia refere a hipótese de uma gravidez que, de modo peremptório, rejeita como fez em relação aos filhos. A palavra *mater*, que aqui aparece pela

última vez, não é agora mais do que uma referência fisiológica. A indeterminação da prótase é superada pela violência da apódose. Nesta que é a referência mais concreta que faz ao carácter físico da sua maternidade, Medeia assume que um possível aborto será também um homicídio calculado. A espada com que já trespassou um dos filhos e que em breve tirará a vida ao outro, servirá também para arrancar de si própria qualquer vestígio de Jasão. Ele que a renegara ouve agora palavras de repúdio absoluto.

Desafiadora e indomável, Medeia desfruta do prazer da vingança e, ao mesmo tempo, demonstra a Jasão o poder que a maternidade lhe confere:

*Hac qua recusas, qua doles, ferrum exigam.
i nunc, superbe, uirginum thalamos pete,
relinque matres.* (Med. 1006-1008)

O poder da maternidade tornou-se avassalador. Como Meleagro, completamente vulnerável perante Alteia, também Jasão é presa indefesa de uma mãe em fúria. Ambas as mulheres se tornam terríveis porque são mães. É a maternidade que lhes proporciona o domínio da vida do filho, no caso de Alteia, e da vida dos dois filhos, do filho que poderia ter sido gerado, e do marido, no caso de Medeia.

A morte do segundo filho acontece enquanto dirige a Jasão as últimas palavras. Inesperadamente, porém, e de forma quase subreptícia, lê-se na afirmação trágica de que nada mais tem que pudesse ter sido sacrificado à dor – dor a que se dirige em apóstrofe – a aniquilação completa da sua função de *mater*:

*Misereri iubes. –
bene est, peractum est. plura non habui, dolor,
quae tibi litarem. lumina huc tumida alleua,
ingrate Iason. coniugem agnoscis tuam?
sic fugere soleo. patuit in caelum uia:
squamosa gemini colla serpentes iugo
summissa praebent. recipe iam gnatos, parens;
ego inter auras aliti curru uehar.* (Med. 1018-1025)

O reconhecimento que Medeia procura implica que Jasão a veja pois só perante os olhos de Jasão se poderá tornar efectiva a transformação final. É, de facto, a identidade da *coniunx* que Medeia agora assume e, neste último momento, mostra-se a Jasão como ele se recusou a aceitá-la: como esposa.

Ao mesmo tempo, Medeia mostra de forma ostensiva como novamente escapará impune. O carro puxado por serpentes deixa patente que Medeia atingiu um novo nível de existência. Medeia transformou-se num ser que não se submete às leis humanas ou divinas. Ainda que toda a sua vingança se baseie em noções – por vezes arrevesadas, é certo – de crime e de castigo, de justiça e de injúria, o assassinio dos filhos supera e subverte essas noções.

Conclusão

A representação da maternidade nas obras analisadas retoma aspectos que são fundamentais na representação da *orbitas*. Nas *Troades*, são a aflição e o luto que se acumulam em imagens sucessivas em que a *mater orba*, utilizando o seu corpo como se este fosse um objecto, se mortifica e se automutila, ao ponto de não figurar apenas a sua dor mas a de todos. Vislumbra-se nos golpes de Hécuba, não apenas a perda de cada um dos seus filhos, mas também a ruína da cidade. Nem Hécuba nem Tróia terão futuro e a mutilação do corpo da rainha, multiplicada pelas mulheres troianas no primeiro acto, é a reprodução da devastação que a todos atingiu. A *mater orba* torna-se, assim, símbolo da humanidade assolada pela morte e pela destruição.

A Andrómaca de Séneca termina onde começa a Andrómaca vergiliana. A união a Heitor é constante nas duas obras, mas só nas últimas palavras que pronuncia na tragédia, em resposta à descrição do cadáver despedaçado do filho, a mãe mostra a alienação quase alucinada que demonstra ainda em

Butroto. Presa ao passado, obstinada em reconhecer no rosto dos vivos os traços dos mortos, Andrómaca desiste da vida, vai-se demorando numa existência vazia, em que procura recriar laços, lugares e pessoas que já não existem.

Em oposição a Andrómaca e Hécuba, Medeia renuncia à maternidade. Como a primeira, é o amor conjugal que lhe dá uma razão para viver. Quando este é traído, a mãe abdica progressivamente dos filhos até não conseguir ver neles senão uma forma de punir o pai.

A importância das mãos da mãe, nas duas tragédias, permitir-nos-á, nesta conclusão, aferir das diferentes atitudes perante a maternidade que nelas se desenvolvem. As mãos de Hécuba, que se multiplicam nas das Troianas, são mãos que só servem para o luto, são mãos que golpeiam e mutilam o corpo que gerou e o peito que amamentou⁹⁶⁵. As mãos de Andrómaca, pelo contrário, recusam o *planctus*. São mãos que protegem o filho, que o defendem do inimigo⁹⁶⁶. São também mãos que ensinam a aceitar o destino, que ensinam a suplicar⁹⁶⁷. É também nas mãos da mãe que Astíanax procura protecção e são essas mesmas mãos, incapazes e impotentes como as do filho⁹⁶⁸, que lhe fecham os olhos ainda vivos⁹⁶⁹. A mãe que dá a vida dá-a também por concluída. Encerra um ciclo.

⁹⁶⁵ Veja-se a acumulação de referências às mãos das mulheres no *kommos* que tem como auge o lamento de Hécuba por Heitor: HEC. *Ferite palmis pectora* (Tro. 64); CHO. *miseramque leua, regina, manum* (Tro. 80); HEC. *complete manus* (Tro. 102); HEC. *uacet ad crebri uerbera planctus / furibunda manus* (Tro. 94); CHO. *iam nuda uocant pectora dextras* (Tro. 106); CHO. *Saeuite manus* (Tro. 113); HEC. *Tibi nostra ferit dextra lacertos / umerosque ferit tibi sanguineos, / tibi nostra caput dextera pulsat, / tibi maternis ubera palmis / laniata patent.* (Tro. 117-120).

⁹⁶⁶ AND. *Vtinam quidem esses, nate, materna in manu* (Tro. 556); AND. *Resistam, inermis offeram armatis manus.* (Tro. 671); *Quid meos retines sinus / manusque matris cassa praesidia occupas?* (Tro. 792-793).

⁹⁶⁷ *Submitte manus dominique pedes / supplice dextra stratus adora.* (Tro. 708-709)

⁹⁶⁸ AND. *Hae manus Troiam erigent?* (Tro. 740); AND. *non arma tenera parua tractabis manu* (Tro. 775).

⁹⁶⁹ AND. *concede paucas, ut mea condem manu / uiuentis oculos.* (Tro. 788-789).

No caso de Medeia, as mãos nunca se mostram protectoras e afectuosas. Pelo contrário, são mãos hábeis no crime, mãos que não poupam em atrocidades quando agem em prol de Jasão, mãos ensanguentadas que elaboram feitiços letais. São mãos criminosas⁹⁷⁰. Já o foram no passado e, no presente, entregues a forças destrutivas e vingadoras, transformam-se definitivamente em mãos de Fúria⁹⁷¹.

Ainda assim, as três vêem ou imaginam os filhos a serem arrancados do *sinus* materno. A dor da separação une estas mães e, se Andrómaca e Hécuba se resignam perante esta perda, é porque não têm, como Medeia, recursos que ultrapassam a barreira entre o real e o sobrenatural, entre o humano e o divino. A caracterização de Medeia como feiticeira, que é explorada à saciedade na tragédia, parece remeter o infanticídio para uma dimensão irreal situada num limbo onde não se aplicam nem as leis da natureza nem as leis dos homens.

⁹⁷⁰ CR. *Nota fraud, nota est manus* (Tro. 181); MED. *per manus, pro te quibus nunquam peperci* (...) (Med. 479-480); *Tibi [i. e. para Febe] haec cruenta certa texuntur manu.* (Med. 771); *assuesce, manus, stringere ferrum / carosque pati posse cruores* (Med. 809-810); *uindicta levis est quam ferunt purae manus* (Med. 901); *quid manus poterant rudes?* (Med. 908); *ad omne facinus non rudem dextram afferes.* (Med. 915); *Si posset una caede satiari manus, / nullam petisset.* (Med. 1009).

⁹⁷¹ MED. (...) *repetit inuitam manum / antiqua Erinys.* (Med. 952-953); *mihi me relinque et utere hac, frater, manu* (Med. 969).

Conclusão

Na elegia 4.11 de Propércio, Cornélia, ao fazer o elogio da sua vida, afirma que a ordem natural é a mãe morrer antes dos filhos e refere como foi afortunada pelo facto de o seu cadáver ter sido acompanhado ao túmulo pelos filhos:

*tu, Lepide, et tu, Paulle, meum post fata leuamen,
condita sunt uestro lumina nostra sinu.*

*et bene habet: numquam mater lugubria sumpsit;
uenit in exsequias tota caterua meas.* (Prop. 4.11. 63-64; 97-98)

Esta regularidade contrasta com a situação das *matres orbae* analisadas. A inversão e a anomalia que a morte de um filho a que a mãe assiste implica tornam-se factores de instabilidade, tanto a nível individual, como social.

A relevância que a capacidade geradora da mulher assume nos textos sobre medicina demonstra a importância que lhe era concedida na sociedade. Esta função recebe uma atenção maior a partir de finais da República e, com Augusto, é objecto de regulamentações. Ao mesmo tempo, passa a ser contextualizada num discurso de índole moral que associa de forma irreversível a maternidade e a conduta virtuosa das mulheres. Esta associação, a par do reconhecimento progressivo da importância dos laços entre a mãe e os filhos, mesmo dos que eram gerados num casamento *sine manu*, deve ter determinado as expectativas sociais a que a mulher devia corresponder.

Nas cerimónias com que se assinalava a morte de um indivíduo, as mulheres assumiam, juntamente com os cuidados a ter com o defunto, a demonstração mais aberta da dor e do desespero. Na representação literária da *mater orba* é igualmente a esta que se atribuem os gestos mais violentos. A mãe procura o contacto físico com o cadáver do filho, tentando reconstruir a união anterior ao parto. Nos textos analisados, mesmo nos que apresentam a agonia da mãe filicida, que parece ser o oposto da mãe protectora e afectuosa, o amor

materno é apresentado como uma certeza. Não é só uma característica humana, cimentada na civilização e na ética. É mais do que isso. É um sentimento instintivo que o ser humano partilha com os animais. Por esta razão, Medeia, Procne ou Alteia, ao assassinares de forma consciente – ao contrário do que acontece com Agave ou Ino – os filhos, não perdem apenas a sua humanidade. Atingem uma dimensão que ultrapassa o animalesco e se aproxima do monstruoso. Esta transformação é manifesta não apenas na metamorfose de Procne que, na sua existência enquanto ave, se distingue pelas manchas do sangue do filho, mas especialmente no suicídio de Alteia e no desfecho da Medeia de Séneca. Ao tirarem a vida aos filhos, estas personagens deixam também, elas próprias, de ter direito à vida, pelo menos a uma vida com características humanas.

Esta concepção reflecte a importância cultural e social da mãe. Porque maternidade e *muliebritas* são sinónimos, uma mulher que nega a maternidade ou que, por algum motivo, não gera filhos é um ser anómalo e incompleto. Ainda que a terminologia associada aos estádios da vida da mulher não seja, em língua latina, tão precisa como na língua grega, em que só a mulher que é mãe é verdadeiramente *gyne*, o substantivo *matrona*, que apresenta a mesma raiz que *mater*, transmite uma ideia acessória de dignidade ou virtude. O célebre episódio das jóias de Cornélia, mãe dos Gracos (V. Max. 4.4. *praef.*), põe em evidência esta valorização da maternidade, o único ornamento que a mulher verdadeiramente necessita e que lhe confere a *dignitas* que os homens alcançam na vida pública.

A protecção que os pais devem aos filhos é um pressuposto básico que se apresenta de formas e em contextos vários. O amor parental é entendido como um afecto fundamental da existência humana. Séneca, por exemplo, apresenta no *De Ira* (*Dial.* 4.33.4-5) o caso de um pai que ceia com Calígula, depois de este lhe ter assassinado um filho. A razão é muito simples: porque tinha outro. Para garantir que o filho vivo assim permanecesse, o pai teve de ocultar a sua dor e

viu-se obrigado a partilhar uma refeição com quem lhe assassinara o outro filho. E a mãe? Séneca não refere a conduta desta, obviamente porque, arredada da vida pública e da convivência com o *princeps*, os seus sentimentos não têm a mesma visibilidade.

Nos textos analisados, todavia, é a mãe que perdeu o filho que dá voz à dor. É à mãe que se permite censurar deuses, homens e heróis. E, como numa explosão, o silêncio deixa de fazer sentido e só o ruído dos golpes no peito, dos gemidos e das acusações, só a inquietação, o movimento desenfreado e a demência são formas convenientes de expressão. O corpo que gera torna-se imagem da morte e a repetição quase sempre obsessiva de gestos violentos ou desorientados é apresentada como uma transgressão. A mãe exprime uma dor que é individual, que é só dela, uma dor que tem origem numa função biológica exclusiva da mulher. É por esta razão que a presença da *mater orba* na comunidade envolve sempre riscos. O luto da mãe transmite instabilidade, contagia os outros com incertezas e debilidades que põem em causa os códigos sociais. Por este motivo, associa-se quase sempre à caracterização da mãe uma nota de reprovação e de desconfiança.

A mãe de Euríalo, Ceres, Clímene, Ino ou Andrómaca movimentam-se de forma errática e experimentam estados de espírito que as afastam da racionalidade. Como Ménades em fúria, deslocam-se com passos rápidos e sem rumo, movem-se de forma desenfreada num cenário que a morte ou o desaparecimento de um filho tornou incompleto e, em consequência, incompreensível para a mãe de luto.

Só de forma parcial estas personagens se conformam com o padrão da mãe indefesa que em todos suscita compaixão. O excesso do luto de Hécuba e das Troianas ou o apego irracional de Andrómaca ao marido morto, nas *Troades*, são condições que se afastam de forma notória do ideal do *sapiens* estóico que enforma a tragédia de Séneca. Hécuba e Andrómaca são seres que já não têm lugar na rede de relações que os filhos lhes asseguravam. A destruição

de Tróia, com todas as mortes que se lhe seguiram, arruinou as relações familiares e a identidade social que garantia a estabilidade. Por esta razão, choram-se os mortos e os vivos em simultâneo.

O lamento da mãe pela morte do filho faz também com que a audiência se confronte com as suas próprias limitações. Nas palavras de dor, é certo, mas também na raiva, na incompreensão, na insubordinação, a mãe põe a nu a mortalidade e, deste modo, provoca uma reflexão sobre o lugar do ser humano no mundo que nem sempre é coincidente com a perspectiva da sociedade em que ela se insere. Por este motivo, a mãe é uma voz a silenciar, mas o seu luto é entendido, ao mesmo tempo e de forma insidiosa, como comum e alheio. Suscita piedade e identificação e, simultaneamente, repulsa e estranhamento. A *mater orba* é uma figura aterradora que representa aspectos inquietantes da humanidade: o sofrimento, a frustração do futuro, a imprevisibilidade da fortuna. Mas é precisamente devido a esta dimensão humana, é porque qualquer indivíduo se vê representado na imagem da mãe que chora a morte do filho, que ela constitui um dos motivos mais patéticos e apelativos da arte e da literatura.

Bibliografia

Dicionários, histórias da literatura e colectâneas

Abreviaturas:

- AE (1971) *L'Année Épigraphique*, Paris, CNRS.
- CIL MOMMSEN, TH. *et al.* (1853-), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Berlin.
- CLE BUECHELER, F. (1895), *Carmina Latina Epigraphica*, Lipsiae, Teubner.
- E.-M. ERNOUT, A. *et* MEILLET, A., (1994^{4R}), *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine: Histoire des Mots*, Paris, Éditions Klincksieck.
- FIRA² RICCOBONO, S., BAVIERA, J. & ARANGIO-RUIZ, V. (1968-1970²), *Fontes Iuris Romani Anteiusianiani*, 3 vols., Firenze.
- ILS DESSAU, H. (1892-1916), *Inscriptiones Latinae Selectae*, Berlin.
- L.-S.-J. LIDDELL, H. G., SCOTT, R. & JONES, H. S. (1996), *Greek-English Lexicon*, Oxford.
- OCD³ HORNBLLOWER, S. & SPAWFORTH, A. (eds.) (1996³) *Oxford Classical Dictionary*, 3rd edition, Oxford.
- OLD GLARE, P. J. (ed.) (1982), *Oxford Latin Dictionary*, Oxford.

Outros:

- AQUIEN, M. (1993), *Dictionnaire de Poétique*, Paris, Librairie Générale Française.
- GRIMAL, P. (1992), *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, (coord. da trad. port. de Victor Jabouille) Lisboa, Difel.
- KENNEY, E. J. & CLAUSEN, W. V. (eds.) (1982), *The Cambridge History of Classical Literature; Vol. II. 3: The Age of Augustus*, Cambridge University Press.
- MOLINIE, G. (1992), *Dictionnaire de Rhétorique*, Paris, Librairie Générale Française.
- MORIER, H. (1989r), *Dictionnaire de Poétique et de Rhétorique*, Paris, PUF.
- PRIETO, M. H., PRIETO, J. M. & PENA, A. (1995), *Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, JNICT.

Edições, traduções e comentários

- ANDERSON, W. S. (1972), *Ovid's Metamorphoses Books 6-10*, Norman, University of Oklahoma Press.
- (1997^r), *Ovid's Metamorphoses Books 1-5*, Norman, University of Oklahoma Press.
- AUSTIN, R. G. (1986), *P. Vergili Maronis Aeneidos Liber Sextus*, Oxford, Clarendon Press.
- DUARTE, R. (2009), *Sêneca. Medeia*, Lisboa, Portugalíia (no prelo).
- FANTHAM, E. (1982), *Seneca's Troades: A Literary Introduction with Text, Translation, and Commentary*, Princeton, N.J., Princeton University Press.
- (1998), *Ovid, Fasti. Book IV, Cambridge Greek and Latin Classics*. Cambridge & New York, Cambridge University Press.
- FERNANDES, J. S. M. (1987), *Brutus de Marco Túlio Cícero: introdução, tradução e notas* (tese de mestrado), Universidade de Lisboa.
- GRANSDEN, K. W. (1998^r), *Virgil, Aeneid, Book XI, (Cambridge Greek and Latin Classics)* Cambridge University Press,.
- (1999^r), *Virgil, Aeneid, Book VIII, (Cambridge Greek and Latin Classics)* Cambridge University Press.
- HARDIE, P. (1994), *Virgil. Aeneid. Book IX, (Cambridge Greek and Latin Classics)*, Cambridge University Press.
- HINE, H. M. (2000), *Seneca. Medea with an Introduction, Text, Translation and Commentary*. Warminster, Aris & Phillips Ltd.
- KEULEN, A. J. (2001), *L. Annaeus Seneca Troades: Introduction, Text, and Commentary*, Leiden, Brill.
- LOURENÇO, F. (2005), *Homero. Ilíada*, Lisboa, Livros Cotovia.
- MYNORS R. A. B. (1972), *P. Vergili Maronis Opera: Aeneis*, Oxford University Press.
- POMEROY, S. B. (1999) (ed.), *Plutarch's Advice to the bride and groom and A consolation to his wife (English translations, commentary, interpretive essays, and bibliography)*, New York, Oxford University Press.
- ROCHA PEREIRA, M. H. (1992³), *Sófocles. Antígona*, Coimbra, INIC.
- SERBAT, G. (2003²), *Celse. De la Médecine. Tome I. livres I et II*, Paris, Les Belles Lettres.
- SILVA, M. d. F. Sousa e (2008), *Aristóteles, História dos Animais*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- TARRANT, R. J. (2004), *P. Ovidi Nasonis Metamorphoses*, Oxford University Press.
- TEMKIN, O. (1991), *Soranus' Gynecology*, Baltimore, Johns Hopkins University Press.

- VON STADEN, H. (1989), *Herophilus: the Art of Medicine in Early Alexandria: Edition, Translation, and Essays*, Cambridge & New York, Cambridge University Press.
- ZWIERLEIN, O. (1986), *L. Annaei Senecae Tragoediae: incertorum auctorum Hercules [Oetaeus], Octavia*, Oxonii, E Typographeo Clarendoniano.

Estudos

- ACCATTINO, P. (1994), "Galeno e la riproduzione animale: Analisi del *De semine*", *ANRW II*. 37.2, 1856-1886.
- ADAMS, J. N. (1982), *The Latin Sexual Vocabulary*, Baltimore, Md., Johns Hopkins University Press.
- ALARCÃO, M. (2000), *(Des) Equilíbrios familiares*, Coimbra, Quarteto.
- ALEXIOU, M. (2002^r), *The Ritual Lament in Greek Tradition*, Lanham, Boulder, New York, Oxford, Rowman and Littlefield Publishers. [1974] Cambridge University Press.
- ALLELY, A. (2003), "Les enfants malformés et considérés comme *prodigia* à Rome et en Italie sous la République", *Revue des Études Anciennes* 105, 127-156.
- (2004), "Les enfants malformés et handicapés à Rome sous le Principat", *Revue des Études Anciennes* 106.1, 73-101.
- AMUNDSEN, D. W. (1987), "Medicine and the birth of defective children in approaches to the ancient world" in R. C. McMILLAN (1987) (ed.), *Euthanasia and the Newborn: Conflicts Regarding Saving Lives*, Reidel, Dordrecht, 3-22.
- ANDERSON, W. S. (1993), "Form changed: Ovid's *Metamorphoses*" in BOYLE (1993) (ed.), 108-124.
- ANDRÉ, C. A. (2006), *Caminhos do Amor em Roma*, Lisboa, Cotovia.
- ARIES, P. (1960), *L'Enfant et la Vie Familiale sous l'Ancien Régime*, Paris, Plon.
- ARMSTRONG, R. (2002), "Crete in the *Aeneid*: recurring trauma and alternative fate", *Classical Quarterly* 52.1, 321-340.
- ARNOTT, R. (2005), "Disease and the prehistory of the Aegean" in KING (2005) (ed.), 12-31.
- ARTHUR, M. B. (1984), "Early Greece: the origins of the Western attitude toward women" in PERADOTTO & SULLIVAN (eds.) (1984), 7-58.
- ASTOLFI, R. (1986²), *La Lex Iulia e Papia*, Padua, CEDAM.
- BABCOCK, C. L. (1992), "*Sola... multis e matribus*: a comment on Vergil's Trojan women" in WILHELM & JONES (1992) (eds.), 39-50.

- BADIAN, E. (1985), "A phantom Roman marriage law", *Philologus* 129, 82-98.
- BAILLS-TALBI, N. & DASEN, V. (2008), "Rites funéraires et pratiques magiques" in GUSI JENER *et al.* (2008) (eds.), 595-618.
- BARCHIESI, A. (1978), "Il lamento di Giuturna", *Materiali e Discussioni* 1, 99-121.
- (1994), "Rappresentazioni del dolore e interpretazione nell' *Eneide*", *Antike und Abendland* 40, 109-24.
- (2002), "Narrative Technique and Narratology in the *Metamorphoses*" in HARDIE (2002) (ed.), 180-199.
- BARTMAN, E. (1999), *Portraits of Livia: Imaging the Imperial Woman in Augustan Rome*, Cambridge University Press.
- BATES, D. G. (1995), *Knowledge and the Scholarly Medical Traditions*, Cambridge & New York, Cambridge University Press.
- BAUMAN, R. (1992), *Women and Politics in Ancient Rome*, London, Routledge.
- BAUMAN, R. A. (1968), "Some Remarks on the Structure and Survival of the *Quaestio De Adulteriis*", *Antichthon* 2, 79-80.
- BEACHAM, R. C. (1996^r), *The Roman Theatre and its Audience*, Cambridge, Mass., Harvard University Press.
- BECK-CHAUVARD, L. (2001), "Plainte amoureuse et plainte maternelle dans l'*Énéide*", *Revue des Études Latines* 79, 104-125.
- BEISSINGER, M., TYLUS, J. & WOFFORD, J., (1999) (eds.), *Epic Traditions in the Contemporary World: the Poetics of Community*, Berkeley, University of California Press.
- BELFIORE, E. (1984), "Ter frustra comprensa: embraces in the *Aeneid*", *Phoenix* 38.1, 19-30.
- BENDALA GALAN, M. (1991), "Incinérations et inhumations dans l'Occident Romain aux trois premiers siècles de nôtre ère: le sud de l'Espagne", in M. VIDAL (1991) (ed.), *Incinérations et inhumations dans l'occident romain aux trois premiers siècles de notre ère: France, Espagne, Italie, Afrique du Nord, Suisse, Allemagne, Belgique, Luxembourg, Pays-Bas, Grande-Bretagne: actes du Colloque International de Toulouse-Montréjeau (IVe Congrès Archeologique de Gaule Méridionale) 7 - 10 octobre 1987*, Toulouse, 77-90.
- BENTON, C. (2003), "Bringing the other to center stage: Seneca's *Medea* and the anxieties of imperialism", *Arethusa* 36.3, 271-284.
- BERTIER, J. (1996), "La médecine des enfants à l'époque impériale", *ANRW* II.37.3, 2147-2227.
- BESTOR, J. F. (1991), "Ideas about procreation and their influence on Ancient and Medieval views on kinship" in KERTZER & SALLER (1991) (eds.), 150-167.

- BETTINI, M. (1991), *Anthropology and Roman Culture: Kinship, Time, Images of the Soul*, Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press (trad. ingl. de BETTINI (1988), *Antropologia e Cultura Romana: Parentela, Tempo, Immagini Dell'anima*, Roma, La Nuova Italia Scientifica).
- BLAIZOT, F., ALIX, G. & FERBER, E. (2003), "Le traitement funéraire des enfants décédés avant un an dans l'Antiquité: études de cas", *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris* 15.1-2, 49-77.
- BLAYNEY, J. (1986), "Theories of conception in the ancient Roman world" in RAWSON (1986) (ed.), 230-239.
- BLIQUEZ, L. J. (1992), "Gynecology in Pompeii" in EIJK *et al.* (1992) (eds.), 209-224.
- BLUNDELL, S. & WILLIAMSON, M. (1998), *The Sacred and the Feminine in Ancient Greece*, London & New York, Routledge.
- BODEL, J. (1986), "Graveyards and groves: a study of the *Lex Lucerina*", *American Journal of Ancient History* 11, 1-133.
- (2000), "Dealing with the dead: undertakers, executioners, and potter's fields in ancient Rome", in HOPE & MARSHALL (2000) (eds.), 128-151.
- BONET, V. (1998), "Les maladies des enfants et leur traitement d'après le témoignage de Pliny l'Ancien" in DEROUX (1998) (ed.), 184-198.
- BOSWELL, J. E. (1984), "*Expositio* and *oblation*: the abandonment of children in the ancient and medieval family", *American Historical Review* 89, 10-33.
- BOYANCE, P. (1952) "*Funus acerbum*", *Revue des Études Anciennes* 54, 275-289.
- BOYLE, A. J. (1986), *The Chaonian Dove: Studies in the Eclogues, Georgics, and Aeneid of Virgil*, Leiden, E.J. Brill.
- (1993), *Roman Epic*, London & New York, Routledge.
- (1997), *Tragic Seneca: An Essay in the Theatrical Tradition*, London & New York, Routledge.
- (2006), *An Introduction to Roman Tragedy*, London & New York, Routledge.
- BRADLEY, K. R. (1978), "The age at time of sale of female slaves", *Arethusa* 11.1-2, 243-252.
- (1986), "Wet-nursing at Rome: a study in social relations" in RAWSON (1986) (ed.), 201-229.
- (1987), *Slaves and Masters in the Roman Empire: A Study in Social Control*, New York & Oxford, Oxford University Press.
- (1991), *Discovering the Roman Family: Studies in Roman Social History*, New York, Oxford University Press.

- (1991b), "Dislocation in the Roman family" in BRADLEY (1991), 125-155. = BRADLEY, K. R. (1987), "Dislocation in the Roman family", *Historical Reflections/Réflexions Historiques* 14, 33-62.
- (1991c), "The social role of the nurse in the Roman world" in BRADLEY (1991), 13-36.
- (1996), "Remarriage and the structure of the upper-class Roman family" in RAWSON (1996) (ed.), 79-98.
- (1999), "Images of childhood: the evidence of Plutarch" in POMEROY (1999) (ed.), 183-196.
- (2005), "The Roman child in sickness and in health" in GEORGE (2005) (ed.), 67-92.
- BRAZOUSKI, A. (1991), "Amata and her maternal right", *Helios* 18.2., 129-136.
- BRAUND, S. M. & GILL, C. (1997) (eds.), *The Passions in Roman Thought and Literature*, Cambridge & New York, Cambridge University Press.
- BREED, B. W. (2004), "Tua, Caesar, aetas: Horace Ode 4.15 and the Augustan Age", *American Journal of Philology* 125.2, 245-253.
- BRENK, F. E. (1986), "Aurum spes et purpurei flores: The eulogy for Marcellus in *Aeneid* VI", *American Journal of Philology* 107.2, 218-228.
- BRULE, P. (1992), "Infanticide et abandon d'enfants: pratiques grecques et comparaisons anthropologiques", *Dialogues d'Histoire Ancienne* 18.2, 53-90.
- BURDEN, M. (1998) (ed.), *A Woman Scorn'd: Responses to the Dido Myth*, London, Faber and Faber.
- BURKE, P. F. (1996), "Malaria in the Greco-Roman world: a historical and epidemiological survey", *ANRW* II.37.1, 2252-2281.
- CALDER, W. M. (1975), "The size of the chorus in Seneca's *Agamemnon*", *Classical Philology* 70, 32-35.
- CALDWELL, J. C. (2004), "Fertility control in the classical world: was there an ancient fertility transition?" *Journal of Population Research* 21.1, 1-17.
- CAMERON, A. & KUHRT, A. (1993^r) (eds.), *Images of Women in Antiquity*, London, Routledge.
- CAMPOS, J. A. S. (1985), "A magia de Medeia", *Euphrosyne* 13, 205-217.
- (1987), "A linguagem dos gestos no teatro de Séneca", *Euphrosyne* 15, 109-134.
- CANTARELLA, E. (1991), "Homicide of honor: The development of Italian adultery law over two millenia", in KERTZER & SALLER (1991) (eds.), 229-244.
- CARSON, A. (1990), "Putting her in her place: woman, dirt, and desire" in HALPERIN *et al.* (1990), 135-169.
- CASALI, S. (1995), "Tragic irony in Ovid, *Heroides* 9 and 11", *Classical Quarterly* 45.2, 505-511.

- (1998), "Ovid's Canace and Euripides' Aeolus: two notes on *Heroides* 11", *Mnemosyne* 51.6, 700-710.
- CHAMPLIN, E. (1989), "The testament of Augustus", *Rheinisches Museum* 132, 154-165.
- (1991), *Final Judgments: Duty and Emotion in Roman Wills, 200 B.C.-A.D. 250*. Berkeley, University of California Press.
- CHILDRESS, S. A. (1981), "Supernatural Influence upon Hector and Astyanax in Seneca's *Troades*", *Classical Bulletin* 57, 73-76.
- CLAUSEN, W. (1964), "An interpretation of the *Aeneid*." *Harvard Studies in Classical Philology* 68, 139-147.
- (1995), "The Harvard School" in HORSFALL (1995) (ed.), 313-314.
- CLAUSS, J. J. & JOHNSTON, S. I. (1997) (eds.), *Medea: Essays on Medea in Myth, Literature, Philosophy, and Art*, Princeton, Princeton University Press.
- COALE, A. J., DEMENY, P. G. *et al.* (1983²), *Regional Model Life Tables and Stable Populations*, New York, Academic Press.
- COHEN, D. (1991), "The Augustan law on adultery: the social and cultural context" in KERTZER & SALLER (1991) (eds.), 109-126.
- COLISH, M. L. (1990), *The Stoic Tradition from Antiquity to the Early Middle Ages*, Leiden & New York, E.J. Brill.
- COLOGNESI, L. C. (1990), "Tollere liberos", *Mélanges de l'École Française de Rome : Antiquité*, 102, 106-127.
- CONTE, G. B. (1984), *Virgilio, il genere e i suoi confini*, Garzanti.
- COOPER, J. F. (1988), "Metaphysics in Aristotle's embryology", *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 214, 14-41.
- CORBEILL, A. (2004), *Nature Embodied: Gesture in Ancient Rome*, Princeton University Press.
- CORBETT, P. E. (1930) (1969^r), *The Roman Law of Marriage*, Oxford, Clarendon Press.
- CORBIER, M. (1985), "Idéologie et pratique de l'héritage (Ier siècle avant J.-C. - IIe siècle après J.-C. ", *Index* 13, 501-528.
- (1991), "Constructing kinship in Rome: marriage, divorce, filiation and adoption" in KERTZER & SALLER (1991) (eds.), 127-144.
- (1995), "Male power and legitimacy through women: the *Domus Augusta* under the Julio-Claudians" in HAWLEY & LEVICK (1995) (eds.), 178-193.
- (2001), "Child exposure and abandonment" in DIXON (2001) (ed.), 52-73.
- CROOK, J. A. (1967), *Law and Life of Rome*, London, Thames & Hudson.

- (1967a), "*Patria Potestas*", *Classical Quarterly* 17, 113-122.
- (1986), "Women in Roman succession" in RAWSON (1986) (ed.), 58-82.
- D'AMBRA, E. (2007), *Roman Women*, Cambridge & New York, Cambridge University Press.
- DASEN, V. (1997), "Multiple births in Graeco-Roman Antiquity", *Oxford Journal of Archaeology* 16.1, 49-63.
- (1999), "L'accueil des nouveau-nés malformés dans l'Antiquité: Le Monde Romain, *Revue Internationale de Pédiatrie* 30.297, 32-35.
- (2003), "Amulettes d'enfants dans le monde grec et romain", *Latomus* 62, 275-89.
- (2004) (ed.), *Naissance et petite enfance dans l'Antiquité: actes du colloque de Fribourg, 28 novembre - 1er decembre 2001*, Fribourg, Academic Press.
- (2004a), "Pour une histoire de la naissance et de la petite enfance" in DASEN (2004) (ed.), 9-11.
- (2004b), "Femmes à tiroir" in DASEN (2004) (ed.), 127-144.
- DAVIS, P. J. (1993), *Shifting Song: the Chorus in Seneca's Tragedies*, Hildesheim & New York, Olms-Weidmann.
- DE FOCARA, G. S. (1990), "Didon amante et reine" in MARTIN (1990) (ed.), 23-32.
- DEAN-JONES, L. (1991), "The cultural construct of the female body in Classical Greek Science" in POMEROY (1991) (ed.), 111-137.
- (1992), "The politics of pleasure: female textual appetite in the Hippocratic Corpus", *Helios* 19.1-2: 72-91.
- (1994), *Women's Bodies in Classical Greek Science*, Oxford & New York, Oxford University Press.
- (1994a), "Medicine: the proof of anatomy" in FANTHAM *et al.* (1994) (eds.), 183-205.
- (1995), "Autopsia, historia and what women know: the authority of women in Hippocratic medicine" in BATES (1995) (ed.), 41-59.
- DELLA CORTE, F. (1982), "Le 'leges Iuliae' e l' elegia romana", *ANRW* II.30.1, 539-558.
- DEMAND, N. (1992), "Monuments, midwives and gynecology" in EIJK *et al.* (1992) (eds.), 275-290.
- (1994), *Birth, Death, and Motherhood in Classical Greece*, Baltimore, Johns Hopkins University Press.
- DEROUX, C. (1980) (ed.), *Studies in Latin Literature and Roman History II*, Bruxelles, Latomus.
- (1998) (ed.), *Maladie et maladies dans les textes latins antiques et médiévaux: actes du Ve Colloque International "Textes médicaux latins" (Bruxelles, 4-6 septembre 1995)*, Bruxelles, Latomus.

- DES BOUVRIE, S. (1984), "Augustus' legislation on morals - which moral and what aims?", *Symbolae Osloenses* 59, 93-113.
- DESCHAMPS, L. (1995), "Rites funéraires de la Rome républicaine" in HINARD (1995) (ed.), 171-180.
- DESY, P. (2005), "Les vraies et les fausses angoisses du choeur dans la *Médée* de Sénèque: une nouvelle interprétation", *Latomus* 64, 926-944.
- DIXON, S. (1984), "*Infirmetas sexus*: womanly weakness in Roman law", *Tijdschrift von Rechtsgeschiedenis* 52, 343-71. = DIXON, S. (2001), "Womanly weakness in Roman Law", 73-88.
- (1985), "Polybius on Roman women and property", *American Journal of Philology* 106.2, 147-170.
- (1988), *The Roman Mother*, Norman, University of Oklahoma Press.
- (1991), "The sentimental idea of the Roman family" in RAWSON (1991) (ed.), 99-113.
- (1992), *The Roman Family*, Baltimore, Johns Hopkins University Press.
- (2001) *Reading Roman Women: Sources, Genres, and Real Life*. London, Duckworth.
- (2001) (ed.), *Childhood, Class, and Kin in the Roman World*, London & New York, Routledge.
- (2007), *Cornelia, Mother of the Gracchi*, London & New York, Routledge.
- DOBBIN, R. (1995), "Julius Caesar in Jupiter's prophecy, *Aeneid* Book I", *Classical Antiquity* 14, 5-41.
- DOVER, K. J. (2002), "Classical Greek attitudes to sexual behavior" in MCCLURE (2002) (ed.), 19-33. = (1973), "Classical Greek attitudes to sexual behavior", *Arethusa* 6.
- DUCOS, M. (1995), "Le tombeau, *locus religiosus*" in HINARD (1995) (ed.), 135-144.
- DUDAY, H., LAUBENHEIMER, F. & TILLIER, A.-M. (1995), *Sallèles D'Aude: Nouveaux-Nés et Nourrissons Gallo-Romains*. Paris, Les Belles Lettres.
- DUMONT, J.-C. (1995), "L'enlèvement du cadavre" in HINARD (1995) (ed.), 181-187.
- DUNAND, F. (2004), "Les enfants et la mort en Égypte" in DASEN (2004) (ed.), 13-32.
- DUNCAN-JONES, R. P. (1977), "Age-rounding, illiteracy and social differentiation", *Chiron* 7, 333-353.
- DUTSCH, D. (2008), "*Nenia*: gender, genre, and lament in Ancient Rome" in SUTER (2008) (ed.), 258-279.

- EDER, W. (1990), "Augustus and the power of tradition: The Augustan Principate as binding link between Republic and Empire", in RAAFLAUB & TOHER (1990) (eds.), 71-122.
- EDGEWORTH, R. J. (2001), "Ascanius' Mother", *Hermes* 129, 246-250.
- EDWARDS, C. (1993), *The Politics of Immorality in Ancient Rome*, Cambridge University Press.
- EGAN, R. B. (1990), "Euryalus' mother and *Aeneid* 9-12" in DEROUX (1990) (ed.), 157-177.
- EIDINOW, J. S. C. (2003), "Dido, Aeneas, and Iulus: heirship and obligation in *Aeneid* 4", *Classical Quarterly* 53.1, 260-267.
- EIJK, P. J. v. d., HORSTMANSHOFF, H. F. & SCHRIJVERS, P. H. (1992) (eds.), *Ancient Medicine in its socio-cultural context: Papers Read at the Congress held at Leiden University, 13-15 April 1992*, Amsterdam, Rodopi.
- ENGELS, D. (1980), "The problem of female infanticide in the Greco-Roman World", *Classical Philology* 75.2, 112-120.
- (1984), "The use of historical demography in Ancient History", *Classical Quarterly* 34.2, 386-393.
- ERASMO, M. (2004), *Roman Tragedy: Theatre to Theatricality*, Austin, University of Texas Press.
- ERKER, D. S. (2004), "Voix dangereuses et force des larmes: le deuil féminin dans la Rome antique", *Revue de l'Histoire des Religions* 221.3, 259-291.
- ERSKINE, A. (1997), "Cicero and the expression of grief" in BRAUND & GILL (1997) (eds.), 36-47.
- ESTIEZ, O. (1995), "La *translatio cadaveris*: le transport des corps dans l'Antiquité Romaine" in HINARD (1995) (ed.), 101-108.
- FAIRWEATHER, J. (1981), *Seneca the Elder*, Cambridge & New York, Cambridge University Press.
- (1984), "The Elder Seneca and Declamation", *ANRW* II.32.1, 514-556.
- FANTHAM, E. (1986), "Andromache's child in Euripides and Seneca" in CROPP, M., FANTHAM, E. & SCULLY, S. E. (1986) (eds.), *Greek Tragedy and its Legacy: Essays presented to John Conacher*, Calgary, University of Calgary Press, 275-278.
- (1994), "Women, family, and sexuality in the Age of Augustus and the Julio-Claudians" in FANTHAM *et al.* (1994), 294-329.
- (1999), "The role of lament in the growth and eclipse of Roman epic" in BEISSINGER *et al.* (1999) (eds.), 222-237.
- (2000), "Production of Seneca's *Trojan Women*, ancient? and modern" in HARRISON (2000) (ed.), 13-26.
- (2004), *Ovid's Metamorphoses*, Oxford University Press.

- (2006), *Julia Augusti: the Emperor's Daughter*, London and New York, Routledge.
- FANTHAM, E., FOLEY, H. P., KAMPEN, N. B., POMEROY, S. B. & SHAPIRO, A. (1994) (eds.), *Women in the Classical World: Image and Text*, New York & Oxford, Oxford University Press.
- FARRELL, J. "Which *Aeneid* in whose nineties?", *Vergilius* 36 (1990), 74-80.
- FARRON, S. (1993), *Vergil's Aeneid: a Poem of Grief and Love*. Leiden & New York, E.J. Brill.
- FELDHERR, A. (1997), "Metamorphosis and sacrifice in Ovid's Theban narrative", *Materiale e Discussioni Per l'Analisi dei Testi Classici*, 38, 25-55.
- (2002), "Metamorphosis in the *Metamorphoses*" in HARDIE (2002) (ed.), 163-179.
- FELDMAN, L. H. (1953), "The character of Ascanius in Virgil's *Aeneid*", *Classical Journal* 48.8, 303-313.
- (1958), "Ascanius and Astyanax: A Comparative Study of Virgil and Homer", *Classical Journal* 53.8, 361-366.
- FERRILL, A. (1980), "Augustus and his daughter: a modern myth" in DEROUX (1980) (ed.), 332-366.
- FITCH, J. G. (2000), "Playing Seneca?" in HARRISON (2000) (ed.), 1-12.
- FLEMMING, R. (2000), *Medicine and the Making of Roman Women: Gender, Nature, and Authority from Celsus to Galen*, Oxford & New York, Oxford University Press.
- FLOWER, H. I. (1996), *Ancestor Masks and Aristocratic Power in Roman Culture*, Oxford & New York, Oxford University Press.
- FOLEY, H. P. (1992⁴) (ed.), *Reflections of Women in Antiquity*, New York, Gordon and Breach Science Publishers.
- (1993), "The politics of tragic lamentation" in SOMMERSTEIN (1993) (ed.), 101-143.
- (2001), *Female Acts in Greek Tragedy*, Princeton, Princeton University Press.
- FONTANIER, P. (1977), *Les Figures du Discours*, Paris, Flammarion.
- FRANK, R. I. (1976), "Augustus' legislation on marriage and children", *California Studies in Classical Antiquity* 8, 41-50.
- FRECAUT, J. M. (1980), "La métamorphose de Niobé chez Ovide (*Met.* VI, 301-312)", *Latomus* 39, 129-143.
- FRENCH, V. (1985), "Midwives and maternity care in the Roman world" in SKINNER (1985) (ed.), 69-84.
- FRIEDRICH, R. (1993), "*Medea apolis*: on Euripides' dramatization of the crisis of the polis" in SOMMERSTEIN (1993) (ed.), 219-239.

- FRIER, B. W. (1994), "Natural fertility and family limitation in Roman marriage", *Classical Philology* 89.4, 318-333.
- FRIER, B. W. & MCGINN, Th. (2004), *A Casebook on Roman Family Law*, Oxford, Oxford University Press.
- GAIO, S. (2004), "Quid sint suggrundaria: la sepoltura infantile a *enchytrismos* di Loppio-S. Andrea (Tn)", *Annali del Museo della cività Rovereto; Sezione Archeologia, Storia, Scienze Naturale* 20, 53-90.
- GAILLARD-SEUX, P. (1998), "Les amulettes gynécologiques dans les textes latins médicaux de l'Antiquité" in DEROUX (1998) (ed.), 70-84.
- GALINSKY, K. (1981), "Augustus' legislation on morals and marriage", *Philologus* 125, 126-44.
- (1996), *Augustan Culture: An Interpretive Introduction*, Princeton University Press.
- (2005) (ed.), *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*, Cambridge University Press.
- GARCÍA GONZALEZ, J. & POCINHA PÉREZ, A. (2003) (eds.), *En Grecia Y Roma: las Gentes Y Sus Cosas*. Granada, Editorial de la Universidad de Granada.
- GARDNER, J. F. (1999), "Legal stumbling-blocks for lower-class families in Rome" in RAWSON & WEAVER (1999) (eds.), 35-53.
- GARDNER, J. F. & WIEDEMANN, Th. (1991), *The Roman Household: A Sourcebook*, London & New York, Routledge.
- GARLAND, R. (1995), *The Eye of the Beholder: Deformity and Disability in the Graeco-Roman World*, Ithaca, Cornell University Press.
- GARNSEY, P. (1967), "Adultery trials and the survival of the *Quaestiones* in the Severan Age", *Journal of Roman Studies* 57.1/2, 56-60.
- (1991), "Child rearing in Ancient Italy" in KERTZER & SALLER (1991) (eds.), 48-65.
- GARNSEY, P. & SALLER, R. P. (1987), *The Roman Empire: economy, society, and culture*, London, Duckworth.
- GEORGE, M. (2005) (ed.), *The Roman Family in the Empire: Rome, Italy, and Beyond*, Oxford, Oxford University Press.
- (2005a), "Family imagery and values in Roman Italy" in GEORGE (2005) (ed.), 37-66.
- GILDENHARD, I. & ZISSOS, A. (1999), "'Somatic economies': tragic bodies and poetic design in Ovid's *Metamorphoses*", in HARDIE *et al.* (1999) (eds.), 162-181.
- GILL, C. (1997), "Passion as madness in Roman poetry" in BRAUND & GILL (1997) (eds.), 213-241.

- (2006), *The Structured Self in Hellenistic and Roman Thought*, Oxford & New York, Oxford University Press.
- GISBERT SANTONJA, J. A. & SENTI RIBES, M. (1989), "Enterramientos infantiles fundacionales en el 'Edificio Horreum' y 'Edificio Occidental' del yacimiento romano de Dianium (Denia, Alicante), *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses* 14, 95-126.
- GJERSTAD, E. (1953), *Early Rome*, Lund, C. W. K. Gleerup.
- GOLDEN, M. (1981), "Demography and the exposure of girls at Athens", *Phoenix* 35.4, 316-331.
- (1988), "Did the ancients care when their children died?", *Greece & Rome* 35, 152-163.
- (2004), "Mortality, mourning and mothers", in DASEN (2004) (ed.), 145-157.
- GONZÁLEZ-MÁRTIN, A. (2008), "Mitos y realidades en torno a la excavación, el tratamiento y el estudio de los restos arqueológicos no-adultos" in GUSI JENER *et al.* (2008) (eds.), 57-76.
- GOTOFF, H. C. (1984), "The transformation of Mezentius", *Transactions of the American Philological Association* 114, 191-218.
- GOUREVITCH, D. (1984), *Le Mal d'Être Femme*, Paris, Les Belles Lettres.
- (1987), "La mort de la femme en couches et dans les suites de couches", in HINARD (1987) (ed.), 187-193.
- (1996), "La gynécologie et l'obstétrique", *ANRW II.37.3*, 2083-2146.
- (1998), "Au temps des lois Julia et Papia Poppaea, la naissance d'un enfant handicapé est-elle une affaire publique ou privée?", *Ktema* 23, 459-473.
- (1998), "La première mort de l'hystérie" in DEROUX (1998) (ed.), 62-69.
- GRIMM, R. E. (1967), "Aeneas and Andromache in *Aeneid* III", *American Journal of Philology*, 88.2, 151-62.
- GRUBBS, J. E. (1994), "'Pagan' and 'Christian' marriage: the state of the question", *Journal of Early Christian Studies* 2, 361-412.
- (2002), *Women and the Law in the Roman Empire*, London and New York, Routledge.
- GUASTELLA, G. (2001), "*Virgo, Coniunx, Mater*: The wrath of Seneca's *Medea*", *Classical Antiquity* 20.2, 197-219.
- GUERY, R. (1985), *La Nécropole Orientale de Sitifis (Sétif, Algérie): Fouilles de 1966-1967*, Paris, Centre Nationale de Recherche Scientifique.
- GUNELLA, A. (1995), "Morti improvise e violente nelle iscrizioni latine" in HINARD (1995) (ed.), 9-22.

- GURVAL, R. A. (1995), *Actium and Augustus: The Politics and Emotions of Civil War*, Ann Arbor, University of Michigan Press.
- GUSI JENER, F., MURIEL, S. & OLÀRIA, C. (2008) (eds.), *Nasciturus, infans, puerulus vobis mater terra: la muerte en la infancia*, Castelló, Diputació de Castelló, Servei d'Investigacions Arqueològiques i Prehistòriques.
- HALLETT, J. P. & SKINNER, M. B. (1997) (eds.), *Roman Sexualities*, Princeton, Princeton University Press.
- HALPERIN, D. M. et al. (1990), *Before Sexuality: The Construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World*, Princeton, Princeton University Press.
- HANSON, A. E. (1990), "The medical writers' woman" in HALPERIN et al. (1990), 309-338.
- (1991), "Continuity and change: three case studies in Hippocratic Gynaecological therapy and theory", in POMEROY (1991) (ed.), 73-110.
- (1992), "Conception, gestation, and the origin of female nature in the *Corpus Hippocraticum*", *Helios* 19.1-2, 31-71.
- (1992a) "*Paidopoïia*: metaphors for conception, abortion, and gestation in the Hippocratic Corpus" in EIJK et al. (1992) (eds.), 291-307.
- (1994) "A division of labor: roles for men in Greek and Roman births", *Thamyris* 1, 157-202.
- HANSON, A. E. & GREEN, M. H. (1994), "Soranus of Ephesus: *Methodicorum princeps*", *ANRW* II.37.2, 968-1075.
- HARDIE, P. (1990), "Ovid's Theban history: the first 'anti-Aeneid'?", *Classical Quarterly* 40.1, 224-35.
- (2002) (ed.), *The Cambridge Companion to Ovid*, Cambridge, Cambridge University Press.
- HARDIE, P., BARCHIESI, A. & HINDS, S. (1999) (eds.), *Ovidian Transformations: Essays on Ovid's Metamorphoses and Its Reception*, Cambridge, Cambridge Philological Society.
- HARRIS, W. V. (1981), "The theoretical possibility of extensive infanticide in the Graeco-Roman world", *Classical Quarterly* 32.1, 114-116.
- (1999), "Demography, geography and the sources of Roman slaves", *Journal of Roman Studies* 89, 62-75.
- (2001), *Restraining Rage: The Ideology of Anger Control in Classical Antiquity*, Cambridge, Mass., Harvard University Press.
- HARRISON, E. L. (1992), "Aeneas at Carthage: the opening scenes of the *Aeneid*" in WILHELM & JONES (1992) (eds.), 109-28.

- HARRISON, G. W. M. (2000) (ed.), *Seneca in Performance*, London, Duckworth.
- HARRISON, S. J. (1990) (ed.), *Oxford Readings in Vergil's Aeneid*, Oxford & New York, Oxford University Press.
- (1990a), "Some views of the *Aeneid* in the twentieth century" in HARRISON (1990) (ed.), 1-20.
- HAWLEY, R. & LEVICK, B. (1995) (eds.), *Women in Antiquity: New Assessments*, London & New York, Routledge.
- HEKSTER, O. & RICH, J. (2006), "Octavian and the thunderbolt: the temple of Apollo Palatinus and Roman traditions of temple building", *Classical Quarterly* 56, 149-168.
- HERRERO INGELMO, M. C. (2002), "Sobre el nuevo significado de δίδυμοι en Herófilo y su fortuna posterior", *Emerita* 70.1, 121-137.
- HESKEL, J. (2001), "Cicero as evidence for attitudes to dress in the Late Republic" in SEBESTA & BONFANTE (2001) (eds.), 133-145.
- HEUZÉ, P. (1985), *L'Image du Corps dans l'Oeuvre de Virgile*, Paris, Diffusion de Boccard.
- HEXTER, R. J. & SELDEN, D. L. (1992) (eds.), *Innovations of Antiquity*, New York, Routledge.
- HIGHET, G. (1978), *The Speeches in Vergil's Aeneid*, Princeton-New Jersey, Princeton University Press.
- HILL, D. E. (2000), "Seneca's choruses", *Mnemosyne* 53.5, 561-587.
- HINARD, F. (1987) (ed.), *La Mort, les Morts et l'au-delà dans le Monde Romain: Actes Du Colloque De Caen, 20-22 Novembre 1985*, Caen, Centre de Publications de l'Université de Caen.
- (1995) (ed.), *La Mort au Quotidien dans Le Monde Romain*, Paris, De Boccard.
- (1995a), "La 'loi de Pouzzoles' et les pompes funèbres" in HINARD (1995) (ed.), 205-212.
- HINDS, S. (1987), *The Metamorphosis of Persephone: Ovid and the Self-Conscious Muse*, Cambridge University Press.
- (2002), "Landscape with figures: aesthetics of place in the *Metamorphoses* and its tradition", in HARDIE (2002) (ed.), 122-149.
- HIRT, M. (2004), "La législation romaine et les droits de l'enfant", in DASEN (2004) (ed.), 281-291.
- HOLST-WAHRAHFT, G. (1992), *Dangerous Voices: Women's Laments in Greek Literature*, London & New York, Routledge.
- HOPE, V. M. (2000), "Contempt and respect: the treatment of the corpse in ancient Rome" in HOPE & MARSHALL (2000) (eds.), 104-127.
- (2007), *Death in Ancient Rome: A Sourcebook*, London & New York, Routledge.

- HOPE, V. M. & MARSHALL, E. (2000) (eds.), *Death and Disease in the Ancient City*, London & New York, Routledge.
- HOPKINS, K. (1965), "The age of Roman girls at marriage", *Population Studies* 18, 309-327.
- (1965a), "Contraception in the Roman Empire", *Comparative Studies in Society and History* 8, 124-151.
- (1966), "On the probable age structure of the Roman population", *Population Studies* 20.2, 245-264.
- (1983), *Death and Renewal*, Cambridge & New York, Cambridge University Press.
- (1987), "Graveyards for historians", in HINARD (1987) (ed.), 113-126.
- HORSFALL, N. (1995), *A Companion to the Study of Vergil*, Leiden & New York, E. J. Brill.
- IRVING, P. M. C. F. (1998^r), *Metamorphosis in Greek Myths*, Oxford & New York, Clarendon Press.
- JACKSON, R. (1988), *Doctors and Diseases in the Roman Empire*, Norman, University of Oklahoma Press.
- JACKSON, R. P. J. (1993), "Roman medicine: the practitioners and their practices", *ANRW* II.37.1, 79-101.
- JACOBSEN, G. A. (1984), "Apollo and Tereus: parallel motifs in Ovid's *Metamorphoses*", *Classical Journal* 80.1, 45-52.
- JOHNSON, W. R. (1976), *Darkness Visible: A Study of Vergil's Aeneid*, Berkeley, University of California Press.
- JOHNSTON, D. (2006⁴), *Roman Law in Context*, Cambridge, Cambridge University Press.
- JOSHEL, S. R. (1986), "Nurturing the master's child: slavery and the Roman child-nurse", *Signs* 12.1, 3-22.
- KAMP, K. A. (2001), "Where have all the children gone?: the archaeology of childhood", *Journal of Archaeological Method and Theory* 8.1, 1-34.
- KAPPARIS, K. A. (2002), *Abortion in the Ancient World*, London, Duckworth Academic.
- KEITH, A. M. (2000), *Engendering Rome: Women in Latin Epic*, Cambridge University Press.
- (2002), "Sources and genres in Ovid's *Metamorphoses* 1-5" in BOYD (2002) (ed.), 235-69.
- KENNEDY, G. A. (1972), *The Art of Rhetoric in the Roman World, 300 B.C.-A.D. 300*, Princeton, Princeton University Press.
- (1994), *A New History of Classical Rhetoric*, Princeton, Princeton University Press.
- KERTZER, D. I. & SALLER, R. P. (1991), *The Family in Italy from Antiquity to the Present*, New Haven, Yale University Press.

- KING, H. (1993r), "Bound to bleed: Artemis and Greek women", in CAMERON & KUHRT (1993r) (eds.), 109-127.
- (1995), "Self-help, self-knowledge: in search of the patient in Hippocratic gynaecology" in HAWLEY & LEVICK (1995) (eds.), 135-148.
- (1998), *Hippocrates' Woman: Reading the Female Body in Ancient Greece*, London & New York, Routledge.
- (2005) (ed.), *Health in Antiquity*, London & New York, Routledge.
- KNOX, B. (1950), "The serpent and the flame: the imagery of the second book of the *Aeneid*", *American Journal of Philology* 71.4, 379-400.
- KNOX, P. E. (1988), "Phaeton in Ovid and Nonnus", *Classical Quarterly* 38.2, 536-551.
- KÖVES-ZULAUF, T. (1990), *Römische Geburtsriten*, Munich, Beck.
- KUNZL, E. (1996), "Forschungsbericht zu den antiken medizinischen Instrumente", *ANRW* II.37.3, 2433-2639.
- KURTZ, D. C. & BOARDMAN, J. (1971), *Greek Burial Customs*, Ithaca, N.Y., Cornell University Press.
- KYLE, D. G. (1998), *Spectacles of Death in Ancient Rome*, London & New York, Routledge.
- LA FOLLETTE, L. (2001), "The costume of the Roman bride" in SEBESTA & BONFANTE (2001) (eds.), 54-64.
- LACEY, W. (1980), "2 B. C. and Julia's adultery", *Antichthon* 14 (1980), 127-142.
- LAES, C. (2004), "Children and accidents in Roman Antiquity", *Ancient Society* 34, 153-170.
- LANCIANI, R. A. (1898¹²), *Ancient Rome in the light of recent discoveries* (em: <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Gazetteer/Places/Europe/Italy/Lazio/Roma/Rome/Texts/Lanciani/LANARD/home.html>; em 15 de Outubro de 2008).
- LASSERE, J.-M. (1987), "Difficultés de l'estimation de la longévité: questions de méthode" in HINARD (1987) (ed.), 91-97.
- LATEINER, D. (2006), "Procul este parentes: Mothers in Ovid's *Metamorphoses*", *Helios* 33.2: 189-201.
- LAUBENHEIMER, F. (2004), "La mort des tout petits dans l'Occident Romain" in DASEN (2004) (ed.), 293-315.
- LAURENCE, R. (2005), "Health and the life course at Herculaneum and Pompeii" in KING (2005) (ed.), 83-96.
- LAWALL, G. (1981), "Death and Perspective in Seneca's *Troades*", *Classical Journal* 77, 244-253.

- LEACH, E. W. (1997), "Venus, Thetis and the social construction of maternal behavior", *Classical Journal* 92, 347-371.
- LEE, M. O. (1979), *Fathers and Sons in Virgil's Aeneid: Tum Genitor Natum*, Albany, State University of New York Press.
- (1992), "Seven suffering heroines and seven surrogate sons" in WILHELM & JONES (1992) (eds.), 82-92.
- LEON, E. (1951), "Scribonia and her daughters", *Transactions of the American Philological Association*. 82, 168-175.
- LITTLE, D. (1982), "Politics in Augustan Poetry", *ANRW* II.30.1, 254-370.
- LITTLEWOOD, C. A. J. (2004), *Self-Representation and Illusion in Senecan Tragedy*, Oxford & New York, Oxford University Press.
- LITTMAN, R. J. (1996), "Medicine in Alexandria", *ANRW* II. 37.3, 2678-2708.
- LITTMAN, R. J. & LITTMAN, M. L. (1973), "Galen and the Antonine plague", *American Journal of Philology* 94, 243-255.
- LIZZI, R. (1995), "Il sesso e i morti" in HINARD (1995) (ed.), 49-68.
- LLOYD, G. E. R. (1983), *Science, Folklore, and Ideology: Studies in the Life Sciences in Ancient Greece*. Cambridge & New York, Cambridge University Press.
- LONG, A. A. & SEDLEY, D. N. (1987), *The Hellenistic Philosophers*, vol. 1, Cambridge & New York, Cambridge University Press.
- LONGFIELD-JONES, G. M. (1986), "A Graeco-Roman speculum in the Wellcome Museum", *Medical History* 30, 81-89.
- LOOPER-FRIEDMAN, S. (1987), "The decline of *manus*-marriage in Rome", *Tijdschrift voon Rechtsgeschiedenis* 55, 281-296.
- LORAUX, N. (1990), *Les Mères en Deuil*, Paris, Éditions du Seuil.
- LUGO, J. (2007), "Blood, barbarism, and belly laughs: Shakespeare's *Titus* and Ovid's *Philomela*", *English Studies* 88.4, 401-417.
- LYNE, R. O. A. M. (1983), "Lavinia's blush: Vergil, *Aeneid* 12.64-70", *Greece & Rome* 30.1, 55-64.
- (1987), *Further Voices in Vergil's Aeneid*, Oxford University Press.
- MARTIN, R. (1990) (ed.), *Énée et Didon: Naissance, Fonctionnement et Survie d'un Mythe*, Paris, Éditions du CNRS.
- MARTIN JR., H. & PHILLIPS, J. E. (1978), "Consolatio ad uxorem (*Moralia* 608A-612B)", in H. D. BETZ (1978) (ed.), *Plutarch's Ethical Writings and Early Christian Literature*, Leiden, Brill, 394-441.

- MARTIN-KILCHER, S. (2000), "*Mors immatura* in the Roman World - a mirror of society and tradition" in PEARCE *et al.* (2000) (eds.), 63-77.
- MASLAKOV, G. (1984), "Valerius Maximus and Roman Historiography: a study of the *exempla* tradition", *ANRW* II.32.1, 437-496.
- Maternal Mortality in 2005: Estimates developed by WHO, UNICEF, UNFPA & The World Bank*, (www.who.int/reproductive-health/publications/maternal_mortality_2005/mme_2005.pdf, em 20 Abril de 2009).
- MAYER, R. (1994), "*Personata Stoa*: Neostoicism and Senecan tragedy", *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 57, 151-174.
- MCCLURE, L. (2002) (ed.), *Sexuality and Gender in the Classical World: Readings and Sources*. Oxford, Blackwell Publishers.
- MCGINN, T. A. J. (1991), "Concubinage and the *Lex Iulia* on adultery", *Transactions of the American Philological Association* 121, 335-375.
- (1998), *Prostitution, Sexuality, and the Law in Ancient Rome*, New York, Oxford University Press.
- (2002), "The Augustan marriage legislation and social practice: elite endogamy versus male 'marrying down'", in AUBERT, J.-J. & SIRKS, B. (2002) (eds.), *Speculum Iuris: Roman Law as a Reflection of Social and Economic Life in Antiquity*, Ann Arbor, University of Michigan Press, 46-93.
- MEDEIROS, W. (1991), "A donzela no carro do Sol. Os caminhos do abismo e da redenção na *Medeia* senequiana" in AA. VV. *Medeia no Drama Antigo e Moderno: Actas do Colóquio de 11 e 12 de Abril de 1991*, Coimbra, INIC, 45-56
- MERIDOR, R. (1978), "Hecuba's revenge: some observations on Euripides' *Hecuba*", *American Journal of Philology* 99, 28-35.
- MERRIAM, C. U. (2002), "Storm warning: Ascanius' appearances in the *Aeneid*", *Latomus* 61.4, 852-860.
- MILNOR, K. (2005), *Gender, Domesticity, and the Age of Augustus: Inventing Private Life*, Oxford University Press.
- MONTSERRAT, D. (1998), *Changing Bodies, Changing Meanings: Studies on the Human Body in Antiquity*, London & New York, Routledge.
- MORLEY, N. (2005), "The salubriousness of the Roman city" in KING (2005) (ed.), 192-204.
- MORRIS, I. (1996^r), *Death-Ritual and Social Structure in Classical Antiquity*, Cambridge University Press.
- MOST, G. W. (1992), "*Disiecti membra poetae*: the rhetoric of dismemberment in Neronian poetry" in HEXTER & SELDEN (1992) (eds.), 391-419.

- MURNAGHAN, S. (1999), "The poetics of loss in Greek Epic" in BEISSINGER *et al.* (1999) (eds.), 204-221.
- MYERS, K. S. (1992), "The lizard and the owl: an etymological pair in Ovid: *Metamorphoses* Book 5", *American Journal of Philology*, 113.1, 63-68.
- NARDI, E. (1981), "La donna antica nel dramma del voluto aborto" in *Misoginia e Maschilismo in Grecia e in Roma*, Genova, Istituto di Filologia Classica e Medievale, 9-26.
- NELSON JR, L. (1961), "Baudelaire and Virgil: a reading of *Le Cygne*", *Comparative Literature* 13, 332-45.
- NÉRAUDAU, J.-P. (1987), "La loi, la coutume et le chagrin: réflexions sur la mort des enfants" in HINARD (1987) (ed.), 195-208.
- (1996), *Être Enfant à Rome*, Paris, Éditions Payot.
- NICHOLAS, B. (1996^r) (1962), *An Introduction to Roman Law*, Oxford, Clarendon Press.
- NIELSEN, H. S. (1999), "Interpreting epithets in Roman epitaphs" in RAWSON & WEAVER (1999) (eds.), 169-205.
- NORMAN, N. (2002), "Death and burial of Roman children: the case of the Yasmina Cemetery at Carthage - Part I, setting the stage", *Mortality* 7.3, 302-323.
- (2003), "Death and burial of Roman children: the case of the Yasmina Cemetery at Carthage - Part II, the archaeological evidence", *Mortality* 8.1, 36-47.
- NUGENT, S. G. (1999), "The women of the *Aeneid*: vanishing bodies, lingering voices" in PERKELL (1999) (ed.), 251-270.
- NUSSBAUM, M. C. (1997), "Serpents in the soul: a reading of Seneca's *Medea*" in CLAUSS & JOHNSTON (1997) (eds.), 219-249.
- NUTALL, A. D. (1998), "Inconstant Dido" in BURDEN (1998) (ed.), 89-104.
- NUTTON, V. (1993), "Roman medicine: tradition, confrontation, assimilation", *ANRW* II.37.1, 49-78.
- (2004), *Ancient Medicine*, London & New York, Routledge.
- OLIVEIRA, E. M. R. (2006), *As Epistulae De Cícero: Um Olhar Sobre a Família* (tese de doutoramento), Universidade de Aveiro.
- OTIS, B. (1963), *Virgil: A Study in Civilized Poetry*, Oxford.
- PARKIN, T. G. (1992), *Demography and Roman Society*, Baltimore, Md., Johns Hopkins University Press.
- (1999), "Out of sight, out of mind: elderly members of the Roman family" in RAWSON & WEAVER (1999) (eds.), 123-148.

- PARRY, A. (1963), "The two voices of Vergil's *Aeneid*", *Arion* 2, 66-80.
- PATTERSON, C. (1985), "'Not worth the rearing': the causes of infant exposure in Ancient Greece", *Transactions of the American Philological Association*, 115, 103-123.
- PATTERSON, J. R. (2000), "On the margins of the city of Rome" in HOPE & MARSHALL (2000) (eds.), 85-103.
- PAVLOCK, B. (1985), "Epic and tragedy in Vergil's Nisus and Euryalus episode", *Transactions of the American Philological Association*, 115, 207-224.
- PEARCE, J., MILLETT, M. & STRUCK, M. (2000) (eds.), *Burial, Society and Context in the Roman World*, Oxford, Oxbow Books.
- PEÑA, J. Th. (2007), *Roman Pottery in the Archaeological Record*, Cambridge & New York, Cambridge University Press.
- PERADOTTO, J. & SULLIVAN, J. P. (1984) (eds.), *Women in the Ancient World: the Arethusa Papers*, Albany, State University of New York Press.
- PERKELL, C. G. (1992^a), "On Creusa, Dido, and the quality of victory in Virgil's *Aeneid*" in FOLEY (1992^a) (ed.), 355-377.
- (1997), "The Lament of Juturna: *pathos* and interpretation in the *Aeneid*", *Transactions of the American Philological Association*, 127, 257-286.
- (1999) (ed.), *Reading Vergil's Aeneid: An Interpretive Guide*, Norman, University of Oklahoma Press.
- (1999a), "Editor's introduction" in PERKELL (1999) (ed.), 3-28.
- (1999b), "*Aeneid* 1: an epic programme." in PERKELL (1999) (ed.), 29-49.
- PHILIPPIDES, K. (1996), "Canace misunderstood: Ovid's *Heroides* XI", *Mnemosyne* 49.4, 426-439.
- PIMENTEL, M. C. (1993), *Quo verget furor?: Aspectos Estóicos na Phaedra de Séneca*, Lisboa, Edições Colibri.
- (1997), "A vida quotidiana" in CENTENO, R. M. S. (coord.) (1997), *Civilizações Clássicas II: Roma*, Lisboa, Universidade Aberta, 143-207.
- (2004), "Estoicismo e figuras femininas em Séneca", *Brotéria* 158, 251-268.
- PINAULT, J. R. (1992), "The medical case for virginity in the early second century C. E.: Soranus of Ephesus, *Gynecology* 1.32", *Helios* 19.1-2, 123-139.
- PINHEIRO, C. S. (2002), "Medeia e a elegia: uma leitura da *Heroidum Epistula* XII de Ovídio" in A. NASCIMENTO (coord.) (2002), *De Augusto a Adriano: Actas do Colóquio de Literatura Latina (Lisboa, 2000, Novembro, 29-30)*, Lisboa, Euphrosyne, 131-141.

- (2007), "O paradigma da *mater orba* nas *Metamorfoses* de Ovídio" in NASCIMENTO, A. A. & PIMENTEL, M. C. C.-M. S. (2007) (coord.), *Ovídio: exílio e poesia. Leituras ovidianas no bimilenário da relegatio*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 159-170.
- PLANT, I. M. (2004), *Women Writers of Ancient Greece and Rome: An Anthology*, Norman, University of Oklahoma Press.
- PLEKET, H. W. (1992), "The social status of physicians in the Graeco-Roman world" in EIJK *et al.* (eds.) (1992), 27-34.
- POCIÑA PÉREZ, A. (2003), "La literatura de la muerte en Roma" in GARCÍA GONZALEZ & POCIÑA PÉREZ (2003) (eds.), 279-295.
- POMEROY, S. B. (1983), "Infanticide in Hellenistic Greece" in CAMERON & KUERT (1983) (eds.), 207-222.
- (1991) (ed.), *Women's History and Ancient History*, Chapel Hill, University of North Carolina Press.
- PRESCENDI, F. (1995), "Il lutto dei patri nella cultura romana" in HINARD (1995) (ed.), 147-154.
- PUTNAM, M. C. J. (1965), *The Poetry of the Aeneid; Four Studies in Imaginative Unity and Design*, Cambridge, Mass., Harvard University Press.
- (1980) "The third book of the *Aeneid*: from Homer to Rome" *Ramus* 9.1, 1-21 = PUTNAM (1995), 50-72.
- (1995), *Virgil's Aeneid: Interpretation and Influence*, Chapel Hill, University of North Carolina Press.
- QUINT, D. (1982), "Painful memories: *Aeneid* 3 and the problem of the past", *Classical Journal* 78.1, 30-38.
- RAAFLAUB, K. A. & TOHER, M. (1990) (eds.), *Between Republic and Empire: Interpretations of Augustus and his Principate*, University of North Carolina Press.
- RABINOWITZ, N. S. (1993), *Anxiety Veiled: Euripides and the Traffic in Women*, Ithaca & London, Cornell University Press.
- RADITSA, L. F. (1980), "Augustus legislaton concerning marriage, procreation, love affairs and adultery", *ANRW* II. 13, 278-339.
- RAWSON, B. (1966), "Family life among the lower classes at Rome in the first two centuries of the Empire", *Classical Philology* 61, 71-83.
- (1974), "Roman concubinage and other de facto marriages", *Transactions of the American Philological Association*, 104, 279-305.

- (1986) (ed.), *The Family in Ancient Rome: new perspectives*, Ithaca & New York, Cornell University Press.
- (1986a), "The Roman family" in RAWSON (1986) (ed.), 1-57.
- (1986b), "Children in the Roman *Familia*" in RAWSON (1986) (ed.), 170-200.
- (1996) (ed.), *Marriage, Divorce, and Children in Ancient Rome*, Canberra, Oxford & New York, Oxford University Press.
- (1996a), "Introduction" in RAWSON (1996) (ed.), 1-5.
- (1999), "The iconography of the Roman childhood" in RAWSON & WEAVER (1999) (eds.), 205-238.
- (2001), "Children as cultural symbols: imperial ideology in the second century" in DIXON (2001) (ed.), 21-42.
- (2003), *Children and Childhood in Roman Italy*, Oxford, Oxford University Press.
- RAWSON, B. & WEAVER, P. R. C. (1999) (eds.), *The Roman Family in Italy: Status, Sentiment, Space*, Canberra, Oxford & New York, Oxford University Press.
- REED, J. D. (2007), *Virgil's Gaze: Nation and Poetry in the Aeneid*, Princeton, Princeton University Press.
- RICHLIN, A. (1992) (ed.), *Pornography and Representation in Greece and Rome*, New York & Oxford, Oxford University Press.
- (1992a), "Reading Ovid's rapes" in RICHLIN (1992) (ed.), 158-179.
- (1992^b), "Approaches to the sources on adultery at Rome" in FOLEY (1992^a) (ed.), 379-404.
- (1992c), "Julia's jokes, Galla Placidia and the Roman use of women as political icons" in GARLICK, B., DIXON, S. & ALLEN, P. (1992) (eds.), *Stereotypes of Women in Power: Historical Perspectives and Revisionist Views*, New York, Greenwood Press, 63-91.
- (1997), "Pliny's brassière" in HALLETT & SKINNER (1997) (eds.), 197-220.
- RIDDLE, J. M. (1991), "Oral contraceptives and early-term abortifacients during Classical Antiquity and the Middle Ages", *Past & Present*, 132, 3-32.
- (1992), *Contraception and Abortion from the Ancient World to the Renaissance*, Cambridge, Mass., Harvard University Press.
- (1993), "High medicine and low medicine in the Roman Empire", *ANRW* II.37.1, 102-120.

- (1997), *Eve's Herbs: A History of Contraception and Abortion in the West*, Cambridge, Mass., Harvard University Press.
- RIZZELLI, G. (1987), "'Stuprum' e 'adulterium' nella cultura augustea e la *lex Iulia de adulteriis* (Pap. 1 *adult.* D. 48.5.6.1 e Mod. 9 *diff.* D. 50.16.101 pr.)", *BIDR3* 29, 355-388.
- ROSATI, G. (2002), "Narrative techniques and narrative structures in the *Metamorphoses*" in BOYD (2000) (ed.), 271-304.
- ROUSSELLE, A. (1980), "Observation féminine et idéologie masculine: le corps de la femme d'après les médecins grecs", *Annales (Économies, Sociétés, Civilisations)* 35.5, 1089-1115.
- (1993), *Porneia: On Desire and the Body in Antiquity*, Cambridge, Blackwell. (trad. ingl. de ROUSSELLE, A. (1983), *Porneia: de la Maîtrise du Corps à la Privation Sensorielle, Ile-IVe siècles de l'ère chrétienne*, Paris, Presses Universitaires de France.)
- SABBAH, G. (1991) (ed.), *Le Latin Médical: La Constitution d'un Langage Scientifique: Réalités et Langage de la Médecine dans le Monde Romain*, Saint-Étienne, Université de Saint-Étienne.
- SALLARES, R. (2002), *Malaria and Rome: A History of Malaria in Ancient Italy*, Oxford, Oxford University Press.
- (2004), "The spread of malaria to Southern Europe in Antiquity: new approaches to old problems", *Medical History* 48, 311-328.
- SALLER, R. P. (1984), "*Familia, domus*, and the Roman conception of the family", *Phoenix* 38.4, 336-355.
- (1984a), "Roman dowry and the devolution of property in the Principate", *Classical Quarterly* 34.1, 195-205.
- (1991), "Roman heirship strategies in principle and in practice" in KERTZER & SALLER (1991) (eds.), 26-47.
- (1994), *Patriarchy, Property and Death in the Roman Family*, Cambridge, Cambridge University Press.
- (1999), "*Paterfamilias, materfamilias*, and the gendered semantics of the Roman household", *Classical Philology* 94. 2, 182-197.
- (1999a), "Roman kinship: structure and sentiment" in RAWSON & WEAVER (1999) (eds.), 7-34.
- SALLER, R. P. & SHAW, B. D. (1984), "Tombstones and Roman family relations in the Principate: civilians, soldiers and slaves", *Journal of Roman Studies* 74, 124-156.
- SALMON, P. (1999), *La Limitation des Naissances dans la Société Romaine*, Bruxelles, Latomus.

- SALZMAN-MITCHELL, P. B. (2005), *A Web of Fantasies: Gaze, Image, and Gender in Ovid's Metamorphoses*, Columbus, The Ohio State University Press.
- SCARBOROUGH, J. (1993), "Roman medicine to Galen", *ANRW* II.37.1, 3-78.
- SCHEIDEL, W. (2001) (ed.), *Debating Roman Demography*, Leiden, Brill.
- SCHIESARO, A. (1997), "Passion, reason and knowledge in Seneca's tragedies" in BRAUND & GILL (1997) (eds.), 89-111.
- (2003), *The Passions in Play: Thyestes and the Dynamics of Senecan Drama*, Cambridge & New York, Cambridge University Press.
- SCHMIDT, E. A. (2001), "The meaning of Vergil's 'Aeneid': American and German approaches", *Classical World* 94.2, 145-171.
- SCOBIE, A. (1986) "Slums, sanitation and mortality in the Roman World", *Klio* 68, 399-433.
- SCOTT, E. (1999), *The Archaeology of Infancy and Infant Death*, Oxford, Archaeopress.
- SEBESTA, J. L. (2001), "Symbolism in the costume of the Roman woman" in SEBESTA & BONFANTE (2001) (eds.), 46-53.
- SEBESTA, J. L. & BONFANTE, L. (2001) (eds.), *The World of Roman Costume*, Madison, University of Wisconsin Press.
- SEGAL, C. (1983), "Boundary violation and the landscape of the self in Senecan Tragedy", *Antike und Abendland* 29.2, 172-187.
- (1986), *Interpreting Greek Tragedy: Myth, Poetry, Text*, Ithaca, Cornell University Press.
- (1990), "Violence and the other: Greek, female, and barbarian in Euripides' *Hecuba*", *Transactions of the American Philological Association* 120, 109-131.
- (1999), "Ovid's Meleager and the Greeks: trials of gender and genre", *Harvard Studies in Classical Philology* 99, 301-340.
- SEQUEIRA, J. (2000), "Glossário" in ALARCÃO, 337-357.
- SEVERY, B. (2003), *Augustus and the Family at the Birth of the Roman Empire*, London & New York, Routledge.
- SHAW, B. D. (1987), "The age of Roman girls at marriage: some reconsiderations", *Journal of Roman Studies* 77, 30-46.
- (1991), "The cultural meaning of death: age and gender in the Roman family" in KERTZER & SALLER (1991) (eds.), 66-90.
- (1996), "Seasons of death: aspects of mortality in Imperial Rome", *Journal of Roman Studies* 86, 100-138.
- (2001), "Raising and killing children: two Roman myths", *Mnemosyne* 54.1, 31-77.

- SKINNER, M. (1985) (ed.), *Rescuing Creusa: New Methodological Approaches to Women in Antiquity*, Lubbock - Texas, Texas University Press.
- SNODGRASS, J. J. & GALLOWAY, A. (2003), "Utility of dorsal pits and pubic tubercle height in parity assessment", *Journal of Forensic Science* 48.6, 1-5.
- SOMMERSTEIN, A. H. (1993), *Tragedy, Comedy and the Polis: papers from the Greek drama conference, Nottingham, 18-20 July 1990*, Bari, Levante Editori.
- SOREN, D. (2003), "Can archaeologists excavate evidence of malaria?" *World Archaeology* 35.2, 193-209.
- SOREN D. & SOREN N. (1999), *A Roman Villa and a Late Roman Infant Cemetery. Excavation at Poggio Gramignano, Lugnano in Treverina*, Roma, L'Erma di Bretschneider.
- STAHL, H.-P. (1981), "Aeneas - an 'unheroic' hero?" *Arethusa* 14, 157-177.
- (1998) (ed.), *Vergil's Aeneid: Augustan epic and political context*, London, Duckworth.
- STEARS, K. (1998), "Death becomes her: gender and Athenian death ritual" in BLUNDELL & WILLIAMSON (1998) (eds.), 113-127.
- STONE, S. (2001), "The toga: from national to ceremonial costume" in SEBESTA & BONFANTE (2001) (eds.), 13-45.
- STRAUS, J. A. (1988), "L'esclavage dans l'Égypte romaine", *ANRW* II.10.1, 841-911.
- STRUCK, M. (1993) (ed.), *Römerzeitliche Gräber als Quellen zu Religion, Bevölkerungsstruktur und Sozialgeschichte*, Mainz, Institut für Vor- und Frühgeschichte der Johannes Gutenberg-Universität Mainz.
- (1993b), "Kinderbestattungen in Romano-Britischen Siedlungen - Der Archäologische Befund" in STRUCK (1993) (ed.), 81-94.
- SUDER, W. (1991), "Allaitement et contraception dans les textes médicaux latins et grecs antiques" in SABBAAH (1991) (ed.), 135-141.
- SUTER, A. (2003), "Lament in Euripides' *Trojan Women*", *Mnemosyne* 56.1, 1-27.
- (2008) (ed.), *Lament: Studies in the Ancient Mediterranean and Beyond*, New York, Oxford University Press.
- (2008a), "Introduction" in SUTER (2008) (ed.), 3-17.
- (2008b), "Male lament in Greek tragedy" in SUTER (2008) (ed.), 156-181.
- SUTTON, D. F. (1986), *Seneca on the Stage*, Leiden, E.J. Brill.
- SUZUKI, M. (1989), *Metamorphoses of Helen: Authority, Difference, and the Epic*, Ithaca, Cornell University Press.
- SYME, R. (1984), "The Crisis of 2 BC." in *Roman Papers* III, Oxford, 1984, 912-936.

- TARRANT, R. (2002), "Ovid and Ancient Literary History", in HARDIE (2002) (ed.), 13-33.
- TEIXEIRA, C. (2007), *Estrutura da Viagem na Épica de Virgílio e no Romance Latino*, Fundação Calouste Gulbenkian & FCT.
- The Fact Book*; em 3 de Abril de 2008; <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2091rank.html>
- THOMAS, R. F. (1998), "The isolation of Turnus: *Aeneid* Book 12" in STAHL (1998) (ed.), 271-302.
- TOYNBEE, J. M. C. (1996), *Death and Burial in the Roman World*, London, Thames & Hudson.
- TREGGIARI, S. (1991), *Roman Marriage. 'Iusti Coniuges' from the Time of Cicero to the Time of Ulpian*, Oxford, Clarendon Press.
- (2005), "Women in the time of Augustus" in GALINSKY (2005) (ed.), 130-147.
- UGLIONE, R. (1997) (ed.), *Atti delle Giornate di studio su Medea, Torino, 23-24 ottobre 1995*, Torino, CELID.
- VALLANCE, J. (2004), "Doctors in the library: the strange tale of Apollonius the bookworm and other stories" in MACLEOD, R. M. (2004) (ed.), *The Library of Alexandria: Centre of Learning in the Ancient World*, London & New York, I.B. Tauris, 95-113.
- VOLK, K. (2000), "Putting Andromacha on stage" in HARRISON (2000) (ed.), 197-208.
- VON STADEN, H. (1991), "*Apud nos foediora uerba*: Celsus' reluctant construction of the female body" in SABBAAH (1991) (ed.), 271-296.
- (1992), "Women and dirt", *Helios* 19.1-2, 7-30.
- WALLACE-HADRILL A. (1985), "Propaganda and dissent? Augustan moral legislation and the Love-Poets", *Klio* 67.1, 180-184.
- (1981), "Family and inheritance in the Augustan marriage laws", *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 27, 58-80.
- WEAVER, P. R. C. (1986), "The status of children in mixed marriages" in RAWSON (1986) (ed.), 145-169.
- (1999), "Children of Junian Latins" in RAWSON & WEAVER (1999) (eds.), 55-72.
- WEBB, R. (1997), "Imagination and the arousal of emotions in Greco-Roman rhetoric" in BRAUND & GILL (1997) (eds.), 112-127.
- WEST, D. (1998), "The end and the meaning: *Aeneid* 12.791-842" in STAHL (1998) (ed.), 303-318.
- WHEELER, S. M. (1999), *A Discourse of Wonders. Audience and Performance in Ovid's Metamorphoses*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- WHITBREAD, L. G. (1971), *Fulgentius the Mythographer*, Columbus, Ohio State University Press.

- WILCOX, A. (2006), "Exemplary grief: gender and virtue in Seneca's Consolations to Women", *Helios* 34.1, 73-100.
- WILHELM, R. M. & JONES, H. (1992) (eds.), *The Two Worlds of the Poet: New Perspectives on Vergil*, Detroit, Wayne State University Press.
- WILLIAMS, G. (1962), "Poetry in the moral climate of Augustan Rome", *Journal of Roman Studies* 52.1-2, 28-46.
- (1990), "Did Maecenas fall from favour? Augustan literary patronage" in RAAFLAUB & TOHER (1990) (eds.), 258-275.
- (1992), "Ovid's Canace: dramatic irony in *Heroides* 11", *Classical Quarterly* 42.1, 201-209.
- WILLIAMS, R. D. (1982), "The *Aeneid*" in KENNEY & CLAUSEN (1982) (eds.), 37-73.
- (1990), "The sixth book of the *Aeneid*" in HARRISON (1990) (ed.), 191-207.
- WILTSHIRE, S. F. (1989), *Public and Private in Vergil's Aeneid*, Amherst, University of Massachusetts Press.
- WITTON, W. F. (1960), "Two passages in the third book of the *Aeneid*", *Greece & Rome* 7.2, 171-172.
- YAVETZ, Z. (1990), "The personality of Augustus" in RAAFLAUB & TOHER (1990) (eds.), 21-41.
- ZANKER, P. (1990), *The Power of Images in the Age of Augustus*, Ann Arbor, The University of Michigan Press.
- ZARKER, J. W. (1961), "A Vergilian Verse in the "*Carmina Latina Epigraphica*", *Classical Journal* 57.3, 112-116.
- ZEITLIN, F. I. (1996), *Playing the Other: Gender and Society in Classical Greek Literature*, Chicago & London, University of Chicago Press.
- (1996a), "Signifying difference: the case of Hesiod's Pandora" in ZEITLIN (1996), 53-86.
- ZISSOS, A. (1999), "The rape of Proserpina in Ovid *Met.* 5.341-661: internal audience and narrative distortion", *Phoenix* 53.1, 97-113.
- ZISSOS, A. & GILDENHARD, I. (1999), "Problems of time in *Metamorphoses* 2" in HARDIE *et al.* (1999) (eds.), 31-47.

Index Locorum

Apolod. 1.30.....	375
Aret. SA. 2.11	38
Aret. SA. 2.11.2	38
Arist. GA 716b32-33	44
Arist. GA 719a21.....	44
Arist. GA 720a11ss.	44
Arist. GA 727b18.....	63
Arist. GA 727b33-35	62
Arist. GA 728a.....	63
Arist. GA 729a.20-33.....	63
Arist. GA 729a20.....	62
Arist. GA 729a30.....	63
Arist. GA 737a25.....	63
Arist. GA 737a28.....	43
Arist. GA 747a.....	71
Arist. GA 758b6.....	77
Arist. GA 767a36-368b5	64
Arist. GA 767b7.....	43
Arist. GA 774a28.....	65
Arist. HA 581b26-582a5	44
Arist. HA 582b	65
Arist. HA 582b5-9	44
Arist. HA 583a	85
Arist. HA 583a25.....	76
Arist. HA 583b	90
Arist. HA 583b11	76
Arist. HA 583b3-7	72
Arist. HA 584a12-14	72
Arist. HA 584b15-18.....	75
Arist. HA 586a2-5	65
Arist. HA 586b32-35	72
Arist. HA 608a33-609b15	44
Arist. HA 637b30	62
Arist. Pol. 1259b1.....	45
Arist. Pol. 1260a10	45
Arist. Pol. 1335b19-26.....	90
Aug. <i>Anc.</i> 2.12.....	144
Aug. <i>Anc.</i> 2.43-44.....	325
Aug. <i>Anc.</i> 2.44.....	152
Aur. <i>Med.</i> 6.12.....	139
Cat. 61.214-218.....	67
Cat. 64.362-375.....	419
Cato, <i>ap.</i> Plin. <i>Nat.</i> 29.14ss.....	21
Cels. 1.1.1.....	45
Cels. 1.3.1.....	46
Cels. 2.1.13.....	46
Cels. 2.1.14.....	74
Cels. 2.6.8.....	75
Cels. 2.7.7.....	46
Cels. 2.7.8.....	82
Cels. 2.7.16.....	74
Cels. 2.7.17.....	76
Cels. 2.8.13.....	74
Cels. 2.8.7.....	46
Cels. 2.8.25.....	46
Cels. 2.8.30.....	45
Cels. 2.8.35.....	82
Cels. 2.10.1.....	75
Cels. 2.10.1-5	47
Cels. 2.10.2-5	75

Cels. 2.14.9.....	45
Cels. 3.6.4.....	82
Cels. 3.6.5.....	46
Cels. 4.11.2.....	46
Cels. 4.11.5.....	46, 47
Cels. 4.27.1d (fr1).....	46
Cels. 4.31.1.....	45, 46
Cels. 5.25.13.....	80
Cels. 5.25.14.....	80
Cels. 6.6.38.....	46
Cels. 6.18.1.....	49
Cels. 6.18.2-6.....	49
Cels. 6.18.7-9.....	49
Cels. 6.18.11.....	49
Cels. 7.26.4.....	46
Cels. 7.29.....	83
Cels. 7.29.1.....	49
Cels. 7.29.9.....	80
Cens. Nat. 5.....	61
Cic. <i>ad Brut.</i> 1.9.....	263
Cic. Att. 12.10.....	263
Cic. Att. 12.20.....	263
Cic. Att. 12.24.....	263
Cic. Diu. 1.41-42.....	455
Cic. Diu. 1.53.....	108
Cic. Fam. 4.5.....	263
Cic. Fam. 4.6.....	263
Cic. Fam. 5.16.....	263
Cic. Inu. 1.106.....	253, 295
Cic. Inu. 1.107.....	254, 427, 428, 485
Cic. Inu. 1.108.....	254, 255
Cic. Inu. 1.109.....	255, 256, 297
Cic. Leg. 3.8.19.....	108
Cic. Luc. 135.15.....	263
Cic. Marc. 23.....	144
Cic. Part. 57.....	256
Cic. Q. fr. 3.5.7.....	450
Cic. Top. 14.....	131
Cic. Top. 20.....	133
Cic. Top. 23.....	125
Cic. Tusc. 3.27.....	263
Cic. Tusc. 3.61.....	438
Cic. Tusc. 3.63.....	394
Cic. Tusc. 3.75-76.....	263
Cic. Tusc. 4.16.....	449
Cic. Tusc. 4.18.....	449
Cic. Verr. 2.4.106ss.....	357
CIL 6.7467.....	168
CIL 6.10123.....	139
CIL 6.11924.....	134
CIL 6.26032.....	168
CIL 6.26033.....	168
CIL 6.31610.....	68
CIL 6.32323.....	156, 158
CLE 397.....	422
DC 48.34.3.....	168
DC 53.3.3.....	154
DC 53.13.2.....	159
DC 54.6.....	171
DC 54.16.7.....	156
DC 54.30.5.....	158
DC 55.9.....	168
DC 56.1.2.....	153
DC 56.1-5.....	153

DC 56.2.1	153
DC 56.2.2	154
DC 56.2.3	154
DC 56.3.3-4	154
DC 56.4.1	154
DC 56.4.4	155
DC 56.5.1-3	155
DC 56.5.6	155
DC 56.6.6	155
DC 56.8.2	155
DC 56.9.1	155
DC 58.3	172
DC 61.16.2	103
DH <i>Ant. Rom.</i> 2.15	107
DH <i>Ant. Rom.</i> 2.35	95
<i>Dig.</i> 1.5.14	108
<i>Dig.</i> 1.5.7	97
<i>Dig.</i> 2.4.5	142
<i>Dig.</i> 4.4.2	159
<i>Dig.</i> 4. 5.15pr	162
<i>Dig.</i> 5.3.58.1 pr	130
<i>Dig.</i> 10.16.46.1	131
<i>Dig.</i> 11.8.2	97
<i>Dig.</i> 23.1.12.1	122
<i>Dig.</i> 23.1.12pr	122
<i>Dig.</i> 23.1.14	121
<i>Dig.</i> 23.3.39pr	123
<i>Dig.</i> 25.3.1.3	137
<i>Dig.</i> 25.3.1pr	137
<i>Dig.</i> 25.3.4	106
<i>Dig.</i> 25.4.1	96
<i>Dig.</i> 25.4.1.10	137, 138
<i>Dig.</i> 28. 2.4	97
<i>Dig.</i> 28.2.12pr	97
<i>Dig.</i> 36.2.30	122
<i>Dig.</i> 38.16.3.9	138
<i>Dig.</i> 38.16.3.11	138
<i>Dig.</i> 47.11.4	97
<i>Dig.</i> 48.19.39	97
<i>Dig.</i> 48.5.12.13	163
<i>Dig.</i> 48.5.13	162
<i>Dig.</i> 48.5.14.8	123
<i>Dig.</i> 48.5.15.pr	162
<i>Dig.</i> 48.5.2.2	162
<i>Dig.</i> 48.5.25pr	161
<i>Dig.</i> 48.5.35.1	160
<i>Dig.</i> 48.5.6.1	160
<i>Dig.</i> 48.5.9.pr	162
<i>Dig.</i> 48.5.9pr	162
<i>Dig.</i> 48.8.8	97
<i>Dig.</i> 50.16.135	110
<i>Dig.</i> 50.16.195.2)	119
<i>Dig.</i> 50.16.196.1	136
<i>E. Hec.</i> 116-140	436
<i>E. Hec.</i> 884	434
<i>E. Hec.</i> 895-897	435
<i>E. Tro.</i> 1133ss	494
<i>Enn.</i> 106-107J	494
<i>Flav. Jos.</i> 18.180	171
<i>Fro. Aur.</i> 4.12.7	169
<i>Gaius Inst.</i> 1.56	132
<i>Gaius Inst.</i> 1.76ss	132
<i>Gaius Inst.</i> 1.109-110	123
<i>Gaius Inst.</i> 1.111	125

Gaius <i>Inst.</i> 1.112.....	124
Gaius <i>Inst.</i> 1.115b	125
Gaius <i>Inst.</i> 1.118.....	127
Gaius <i>Inst.</i> 1.144.....	128
Gaius <i>Inst.</i> 1.145.....	128
Gaius <i>Inst.</i> 1.148.....	127
Gaius <i>Inst.</i> 1.156.....	120
Gaius <i>Inst.</i> 1.162.....	125
Gaius <i>Inst.</i> 2.111.....	158
Gaius <i>Inst.</i> 2.133.....	97
Gaius <i>Inst.</i> 2.144.....	158
Gaius <i>Inst.</i> 2.286.....	158
Gal. 11.200K.....	28
Gal. 14.641K.....	28
Gal. <i>UP.</i> 4.160.....	41
Gel. 1.6.2.....	145
Gel. 2.15.3.....	163
Gel. 2.15.4ss.....	159
Gel. 3.15.4.....	261
Gel. 4.3.2.....	121
Gel. 10.2.2.....	68
Gel. 10.23.....	123
Gel. 10.23.4-5.....	161
Gel. 12.1.8.....	95
Gel. 17.21.44.....	121
Gel. 17.6.....	123
Gel. 18.6.4.....	131
<i>h. Cer.</i> 40-41.....	364
<i>h. Cer.</i> 256-274.....	377
Hes. <i>Op.</i> 60-105.....	33
Hes. <i>Th.</i> 571-612.....	33
Hor. <i>Ars</i> 185.....	523
Hor. <i>Carm.</i> 1.2.23-24.....	146
Hor. <i>Carm.</i> 1.35.33-40.....	147
Hor. <i>Carm.</i> 3.6.17.....	146
Hor. <i>Carm.</i> 3.6.17-20.....	146, 147
Hor. <i>Carm.</i> 3.6.21-32.....	147
Hor. <i>Carm.</i> 3.6.25ss.....	146
Hor. <i>Carm.</i> 3.6.37-41.....	148
Hor. <i>Carm.</i> 3.6.46-48.....	146
Hor. <i>Carm.</i> 3.24.25-29.....	146
Hor. <i>Carm.</i> 4.5.21-24.....	153
Hor. <i>Carm.</i> 4.5.23.....	67
Hor. <i>Carm.</i> 4.12.5-6.....	405
Hor. <i>Carm.</i> 4.15.9-11.....	153
Hor. <i>Epod.</i> 2.39-48.....	147
Hor. <i>Epod.</i> 16.9.....	146
Hor. <i>S.</i> 2.28ss.....	161
Hor. <i>Saec.</i> 17-20.....	147
Hp. <i>Aer.</i> 10.30.....	35
Hp. <i>Aff.</i> 1.62.....	33
Hp. <i>Aph.</i> 5.35.....	75
Hp. <i>Aph.</i> 5.37.....	76
Hp. <i>Aph.</i> 5.40.....	39
Hp. <i>Aph.</i> 5.42.....	73
Hp. <i>Carn.</i> 19.1ss.....	26
Hp. <i>Epid.</i> 2.6.19.....	39
Hp. <i>Epid.</i> 2.6.32.....	39
Hp. <i>Genit.</i> 3.1.....	62
Hp. <i>Genit.</i> 4.1.....	62
Hp. <i>Genit.</i> 4.20-25.....	38
Hp. <i>Genit.</i> 5.1.....	62
Hp. <i>Genit.</i> 5.5.....	62
Hp. <i>Gland.</i> 16.....	35

Hp. <i>Mul.</i> 1.1.40.....	42
Hp. <i>Mul.</i> 1.6	36
Hp. <i>Mul.</i> 1.7	37, 38
Hp. <i>Mul.</i> 1.9	38
Hp. <i>Mul.</i> 1.25	35, 74
Hp. <i>Mul.</i> 1.60	38
Hp. <i>Mul.</i> 1.62	27
Hp. <i>Mul.</i> 1.65	38
Hp. <i>Mul.</i> 1.68	26
Hp. <i>Mul.</i> 1.68-70	83
Hp. <i>Mul.</i> 1.78	88
Hp. <i>Mul.</i> 2.111	35
Hp. <i>Mul.</i> 2.120	26
Hp. <i>Mul.</i> 2.123	38
Hp. <i>Mul.</i> 2.124	38
Hp. <i>Mul.</i> 2.125	38
Hp. <i>Mul.</i> 2.127	38
Hp. <i>Mul.</i> 2.129	38
Hp. <i>Mul.</i> 2.133	38
Hp. <i>Mul.</i> 2.163	26
Hp. <i>Mul.</i> 2.170	38
Hp. <i>Mul.</i> 2.201	38
Hp. <i>Nat. Mul.</i> 3	38
Hp. <i>Nat. Mul.</i> 8	26, 38
Hp. <i>Nat. Mul.</i> 30	38
Hp. <i>Nat. Mul.</i> 32	88
Hp. <i>Nat. Mul.</i> 37	26
Hp. <i>Nat. Mul.</i> 41	74
Hp. <i>Nat. Mul.</i> 42	26
Hp. <i>Nat. Mul.</i> 48	38
Hp. <i>Nat. Mul.</i> 49	38
Hp. <i>Nat. Mul.</i> 98	85
Hp. <i>Nat. Puer.</i> 12.1.....	62
Hp. <i>Nat. Puer.</i> 13.....	26, 85
Hp. <i>Nat. Puer.</i> 14.1.....	63
Hp. <i>Nat. Puer.</i> 15.....	35
Hp. <i>Nat. Puer.</i> 15.1ss.	63
Hp. <i>Nat. Puer.</i> 31.....	44
Hp. <i>Oct.</i> 13	33
Hp. <i>Prorrh.</i> 2.26.....	74
Hp. <i>Sept.</i> 4	26
Hp. <i>Ster.</i> 213.....	26
Hp. <i>Ster.</i> 216.....	42, 73
Hp. <i>Superf.</i> 1.....	83
Hp. <i>Superf.</i> 31.....	73
Hp. <i>Vict.</i> 1.34.....	42
Hp. <i>Virg.</i> 1.10ss.....	36
Hp. <i>Virg.</i> 1.41-44	37
Hyg. <i>Fab.</i> 9.3.....	386
Hyg. <i>Fab.</i> 9.4.1.....	387
Hyg. <i>Fab.</i> 11.....	391
Hyg. <i>Fab.</i> 274.10-13.....	27
Il. 2.489ss	412
Il. 6.390ss	268
Il. 6.474.....	268
Il. 21.84-91	421
Il. 24.602-617	382
Il. 24.603.....	386
Il. 24.604.....	383
Il. 24.720-723	250
Justin. <i>Inst.</i> 3.3.pr.....	126
Juv. 2.137-142.....	28
Juv. 6.366-368.....	94
Juv. 6.592ss.....	95

Juv. 6.602-605.....	106
Juv. 6.627-628.....	139
Liv. <i>praef.</i> 5.....	150
Liv. <i>praef.</i> 9.....	150
Liv. <i>praef.</i> 11.....	150
Liv. <i>praef.</i> 12.....	150
Liv. 22.55.3-8.....	262
Liv. 22.55.7-8.....	262
Liv. 22.7.13.....	261
Liv. <i>Per.</i> 59.....	145
Luc. BC. 2.326ss.....	69
Lucr. 1.84-100.....	419
Lucr. 2.352ss.....	324, 372
Lucr. 4.1209-1217.....	64
Lucr. 4.1264-1266.....	91
Lucr. 4.1264-1271.....	64
Lucr. 4.1274-1277.....	91
Lucr. 5.222-227.....	51
Lucr. 6.592-600.....	85
Macr. 1.11.17.....	173
Macr. 2.5.....	169, 171, 176
Macr. 2.5.4.....	180
Mart. 5.41.8.....	158
Mart. 6.67.....	94
Nep. <i>Att.</i> 19.4.1.....	172
Nux. 23-24.....	95
Ov. <i>Am.</i> 1.8.39.....	148
Ov. <i>Am.</i> 2.4.15.....	148
Ov. <i>Am.</i> 2.14.27-28.....	94
Ov. <i>Am.</i> 2.14.7-8.....	95
Ov. <i>Am.</i> 3.8.....	147
Ov. <i>Am.</i> 3.8.61.....	148
Ov. <i>Am.</i> 3.9.35-60.....	147
Ov. <i>Ars</i> 1.31-34.....	161
Ov. <i>Ars</i> 2.69-70.....	443
Ov. <i>Ars</i> 2.93-96.....	443
Ov. <i>Ars</i> 3.58.....	161
Ov. <i>Ars</i> 3.113.....	148
Ov. <i>Ep.</i> 1.51.....	426
Ov. <i>Ep.</i> 2.117-120.....	500
Ov. <i>Ep.</i> 3.93-94.....	408
Ov. <i>Ep.</i> 5.73.....	336
Ov. <i>Ep.</i> 6.123-124.....	401
Ov. <i>Ep.</i> 6.428-434.....	500
Ov. <i>Ep.</i> 7.96.....	500
Ov. <i>Ep.</i> 9.125-128.....	385
Ov. <i>Ep.</i> 11.43.....	94
Ov. <i>Ep.</i> 11.83-84.....	105
Ov. <i>Ep.</i> 11.89-90.....	105
Ov. <i>Ep.</i> 12.189.....	401
Ov. <i>Ep.</i> 12.212.....	518
Ov. <i>Fast.</i> 1.27-36.....	138
Ov. <i>Fast.</i> 1.193-194.....	147
Ov. <i>Fast.</i> 1.619-626.....	95
Ov. <i>Fast.</i> 3.863-864.....	366
Ov. <i>Fast.</i> 4.417-418.....	369
Ov. <i>Fast.</i> 4.421.....	369
Ov. <i>Fast.</i> 4.425-426.....	369
Ov. <i>Fast.</i> 4.427-432.....	370
Ov. <i>Fast.</i> 4.437-442.....	369
Ov. <i>Fast.</i> 4.443-444.....	370
Ov. <i>Fast.</i> 4.445-446.....	370
Ov. <i>Fast.</i> 4.447-448.....	370
Ov. <i>Fast.</i> 4.451-454.....	371

Ov. Fast. 4.453	335, 374
Ov. Fast. 4.455-456	371
Ov. Fast. 4.456	371, 380
Ov. Fast. 4.457	371
Ov. Fast. 4.457-462	371
Ov. Fast. 4.459-460	433
Ov. Fast. 4.461-462	341
Ov. Fast. 4.471	372
Ov. Fast. 4.475	372
Ov. Fast. 4.481	373
Ov. Fast. 4.481-482	335, 374
Ov. Fast. 4.481-488	373
Ov. Fast. 4.482	374, 380
Ov. Fast. 4.483	373
Ov. Fast. 4.483-484	373
Ov. Fast. 4.484	373
Ov. Fast. 4.485-486	373
Ov. Fast. 4.486	373
Ov. Fast. 4.487-488	373
Ov. Fast. 4.488	374
Ov. Fast. 4.498	375
Ov. Fast. 4.499	375
Ov. Fast. 4.502	375
Ov. Fast. 4.503	380
Ov. Fast. 4.503-506	375
Ov. Fast. 4.513-514	376
Ov. Fast. 4.514	376
Ov. Fast. 4.519-523	376
Ov. Fast. 4.521	375
Ov. Fast. 4.537-538	377
Ov. Fast. 4.555-560	377
Ov. Fast. 4.563-572	377
Ov. Fast. 4.573-574	377
Ov. Fast. 4.579	380
Ov. Fast. 4.583-584	378
Ov. Fast. 4.585	380
Ov. Fast. 4.585-586	378
Ov. Fast. 4.586	380
Ov. Fast. 4.597	370
Ov. Fast. 4.609-612	378
Ov. Fast. 4.610	380
Ov. Fast. 4.615-618	379
Ov. Fast. 6.481-484	353
Ov. Fast. 6.485-486	354
Ov. Fast. 6.487-488	354
Ov. Fast. 6.489-490	354
Ov. Fast. 6.491-492	355
Ov. Fast. 6.493-498	355
Ov. Fast. 6.525-526	356
Ov. Fast. 6.560	356
Ov. Met. 1.555-556	417
Ov. Met. 1.583-587	444
Ov. Met. 1.760-764	329
Ov. Met. 1.762-764	329
Ov. Met. 1.763	329
Ov. Met. 2.90-94	330
Ov. Met. 2.91	330
Ov. Met. 2.92	330
Ov. Met. 2.100	329
Ov. Met. 2.185	329
Ov. Met. 2.323-324	332
Ov. Met. 2.329-331	330
Ov. Met. 2.330	331
Ov. Met. 2.333-334	335

Ov. Met. 2.333-339	331
Ov. Met. 2.334	366
Ov. Met. 2.334-335	331, 458
Ov. Met. 2.335	332, 333
Ov. Met. 2.338	333
Ov. Met. 2.338-339	333
Ov. Met. 2.339	332
Ov. Met. 2.340-341	333
Ov. Met. 2.340-343	333
Ov. Met. 2.343	333
Ov. Met. 2.356-363	334
Ov. Met. 2.358	334
Ov. Met. 2.364-366	334
Ov. Met. 2.369-372	335
Ov. Met. 2.381	336
Ov. Met. 2.381-385	336
Ov. Met. 2.383	336
Ov. Met. 2.385-393	337
Ov. Met. 2.394-397	337
Ov. Met. 2.398-400	337
Ov. Met. 3.180	335
Ov. Met. 3.198	343
Ov. Met. 3.239	336
Ov. Met. 3.346-348	384
Ov. Met. 3.514	339
Ov. Met. 3.516-525	383
Ov. Met. 3.528ss	339
Ov. Met. 3.708-711	340
Ov. Met. 3.709	340
Ov. Met. 3.710	340
Ov. Met. 3.711	341, 351
Ov. Met. 3.711-712	342
Ov. Met. 3.712	342
Ov. Met. 3.713	344
Ov. Met. 3.714	342
Ov. Met. 3.715	341
Ov. Met. 3.716	340, 341
Ov. Met. 3.717-718	341
Ov. Met. 3.719-720	343
Ov. Met. 3.719-722	343
Ov. Met. 3.721	334
Ov. Met. 3.724	340
Ov. Met. 3.725	334, 344
Ov. Met. 3.728	344, 352
Ov. Met. 3.729-731	345
Ov. Met. 4.254-255	332
Ov. Met. 4.260-261	332
Ov. Met. 4.264	332
Ov. Met. 4.428-431	346
Ov. Met. 4.432-448	346
Ov. Met. 4.472	346
Ov. Met. 4.481-482	347
Ov. Met. 4.488-491	348
Ov. Met. 4.491-496	348
Ov. Met. 4.496-499	349
Ov. Met. 4.500-505	348
Ov. Met. 4.506	352
Ov. Met. 4.506-507	349
Ov. Met. 4.512	350, 351
Ov. Met. 4.512-514	349
Ov. Met. 4.513	352
Ov. Met. 4.515	351
Ov. Met. 4.515-519	349
Ov. Met. 4.517	350

Ov. Met. 4.519	350, 372
Ov. Met. 4.519-523	351
Ov. Met. 4.520	351
Ov. Met. 4.521	351, 352, 355
Ov. Met. 4.523	352, 400
Ov. Met. 4.523-524	352
Ov. Met. 4.525	351
Ov. Met. 4.528-531	351
Ov. Met. 4.531	353
Ov. Met. 4.531-538	351
Ov. Met. 4.537-4.539	413
Ov. Met. 4.539-542	351
Ov. Met. 4.711	372
Ov. Met. 5.18-19	407
Ov. Met. 5.219-220	367
Ov. Met. 5.274-293	381
Ov. Met. 5.319-320	381
Ov. Met. 5.341-345	359
Ov. Met. 5.356-364	359
Ov. Met. 5.375-376	359
Ov. Met. 5.376-377	359
Ov. Met. 5.385	416
Ov. Met. 5.385-391	359
Ov. Met. 5.393-396	360
Ov. Met. 5.395	360, 370
Ov. Met. 5.396-398	361
Ov. Met. 5.396-401	361
Ov. Met. 5.412	361
Ov. Met. 5.414-416	361
Ov. Met. 5.426	361
Ov. Met. 5.438-441	361
Ov. Met. 5.440-441	362
Ov. Met. 5.443	362
Ov. Met. 5.445	362
Ov. Met. 5.452	362
Ov. Met. 5.459-460	363
Ov. Met. 5.462-463	363, 372
Ov. Met. 5.471-472	378
Ov. Met. 5.471-473	363
Ov. Met. 5.472	380
Ov. Met. 5.473	380
Ov. Met. 5.474	365
Ov. Met. 5.474-486	380
Ov. Met. 5.478	364
Ov. Met. 5.504-508	365
Ov. Met. 5.509	366, 392
Ov. Met. 5.509-512	365
Ov. Met. 5.510	366
Ov. Met. 5.512	336, 366, 368
Ov. Met. 5.512-513	366
Ov. Met. 5.513	367, 380
Ov. Met. 5.518-520	367
Ov. Met. 5.524-526	370
Ov. Met. 5.538-552	358
Ov. Met. 5.552-563	358
Ov. Met. 5.568-571	368
Ov. Met. 5.570-571	336
Ov. Met. 5.572-641	358
Ov. Met. 5.650-661	358
Ov. Met. 6.182-183	385
Ov. Met. 6.194	385
Ov. Met. 6.195	385
Ov. Met. 6.196	385
Ov. Met. 6.155-156	384

Ov. Met. 6.165	392, 400
Ov. Met. 6.165-169	384
Ov. Met. 6.172	385
Ov. Met. 6.174-175	385
Ov. Met. 6.176	385
Ov. Met. 6.191-192	386
Ov. Met. 6.193-196	385
Ov. Met. 6.218-266	386
Ov. Met. 6.227	386
Ov. Met. 6.239	386
Ov. Met. 6.248-253	386
Ov. Met. 6.261-266	386
Ov. Met. 6.267-270	387
Ov. Met. 6.271-272	387
Ov. Met. 6.273	387
Ov. Met. 6.273-278	387
Ov. Met. 6.276	388
Ov. Met. 6.280-285	388
Ov. Met. 6.284	389
Ov. Met. 6.285	389
Ov. Met. 6.286-288	389
Ov. Met. 6.288-289	390
Ov. Met. 6.297-301	391
Ov. Met. 6.301	391
Ov. Met. 6.301-302	421
Ov. Met. 6.301-305	392
Ov. Met. 6.303	392
Ov. Met. 6.306-309	393
Ov. Met. 6.310-312	393
Ov. Met. 6.424-438	395
Ov. Met. 6.428-434	500
Ov. Met. 6.438-570	395
Ov. Met. 6.447-448	397
Ov. Met. 6.451-452	384
Ov. Met. 6.475-482	397
Ov. Met. 6.494	396, 397
Ov. Met. 6.496-497	396
Ov. Met. 6.496-503	395
Ov. Met. 6.499	396
Ov. Met. 6.500	396, 428
Ov. Met. 6.501	396
Ov. Met. 6.501-6.502	396
Ov. Met. 6.510	397
Ov. Met. 6.514	403
Ov. Met. 6.516-518	398
Ov. Met. 6.521	397
Ov. Met. 6.527-530	398
Ov. Met. 6.566-570	398
Ov. Met. 6.570	398
Ov. Met. 6.571-674	395
Ov. Met. 6.576-578	398
Ov. Met. 6.581-586	399
Ov. Met. 6.582	398
Ov. Met. 6.583-585	432
Ov. Met. 6.583-586	432
Ov. Met. 6.586	399, 432
Ov. Met. 6.587-591	399
Ov. Met. 6.592-596	399
Ov. Met. 6.594	400
Ov. Met. 6.596-600	400
Ov. Met. 6.609-619	400
Ov. Met. 6.621-622	401
Ov. Met. 6.623	434
Ov. Met. 6.624-628	401

Ov. Met. 6.631-635	401
Ov. Met. 6.638-642	402
Ov. Met. 6.642-646	402
Ov. Met. 6.650-651	404
Ov. Met. 6.651	410
Ov. Met. 6.653	404
Ov. Met. 6.655	404
Ov. Met. 6.663-664	404
Ov. Met. 6.675-676	397
Ov. Met. 7.1ss.	499
Ov. Met. 8.35-36	372
Ov. Met. 8.58-59	433
Ov. Met. 8.231-235	443
Ov. Met. 8.335	416
Ov. Met. 8.445-446	406
Ov. Met. 8.447-448	335, 406
Ov. Met. 8.449-450	406
Ov. Met. 8.451-457	406
Ov. Met. 8.458-461	406
Ov. Met. 8.459	407
Ov. Met. 8.460	407
Ov. Met. 8.462	407
Ov. Met. 8.462-464	406
Ov. Met. 8.463	407
Ov. Met. 8.465	407
Ov. Met. 8.466	407, 409
Ov. Met. 8.467	407
Ov. Met. 8.468	407
Ov. Met. 8.469	407
Ov. Met. 8.470	407
Ov. Met. 8.471	407
Ov. Met. 8.474	407
Ov. Met. 8.475-477	407
Ov. Met. 8.478	407, 409
Ov. Met. 8.480	407
Ov. Met. 8.483-484	408
Ov. Met. 8.499-500	408
Ov. Met. 8.501-502	408
Ov. Met. 8.502-503	408
Ov. Met. 8.506-508	408
Ov. Met. 8.509-511	409
Ov. Met. 8.511	409
Ov. Met. 8.515	409
Ov. Met. 8.518-519	409, 411
Ov. Met. 8.520-521	409
Ov. Met. 8.522	409
Ov. Met. 8.523	406
Ov. Met. 8.526-528	410
Ov. Met. 8.528-530	410
Ov. Met. 8.531	409
Ov. Met. 8.531-532	410
Ov. Met. 8.533-535	412
Ov. Met. 8.536-541	412
Ov. Met. 8.537	413
Ov. Met. 8.539	413
Ov. Met. 8.541	413
Ov. Met. 9.149-151	411
Ov. Met. 9.176-180	388
Ov. Met. 9.292ss.	82
Ov. Met. 9.297-300	82
Ov. Met. 9.310-311	82
Ov. Met. 9.314-315	82
Ov. Met. 9.322-323	415
Ov. Met. 9.332-333	416

Ov. Met. 9.334	416
Ov. Met. 9.340	416
Ov. Met. 9.344-345	417
Ov. Met. 9.356-358	417
Ov. Met. 9.359-362	417
Ov. Met. 9.363-366	417
Ov. Met. 9.375-379	418
Ov. Met. 9.666ss.	104
Ov. Met. 9.675-681	105
Ov. Met. 10.1-8	500
Ov. Met. 10.28-29	367
Ov. Met. 10.190-195	345
Ov. Met. 13. 505-507	426
Ov. Met. 13. 540-541	431
Ov. Met. 13.404-407	420
Ov. Met. 13.410-411	420
Ov. Met. 13.412-414	420
Ov. Met. 13.415-417	420
Ov. Met. 13.422-428	420
Ov. Met. 13.429-438	421
Ov. Met. 13.450-451	422
Ov. Met. 13.450-452	350
Ov. Met. 13.451	422
Ov. Met. 13.455	436
Ov. Met. 13.462-464	422
Ov. Met. 13.464	422
Ov. Met. 13.469-473	422
Ov. Met. 13.475	436
Ov. Met. 13.477-480	423
Ov. Met. 13.481-485	423
Ov. Met. 13.488-492	423
Ov. Met. 13.489	424
Ov. Met. 13.490	423, 424
Ov. Met. 13.491	424
Ov. Met. 13.493	424
Ov. Met. 13.494-495	424
Ov. Met. 13.496-497	424
Ov. Met. 13.497-500	425
Ov. Met. 13.501-505	425
Ov. Met. 13.505	426, 428
Ov. Met. 13.507	426
Ov. Met. 13.508-511	427
Ov. Met. 13.511-513	427
Ov. Met. 13.514-516	428
Ov. Met. 13.516-519	428
Ov. Met. 13.519-522	428, 460
Ov. Met. 13.522	420
Ov. Met. 13.523-524	429
Ov. Met. 13.525-526	429
Ov. Met. 13.527	429
Ov. Met. 13.527-530	430
Ov. Met. 13.528	430
Ov. Met. 13.531-532	430
Ov. Met. 13.533	430
Ov. Met. 13.533-537	430
Ov. Met. 13.534	430
Ov. Met. 13.538-541	431
Ov. Met. 13.541-544	431
Ov. Met. 13.544	434
Ov. Met. 13.545	433
Ov. Met. 13.545-546	431
Ov. Met. 13.546	399
Ov. Met. 13.547-552	433
Ov. Met. 13.558-564	434

Ov. Met. 13.559	434
Ov. Met. 13.560	434
Ov. Met. 13.560-561	437
Ov. Met. 13.565-569	438
Ov. Met. 13.567-569	438
Ov. Met. 13.570	438
Ov. Met. 13.571	438
Ov. Met. 13.578-582	439
Ov. Met. 13.583-584	439
Ov. Met. 13.584-586	439
Ov. Met. 13.587	440
Ov. Met. 13.595-599	440
Ov. Met. 13.620-622	440
Ov. Met. 15.765-767	441
Ov. Met. 15.803-804	441
Ov. Met. 15.844-845	441
Ov. Rem. 127-130	327
Ov. Tr. 2.303ss	161
Ov. Tr. 5.7.25-27	499
Ov. Tr. 5.12.7-8	327
Paul. Dig. 23.2.44pr.	157
Paul. Fest. 195.9	10
Paul. Fest. 250.40	122
Paul. Sent. 2.26.14	163, 175
Pl. Mer. 405	132
Pl. Mil. 697	30
Pl. St. 98	132
Plat. Ti. 91b-d	38
Plin. (Maior) Nat. 7.1.2	51
Plin. Nat. 7.4	51
Plin. Nat. 7.9-32	51
Plin. Nat. 7.10.52	66
Plin. Nat. 7.33	68
Plin. Nat. 7.33	51
Plin. Nat. 7.34	109
Plin. Nat. 7.34-36	51
Plin. Nat. 7.35	108
Plin. Nat. 7.38	73
Plin. Nat. 7.40	75
Plin. Nat. 7.41	73
Plin. Nat. 7.41	71
Plin. Nat. 7.42.8	75
Plin. Nat. 7.43	74
Plin. Nat. 7.46	171
Plin. Nat. 7.50	65
Plin. Nat. 7.57	68
Plin. Nat. 7.67	71
Plin. Nat. 7.75	109
Plin. Nat. 7.76	110
Plin. Nat. 7.77	28
Plin. Nat. 7.127.8	52
Plin. Nat. 7.149	177
Plin. Nat. 7.175.8	53
Plin. Nat. 9.79	72
Plin. Nat. 10.32	75
Plin. Nat. 10.172	93
Plin. Nat. 10.254	73
Plin. Nat. 11.181	73
Plin. Nat. 11.203	81
Plin. Nat. 11.209	49, 51
Plin. Nat. 11.272	109
Plin. Nat. 14.110	93
Plin. Nat. 14.115	76
Plin. Nat. 20.6	72, 81

Plin. Nat. 20.30	54
Plin. Nat. 20.51	80
Plin. Nat. 20.114	100
Plin. Nat. 20.115	80
Plin. Nat. 20.136	54
Plin. Nat. 20.139	80
Plin. Nat. 20.143	76
Plin. Nat. 20.154	54
Plin. Nat. 20.157	54
Plin. Nat. 20.226	93
Plin. Nat. 20.227	80
Plin. Nat. 21.116	93
Plin. Nat. 21.147	93
Plin. Nat. 23.152.3	52
Plin. Nat. 23.153	76
Plin. Nat. 24.22	54
Plin. Nat. 24.28	54
Plin. Nat. 24.29	93
Plin. Nat. 24.143	93
Plin. Nat. 24.171	81
Plin. Nat. 25.9-10	50
Plin. Nat. 25.25	92
Plin. Nat. 25.70	100
Plin. Nat. 25.71	76
Plin. Nat. 25.75	100
Plin. Nat. 25.115	93
Plin. Nat. 26.51	50
Plin. Nat. 26.151-163	54
Plin. Nat. 26.152	54, 80
Plin. Nat. 26.154	80
Plin. Nat. 26.156	80
Plin. Nat. 26.157	54, 80
Plin. Nat. 26.158	80
Plin. Nat. 26.159	80
Plin. Nat. 26.160	80, 81
Plin. Nat. 26.161	81
Plin. Nat. 27.30	81
Plin. Nat. 27.80	76
Plin. Nat. 27.110	93
Plin. Nat. 28.33-34	81
Plin. Nat. 28.42	81
Plin. Nat. 28.50.4	52
Plin. Nat. 28.59	81
Plin. Nat. 28.71.1	52
Plin. Nat. 28.81	93
Plin. Nat. 28.103	32
Plin. Nat. 28.114	81
Plin. Nat. 28.246	72
Plin. Nat. 28.246-256	54
Plin. Nat. 28.247	72
Plin. Nat. 28.248	73, 80
Plin. Nat. 28.251	54, 76
Plin. Nat. 28.254	73
Plin. Nat. 28.256	80
Plin. Nat. 29.32.3	52
Plin. Nat. 29.85	92
Plin. Nat. 29.85.6	92
Plin. Nat. 30.123	72
Plin. Nat. 30.124	76
Plin. Nat. 30.128	75
Plin. Nat. 30.129	81
Plin. Nat. 31.10	71
Plin. Nat. 32.130.4	53
Plin. Nat. 32.133	75

Plin. <i>Nat.</i> 34.31	68
Plin. <i>Nat.</i> 36.111	148
Plin. <i>Nat.</i> 36.151	72
Plin. <i>Nat.</i> 37.180	72
Plin. (<i>Minor</i>) <i>Ep.</i> 2.13.8	159
Plin. <i>Ep.</i> 4.21	79
Plin. <i>Ep.</i> 6.3	141
Plin. <i>Ep.</i> 8.10	78
Plin. <i>Ep.</i> 8.10.1	78
Plin. <i>Ep.</i> 8.11	78
Plin. <i>Ep.</i> 10.2.94	159
Plin. <i>Pan.</i> 25-26	103
Plut. <i>Caes.</i> 9-10	83
Plut. <i>Cat. Min.</i> 25	69
Plut. <i>Cat. Min.</i> 52	69
Plut. <i>Cat. Min.</i> 52.6	69
Plut. <i>Pomp.</i> 9	79
Plut. <i>Pomp.</i> 53	77
Plut. <i>Quaest. Rom.</i> 267E.5-6	356
Plut. <i>Rom.</i> 22.3	95
Plut. <i>Sulla</i> 35.2	121
Prop. 2.6.21-22	147
Prop. 2.7	156
Prop. 2.7.1-3	156
Prop. 2.20.7	383
Prop. 2.31.12-14	383
Prop. 3.13.3-4	147
Prop. 3.13.25-26	147
Prop. 3.13.60	147
Prop. 4.11.63-64	531
Prop. 4.11.97-98	531
Quint. <i>Inst.</i> 2.5.11	110
Quint. <i>Inst.</i> 6.1	256
Quint. <i>Inst.</i> 6.1.27	256
Quint. <i>Inst.</i> 6.2.2	256
Quint. <i>Inst.</i> 8.5.6	499
Quint. <i>Inst.</i> 11.12.24	23
<i>Rhet. Her.</i> 2.19	259
<i>Rhet. Her.</i> 2.50	254, 255, 256, 485
<i>Rhet. Her.</i> 2.57	256
<i>S. Ant.</i> 823-833	394
<i>S. Ant.</i> 829-830	375
<i>S. El.</i> 150-153	394
Sal. <i>Cat.</i> 9ss	144
Sen. (<i>Maior</i>) <i>Con.</i> 1.1.9.9	67
Sen. <i>Con.</i> 7.4	258
Sen. <i>Con.</i> 8.1	258, 261
Sen. <i>Con.</i> 8.1.1	258
Sen. <i>Con.</i> 10.4	106, 259
Sen. <i>Con.</i> 10.4.10	259
Sen. <i>Con.</i> 10.4.13	107
Sen. <i>Con.</i> 10.4.20	107, 259
Sen. <i>Con.</i> 10.4.8	109
Sen. <i>Con.</i> 10.4.pr.1	107
Sen. <i>Suas.</i> 3	257
Sen. <i>Suas.</i> 3.7	499
Sen. <i>Suas.</i> 6	257
Sen. (<i>Minor</i>) <i>Ag.</i> 57-59	453
Sen. <i>Ben.</i> 6.32	173
Sen. <i>Ben.</i> 6.32.1	174
Sen. <i>Dial.</i> 1.4.5	494
Sen. <i>Dial.</i> 1.4.5-6	448
Sen. <i>Dial.</i> 3.1.3-4	509
Sen. <i>Dial.</i> 3.15.2	110

Sen. <i>Dial.</i> 4.33.4-5.....	532
Sen. <i>Dial.</i> 6.2-3.....	264
Sen. <i>Dial.</i> 6.2.5.....	264
Sen. <i>Dial.</i> 10.4.1.6.....	178
Sen. <i>Dial.</i> 12.2.4.4-5.....	139
Sen. <i>Dial.</i> 12.16.3.....	95
Sen. <i>Ep.</i> 7.1.....	489
Sen. <i>Ep.</i> 50.2.....	110
Sen. <i>Ep.</i> 63.....	263
Sen. <i>Ep.</i> 70.10.....	169
Sen. <i>Ep.</i> 93.....	263
Sen. <i>Ep.</i> 99.....	263
Sen. <i>Matr.</i> frg. 45.....	69
Sen. <i>Med.</i> 9ss.....	500
Sen. <i>Med.</i> 13-18.....	500
Sen. <i>Med.</i> 19-22.....	501
Sen. <i>Med.</i> 23-26.....	501
Sen. <i>Med.</i> 27-28.....	506
Sen. <i>Med.</i> 37-39.....	502
Sen. <i>Med.</i> 40-43.....	502
Sen. <i>Med.</i> 45-47.....	509
Sen. <i>Med.</i> 45-50.....	502
Sen. <i>Med.</i> 51-55.....	503
Sen. <i>Med.</i> 102-106.....	503
Sen. <i>Med.</i> 114-115.....	503
Sen. <i>Med.</i> 120-121.....	506
Sen. <i>Med.</i> 123-124.....	504
Sen. <i>Med.</i> 125-126.....	504
Sen. <i>Med.</i> 125-129.....	504
Sen. <i>Med.</i> 130.....	524
Sen. <i>Med.</i> 137-140.....	505
Sen. <i>Med.</i> 143-146.....	505
Sen. <i>Med.</i> 157.....	504
Sen. <i>Med.</i> 161.....	499
Sen. <i>Med.</i> 164-165.....	505
Sen. <i>Med.</i> 166-167.....	505
Sen. <i>Med.</i> 170-171.....	506
Sen. <i>Med.</i> 176.....	499
Sen. <i>Med.</i> 246.....	524
Sen. <i>Med.</i> 263-266.....	507
Sen. <i>Med.</i> 274-275.....	524
Sen. <i>Med.</i> 275.....	507
Sen. <i>Med.</i> 275-280.....	507
Sen. <i>Med.</i> 282-283.....	507
Sen. <i>Med.</i> 284.....	507
Sen. <i>Med.</i> 285-290.....	507
Sen. <i>Med.</i> 290.....	508
Sen. <i>Med.</i> 363.....	515
Sen. <i>Med.</i> 382-386.....	508
Sen. <i>Med.</i> 382ss.....	516
Sen. <i>Med.</i> 387-392.....	509
Sen. <i>Med.</i> 393-396.....	509
Sen. <i>Med.</i> 406-407.....	510
Sen. <i>Med.</i> 415.....	510
Sen. <i>Med.</i> 421-425.....	510
Sen. <i>Med.</i> 423-424.....	506
Sen. <i>Med.</i> 437ss.....	511
Sen. <i>Med.</i> 445-446.....	511
Sen. <i>Med.</i> 462-463.....	511
Sen. <i>Med.</i> 479-480.....	529
Sen. <i>Med.</i> 482.....	524
Sen. <i>Med.</i> 489.....	524
Sen. <i>Med.</i> 494-495.....	511
Sen. <i>Med.</i> 497-499.....	511

Sen. Med. 500-503	512
Sen. Med. 506-507	512
Sen. Med. 507-508	512
Sen. Med. 510-512	512
Sen. Med. 520.....	512
Sen. Med. 541-543	513
Sen. Med. 544-549	513
Sen. Med. 549-553	514
Sen. Med. 553-559	515
Sen. Med. 568ss.	515
Sen. Med. 576-517	512
Sen. Med. 695.....	515
Sen. Med. 700.....	515
Sen. Med. 701.....	515
Sen. Med. 703-704	515
Sen. Med. 738-739	516
Sen. Med. 771.....	529
Sen. Med. 806.....	516
Sen. Med. 809-810	529
Sen. Med. 826-827	502
Sen. Med. 849.....	516
Sen. Med. 856-857	516
Sen. Med. 862-865	516
Sen. Med. 866-869	505, 517
Sen. Med. 879-890	517
Sen. Med. 893-898	517
Sen. Med. 898-901	517
Sen. Med. 901.....	529
Sen. Med. 904-908	517
Sen. Med. 908.....	529
Sen. Med. 908-910	518
Sen. Med. 915.....	529
Sen. Med. 916-919	518
Sen. Med. 920-921	511
Sen. Med. 920-925	519
Sen. Med. 926-932	519
Sen. Med. 932.....	520
Sen. Med. 933-934	520
Sen. Med. 935-936	520
Sen. Med. 937-944	520
Sen. Med. 945-950	520
Sen. Med. 951-953	521
Sen. Med. 952-953	529
Sen. Med. 954-957	521
Sen. Med. 958-963	522
Sen. Med. 964-966	522
Sen. Med. 969.....	529
Sen. Med. 969-971	523
Sen. Med. 971-975	523
Sen. Med. 976-977	523
Sen. Med. 982-986	523
Sen. Med. 984.....	524
Sen. Med. 986-991	524
Sen. Med. 991-994	524
Sen. Med. 997-1001	525
Sen. Med. 1004-1005	525
Sen. Med. 1006-1008	526
Sen. Med. 1009.....	529
Sen. Med. 1009-1013	525
Sen. Med. 1014-1015	525
Sen. Med. 1017.....	525
Sen. Med. 1018-1025	526
Sen. Oed. 644-646.....	500
Sen. Phaed. 1093-1114	493

Sen. <i>Phaed.</i> 1142-1143	453
Sen. <i>Thy.</i> 755-772	493
Sen. <i>Tro.</i> 1-6	454
Sen. <i>Tro.</i> 8-14	454
Sen. <i>Tro.</i> 15-16	454
Sen. <i>Tro.</i> 20-21	454
Sen. <i>Tro.</i> 24-27	454
Sen. <i>Tro.</i> 28-33	455
Sen. <i>Tro.</i> 31	459
Sen. <i>Tro.</i> 32	459
Sen. <i>Tro.</i> 40	455
Sen. <i>Tro.</i> 59-62	456
Sen. <i>Tro.</i> 63-66	456
Sen. <i>Tro.</i> 64	528
Sen. <i>Tro.</i> 67-69	457
Sen. <i>Tro.</i> 80	528
Sen. <i>Tro.</i> 83ss	456
Sen. <i>Tro.</i> 92-98	457
Sen. <i>Tro.</i> 94	528
Sen. <i>Tro.</i> 99-116	457
Sen. <i>Tro.</i> 102	528
Sen. <i>Tro.</i> 106	528
Sen. <i>Tro.</i> 113	528
Sen. <i>Tro.</i> 117	458
Sen. <i>Tro.</i> 117-118	458
Sen. <i>Tro.</i> 117-120	528
Sen. <i>Tro.</i> 117-123	458
Sen. <i>Tro.</i> 117-129	457
Sen. <i>Tro.</i> 119	458
Sen. <i>Tro.</i> 119-120	458
Sen. <i>Tro.</i> 124-129	458
Sen. <i>Tro.</i> 125-126	458
Sen. <i>Tro.</i> 130-131	459
Sen. <i>Tro.</i> 137-139	459
Sen. <i>Tro.</i> 142-145	459
Sen. <i>Tro.</i> 155-156	461
Sen. <i>Tro.</i> 161-163	461
Sen. <i>Tro.</i> 168ss	452
Sen. <i>Tro.</i> 181	529
Sen. <i>Tro.</i> 258-264	453
Sen. <i>Tro.</i> 360ss	452
Sen. <i>Tro.</i> 365ss	465
Sen. <i>Tro.</i> 366-370	462
Sen. <i>Tro.</i> 369	481
Sen. <i>Tro.</i> 397	474
Sen. <i>Tro.</i> 409-417	463
Sen. <i>Tro.</i> 418-425	463
Sen. <i>Tro.</i> 438-440	439
Sen. <i>Tro.</i> 443-450	464
Sen. <i>Tro.</i> 452-456	464
Sen. <i>Tro.</i> 457	470
Sen. <i>Tro.</i> 459	464
Sen. <i>Tro.</i> 461	481
Sen. <i>Tro.</i> 461-468	464
Sen. <i>Tro.</i> 462	475
Sen. <i>Tro.</i> 463	481
Sen. <i>Tro.</i> 469-474	465
Sen. <i>Tro.</i> 474-476	465
Sen. <i>Tro.</i> 476-482	466
Sen. <i>Tro.</i> 486-488	466
Sen. <i>Tro.</i> 487-488	470
Sen. <i>Tro.</i> 496	466
Sen. <i>Tro.</i> 496-499	466
Sen. <i>Tro.</i> 500-502	466

Sen. Tro. 503ss.....	452
Sen. Tro. 505-508.....	467
Sen. Tro. 510-512.....	467
Sen. Tro. 519-523.....	467
Sen. Tro. 524.....	467
Sen. Tro. 528.....	467, 481
Sen. Tro. 537ss.....	481
Sen. Tro. 556.....	528
Sen. Tro. 556-562.....	468
Sen. Tro. 562-567.....	468
Sen. Tro. 571-572.....	468
Sen. Tro. 594-597.....	469
Sen. Tro. 599-604.....	469
Sen. Tro. 615-618.....	469
Sen. Tro. 621-622.....	490
Sen. Tro. 623-624.....	470, 519
Sen. Tro. 631.....	470
Sen. Tro. 632-633.....	470
Sen. Tro. 634-639.....	471
Sen. Tro. 642-644.....	471
Sen. Tro. 644-648.....	471
Sen. Tro. 648-650.....	472
Sen. Tro. 651-653.....	472
Sen. Tro. 653-655.....	472
Sen. Tro. 658-662.....	472
Sen. Tro. 663.....	473
Sen. Tro. 664-665.....	473
Sen. Tro. 667-668.....	473
Sen. Tro. 671.....	528
Sen. Tro. 671-676.....	473
Sen. Tro. 672ss.....	473
Sen. Tro. 676-677.....	473
Sen. Tro. 680.....	473
Sen. Tro. 681-684.....	474
Sen. Tro. 685.....	473
Sen. Tro. 686-691.....	474
Sen. Tro. 691-695.....	474, 476
Sen. Tro. 698.....	475
Sen. Tro. 699-700.....	475
Sen. Tro. 700-702.....	475
Sen. Tro. 703-704.....	475
Sen. Tro. 705.....	452
Sen. Tro. 705-706.....	475
Sen. Tro. 706-707.....	475
Sen. Tro. 708-709.....	528
Sen. Tro. 708-717.....	476
Sen. Tro. 715-717.....	476
Sen. Tro. 732-735.....	476
Sen. Tro. 736-738.....	477
Sen. Tro. 739-743.....	477
Sen. Tro. 740.....	528
Sen. Tro. 746-748.....	477
Sen. Tro. 754.....	477
Sen. Tro. 760-762.....	478
Sen. Tro. 766-770.....	478
Sen. Tro. 771-774.....	479
Sen. Tro. 771-782.....	479
Sen. Tro. 775.....	528
Sen. Tro. 775-782.....	479
Sen. Tro. 783-785.....	479
Sen. Tro. 787-789.....	479
Sen. Tro. 788-789.....	528
Sen. Tro. 789-791.....	480
Sen. Tro. 792.....	452

Sen. Tro. 792-793.....	528
Sen. Tro. 792-799.....	481
Sen. Tro. 799-808.....	482
Sen. Tro. 809-812.....	483
Sen. Tro. 812-813.....	483
Sen. Tro. 945-948.....	484
Sen. Tro. 949-954.....	484
Sen. Tro. 955-957.....	485
Sen. Tro. 956-957.....	496
Sen. Tro. 958-963.....	485
Sen. Tro. 959.....	459
Sen. Tro. 963-965.....	486
Sen. Tro. 964-966.....	486
Sen. Tro. 969-971.....	486
Sen. Tro. 981-1008.....	487
Sen. Tro. 988-990.....	487
Sen. Tro. 999-1003.....	487
Sen. Tro. 1004-1008.....	487
Sen. Tro. 1009ss.....	488
Sen. Tro. 1050-1055.....	488
Sen. Tro. 1056-1059.....	489
Sen. Tro. 1057.....	488
Sen. Tro. 1060-1062.....	489
Sen. Tro. 1067.....	489
Sen. Tro. 1068-1074.....	490
Sen. Tro. 1075-1076.....	490
Sen. Tro. 1076-1087.....	489
Sen. Tro. 1088-1093.....	491
Sen. Tro. 1090.....	481, 498
Sen. Tro. 1090ss.....	452
Sen. Tro. 1093-1094.....	491
Sen. Tro. 1093-1098.....	491
Sen. Tro. 1097-1098.....	495
Sen. Tro. 1098-1100.....	489
Sen. Tro. 1098-1103.....	492
Sen. Tro. 1104-1110.....	493
Sen. Tro. 1110-1117.....	493
Sen. Tro. 1113-1114.....	494
Sen. Tro. 1117.....	494
Sen. Tro. 1119.....	488
Sen. Tro. 1120.....	488
Sen. Tro. 1120-1131.....	489
Sen. Tro. 1125.....	495
Sen. Tro. 1131.....	495
Sen. Tro. 1132-1136.....	500
Sen. Tro. 1134-1137.....	489
Sen. Tro. 1137-1138.....	495
Sen. Tro. 1140-1142.....	495
Sen. Tro. 1143-1148.....	489
Sen. Tro. 1148-1154.....	495
Sen. Tro. 1151.....	498
Sen. Tro. 1152.....	495
Sen. Tro. 1155-1164.....	496
Sen. Tro. 1160-1161.....	489
Sen. Tro. 1165-1168.....	496
Sen. Tro. 1168-1171.....	497
Sen. Tro. 1171-1177.....	497
Sen. Tro. 1173-1174.....	456
Sen. Tro. 1174.....	490
Sen. Tro. 1178-1179.....	488, 498
Serv. A. 2.789.....	275
Serv. A. 4.299.....	371
Serv. A. 4.469.....	339
Serv. A. 6.625.....	412

Serv. A. 9.479.....	297
Serv. A. 9.481-482	296
Serv. A. 9.492.....	296
Serv. A. 9.497.....	296
Serv. G. 1.31.....	124
Sor. Gyn. 1.2	30
Sor. Gyn. 1.2.2	66
Sor. Gyn. 1.2.3	66
Sor. Gyn. 1.3-4.....	30
Sor. Gyn. 1.11	58
Sor. Gyn. 1.12	66
Sor. Gyn. 1.14	66
Sor. Gyn. 1.29	59
Sor. Gyn. 1.34	71
Sor. Gyn. 1.35	71
Sor. Gyn. 1.36	91
Sor. Gyn. 1.37	67
Sor. Gyn. 1.45	66
Sor. Gyn. 1.59	77
Sor. Gyn. 1.60	89, 91
Sor. Gyn. 1.60.2	89
Sor. Gyn. 1.60.3	90
Sor. Gyn. 1.61	91
Sor. Gyn. 1.63	88, 92
Sor. Gyn. 1.63-65	92
Sor. Gyn. 1.64	92
Sor. Gyn. 1.65	94
Sor. Gyn. 2.2	80
Sor. Gyn. 2.6	82
Sor. Gyn. 2.9	101, 111
Sor. Gyn. 2.10	101
Sor. Gyn. 3.1-2.....	33
Sor. Gyn. 3.3	42
Sor. Gyn. 3.3.2	34
Sor. Gyn. 3.5	59
Sor. Gyn. 3.6	35
Sor. Gyn. 3.12	32
Sor. Gyn. 3.26-29	60
Sor. Gyn. 3.29	60
Sor. Gyn. 3.36-37	74
Sor. Gyn. 3.42	80
Sor. Gyn. 3.47.2	77
Sor. Gyn. 4.3	82
Sor. Gyn. 4.4	82
Sor. Gyn. 4.5	82, 83
Sor. Gyn. 4.9	84
Sor. Gyn. 4.9-13.....	83
Sor. Gyn. 4.10	84
Sor. Gyn. 4.14-16	80
Suet. Aug. 14	167
Suet. Aug. 34	167
Suet. Aug. 34.2	156
Suet. Aug. 44	167
Suet. Aug. 44.2	158
Suet. Aug. 59	29
Suet. Aug. 62	168
Suet. Aug. 63	170
Suet. Aug. 64	170, 177
Suet. Aug. 65	174, 181
Suet. Aug. 65.4	104, 182
Suet. Aug. 69	168
Suet. Aug. 72.3	182
Suet. Aug. 73	170
Suet. Aug. 81	29

Suet. <i>Aug.</i> 89	145
Suet. <i>Aug.</i> 89.2	145
Suet. <i>Aug.</i> 101	181
Suet. <i>Aug.</i> 101.3.....	182
Suet. <i>Cal.</i> 5.....	103
Suet. <i>Cal.</i> 10.....	138
Suet. <i>Cal.</i> 12.....	79
Suet. <i>Cl.</i> 1.10.3.....	180
Suet. <i>Cl.</i> 2.2.....	111
Suet. <i>Cl.</i> 3.2.....	111
Suet. <i>Cl.</i> 26.1.....	182
Suet. <i>Cl.</i> 27.1.....	104
Suet. <i>Dom.</i> 4.2.....	109
Suet. <i>Gram.</i> 7.21	104
Suet. <i>Gram.</i> 21.1	104
Suet. <i>Iul.</i> 52.3.....	121
Suet. <i>Nero</i> 21.3.....	94
Suet. <i>Nero</i> 35.....	78
Suet. <i>Rhet.</i> 25.1	253
Suet. <i>Tib.</i> 7	172
Suet. <i>Tib.</i> 7.2	171
Suet. <i>Tib.</i> 11.4.....	174
Suet. <i>Tib.</i> 35.....	159
Suet. <i>Tib.</i> 50.....	175
Tac. <i>Ann.</i> 1.3.13.....	139
Tac. <i>Ann.</i> 1.6.12.....	139
Tac. <i>Ann.</i> 1.10.24.....	139
Tac. <i>Ann.</i> 1.10.5.....	169
Tac. <i>Ann.</i> 1.53.....	175
Tac. <i>Ann.</i> 2.27.....	169
Tac. <i>Ann.</i> 2.50.....	159
Tac. <i>Ann.</i> 3.24.....	182
Tac. <i>Ann.</i> 3.24.3.....	177
Tac. <i>Ann.</i> 4.16.....	124
Tac. <i>Ann.</i> 4.44.....	178
Tac. <i>Ann.</i> 4.71.....	182
Tac. <i>Ann.</i> 6.23.....	172
Tac. <i>Ann.</i> 12.61.....	29
Tac. <i>Ann.</i> 12.67.....	30
Tac. <i>Ann.</i> 14.62.....	95
Tac. <i>Ann.</i> 16.6.....	77
Tac. <i>Dial.</i> 28.4.1.....	140
Tac. <i>Dial.</i> 29.1.1.....	140
Tac. <i>Ger.</i> 19.....	106
Ter. <i>Ad.</i> 747	132
Ter. <i>An.</i> 228-233	28
Tib. 1.1	147
Tib. 1.2.73-76	149
Tib. 1.3.35ss.....	147
Tib. 1.5.21	149
Tib. 1.5.29-30	149
Tib. 1.10	147
Tib. 2.3.35ss.....	147
Tib. 2.3.49ss.....	147
Tib. 2.4	147
Ulp. <i>Inst.</i> 1.10.pr.....	122
Ulp. <i>Reg.</i> 5.2	122
Ulp. <i>Tit.</i> 5.3-5	132
Ulp. <i>Tit.</i> 6.10.....	136
Ulp. <i>Tit.</i> 6.12.....	136
Ulp. <i>Tit.</i> 6.9.....	136
Ulp. <i>Tit.</i> 11.1.....	128
Ulp. <i>Tit.</i> 13.1.....	157
Ulp. <i>Tit.</i> 13.2.....	157, 163

Ulp. <i>Tit.</i> 14.1.....	158
Ulp. <i>Tit.</i> 16.1.....	156
Ulp. <i>Tit.</i> 16.1a.....	158
Ulp. <i>Tit.</i> 16.2.....	157
V. Max. 1.1	260
V. Max. 2.1.10.....	260
V. Max. 4.3.3.....	171
V. Max. 4.4. <i>praef.</i>	532
V. Max. 5.4 ext.5	260
V. Max. 5.4.7.....	259
V. Max. 5.10.....	260
V. Max. 9.12.....	261
V. Max. 9.12.2.....	261
Var. <i>L.</i> 5.58.....	64
Var. <i>L.</i> 5.60.....	64
Vell. 2.100.....	173
Vell. 2.100.4.....	178
Vell. 2.100.4-5.....	173
Vell. 2.100.5.....	168
Verg. <i>A.</i> 1.94-101.....	265
Verg. <i>A.</i> 1.198-199.....	265
Verg. <i>A.</i> 1.220-222.....	266
Verg. <i>A.</i> 1.279.....	152, 271
Verg. <i>A.</i> 1.286-288.....	151
Verg. <i>A.</i> 1.291-296.....	151
Verg. <i>A.</i> 1.405-409.....	268
Verg. <i>A.</i> 1.479-482.....	322
Verg. <i>A.</i> 1.657-660.....	273
Verg. <i>A.</i> 1.678.....	283
Verg. <i>A.</i> 1.683-688.....	273
Verg. <i>A.</i> 1.684.....	273
Verg. <i>A.</i> 1.685.....	274
Verg. <i>A.</i> 1.707-711.....	280
Verg. <i>A.</i> 1.713-714.....	280
Verg. <i>A.</i> 1.717-718.....	280
Verg. <i>A.</i> 1.717-719.....	274
Verg. <i>A.</i> 2.270-279.....	464
Verg. <i>A.</i> 2.486-488.....	298
Verg. <i>A.</i> 2.488.....	321
Verg. <i>A.</i> 2.489-490.....	321
Verg. <i>A.</i> 2.596-598.....	275
Verg. <i>A.</i> 2.745.....	267
Verg. <i>A.</i> 2.766.....	321
Verg. <i>A.</i> 2.766-767.....	321
Verg. <i>A.</i> 2.769.....	267
Verg. <i>A.</i> 2.771-774.....	267
Verg. <i>A.</i> 2.776-777.....	275
Verg. <i>A.</i> 2.777.....	275
Verg. <i>A.</i> 2.785-787.....	275
Verg. <i>A.</i> 2.789.....	275
Verg. <i>A.</i> 2.790-794.....	267
Verg. <i>A.</i> 2.792-793.....	267
Verg. <i>A.</i> 2.796-798.....	321
Verg. <i>A.</i> 3.62-68.....	266
Verg. <i>A.</i> 3.190-191.....	284
Verg. <i>A.</i> 3.304.....	276
Verg. <i>A.</i> 3.306-309.....	289
Verg. <i>A.</i> 3.307-308.....	392
Verg. <i>A.</i> 3.339-343.....	276
Verg. <i>A.</i> 3.482-485.....	278, 279
Verg. <i>A.</i> 3.485.....	278
Verg. <i>A.</i> 3.490.....	280
Verg. <i>A.</i> 3.708-711.....	269
Verg. <i>A.</i> 4.31-32.....	280

Verg. A. 4.84-85.....	281
Verg. A. 4.117.....	302
Verg. A. 4.166-169.....	500
Verg. A. 4.173ss.	301
Verg. A. 4.298 ss.....	301
Verg. A. 4.300-303.....	371
Verg. A. 4.311.....	302
Verg. A. 4.327-330.....	281
Verg. A. 4.391-392.....	312
Verg. A. 4.437.....	302
Verg. A. 4.478-479.....	303
Verg. A. 4.569-570.....	301
Verg. A. 4.589-590.....	305
Verg. A. 4.590.....	289
Verg. A. 4.601-602.....	282
Verg. A. 4.660.....	302
Verg. A. 4.666.....	302
Verg. A. 4.667.....	298
Verg. A. 4.672.....	302
Verg. A. 4.673.....	317
Verg. A. 4.675.....	303
Verg. A. 4.675-678.....	303
Verg. A. 4.677.....	303
Verg. A. 4.680-681.....	304
Verg. A. 4.681.....	303
Verg. A. 4.683-685.....	303
Verg. A. 4.685-686.....	304
Verg. A. 4.687.....	303
Verg. A. 5.213-217.....	324
Verg. A. 5.570-572.....	279
Verg. A. 5.575-576.....	301
Verg. A. 5.614-615.....	301
Verg. A. 5.660-661.....	301
Verg. A. 5.670-674.....	279
Verg. A. 5.671.....	301
Verg. A. 5.676-678.....	301
Verg. A. 5.677-680.....	280
Verg. A. 5.715-717.....	284
Verg. A. 5.728-729.....	284
Verg. A. 5.740-742.....	269
Verg. A. 5.750-751.....	284
Verg. A. 5.765-766.....	265
Verg. A. 5.765-771.....	284
Verg. A. 5.869-871.....	266
Verg. A. 6.1.....	266
Verg. A. 6.175ss.	266
Verg. A. 6.307-308.....	311
Verg. A. 6.539.....	266
Verg. A. 6.625-627.....	412
Verg. A. 6.685-701.....	270
Verg. A. 6.791-795.....	151
Verg. A. 6.798-800.....	152
Verg. A. 6.801ss.	152
Verg. A. 6.806-807.....	152
Verg. A. 6.868-886.....	311
Verg. A. 6.882.....	316
Verg. A. 7.361-362.....	300
Verg. A. 7.385-389.....	352
Verg. A. 7.392-393.....	298
Verg. A. 7.515.....	321
Verg. A. 7.598-599.....	317
Verg. A. 7.811ss.	322
Verg. A. 8.7.....	316
Verg. A. 8.124.....	270, 274

Verg. A. 8.493-494.....	473
Verg. A. 8.514.....	312, 428
Verg. A. 8.556.....	320
Verg. A. 8.558.....	396
Verg. A. 8.558-559.....	311
Verg. A. 8.558ss.....	396
Verg. A. 8.559.....	311
Verg. A. 8.578-583.....	312
Verg. A. 8.580-581.....	312
Verg. A. 8.581.....	428
Verg. A. 8.584.....	311
Verg. A. 8.591-592.....	320
Verg. A. 8.615.....	267
Verg. A. 8.648.....	316
Verg. A. 8.665-666.....	323
Verg. A. 8.718.....	323
Verg. A. 8.722-728.....	152
Verg. A. 8.729-731.....	152
Verg. A. 9.59-64.....	324
Verg. A. 9.197-198.....	286
Verg. A. 9.199ss.....	286
Verg. A. 9.216.....	290
Verg. A. 9.216-218.....	284
Verg. A. 9.283.....	286
Verg. A. 9.283ss.....	287
Verg. A. 9.284.....	284
Verg. A. 9.285.....	290
Verg. A. 9.292-294.....	287
Verg. A. 9.293-294.....	287
Verg. A. 9.297-298.....	287
Verg. A. 9.433-437.....	315, 344
Verg. A. 9.465.....	290
Verg. A. 9.473.....	289
Verg. A. 9.473-474.....	392
Verg. A. 9.475.....	290, 519
Verg. A. 9.475-476.....	289
Verg. A. 9.475-480.....	289
Verg. A. 9.476.....	289
Verg. A. 9.477.....	289, 298
Verg. A. 9.478.....	289
Verg. A. 9.478-480.....	289
Verg. A. 9.479.....	290, 309
Verg. A. 9.479-480.....	312, 413, 428
Verg. A. 9.481.....	291
Verg. A. 9.481-484.....	290
Verg. A. 9.483.....	291
Verg. A. 9.485-489.....	291, 292
Verg. A. 9.486-487.....	292
Verg. A. 9.490.....	293
Verg. A. 9.490-491.....	292
Verg. A. 9.490-492.....	292
Verg. A. 9.491-492.....	293
Verg. A. 9.493-494.....	294
Verg. A. 9.493-497.....	294
Verg. A. 9.494-497.....	293
Verg. A. 9.497.....	312
Verg. A. 9.498-502.....	295
Verg. A. 9.500-502.....	312
Verg. A. 9.563-566.....	324
Verg. A. 10.46-50.....	283
Verg. A. 10.449-451.....	315
Verg. A. 10.468-469.....	315
Verg. A. 10.557-560.....	292
Verg. A. 10.700-701.....	316

Verg. A. 10.774-775.....	316
Verg. A. 10.818-819.....	320
Verg. A. 10.825.....	316
Verg. A. 10.825-830.....	311
Verg. A. 10.839-840.....	318
Verg. A. 10.843.....	397
Verg. A. 10.843-845.....	316
Verg. A. 10.844.....	317
Verg. A. 10.846-856.....	311
Verg. A. 10.848-849.....	318
Verg. A. 10.851-852.....	318
Verg. A. 10.900-902.....	319
Verg. A. 11.34-35.....	284, 321
Verg. A. 11.42.....	316
Verg. A. 11.42-58.....	311
Verg. A. 11.55-57.....	315
Verg. A. 11.67-71.....	315, 344
Verg. A. 11.85.....	317
Verg. A. 11.85-87.....	317
Verg. A. 11.88-99.....	266
Verg. A. 11.108ss.....	324
Verg. A. 11.139-141.....	313
Verg. A. 11.142-144.....	315
Verg. A. 11.146-147.....	313, 321
Verg. A. 11.148-151.....	313
Verg. A. 11.152-155.....	314
Verg. A. 11.158-159.....	320
Verg. A. 11.161-163.....	314
Verg. A. 11.165-166.....	314
Verg. A. 11.166-168.....	314
Verg. A. 11.177-180.....	314
Verg. A. 11.190.....	298
Verg. A. 11.212-216.....	322
Verg. A. 11.475-476.....	322
Verg. A. 11.477-485.....	323
Verg. A. 11.891-895.....	322
Verg. A. 12.4-9.....	307
Verg. A. 12.56-63.....	308
Verg. A. 12.57-58.....	312, 428
Verg. A. 12.67-69.....	308
Verg. A. 12.103-106.....	307
Verg. A. 12.149-150.....	304
Verg. A. 12.154-155.....	304
Verg. A. 12.157-159.....	304
Verg. A. 12.238-240.....	305
Verg. A. 12.282.....	306
Verg. A. 12.365-370.....	307
Verg. A. 12.432-434.....	268
Verg. A. 12.435.....	268
Verg. A. 12.473-477.....	324
Verg. A. 12.473-480.....	306
Verg. A. 12.521-526.....	308
Verg. A. 12.604-607.....	299
Verg. A. 12.608-611.....	299
Verg. A. 12.611.....	317
Verg. A. 12.715-722.....	308
Verg. A. 12.749-757.....	308
Verg. A. 12.856-860.....	308
Verg. A. 12.871.....	317
Verg. A. 12.872-875.....	309
Verg. A. 12.875-879.....	310
Verg. A. 12.876.....	310
Verg. A. 12.879-844.....	310
Verg. G. 2.43.....	412

Verg. G. 2.458-540.....	147
Verg. G. 2.514.....	147
Verg. G. 2.523-524.....	147

Índice

Nota prévia	5
Índice	7
Introdução.....	9
Notas	17
Parte I.....	19
I. A mulher e o seu corpo: a construção da maternidade nos textos sobre medicina .	21
Introdução: fontes e objectivos.....	21
Os cuidados de saúde disponíveis	25
A natureza física da mulher	33
Concepção: o papel da mãe	60
A gravidez e o parto	67
A negação da maternidade: contracepção e aborto voluntário	84
Quando a maternidade não era possível: a infertilidade	98
Exposição e infanticídio	100
Conclusão.....	111
II. Enquadramento jurídico, social e moral da maternidade.....	113
Introdução.....	113
Enquadramento jurídico e práticas sociais.....	115
A legislação moral promulgada por Augusto	143
Um “estudo de caso”: Júlia Maior	167
Conclusão.....	182
III. A morte em Roma	185
Introdução.....	185
Taxa de mortalidade e esperança média de vida	186
Doenças e outras causas de morte	191
Os rituais e as sepulturas dos adultos.....	201
O <i>funus acerbum</i> : as cerimónias, as sepulturas das crianças e o luto pela morte destas	216
Conclusão.....	233
Anexos.....	235
Parte II	247
I. A tradição literária e a teorização retórica do lamento	249
II. A expressão do luto na <i>Eneida</i>	265
Introdução: o luto e o sofrimento na <i>Eneida</i>	265
As muitas mães de Ascânio: Dido, Creúsa, Andrómaca e as <i>Iliades</i>	272
A mãe de Euríalo.....	283
A mãe de Euríalo e as mulheres subversivas da <i>Eneida</i>	297
A mãe e a irmã.....	302
Dor de mãe e dor de pai.....	311
As <i>matres</i>	320
Conclusão.....	323
III. As <i>matres orbae</i> nas <i>Metamorfoses</i>	327
Introdução.....	327
Clímene e o Sol	328
Agave.....	338

Ino e Atamante	346
Ceres	357
Níobe.....	382
Procne	395
Alteia e as irmãs de Meleagro	405
Alcmena, Íole e Dríope.....	414
Hécuba.....	419
Aurora.....	438
Vénus	441
Conclusão.....	442
IV. A maternidade trágica de Andrómaca, Hécuba e Medeia.....	447
Introdução.....	447
<i>As Troianas</i>	450
<i>Medeia</i>	499
Conclusão.....	527
Conclusão.....	531
Bibliografia.....	535
Index Locorum	563
Índice	590